(1) Reorganização de Versailles.

Desmantelamento do Império Otomano.

QUIGLEY – O Médio Oriente actual corresponde aos destroços do Império Otomano.

«*The great and continuing crisis experienced by the Arabic Near East in the twentieth century is a crisis of the system itself, the collapse of Islamic civilization culminating in the disappearance of the Ottoman Empire which ruled over it in its later stages. The Near East today is the wreckage of that civilization, and as such presents problems far greater than the simple one of inadequate natural resources*» Carroll Quigley (1966), Tragedy and Hope.

Desagregação do Império Otomano. Há 100 anos atrás, o Médio Oriente era dominado pelo Império Otomano, que foi lentamente desagregado e enfraquecido durante os jogos de poder das potências no século XIX. A última pancada foi dada com a I Guerra Mundial, da qual o dito império foi um dos grandes derrotados, tendo deixado de existir

Reorganização de Versailles.

Separatismo, estados-cliente, dependência externa. Após a I Guerra, com a destruição do Império Otomano, a ideia britânica para o mundo árabe, organizada por Lawrence, Cox, Milner e outros, foi a de partir o mundo árabe em pequenas principalidades e estados, que seriam portanto incapazes de coesão e de acção mutuamente benéfica, mas capazes de ser mobilizados contra uma força externa.

"Tu chamas-te Iraque, tu chamas-te Jordânia". Após a guerra, todo o território foi reorganizado segundo moldes imperiais ditados por Grã-Bretanha, França, EUA. Fronteiras são redefinidas, países inventados ("tu chamas-te Iraque, tu chamas-te Síria", e por aí fora), e recursos são redistribuídos. Temos o estabelecimento de Iraque e Koweit, posteriormente de Arábia Saudita e muitos outros.

Exemplo: Percy Cox e o desenho do Iraque e do Koweit. Esta é a fase em que Percy Cox desenha o Iraque e o Koweit de tal modo que o Iraque não tinha acesso a portos comerciais vitais, deste modo ficando dependente dos britânicos.

PROPÓSITO: Dividir para reinar – Imperialismo europeu. Tudo isto reflectiu a adopção de uma estratégia de dividir para reinar, organizando o território por diferentes sátrapas

dependentes dos impérios europeus, com os líderes nacionais a funcionar como agentes para essas potências estrangeiras.

PROPÓSITO: Assegurar controlo sobre petróleo e gás natural de Médio Oriente e Ásia Central. Outro objectivo central deste planeamento estratégico foi o de assegurar domínio sobre o petróleo médio-oriental e sobre as reservas de gás e rotas de pipelines de Médio Oriente e Ásia Central. Controlo sobre estas reservas vitais de energia é um interesse estratégico e económico, dado que a maior parte do mundo recebe a sua energia desta área. Aqueles que controlam a energia, controlam quem a recebe e, portanto, controlam a maior parte do mundo. Portanto, a ideia consistiu em parte em assegurar domínio sobre as reservas de petróleo e gás da região, e instalar governos-fantoche na região, para gerir o território sob o padrão de estado-policiais.

Desde então, o Médio Oriente tem estado em estado de fluxo permanente.

Poder entregue a grupos sectários.

Liderança do estado-nação é dada a sectários, extremistas, militaristas. Uma prática que subsistiu até aos dias de hoje, é a velha política colonial europeia de usar grupos desafectados, "with chips on their shoulders", para servirem de ponta de lança para alguma nova iniciativa. Portanto, era costume usar extremistas religiosos e políticos para desestabilizar, aterrorizar, avançar agendas, etc., em nome da potência imperial patrocinadora. A reorganização do Médio Oriente após Versailles seguiu este padrão, com vários grupos extremistas a adquirirem poder sobre o estado-nação.

Tribos – Hussein, Saud – Lawrence e Philby. Com múltiplos grupos e líderes tribais, como os hashemitas de Sharif Hussein ou os beduínos de Ibn Saud. Por exemplo, T.E. Lawrence trabalha com Sharif Hussein de Meca, na "Revolta Árabe" de 1916. Do lado Wahhabi, como organizador, temos Harry "Abdullah" St. John B. Philby.

Muita da actual aristocracia árabe descende desta época. Os Hashemitas recebem partes bastantes importantes de território na reorganização do Médio Oriente, como o Iraque ou a Jordânia. Ibn Saud recebe apoio britânico para controlar o que fica conhecido como Arábia Saudita, ou seja, a Arábia da Casa de Saud.

VÍDEO – Versailles, Israel, al-Husseini [Cuddy, Watt].

CUDDY – Reorganização de Versailles, Israel e al-Husseini.

cuddy – pan-islamismo2 – saud, jordania, iraque, koweit, percy cox (antes da I Guerra, os britânicos ajudam a casa de saud a criar a nação wahabbi da arábia saudita, e ajudam os hashamitas a chegar a reis do iraque e jordânia – I guerra acaba, LoN, percy cox e o desenho do iraque, sem acesso ao mar, com o koweit no meio)

cuddy – Israel, milner, herbert samuel, al husseini ++ (milner não queria um estado judeu porque isso iria entrar em conflito com o movimento pan-islamico – nessa altura, herbert samuel coloca um impopular al-husseini como mufti, apesar de ser um perseguidor de judeus – mais tarde, al-husseini torna-se amigo de hitler e eichmann)

cuddy2 – (2) Israel, herbert samuel, al-husseini, aliança c nazis (herbert samuel, um impopular al husseini, aliança com hitler e os nazis – esta era a predisposição geral deste grupo, o milner group)

<u>WATT – "Lord Storrs"</u>.

AWIsrael: Lord Storrs e Israel como o novo Ulster

(2) Irão - Da Revolução Iraniana à Guerra Afegã.

IRÃO – Mossadegh – Shah.

MOSSADEGH – Operation Ajax (1953).

Mohammed Mossadegh procura desenvolver Irão, nacionaliza petróleo persa. Nacionaliza o petróleo persa, detido pela BP (antiga Anglo-Persian).

Golpe de 1953 – CIA, MI6 – Reinstituição do Shah. Mossadegh é derrubado no Verão de 1953, por uma operação conjunta CIA e MI6, que reinstitui o Shah.

Ataques false-flag pela CIA. Kermit Roosevelt e uma equipa da CIA/MI6 orquestraram campanhas de violência em cidades iranianas e deixavam panfletos a louvar Mossadegh pelos atentados.

Mossadegh atraiçoado pelo clero. O PM Mossadegh tinha realizado a sua revolução republicana com a ajuda de partes do clero shiita mas, agora, foi abandonado por essa força.

O papel de Kashani – Fedayeen-e Islam, gangs de rua e fanáticos religiosos a soldo. O líder oficioso dessa força é o Ayatollah Kashani, um mullah assemelhado mais a um gangster que a um líder religioso. Juntamente com outro mullah chamado Shams Qanad-Abadi, Kashani comanda um império de gangs de rua e fanáticos religiosos, e está ligado aos Fedayeen-e Islam, a rede de Ikhwan pró-britânicos no Irão.

Roosevelt encomenda manifestações anti-Mossadegh. Agora, a CIA está preparada para usar todo o aparato humano mobilizável pelos mullahs e pelos Ikhwan. Em Teerão, os preparativos são feitos por Kermit "Kim" Roosevelt, que passa fundos ao submundo da cidade, para uma manifestação de encomenda a favor do Shah.

Mossadegh é preso, o Shah Reza Palevi é reinstituído.

CUDDY – Mossadegh.

cuddy - mossadeq1 (mossadeq começou a ser um líder nacional forte, nacionalizou o petróleo, e os anglo-americanos não gostaram, e portanto ele tinha de ir)

cuddy - mossadeq2 (portanto, financiaram um golpe de estado contra ele em 1953 e ajudaram o ayatollah kashani a reinstalar o xá reza palevi)

SHAH – Irão, a sexta <u>potência industrial</u> do mundo.

<u>Irão em vias de ser modelo de desenvolvimento para 3º mundo</u>. Até Khomeini assumir o poder, o Irão estava em vias de se tornar o modelo essencial para a industrialização do mundo subdesenvolvido – um país subdesenvolvido a usar os *seus próprios* recursos (petróleo) para se desenvolver a *si mesmo*. O Shah falava de transformar o Irão na sexta potência industrial do mundo, no espaço de uma geração.

<u>Shah assemelha-se a Mossadegh</u>. Para a irritação dos seus patrocinadores, o Shah tinha começado a assemelhar-se a Mossadegh.

<u>Petróleo (NIOC), a força condutora da industrialização Iraniana</u>. A força condutora do processo de industrialização do país era a produção de petróleo, sob o comando da National Iranian Oil Company (NIOC), que era provavelmente a maior companhia de petróleo no mundo.

<u>IRÃO – Campanhas de desestabilização</u>.

Desestabilização – Campanhas de "direitos humanos" – ONGs e consultores.

<u>Amnistia Internacional, 1976</u>. Oficiosamente, a Revolução Khomeini começa em Novembro de 1976, quando a Amnistia Internacional começa uma campanha contra o Shah do Irão, por acusações de brutalidade e tortura de prisioneiros políticos. A campanha ganhou tracção.

Demonização do Shah. A ideia era a de que o regime do Shah era um regime desumano, barbárico, e criminoso. Relatos vívidos de tortura com electrochoques, e mutilações foram destacados e exaltados por jornais como o London Times, o Washington Post, e outras edições respeitadas. Muita da atenção era centrada na pessoa do Shah, que também era pintado como um homem pervertido e corrupto que roubava toda a riqueza do seu próprio povo.

Significado político: um aliado dos EUA era agora descartável. Na prática, o significado político disto era o de que um dos mais firmes aliados de Washington tinha acabado de se tornar descartável.

<u>Campanha de Carter, 1977-78 [exclui China comunista]</u>. A Amnistia Internacional depressa descobriu que tinha amigos poderosos. Em apenas alguns meses no poder, Carter lançou a sua própria campanha de "direitos humanos", notavelmente excluíndo a China comunista.

<u>Atacar o Shah torna-se cause célèbre</u>. Atacar o Shah tornou-se rapidamente uma cause célèbre entre esquerdistas.

Mobilização de ONGs e fundações. Entre as quais...

Bertrand Russell Peace Foundation.

Lelio Basso Foundation (Itália).

Institute for Policy Studies (Washington).

Transnational Institute (Amsterdão).

Máquina europeia da Internacional Socialista.

American Friends Service Committee.

ONGs – Professores e consultores ajudam a organizar rebelião contra o Shah. Através destas organizações, os professores radicais voaram de capitais ocidentais para Teerão para estabelecer contactos com a oposição islâmica, e ajudar organizar revoltas e protestos contra o Shah.

Desestabilização – "Shah destrói cultura" – Revolução "anti-materialista".

Hienas e eco-mullahs: Shah acusado de promover valores materialistas. O Shah foi acusado de destruir os calores culturais do Irão e da sua religião Shiita, pelo desenvolvimento da indústria e de "valores materialistas".

Aliás, a revolução Iraniana seria uma "revolução estudantil anti-materialista". Os focos de provocação e incitamento à rebelião foram, como sempre, as universidades. Foi aí que começou a revolução "anti-materialista" Iraniana.

Desestabilização – "Iran: Past, Present and Future" (1975) – CoR, Aurelio Peccei – "Modernização destrói cultura". Os mullahs foram encorajados e promovidos por homens mais depravados e barbáricos que eles, em institutos e conferências.

Simpósio organizado pelo Aspen Institute. Setembro de 1975, Persepolis, Irão. O lado público das transacções foi publicado anos depois, sob o título "Iran: Past, Present, and Future".

Clube de Roma, Aurelio Peccei – Antropologistas – Especialistas de intelligence. No simpósio estiveram presentes pelo menos uma dúzia de membros do Clube de Roma, incluíndo o seu chairman, Aurelio Peccei. Depois também temos: Jacques Freymond do Institute of Internacional Studies (Genebra); Robert O. Anderson e Harlan Cleveland (associados do Clube de Roma nos EUA e membros do Aspen Institute); Charles Yost; Catherine Bateson; Richard Gardner; Theo Sommer; Daniel Yankelovitch; John Oakes (New York Times); e a nata fina dos especialistas de intelligence anglo-americana no

Irão, tais como James Bill, Marvin Zonis, Leonard Binder, Rouhollah Ramazani, Charles Issawi.

Aurelio Peccei – Islam and the West (1977) – Iranização é a vitória do CoR. O Islam and the West (International), est. 1977, centro de apoio à IM em Genebra, Suiça, contava com uma luminária não-muçulmana bastante importante: Aurelio Peccei, o organizador do Clube de Roma, cujas políticas são concretizadas na revolução de estilo iraniana e posterior destruição da economia iraniana.

Modernização é um atentado a "espiritualidade". O simpósio frisou um único tema: modernização e indústria minam os valores "espirituais", "não-materiais" da antiga sociedade iraniana, e estes valores devem ser preservados acima de tudo o resto.

Ehsan Naraghi, colaborador de Abolhassan Bani-Sadr. «*Universities and research centers in the West have all based their studies of development upon a linear, Westernizing conception of progress... Human sciences, founded on rational objectivity, are today suffering setbacks and defeats. It is not important that, having exalted rationality to ensure human happiness, we should now be induced to invent a special discipline – psychoanalysis – to cure the ills arising from an overrationally organized life that is deprived of its basic relationship with the nonrational?... Why should cultures like ours, in which man is considered in all his aspects, be deprived of their substance by following a so-called rational course at the end of which lies the vast expanse of the non-rational?... The people have needs and aspirations that are not merely material… The intrusion of machines into the traditional system may well jeopardize this creative life*»

Desestabilização – UK usa redes SIS – Conduz guerra psicológica.

Projecto de guerra psicológica dirigido por Londres. A Revolução Iraniana foi essencialmente um projecto de guerra psicológica, dirigido pelos britânicos e pelas suas redes de influência no terreno.

Uso das tradicionais redes de influência SIS. I.e., Fedayeen-e Islam, e as legiões de comandadas por esta rede.

Desestabilização – O papel da BP e da BBC.

BP e BBC. Os dois centros de operações britânicos no país foram a BP e a BBC.

BBC, um braço do SIS, especializado em guerra psicológica. É claro que a BBC foi criada como um braço dos serviços secretos britânicos, especificamente, o British Special Operations Executive.

BBC – Blitzes de subversão e guerra psicológica. O serviço iraniano da BBC, falado em Persa (a Al-Jazeera da altura) ajudou a inflamar as chamas da revolta.

Notícias falseadas. Notícias exageradas e sensacionalizadas, onde eram descritas brutalidades policiais.

Rumores de guerra psicológica sobre o Shah. Parte do blitz foi desinformação pura, rumores de guerra psicológica, como: o Shah tinha abdicado do trono, tinha fugido do país, ou tinha ficado insano.

Palco para os mullahs e para Khomeini. Ao mesmo tempo, BBC como palco público para os mullahs e para os seus simpatizantes. Pelo final de Outono, a BBC estava a transmitir os longos discursos do Ayatollah Khomeini. Nestes vídeos, Khomeini (exilado em Paris) ordenava aos seus seguidores que encetassem motins e espalhassem o caos nas ruas.

Governo iraniano nunca tem tempo de antena. O governo iraniano nunca teve direito a tempo de antena, para responder às acusações feitas. Ou seja, uma pura e simples campanha de subversão.

Reacções iranianas.

Oficiais do Shah denunciam BP e BBC. Nos últimos dias do regime, os oficiais do Shah foram bastante explícitos em denunciar a BP e a BBC como fomentadores da rebelião.

Shah procura lidar com BBC mas é ignorado. Por várias vezes, o Shah avisou Londres que iria tomar medidas se a campanha de subversão não fosse interrompida, e foi constantemente ignorado.

Imprensa e classes letradas hostis para com Londres. Por várias semanas, a imprensa iraniana tinha-se tornado hostil para com os britânicos (em particular a BBC), e era comummente assumido entre as classes letradas que a onda de desestabilização estava a ser organizada por Londres.

Iranian Workers Organization. No final de Julho, a Iranian Workers Organization criticava o comportamento da BBC e dizia que «*Iranian development and progress is like a thorn in the eyes of the British imperialists*».

Hossein Daneshi – "Old fox Britain". A 30 de Novembro de 1978, um membro do Parlamento Iraniano, Hossein Daneshi de Abadan, exigiu saber porque motivo a BBC tinha autorização para desempenhar este papel provocatorial: «*A glance at the events and developments throughout the world over the past year demonstrates a diabolical plan aimed at the disintegration of Iran... You should not be surprised if you see that the BBC prepares programs and during its three programs in Persian thinks of nothing but to make provocations, create disturbances, and chaos. This old fox Britain, no longer able to secure good for itself, is looking for a prey… My question for the government is*

this… Why does it not clarify political facts and why does it not inform the people about political developments in the world which have been launched against Iran? Why does the government not unveil Britain's design as it is still tasting the fruits of its plunderings?»

Desestabilização – PARS define bem a situação.

"Two forces behind current outbreaks, terror attacks".

"Common people brainwashed by religious fanaticism and landed classes".

"Foreign elements, hostile to the development of Iran". A 18 de Agosto de 1978, o serviço noticioso iraniano, Pars, dizia que «*There are two forces responsible for manipulating the current outbreaks – a mass of common naive people who have been subjected to systematic brainwashing are being manipulated by both religious fanaticism and the landed classes*». Acrescentava que os motins e actos de terrorismo «*are encouraged by certain foreign elements which are hostile to the development of Iran*»

IRÃO – Revolução Islâmica – Domínio IM-Fedayeen.

KHOMEINI.

Ayatollah Ruhollah Khomeini, um homem insano, imoral e destrutivo.

Fedayeen-e Islam.

Agente pago para o Shah em 1953. Participante activo no golpe monarquista contra Mossadegh.

Agente da Savak, herói de seita. Khomeini trabalhou extensivamente com e para a Savak, construíndo uma reputação de ideólogo fanático e irredutível, e transformando-se gradualmente num herói de seita.

REVOLUÇÃO – Incidentes.

Ataques terroristas. Por exemplo, a 19 de Agosto de 1978, um massacre terrorista num cinema de Abadan, que vitimou 400 pessoas – um dos prelúdios da Revolução.

Protestos, combates com exército e execuções nas ruas.

Revolução na rua coincide com revolução nas estruturas militares. Neste capítulo, o papel principal foi desempenhado pelo chefe da Savak, o General Hossein Fardoust. Fardoust seguiu para participar na estrutura da Savama, a polícia política do Shah.

IM – "Poder no Irão e Paquistão – Afeganistão – Depois, Egipto, Turquia, etc".

IM, verdadeiro poder por detrás de Khomeini. A MB é o verdadeiro poder por detrás do governo pós-revolucionário.

Entrevista a **representante da IM** (1979).

"IM agora domina Irão e Paquistão".

"Bhutto teve de ser assassinado, é um aviso para outros".

"Agora, Afeganistão, pelos nossos irmãos da Jamaat-i-Islami".

"Revolução na Arábia Saudita, Egipto, Turquia".

"Este é um movimento islâmico global, e está em guerra".

«*The Brotherhood has taken over Iran and Pakistan. The revolution in Iran is our success. In Pakistan, the same. The Zia government there is our government. Bhutto stood for the intrusion of Western culture into Islam. He was everything that Pakistan was not. We killed him for that. And we will use his death as a warning to others.*

What you see going on now in Afghanistan is also our handiwork, the work of our brothers in the Jamaat-i-Islami. India is next: the Muslims in India are beginning to understand what must be done. The revolution is also going to occur in Saudi Arabia, Egypt, and sooner or later in Turkey. This is a global Islamic movement. It has been going on for centuries. We are the bearers of real Islamic humanism. We are at war» (p.155)

IRÃO – Iranização.

IRANIZAÇÃO – Subdesenvolvimento, ópio, a ameaça "Iranização".

Revolução **verde** é literal – o Livro Verde de Khomeini. Até temos a publicação de Khomeini, o Livro Verde. Se Mao teve o seu Livro Vermelho, com a cor do sangue de milhões de chineses, Khomeini teve o seu Livro Verde – a cor do retrocesso civilizacional, e do enjôo. E é isso mesmo que Khomeini advoga no seu livro: o colapso auto-infligido, tempestuoso, genocida, da economia Iraniana e uma grande orgia de

miséria e subdesenvolvimento como um futuro brilhante a acolher de braços abertos, e bolsos vazios.

Prelúdio de irracionalismo e de subdesenvolvimento. A Revolução Iraniana, e o estabelecimento da República Islâmica do Irão, funcionou como o prelúdio de uma era na qual o fundamentalismo religioso e uma visão anticientífica do mundo é suposto prevalecer.

Suicídio económico voluntário. A Revolução Iraniana veio provar que uma população pode cometer suicídio económico voluntário, desde que seja suficientemente provocada a isso.

Khomeini – "Destroy, destroy, destroy". No século XX, Agosto de 1980, Khomeini incentiva o povo Iraniano com uivos de "destroy, destroy, destroy. There cannot be destruction enough".

Destruição de cidades.

Reversão forçada a agricultura intensiva.

Cancelamento do programa nuclear. Várias fábricas nucleares, em fases avançadas de construção, são canceladas. As torres de arrefecimento nucleares do Shah passaram a ser usadas como silos de cereais.

Cancelamento de outras obras públicas e projectos industriais. Entre os projectos cancelados: Aeroporto de Teerão; Sistema metropolitano de Teerão; Fábricas metalúrgicas; Sistemas de gás e petróleo; Sistemas de telecomunicações; Sistemas ferroviários; Um novo porto em Bandar Abbas; Refinarias petrolíferas; Projectos de electrificação.

Proibições sobre bens de luxo e bens domésticos. No Verão de 1980, foi anunciado que Muçulmanos não precisam de mobiliário doméstico. Portanto, as lojas e fábricas de móveis foram fechadas. O mesmo tipo de coisa aconteceu com perfumarias, floristas, muita da indústria do vestuário, e muitas outras áreas de consumo.

Restrições ao consumo de carne.

Aumento drástico do desemprego e da inflação.

Ópio: único sector em expansão é a papoila [Irão e Paquistão]. Neste período negro, o Irão e o Paquistão tornaram-se os centros mundiais de produção e exportação de opiáceos. Os agricultores foram encorajados a cultivar a papoila, e este foi o único sector em expansão, com lucros no mercado interno e externo.

Escapismo e adição entre massas de desempregados. Internamente, os desempregados tinham direito a ópio barato, e a taxa de adições subiu precipitosamente. Isto é o que acontece nestes casos de subdesenvolvimento forçado: a estrutura social do país passa a

ser controlada pela máfia, e o consumo de narcóticos e de outras formas de escapismo são incentivados. O ocidente já está a entrar fortemente nesta rotina.

Proibição de álcool, liberalização de haxixe e ópio. Por exemplo, Khomeini diz-nos que vinho e outras bebidas alcoólicas são impuras, mas o ópio e o haxixe não o são.

“Iranização” passa a ser forma de chantagem. “Iranização” passou a ser uma forma de chantagem contra qualquer governo de 3ºmundo efectivamente persuadido a industrializar-se.

IRANIZAÇÃO – A “revolução cultural” Iraniana.

Purga do sistema educacional por komitehs [Banisadr]. Depois, a purga do sistema educacional por komitehs, ou “comités de purga”, um projecto patrocinado por Banisadr. Na sala de aula, os estudantes foram ensinados a cantar coisas como “Khomeini, Khomeini, tu és a luz de Allah”.

Noticiários: anúncios lidos por mullahs. O que passa por notícias no Irão são anúncios lidos por mullahs. Nenhum entretenimento é tolerado.

Vandalização de arte, monumentos, arqueologia. Tal como no Cambodja, a herança cultural da nação foi barbarizada, com bandos de mullahs fanáticos a circular pelo país com marretas e afins, para vandalizar toda e qualquer amostra de arte pré-Islâmica, sítios arqueológicos, monumentos, e por aí fora.

Execuções de rua, humilhações públicas, apedrejamentos. No Irão hoje, as punições pelas violações das leis dos mullahs são públicas, após sentenciamento pelo Tribunal Revolucionário. As mulheres são publicamente executadas por alegados actos de adultério ou prostituição. Criminosos condenados são executados em execuções de rua por forma a, como dito por mullah, ensinar uma lição às pessoas. Crimes menores são lidados por chicoteamentos públicos. Nalguns casos, os transgressores são apedrejados até à morte.

Mentalidade de horda medieval. Ou seja, o país passou a ser governado por gente com a mentalidade de uma horda medieval.

IRANIZAÇÃO – Islamismo Khomeiniano.

Doutrina pervertida, alienada do Islão. Uma forma doutrinal pervertida, sem qualquer relação com o Islão.

Insanidade e superstição selvagem. São as marcas do tipo de islamismo pervertido representado por Khomeini. Por exemplo, bebidas alcoólicas são proibidas, mas haxixe e ópio são encorajados. Sanciona a violação de vacas, ovelhas e camelos. Proíbe os seus seguidores de ter sexo vaginal com uma mulher durante a menstrução, mas sexo anal é

autorizado, apesar de não ser recomendado. Inúmeras prescrições ridículas para regular tudo o que a pessoa faz, a cada hora do dia. Khomeini reclamou ser mais poderoso que Mohammed, e isso é heresia no Islão.

Khomeini considerado herege por Sunni e Shia mentalmente sãos. A versão insana do Islão apresentada por Khomeini submeteu-o a ridículo entre outros Muçulmanos, tanto Sunni como Shia. Vários sacerdotes condenaram-no como herege.

IRANIZAÇÃO – Savama, Hizbollahi, Guarda Revolucionária.

Purga das Forças Armadas. As forças armadas eram o maior bastião de resistência a Khomeini, e foram purgadas, com as prisões e execuções de milhares de oficiais.

Savama. Já no poder, o Shah instituiu a Savama, composta de ex-Savak.

Hizbollahi e Guarda Revolucionária. Opositores políticos foram brutalmente atacados pelas milícias do Hizbollahi ("Partido de Allah"), cujos gangsters armados são liderados pelos Ayatollahs Beheshti e Rafsanjani. Recrutando a partir dos bairros pobres, o Hizbollahi tornou-se a força de elite, as SS, acima da menos disciplinada Guarda Revolucionária, as SA.

IRANIZAÇÃO – Eco-mullahs aplaudem Iranização e Ano Zero – Hoje, estão todos na ONU.

Eco-mullahs aplaudem Cambodja e Irão como modelos a seguir. Estas coisas foram acolhidas por oligarcas ocidentais, mais notavelmente as cliques existencialistas e ambientalistas da Europa, como modelos a seguir. Não bastou a Revolução Iraniana, as mesmas cliques eram fãs irredutíveis de Pol Pot e do seu Ano Zero, por exemplo.

O ícone aqui é Banisadr, ainda hoje considerado um herói de direitos humanos. Abulhassan Banisadr, Presidente do Irão após a revolução, um dos devastadores do país. O grande projecto de Banisadr foi forçar o regresso ao campo, para agricultura intensiva, à semelhança do que estava a ser feito no Cambodja, e isto recebeu a aprovação de ambientalistas, eco-fanáticos e outros predadores institucionais no ocidente.

Estas cliques estão no centro da política ambiental global, hoje – ONU.

RAMSEY CLARK – "Think about the Shah fantasizing about nuclear energy".

Ramsey Clark foi o enviado especial de Carter ao grupo Khomeini, 1979-80.

Clark gaba-se da destruição do Shah, elogia Bani-Sadr. Um dos destruidores do Irão.

«*Think about the Shah fantasizing about nuclear energy... It was a fantasy because there was no national reality for nuclear energy in Iran, because it was economic planning based on a foreign model, and that was denounced by Bani-Sadr for over twenty years as an economist. I know Bani-Sadr very well. His book 'Oil and Violence' lays these dilemmas out very competently*», Ramsey Clark, cit. in EIR Volume 7, Number 27, July 15, 1980.

Da Revolução Iraniana à Guerra Afegã [Brzezinski].

EUA apoiam Irão revolucionário.

NSC e Carter largam o Shah e são optimistas face a Khomeini. Carter e os especialistas do National Security Council (liderados por Brzezinski) não apresentam qualquer apoio ao Shah e mostram-se receptivos face ao efeito-tampão do extremismo islâmico.

EUA prosseguem programa de assistência militar a Irão. Após a tomada de poder do Ayatollah, os EUA não interromperam o seu programa continuado de assistência militar, com fornecimento de equipamentos, treino, e venda de grandes quantidades de armas para a Guarda Revolucionária.

Consultores americanos assistem Savama (1979). No final do Verão de 1979, consultores americanos foram destacados para assistir a Savama.

Coincide com esmagamento dos Curdos. Tudo isto coincide com o esmagamento de uma insurreição Curda nas províncias ocidentais do Irão.

Estratégia islâmica de Brzezinski – Apoio a guerrilhas afegãs. A culminação da estratégia islâmica de Brzezinski foi o apoio às guerrilhas afegãs que operavam a partir de Paquistão e Irão, contra o regime afegão do PM Amin. Com a vitória da revolução islâmica, as guerrilhas afegãs receberam um dilúvio de assistência americana.

Enquanto isso, Khomeini uivava contra o "Grande Satã".

Embaixadas queimadas, cidadãos raptados. O custo para os EUA foram umas dezenas de cidadãos raptados, uma embaixada destruída, e duas embaixadas queimadas, no Paquistão e na Líbia.

Brzezinski, o NSC e a carta Islâmica.

Brzezinski, chefe do NSC – "Carta islâmica" contra URSS. A principal força na Administração Carter por detrás da "carta Islâmica" contra a URSS é Brzezinski, o chefe do NSC.

(1977) Declara que fundamentalismo islâmico bloqueará comunismo. Desde 1977 que Zbigniew tinha declarado que o «*Islamic fundamentalism*» seria um «*bulwark against communism*».

(1979) "Washington deve apoiar Islão ressurgente" (durante Revolução Iraniana). Numa entrevista ao NY Times após a Revolução Iraniana, declara que Washington deve apoiar a força ressurgente do Islão no Médio Oriente, porque seria um bom tampão contra a URSS e os seus apoiantes regionais.

(1979 – Jody Powell) Repete Brzezinski, após o sequestro de americanos. Esta perspectiva foi reafirmada por Jody Powell, a Press Secretary de Carter, a 7 de Novembro de 1979, 3 dias após o sequestro de 53 americanos no Irão.

Da Revolução Iraniana à Guerra Afegã [Brzezinski].

Estratégia persa-afegã de Brzezinski – Tampão anti-soviético.

Guerrilhas afegãs recebem dilúvio de assistência americana. A culminação dos esforços de Brzezinski foi o apoio às guerrilhas afegãs que operavam a partir de Paquistão e Irão, contra o regime afegão do PM Amin. Com a vitória da revolução islâmica, as guerrilhas afegãs receberam um dilúvio de assistência americana.

Campanhas armadas de mujaheedin servem de provocação. Em Julho de 1979, 6 meses antes da invasão soviética, Brzezinski lança um programa de insurreições e campanhas armadas por fundamentalistas IM e mujaheedin, para provocar a URSS.

BRZEZINSKI – "CIA aid to the Mujaheedin drew the Russians into the trap". Nesta altura, Brzezinski era o National Security Adviser de Jimmy Carter: «*According to the official version of history, CIA aid to the Mujahadeen began during 1980, after the Soviet army invaded Afghanistan, 24 Dec 1979. But the reality is completely otherwise. Indeed, it was July 3, 1979 that President Carter signed the first directive for secret aid… That secret operation was an excellent idea. It had the effect of drawing the Russians into the Afghan trap*» Zbigniew Brzezinski, em entrevista ao Le Nouvel Observateur, Paris, 15-21 Janeiro, 1998.

CUDDY – De Kashani à Guerra Afegã – Grand Chessboard.

O que o ayatollah dá, o ayatollah pode tirar, e é isso que acontece 20 anos depois, quando a Revolução Islâmica derruba o Xá.

cuddy – kashani (o que se pode impor a uma nação, como o xá, também se pode remover)

cuddy – de kashani à guerra afegã (por detrás das cenas, há sempre esta espécie de aliança, originalmente com kashani, e em 1978 com o ayatollah khomeini – no ano seguinte, brzezinski chega à conclusão que consegue usar este governo xiita e todo o arco islâmico, para parar o expansionismo soviético – meteu dinheiro na região, isto alarma os soviéticos, e leva à invasão em dezembro de 1979 – khalilzhad, rand corp strategist, futuro lobbyist para os talibans, alega que o regime khomeini é bom para parar os soviéticos – tudo isto faz parte do desígnio pelo petróleo da região, do cáspio – *aqui, introduz brzezinksi*)

cuddy – brzezinski, grand chessboard 'we can manipulate events' (brzezinski e o seu grand chessboard – plano para o petróleo do cáspio – pode haver alguma confusão islâmica, mas podemos manipular eventos e por aí fora)

BRZEZINSKI [Vídeo]: Jihad – Guerra Afegã – Guerra Irão-Iraque – Pol Pot – Dividir e conquistar.

brzezinski - 'God is on your side'

Alan Watt: Brzezinski e a Jihad (este homem, que obviamente não acredita em nada mais que nele próprio, e no seu grupo de pares, a encorajar um povo a ir combater uma guerra santa – sabendo plenamente que uns anos mais tarde, seriam um problema, e provocariam uma guerra – long term strategy, the art of geopolitics)

Tarpley – brzezinski, a petty polish aristocrat

Tarpley – Afghan war, Iraq-Iran war, Pol-Pot; usar países como armas (Brzezinski, o aristocrata-leiteiro polaco – foi national security advisor sob Carter, e nessa função procovou a guerra no Afeganistão para atolar os soviéticos, provocou a guerra Iraque-Irão como forma de destruir ambos os países, mas fortalecer as respectivas ditaduras ao mesmo tempo – apoiou o regime de Pol Pot, no Cambodja – a sua especialidade é a de usar países, virá-los uns contra os outros)

Webster Tarpley – Entrevista: Guerra Irão-Iraque – cenário de sonho para os anglo-americanos.

[Citação de Brzezinski sobre Pol Pot]. «*I encouraged the Chinese to support Pol Pot. Pol Pot was an abomination. We could never support him, but China could*» – acessória)

(3) Guerra do Golfo I.

Stansfield Turner, “GW I foi precedente maravilhoso para a ONU”. Stansfield Turner, ex-director da CIA, comentou que a Guerra do Golfo era um precedente histórico, no qual a ONU estava a intrometer-se militarmente nos assuntos internos de um país soberano.

GW I – Ocidente como Cruzados, Saddam como Saladino.

Saddam, o novo Saladino. Saddam Hussein, um ditador secular, veste os trajes de um novo Saladino, que iria derrotar os novos cruzados.

Jihad contra os novos Cruzados. O argumento de que a guerra era uma cruzada, por sua vez, exigiu a mobilização de uma Jihad, em resposta.

GW I – Incendiários – Al-Hawali, Khamenei, Hussein.

Safar Al-Hawali, reitor de Estudos Islâmicos, Universidade de Umm Al-Qura, Meca.

“É o ocidente contra o Islão”. «*It is not the world against Iraq… It is the West against Islam*»

Ayatollah Ali Khamenei apela a guerra santa contra o Ocidente. Ignorando a rivalidade entre Irão e Iraque. «*The struggle against American aggression, greed, plans and policies will be counted as a jihad, and anybody who is killed on that path is a martyr*»

Rei Hussein da Jordânia.

“Uma guerra contra todos os muçulmanos”. «*This is a war…against all Arabs and all Muslims and not against Iraq alone*»

Cit. in Samuel P. Huntington (1996). “The Clash of Civilizations and the Remaking of World Order”. Simon & Schuster.

GW I – Guerra unifica mundo Islâmico (Huntington, 1996).

Extremistas islâmicos não teriam feito melhor, para unificar o mundo islâmico.

O mesmo fenómeno que no Afeganistão – primeiro URSS, depois EUA.

"Guerra unifica mundo islâmico contra Ocidente".

Velhas diferenças são esquecidas na face de intrusão estrangeira.

"The Jordanian government and the Palestinians"

"The P.L.O. and Hamas; Iran and Iraq; opposition parties and governments generally"

"The Gulf War began as a war between Iraq and Kuwait, then Iraq and the West, then Islam and the West".

«*Muslim definition of the war as the West vs. Islam facilitated reduction or suspension of antagonisms within the Muslim world. Old differences among Muslims shrank in importance compared to the overriding difference between Islam and the West… Like its Afghan predecessor, the Gulf War brought together Muslims who previously had often been at each other's throats: Arab secularists, nationalists, and fundamentalists; the Jordanian government and the Palestinians; the P.L.O. and Hamas; Iran and Iraq; opposition parties and governments generally… The governments in somewhat more open Muslim countries were induced to move away from the West and adopt increasingly anti-Western positions… The Gulf War thus began as a war between Iraq and Kuwait, then became a war between Iraq and the West, then one between Islam and the West…*» – Samuel P. Huntington (1996). "The Clash of Civilizations and the Remaking of World Order". Simon & Schuster.

GW I – Resultados humilham sensibilidades Islâmicas (Huntington, 1996).

Guerra humilha sensibilidades islâmicas.

Deixa muitos ressentidos pela derrota, e pela presença ocidental na região.

«*It left many feeling humiliated and resentful of the West's military presence in the Persian Gulf, the West's overwhelming military dominance, and their apparent inability to shape their own destiny*» – Samuel P. Huntington (1996). "The Clash of Civilizations?", *In* "The Clash of Civilizations and the Remaking of World Order". Simon & Schuster.

(4) Arc of Crisis – Transição para século 21 – Evento despoletador.

SÉCULO 21 – "Arc of Crisis" in the Grand Chessboard – Bernard Lewis Plan.

BRZEZINSKI (70s) – A estratégia do "Arc of Crisis" – Bernard Lewis Plan.

A estratégia islâmica de Brzezinski no NSC, 70s.

(1979) Brzezinski declara o Arc of Crisis. No auge da Revolução contra o Shah, Brzezinski declara que a região é um "Arc of Crisis", estendendo-se África do Norte e Oriental pelo Médio Oriente, Turquia, Irão e Paquistão.

O Crescente eurasiático, da Mauritânia a Índia e China. O conceito refere-se às nações que se estendem pelo flanco sul da ex-URSS até ao subcontinente indiano, com a Turquia na outra ponta, e para sul através da Península Arábica até ao Corno de África.

Irão é o centro de gravidade do Arco; **Iraque, Turquia e os Sauditas** logo a seguir.

Bernard Lewis Plan – Desestabilizar, desmantelar, balcanizar – Radicalismo, separatismo. Evitar o desenvolvimento de estados-nação fortes na região e desestabilizar e desmantelar os já existentes. Radicalizar a região como forma de avançar a balcanização de todo este espaço sob padrões étnicos e religiosos.

"Tampão anti-soviético" é o pretexto nos 70s/80s. O pretexto dado no final dos anos 70, como forma de estabelecer um tampão estratégico contra a URSS.

BERNARD LEWIS – "Choque de Civilizações" – Balcanização do "Arc of Crisis".

Orientalista e ideólogo britânico. Bernard Lewis, antigo oficial de espionagem, ideólogo da NATO ao serviço de Sua Majestade, especialista de Oxford em assuntos muçulmanos e do Médio Oriente. Durante décadas, Lewis serviu um importante papel como professor, mentor e guru para duas gerações de orientalistas, académicos, especialistas de intelligence, intelectuais e neoconservadores em geral.

Promove Sufismo, Al-Ghazali, Irmandade Muçulmana. Os estudos de Lewis são essencialmente patrocínios e promoções do mais rude charlatanismo a assolar o mundo islâmico, de Al-Ghazali, o místico do século XI, à IM.

Lewis inventa a narrativa do "Choque de Civilizações".

“Choque de civilização entre Islâmicos e Judaico-Cristãos”. «*We are facing a mood and a movement far transcending the level of issues and policies and the governments that pursue them. This is no less than a clash of civilizations—the perhaps irrational but surely historic reaction of an ancient rival against our Judeo-Christian heritage, our secular present, and the worldwide expansion of both*» Bernard Lewis, cit. in Samuel P. Huntington (1996). “The Clash of Civilizations?”, *In* “The Clash of Civilizations and the Remaking of World Order”. Simon & Schuster.

“Civilização islâmica incompatível com valores ocidentais – choque inevitável”. Avançou a ínfame teoria de que, pela sua religião, a civilização islâmica é incompatível com valores ocidentais e que estão eterna e inevitavelmente destinados a chocar entre si, num grande “Choque de Civilizações”.

Bernard Lewis Plan: sectarismo, balcanização, fragmentação, mini-estados. O plano de Lewis para a região consiste na balcanização e na fragmentação do “arco de crise” de Brzezinski, por linhas étnicas, tribais, e sectárias. De acordo com Lewis, o Ocidente deve encorajar rebeliões para autonomia nacional por minorias tais como os Maronitas Libaneses, os Curdos, os Arménios, os Drusos (Druze, Síria), os Baluchis, os Turcos do Azerbaijão, os Alawitas Sírios, os Coptas da Etiópia, as seitas místicas do Sudão, tribos Árabes, e por aí fora. O objectivo é a quebra do Médio Oriente num mosaico de mini-estados competidores e o enfraquecimento da soberania de repúblicas e reinos existentes.

O caos seria espalhado ao longo do “Arc of Crisis”.

Foreign Affairs, 1992 – Balcanizar e devastar o estado-nação árabe. «*...A possibility, which could even be precipitated by fundamentalism, is what has of late become fashionable to call 'Lebanonization.' Most of the states of the Middle East - Egypt is an obvious exception - are of recent and artificial construction and are vulnerable to such a process* [a desintegração do estado-nação, e divisão em mini-estados]. *If the central power is sufficiently weakened, there is no real civil society to hold the polity together, no real sense of common national identity or overriding allegiance to the nation-state. The state then disintegrates - as happened in Lebanon - into a chaos of squabbling, feuding, fighting sects, tribes, regions and parties*» Bernard Lewis, "Rethinking the Middle East" (Fall, 1992), Foreign Affairs – Council on Foreign Relations.

SÉCULO 21 – Para o século XXI, as regras do jogo mudam.

<u>Até aqui, tolerado o modelo do estado-nação fantoche, com homens fortes</u>.

Sátrapas-fantoche, utilizáveis, para deixar entrar multinacionais. Da I Guerra Mundial até aos dias de hoje, a ideia foi usar regimes de homens fortes para organizar estados-nação provisórios, em territórios que eram largamente tribais e desorganizados. Havia que organizar as coisas em torno de estados centrais, fazer organização étnica e

social (incluíndo limpezas étnicas e religiosas), deixar entrar companhias multinacionais.

Intermediários fiáveis na produção de petróleo e gás natural.

Em troca, homens fortes podiam assumir-se como tiranos ou oligarcas. Em troca do cumprimento destas regras, esses homens fortes podiam gerir as coisas como quisessem, bem como tirar a sua própria porção das receitas do petróleo e do gás natural, desde que honrassem os seus contratos com as companhias multinacionais, que estavam satisfeitas com o controlo dos canais de distribuição e venda.

Agora, este modelo deixa de interessar.

Estados-fantoche, mas com a capacidade de dizer não. Podem ter ideias próprias, e ser selectivos em relação ao tipo de projectos que aceitam, vindos do FMI e outros.

Jogo muda para administração directa e hiper-privatização.

Retorno ao modelo colonial de administração directa de recursos. O foco passa a ser sobre o controlo directo da exploração, distribuição e fornecimento de recursos: reservas de petróleo, gás natural e outros recursos críticos, tais como urânio, e os minerais raros necessários para as indústrias militar e electrónica.

Foco em operações directas, militarmente asseguradas. Já não é suficiente lucrar com operações indirectas. Assegurar, *militarmente*, as fontes, as rotas de distribuição e os sistemas de alocação, é a fundação para microgerir a economia de não-crescimento.

Intermediários descartados. Os homens fortes e as suas pequenas oligarquias locais podem agora ser derrubados.

CHARLOTTE – "Estandardização do Médio Oriente sob os bancos".

(**CI – 42:50**) Entrada no Médio Oriente como modo de reorganizar radicalmente a região, regionalizá-la, colocá-la sob os bancos, para ser mais uma das 10 peças regionais do sistema global.

CAF – Central Banking Warfare Model. [***Opcional***]

(**CAF**) Central Banking Warfare Model. "*The tapeworm is extracting a subsidy all across the world*". O banco central emite dinheiro, as corporações usam-no para comprar recursos a baixo preço pelo mundo fora, e as forças armadas certificam-se que os recursos são efectivamente vendidos.

JUGOSLÁVIA – Benchmark para o resto do "Arc of Crisis".

JUGOSLÁVIA.

Condicionalidades do FMI montam palco para guerra na Jugoslávia. O palco para o conflito na Jugoslávia começou a ser montado nos anos 80, através dos Programas de Ajustamento Estrutural do FMI, que tiveram o efeito de provocar uma crise económica, que por sua vez provocou uma crise política. Isto exacerbou as já existentes rivalidades étnicas.

Apoio CIA aos rebeldes Croatas (fascistas, neo-nazis) em 1991. Em 1991, a CIA deu o seu apoio à iniciativa Croata por independência.

Aliança NATO-terroristas repete-se nos anos 90, Jugoslávia. Durante os anos 90, o cenário afegão repete-se nos Balcãs: a NATO alia-se com bolsas de extremistas islâmicos na Bósnia e noutras regiões jugoslavas para derrubar o governo de Slobodan Milosevic.

Al-Qaeda, Hezbollah, Hamas, operam na Bósnia a partir de 1992 com luz verde de Clinton. Em 1992, com o início da Guerra na Bósnia, terroristas afiliados com a al-Qaeda começaram a operar em parceria com a minoria muçulmana Bósnia, na luta contra os Sérvios. A região recebe milhares de mujaheedin, que vão travar a Jihad pela criação de um estado islâmico nos Balcãs, tudo isto com a luz verde da Administração Clinton – essa rede incluía membros da Al Qaida, do Hezbollah, Hamas, entre outros.

Guerra civil na Bósnia traz influxo de jihadis al-Qaeda. A guerra civil Bósnia do início dos 90s assistiu a um enorme influxo, para os Balcãs, de mujahideen estrangeiros, incluíndo elementos ligados à al-Qaeda.

Exército irregular jihadi apoiado por EUA, Alemanha, Turquia, Irão, Arábia Saudita. Estes grupos afiliados à al-Qaeda foram suportados, treinados e financiados pelos serviços secretos de EUA, Alemanha, Turquia, e Irão; apoio financeiro adicional veio da Arábia Saudita.

Irão envia tropas e equipamentos. Juntamente com a NATO, o Irão envia unidades da Guarda Revolucionária Iraniana e da VEVAK, bem como carregamentos de armas e munições.

Carregamentos de armas autorizados por Clinton em 1994. Os carregamentos foram autorizados por Clinton em 1994, numa altura em que a Jugoslávia estava sob um embargo de armas, por parte da ONU – o objectivo era armar o governo de Sarajevo ("Fingerprints: Arms to Bosnia, the real story," *The New Republic*, 10/28/96).

Bin Laden e a TWRA enviam armas para Bósnia. Muita desta ajuda foi feita por meio de ONGs 'culturais' e 'humanitárias'. Uma das organizações que levou armas para a Bósnia foi a TWRA (Third World Relief Agency), ligada a um certo Osama Bin Laden.

Al-Zawahiri geriu operações terroristas na Bósnia a partir de Sofia. Ayman al-Zawahiri, MB, Al Qaeda, era dado como "gere as operações terroristas islâmicas na Bósnia-Herzegovina a partir de um quartel especial em Sofia, Bulgária. As suas forças já estão distribuídas pela Bósnia, preparadas para atacar alvos americanos e outros alvos da IFOR" (State-Sponsored Terrorism and The Rise of the HizbAllah International", Defense and Foreign Affairs and Strategic Policy, London, 8/31/96)

Khalik Sheikh Mohammed e Ramzi Binalshibh (9/11), Reda Seyam (Bali). Um dos mujahideen que se sabe ter combatido na Bósnia foi Khalid Sheikh Mohammed, o comandante al-Qaeda, que viria a estar envolvido nos ataques do 11 de Setembro. Outro veterano al-Qaeda no conflito bósnio é Reda Seyam, o presumível financeiro dos atentados de Bali, 2002. Ramzi Binalshibh, o facilitador do 11 de Setembro sedeado na Alemanha, também terá estado presente na Bósnia durante a guerra.

Comunidades Wahhabi em solo bósnio. Um dos resultados disto é uma expressão directa de celebração de diversidade neo-feudal ONU, com o estabelecimento de comunidades de militantes e jihadis Wahhabi em solo Bósnio, preparados para lançar a região (e outras partes da Europa) em chamas, quando necessário.

Encenação de false-flags como forma de demonizar os sérvios [Opcional]

JUGOSLÁVIA – Kosovo.

KLA, outra força terrorista apoiada pela NATO. Em 1997, quando a Guerra no Kosovo rebenta, temos o KLA (Kosovo Liberation Army), uma força terrorista e narcotraficante a lutar contra a Sérvia, com treino, armas e suporte financeiro dos EUA e de outros países da NATO – CIA, DIA, MI6, SAS, serviços secretos alemães, todos cooperaram para construir esta força terrorista.

JUGOSLÁVIA – O início da grande balcanização eurasiática.

Mobilização imperial para balcanização, controlo do Cáspio. Para alcançar estes propósitos, seria necessário aquilo a que Brzezinski chamou de mobilização imperial, dos EUA e da NATO, para o centro da Eurásia. A mobilização imperial já tinha começado com a invasão da Jugoslávia, e com a partição do território em estados menores, e isso já abria condições para o controlo do petróleo do Mar Cáspio. Qual o melhor sítio para começar a balcanização da Eurásia, senão o sítio que deu origem ao próprio termo?

Provocar e suster estado de conflito, fragmentação. O objectivo de tudo isto foi, claro, destruir e seccionar a antiga Jugoslávia, usando as rivalidades étnicas para provocar e suster um estado de conflito.

Mini-estados fracturados, perante ocupação militar e económica NATO. No final, a ex-Jugoslávia ficou seccionada em vários países, abertos e fracturados perante a ocupação militar e económica dos EUA e da NATO.

EVENTO CATALIZADOR.

Evento Catalizador – Brzezinksi, PNAC – 11 de Setembro.

Brzezinski. Na página 35 do seu livro, Brzezinski queixa-se de que estas ideias tinham um problema: o público não gosta de guerra, a não ser... «...*the pursuit of power is not a goal that commands popular passion, except in conditions of a sudden threat or challenge to the public's sense of domestic well-being*». O problema é o de que «*Democracy is inimical to imperial mobilization*». Mais à frente, explica que um consenso à escala nacional só costuma ser obtido «...*in the circumstances of a truly massive and widely perceived direct external threat*».

PNAC. Brzezinski não estava sozinho nas suas queixas. O PNAC afirmava que «…*the process of transformation, even if it brings revolutionary change, is likely to be a long one, absent some catastrophic and catalyzing event - like a new Pearl Harbor*».

11 de Setembro. O ataque japonês a Pearl Harbor tinha morto cerca de 3000 cidadãos americanos. Que um instituto de topo pudesse desejar a repetição desse evento já era, por si, grave demais, e a maior parte dos seus membros vieram a fazer parte da administração seguinte. De uma forma ou de outra, os seus desejos concretizaram-se, quando, 60 anos depois de Pearl Harbor, a tragédia do 11 de Setembro fez mais 3000 vítimas mortais em solo americano.

(5) – Guerra de Terror.

Começa a guerra de terror.

‘The pieces are in flux’. ***tony blair – the pieces are in flux***

Gary Hart – ‘…use this disaster to establish a new world order’. ***gary hart - new world order***

Bush – “Either you are with us, or you are with the terrorists”.

Cheney – “A hundred year war”.

Friedman – “This is WWIII”. «*This is World War Three*», Thomas Friedman, New York Times, 2001.

SF Chronicle: O mapa do terrorismo segue distribuição de energia. O mapa do terrorismo e dos alvos ao longo do Médio Oriente e da Ásia Central segue religiosamente a distribuição das principais fontes de energia para o século XXI – petróleo e gás natural.

“The defense of these energy resources will be the primary flash point of global conflict for **decades** to come”. «*The map of terrorist sanctuaries and targets in the Middle East and Central Asia is also, to an extraordinary degree, a map of the world's principal energy sources in the 21st century. The defense of these energy resources -- rather than a simple confrontation between Islam and the West -- will be the primary flash point of global conflict for decades to come. (...) It is inevitable that the war against terrorism will be seen by many as a war on behalf of America's Chevron, ExxonMobil and Arco; France's TotalFinaElf; British Petroleum; Royal Dutch Shell and other multinational giants, which have hundreds of billions of dollars of investment in the region.*»

Frank Viviano, Energy future rides on U.S. war: Conflict centered in world's oil patch. The San Francisco Chronicle: September 26, 2001.

Guerra de Terror vendida com técnicas de Bernays.

Técnicas de Bernays – Guerra contra o Terror, Eixo do Mal, lutar por democracia. A máquina propagandística entra em acção, com as técnicas de Bernays a serem seguidas à risca: havia uma Guerra contra o Terror (emoção sobre lógica), contra o Eixo do Mal (demonizar o alvo), de modo a criar um mundo seguro para a democracia.

Invasão do Afeganistão.

Marines colocados nas fronteiras do Afeganistão 6 meses antes. A primeira peça do Eixo do Mal a ser derrubada foi o Afeganistão, com X marines que tinham sido colocados nas fronteiras adjacentes 6 meses antes do 11 de Setembro.

Depois, foi o Iraque – WMDs.

Dois anos depois do 11 de Setembro.

Armas de destruição massiva, tornar mundo seguro para democracia. A única justificação dada para a invasão foi a de que Saddam era um homem mau, que tinha armas de destruição massiva. Logo, também aqui, havia que fazer o mundo seguro para a democracia.

Bush – "WMDs gotta be somewhere". ***bush - wmd's gotta be somewhere, maybe under here***

CHUCK BALDWIN – "…nation-building, war mongering".

(**CB – 40:00**) "...empire-building, nation-building, war mongering..." (41:00) Perdemos todo o sentido da guerra justa.

AARON RUSSO – "100 Year War", Iraque, WMDs, Irão.

(**AR – 1:08:00**) Guerra contra o terror, uma guerra de 100 anos. Cria-se a guerra contra o terrorismo, que é a próxima mentira, depois Iraque, depois WMDs, depois Irão.

RON PAUL – Agenda de 20 anos para refazer a região.

Ron Paul – Médio Oriente (transição) (the Taliban did not attack the US – western powers involved with a 20-year plan to remake the Middle East – this is an illegal war, immoral, unconstitutional – the taliban did not attack us on 9/11 – 9/11 as excuse to remake the middle east – we need to radically change policy, and stop pretending to be policeman of the world)

Aquisições, privatizações, bancos centrais [Iraque e Afeganistão].

Iraque. Durante a invasão, a infraestrutura do país foi arrasada, e depois a economia foi privatizada ao preço da chuva, com contratos milionários a multinacionais para reconstrução de infrastruturas e prestação de serviços. Os campos de petróleo foram finalmente privatizados, e a cereja no topo do bolo foi o estabelecimento do banco central iraquiano, em 2003...

Afeganistão. ...um ano depois de o mesmo ter sido feito no Afeganistão. No Afeganistão também temos pipelines de gás natural e petróleo, bem como vastos depósitos de metais preciosos.

WATT – "...demolir infrastrutura para criar total dependência".

alan watt – iraque, mar23 (no iraque, demolição de toda a infrastrutura de modo a criar total dependência)

CUDDY – "...manter instabilidade no Iraque para assegurar permanência". [***opcional***]

cuddy –manter instabilidade no iraque para assegurar permanência (a não ser que os eua sejam idiotas sabem que desmantelar a estrutura do iraque, então o plano é dialéctica, para manter instabilidade, que permite ficar permanentemente na área)

Iraque – Genocídio, limpeza étnica e migrações forçadas.

Genocídio, limpezas étnicas, migrações forçadas. No Iraque, a invasão e a guerra civil consequente resultaram em 1.5 milhões de iraquianos mortos e 50.000 mortos US. No final, o tecido social do país estava destruído. O triângulo sunita (Fallujah e...) foi submetido a uma virtual limpeza étnica e milhões de pessoas foram forçadas a fugir do país, no caos resultante.

Fase 2 do genocídio, já que a Fase 1 tinha estado em vigor desde 1991. Através do embargo de comida e medicamentos, que matou pelo menos um milhão de crianças.

Madeleine, "The price was worth it". Entre a I e a II guerras do Golfo, o Iraque foi submetido a sanções brutais para forçar a mudança de regime, que resultaram na morte de milhão e meio de crianças iraquianas. Quando Madeleine Albright, a Embaixadora de Clinton na ONU, foi questionada pelo 60 Minutes sobre se esse massacre silencioso tinha valido a pena, a resposta foi «I think this is a very hard choice, but the price — we think the price is worth it».

Campanhas de raptos e assassinatos [Iraque e Afeganistão].

Exemplo – Task Force Black de McChrystal.

Task Force Black – Esquadrão da morte, elogiado por Petraeus. Unidade para assassinatos políticos no Iraque, composta por membros da Força Delta e das SAS, uma versão mais sofisticada dos esquadrões da morte na América do Sul. Petraeus ficou tão impressionado com as operações de assassinato que declarou que «*They have exceptional initiative, exceptional skill, exceptional courage and, I think, exceptional savvy. I can't say enough about how impressive they are in thinking on their feet*». Até meados de 2008, contavam com 3500 vítimas.

"Usar terror para acabar com terror" – Tortura e prisão em segredo, sem acusação formada, por tempo indefinido.

Encarceramento sob termos ilegais. Prisão em segredo, sem acusação formada, por tempo indefinido.

'Enhanced interrogation techniques'. O conceito de tortura foi banalizado e até popularizado, em filmes e séries. Agora já nem se chama tortura – mas sim "enhanced interrogation techniques".

Técnicas de tortura utilizadas. Violações; Humilhação sexual; Waterboarding (afogamento simulado/quase-afogamento); Electrochoques; Simulação de execuções; Deprivação sensorial; Cortes com lâminas de barbear, incluíndo cortes genitais; Battery acid (?); Espancamentos; Furar articulações de joelhos com berbequins; Prisão em espaços mínimos; Exposição a temperaturas extremas; Ameaças de morte; Stress psicológico e emocional; Tortura de sono; Exposição a ruídos ensurdecedores; Luzes estroboscópicas.

Os Torture Memos de 2005 legalizam e ordenam a aplicação de tortura. Em 2005, um relatório senatorial expunha que as ordens para a tortura de prisioneiros emanavam directamente da Casa Branca, por meio dos Torture Memos. Porém, a culpa foi lançada para bodes expiatórios, oficiais de cargos inferiores responsáveis no campo.

Obama intensifica estas práticas. Estas práticas foram autorizadas e encorajadas pela Administração Bush em 2005, e apenas se intensificaram desde que o salvador do mundo foi eleito.

Duas classes de campos, os publicitados e os não-publicitados.

- Os publicitados, como Guantanamo, Abu Ghraib ou Bagram;

- E depois existem dezenas de campos secretos e prisões subcontratadas em países de 3º mundo, onde se aplicam as leis locais, permitindo técnicas de tortura muito mais radicais que mesmo aquelas que são praticadas nos campos publicitados.

Tortura não é eficiente para obter informações. A tortura em si não permite obter informações fiáveis. Para isso utilizam-se o que se chamam *soft techniques*: agentes infiltrados, espionagem de comunicações, subornos, e todo este género de coisas.

Tortura permite criar núcleos duros de sociopatas. Mas a tortura permite criar núcleos duros de sociopatas praticantes que podem ser usados mais tarde numa série de contextos, inclusivé junto das suas próprias populações nativas. É precisamente por isso que a Alemanha nazi ou a Rússia soviética usavam tortura – não era para obter confissões, mas sim como um exercício de dessensibilização.

Tortura permite desvalorização social da vida humana, banalização do conceito. Essa dessensibilização também é colectiva, uma vez que permite a banalização do conceito de tortura, tornado rotina. Uma sociedade que aceita a prática de tortura, está a aceitar que a vida humana é apenas uma massa de carne, ossos e nervos que pode ser humilhada, degradada e destruída, em nome do "*bem comum*". Quando uma sociedade aceita a prática de torturam, isso funciona *sempre* como um grande ritual de passagem para algo de muito *mau*. Por relação com isto, convém mencionar que já houve vários casos de aplicação de tortura na vida civil, no mundo ocidental (como uma esquadra em Inglaterra que foi apanhada a praticar waterboarding nos prisioneiros). É de esperar que estas coisas apenas se intensifiquem, à medida que o colapso sócio-económico se alastra, e intensifica.

Tortura – Princípios de Biderman usados em Guantanamo.

Audiência de 17 de Junho, 2008, Committee on Armed Services of the U.S. Senate. Audiência visa determinar natureza e origens das técnicas de interrogação agressiva usadas na guerra de terror. Vários documentos foram libertados para audiência.

Memorandum SERE. Um deles, um Memorandum de 15 de Janeiro de 2003 da Navy SERE School Training Specialist e do SERE Coordinator. Memo reporta treino dado por SERE a membros ICE (Interrogation Control Element), em Guantanamo.

«*On the morning of 31 Dec 02, Mr. Ross and I initiated training with* ***an in-depth class on Biderman's Principles****, enclosure (2) and the theory and practical application of selected physical pressures, IAW our "Blue Book", to approximately 24 ICE personnel. This training was conducted in one of the newly constructed interrogation facilities located at Camp Delta… It is unknown at this time whether another request for support will be made.* ***[We] [r]ecommend that future trainers, if requested, be thoroughly prepared to discuss and explain Biderman's Principles and captive management techniques***»

Num segundo memorando, especialista SERE dá recomendações relativas a eficaz aplicação dos Princípios de Biderman.

«*The use of physical and psychological pressures during interrogations, if deemed appropriate, are tools that can be applied in order to establish and reinforce the [Biderman] principles […] These principles and associated pressures allow the interrogation system to establish and maintain control of the exploitation process [or process for the extraction of information] of HUMINT [or human intelligence] sources under the authority of the ICE […] [Biderman's] management techniques are most effective if used in concert with each other since they are all mutually supporting and build upon the effects of others. They are all designed to elicit compliance from HUMINT sources by setting up the "captive environment". This is ideally accomplished by establishing control, instilling dependencies for basic existence, rewards and punishments, gaining compliance and in the end cooperation*»

O assassinato do Dr. David Kelly [Iraque]. Um dos eventos relacionados com a guerra foi o assassinato do Dr. David Kelly, o microbiologista e inspector de armas no Iraque.

(6) – COIN – Paquistão – Irão.

COIN – Separatismo e conflitos étnicos.

COIN: transforma Afeganistão num campo de concentração.

Forças armadas, média, cientistas sociais, companhias de RP. A estratégia COIN (ou counter-insurgency network), reúne os esforços de forças armadas, ONGs, psicólogos e antropólogos, média, e companhias de relações públicas.

"Ganhar mentes e corações" – Propaganda, espionagem, subornos, raptos, assassinatos. O jargão comum é 'ganhar mentes e corações', através de campanhas de propaganda, raptos e assassinatos, redes de espionagem civil, e suborno de chefes tribais. Bem vindos à guerra do século XXI.

COIN: Os insurgentes afegãos não são Taliban, ou al-Qaeda. Uma das mentiras mais audaciosas de Obama é a de que o Afeganistão actual é um porto seguro para a al-Qaeda. O seu próprio conselheiro de segurança nacional, o General James Jones, disse em Outubro de 2009, que existiam 'menos de 100' membros da al-Qaeda no Afeganistão. Os insurgentes são tribos que vêem a si próprias como combatendo uma potência invasora.

COIN: McCrystal consegue criar cisão étnica no Afeganistão.

McCrystal – Figura ominosa, notório por raptos e assassinatos. O Afeganistão foi colocado sob a direcção do perturbador Stanley McCrystal, um general que ganhou distinção no Iraque com a sua Task Force Black, um esquadrão de assassinatos e outras operações negras.

Consegue converter guerra anti-invasão em conflito étnico anti-Pashtun. Foi destacado para comandar as forças no Afeganistão, onde alcançou uma vitória estratégica essencial, a de converter a guerra contra os invasores num conflito étnico entre Tajiks e Uzbecks, de um lado, e Pashtuns, do outro.

COIN – Guerra é exportada para Paquistão – Drones.

Desta forma, os dominós caiem e a guerra alastra-se ao Paquistão. As tribos Pashtun habitam uma vasta área de território que se estende do Afeganistão ao Paquistão. Logo, quando os Pashtun do lado afegão começaram a ser atacados, os primos do lado paquistanês começaram a intervir. Aí está como se consegue fazer um jogo de dominó.

TARPLEY – "Alastrar guerra a Paquistão, desmembrar os estados-nação do Médio Oriente".

Webster Tarpley – Entrevista. «*Destruir os estados-nação do Médio Oriente. 5/6 mini-estados. A política Brzezinski. Demagogia de Obama – O Iraque é a má guerra, o Afeganistão é a boa guerra. Exigiu ataques no Paquistão. O propósito é criar caos e confusão na região. Expulsar os taliban para o Paquistão para conduzir uma guerra civil contra Islamabad.*

TARPLEY – "Exportar guerra afegã para destruir Paquistão". [***opcional***]

tarpley – exportar a guerra afegã para paquistão para destruir país (paquistão, exportar a guerra afegã para paquistão para destruir o país em partes)

Dentro em breve, Paquistão é declarado a base mundial da al-Qaeda. Bush, Obama e Gates declaram que a nova ameaça é o Paquistão. Na literatura especializada, o conflito deixa de ser referido como conflito afegão, para passar a ser referido de um modo orwelliano, como conflito AfPak. Em Maio de 2009, Petraeus declara que o Paquistão é a base mundial da Al Qaeda.

Os ataques de fronteira começam, com forças especiais e drones. Ainda na fase Bush, em Setembro de 2008, começaram a ser conduzidos raides por forças especiais americanas dentro da fronteira paquistanesa. Depois, no mesmo mês houve pelo menos um confronto de fronteira entre tropas americanas/afegãs e tropas fronteiriças paquistanesas.

A seguir, vêm os ataques de drones, começados durante Bush, continuados por Obama. Os alvos: aldeias, festivais, festas de casamento. Os ataques mataram milhares de civis inocentes, provocaram as migrações de refugiados, e inflamaram ainda mais a situação.

Webster Tarpley – "Ataques com drones a casamentos e festas".

Swat Valley, guerra civil contra Taliban. US a atacar casamentos e festas com drones Predator»

Drones, pilotados remotamente por gamers imaturos. Estes massacres foram conduzidos por drones comandados à distância, que serviram para apresentar estas coisas ao mundo. Robots pilotados remotamente por gamers imaturos sentados numa cadeira no outro lado do mundo, que são contratados pelas forças armadas para colocar em prática as coisas maravilhosas que aprenderam durante uma vida em frente a jogos de vídeo violentos.

Embaixada US: A maior fortaleza do mundo em Islamabad. Os confrontos legitimaram que, desde então, os US tenham começado uma deslocação militar para dentro do Paquistão, com a colocação de tropas e a construção da maior embaixada/fortaleza do mundo, em Islamabad.

Desmantelamento do Paquistão.

Paquistão: Austeridade FMI → Conflito interno → Balcanização → Conflito externo. O Paquistão está agora sob uma política de condicionalidades do FMI, o que vai ter as consequências óbvias de inflação nos preços de comodidades, como comida e petróleo; aumentos de impostos; desemprego; downsizing e operações de desmantelamento em todos os sectores públicos. Ao mesmo tempo, o dinheiro vai continuar a fluir para o ISI e para o Exército. Em breve, começam motins e outras perturbações sociais, o que legitima um golpe militar seguido por rebelião em massa, que vira as várias etnias umas contra as outras. Isto facilmente resulta na quebra do Paquistão em partes conflituantes, e eventualmente em conflitos regionais envolvendo a Índia.

Desmantelamento do Paquistão permite criar foco de instabilidade regional, envolvendo Rússia, China e Índia. Ideia essencial: o desmantelamento do Paquistão em secções tribais, mini-principados FMI, Chevron, etc., torna-o um excelente factor de instabilidade na região: especialmente com a Índia; mas também face a China e Irão e, porque não, Rússia.

Webster Tarpley – Retalhar o Paquistão em partes. «*Paquistão, a mesma história, também retalhado em partes – O Paquistão tem de ser destruído e partido em partes – o Baluchistão é uma parte disto – o objectivo não tem nada a ver com a dignidade destes grupos. E essa é a carta Jundullah que a administração Obama está a jogar.*»

Irão – Campanhas de desestabilização – Jundullah – Revolução de cor.

Repetição do melodrama iraquiano – WMDs. Corram para as saídas, porque, a qualquer minuto, Teerão vai disparar o seu primeiro míssil nuclear contra Telavive ou Paris. Isto é a repetição da histeria mediática que foi feita com o Iraque. Agora, as WMDs são mísseis nucleares. Tudo isto serve para criar tensão permanente na região e pelo mundo fora.

Gary Hart, "Unsolicited Advice to the Government of Iran". Um dos momentos mais cândidos em tudo isto foi quando Gary Hart, do CFR, escreveu um aviso público ao governo iraniano, para colaborar com tudo o que possa surgir, no bom velho estilo de uma qualquer família mafiosa nova-iorquina:

«***Presuming that you are not actually ignorant enough to desire war with the United States, you might be well advised to read the history of the sinking of the U.S.S. Maine in Havana harbor in 1898 and the history of the Gulf of Tonkin in 1964***.

Having done so, you will surely recognize that Americans are reluctant to go to war unless attacked. ***Until Pearl Harbor, we were even reluctant to get involved in World War II. For historians of American wars the question is whether we provoke provocations***.

Given all this*, you would probably be well advised to keep your forces, including clandestine forces, as far away from the Iraqi border as you can. If it makes you feel powerful to hurl accusations at the American eagle, have at it. Sticks and stones, etc. But, for the next sixteen months or so,* ***you should not only not take provocative actions, you should not seem to be doing so***»

ABC News reporta desestabilização ideológica, monetária e paramilitar do Irão. Em 2007, a ABC News reportava que a CIA tinha recebido aprovação presidencial para desestabilizar o governo do Irão. O plano incluía uma campanha coordenada de propaganda e desinformação, apoio a grupos extremistas anti-Ahamadinejad, como a Jundullah. E a manipulação de divisas monetárias e de transacções financeiras internacionais.

Jundullah, apoiada para desestabilizar Irão. Em 2007, foi reportado que a CIA estava a armar e a financiar uma organização terrorista baseada em área tribal paquistanesa, chamada Jundullah. O objectivo era o de "semear caos" no Irão. A Jundullah é financiada e armada pela CIA, mas é também um braço da al-Qaeda, com laços extensivos ao ISI – na verdade, muito do apoio da CIA a estes terroristas é perpetrado através do ISI.

Rafsanjani e Mousavi lideram a revolução de cor de 2008. Em 2008, a campanha contínua de desestabilização do Irão atingiu o ápice, com a revolução de cor, liderada por Mousavi, o carniceiro de Beirute, e Rafsanjani, o líder dos mullahs.

Webster Tarpley – Operações conduzidas contra Irão.

Webster Tarpley – Entrevista*. «Os neoconservadores queriam bombardear o Irão. Agora temos uma política externa inspirada por Brzezinski – o Médio Oriente não é o teatro principal, e a supremacia mundial envolve China, Rússia e Índia.* ***Brzezinski não quer atacar o Irão****. Aliás, exigiu que a FA israelita fosse abatida se tentasse atacar o Irão.* ***Tem grandes planos para o Irão – atacar a Rússia ou a China, e provocar problemas com o petróleo****.* ***Bush tentou derrubar o Irão – com uma CIA color revolution. The Green Revolution. Mossavi e Rafsanjani (chefe dos mullahs).***

Após as revoluções de veludo da Ucrânia e Georgia.

Ahamadinejad está a guiar o Irão para uma ditadura militar, e a cortar o poder dos mullahs. Mobilizar os elitistas ricos e as donas de casa desesperadas de Teerão norte, para convencer o mundo da legitimidade da revolução.

O outro lado da questão é desestabilização regional – minorias – em cada uma dessas há exércitos de libertação conduzidos pelos anglo-americanos, como o BP liberation army*.*

Jundullah – braço da CIA, on the US pay role. Iranianos submetidos a ataques de terror por estes exércitos minoritários*.*

Paquistão, a mesma história, também retalhado em partes – O Paquistão tem de ser destruído e partido em partes – o Baluchistão é uma parte disto – o objectivo não tem nada a ver com a dignidade destes grupos. E essa é a carta Jundullah que a administração Obama está a jogar.

***O US government está em guerra com o Irão – guerra de guerrilha, guerra política**.*»

A bomba nuclear iraniana.

Clinton e Rumsfeld dão armas nucleares à Coreia do Norte. A Administração Clinton e Donald Rumsfeld (como responsável na ABB) protagonizaram a substituição dos antigos reactores nucleares da Coreia do Norte por LWR (light water reactors), tecnologia muito mais sofisticada. Em 1994, a Administração Clinton concordou em substituir os reactores nucleares antiquados da Coreia do Norte por reactores de água leve. Na altura, supostos "peritos" governamentais disseram os reactores não podiam ser usados para fazer bombas o que é, claro, falso. Depois, Rumsfeld presidiu sobre um contrato de $200 milhões para entregar equipamento e serviços para a construção de duas estações de LWR na Coreia do Norte em Janeiro de 2000, quando era director-executivo da ABB (Asea Brown Boveri).

"North Korea's Nukes, Paid For By The U.S. Government"

LWR produzem armas nucleares no Irão, mas não na Coreia do Norte. De acordo com o State Department, LWR russos conseguem produzir material nuclear no Irão, mas o mesmo não se aplica a LWRs americanos na Coreia do Norte. Portanto, as leis da física alteram-se, com a distância de meia dúzia de milhares de kilómetros.

A invasão do Iraque, dez anos depois

ECONOMIST – Morte em massa, sectarismo, terrorismo [tortura, genocídio, Gen Kill].

Resumo simplista e conservador, mas interessante, no The Economist.

"WMDs, a fever dream – no NBC weapons, just a few rusty chemical shells lying around".

"Invasion of Iraq turned it into failed-state sectarian war zone, fueling terrorism".

"Power vacuum, civil war".

"Thousands of Americans, hundreds of thousands of Iraqis killed" [1.5 milhões, na verdade].

"And we spent a trillion dollars to do it" [foi bastante mais que isso].

[De mencionar que é aqui que ocidente perde a alma (tortura, genocídio, Gen Kill). Também podia ter sido mencionado que é aqui que o ocidente perde a alma, por meio da aceitação de tortura, da perpetração de genocídio e da execução de geopolítica imperial aberta, com a tripartição cínica do território e os strategic hamlets, fenómenos que levam à guerra civil. Algo que captura bem a mentalidade que reside no coração negro da invasão do Iraque, é o facto de as tropas da Coligação que são aquarteladas em Baghdad, serem aquarteladas em edifícios previamente bombardeados com urânio empobrecido. Os soldados têm em si as raízes daquilo que os vai esterilizar e matar e, depois, podem ir fazer o mesmo aos nativos do território ocupado. Gen Kill.]

«*This, obviously, was all a fever dream. There were no biological or nuclear weapons; there may have been a few rusty chemical shells lying around, just as there had been for decades. Iraq was not an important sponsor of Islamicist terrorism. Islamicist terrorism was fueled not by fascist dictatorships such as Iraq, but by non-state actors in failed states such as Afghanistan and Somalia; and our invasion of Iraq promptly turned it into precisely the sort of failed-state sectarian war zone that does fuel terrorism. Thousands of American soldiers died in a war in Iraq that only exacerbated the danger of anti-American terrorism. Thousands of Iraqi soldiers died as well, and hundreds of thousands of Iraqi civilians died in the resulting civil war, most killed by the Iraqi militias who emerged in the power vacuum the US invasion created, but many killed by US armed forces themselves. In the name of pre-empting a non-existent threat, America killed tens of thousands of people and turned Iraq into a breeding ground for terrorism. And we spent a trillion dollars to do it*» M.S. (Mar 18th 2013). "The Iraq war: Anniversary of a mass delusion", The Economist.

HAASS (CFR) – Neo-cons, "nation building" e o vôo da águia imperial.

Neo-cons persuadidos de guerra rápida, barata, nation-building fácil e democracia. Numa entrevista esquiva, Richard N. Haass, presidente do Council on Foreign Relations, narra aquilo que já era óbvio: os neo-conservadores foram persuadidos de que iriam travar uma guerra rápida, barata e que o nation-building do pós-guerra iria ser um processo fácil, "free market", com o iraquiano médio rapidamente a ambientar-se a beber Coca-Cola, a usar Nokia e a votar nalgum novo partido Republicano local.

Neo-cons lançam o vôo da águia, precipitam a sua captura no atoleiro do novo conflito mundial. Os neo-cons, idiotas úteis (alguns deles), persuadidos da consolidação do Império Americano, precipitam o seu desmoronamento. Enquanto o Império Americano se expande militarmente para começar a nova grande guerra mundial, uma guerra lenta e incerta, com epicentro no Médio Oriente, torna-se por inteiro uma propriedade de companhias multinacionais, respondente à "comunidade internacional" (agências globais) e a blocos como a UE e a ASEAN.

Retórica de nation-building rápido e fácil protagonizada por CFR, os banker boys. Toda a retórica do nation-building rápido e seguro, Pizza Hut, Federalist Papers oh yeah, para o novo milénio, foi em boa parte protagonizada pelo Council on Foreign Relations, no qual Haass tem sido um protagonista bastante importante. O CFR, claro, é o braço institucional americano do Royal Institute of International Affairs, o cartel académico-diplomático de apoio à City of London.

Citações. «*I believe the president decided to go to war not so much because of the belief that the Iraqis possessed weapons of mass destruction, but more for three other reasons. After 9/11, he and others wanted to send a message to the world that the United States was not… a pitiful helpless giant. Secondly, he believed that Iraq could be transformed into a democracy, and once that was accomplished, the rest of the region would not be able to resist going down the same path. And thirdly, that this could be done at very little expense. Essentially, the president was persuaded that large things could be accomplished at small costs. And given that calculation, from his point of view it made good sense… the Iraqis were going to welcome the Americans as liberators. That it was only going to be a short amount of time before we could safely depart and leave behind an Iraq that was filled, as I once sarcastically put it, by people reading the Federalist Papers in Arabic translation. And what this teaches you is that assumptions can be dangerous things. If you assume away most or all of the questions or difficulties, you can persuade yourself of just about anything. And that's what happened here*»

Richard N. Haass, President of the CFR (March 14, 2013). "The Iraq Invasion Ten Years Later: A Wrong War". Council on Foreign Relations, interview to Bernard Gwertzman.

HAASS (CFR) – "The surge".

“The surge”, uma campanha de subornos, recrutamento da al-Qaeda iraquiana. A “surge” também é colocada em perspectiva. Já não é politicamente incorrecto admitir que foi apenas uma campanha de subornos aos líderes Jihadi do triângulo Sunita, e isto é a al-Qaeda iraquiana.

«*Q: The Iraq war ended militarily on a high note because of the success of the so-called "surge," which brought Sunnis who had been fighting the Americans into the fold. Isn't that something valuable that supporters of the war can point to?*

A: The surge (along with CIA payments to Sunni tribes) helped reorient Sunni loyalties. But it was a tactical success wrapped in a larger strategic misadventure that was the Iraq war itself»

Richard N. Haass, President of the CFR (March 14, 2013). “The Iraq Invasion Ten Years Later: A Wrong War”. Council on Foreign Relations, interview to Bernard Gwertzman.

A Primavera arábica da alta finança

Reuters (2011) – Revolução árabe traz bancos e fundos de investimento.

A 6 de Março, a Reuters já estava a abrir o champanhe. Com a queda de Tunísia e Egipto, e a Líbia no meio da sua guerra civil.

Revolução árabe pode resultar numa vaga de investimento.

Monopólios e oligarquias locais saiem, governos abrem mercados e privatizam.

Estados pós-revolucionários baixam barreiras proteccionistas.

Sectores como serviços financeiros, turismo, telecom, serão privatizados.

Líbia é o mais promissor, com a sua infraestrutura de gás e petróleo.

Julian Mayo (Charlemagne) – "This crisis is going to reveal some opportunities".

Luca de Conte (GMP Europe) – "Revolução vai acelerar investimento".

David Damiba (RAM) – "Libia could be the most attractive".

Bjorn Englund – "The spider in the web of the transformation will be the banks".

«*…the tide of political change sweeping the Arab world may… end up drawing in a fresh wave of foreign capital for the region. As entrenched monopolies and patronage give way in the Middle East and North Africa, governments in the region could open their markets further and divest some state assets… post-revolutionary states in the region such as Tunisia will likely lower protectionist barriers as they seek to accelerate income redistribution for their restive citizenry… greater access to markets in an oil-rich region with a youthful population is a tantalising prospect for investors. «**It's too early to work out how these revolutions will pan out. But this crisis is going to reveal some opportunities as structures linked to old regimes will be unwound**» said Julian Mayo, investment director at Charlemagne Capital… sectors such as financial services, telecoms and tourism could be liberalised. «**Foreign investment has been high in the region but what was lacking was conviction that change was happening fast enough. Market liquidity was low as stocks were tightly held**» said Luca de Conte, Director Capital Markets at GMP Europe… Libya… is also seen as the most promising… Analysts say its economy could take off if stability returns without substantial damage to the oil and gas infrastructure that generates the bulk of national revenues. «**The economy is not as advanced as the rest of North Africa, so from an investment standpoint, it could be the most attractive due to the low-base effect**» said David Damiba, who heads Renaissance Asset Management's Africa investment team… «**When you have an economy moving from socialist dictatorship to full-fledged free market,***

the spider in the web of that transformation will be the banks *» said Bjorn Englund, who runs an investment fund focused on Iraq*» [“Arab revolution could trigger foreign investment boom”. Sebastian Tong, REUTERS, March 4, 2011]

Bertelsmann (2010) – Alta finança não tem poder suficiente na Tunísia (!).

Transformação tunisina demasiado lenta e confusa.

Um bom sinal, acordos comerciais com a UE.

Mas a Tunísia não tem avançado em liberalização comercial.

O sector financeiro continua fraco e opaco, pouco desenvolvido.

É apresentado como obstáculo a desenvolvimento (!).

Supervisão do sector continua a depender do sector político.

Executivos bancários de topo são nomeados por um corpo estatal.

Bancos continuam estruturalmente subcapitalizados.

«*Tunisia's decision makers have once again advanced transformation too sluggishly. Despite the formal abolition of trade barriers for industrial goods with the European Union as of 1 January 2008, in practice, Tunisia has seen too little progress in terms of trade liberalization. Tunisia's financial sector remains weak and opaque; and inertia in the administration, pervasive crony capitalism and increasing corruption have not been properly addressed… It can be noted that the limited degree to which the Tunisian financial sector is integrated into the global economy recently shielded the country – at least at first – from the international financial crisis. Nevertheless, the poorly developed Tunisian banking sector and capital market are regularly cited as one major hindrance to the country's economic modernization. Although they have been formally brought up to international standards, financial supervision and regulation remain subject to political influence. This is partly due to direct state control over financial flows and partly to the state's direct involvement therein. Although it sold its stakes in two banks in 2002 and 2005, respectively, the state remains the controlling shareholder in at least four other banks because it controls 50% of their assets. Under these conditions, top-rank bank executives are de facto appointed by the president through a controlling body… After decades of state control, banks remain structurally undercapitalized. State-mandated lending to certain companies on the basis of personal ties to political decision makers or, in some cases, to certain industry branches (e.g., in tourism and agriculture) as well as the legal difficulty of settling with debtors have made for a high level of non-performing loans (currently estimated to involve 17% of the credits granted)… On the other hand, desperately needed credits for small and medium-sized firms are not easily available. In the medium term, the successful sale of public shares to international investors (as has been mentioned in earlier BTI reports) may boost*

efforts to introduce international standards in the banking sector» [Bertelsmann Stiftung, BTI 2010 — Tunisia Country Report. Gütersloh: Bertelsmann Stiftung, 2009]

FMI (2012) – Tunísia – Desregulação, privatização, endividamento externo.

Revolução traz esperança de melhor governância. «*Tunisia's revolution has ushered in hopes for… better governance*»

O que é "melhor governância?"

Aposta no turismo.

Influxo de investimento externo.

Mais investimento público (i.e., endividamento externo).

"Sustentabilidade fiscal" (i.e., impostos mais elevados).

«*Policy mix to support recovery and preserve financial stability… In 2012, growth is expected to reach 2.7 percent in 2012, thanks to a gradual rebound in tourism and foreign direct investment inflows and increased public investment… fiscal consolidation will need to be resumed to preserve fiscal sustainability…*»

Potencial de crescimento da Tunísia é muito elevado, mas exige reformas estruturais.

Reformas no sector financeiro – fortalecer solvência do sector privado.

Melhorias em governância e no ambiente de negócios (i.e., desregulação, PPP).

Reforma das leis laborais e do sistema educativo.

Influxos de financiamento externo, endividamento estatal e empresarial.

«*There is also an urgent need for reforms in the financial sector to address the high level of nonperforming loans (13 percent of GDP) and limited access to finance, which represents a major constraint in several regions across Tunisia and for some segments of the population. To help safeguard financial stability, the authorities are aiming to broaden and reinforce recent measures to strengthen banking supervision and improve banks' solvency… Laying the ground for comprehensive reforms… Tunisia's medium-term economic growth potential remains very favorable, but unleashing it requires continued macroeconomic stability coupled with comprehensive structural reforms to foster private sector investment. Such reforms include improvement in governance and the business environment; reforms of the labor market and education system to address the labor skills mismatches; and a strengthening of the financial sector. Achieving higher growth will also require that large external financing, including foreign direct investment inflows and borrowing by the government and corporate sectors can be*

mobilized» [“Tunisia Faces Economic, Social Challenges amid Historic Transformation”. IMF Survey Magazine, September 5, 2012]

CE (2012) – Agricultura, serviços, investimento – Integração do Maghreb.

UE vai ajudar a vossa transição – mas esta exige reformas políticas e económicas.

Dois acordos de financiamento assinados – sector de serviços e sociedade civil.

Já nos comprometemos a dar €150M, e há mais, se as reformas continuarem.

Estamos a trabalhar numa “Privileged Partnership” e num “Action Programme”.

Novas negociações em acordos comerciais – agricultura, investimento e serviços.

UE vai importar produtos agrícolas tunisinos.

Novos acordos em aviação vão expandir turismo e negócios.

Parceria de mobilidade, para facilitar movimento de pessoas entre Tunísia e UE.

Também queremos integração do Maghreb.

«*Today I came to discuss how the EU can support your transition and to deliver concrete results… Success of the transition is however in your own hands and will require continuing the political and economic reforms. We had very good discussion today with the Prime minister and some ministers not only about how the EU could support the transition but also about what is the concrete assistance we are delivering already. I have signed two Financing Agreements: a €20 million programme designed to improve the competitiveness of the services sector, the other, for €7 million to boost the role of civil society in Tunisia. This is a concrete contribution to the transformation process… When I came last year, we promised to increase funding for Tunisia by €150 million over three years. And in fact we will have already committed these funds by the end of this year. So there is potential for more… If reforms continue, we will mobilise additional support… we are working on a new “Privileged Partnership” and negotiating a new Action Programme. Second, I have just proposed re-launch negotiations on a number of trade agreements, notably those for agricultural products, investments and services. These will open the door to the vast EU market for Tunisian agricultural products, and facilitate EU investments in Tunisia… we understand the importance of tourism for Tunisia and we are proposing a new agreement in the aviation area which will boost tourism and business. Fourth, we are proposing a mobility partnership that will facilitate the exchange of people between Tunisia and the EU… I also discussed developments in the wider region, including… Maghreb integration, for which we share very similar views*» [“Further concrete support for transformation in Tunisia”. Remarks by Commissioner Štefan Füle at the press point during his visit to Tunisia – Tunis, 9 July 2012. European Commission Memo]

A "redirecção", promover guerra sectária entre blocos Sunni e Shia [Seymour Hersh, 2007)]

A "redirecção": balcanização sectária entre Sunni e Shia.

Fomentar rift sectário Sunni/Shia, apoiar e usar Salafis contra grupos Shia, Irão.

Operações clandestinas.

Líbano: Washington trabalha com Sauditas para apoiar Salafis contra Hezbollah.

Síria e Irão: Operações clandestinas conduzidas contra estes países.

Síria: Operações empoderam Irmandade Muçulmana.

Financiamento conduzido através dos Sauditas e, por black budgets.

«*The "redirection," as some inside the White House have called the new strategy, has brought the United States closer to an open confrontation with Iran and, in parts of the region, propelled it into a widening sectarian conflict between Shiite and Sunni Muslims. To undermine Iran, which is predominantly Shiite, the Bush Administration has decided, in effect, to reconfigure its priorities in the Middle East. In Lebanon, the Administration has cooperated with Saudi Arabia's government, which is Sunni, in clandestine operations that are intended to weaken Hezbollah, the Shiite organization that is backed by Iran. The U.S. has also taken part in clandestine operations aimed at Iran and its ally Syria. A by-product of these activities has been the bolstering of Sunni extremist groups that espouse a militant vision of Islam and are hostile to America and sympathetic to Al Qaeda… The clandestine operations have been kept secret, in some cases, by leaving the execution or the funding to the Saudis, or by finding other ways to work around the normal congressional appropriations process, current and former officials close to the Administration said… There is evidence that the Administration's redirection strategy has already benefitted the [Muslim] Brotherhood. The Syrian National Salvation Front is a coalition of opposition groups whose principal members are a faction led by Abdul Halim Khaddam, a former Syrian Vice-President who defected in 2005, and the Brotherhood. A former high-ranking C.I.A. officer told me, "The Americans have provided both political and financial support. The Saudis are taking the lead with financial support, but there is American involvement." He said that Khaddam, who now lives in Paris, was getting money from Saudi Arabia, with the knowledge of the White House*»

Sauditas prometem ajudar Sunnis iraquianos após saída dos EUA.

A Casa de Saud, patrona histórica de terrorismo Salafi. «*Last November, Cheney flew to Saudi Arabia for a surprise meeting with King Abdullah and Bandar. The Times*

reported that the King warned Cheney that Saudi Arabia would back its fellow-Sunnis in Iraq if the United States were to withdraw. A European intelligence official told me that the meeting also focused on more general Saudi fears about "the rise of the Shiites." In response, "The Saudis are starting to use their leverage—money." The Saudi royal family has been, by turns, both a sponsor and a target of Sunni extremists, who object to the corruption and decadence among the family's myriad princes. The princes are gambling that they will not be overthrown as long as they continue to support religious schools and charities linked to the extremists» ["The Redirection", Seymour M. Hersh, The New Yorker, March 5, 2007]

Protagonistas – Simultaneidades com Iran-Contra.

<u>Protagonistas: Bandar, Cheney, Abrams, Khalilzad, Rice</u>. «*The key players behind the redirection are Vice-President Dick Cheney, the deputy national security adviser Elliott Abrams, the departing Ambassador to Iraq (and nominee for United Nations Ambassador), Zalmay Khalilzad, and Prince Bandar bin Sultan, the Saudi national security adviser. While Rice has been deeply involved in shaping the public policy, former and current officials said that the clandestine side has been guided by Cheney*»

<u>Irão-Contra: Bandar, Abrams, etc – Reunião de "learning" entre protagonistas</u>.

<u>"Deixar CIA de fora, circuito militar normal, não confiar sequer nos aliados"</u>. «*Two decades ago, the Reagan Administration attempted to fund the Nicaraguan contras illegally, with the help of secret arms sales to Iran. Saudi money was involved in what became known as the Iran-Contra scandal, and a few of the players back then—notably Prince Bandar and Elliott Abrams—are involved in today's dealings. Iran-Contra was the subject of an informal "lessons learned" discussion two years ago among veterans of the scandal. Abrams led the discussion. One conclusion was that even though the program was eventually exposed, it had been possible to execute it without telling Congress. As to what the experience taught them, in terms of future covert operations, the participants found: "One, you can't trust our friends. Two, the C.I.A. has got to be totally out of it. Three, you can't trust the uniformed military, and four, it's got to be run out of the Vice-President's office"—a reference to Cheney's role, the former senior intelligence official said. "This goes back to Iran-Contra," a former National Security Council aide told me. "And much of what they're doing is to keep the agency out of it." He said that Congress was not being briefed on the full extent of the U.S.-Saudi operations. And, he said, "The C.I.A. is asking, 'What's going on?' They're concerned, because they think it's amateur hour."*» ["The Redirection", Seymour M. Hersh, The New Yorker, March 5, 2007]

Acordo Saud/Israel/Bush.

[Nota sobre Israel em danças com o diabo. Quando Israel é marxista e dança com o diabo, o que acontece a Israel é que é morto pelo diabo, de forma marxista – terror revolucionário e assimilação forçada.

(1) Israel pede garantias de aliança Sunita contra Irão.

(2) Sauditas prometem moderar Hamas, obter entente Hamas-Fatah [acordo de Meca].

(3) Washington compromete-se a patrocinar bloco Sunita anti-Iraniano.

(4) Sauditas comprometem-se a financiar rebelião interna contra Assad, na Síria.

«*In the past year, the Saudis, the Israelis, and the Bush Administration have developed a series of informal understandings about their new strategic direction. At least four main elements were involved, the U.S. government consultant told me. First, Israel would be assured that its security was paramount and that Washington and Saudi Arabia and other Sunni states shared its concern about Iran. Second, the Saudis would urge Hamas, the Islamist Palestinian party that has received support from Iran, to curtail its anti-Israeli aggression and to begin serious talks about sharing leadership with Fatah, the more secular Palestinian group. (In February, the Saudis brokered a deal at Mecca between the two factions. However, Israel and the U.S. have expressed dissatisfaction with the terms). The third component was that the Bush Administration would work directly with Sunni nations to counteract Shiite ascendance in the region. Fourth, the Saudi government, with Washington's approval, would provide funds and logistical aid to weaken the government of President Bashir Assad, of Syria. The Israelis believe that putting such pressure on the Assad government will make it more conciliatory and open to negotiations. Syria is a major conduit of arms to Hezbollah*» ["The Redirection", Seymour M. Hersh, The New Yorker, March 5, 2007]

Vali Nasr (CFR) – A caixa de pandora do Salafismo.

"Governo decide que Salafi são mal menor, por comparação com Irão".

"Vitória para linha saudita, aliados a Irmandade Muçulmana, Salafis".

"Once you get Salafis out of the box, you can't put them back".

«*"It seems there has been a debate inside the government over what's the biggest danger—Iran or Sunni radicals," Vali Nasr, a senior fellow at the Council on Foreign Relations, who has written widely on Shiites, Iran, and Iraq, told me. "The Saudis and some in the Administration have been arguing that the biggest threat is Iran and the Sunni radicals are the lesser enemies. This is a victory for the Saudi line… The Saudis have considerable financial means, and have deep relations with the Muslim Brotherhood and the Salafis"—Sunni extremists who view Shiites as apostates. "The last time Iran was a threat, the Saudis were able to mobilize the worst kinds of Islamic*

radicals. Once you get them out of the box, you can't put them back."» ["The Redirection", Seymour M. Hersh, The New Yorker, March 5, 2007]

Assistência clandestina a al-Qaeda no Líbano.

EUA, Sauditas e outros oferecem ajuda militar clandestina a Líbano.

Tentativa de contrabalançar Hezbollah.

Consultor EUA.

"Program to enhance the Sunni capability to resist Shiite influence".

"We're financing a lot of bad guys, a very high-risk venture".

«*The Bush Administration has publicly pledged the Siniora government a billion dollars in aid since last summer. A donors' conference in Paris… yielded pledges of almost eight billion more, including a promise of more than a billion from the Saudis… The United States has also given clandestine support to the Siniora government, according to the former senior intelligence official and the U.S. government consultant. "We are in a program to enhance the Sunni capability to resist Shiite influence, and we're spreading the money around as much as we can," the former senior intelligence official said. The problem was that such money "always gets in more pockets than you think it will," he said. "In this process, we're financing a lot of bad guys with some serious potential unintended consequences. We don't have the ability to determine and get pay vouchers signed by the people we like and avoid the people we don't like. It's a very high-risk venture."… The focus of the U.S.-Saudi relationship, after Iran, is Lebanon, where the Saudis have been deeply involved in efforts by the Administration to support the Lebanese government. Prime Minister Fouad Siniora is struggling to stay in power against a persistent opposition led by Hezbollah, the Shiite organization, and its leader, Sheikh Hassan Nasrallah*»

Governo libanês subsidia milícias Salafi: Asbat al-Ansar, Fatah al-Islam, etc.

ICG: Hariri protege terroristas Salafi, "atitude humanitária".

Oficial libanês.

"We have a liberal attitude, allowing Al Qaeda to be here".

"Líbano em double-bind: entre Hezbollah e, agora, al-Qaeda".

«*American, European, and Arab officials I spoke to told me that the Siniora government and its allies had allowed some aid to end up in the hands of emerging Sunni radical groups in northern Lebanon, the Bekaa Valley, and around Palestinian refugee camps in the south. These groups, though small, are seen as a buffer to Hezbollah; at the same time, their ideological ties are with Al Qaeda. Crooke said that one Sunni extremist*

group, Fatah al-Islam, had splintered from its pro-Syrian parent group, Fatah al-Intifada… The largest of the groups, Asbat al-Ansar, is situated in the Ain al-Hilweh Palestinian refugee camp. Asbat al-Ansar has received arms and supplies from Lebanese internal-security forces and militias associated with the Siniora government. In 2005, according to a report by the U.S.-based International Crisis Group, Saad Hariri, the Sunni majority leader of the Lebanese parliament and the son of the slain former Prime Minister—Saad inherited more than four billion dollars after his father's assassination—paid forty-eight thousand dollars in bail for four members of an Islamic militant group from Dinniyeh. The men had been arrested while trying to establish an Islamic mini-state in northern Lebanon. The Crisis Group noted that many of the militants "had trained in al-Qaeda camps in Afghanistan." According to the Crisis Group report, Saad Hariri later used his parliamentary majority to obtain amnesty for twenty-two of the Dinniyeh Islamists, as well as for seven militants suspected of plotting to bomb the Italian and Ukrainian embassies in Beirut, the previous year… Hariri described his actions to reporters as humanitarian. In an interview in Beirut, a senior official in the Siniora government acknowledged that there were Sunni jihadists operating inside Lebanon. "We have a liberal attitude that allows Al Qaeda types to have a presence here," he said. He related this to concerns that Iran or Syria might decide to turn Lebanon into a "theatre of conflict." The official said that his government was in a no-win situation. Without a political settlement with Hezbollah, he said, Lebanon could "slide into a conflict," in which Hezbollah fought openly with Sunni forces, with potentially horrific consequences. But if Hezbollah agreed to a settlement yet still maintained a separate army, allied with Iran and Syria, "Lebanon could become a target. In both cases, we become a target."» ["The Redirection", Seymour M. Hersh, The New Yorker, March 5, 2007]

ABC News e as operações clandestinas Jundullah no Irão (2007).

No mesmo ano, ABC News reporta operações clandestinas com Jundullah.

Grupo Al Qaeda baluque, a operar no Irão: raptos, assassinatos, ataques bombistas.

Operações conduzidas por EUA e Paquistão [ISI?].

Ex-oficiais CIA fazem comparações com Iran-Contra. Sugestão de que isto é um programa herdeiro do Iran-Contra, como Sy Hersh aponta?

[Regi, o perfil típico do terrorista pós-modernizado por uma agência de intelligence. Um passageiro pela vida, flexível, livre, descarta e é descartável, contrabandista de sonhos, paixões, pessoas e narcóticos, um homem que se senta na areia a apreciar o vinho místico, após uma execução, mais uma, antes do seu próprio pôr-do-sol, a sua pérola de encontro existencial intra-dialéctico, entregue por meio de DU. É assim que Regi flui e planta a sua própria flor de utopia no mundo.]

«*A Pakistani tribal militant group responsible for a series of deadly guerrilla raids inside Iran has been secretly encouraged and advised by American officials since 2005, U.S. and Pakistani intelligence sources tell ABC News. The group, called Jundullah, is made up of members of the Baluchi tribe and operates out of the Baluchistan province in Pakistan, just across the border from Iran… Tribal sources tell ABC News that money for Jundullah is funneled to its youthful leader, Abd el Malik Regi, through Iranian exiles who have connections with European and Gulf states… The leader, Regi, claims to have personally executed some… Iranians. "He used to fight with the Taliban. He's part drug smuggler, part Taliban, part Sunni activist," said Alexis Debat, a senior fellow on counterterrorism at the Nixon Center and an ABC News consultant who recently met with Pakistani officials and tribal members. "Regi is essentially commanding a force of several hundred guerrilla fighters that stage attacks across the border into Iran on Iranian military officers, Iranian intelligence officers, kidnapping them, executing them on camera," Debat said… Pakistani government sources say the secret campaign against Iran by Jundullah was on the agenda when Vice President Dick Cheney met with Pakistani President Pervez Musharraf in February… Some former CIA officers say the arrangement is reminiscent of how the U.S. government used proxy armies, funded by other countries including Saudi Arabia, to destabilize the government of Nicaragua in the 1980s*» ["ABC News Exclusive: The Secret War Against Iran". ABC News, April 3, 2007]

AMS 2008.

AMS 2008 – "Uma era de conflito persistente".

Globalização, estados falhados, guerras de recursos, extremismo, separatismo.

Crises humanitárias, epidemias.

«*We have entered an era of persistent conflict*», marcada por ambiguidade e imprevisibilidade («*a security environment much more ambiguous and unpredictable*»).

Uma era onde a globalização e a «*resource competition*» esmaga o estado-nação, criando «*failed or failing states*» e enormes «*wealth and power disparities between populations*», o que por sua vez alimenta «*extremist ideologies and separatist movements*» é portanto uma era marcada por «*persistent conflict*» e por «*humanitarian crises, epidemic disease*» Army Modernization Strategy 2008. Department of the Army.

AMS 2008 – "From fighting around the people to fighting among the people".

Quando o Exército americano lançou a sua estratégia de modernização em 2008, o mote era «*From fighting around the people to fighting among the people*».

«*21st Century operations will require Soldiers to engage among populations and diverse cultures instead of avoiding them*» Army Modernization Strategy 2008. Department of the Army.

Arab Spring: padrão de desestabilização e partição [notas extra]

CFR: Uma descrição da desestabilização gerada na sequência da Arab Spring.

Muitos regimes fragilizados, incapazes de estabelecer lei e ordem.

Síria, Líbia, Iraque, Yemen, instáveis, balcanizados, violentos.

Egipto, IM parece ter assumido papel de Mubarak.

Al Qaeda procura preencher vácuo em Líbia, Síria e outros.

«*In the wake of the uprisings, many local regimes remain weak and unable to establish law and order. Syria has descended into a bloody civil war along sectarian lines. Iraq and Yemen, already unstable beforehand, remain deeply fractured and violent. Libya's fragile central government has failed to disarm the warlords and militias that control many of the country's rural areas. Even in Egypt, the poster child for regional political reform, the Muslim Brotherhood-led government has attempted to solidify its control and silence the media using tactics reminiscent of the Mubarak era… Terrorism continues to be a major problem, too, with al Qaeda and its affiliates trying to fill the vacuums in Libya, Syria, and other unstable countries*» [Seth G. Jones (January/February 2013). "The Mirage of the Arab Spring: Deal With the Region You Have, Not the Region You Want". Foreign Affairs, Council on Foreign Relations]

YEMEN – Estado actual do país.

Partição tribal e paramilitar [Shia no norte, al Qaeda no sul, vários outros grupos]. Yemen, partido entre grupos Shia no norte, uma secessão conduzida pela al Qaeda no sul (os grupos que eram liderados por al Awlaki) e territorialmente dividido entre vários territórios milicianos e tribais.

DEBKA: Egipto, Síria, Líbano, Jordânia.

Síria, Líbano – Egipto – Jordânia --- Eixos de desintegração, com Israel no meio. «*Israel is coming face to face with its worst fear: being hemmed in by a blazing ring of hopeless conflicts just across its borders: Syria and Lebanon in the north; Egypt in the west and south; and Jordan under threat*» ["Egypt, Syria are falling apart – an Israeli nightmare unfolds", DEBKAfile Special Report, January 29, 2013]

EGIPTO: O estado deplorável da sociedade egípcia.

Manifestações violentas, repressão policial.

Economia desestabilizada. «*Since the January 2011 overthrow of Egyptian president Hosni Mubarak, political unrest and divisions, violent protests and crackdowns have beset the country. Overseas investments and tourism have dropped, and the country's foreign currency reserves have plummeted…*»

EGIPTO: A dialéctica Irmandade Muçulmana vs nacionalistas militares.

IM queixa-se de nacionalistas militares "secularizantes".

Oposição (em geral) queixa-se de hegemonização governamental/popular da IM.

«*The Muslim Brotherhood continues to claim that much of the opposition is dominated by Mubarak-era thugs and secularists trying to remove the Islamic identity of Egypt, while the opposition says the Brotherhood is taking over the government and attempting to forcefully Islamize Egyptian society…*» ["Analysis: Is Egypt facing another revolution?", Ariel Ben Solomon, 29/01/2013, The Jerusalem Post]

EGIPTO: Al Qaeda apoia IM, Morsi – Apoio ocidental a anti-Israelitas [JPost].

JPost: "West keeping anti-Western, anti-Israel, anti-Semitic organization in power".

Mohamed al-Zawahiri declara apoio a gradualismo de Morsi, IM.

«*In an interview on Sunday in Al-Sharq al-Awsat, Mohamed al-Zawahiri, brother of al-Qaida head Ayman al-Zawahiri and a Salafist leader in Egypt, said, "In our view, the political situation in Egypt is contrary to the laws of God, therefore we are calling for correct and legitimate means, which requires discipline, to be used to implement Islamic Shari'a law. From our view, the best way to achieve national reconciliation is via the full implementation of Islamic Shari'a law." Zawahiri is essentially calling for Morsi to continue overpowering and outsmarting the opposition… The odds that Morsi will be able to turn the Egyptian economy around are not favorable, but with the help of Qatar and the West, Egypt should be able to plug enough holes to stay afloat and keep the regime in control, meaning that it is the West helping keep an anti-Western, anti-Israel and anti-Semitic organization in power*» ["Analysis: Is Egypt facing another revolution?", Ariel Ben Solomon, 29/01/2013, The Jerusalem Post]

Arab Spring – Islamização e sharia, al-Qaeda

Egipto – Constituição e FJP aproximam Egipto de governo islâmico.

Nova Constituição pró-sharia.

Cam McGrath, IPS, reporta demissões de muitos membros liberais e seculares.

"Observam que Constituição ignora princípios de liberdade, justiça, dignidade".

"Preserva princípios ditatoriais e vai produzir estado islâmico".

A nova constituição procura consagrar os princípios de um estado sharia. Como reportado por Cam McGrath, IPS, «*Many of the constituent assembly's liberal and secular members resigned in objection to what one described as "a set will to produce a constitution that would be the cornerstone of a religious state, which will preserve the principles of the fallen regime and ignore the pillars of the Egyptian uprising of freedom, dignity and social justice"*» "Egypt Revolution Makes It Worse for Women". Cam McGrath, Inter Press Service, October 25 2012.

FJP, o partido da Irmandade Muçulmana, ganha eleições.

Líder do FJP promete governo islâmico, sharia.

"Governo FJP representa o projecto político da IM".

"Este projecto é, no fim, um governo sábio, que instituirá a Sharia islâmica".

Saad al-Katatny, líder eleito do Freedom and Justice Party, o partido político da Irmandade Muçulmana. O FJP é o maior partido político do Egipto, actualmente com 47% de todos os assentos parlamentares na câmara baixa do Parlamento egípcio.

«*The Muslim Brotherhood established the [FJP] to represent the Brotherhood's political project, which, in the end, will be a wise government that will institute Islamic Shari'a law*» ["New FJP leader in Egypt calls for Sharia law", Jerusalem Post, October 20, 2012]

Islamização salafita e violência – Tunísia.

Actos de violência contra alvos "anti-islâmicos". Os Salafistas tunisinos têm cometido todo o género de actos de violência contra alvos considerados "anti-islâmicos".

Radicalização salafita de mesquitas. Radicalização de mesquitas e pré-escolas religiosas por linhas salafitas.

Campanhas anti-modernistas e anti-femininas. Campanhas para reintroduzir o uso do niqab (véu completo). Ataques constantes a figuras culturais seculares e a grupos populacionais inteiros, como as mulheres mais secularmente orientadas.

Artigos. [Tunisia at a Crossroads – Tunisian Islamists to do well in first "Arab Spring" vote – Tunisia's women fear veil over Islamist intentions in first vote of Arab spring – Tunisian Women Demonstrate to Protect Their Rights]

Islamização salafita e violência – Egipto.

Domínio IM – Islamização do aparato sócio-político. Islamização rápida da estrutura sócio-política egípcia.

Projecto IM – Califado, sharia e jihad por Jerusalém. As intenções da IM: Sharia, recreação do Califado [Khilafah], jihad para recuperar Jerusalém.

Ataques a monumentos "profanos". Ataques a monumentos considerados profanos.

Perseguição a Coptas – de intimidação a rapto, violação, tráfico humano. Salafis IM são proeminentes em apelar, e conduzir, ataques e perseguições aos Cristãos Cópticos. Isto inclui ameaças, assédio, ataques físicos a pessoas, casas e negócios, raptos, escravatura, violação, tráfico humano [particularmente com raparigas menores]

Artigos. [Post-Mubarak Egypt has Islamists calling for modesty police; 'Egypt heading towards Sharia enforcement' — RT; Egypt's Salafi Party Objects to Banning Sex Slavery]

Direitos femininos – Tunísia.

Tunísia, pioneira em emancipação feminina no mundo muçulmano. A Tunísia é uma pioneira de modernização secular entre países árabes e muçulmanos no período pós-colonial. Em 1956, após a independência colonial francesa, os direitos femininos foram consagrados na lei.

Direitos civis, laborais, educacionais. Baniu a poligamia, equalizou os direitos de herança, deu às mulheres o direito ao voto, e desencorajou o véu na vida pública. O divórcio unilateral forçado foi proibido e as mulheres divorciadas ganharam direitos sem precedentes no mundo árabe. Foi estabelecida uma idade mínima de casamento para mulheres, 18 anos de idade. Mais de 80% das mulheres adultas são letradas, a taxa de contracepção é elevada. As mulheres compõem cerca de metade da população estudantil, um terço de magistraturas, e um quarto nos corpos diplomáticos. Muitas mulheres tiveram papéis essenciais na revolução tunisina, e os movimentos feministas assumiram que teriam um lugar facilmente assegurado na nova democracia.

Com vitória IM, direitos ameaçados. Por exemplo, já surgiram campanhas para reintroduzir o uso do niqab (véu completo) [Tunisia's women fear veil over Islamist intentions in first vote of Arab spring – Tunisian Women Demonstrate to Protect Their Rights]

Direitos femininos – Egipto.

Activistas feministas – "Estatuto feminino pior sob IM que sob Mubarak". Vários movimentos egípcios de activismo feminino têm vindo observar que é provável que o estatuto feminino tenha piores perspectivas no pós-revolução, que alguma vez durante a era Mubarak.

Azza Kamel. ["Egypt Revolution Makes It Worse for Women". Cam McGrath, Inter Press Service, October 25 2012]

"Após revolução, direitos femininos começam a ser atacados".

"Leis de divórcio e custódia, redução de idade de casamento de 18 para 9 anos".

"Reintrodução de mutilação clitoriana".

Por exemplo, Azza Kamel, uma prominente activista por direitos femininos: «*After the revolution, most of Egyptian society – and especially the Islamists – began attacking women's rights… they started to claw back rights that women had fought for and gained before the revolution, and are trying to change divorce and custody laws, push FGM (female genital mutilation), and reduce the age of marriage from 18 to nine years old*»

"Mulheres excluídas de posições de liderança e decisão". Ao mesmo tempo, diz Kamel, as mulheres foram quase inteiramente excluídas de posiçõs de liderança e tomada de decisões, desde a expulsão de Mubarak. O Comité de Homens Sábios (Committee of Wise Men), um quadro consultivo formado durante a revolta, incluiu apenas uma mulher entre 30 membros. Não houve mulheres nomeadas como governadoras, como membros do autoritativo Concelho de Estado, e existe fraca representação feminina em todos os governos pós-Mubarak.

"As mulheres estão a ser excluídas a cada passo". «*We expected more… There can be no democracy without equality, yet women are being excluded at every step*», diz Kamel.

"Movimentos políticos, como IM, usam eleitoralismo pró-feminista". Kamel acusa movimentos políticos, em particular a conservadora Irmandade Muçulmana, de usar demagogia pró-feminina única e exclusivamente como forma de obter vantagem eleitoral.

“Assembleia constituinte dominada por islamistas que pretendem sharia”. Mas, mais preocupante, diz Kamel, é o modo como a assembleia constituinte é dominada por islamistas que pretendem usar a nova Constituição para impor valores sharia sobre toda a sociedade egípcia.

Mohammed Badie, líder da IM apela à destruição de Israel.

M. Badie, Guia Supremo dos Ikhwan. Mohammed Badie, líder espiritual da Irmandade Muçulmana, o Guia Supremo da Irmandade.

Historial de apelar a jihad contra Israel, expulsão da Palestina pela ONU. Badie tem um historial de apelar a forças árabes que confrontem Israel, e de apelar à comunidade internacional que pressione o «*Zionist government to withdraw from the land of Palestine*».

Comunicado em Maio de 2012 para marcar a “Nakba”. Escreve um comunicado em Maio de 2012 para marcar a “Nakba”, um termo significando “catástrofe”, usado por grupos anti-israelitas para descrever a criação de Israel em 1948.

“Jihad por Jerusalém é um dever de todos os Muçulmanos”.

“A cidade não será recuperada por negociações pacíficas”.

“Comunidade internacional tem de rectificar injustiça histórica, criação de Israel”.

“Libertação universal muçulmana, agora também contra Zionistas”.

“No poder, IM irá cortar relações com Israel, o casamento ilegítimo Cairo-Tel Aviv”.

No comunicado, «*The jihad for the recovery of Jerusalem is a duty for all Muslims*». A conquista da cidade «*will not be done through negotiations or at the United Nations*». Badie exigiu que «*The international community rectify the historic injustice [of Israel's birth]*» e afirmou que o Muçulmanos tinham «*begun the era of liberation of all peoples, first of all the Palestinian people, [suffering from] the worst occupation known to man – the Zionist occupation*». Badie também jurou que, se a Irmandade Muçulmana alguma vez ascendesse ao poder no Egipto, trabalharia para cortar relações com Israel: «*We are certainly not happy with the illegitimate marriage between Cairo and Tel Aviv... Once we rise to power we will change many things in Egypt's policy, starting with the country's relations with Israel which have caused us great harm*» [“Brotherhood head calls for 'jihad' to liberate J'lem”, Jerusalem Post, October 13, 2012]

Centro Simon Wiesenthal – “IM, a mais perigosa organização anti-semítica no mundo”. Uma das respostas ao apelo de Badie foi dada pelo The Simon Wiesenthal Center. Num comunicado conjunto, os Rabis Marvin Hier e Abraham Cooper, respectivamente fundador e reitor, e reitor associado do centro, denunciaram Badie, dizendo que a sua «*rant confirms our long held view that Egypt’s Muslim Brotherhood is the most*

dangerous anti-Semitic organization in the world today... [apelaram ao] President Obama to condemn the rhetoric and cut off all official and unofficial US contacts with the Muslim Brotherhood until they desist from their hate and warmongering» ["Brotherhood head calls for 'jihad' to liberate J'lem", Jerusalem Post, October 13, 2012]

Líderes Hamas e Ennhada (Tunísia) – Jihad anti-Israelita, Califado.

Ennahda tunisino convida líder Hamas, Houda Naïm. O Ennahda da Tunísia convidou Houda Naïm, membro Hamas do Concelho Legislativo Palestiniano [Palestinian Legislative Council], baseado em Gaza, para falar num comício em Sousse, uma cidade costeira Tunisina.

Naïm elogia "libertação" tunisina, apela a "libertação" da Palestina. Naïm elogiou a "vitória democrática" do povo tunisino e declarou a esperança de que a "libertação" da Tunísia iria levar à libertação da Palestina.

Jebali, líder Ennahda – "O futuro é o Califado e a libertação de Jerusalém". O evento também teve um discurso do secretário geral do Ennahda, Hammadi Jebali, que declarou que a ocasião era «*a divine moment in a new state, and in, hopefully, a 6th caliphate*». Também declarou que «*The liberation of Tunisia will, God willing, bring about the liberation of Jerusalem*» ["Hamas Representative Addresses Tunisian Political Rally". Mischa Benoit-Lavelle, Le Temps, November 15, 2011]

Al-Awlaki (2011) – Arab Spring fragiliza sátrapas americanas e EUA.

"Um tsunami de mudança". Al-Qaeda hails -Tsunami of change- in Middle East; "The Tsunami of Change", Shaykh Anwar Al-Awlaki, Inspire, March, 2011 [a magazine da al-Qaeda]

Mubarak, Khadafi, Ben Ali, Saleh, Assad, os reis de Marrocos, Jordânia, Golfo.

Têm sido uma maldição sobre a ummah, ditadores a soldo da América.

Para América, nova casta de colaboradores será cara, enfraquecendo império.

Isso será um grande benefício para os mujahidin.

«*Mubarak, Gadhafi, Ben Ali, Saleh, Assad and the kings of Morocco, Jordan and the Gulf have been a scourge on the ummah and many were seeing no end in sight… America has depended on these men for the dirty work of protecting the American imperial interests. They acted as point men that saved America the effort of doing it themselves but now with their fall, America would have to divert huge amounts of effort and money to cultivate a new breed of collaborators. This would force America, which is already an exhausted empire, to spread itself thin, which in turn would be a great benefit for the mujahidin*»

Oficiais EUA, ingénuos e despreocupados com ascensão al-Qaeda na Arab Spring.

Revoltas árabes são vitória que derruba ditadores que oprimiam jihadis. Essa situação mudou com as revoltas árabes, que permitiram derrubar ditadores que reprimiam actividades mujahideen e al-Qaeda.

O resultado não precisa de ser governo islâmico imediato.

Nota que os oficiais governamentais EUA se mostram despreocupados em relação à ascensão da al-Qaeda com as revoltas árabes: «*The statements of the U.S. State and Defense Secretaries prove that either the intelligence reports these guys are reading are misleading or that they are just trying to justify the stance that they are forced to take in support of the Arab masses, by claiming that they are bad for al Qaeda when they know very well that the opposite is the case… But for a so-called 'terrorism expert' such as Peter Bergen, it is interesting to see how even he doesn't get it right this time. For him to think that because a Taliban style regime is not going to take over following the revolutions, is a too short-term way of viewing the unfolding events. We do not know yet what the outcome would be, and we do not have to. The outcome doesn't have to be an Islamic government for us to consider what is occurring to be a step in the right direction*» "The Tsunami of Change", Shaykh Anwar Al-Awlaki, Inspire, March, 2011 [a magazine da al-Qaeda]

Al-Awlaki (2011) – Arab Spring traz a jihad a uma nova radiante madrugada.

"Um tsunami de mudança". Al-Qaeda hails -Tsunami of change- in Middle East; "The Tsunami of Change", Shaykh Anwar Al-Awlaki, Inspire, March, 2011 [a magazine da al-Qaeda]

Libertação da Líbia permitirá reagrupamento dos jihadis do Maghreb.

A jihad no Maghreb islâmico está a assistir a uma nova madrugada.

Os regimes do Golfo também cairão – e isso será outra força para a jihad.

«*…we might probably witness the greatest effect of what is happening in Egypt outside of Egypt. One such place might turn out to be Yemen. Yemen already has a fragile government and the events of Egypt are only going to add pressure on it. And any weakness in the central government would undoubtedly bring with it more strength for the mujahidin in this blessed land… Another place might be Libya… Libyans have featured prominently in jihad work… Al-Gadhafi has filled the Libyan prisons with thousands of our mujahidin brothers. With turmoil in Libya, these brothers will have a chance to regroup again and connect with their brothers in the Maghreb. With the events in Tunisia, Libya and Algeria, the jihad in the Islamic Maghreb is witnessing a new dawn… Then there are the great expectations of what will come out of the Arabian Peninsula when the revolts reach the shores of the Gulf. Does the West not realize that*

there are thousands and thousands of mujahidin in Saudi prisons and elsewhere in the Arabian Peninsula? Doesn't the West realize how the jihadi work would just take off as soon as the regimes of the Gulf start crumbling?»

Os mujahidin do mundo estão num momento de elação.

Jihadismo em pleno, em Egipto, Tunísia, Líbia, Iemen, Arábia, Argélia, Marrocos.

«*The mujahidin around the world are going through a moment of elation and I wonder whether the West is aware of the upsurge of mujahidin activity in Egypt, Tunisia, Libya, Yemen, Arabia, Algeria, and Morocco?*»

Foreign Policy – A ascensão meteórica do movimento Salafi .

Ataques a embaixadas EUA no Cairo e em Benghazi.

Salafis tunisinos atacam negócios que vendem álcool, fazem campanhas anti-femininas.

Grupos Salafi em ascensão, do Mali ao Líbano, de Caxemira ao Cáucaso russo.

São o grupo com maior rapidez de ascensão no mundo islâmico.

Robin Wright, NY Times – "Crescente Salafi", do Golfo ao Norte de África.

«*Just a few hours after an angry mob of ultraconservative Muslims stormed the U.S. Embassy in Cairo, the U.S. ambassador to Libya was killed during a protest in the city of Benghazi. Both riots were provoked by the news that an anti-Muslim group in the United States has released a film that insults the Prophet Mohammed. In Egypt, the protestors hauled down the U.S. flag and replaced it with the same black banner sometimes used by Al Qaeda. Shades of Iran, 1979… In Tunisia, the Salafis have been attacking businesses that sell alcohol and instigating nasty social media campaigns about the country's female competitors in the Olympics… Lately Salafi groups have been gaining fresh prominence in parts of the Islamic world -- from Mali to Lebanon, from Kashmir to Russia's North Caucasus… journalist Robin Wright… wrote a New York Times op-ed on the subject… Painting a picture of a new "Salafi crescent" ranging from the Persian Gulf to North Africa… Though solid numbers are hard to come by, they're routinely described as the fastest growing movement in modern-day Islam*»

["The Salafi Moment", Christian Caryl, Foreign Policy, September 12, 2012]

The Hindu – Arab Spring abre portas a Califado Turco-Árabe-Iraniano.

No pós-Arab Spring, disputa é entre islâmicos moderados e islâmicos hardcore. «*Many astute observers of the region are beginning to conclude that the post-Arab Spring battle of the ballot would be held, not primarily between Islamists and secularists.*

Rather, the battle for political space will be fought among Islamists themselves: between those who take their cue from Turkey and Malaysia that separate politics from new-age Islam, and others which want governments to abide strictly by their interpretation of a pristine Koranic code»

Davutoglu, da Turquia, quer integração regional ao estilo UE.

Um bloco Turquia-Árabes-Irão.

Integração económica, cooperação militar, alinhamento político.

«*In an interview with The New York Times, Ahmet Davutoglu, Turkey's cerebral Foreign Minister, who, many believe is the architect of his country's imaginative foreign policy, talks about the prospects of regional integration. He recognises that Turkey, not alone but in collaboration with the Arabs and the Iranians, can steer the former enclaves of the Ottoman Empire to prosperity and peace. An advocate of "regional ownership," Mr. Davutoglu appears engaged in framing a model of regional cooperation, which resembles the European Union in its incipient stages. His vision is strong on economic integration and political alignment, and leaves open-ended the possibility of military cooperation in the future*» ["From Arab Spring to post-Islamist summer". The Hindu, October 12, 2011]

DEBKAfile – Arab Spring visa radicalização do Médio Oriente.

Porta-voz informal para Mossad, Shin Bet. O DEBKAFile é uma espécie de porta voz informal para a intelligence Israelita.

A conclusão óbvia do DEBKAfile.

"Objectivo da Arab Spring, como promovida por EUA e NATO".

"Substituição de ditaduras por regimes fundamentalistas, sob sharia islâmica".

«*A primary objective of the Arab Spring as promoted by the United States and the Western Alliance is the substitution of those dictatorships by fundamental Muslim regimes whose leaders quite frankly usher Sharia law in to the liberated countries*» ["US and NATO allies vie over "kudos" for Qaddafi's termination". DEBKAfile Special Report October 24, 2011]

Al-Qaeda, elemento joker em segurança e geopolítica – Relação ambivalente.

al-Qaeda e aparato de segurança global – a relação especial ambivalente. Quando a al-Qaeda está presente, acções militares EUA/NATO seguem-se, seja em posição adversarial (Afeganistão, Iraque, Paquistão) ou em aliança tácita (Jugoslávia, Líbia). E, na segunda linha, agências internacionais, bancos e companhias multinacionais.

Adversarial ou aliada – as máscaras teatrais. Pode surgir em posição adversarial ou como aliada. As máscaras teatrais, o ícone feliz e o ícone infeliz. A vinculação ambivalente amor/ódio. Os pontos seguintes podem ser representados no contexto de um grande jogo.

Fase adversarial – a face triste da Lua (Iraque, Afeganistão, Paquistão).

A peça fatal no jogo geopolítico de Risco. Quem leva com ela em cima é chantageado, sancionado, bombardeado.

Permite homeruns militar-policiais à volta do globo. Permite policiamento internacional, com operações negras, assassinatos, raptos, etc – a formação de um estado militar-policial global.

Ameaça de segurança interna, que justifica estado policial. Quando as pessoas têm de ser vigiadas, as suas conversas ouvidas, o seu tráfego de internet monitorizado, as suas vidas registadas e compiladas, para combater esta perigosa instituição, al-Qaeda.

Fase aliada-surrogada – a face radiante do Sol (Bósnia, Arab Spring).

"The two come together to fight evil men". Como na guerra afegã-soviética, Jugoslávia/Bósnia, Arab Spring.

Fases combinadas – o eclipse total da racionalidade.

al-Qaeda ajudada na Líbia, combatida no Paquistão. É difícil explicar porque é que se está a perder vidas humanas no Afeganistão e no Iraque para combater a al-Qaeda, quando se está ao mesmo tempo a gastar-se biliões de dólares a ajudá-los a tomar conta de países como a Líbia.

Jihadi promovem liberdade – Jihadi ameaçam liberdade – Ajudar e combater Jihadi. Ou seja, os mujahideen e os terroristas vão levar liberdade e democracia para o Médio Oriente. Ao mesmo tempo, são uma ameaça para liberdade e democracia no ocidente. Portanto, para proteger a liberdade e a democracia no ocidente destes arautos da liberdade e da democracia, há que acabar com a liberdade e democracia no ocidente.

Webster Tarpley (t) – al-Qaeda, veículo de caos e neo-colonialismo.

al-Qaeda não é uma organização centralizada, mas sim um viveiro misto.

Fanáticos, psicóticos, agentes duplos, provocadores, mercenários.

Fundada por EUA e UK durante guerra Afegã-Soviética.

Muitos dos líderes, como al-Zawahiri são agentes duplos óbvios.

Objectivo – destruir governos muçulmanos actuais, instaurar Califado.

Isto torna al-Qaeda num veículo perfeito para desestabilização, saque, neo-colonialismo.

«*Al Qaeda is not a centralized organization, but rather a gaggle or congeries of fanatics, dupes, psychotics, misfits, double agents, provocateurs, mercenaries, and other elements. As noted, Al Qaeda was founded by the United States and the British during the struggle against the Soviets in Afghanistan. Many of its leaders, such as the reputed second-in-command Ayman Zawahiri and the current rising star Anwar Awlaki, are evidently double agents of MI-6 and/or the CIA. The basic belief structure of Al Qaeda is that all existing Arab and Moslem governments are illegitimate and should be destroyed, because they do not represent the caliphate which Al Qaeda asserts is described by the Koran. This means that the Al Qaeda ideology offers a ready and easy way for the Anglo-American secret intelligence agencies to attack and destabilize existing Arab and Muslim governments as part of the ceaseless need of imperialism and colonialism to loot and attack the developing nations. This is precisely what is happening in Libya today*» [Webster G. Tarpley. "The CIA's Libya Rebels: The Same Terrorists who Killed US, NATO Troops in Iraq", TARPLEY.net, March 24, 2011]

Webster Tarpley (t) – IM, mãe da al-Qaeda – Usada contra Nasser.

al-Qaeda emerge da IM, ou Ikhwan, um instrumento britânico.

IM, quinta coluna contra Nasser – nacionalização do Suez, barragem de Aswan.

«*Al Qaeda emerged from the cultural and political milieu of the Moslem Brotherhood or* ***Ikhwan****, itself a creation of British intelligence in Egypt in the late 1920s. The US and the British used the Egyptian Muslim Brotherhood to oppose the successful anti-imperialist policies of Egyptian President Nasser, who scored immense victories for his country by nationalizing the Suez Canal and building the Aswan High Dam, without which modern Egypt would be simply unthinkable. The Muslim brotherhood provided an active and capable fifth column of foreign agents against Nasser*» [Webster G. Tarpley. "The CIA's Libya Rebels: The Same Terrorists who Killed US, NATO Troops in Iraq", TARPLEY.net, March 24, 2011]

Webster Tarpley (t) – Abordagens Bush e Obama – Discurso do Cairo, 2009.

Abordagem Bush, usar presença al-Qaeda como razão para ataque militar directo.

Método Obama, usar al-Qaeda para derrubar governos, particionar países.

Ou ainda, usar al-Qaeda como marionetas kamikaze contra Rússia, China, Irão.

Confraternização com terroristas sinalizada no discurso de Cairo, 2009.

«*The Bush approach was to use the alleged presence of Al Qaeda as a reason for direct military attack. The Obama method is to use Al Qaeda to overthrow independent*

governments, and then either Balkanize and partition the countries in question, or else use them as kamikaze puppets against larger enemies like Russia, China, or Iran. This approach implies a more or less open fraternization with terrorist groups, which was signaled in a general way in Obama's famous Cairo speech of 2009» [Webster G. Tarpley. "The CIA's Libya Rebels: The Same Terrorists who Killed US, NATO Troops in Iraq", TARPLEY.net, March 24, 2011]

Webster Tarpley (t) – al-Qaeda, aliada na Líbia, inimiga em AfPak.

al-Qaeda é aliada na Líbia, mas inimiga em Afeganistão e Paquistão.

Jihadis cirenaicos matam tropas NATO enquanto NATO protege a sua base na Líbia.

«*One of the fatal contradictions in the current State Department and CIA policy is that it aims at a cordial alliance with Al Qaeda killers in northeast Libya, at the very moment when the United States and NATO are mercilessly bombing the civilian northwest Pakistan in the name of a total war against Al Qaeda, and US and NATO forces are being killed by Al Qaeda guerrillas in that same Afghanistan-Pakistan theater of war. The force of this glaring contradiction causes the entire edifice of US war propaganda to collapse… In fact, terrorist fighters from northeast Libya may be killing US and NATO troops in Afghanistan right now, even as the US and NATO protect their home base from the Qaddafi government*» [Webster G. Tarpley. "The CIA's Libya Rebels: The Same Terrorists who Killed US, NATO Troops in Iraq", TARPLEY.net, March 24, 2011]

Arab Spring – Processos e resultados

Arab Spring – Saturação mediática e bombardeamentos de saturação.

Fumo e espelhos. Arab Spring, uma operação de fumo e espelhos. A fórmula, Saturação mediática e bombardeamentos de saturação.

Começa com a ficção Facebook, democracia, direitos humanos. Começa com a ficção da revolução de jovens, excitados com democracia, direitos humanos e o twitter.

Prossegue para a cínica e fria realidade neo-colonial. Depois da ficção, o que surge é a crua e fria realidade: massacres étnicos, campanhas de terror, mercenários e terroristas, bombardeamentos à distância, e arrogância colonialista.

Arab Spring – A concretização dos amanhãs cantantes.

Democracia ditatorial – Governo militar-islâmico, ascensão da IM. Democracia é o slogan, mas acaba após a primeira eleição. "Islamistas moderados" ganham o poder nos vários países – por exemplo, a Irmandade Muçulmana ganha o poder no Egipto e na Tunísia, a NFA ganha a Líbia. Nalguns casos, a influência salafita aumenta, ou é mesmo elevada ao poder, em parceria com militares – e isto é o padrão da Revolução Iraniana de 1979, que coloca os mullahs no poder.

Neo-liberalismo – a sátrapa multinacional. O que isto significa é que são economicamente neo-liberais e socialmente conservadores. Por outras palavras, estão disponíveis para reformas económicas drásticas, com a privatização e venda dos respectivos países a saldos a grupos multinacionais, bancos, fundações.

Conservadorismo social – sharia, supressão, caos social, grupos paramilitares. Ao mesmo tempo, mantêm a população suprimida por meio de caos, Sharia, força militar, grupos paramilitares. O padrão adoptado de sharia é uma versão atenuada da versão original, saudita. Esta versão tem o Comité para a Promoção da Virtude e Prevenção do Vício [Committee for the Promotion of Virtue and the Prevention of Vice], que impõe um código de vestuário, separação de sexos, e a observância das horas de oração.

Padrão comparável a fascismo europeu anos 30. A Arab Spring é algo comparável a ter uma coligação de forças armadas, bandos fascistas e corporações multinacionais a assumir poder sobre a Europa ocidental.

Arab Spring – Países onde a "libertação" envolve guerra e jihadismo.

Infraestruturas físicas e sócio-económicas devastadas – reconstrução. Abrindo as portas a grandes negócios em reconstrução parcial.

Destruição do estado-nação, partições étnicas, mini-estados. Países divididos por linhas étnicas e tribais.

Insegurança e instabilidade, interna e regional.

TARPLEY – O "people power coup" na Arab Spring.

"Aqui temos o grupo que prefere subversão a bombardeamentos".

"O método do people power coup, do post-modern coup, da color revolution".

Tarpley - people power coup, post-modern coup (o grupo que defende usar subversão em vez de bombardeamentos, o método do people power coup, do post-modern coup, da color revolution)

"Left-liberals, império através de métodos subversivos, e não brutalidade militar".

tarpley - us world empire, left-liberals (os left liberals afinal sempre foram imperialistas, apesar de discordarem com bush e cheney nos métodos – usar subversão em vez de força bruta militar.

"Nova geração do golpe pós-moderno".

"Ingredientes – Youth bulge, problemas económicos, vulnerabilidade a redes sociais".

tarpley - 2a geração do CIA people power coup, ingredients (2º geração, ou nova geração, do people power coup/color revolution/post-modern coup – ingredientes: youth bulge; vulnerability of these people to facebook, google, etc economic unrest)

"A revolução de cor é sucedânea ao putsch militar".

"Circo nas ruas e golpe de estado no background".

tarpley - revolução de cor como sucedânea do golpe de estado militar (a revolução de cor acontece quando o golpe de estado já aconteceu no background)

tarpley – cia people power coup - Tarpley - revolução de cor como sucedânea do golpe de estado militar2 (a revolução de cor acontece quando o golpe de estado já aconteceu no background – nas ruas apenas existe o circo do people power)

tarpley – cia people power coup (military coups por detrás das cenas e circo nas ruas, como no Yemen agora)

TARPLEY – Onda de desestabilização – Partição e balcanização.

“Marionetas CIA ganham vida própria como líderes nacionais, têm de ser derrubadas”. O problema que existe é que estes agentes estrangeiros, como Mubarak, rapidamente são capturados pela estrutura do estado-nação, e assumem o papel de líderes nacionais – portanto, têm de ser derrubados.

tarpley - CIA puppets, national leaders vs foreign agents (a marioneta torna-se mais um líder nacional que um agente estrangeiro, a governar uma ditadura standard do US world empire)

“Onda de desestabilização sobre estado-nação, similar a 1848”.

“Ideia é destruir e balcanizar, obter mini-estados ou governos muito manipuláveis”.

tarpley - guerra contra estado-nação, onda de desestabilizações (It is the war on the nation-state itself; tem paralelos com as revoluções de 1848; a ideia é ter uma wave of destabilizations para balcanizar e criar mini-estados, ou deixar governos bastante manipuláveis, em países como o egipto)

“Sudão a ser partido em 2, como Iraque foi partido em 3”.

“Plano Bernard Lewis – assalto e fragmentação contra países árabes”.

tarpley - aliança sunita contra xiitas, irão, sudão – partir o estado-nação – bernard lewis plan (objecto de unificar os estados árabes e sunitas contra os xiitas/Irão, China e Rússia – Sudão a ser partido em dois, da mesma maneira que o Iraque foi partido em 3 partes; plano Bernard Lewis, i.e., assalto aos países árabes)

“Brzezinski, da desestabilização do Irão, 1979, para Afeganistão – Isto dá em guerra”.

tarpley - brzezinski - iran 70s, afghanistan, soviet war (pense-se sobre como brzezinski foi da desestabilização do Irão em 1979, para o Afeganistão – este processo acaba em guerra)

TARPLEY – Particionar estado-nação do Médio Oriente – política Brzezinski.

Webster Tarpley – Entrevista – Destruir estado-nação, 5/6 mini-estados. (Destruir os estados-nação do Médio Oriente. 5/6 mini-estados. A política Brzezinski.)

Arab Spring, powered by…

Arab Spring, powered by neo-conservatism.

Michael Ledeen (2002) – "The real issue is how to destabilize".

"We do not want stability in Iran, Iraq, Syria, Lebanon, and even Saudi Arabia".

"The real issue is how to destabilize, to ensure the democratic revolution".

«*We do not want stability in Iran, Iraq, Syria, Lebanon, and even Saudi Arabia.... The real issue is not whether, but how to destabilize. We have to ensure the fulfillment of the democratic revolution*» Michael Ledeen, American Enterprise Institute, 2002 – The War Against The Terror Masters (NewYork: St. Martin's, 2002, 2003), pp. 172, 216

Robert Kagan – PNAC, Brookings, Arab Spring.

Fundador PNAC, Brookings. Robert Kagan é um dos fundadores do PNAC e um académico da Brookings Institution.

Ideólogo da revolução Egípcia. É citado pelo NY Times como um dos arquitectos da revolução egípcia: «*Brookings Institution scholar who long before the revolution helped assemble a nonpartisan group of policy experts to press for democratic change in Egypt*» ["Cheer Leaders", Peter Baker, The New York Times, February 13, 2011]

PNAC → FPI – Balcãs, Iraque, Arab Spring.

Neo-conservadores PNAC, Foreign Policy Institute.

Pressionam para intervenção na Líbia, tal como antes para Balcãs e Iraque.

«*In a distinct echo of the tactics they pursued to encourage U.S. intervention in the Balkans and Iraq, a familiar clutch of neo-conservatives appealed Friday for the United States and NATO to "immediately" prepare military action to help bring down the regime of Libyan leader Muammar Gaddafi and end the violence that is believed to have killed well over a thousand people in the past week. The appeal, which came in the form of a letter signed by 40 policy analysts, including more than a dozen former senior officials who served under President George W. Bush, was organised and released by the Foreign Policy Initiative (FPI), a two-year-old neo-conservative group that is widely seen as the successor to the more-famous – or infamous – Project for the New American Century (PNAC)*» ["Neo-Con Hawks Take Flight over Libya". Jim Lobe, IPS, February 25, 2011]

Arab Spring, powered by CNN and Facebook.

“Youth bulge”, como resultado de maior afluência económica. O aumento de população na última geração, como resultado de maior afluência económica por todo o Médio Oriente durante este período de tempo.

Permeabilidade a mass media, redes sociais, o “bennetton world”. Junto da juventude de classe média urbana – CNN, BBC, al-Jazeera, Facebook, Twitter e Youtube.

Expectativas de democracia e amanhãs cantantes. Os pontos anteriormente citados transmitem a ideia de um mundo de cor, afluência aparente, democracia e direitos humanos, à espera em anfiteatros TED e conferências UN em Nova Iorque.

Arab Spring, powered by Arianna Huffington.

“Social media will fuel change in the Middle East” (2010).

Talvez tenha sido o tiro de partida.

O Médio Oriente está a tornar-se “wired”.

Governos, ONGs, grupos, indivíduos, estão a usá-lo para mudar as suas sociedades.

Essa é a nossa melhor esperança para mudança de regime na região.

Se a mudança vier, será “bottom-up”, com média sociais a alimentar transformação.

«*…a new, countervailing trend is emerging: more and more of the Middle East is getting wired… All across the region governments, non-governmental organizations, groups and individuals are utilizing social platforms to impact their societies – politically, culturally and socially… No longer is our best hope for change in the region the far-too-often failed process of our government pressuring their governments. If fundamental change happens, it's going to come from the bottom up – with social media fuelling the transformation*» [“Social media will help fuel change in the Middle East”. Arianna Huffington, The Daily Star, Lebanon, December 13, 2010]

Arab Spring, powered by foundations and youth groups.

Fundações US – NED, FHF, AYM, etc. Freedom House Foundation; National Endowment For Democracy; AYM – The Alliance for Youth Movements; Movements.org; Centro de Resistência Não-Violenta.

Grupos e ONGs locais – Ex., April 6 no Egipto. Pode e deve ser mencionado que o April 6 é uma espécie de trupe irmã gémea do Otpor sérvio. Aliás, houve todo o género de mensagens de amor trocadas entre as duas organizações durante o circo da Tahrir.

NED – Albright – NED em acção no Egipto (Mar-2011).

Madeleine Albright ataca Mubarak e confirma que NED está em acção no Egipto. «*Former Secretary of State Madeleine Albright was interviewed by Rachel Maddow several weeks ago and revealed that Washington has already begun meddling. Albright denounced Egyptian ex-president Mubarak because "Beating people up is not the way to do it," and then confirmed that the National Endowment for Democracy was already hard at work in Egypt, even though Mubarak had not yet stepped down, building up infrastructure and supporting party development*» ["Uncle NED Comes Calling". Philip Giraldi, Antiwar.com, March 2, 2011]

Arab Spring, powered by Arab despotism.

Ditaduras árabes e norte-africanas. Estes regimes têm falhas e culpas óbvias, sendo regimes despóticos, opressivos e corruptos.

Sátrapas militares. Essencialmente, respondentes ao bloco atlântico, mas aqui as coisas são complexas e multivariadas – alianças com China, Irão, Rússia, Brasil, são frequentes.

Vastos estados policiais – o exemplo da Tunísia [estado policial, velho e novo]. Num país de 10M de pessoas, o regime de Ben Ali empregava um mínimo de 250.000 para espiar, intimidar, torturar, incriminar, e assassinar, os seus concidadãos. Com a revolta, houve umas poucas mudanças no topo, mas a maior parte do pessoal contratado pelo Ministério do Interior de Ben Ali permanecem no cargo. Os extensivos ficheiros de espionagem recolhidos durante os anos de Ben Ali permanecem fechados a escrutínio público.

Arab Spring, powered by Wall Street.

Tsunami de especulação precede tsunami de desestabilização. Com destaque para o que se passou com a especulação nos preços de cereais, de 2008 em diante. O aumento drástico dos preços da comida nestes países é um factor determinante para os primeiros protestos e motins. A título de exemplo, nesta fase o Egípcio médio está a gastar metade dos seus rendimentos em comida.

Argélia, Tunísia, Egipto, Yemen. E, fora do circo primaveril, Moçambique, Haiti, etc.

Arab Spring, powered by neo-colonialism and the global depression.

Estado-nação, proteccionismo. Os regimes atacados podiam ser horríveis nos mais variados sentidos, mas tinham alguma noção de independência e proteccionismo interno. Por outras palavras, o FMI não conseguia forçar Mubarak a privatizar Aswan e

o Suez [este cenário muda com a IM e os militares] – existia alguma noção de coesão e protecção territorial, quando mais não fosse em nome das oligarquias locais. O estado-nação, aqui, funcionava como a literal barreira a predadores externos.

Neo-colonialismo global exige saque, privatização, internacionalização.

Caos, volatilidade e conflito permitem lucros. Os maiores lucros são sempre feitos com desestabilização, volatilidade, conflito.

Usar caos e reconstrução para colateralizar Depressão. Last but most definitely not least. O caos nos países árabes tem sido um factor estabilizador q.b. para as estruturas de derivativos da alta finança, e os bens adquiridos e produzidos por este caos são literal colateral para alimentar essas estruturas. Estamos a falar de investimentos em recursos e território, armas, empréstimos e garantias aos novos governos, especulação à volta de comodidades como gás e petróleo, reconfigurações nos mercados financeiros, e por aí fora. O fluxo de capitais possibilitado por uma vaga de revoluções e desestabilizações permite manter toda uma série de estruturas intactas e, mais que isso, em expansão.

Arab Spring, powered by Obama (Watt, PNAC).

WATT – Obama congratulado por Rumsfeld, PNAC.

Pretexto de trazer democracia pelo mundo fora.

Obama congratulado por Rumsfeld, por continuar na mesma tradição.

AWObamaRumsfeld: pretexto de trazer democracia pelo mundo fora – obama congratulado por rumsfeld do PNAC, por continuar na mesma tradição.

- *AWObamaRumsfeld*

apr7 - obama congratulated by rumsfeld, PNAC (pretending with this farce that this is to bring democracy across the world – obama congratulated by rumsfeld of PNAC, for carrying out the same tradition)

Arab Spring, powered by IM and al-Qaeda.

A ascensão Salafi jihadi, da I Guerra do Golfo a Afeganistão e Iraque. O Salafismo advoga a emulação da Salaf: as gerações iniciais de companheiros e discípulos de Mohammed. É a forma de Islão seguida pela al-Qaeda e tem vindo a tornar-se progressivamente mais poderosa e influente, desde a I Guerra do Golfo, mas especialmente após as invasões de Afeganistão e Iraque.

IM e al-Qaeda patrocinam todas as vagas do tsunami de desestabilização. IM e al-Qaeda patrocinam publicamente as revoltas na Argélia, Tunísia, Iémen, Egipto, Líbia, e Síria.

Arab Spring, the tsunami begins

Arab Spring – O início do tsunami de desestabilizações.

Tunísia, Yemen, Argélia. O espectáculo começa com Tunísia (final de 2010), e motins na Argélia e no Iemen. [Yemen: New frontier in US 'war on terror']

Argélia – Background.

GIA e AQIM. Na Argélia, existe o GIA, de mujahideen "afegãos". Depois, também existe a "Al Qaeda in the Islamic Maghreb".

Terrorismo anti-francês – revolta de 1992 mata 100.000 pessoas. In Algeria, a 1992 army coup following electoral gains by radical Islamist parties spawned a violent insurgency. More than 100,000 Algerians were killed in a savage conflict between the state and Islamist extremists before the insurgency waned in the mid-1990s.

Egipto. Passa depois para o Egipto.

Tsunami de golpes anglo-americanos, para derrubar caciques militares [Artigos]. Anglosphere Plots Color Revolutions Around the World; Dictators are Disposable – The Rise and Fall of America's Military Henchmen; Color Revolutions, Old and NewM Tunisian Wikileaks Putsch - CIA Touts Mediterranean Tsunami of Coups

CFR e ICG – Após Tunísia, Argélia, Egipto, Líbia (Jan-2011).

(1) Elliott Abrams, CFR, co-fundador PNAC.

"Is Tunisia next?" – Quando Tunísia cair, isso espalha-se a Argélia, Egipto, Líbia.

«*…when that regime does fall, what happens next will be significant throughout the Arab world. If Tunisia can move toward democracy, Algerians and Egyptians and even Libyans will wonder why they cannot*» ["Is Tunisia Next?" Elliott Abrams, Council on Foreign Relations, January 7, 2011]

(2) Robert Malley, ICG – "Very few Arab leaders wouldn't be on the list".

Malley gere secção Médio Oriente e Norte de África para o ICG. Robert Malley gere a secção do Médio Oriente e Norte de África para o International Crisis Group (ICG),

uma organização que existe com o dinheiro de George Soros e com a orientação táctica de Zbigniew Brzezinski.

Após queda de Ben-Ali, todas as árvores da floresta árabe podem estar prestes a cair. A 16 de Janeiro de 2011, Malley disse ao Washington Post que todas as árvores da floresta Árabe poderiam estar prestes a cair: «*We could go through the list of Arab leaders looking in the mirror right now and very few would not be on the list*» [Overthrow of Tunisian president jolts Arab region - The Washington Post]

Arab Winter, uma breve narrativa

A destruição radical que é causada por terroristas económicos e por jihadis.

Microestados balcanizados e privatizados – Fascismo corporativo.

Irmandade Muçulmana: de arma britânica a instrumento Abwehr a nihilismo actual.

A situação crónica em que Israel fica.

Os radicais do Norte de África e al-Andalus.

A destruição radical que é causada por terroristas económicos e por jihadis.

Ocidente: Terrorismo económico e securitização.

Médio Oriente: Golpes, invasões, saque de recursos para colateralização de derivativos. O mundo pós-moderno é um mundo onde tudo o que se move pode ser financializado e securitizado, em prol de algumas casas de investimento. Quando essas casas destroem a economia na roleta deliberadamente desregulada do casino, isso nunca é tratado como aquilo que objectivamente é – terrorismo financeiro. Entretanto, enquanto a economia é sujeita a esse reino de terror, temos uma guerra contra o terror, envolvendo invasões e golpes de estado em terras distantes (e, pelo meio, privatizar os recursos dessas terras distantes para colateralizar derivativos), e a securitização geral das sociedades ocidentais – sob a ideia de "combater extremismo e terrorismo".

Terroristas são maus, outras vezes bons, é fluido, relativo, mindless. Extremistas e terroristas são maus, muito maus. Porém, há situações onde são bons.

São bons na Líbia e no Golfo – a roleta russa sem câmaras vazias. Na Líbia são bons, portanto é legítimo que recebam assistência externa para destruir o país. Da mesma forma, é legítimo que adquiram o Tesouro e as armas do antigo regime, e usem estes meios para exportar a sua própria bondade terrorista. Mas, se o fizerem no Mali, já voltam a ser maus. Na Síria, os terroristas também são bons. São treinados e coordenados por forças especiais de países NATO, e recebem jihadis, fundos e armas dos "bons" estados do Golfo. Os "bons" estados do Golfo, por enquanto, são bons. Chegará o dia em que serão maus. Nestes jogos de roleta russa, não existe nenhuma câmara vazia, e todos são forçados a jogar. É só uma questão de *timing*.

Na Síria são bons, a não ser que atravessem para Iraque. Os terroristas sírios são bons, excepto quando atravessam as planícies de Deir El-Zaur e entram no Iraque; aí, tornam-se insurgentes.

AfPak, são bons, maus, quem sabe? É a situação inversa do panorama no eixo AfPak. Os terroristas afegãos são maus quando estão no Afeganistão, mas parecem ter os seus

méritos quando vão atacar alvos no Paquistão (e são heróis quando vão para a Líbia ou para a Síria). E às vezes a situação varia, às vezes é preciso enviar drones Predator para atacar alvos afegãos dentro do Paquistão. Os resultados de tudo isto são uma boa velha limpeza étnica de *pashtun* (os reais alvos de toda esta fase da guerra), e pressões contínuas para a fragmentação gradual dos dois países em mini-estados étnicos sob conflito permanente. Mas a BP e a Exxon estarão lá, a gerir dois ou três desses mini-estados.

Microestados balcanizados e privatizados – Fascismo corporativo.

Balcanização e partição em micro-estados privatizados. (na continuação do anterior) Esse é o padrão essencial da actual operação a sangue frio sobre o Médio Oriente. Antigos estados-nação são balcanizados em diferentes regiões étnico/tribais. Essas regiões são depois colocadas sob a tutela de diferentes fundos de investimento e companhias multinacionais. Esse é o padrão seguido em Iraque e Afeganistão e será sem dúvida o padrão seguido em sítios como Líbia e Síria. A Tunísia e o Egipto são casos à parte: é difícil parti-los etnicamente, mas podem ser tão adquiridos por interesses multinacionais como qualquer outro país, e é precisamente isso que tem vindo a acontecer. Naturalmente, a UE tem tido um papel determinante nesse processo, o que entra em linha com a sua estratégia de expansão norte-africana.

O modelo do Fascismo corporativo: banqueiros, militares e radicais. Enquanto recursos e territórios são privatizados e saqueados, há que dar um emprego a todos aqueles padres fanáticos, combatentes, gangsters, militares corruptos, e outras formas de vida, que foram entretanto usados para derrubar o antigo regime. Aí basta usar o modelo clássico do fascismo/corporatismo: enquanto o país é adquirido por consórcios, estes pouco recomendáveis gangs são utilizados para brutalizar e conter a população. Neste momento, os frutos disto são limpezas étnicas sobre a população negra da Líbia, perseguição generalizada a Coptas no Egipto, imposição de formas de sharia em todos os territórios libertados, violência de bairro, agressões, raptos, homicídios.

Irmandade Muçulmana: de arma britânica a instrumento Abwehr a nihilismo actual. De relevância em tudo isto, a Irmandade Muçulmana, a actual geração dos Ikhwan. Estes Ikhwan são demonstravelmente responsáveis pela difusão de Islamismo deturpado e terrorístico que tem vindo a afectar o Médio Oriente de há décadas para cá. Existem versões para todos os gostos: Sunni ou Shia, com diferentes sabores pelo meio. Todas se baseiam numa interpretação ultra-literalista e perturbada da sharia, como não existia desde o reino de terror de al-Ghazali na Idade Média. A Irmandade Muçulmana foi criada pelos britânicos nos anos 20, para actuar como falange proto-fascista na região – uma força que criasse caos e desestabilização a comando. Mais tarde, o feitiço virou-se temporariamente contra o feiticeiro, quando a Irmandade aceitou ser o braço árabe da Abwehr Nazi, durante a II Guerra. Desde então, a Irmandade devotou-se a

inúmeros actos de terrorismo, e foi a mãe organizacional de grupos como a al-Jamaat ou a al-Qaeda. Hoje em dia, a Irmandade afirma ser uma organização moderada e dialogante, e está a assumir o poder político na generalidade do mundo árabe "libertado". Mas é claro que, assim que a Irmandade chega ao poder, começa o movimento gradual para implementação de sharia, e os gangs fanáticos na rua perdem todo e qualquer sentido de contenção que antes pudessem ter exibido.

A situação crónica em que Israel fica. E em que situação é que Israel fica, em tudo isto? Neste momento, essa situação parece ser objectivamente má, e destinada a piorar, à medida que a "libertação" árabe continuar a alastrar pela região. Neste momento, Israel está claramente a tentar ter uma palavra a dizer sobre o futuro de Egipto e Síria. Ao mesmo tempo, está a travar uma guerra de palavras com altos responsáveis europeus, e a tentar obter garantias de apoio americano continuado. Talvez os amigos de hoje venham a ter uma postura bastante fria e indiferente amanhã. E o facto é que o estado Judaico está lentamente a ser rodeado de facções extremistas, que o vêm (what's new) como um alvo a abater. Essas facções talvez não tenham gás VX ou outras armas sofisticadas. Mas têm milhares de jihadis fanatizados, bem armados, com treino e experiência em guerrilha urbana. O caos que reina sobre a região dificilmente permitirá uma investida concertada contra Israel no espaço dos próximos anos, talvez até da próxima década. Mas é bastante provável que ela venha. O DebkaFile é conhecido por ser um outlet "informal" dos serviços de segurança israelitas. Um "Special Report" de 24 de Outubro de 2011 fazia notar, de um modo bastante desencantado, que o bloco ocidental não parece ter grandes problemas em entregar sociedades libertadas ao jugo de ferro de regimes fundamentalistas islâmicos ["US and NATO allies vie over 'kudos' for Qaddafi's termination"]. As conclusões do artigo pecam por ser escassas, e tímidas. Desde o início das revoluções que os líderes fundamentalistas nos vários países "libertados" têm vindo a fazer duas exigências essenciais: 1) estabelecimento do Califado, uma união regional de estados fundamentalistas; 2) Jihad contra Israel. A declaração mais importante neste sentido foi feita por Mohammed Badie, o "líder espiritual supremo" da Irmandade Muçulmana, que afirmou que a criação de Israel foi a pior catástrofe que alguma vez atingiu o mundo, e que todos os muçulmanos têm o dever de combater a jihad pela "libertação" de Jerusalém. A aliança histórica com a Abwehr deixa as suas marcas. Parece-me evidente que, nesta altura, como em qualquer outra, Israel tem de estar à altura daquilo que representa, e fazer aquilo que é certo, e não aquilo que parece ser situacionalmente apropriado. Se fizer isso, a promessa foi feita, "os vossos olhos o verão e vós direis, 'O Senhor é grande para além do território de Israel'".

Os radicais do Norte de África e al-Andalus. O que é que acontecerá quando Mauritânia, Marrocos, Argélia, caírem sob os golpes de "libertação" destes ambíguos combatentes, e dos seus patrocinadores externos? O colapso geral desses países é

previsível, e será o pior dos cenários. Entre outras coisas, implicará que teremos vagas de refugiados, e de outros migrantes ilegais, a tentar atravessar o Mediterrâneo. Tentarão tudo por tudo para chegar a al-Andalus, a terra onde a comida abunda e toda a gente é rica – é isto que lhes foi contado. O que acontecerá nessa situação? É vital antecipar, é essencial debater, e é urgente evitar.

Argélia e Mali

ARGÉLIA – Refinaria – Consequência da guerra Líbia – Empowerment AQIM.

Artigos. [AFP- Algeria 'kills 50 people' in strike on Islamists; Algerian forces launch operation to break desert siege; Mokhtar Belmokhtar removed from his command in the Sahel by AQIM; Algeria attack- Mokhtar Belmokhtar, the one-eyed gangster behind the raid – Telegraph]

Sequestro de refinaria, pelo Batalhão de Sangue de Belmokhtar. O ataque é perpetrado no início de 2013, sobre um complexo de refinarias, operado por um consórcio BP, Statoil (Noruega) e Sonatrach (Argélia). O grupo terrorista é o Batalhão de Sangue, um offshoot da AQIM, comandado por Mokhtar Belmokhtar, veterano jihadi argelino. São feitas centenas de reféns, incluindo vários europeus e americanos, bem como nacionais de América do Sul, Ásia, Oceânia.

Coincide com início das hostilidades no Mali. Isto acontece durante o início das hostilidades no Mali, ainda na primeira semana.

Governo argelino contra-ataca rapidamente, esmaga sequestro. O governo de Abdelaziz Bouteflika respondeu de imediato, com um ataque surpresa que teve, porém, a desvantagem inegável de matar bastantes reféns.

Apenas mais uma consequência da guerra civil na Líbia.

Jihadis na Líbia, AQIM, asseguram poder sobre arsenais, exportam violência. A operação terrorista na Argélia é, antes de mais, uma consequência da guerra civil na Líbia. Durante a guerra civil, o "exército de libertação", composto essencialmente de jihadis obtém apoio logístico NATO e acede aos arsenais de estado de Khadafi. Isto tem várias consequências directas. A primeira é o empowerment destes grupos para conduzir uma guerra civil/étnica/ideológica, que perdura e continuará a perdurar. A segunda é a exportação de capacidades militares e humanas.

Síria, Mali, Argélia, Sahel em geral. Os primeiros beneficiários disto são os jihadis sírios, a quem o comando de Tripoli presta apoio directo e indirecto (neste caso, através da Turquia), desde o primeiro dia. Mas a exportação de conflito jihadi também abarca todo o Sahel.

Al-Qaeda magrebina, "ground army" NATO, mais poderosa que nunca antes. Agora, a Al-Qaeda no Maghreb Islâmico está numa situação sem precedentes: tem toda uma série de baluartes muito poderosos na Líbia, a partir dos quais pode conduzir exportação de violência, para sítios como Mali, Argélia, o Sahel em geral e, mais cedo ou mais tarde, o Mediterrâneo. Essa condição, com efeito, encoraja a organização a seguir esta direcção e a cometer estes actos arrojados. E, é preciso não esquecer que a AQIM só

chega a esta posição (e só se mantém nela) por funcionar como o exército da areia da NATO.

O elemento dialéctico essencial para a entrada do AFRICOM na região. E, sem dúvida que a entrada de tropas internacionais (AFRICOM) no continente depende da existência deste adversário dialéctico.

ARGÉLIA – Provocação NATO – Boa resposta de Bouteflika.

Contexto: fantasma da guerra civil – Jihadismo, divisões tribais, persistentes na Argélia. Durante os anos 90, a Argélia é envolvida numa guerra civil sangrenta, resultando na morte de 200,000 pessoas. O conflito é entre o governo e a sua base de apoio tribal, de um lado, e todo um conjunto de milícias jihadis e tribais, do outro lado. O lado jihadi é liderado por organizações de tipo al-Qaeda como o GIA, Grupo Islâmico Armado. A derrota dos radicais não acaba com os impulsos radicais na sociedade argelina. É uma situação similar à da Líbia, onde as divergências ideológicas são essencialmente subsidiárias de questões mais profundas envolvendo rivalidades tribais e étnicas.

Países NATO provocam Bouteflika para vacilar, o que encorajaria jihadis internos. O governo de Abdelaziz Bouteflika respondeu de imediato, com um ataque surpresa que teve, porém, a desvantagem inegável de matar bastantes reféns. É preciso contrastar a resposta dos argelinos com a apatia negocial exigida na altura pelos países da NATO. Grã-Bretanha, EUA, França, procuraram incentivar Bouteflika a esperar, ter paciência, eventualmente negociar com os terroristas. Da mesma forma, criticaram violentamente o governo pela sua resposta "impulsiva", quando ela veio a concretizar-se.

Reacção de Bouteflika estabelece tampão imediato para Argélia, Marrocos. É fácil de antecipar o que teria acontecido se Bouteflika tivesse vacilado perante a célula da al-Qaeda. Isso teria encorajado a oposição extremista interna que ficou dos anos 90, significando que a Argélia estaria agora numa situação bastante mais complicada do que aquela em que está. Estaria certamente a passar por vagas de atentados, choques de rua. Isso, por sua vez, encorajaria os Ikhwan marroquinos dos extremistas argelinos a fazer o mesmo. O que Bouteflika faz é muito importante: mostra que a Argélia não está disposta a jogar jogos.

ARGÉLIA – Mokhtar Belmokhtar [perfil].

"Testemunhas de Sangue". O grupo terrorista em causa é o "Signatories for Blood", aka "Witnesses of Blood", aka, "Battalion of Blood" [the Crips and the Bloods].

O perfil de Belmokhtar. O comandante do grupo é o jihadi veterano, al-Qaeda, Mokhtar Belmokhtar, argelino. É mais uma figura lendária no *graduation book* da CIA, tendo feito o habitual estágio no Afeganistão (anos 80 e 90) e, depois, partido para uma vida

de aventura, criminalidade, terrorismo internacional. Em primeira instância, junta-se ao GIA (Grupo Islâmico Armado, Armed Islamic Group) e, depois, GSPC (Grupo Salafista para Pregação e Combate, Salafist Group for Preaching and Combat). É nesta qualidade que ajuda a combater a jihad contra o estado secular argelino. A jihad falha e, da reorganização destes gangs de coiotes do Sahara, sai a AQIM (Al-Qaeda in the Islamic Maghreb), o novo umbrella group para todos estes grupos. Pelo meio, chega a ter a posição de emir, numa gang land do sul da Argélia. A intelligente francesa cognomina-o de "The Uncatchable" e os americanos vêem-no como o principal "fixer" na região do Sahara. Belmokhtar talvez prefira Khaled, ou Khaled Abul Abbas, o seu pseudónimo no quadro de RH da CIA, durante o período afegão. É conhecido como "Mister Marlboro" pelos locais, pelo seu esquema de tráfico de cigarros. Na AQIM, é o líder de uma katiba, uma unidade de combate, à qual chama "unity of turbans". Este gang usa ainda vários pseudónimos, tais como Masked Brigade, Khaled Abul Abbas Brigade (algo na linha de Snoop Dog Gang, ou algo deste género). Jon Marks, especialista regional para Chatham House, diz que «*he is a pirate king of the Sahara… But like most of these Algerian groups he mixes criminality with ideology, with the balance on either aspect of depending on the circumstances…*». Sendo um especialista de Chatham House (i.e., Royal Institute of International Affairs), sabe bem que não se deve misturar ideologia com trabalho, o trabalho vem sempre primeiro; mas tem bastante experiência em pirataria internacional.

Reciclado pela AQIM para trabalho argelino. A carreira formal de Belmokhtar na AQIM é alegadamente terminada em finais de 2012, quando ele e a organização "rompem laços". Logo a seguir, Belmokhtar e o seu gang fazem o trabalho argelino. É bastante óbvio que a AQIM não pretendia ter o seu nome directamente associado ao atentado. A rogue cell did it. Afinal de contas, a AQIM está a começar a ganhar algum peso institucional no Norte de África.

MALI.

Rebelião iniciada por Tuaregues, cooptada por al Qaeda. A AQIM e os restantes grupos Salafi que se envolvem no confronto, como a Ansar al-Din, são grupos etno-identitários, subscrevendo ideais de supremacismo racial Árabe. Desprezam grupos como os Tuaregues, vistos como racial e culturalmente inferiores. A rebelião no Mali é iniciada precisamente pelos Tuaregues, que a lançam no início de 2012 contra o governo do Mali, e capturam o controlo do norte do país.

Salafi são supremacistas Árabes – desprezam e marginalizam Tuaregues. Os Salafis oferecem assistência aos Tuaregues e, eventualmente, assumem o papel de comando nas operações. Na sequência, marginalizam as tribos Tuareg.

Estabelecimento de emirados. Com os jihadis dos vários grupos umbrella da AQIM, como a Ansar al-Din, a ocuparem localidades do norte do Mali e a estabelecerem lá os seus vários emirados.

Sharia extrema, purgas, perseguições. A notar que, quando a AQIM captura Timbuktu e outras povoações no Mali, implementa de imediato a sua própria forma de governo, baseada em sharia gnosticizante, i.e., ultra-legalística. Isto implica purgas culturais, mutilações, amputações, decapitações e os usuais actos de brutalidade sobre mulheres; muitas residentes locais são violadas, ou forçadas a casamento e prostituição. Da mesma forma, implica queimar livros antigos, condenados pelos salafi, que favorecem iliteracia.

França, ECOWAS. O Mali não tem qualquer capacidade de defesa própria. A invasão destes gangs provenientes da Líbia e de outras regiões leva à intervenção da França e da ECOWAS.

ATTALI – Propaganda e o poder das palavras.

ATTALI – "A palavra pode ser uma arma mortal".

«*A palavra pode ser uma arma mortal*» Jacques Attali (2006), "Uma Breve História do Futuro", p. 30.

ATTALI – "Propaganda é a principal arma para o futuro".

«*Por fim – e, possivelmente, o mais importante de tudo –, como para se ganhar qualquer guerra é preciso que os povos envolvidos a considerem justa e necessária, que os cidadãos se mantenham leais e continuem a acreditar nos valores reivindicados, as principais armas do futuro serão os instrumentos de propaganda, de comunicação e de intimidação*» Jacques Attali (2006), "Uma Breve História do Futuro", p. 224

ATTALI.

Attali – “Multiplicação dos conflitos, migrações, disputas, guerras”.

Violência do dinheiro seguida da violência das armas. «*Depois da violência do dinheiro virá a violência das armas*» (p. 201)

Desigualdades, frustração, multiplicação de conflitos, vastas migrações.

Disputas territoriais, inúmeras guerras, ditaduras militares. «*...as desigualdades e o sentimento de frustração tenderão a agravar-se; assistiremos à multiplicação dos conflitos e ao aparecimento de grandes movimentos de população... populações disputarão territórios, inúmeras guerras terão lugar... ditaduras militares assumirão o poder.*» (p. 18-19) Jacques Attali, “Uma Breve História do Futuro” (2006)

Attali – “Os pobres como um mercado em megacidades violentas e neo-feudais”.

Pobres como um mercado, nómadas na miséria atravessarão fronteiras. «*...os pobres passarão a constituir um mercado entre vários outros... inventar-se-ão espectáculos e desportos para distrair os sedentários, enquanto massas imensas de nómadas na miséria atravessarão as fronteiras à procura de meios de subsistência...*» (p. 18-19)

Megacidades hiper-violentas. «*As cidades, onde se encontrarão todas as formas de alienação... serão os locais onde a revolta se fará sentir com maior intensidade. Aí se encontrarão cada vez mais criminosos em série, aí proliferarão os assassínios*.» (p. 212)

Megacidades pobres e miseráveis – Bairros ricos fortificados. «*Estas grandes cidades não serão, essencialmente, mais do que justaposições de casas precárias, desprovidas de serviços de recolha dos lixos, de saneamento básico, de polícia, de hospitais, em torno de alguns bairros ricos transformados em bunkers e protegidos por mercenários.*» (p. 135) Jacques Attali, “Uma Breve História do Futuro” (2006)

Attali – “Com desconstrução dos estados, hiperviolência urbana”.

Desconstrução do Estado, Lei e polícia.

Gangs, máfias, terroristas, tornam-se agentes essenciais da economia e geopolítica. «*Quando a desconstrução debilitar os Estados, enfraquecendo o direito e a polícia, a violência tomará conta da vida pública e privada... [máfias, gangs, e movimentos terroristas] tornar-se-ão agentes essenciais da economia e da geopolítica.*» (p. 206)

Combates de rua com mercenários – Populações civis enredadas nos combates. «*Mercenários... procederão a combates de rua nos bairros ocupados pelos grupos mafiosos... as populações civis serão enredadas nestes conflitos.*» (p. 237)

Jacques Attali, "Uma Breve História do Futuro" (2006)

Attali – "Quatro tipos de conflitos eclodirão".

Guerras de recursos, fronteiras, influência, e entre piratas e sedentários. «*Quatro tipos de conflitos eclodirão...guerras motivadas pela escassez, guerras de fronteiras, guerras de influência, guerras entre piratas e sedentários*» (p. 231) Jacques Attali, "Uma Breve História do Futuro" (2006)

Attali – "Migrações em massa, do Arc of Crisis para a Europa".

...e da China para a Rússia.

Dezenas de milhões por mês.

A entrar na Europa por todas as entradas possíveis.

«*...um número considerável de chineses invadirá aos poucos a Rússia... massas cada vez mais numerosas precipitar-se-ão para as portas do Ocidente. Hoje são já centenas de milhar todos os meses; mais tarde serão milhões, e depois dezenas de milhões... os seus principais pontos de passagem serão as fronteiras* ***entre a Rússia e a Polónia, entre a Península Ibérica e Marrocos, entre a Turquia e a Grécia, entre a Turquia e a Bulgária, entre a Itália e a Líbia****, e entre o México e os Estados Unidos.*» (p. 136) Jacques Attali, "Uma Breve História do Futuro" (2006)

Attali – "Pirataria marítima, ataques biológicos, navios suicidas".

Pirataria: Mediterrâneo, Caraíbas, Malaca, eixos de passagem terrestres. «*...a pirataria marítima... continuará a aumentar, em particular na região do estreito de Malaca, por onde passa cerca de metade do comércio petrolífero mundial, e nas Caraíbas, onde circulam cada vez mais navios carregados de droga. O Mediterrâneo voltará a ser um lugar particularmente sujeito a saques. O mesmo acontecerá nos eixos que atravessam os desertos e nos bairros populosos das grandes cidades, tanto do Sul quanto do Norte*»

Pirataria: lugares de turismo em massa.

Tudo aquilo que se move será encarado como um alvo e uma arma.

Cortar linhas de comunicação, interromper trocas, comércio, circulação.

Ataques no mundo real e no mundo virtual.

«*A pirataria continuará também a incidir sobre os lugares de turismo em massa... Tudo aquilo que se desloca será encarado pelos piratas simultaneamente como um alvo e como uma arma: avião, camião, comboio, barco e todas as redes de comunicação. Os piratas – religiosos, niilistas ou simplesmente criminosos – atacarão de surpresa, para assustar, procurando não apenas lucrar com o roubo, mas também cortar as linhas de comunicação, fechar os estreitos marítimos, interromper as trocas, o comércio, o turismo, a circulação. Atacarão as terras – reais e virtuais – do Império com vírus – reais e virtuais –, transformando as primeiras vítimas em armas nómadas que semearão a morte em seu redor*»

Navios suicidas explodem em pleno Mediterrâneo. «*Um dia, talvez menos distante do que supomos, veremos também piratas de miséria, sem motivações teológicas, suicidarem-se nos centros das cidades europeias. Veremos ainda em directo, na televisão, navios suicidas vindos do Sul, carregados de crianças, explodir em pleno Mediterrâneo*» (p. 236/237) Jacques Attali, "Uma Breve História do Futuro" (2006)

Attali – "Secessões, guerras civis, genocídios".

Secessões – separatismo étnico – Numerosas guerras civis.

Genocídios, com as armas mais mortíferas. E quem é que lhas vai dar, quem será, Jacques?

«*Algumas cidades passarão mesmo por situações de secessão; minorias étnicas ou linguísticas reivindicarão a sua independência; divisões de território darão origem a disputas. Deveremos, assim, esperar numerosas guerras civis e, como sempre, assistiremos à designação de bodes expiatórios a eliminar. Como sempre, serão perpetrados genocídios, com as armas mais mortíferas*» (p. 234) Jacques Attali, "Uma Breve História do Futuro" (2006)

Attali – "Hiperconflito, da Rússia ao Sul de Espanha"

Conflitos: China-Rússia, EUA-China, Turquia-Irão.

Violentas guerras civis nas costas da Rússia – Companhias petrolíferas.

Sibéria, Marrocos, Argélia, Sul de Espanha, campos de batalha. «*Conflitos motivados pelo petróleo poderão eclodir também na Ásia Central, entre a China e a Rússia, entre os EUA e a China, entre a Turquia e o Irão... na costa da Rússia, onde se encontra um elevado número de oleodutos, despontarão violentas guerras civis, muitas vezes financiadas por companhias petrolíferas rivais, que devastarão as regiões de*

trânsito...a Sibéria, Marrocos, a Argélia, o Sul de Espanha poderão converter-se em campos de batalha» (p. 232-3) Jacques Attali, "Uma Breve História do Futuro" (2006)

Attali – "EUA polícia do mundo até 2035".

EUA deixarão de gerir mundo em 2035. «*Por volta de 2035, no culminar de uma longa batalha... os EUA, império ainda dominante, serão vencidos por esta globalização dos mercados... deixarão de gerir o mundo*» (p. 18)

Por esta altura, EUA voltar-se-ão para defesa exclusiva do território americano. «*Um milhão de soldados americanos permanecerão, por algum tempo [até 2035], espalhados por quatro continentes, apoiados por milhares de aviões e navios, antes de se voltarem para a defesa exclusiva do território americano*» (p. 225)

Jacques Attali, "Uma Breve História do Futuro" (2006)

BAS – The U.S. military's quest to weaponize culture.

[Bulletin of Atomic Scientists, sobre COIN no Paquistão e acções similares]

BIOMETRIA – Uso de biometria sob lei marcial no Iraque e no Afeganistão.

BATS. O Biometric Automated Toolset System (BATS) começa por ser utilizado em populações prisionais, mas depressa é expandido a contextos civis, em checkpoints, inspecções caseiras, patrulhas, etc.

Iris scans, fingerprinting digital, recolhas de sangue, etc – Bases de dados. Soldados em patrulha, checkpoints, etc, começam a usar estas e outras técnicas de inspecção biométrica sobre milhões de pessoas na população civil iraquiana. O mesmo acontece no Afeganistão. Os dados são recolhidos e armazenados pelo CentCom e, mais tarde, pelo Department of Defense. Neste momento, existe uma enorme base de dados contendo toda esta informação, nas mãos do Pentágono. Isto inclui o Department of Defense DNA Registry, com dados genéticos. [ver por ex, U.S. Holds On to Biometrics Database of 3 Million Iraqis, WIRED Magazine]

Prelúdio para uso de mesmas técnicas em casa. As bases de dados já existem, contendo todos os dados que é possível obter sobre cada indivíduo. Incluem bases de dados militares com amostras de DNA, recolhidas à nascença. O uso de biometria digital está a tornar-se um lugar-comum em aplicações público-privadas. Tudo o que falta, se isso for tolerado e permitido pelas populações, são os checkpoints e as patrulhas militarizadas nas ruas; conduzirão scans directos e presenciais, como em quaisquer outros territórios sob domínio neo-colonial.

Guerra genética, biométrica. Ver apontamentos sobre Tecno-Eugenia. Hoje em dia, existe um domínio de guerra bioquímica especializado em guerra genética. A ideia é criar vírus (cadeias de RNA) custom-made para determinados marcadores e combinações genéticas. Um vírus deste género pode ser específico, custom-designed, para todo um grupo populacional, mas também para indivíduos específicos.

BRZEZINSKI – América, instrumento descartável para construir império global.
A posição dominante da América vai durar mais uma geração, ou pouco mais. Depois disso, o legado do Império Americano é um sistema internacional chefiado pelas Nações Unidas.

A América é a primeira (e última) superpotência realmente global.

«*In the long run, global politics are bound to become increasingly uncongenial to the concentration of hegemonic power in the hands of a single state. Hence, **America is not only the first, as well as the only, truly global superpower**, but it is also **likely to be the very last***»

A primazia americana está assegurada por uma geração ou pouco mais.

«*In that context, for some time to come—for more than a generation—America's status as the world's premier power is unlikely to be contested by any single challenger. No nation-state is likely to match America in the four key dimensions of power (military, economic, technological, and cultural)*»

Após o que, a liderança global americana desvanecer-se-á.

«*Accordingly, once American leadership begins to fade, America's current global predominance is unlikely to be replicated by any single state*»

Qual será o legado do Império americano?

«*Thus, the key question for the future is "What will America bequeath to the world as the enduring legacy of its primacy?"*»

O propósito do globalismo americano é o de forjar um "quadro duradouro de cooperação geopolítica, para gestão global".

«*…the purpose of America's global engagement… that of forging an enduring framework of global geopolitical cooperation… to create a geopolitical framework that can absorb the inevitable shocks and strains of social-political change while evolving into the geopolitical core of shared responsibility for peaceful global management*»

Três pólos de integração política e económica, reforma das Nações Unidas.

«*A prolonged phase of gradually expanding cooperation with key Eurasian partners, both stimulated and arbitrated by America, can also help to foster the preconditions for an eventual upgrading of the existing and increasingly antiquated UN structures*»

A ascensão do superestado global.

«*In the course of the next several decades, a* ***functioning structure of global cooperation****, based on geopolitical realities, could thus emerge and* ***gradually assume the mantle of the world's current "regent,"*** *which has for the time being assumed the burden of responsibility for world stability and peace.* ***Geostrategic success in that cause would represent a fitting legacy of America's role as the first, only, and last truly global superpower***» Zbigniew Brzezinski (1997), The Grand Chessboard.

América, o camponês medieval que produz o mel para o barão. Portanto, tudo o que a América é, neste esquema de coisas, é uma espécie de camponês medieval que trabalha o ano inteiro para produzir leite e mel. Quando o trabalho está finalmente terminado, é empurrado para uma valeta pelo barão feudal, que bebe o leite e come o mel.

BRZEZINSKI – Guerra psicotrónica, climática, química, bacteriológica.

«*In addition, it may be possible—and tempting—to exploit for strategic-political purposes the fruits of research on the brain and on human behavior. Gordon J. F. MacDonald, a geophysicist specializing in problems of warfare, has written that accurately timed, artificially excited electronic strokes "could lead to a pattern of oscillations that produce relatively high power levels over certain regions of the earth. ... In this way, one could develop a system that would seriously impair the brain performance of very large populations in selected regions over an extended period. . . . No matter how deeply disturbing the thought of using the environment to manipulate behavior for national advantages to some, the technology permitting such use will very probably develop within the next few decades."*»

«*As one specialist noted, "By the year 2018, technology will make available to the leaders of the major nations a variety of techniques for conducting secret warfare, of which only a bare minimum of the security forces need be appraised. One nation may attack a competitor covertly by bacteriological means, thoroughly weakening the population (though with a minimum of fatalities) before taking over with its own overt armed forces. Alternatively, techniques of weather modification could be employed to produce prolonged periods of drought or storm, thereby weakening a nation's capacity and forcing it to accept the demands of the competitor" (Gordon J. F. MacDonald, Space," in Toward the Year 2018, p. 34).*»

«*"Whether it is used to kill, hurt, nauseate, paralyze, cause hallucination, or to terrify military personnel and civilians, the systematic use of biological and chemical warfare will require the resolution of major moral and ethical problems" (Donald N. Michael, "Some Speculations on the Social Impact of Technology," mimeographed text of address to the Columbia University Seminar on Technology and Social Change, p. 6).*»

Zbigniew Brzezinski (1970), "Between Two Ages: America's Role in the Technetronic Era". New York: The Viking Press.

BRZEZINSKI – O Grande Jogo na Eurásia.

BRZEZINSKI – O arquitecto. Brzezinski é um arquitecto de política global e encontra a sua *joie de vivre* quando nos fala de coisas como mobilizações imperiais ou uniões continentais.

BRZEZINSKI – "There isn't a global Islam".

Não há nada de comum entre Sauditas, Marrocos, Paquistão, Egipto, etc. «*There isn't a global Islam. Look at Islam in a rational manner and without demagoguery or emotion. It is the leading religion of the world with 1.5 billion followers. But what is there in common among Saudi Arabian fundamentalism, moderate Morocco, Pakistan militarism, Egyptian pro-Western or Central Asian secularism?*» – Zbigniew Brzezinski, em entrevista ao Le Nouvel Observateur, Paris, 15-21 Janeiro, 1998.

BRZEZINSKI – "Eurasia is the grand chessboard, the geopolitical prize"

"Eurasia, the chief geopolitical prize, from Lisbon to Vladivostok".

"The setting for the game".

«*THE CHIEF geopolitical prize is Eurasia… Eurasia is the globe's largest continent and is geopolitically axial. About 75 percent of the world's people live in Eurasia, and most of the world's physical wealth is there as well, both in its enterprises and underneath its soil… Eurasia is thus the chessboard on which the struggle for global primacy continues to be played… This huge, oddly shaped Eurasian chessboard—extending from Lisbon to Vladivostok—provides the setting for "the game*"»

No meio, o Médio Oriente, politicamente anárquico, rico em energia. O Médio Oriente é «*a politically anarchic but energy-rich region of potentially great importance…*»

Zbigniew Brzezinski (1997), The Grand Chessboard.

BRZEZINSKI – Eurásia central como foco de conflito permanente, mobilização imperial.

BRZEZINSKI – O plano tripolar.

Plano tripolar: Três grandes blocos políticos.

Médio Oriente como eixo de passagem e fonte de recursos naturais. Em "The Grand Chessboard", Brzezinski diz-nos que o futuro é tripolar: três grandes blocos políticos dominam o mundo. Neste cenário, o Médio Oriente é essencialmente um ponto de passagem para o comércio entre os blocos, e uma fonte de recursos naturais, como petróleo e gás natural. Portanto:

Necessário internacionalizar recursos, cortar intermediários locais. I.e., colocá-los directamente na dependência de multinacionais, em vez de ter de passar por intermediários locais;

Dissolver estado nação, integrá-lo no sistema global. Reconfigurar estados e fronteiras, dissolver o estado-nação, para tornar o Médio Oriente vassalo de agências internacionais e integrá-lo inteiramente no sistema global.

BRZEZINSKI – Política imperial: Dividir para reinar.

Grandes imperativos de política imperial – Dividir para reinar.

Manter vassalos dependentes e separados entre si.

Manter tributários manipuláveis e protegidos.

Evitar que os bárbaros se unam.

«*To put it in a terminology that hearkens back to the more brutal age of ancient empires, the three grand imperatives of imperial geostrategy are to prevent collusion and maintain security dependence among the vassals, to keep tributaries pliant and protected, and to keep the barbarians from coming together*» – Zbigniew Brzezinski (1997), The Grand Chessboard.

BRZEZINSKI – "Maneuver, diplomacy, coalition-building, co-optation, deployment of political assets".

Estratégias de eleição.

Manobras, diplomacia, construção de coligações, cooptação, uso de bens políticos. «*Thus maneuver, diplomacy, coalition building, co-optation, and the very deliberate deployment of one's political assets have become the key ingredients of the successful exercise of geostrategic power on the Eurasian chessboard*» – Zbigniew Brzezinski (1997), The Grand Chessboard.

BRZEZINSKI – Democracia, inímica a mobilização imperial – Ameaça percebida.

Brzezinski – Mobilização imperial. Colocar zoom de expressão, «*imperial mobilization*».

...é difícil de fazer, excepto no caso de ameaça gravosa percebida.

América demasiado democrática em casa para ser autocrática fora.

"Pursuit of power, economic costs, human sacrifice, not congenial to democratic instincts".

"Except in conditions of truly massive and widely perceived external threat".

Brzezinski queixa-se de que a «*America is too democratic at home to be autocratic abroad… Never before has a populist democracy attained international supremacy…*»; «*Democracy is inimical to imperial mobilization*»

Já que, «*The pursuit of power and especially the economic costs and human sacrifice that the exercise of such power often requires are not generally congenial to democratic instincts*»… «*the pursuit of power is not a goal that commands popular passion, except in conditions of a sudden threat or challenge to the public's sense of domestic well-being*»… «*except in the circumstances of a truly massive and widely perceived direct external threat*» – Zbigniew Brzezinski (1997), The Grand Chessboard.

BRZEZINSKI – Bloco Xiita liderado por Irão, Bloco Sunita liderado por Turquia. Estas coisas são feitas por fases, e uma das fases previstas aqui é o estabelecimento de um Médio Oriente bipolar. Este ponto de vista foi elaborado num documento do CFR, Brzezinski, em conjunto com aquele que viria a tornar-se o ministro da defesa americano, Robert Gates. Esta abordagem diz-nos que será permitido ao Irão ter um programa nuclear civil, sob apertado controlo internacional, onde os europeus aparecem como mediadores. O Irão é depois elevado ao estatuto de potência regional, a par da Turquia, e usado para construir uma espécie de União Xiita, com partes do Iraque e Afeganistão. [Iran: Time For a New Approach]

CAMBODJA – O genocídio Khmer Rouge – Na U-turn dos 70s.

Khmer Rouge assistidos pelos Chineses. Actividades de Pol Pot conduzidas sob supervisão cuidadosa de consultores chineses.

Genocídio de um terço da população. O regime de Pol Pot e Ieng Sary tortura e assassina sistematicamente, mais de 1/3 da população, qualquer coisa como 3 milhões de homens, mulheres e crianças, numa população de 7 milhões de habitantes. Isto acontece em menos de 4 anos, o que torna Pol Pot, os Khmer Rouge e o governo chinês em campeões mundiais de brutalidade e genocídio.

Phnom Penh – Marcha forçada. A maior parte dos cambodjanos assassinados pelos Khmer Rouge eram habitantes de Phnom Penh. A marcha forçada dos 2 milhões de habitantes começou dois dias após a entrada de Pol Pot e das suas forças. Desses 2 milhões, apenas algumas mãos cheias sobreviveram.

Campos de concentração. Começam por ser usados para agricultura intensiva e depois pura e simplesmente para homicídio em massa.

Rejeição genocida de tecnologia. A capital, Phnom Penh, ficou reduzida a ruínas, uma cidade fantasma. A biblioteca nacional, destruída. As fábricas, desfeitas em pedaços. O banco nacional destruído, a moeda nacional queimada. Até utensílios de cozinha foram destruídos. Este é o grau ao qual chega o ódio dos Khmer Rouge por tecnologia.

Valas comuns, ossadas empilhadas.

CFR e a dialéctica fascismo militar vs Salafismo, no mundo Sunni

CFR: Os actuais autoritarismos Sunitas.

Argélia, Jordânia, suprime mudanças políticas, revoltas, faz reformas simbólicas.

GCC mantêm ditaduras militarizadas nos seus próprios territórios.

GCC procura crescer, formar bloco de influência [bloco "sunita", i.e. wahabbi].

Monarquias árabes são relativamente estáveis.

«*In Algeria, for example, the protest movement that began in December 2010 with the aim of overthrowing President Abdelaziz Bouteflika and installing a democratic system has sputtered. The government has cracked down on dissenters and appeased others with symbolic reforms. Even though the May 2012 parliamentary elections were derided by much of the population as a sham and the long-entrenched military government declared an emphatic victory, few Algerians took to the streets in protest. Similarly, in Jordan, King Abdullah kept protesters at bay with modest concessions, such as dismissing government ministers and expanding popular subsidies. Regardless of these superficial changes, the Hashemite monarchy remains firmly in control, and Jordanian security forces continue to crush domestic resistance, restrict freedom of expression, and prevent peaceful assembly. In Saudi Arabia, the monarchy has kept a firm grip on power and has used its might to prop up neighboring autocratic regimes. In February 2011, Riyadh ordered tanks into Bahrain to help put down a popular uprising that Saudi and Bahraini leaders portrayed as sectarian agitation. What the Saudis and the other members of the Gulf Cooperation Council really feared, however, was the protesters' demands that Bahrain become a constitutional monarchy. The Gulf monarchies, as uncomfortable with the Arab Spring as they were with Arab nationalism half a century earlier, have once again taken up the mantle of counterrevolution. A telltale sign came in May 2011, when the GCC offered membership to the kingdoms of Jordan and Morocco, neither of which are located in the Gulf region. Coupled with the financing that the GCC provided to Egypt in order to gain leverage over its new government, these overtures demonstrated that the Arab monarchies intend to consolidate their power and spread their influence across the Middle East… Where the ruler retains a special bond with the people, either by claiming descent from the Prophet Muhammad (as in Morocco) or by serving as a unifying force for different ethnic groups in the country (as in Jordan), protesters have been more likely to accept legislative change and have not demanded a wholesale abandonment of the monarchy*» [Seth G. Jones (January/February 2013). "The Mirage of the Arab Spring: Deal With the Region You Have, Not the Region You Want". Foreign Affairs, Council on Foreign Relations]

CFR: A utilidade provisória do fascismo árabe.

Seth G. Jones – RAND, John Hopkins. Associate Director of the International Security and Defense Policy Center at the RAND Corporation and an Adjunct Professor at Johns Hopkins University's School of Advanced International Studies.

"Autoritarismo árabe continua a ter utilidade".

"Tampão contra Irão – Protecção de interesses energéticos – Aliado estratégico".

"Washington tem de promover mudança estrutural gradual, aceitando autoritarismo".

«*The demise of Middle Eastern authoritarianism may come eventually. But there is little reason to think that day is near… U.S. policy should not be hamstrung by an overly narrow focus on spreading democracy. The United States and its allies need to protect their vital strategic interests in the region -- balancing against rogue states such as Iran, ensuring access to energy resources, and countering violent extremists. Achieving these goals will require working with some authoritarian governments and accepting the Arab world for what it is today… the cold reality is that some democratic governments in the Arab world would almost certainly be more hostile to the United States than their authoritarian predecessors… as Huntington and others have pointed out, when authoritarian regimes fall, they sometimes give way to other authoritarian regimes rather than to liberal ones… The uprisings of the last two years have represented a significant challenge to authoritarian rule in the Arab world. But structural conditions appear to be preventing broader political liberalization in the region, and war, corruption, and economic stagnation could undermine further progress. Although the United States can take some steps to support democratization in the long run, it cannot force change… The United States and other Western countries should encourage liberal reforms, support civil society, and provide technical assistance in improving countries' constitutions and financial systems. But the perceived promise of the Arab uprisings should not cause the United States to overlook its main strategic priorities in the region… Washington should conduct its foreign policy with the Arab world it has, not the Arab world it might want or wish to have at a later time*» [Seth G. Jones (January/February 2013). "The Mirage of the Arab Spring: Deal With the Region You Have, Not the Region You Want". Foreign Affairs, Council on Foreign Relations]

A dialéctica IM vs fascistas militares (Egipto).

IM queixa-se de nacionalistas militares "secularizantes".

Oposição (em geral) queixa-se de hegemonização governamental/popular da IM.

«*The Muslim Brotherhood continues to claim that much of the opposition is dominated by Mubarak-era thugs and secularists trying to remove the Islamic identity of Egypt, while the opposition says the Brotherhood is taking over the government and attempting to forcefully Islamize Egyptian society…*» [“Analysis: Is Egypt facing another revolution?”, Ariel Ben Solomon, 29/01/2013, The Jerusalem Post]

CFR: A utilidade da dialéctica fascismo militar/Salafismo.

“Salafis aumentam radicalmente poder, mas não são único elemento a ponderar”.

“Os [novos] nacionalistas [i.e. fascistas] também são úteis”.

“Middle East [conceito regional], don’t count on it [deriva para nacionalismos]”.

«*Throughout 2012, some observers began to lament that the “Arab spring” had become an “Islamist winter”… Islamists have made gains in Tunisia, Egypt, and are at the leading edge of the opposition to the Assad regime in Syria, and even though Islamists have not prevailed in the immediate post-Qadhafi period, the Islamist extremism factor in Libya is high… Yet, the emphasis on Islamism obscures a far richer political environment of secular nationalists, leftists, and liberals who have a powerful message of their own. Just watching the Muslim Brothers, the Salafis, and extremists will tell us much about the Middle East in 2013, but it will not give observers a full view of the complex and multi-layered politics of the Arab world. A lot of these politics revolve around national empowerment and dignity. In other words, “nationalism” actually means something in post-uprising societies. To be sure, nationalism has always been a powerful force in the Middle East… but the now deposed leaders in the region were not credible nationalists… you now have leaders in the region who can make legitimate claims to be good or better nationalists than their predecessors. That is why nationalist ideas are bound to be more important and potent going forward… the defining features of Arab politics in the old year—demands for democratic government, economic opportunity, national dignity, and fierce contestation over who gets to define political and social institutions—will continue to animate the region in the new one. Yet, observers consistently fail to see how tightly these issues are woven together, setting them up for some big surprises in 2013*» [“The Middle East in 2013: Don’t Count on It”, Steven A. Cook, Council on Foreign Relations, January 8, 2013]

CFR – Dissolver relação EUA-Paquistão (Haqqani).

Haqqani, professor RI, antigo diplomata Paquistanês. Husain Haqqani, Professor of International Relations at Boston University, Senior Fellow at the Hudson Institute, Pakistan's Ambassador to the United States in 2008-11.

Um artigo cínico de um académico/agente duplo no clássico registo CFR. Artigo bastante cínico, começando pelo título, "Breaking up is not hard to do", com uma foto ilustrativa de "quão fácil é o descarte". Isto é interessante porque vem de um antigo diplomata Paquistanês, que está aqui a advogar a emiseração do seu próprio país. Haqqani é um exemplo típico do tipo de professores, agentes duplos e restantes personagens que são escolhidos para os circuitos de Relações Internacionais comandados por RIIA/CFR.

Pquistão descartado por EUA, confrontado com Índia e presumível "rogue state". O artigo é uma análise tediosa (mas *insightful*, como sempre nestas publicações CFR) da história dos choques e quid pro quos entre EUA e Paquistão. O sumo vem no final, quando Haqqani propõe uma solução para os antagonismos entre os dois países. As ideias são as que se seguem. As elites paquistanesas têm de ganhar humildade, i.e. ser inteiramente subservientes ao bloco NATO. Para que isso aconteça, o Paquistão tem de ser descartado pelos EUA e deixado a "do on their own". É claro que aí será confrontado com Índia. Da mesma forma, é presumível que o país passe finalmente a ser um "rogue state" (Haqqani menciona no artigo como o país se livrou meio acidentalmente disso no passado recente), um alvo de luta anti-terrorismo e anti-proliferação. No mínimo, terá acção deste género dentro das suas próprias fronteiras, sem o autorizar, "*without the burden of Pakistani allegations of betrayal*". O artigo deixa de fora os papéis de Irão, China e Rússia em tudo isto.

Excerto. «*Once Pakistan's national security elites recognize the limits of their power, the country might eventually seek a renewed partnership with the United States -- but this time with greater humility and an awareness of what it can and cannot get. It is also possible, although less likely, that Pakistani leaders could decide that they are able to do quite well on their own, without relying heavily on the United States, as they have come to do over the last several decades. In that case, too, the mutual frustrations resulting from Pakistan's reluctant dependency on the United States would come to an end. Diplomats of both countries would then be able to devote their energies to explaining their own and understanding the other's current positions instead of constantly repeating clashing narratives of what went wrong over the last six decades. Even if the breakup of the alliance did not lead to such a dramatic denouement, it would still leave both countries free to make the tough strategic decisions about dealing with the other that each has been avoiding. Pakistan could find out whether its regional policy objectives of competing with and containing India are attainable without U.S. support. The United States would be able to deal with issues such as terrorism and nuclear proliferation without the burden of Pakistani*

allegations of betrayal. Honesty about the true status of their ties might even help both parties get along better and cooperate more easily. After all, they could hardly be worse off than they are now, clinging to the idea of an alliance even though neither actually believes in it. Sometimes, the best way forward in a relationship lies in admitting that it's over in its current incarnation»

FMI, bases. Onde é que tudo isto deixará os empréstimos actuais de FMI ao país, e o actual regime de austeridade nacional; e, a base permanente em Islamabad (e outras noutras cridades) e todos os homens e equipamento lá?

Irão-Iraque-Paquistão – "Iraq, Time for a New Approach". Lembrar que estratégia CFR, definida em 2004 por Zbigniew Brzezinski e Robert Gates, é a formação do bloco Shia. Isto faria parte do "engagement" dialéctico com um bloco sunita similar, essencialmente o GCC (e, presumivelmente, com os outros actores em acção na região).

COLOR REVOLUTION – People Power Coup – Swarming – Netwar.

Color revolution – People power coup – Soft power coup. A ideia com uma color revolution é a de subverter ou desestabilizar regimes instituídos e instigar mudanças de regime, através de golpes com aparente legitimidade popular.

Color revolution – Putsch militar.

People power coup para putsch militar. As revoluções pós-modernas são também para legitimar putshes militares. É usual que haja um putsch militar por detrás do teatro urbano do people power coup. Enquanto o circo, o teatro urbano, decorre nas ruas, a real tomada de poder é feita nos paços de governo.

O lema é: "FA asseguram estabilidade, respeitáveis e fidedignas". Diga-se ainda que, nas revoluções pós-modernas, um dos elementos que surge é a perspectivação das forças armadas como forças de balanço, que asseguram a estabilidade e são respeitáveis, logo fidedignas de exercer o poder. Como no caso do Egipto.

Não, não são. São conjuntos de pessoas armadas que obedecem a ordens vindas do topo, e é tudo. "Forças armadas nacionais" não significa nada quando as ordens vêm de consórcios privados.

Exemplos de "color revolutions", de 2000 em diante.

Sérvia, 2000. Derruba o regime de Slobodan Milosevic. As operações no terreno totalizaram $41 milhões e foram geridas a partir do gabinete do embaixador americano, Richard Miles.

NED, NDI, IRI. National Endowment for Democracy (NED), International Republican Institute (IRI), National Democratic Institute (NDI).

Consultores. Equipas de consultores ligadas a interesses americanos e europeus, que geriram todo o processo, incluíndo sondagens de popularidade.

Treino e coordenação de activistas em "resistência não-violenta". Formados em seminários sobre técnicas de resistência não-violenta, em Budapeste, Hungria.

Campanhas de rua, graffiti, etc.

Georgia, 2003 – "Rose Revolution". Substituiu Edouard Shevardnadze por Mikhail Saakashvili.

OSGF, FHF, NED. Open Society Georgia Foundation, Freedom House Foundation, NED, e outras.

Ucrânia, 2004 – "Orange Revolution". Viktor Yanukovych foi substituído por Viktor Yushchenko, que favorecia juntar o país à NATO e à UE. Especialistas que já tinham estado envolvidos na Revolução Rosa da Georgia foram chamados, para prestar consultoria em "técnicas de luta não-violenta". O US State Department investiu 20 milhões de USD na campanha. Rock Creek Creative (firma de RP, de Washington).

OSGF, FHF, NED. Open Society Georgia Foundation, Freedom House Foundation , NED, etc.

Myanmar, 2007 - Saffron Revolution. NED, George Soros' Open Society Institute (GSOSI), em parceria aberta com o US State Department. O US State Department recrutou e treinou líderes de oposição a partir de várias organizações anti-governamentais em Myanmar (alguns deles foram treinados nos EUA) e geriu a revolução a partir do Consulado americano de Chaing Mai, Tailândia.

Líbano.

Kirziguistão.

Agitprop revolucionária sob os comunistas. Quando o espectáculo era gerido a partir de Moscovo, o sistema era simples.

Obter múltiplas organizações, consensos, pontos comuns, números. Juntavam-se sindicatos, grupos de estudantes, movimentos cívicos, etc, sob uma bandeira comum: um consenso, consistindo em agravos e revolta contra o sistema instituído. O que interessava era colocar imensa gente na rua.

Identificação de manifestantes. E, no processo, era identificado como potencial agitador e preso, após o golpe. O primeiro era o método para os países ocidentais, o segundo era o método para os países de terceiro mundo.

Núcleo duro comunista – Reivindicações e máximas, comunistas. Porém, os líderes do protesto eram comunistas, e era desse núcleo duro que saíam as reivindicações e as máximas do protesto. Portanto, uma pessoa podia ir participar numa manifestação a pensar que estava a combater corrupção no governo, e acabava por fazer número para reivindicar benefícios tarifários para o Bloco de Leste, ou outras coisas deste género.

Golpe de estado resulta em tirania comunista. Noutras ocasiões, a pessoa podia pensar que estava a lutar por mais liberdade, contra um sistema fascista, e acabava por dar poder a um sistema comunista.

Color Revolution – Estruturas operacionais e de comando.

Estrutura de poder real – Topo. Washington (State Department, Pentágono), Nova Iorque (UN) ou Londres (RIIA), ou Europa (Paris, Bruxelas, Frankfurt ou até Berlim).

Nível intermédio – Embaixadas, institutos, centros militares.

Nível intermédio – Fundações e ONGs. Nestas coisas temos sempre fundações e ONGs, com destaque para as que são dirigidas por George Soros: National Endowment for Democracy (NED), International Republican Institute (IRI), National Democratic Institute (NDI), Open Society Institute (OSI), Freedom House Foundation (FHF).

Nível intermédio – Firmas e equipas de consultores. Temos firmas de relações públicas e média, e equipas de consultores, que gerem as operações mediáticas: organizam-nas, coordenam-nas e fazem o trabalho de ligação com os média internacionais.

Nível de rua – Organizações envolvidas. ONGs, associações, grupos de estudantes e adolescentes, militantes religiosos, activistas políticos, máfias locais, etc.

Nível de rua – "Movimentos populares" – Números. O activista na rua é usado como número num movimento. Todos estes grupos são agregados e, com a ajuda de grupos como desempregados e outros, é fácil obter manifestações com milhares, ou até dezenas de milhares de participantes.

Nível de rua – Facilitadores, provocadores, revolucionários profissionais. Por vezes são meramente profissionais pagos, outras são activistas de oposição recrutados para o efeito. São geralmente bem organizados, pertencem a associações internacionais e são dependentes de fundações e ONGs. São revolucionários profissionais, de certo modo: recebem treino específico em seminários em técnicas de resistência não-violenta. São coordenados por organizações especializadas e depois aparecem no terreno como líderes de movimentos "espontâneos", ou para sequestrar movimentos reais. Estão sempre ligados à real estrutura de poder, aos níveis intermédios. Toda a ideia destes facilitadores é a de *neutralizar ideias e propostas reais, e guiar os protestos para um fim pré-determinado*.

Técnicas e instrumentos da Color Revolution – Netwar – Swarming.

Princípios centrais (1): Information Dominance, Perception Management. O objectivo é obter dominância de informação, monopolização perceptiva sobre os públicos relevantes.

Princípios centrais (2) – Netwar – Swarming – Vender **ilusão de consenso, união, maioria**. Utilização de um espectro total de agências, ONGs, firmas privadas, movimentos espontâneos, máfias locais, etc. Criar a ilusão de consenso ou de frente unida.

Técnicas plásticas e sensacionalistas – **Encenações** para obter respostas emocionais. As mesmas técnicas usadas durante as Revoluções Francesa e Russa, ou da Revolução de

Khomeini no Irão. Visam obter respostas emocionais fortes por meio da encenação de incidentes críticos.

Barragens mediáticas. Uso de todos os meios e canais disponíveis. A ideia é criar barragens de agitprop mediática para moldar percepções e "conquistar mentes e corações".

Media. [FA - Surrogate Broadcasting as a Tool of U.S. Soft Power]

Novas tecnologias. A guerra social na era da fibra óptica, do VOIP e do email. Todo um aparato de comunicações que é possibilitado pela revolução digital nas comunicações. Telemóveis, SMS, PDAs, computadores, blogs, redes sociais, email, etc.

Grafitti, propaganda de rua, etc.

Acções de rua. Protestos de rua em massa, desobediência civil, usando organizações controladas ou surrogadas.

"Movimentos espontâneos"e frescos, de "swarming adolescents". A imagem dominante que é vendida é a de juventude fresca e entusiástica, "swarming adolescents", a procurar "mudar o mundo".

Protestos "espontâneos". Uma das técnicas é a de organizar protestos supostamente espontâneos, em coordenação com redes televisivas.

O papel dos media em nestes protestos e acções. Depois, a mensagem chega aos media, onde os grupos atrás são descritos como sendo "o povo" e uma tranche colaborativa dos media assume a advocacia dos mesmos. É aqui que entra a CNN, BBC, ou al-Jazeera.

"Fight the net". Internet, redes sociais – aquilo que é conhecido como guerras de Internet, ou guerras cibernéticas, "combater na net".

Consultoras comerciais, exércitos de users falsos, IA. Basta haver meia dúzia de empregados contratados a tempo inteiro, com múltiplos user names falsos (e até sistemas de IA, com bots), para criar a percepção de que existe uma enorme multidão a apoiar 'a causa'.

Em blogs, fóruns e redes sociais como twitter, facebook, etc.

A fórmula ocidental, com lumpen-yuppies urbanos.

Campanhas de desestabilização com lumpen-yuppies instauram fascismo financeiro. Dar um certo destaque ao papel do lumpenproletariat pós-moderno, pós-ideológico, na instauração de fascismo. Os movimentos mais virulentos e reaccionários, comandados pelo capital financeiro, consolidam poder e instauram fascismo através do uso de campanhas de desestabilização protagonizadas por lumpenproletariat incensado.

Slogans vácuos e fascísticos. “Partilha de riqueza”, “justiça social”, “solidariedade”, “honestidade no governo”, “revolução de costumes”, e por aí fora.

Cortina pós-ideológica para descredibilização de “política” e parlamentarismo. Estes movimentos providenciam sempre a cortina indispensável para a descredibilização das formas parlamentares e pluralistas de governo, e criam o ímpeto emocional para aventuras unitaristas, utópicas.

TARPLEY – “The way you get a population to enslave itself”.

tarpley - extreme bankers, fascism, the way you get a population to enslave itself (fascism is gutter up – streets up – hooligans, thugs, fervently idealistic students, swarming adolescents – the way you get a population to enslave itself, when the police and the army are no longer enough for that)

NED – Revolução a contrato pelo mundo fora.

NED, uma fundação privada para espalhar “democracia”. National Endowment for Democracy, financiado pelo governo US, bem como por indivíduos como George Soros.

Ala democrática – National Democratic Institute (Albright).

Ala republicana – International Republican Institute (McCain).

Gera e financia toda uma rede de grupos e ONGs subsidiárias.

Treina revolucionários profissionais em comunicações e técnicas organizacionais.

Força activa por detrás das revoluções pós-URSS na Europa de Leste.

Envolvimento em Europa de Leste, Ucrânia, Georgia, Espanha, Portugal, França.

Panamá, Guatemala, El Salvador, Nicarágua, Haiti, Venezuela, Mexico, Peru, Brasil.

Balcãs, Argentina, Indonésia, Cambodja, Vietnam, Tibete, China.

«*Those who are aware of the insidious activities of the National Endowment for Democracy or NED, an ostensibly private foundation that spreads "democracy" and is largely funded by the government, will not be surprised to learn that it is already active in North Africa because it is almost everywhere. NED, which has a Democratic Party half in its National Democratic Institute, and a Republican Party half in its International Republican Institute, was the driving force behind the series of pastel revolutions that created turmoil in Eastern Europe after the fall of communism. Remember when the Russians and others complained about the activities of NGOs interfering in their politics? NED was what they were referring to. Albright is in charge of the NED Dems while John McCain leads the NED GOP. Which is not to say that*

there is much in the way of adult leadership as neither Albright nor McCain in any way supervises NED's activities… NED's involvement in developing and emerging countries reads either like a roll of honor or an indictment, depending on just how you look at it. The list includes every country in Eastern Europe, Spain, France, Portugal, Panama, Guatemala, El Salvador, Nicaragua, Haiti, Venezuela, Mexico, Peru, Argentina, Brazil, Indonesia, Cambodia, Vietnam, Tibet, and China. NED operates with a large degree of autonomy, funding groups and projects that it believes are promoting democracy, whatever that means at any given time and in any given place. It has been heavily engaged in "democracy development" in the Ukraine, Georgia, and in the Balkans, often by selecting the candidate deemed to be most pro-American and giving him money and cell phones to help him Twitter and organize… Neoconservative Ken Timmerman has identified the core NED activity overseas as "training political workers in modern communications and organizational techniques," surely a polite way to describe interfering directly in other countries' politics… It embraced the fashionable Twitter- and cell phone-driven revolutions that developed after the fall of communism. It was a major player in the Georgia fiasco that led to war with Russia over two years ago. Now it will be doing its thing in the Arab world… Regarding Egypt, NED will directly staff a large mission in Cairo and Alexandria, but it also funds other initiatives that are either designed purely for the edification of the Washington audience or are tone deaf. It funds the Project on Middle East Democracy, which recently spent $45,300 to explore the feasibility of establishing a Cairo-based policy center» ["Uncle NED Comes Calling". Philip Giraldi, Antiwar.com, March 2, 2011]

DAVID MILLER – Media tornaram-se veículos de psyops. Um jornalista do Guardian, David Miller, comentou que «*The collapse of distinctions between independent news media and psychological operations is striking*»

DCDC e RAND – Soft power and hard power.

DCDC – "Soft power and hard power".

Soft power complementa hard power para atingir objectivos políticos.

«*Soft power will increasingly be utilised to facilitate the achievement of political goals… Military power will be necessary, but not sufficient. Similarly, hard power will be important, but combining it with soft power in a smart strategy is likely to be vital*» (p. 15, 86) "Global Strategic Trends – Out to 2040". Development, Concepts and Doctrine Centre (DCDC) (2010) U.K. Ministry of Defence, Strategic Trends Programme. Fourth Ed.

RAND – Soft power mais "aceitável" que hard power.

Mais aceitável, publicamente.

Melhor até que coerção económica ou coerção militar velada.

«*An information strategy… may even reduce the need to resort to harsh economic or veiled military pressures... An informational approach may be more discriminating and less likely to generate either domestic or international political criticism of the means employed, unlike the situation faced when blunter instruments of suasion are utilized*» John Arquilla & David Ronfeldt (1997), "*In Athena's Camp: Preparing for Conflict in the Information Age*". RAND Corporation. [Cap. 18 – Arquilla & Ronfeldt, Information, Power and Grand Strategy – Section 2]

<u>DCDC – Perception Warfare</u>.

DCDC 2036 – "Information warfare". «*Information Warfare*», baseada em «*highly sophisticated information and cultural warfare capabilities*», «*exploiting the pervasiveness and pliability of digital information*»

"Global Strategic Trends Programme – 2007-2036". Development, Concepts and Doctrine Centre (DCDC) (2007) U.K. Ministry of Defence, Strategic Trends Programme. Third Ed.

DCDC (2040) – "Influence activity, the battle of ideas, perceptions of legitimacy".

«*Conflict will remain focused on influencing adversaries, neutrals and those at home, whose perceptions will be vital… Influence activity, the battle of ideas, and perceptions of moral legitimacy will be important for success*» (p. 16)

"Global Strategic Trends – Out to 2040". Development, Concepts and Doctrine Centre (DCDC) (2010) U.K. Ministry of Defence, Strategic Trends Programme. Fourth Ed.

DCDC.

DCDC 2036 – "Interstate warfare ends" – Conflito centra-se em sociedade civil.

Globalização leva a fim da guerra inter-estados.

Conflito centra-se em comunidades de interesse transnacionais.

Violência, coerção.

"L*oose networks similar to those used by criminal organizations*".

«*Economic globalization and indiscriminate migration may lead to levels of international integration that effectively bring interstate warfare to an end; however, it will also result in communities of interest at every level of society that transcend national boundaries and could resort to the use of violence. Operating within a globalized system, states might not be willing or able to regulate these groups' activities, concentrating on containing the risk and diverting their activities elsewhere according to their interests. In addition, rivalries between interest groups that cannot gain economic and information leverage might increasingly resort to violence and coercion, evolving loose arrangements and networks similar to those currently used by criminal organizations*» (p.84)

"Global Strategic Trends Programme – 2007-2036". Development, Concepts and Doctrine Centre (DCDC) (2007) U.K. Ministry of Defence, Strategic Trends Programme. Third Ed.

DCDC 2036 – "Micro-government".

Governo é reduzido a Defesa, Justiça, Legislação.

Vida política torna-se cada vez mais dominada pela "sociedade civil".

«*Micro Government – Governments are likely to demand increased self-reliance from citizens, who will in turn expect their obligations to be reduced in proportion, possibly focusing government on its core roles of Defence, Justice and Legislation. The operation of globalized markets and communications might further weaken levels of identity between the citizen and state to a point where increasingly footloose and apolitical populations see the latter purely as the guarantor of an area of jurisdiction, the guardian of a body of law and a force of last resort*»

“Global Strategic Trends Programme – 2007-2036”. Development, Concepts and Doctrine Centre (DCDC) (2007) U.K. Ministry of Defence, Strategic Trends Programme. Third Ed.

DCDC 2040 – Conflito permanente e globalizado – Deslocalizações – Brutalidade.

“Interdependence: multilateral military activity to protect globalization”. É-nos dito que «*interdependence will give most conflicts, wherever they occur, a global dimension*», o que implicará «*multilateral military activity to protect globalisation*» (p.15)

“The incidence of armed conflict is likely to increase”. «*Out to 2040, the incidence of armed conflict is likely to increase*» (p.75)

Conflito permanente, em África e Eurásia – Recursos, território, influência. Os motivos de disputa são todo o tipo de recursos. energia (petróleo, gás natural, etc), comida (solo arável), território, influência, minérios, água, etc.

“Hospitals, schools part of battlefield, few spaces will remain neutral”. «*Few spaces are likely to remain neutral, with hospitals, schools and places of worship forming part of the operating landscape, again challenging existing internationally recognised norms of combat*» (p.89)

Deslocalização forçada de populações, multiculturalização. Um mundo onde a deslocalização de populações é uma constante: «*Mass population displacement… Societies… will become increasingly transnational*» (p.97)

DCDC 2040 – “Arc of Crisis”, o epicentro global de conflito permanente.

Em paralelo com África, China, América Central, Índico Oriental.

Da Mauritânia à Índia. Conflitos convencionais na região vão durar décadas, e propagar-se à Índia, segundo o MoD DCDC 2040, essencialmente usando proxies.

Mapa dos focos de conflito para o século 21.

DCDC 2040 – Guerra indirecta com proxy forces, terroristas.

“Direct war between powers remains unlikely”. «*…direct war between the world’s foremost powers remains unlikely*» (p.80)

Uso de proxy forces e métodos clandestinos vai aumentar.

Terroristas, ciber-ataques.

“Proxies are unlikely to be predictable, likely to prove difficult to control over time”.

“Acts of extreme violence, including mass casualty attacks… to maximise impact”.

«*States will increasingly sponsor proxies… minimising state-on-state risks… When intervention becomes unavoidable, actors will seek to distance themselves by use of proxy forces, cyber attack, as well as covert and clandestine methods*» (p.14-15)

«*Many of these proxy forces are likely to employ irregular tactics including terrorism, while concealing and refuting links to state sponsors in order to preserve their freedom of action and maintaining a degree of deniability for the state. Proxies are unlikely to follow predictable paths and are likely to prove difficult to control over time*» (p.85)

«*There is likely to be an increased sponsorship of irregular activity by states, seeking to utilise and exploit, through proxies, gaps in the international system, either to assert themselves or to secure advantage without exposing themselves to state-on-state risks*» (p.130)

«*Acts of extreme violence, including mass casualty attacks, will continue to be used by groups with sophisticated networks and the ability to exploit the media in order to maximise the impact of the ‘theatre of violence’*» (p.130)

DCDC 2040 – Megacidades – Radicalização – Operações de estabilização.

“Societal tension will require stabilisation operations”. «*Perceptions of inequality and associated grievances will result in increased instability and societal tension, possibly setting the conditions for conflict. Where instability affects national and multilateral interests, there is likely to be a requirement to provide support for legitimate governance structures and for stabilisation operations*» (p. 16)

“Radicalização vai continuar” – Crenças, agravos, desigualdades sócio-económicas. «*…radicalisation will continue, driven by a range of complex factors, such as the gradual shift in political beliefs, individual and group grievances, and economic and social inequalities*» (p.32)

Megacidades, cidades falhadas, criminalidade, insurgência urbana, conflito. «*The greatest increases in urbanisation will occur in Africa and Asia. Up to 2 billion people may live in slums. Many large urban areas… are likely to become centres of criminality and disaffection and may also be focal points for extremist ideologies. Rapid urbanisation is likely to lead to an increased probability of urban… insurgency. The worst affected cities may fail, with significant humanitarian and security implications*» (p.12)

“Operações de estabilização provocam radicalização, extremismo, terrorismo”. «*State actions are likely to have a significant impact on the process of radicalisation. For example, during stabilisation operations, the over-vigorous application of military*

power to crush radical groups may result in increased public support for them, or drive them to ally with other extremists. Moreover, it may force radical groups to become more extreme, possibly condensing into terrorist cells» (p.32)

"Global Strategic Trends – Out to 2040". Development, Concepts and Doctrine Centre (DCDC) (2010) U.K. Ministry of Defence, Strategic Trends Programme. Fourth Ed.

DCDC 2040 – Colapso da Coreia do Norte – Reunificação Coreana.

Coreia do Norte continuará a ter problemas graves, em energia e comida.

Ao mesmo tempo, lutas intestinas de poder.

Portanto, sofrerá colapso político, o que resultará numa Coreia reunificada.

Transição será tensa, com vagas migratórias para estados vizinhos.

Coreia reunificada, com poderio militar e económico será pivotal no Sudeste Asiático.

Isso mudará o equilíbrio regional de poder, um problema para China e Japão.

Síntese histórica – nodelo norte-Coreano funde-se na sociedade global. Coreia do Norte deixa de existir, enquanto estado nacional. Mas o modelo da Coreia do Norte torna-se global.

«*North Korea will continue to suffer severe problems, such as energy and food distribution difficulties. As the ruling dynasty dies out, power struggles are likely. North Korea is therefore likely to become increasingly brittle over time and suffer political collapse, most likely resulting in a reunified Korea. The transition will be fraught with tension. There will be significant scope for rapid mass population movements into neighbouring states. Furthermore, the threat of conflict with a nuclear-armed regime, increasingly aware of its possible demise, is likely to be of the greatest concern to the international community. Despite the substantial burden of transition, a reunified Korea, which may retain a nuclear weapons capability, as well as substantial economic and military power, is likely to become a significant power in East Asia, changing the regional balance of power, and causing concern to both China and Japan*»

"Global Strategic Trends – Out to 2040". Development, Concepts and Doctrine Centre (DCDC) (2010) U.K. Ministry of Defence, Strategic Trends Programme. Fourth Ed.

Dialéctica: Fascismo militar Sunni vs desintegração e partição

Salafis e forças de segurança dominam no pós-Arab Spring.

Irmandade Muçulmana deve ser incluída sob extremismo Salafi. Por Salafis, devem ser entendidos também os movimentos que visam a imposição gradual desta forma distorcida de Islão, por oposição a uma transição imediata e abrupta. A Irmandade Muçulmana é uma organização nesta condição.

Salafis capitalizam com youth bulge e assumem influência por toda a região. Por todo o mundo Sunni, o Salafismo é empoderado e ascende a uma posição de destaque na sociedade civil, tornando-se o movimento que mais lucra com o "youth bulge" do século 21. Até à Arab Spring, a relevância real dos Salafi na sociedade civil era mais ou menos restrita aos países do Golfo. Agora, como previsto por al Awlaki, expande-se de Mauritânia, pela África subsahariana, por todo o norte de África, até Aleppo ou Homs na Síria. Nalguns países, têm controlo directo sobre o governo. Nos outros, têm poder suficiente para influenciar de forma determinante os processos de decisão governamental. Podem começar rebeliões e guerras civis, da mesma forma que têm o poder de reprimir e controlar populações.

Controlo económico, societal, poderio paramilitar. Os grupos Salafi tornaram-se poderosos, controlam economias locais, de bairros até cidades e territórios inteiros. Têm falanges locais e milícias paramilitares. Surgem frequentemente associados às forças de segurança dos países Sunni e contam com o apoio irrestrito do GCC, que lhes cede financiamento, armas e consultores militares.

Terrorismo cultural, purgas religiosas e étnicas. Aplicam a sua forma deturpada de lei em instâncias civis, o que inclui policiamento de costumes. Conduzem campanhas de terrorismo cultural, tendo ascendido à condição de mais importante factor de organização social, aterrorizando, regimentando e doutrinam as populações sob o seu controlo. É neste capítulo que conduzem purgas religiosas e ideológicas. Estas purgas estendem-se ao domínio étnico. Em cada país, o movimento Salafi local assevera supremacismo Árabe perante toda e qualquer outra etnia; negros, tuaregues, europeus, judeus, caucasianos, persas, são perseguidos e executados.

Forças de segurança ["nacionalistas"] – estruturas de repressão para saque económico. O grupo a que o CFR chama de *nacionalistas* representa pura e simplesmente a conjugação entre as forças de segurança e grupos etno-identitários, geralmente ligados a uma forma ou outra de extremismo religioso e/ou ideológico. A larga maioria destes "nacionalistas" são meros soldados e polícias, que defenderão a "nação" (as ordens dos seus superiores) por mera e simples opção de carreira e obrigação contratual. Depois, existe todo o aparato securitário que é herdado dos antigos regimes (Ben Ali, Mubarak),

composto de polícia política, generais corruptos, outros oficiais de carreira. É complementado por grupos que oscilam entre o Salafismo e o mero hooliganismo etno-identitário. Os **novos** "nacionalistas árabes" são, agora, infinitamente mais adidos aos seus patronos multinacionais do que alguma vez o foram durante os antigos regimes. Com efeito, estão lá como estrutura de repressão, para assegurar que a privatização e o saque de recursos ocorrem sem perturbações e, são feitos em nome da "nação".

O estado securitário árabe do pós Arab Spring.

O modelo Fascista: banqueiros, militares e terroristas culturais. A nova geração do estado securitário segue a configuração do Fascismo europeu mediterrânico. A alta finança consolida, privatiza e saqueia a economia. As forças de segurança estão lá para assegurar que o saque ocorre com normalidade. A população é aterrorizada, e mantida num estado de ignorância e regimentação sócio-cultural por uma classe de terroristas culturais. Banqueiros, generais corruptos e extremistas culturais degenerados, o modelo de Itália, Alemanha, Espanha, Portugal.

Mundo árabe: alta finança internacional, forças de segurança, falanges Salafi. No mundo árabe, isto é concretizado por uma nova geração do estado securitário militarizado, integrando alta finança internacional, forças de segurança nacionais e falanges milicianas Salafi, ou aproximadas. O estado em si é gerido em concertação entre estes três blocos.

Securitarismo, do financeiro ao militar ao ideológico. A palavra chave aqui é *securitarismo*, do nível financeiro ao nível de rua. Interesses multinacionais privatizam e securitizam (financializam) a economia. As forças de segurança estão lá como forças mercenárias, os *foederatii* da alta finança, para assegurar "gestão de estabilidade" enquanto o saque pacífico da economia ocorre. Os grupos Salafi surgem no papel de principal factor de organização social, algo entre as SA e as milícias inquisitoriais de Savonarola. Estão lá para aterrorizar e regimentar a população, imbuí-la de alienação doutrinal sintética, enquanto o processo de devolução sócio-económica ocorre.

Estado fascista securitário árabe, do Golfo para a região. Este é o estado fascista securitário árabe, na sua mais pura forma. Até agora, esta forma só tinha sido alcançada, em parte, nalguns países no Golfo. Agora, começa a generalizar-se ao mundo Sunni no seu todo.

Os propósitos do novo "nacionalismo árabe".

(1) Dividir para reinar, gerar etno-identitarismo fascista.

Nacionalismo árabe de Nasser era universalista e constitucional. Aqui já não estamos a falar de *nacionalismo árabe*, conforme definido pela geração de Nasser. Esta era a

ideia de desenvolver o Médio Oriente sob o modelo do estado-nação. O ênfase era colocado em soberania nacional, desenvolvimento económico, democratização gradual. A "nação" é universalista, aberta a todas as raças e etnias; os cidadãos nacionais são apenas e somente aqueles que aceitam viver de acordo com a Constituição do estado-nação. Esta é, aliás, a tentativa de implementar o modelo ocidental de liberalismo constitucional, no mundo árabe. Uma tentativa similar é feita no mundo persa por Mohammed Mossadegh.

"Nacionalismo árabe" pós-moderno é etno-identitário, fascista, supremacista. O actual "nacionalismo árabe" não tem nada a ver com isto. É apenas uma ideologia, na medida em que uma ideologia pode ser a racionalização de um sistema de saque e repressão. Segue o modelo do Fascismo europeu: é fascismo militar etno-identitário. A "nação" é aqui uma reserva etno-religiosa protegida, e quem a "protege" é o nexo entre polícia política e terroristas culturais Salafi. Em cada país, o movimento Salafi local assevera supremacismo Árabe perante toda e qualquer outra etnia; negros, tuaregues, europeus, judeus, caucasianos, persas, são perseguidos e executados. O mesmo acontece no domínio religioso: Shia, Cristãos, Judeus e todos os outros têm de ser perseguidos e executados. A cultura tem de ser purgada de todo e qualquer elemento extrâneo a Salafismo. Isto inclui a imposição do policiamento de costumes, e campanhas de terrorismo cultural, conduzidas por gangs de sacerdotes e jovens falangistas. É claro que isto também se estende a toda e qualquer forma de ideologia sócio-política (secular ou religiosa) que seja extrânea ao furor cego do estado fascista securitário.

(2) Conduzir processos bélicos em bloco.

Criação de bloco Sunita para choque dialéctico com bloco Shiita (Brzezinski, Gates). Esta mentalidade é essencial para a formação de algo a que Zbigniew Brzezinski e Robert Gates chamaram de bloco sunita ("Iraq: Time for a New Approach", CFR, 2004). Este é o bloco que se defronta com o seu congénere shiita (Irão, Iraque, Síria e outros) numa luta pelas mentes, corações e recursos do Médio Oriente. Este choque dialéctico entre blocos é essencial para o avanço do processo de desintegração e partição de estados-nação e da região como um todo. O fascismo militarizado Sunita é, aqui, o congénere essencial do fascismo militarizado Iraniano/Shiita. Da mesma forma, as milícias Salafi são o reflexo invertido das milícias Fedayeen. O GCC regionaliza-se em resposta à esfera de acção regional Iraniana. O paradigma de confronto que daqui surge é todo-inclusivo, com guerra aberta, guerra assimétrica (terrorismo, acções milicianas) e acções de subversão.

Acção bélica também se estende para África subsahariana e interior do Bloco. Mas a acção também se estende para a África sub-sahariana e, eventualmente, para o interior do próprio espaço territorial sunita, à medida que os dominós começarem a cair.

Extrair riqueza (privatização, financialização), do estado-nação para a esfera global.

Nacionalismo árabe de Nasser visava desenvolvimento económico universal. O nacionalismo árabe dos anos 50/60 estava preocupado com desenvolvimento económico universal, i.e. *real* e para toda a população.

Nacionalismo fascista é social-darwinista e corporativista. Nacionalismo fascista considera essa questão irrelevante. Está imbuído de doutrina social-darwinista sobre a vitória dos mais fortes e, alianças entre fortes, contra os fracos. Desenvolvimento económico universal é substituído por saque corporativo, que o estado fascista militar *garante*, tanto pela força das armas como pela colateralização pública irrestrita de operações financeiras prejudiciais.

Fascismo militar: sistema neo-colonial para facilitar saque económico. Aqui, o que está em causa é saque corporativo, que o estado fascista militar *garante*, tanto pela força das armas como pela colateralização pública irrestrita de operações financeiras prejudiciais. O estado em si não é mais que um sistema de gestão e repressão organizada, *neo-colonial*, em nome de interesses financeiros e empresariais. Hoje em dia, como nos anos 20/30, esses interesses são multinacionais.

Permitir acesso directo e não-mediado a recursos. Nasser salvaguardou os recursos do Egipto contra predadores estrangeiros. A mesma política foi seguida pelos seus sucessores, mesmo quando se tratavam de tiranos oligárquicos como Mubarak. As ditaduras militares das últimas décadas eram regimes inegavelmente degenerados e repressivos, que lançam as bases estruturais para a nova vaga de fascismo militar. Porém, estavam preocupadas com alguma medida de desenvolvimento económico interno e com a preservação de recursos nas mãos de actores locais. Com a Arab Spring, tudo isso acaba; esse é, aliás, um dos propósitos da Arab Spring. Acabou a fase em que a alta finança global precisa de passar por intermediários locais, para obter acesso a recursos. Agora o acesso é directo e não-mediado.

Colateralizar derivativos: privatizações, taxação, alienação de fundos públicos. O saque directo das economias árabes (e não só) é essencial para conduzir a colateralização irrestrita do buraco negro de derivativos que paira sobre toda a economia global. O mundo árabe não tem apenas recursos naturais. Tem vastas massas populacionais com acesso relativo a bens e propriedade, pouco taxadas, muito subsidiadas. Tudo isso são fontes directas de recursos. Existe um mundo de bens físicos a capturar: território, petróleo, gás natural, água, infraestruturas públicas e industriais, vias comerciais como o Suez. Existem massas de fundos e garantias estatais, essenciais para colateralizar dívida financeira. Existe imensa *net wealth* a ser capturada, por taxação e pelo corte de investimentos públicos.

Bloquear e redireccionar convulsões por meio de acção conjunta militares/Salafis. Tudo isto vai gerar (já está a gerar) as maiores convulsões sociais. Portanto, o estado securitário árabe continua em lugar, coloca a economia do país na mão de interesses neo-coloniais e, fá-lo "em nome da nação". É um estado repressivo que funciona para manter a população em ordem enquanto o saque da economia prossegue. Nesse capítulo torna-se, aliás, mais virulento: surge agora em simultâneo com a omnipresença de

falanges extremistas, que funcionam como principal factor de organização social, algo entre as SA e as milícias inquisitoriais de Savonarola. São o factor essencial para suster e redireccionar o descontentamento popular, enquanto o processo de devolução sócio-económica ocorre.

Saque económico: totalitarismo/consolidação vs devolução/desintegração.

Extrair riqueza (privatização, financialização), do estado-nação para a esfera global. O processo de alienação e devolução económica não dá nada de volta. É um processo de pura e simples extracção, pela qual a riqueza do estado-nação e da população é transferida para esferas multinacionais. O estado fascista corporativo extrai todo o valor real da sociedade, não oferecendo nada em retorno. Isto significa privatização em larga escala, desregulação financeira e laboral, taxação, eliminação de subsídios, redução drástica de investimento público. Em essência, é o processo pelo qual todo o valor real é privatizado, financializado, extraído para fora, não deixando nada para trás, não oferecendo nada em retorno. Existem duas linhas imediatas de resultados aqui.

(1) Resultado 1: Totalitarismo económico (e claro, sócio-político). A nova estrutura económica é tendencialmente totalitária, expandindo-se para integrar todos os domínios da economia sob o mesmo tecto centralizado, público/privado. Os oligarcas locais aceitam humilhar-se perante a nova estrutura do estado fascista corporativo, ser absorvidos na mesma, em posições de funcionalismo e dependência (o mercador independente torna-se uma *franchise*), ou são "despromovidos", o que pode ir de pura e simples exclusão ao nível das massas, a assassinato.

(2) Resultado 2: Devolução social leva a efeito Gaza (pobreza, violência, extremismo). A redução drástica de *net wealth* na sociedade leva a pobreza, destituição, violência e, ultimamente, ao ainda maior empoderamento dos Salafis. Todo este processo significa, na prática, que os territórios Sunitas são gradualmente reduzidos ao *standard* da Faixa de Gaza. Um território muito pobre, altamente militarizado, social e ideologicamente controlado por extremistas fanatizados. O Hamas é a Irmandade Muçulmana de Gaza.

I.e. existe uma dialéctica entre **consolidação** e **desintegração**. Tudo isto manifesta uma dialéctica interna nos campos sócio-económico e político, entre consolidação, de um lado, e desintegração, do outro. O apogeu de força do estado fascista militar é também o momento em que o sistema em si começa a desintegrar-se e a partir-se em inúmeras partes distintas.

O novo estado autoritário Árabe é provisório e colapsará.

Gazas internas multiplicar-se-ão, para ser factores de balcanização. O processo de devolução social originará múltiplas Gazas internas, em cada vez maior quantidade com a passagem do tempo. Os bairros populares médios em Egipto, Argélia, Marrocos, ou

Jordânia, começarão a assumir cada vez mais esta configuração: lei marcial, controlo social Salafi, empobrecimento progressivo. Estas Gazas internas continuarão a ser uma fonte de confronto e balcanização interna, o que só se agravará com o tempo.

Fluxos migratórios de regiões mais pobres agravarão situação. A situação será agravada pela generalização de fluxos migratórios ao longo de toda a região, entre países árabes (o fenómeno Dubai, mas agora animado por factores como pobreza e exportação de violência) mas não só. Por exemplo, massas de africanos negros continuarão a migrar para o norte de África, mesmo sabendo que podem vir a ser vítimas de represálias Salafi. Paradoxalmente, muitos desses migrantes serão eles próprios alinhados com ideologias wahabbi, embora sob formas aculturadas à África negra. Esse movimento só se agravará com a nova vaga de desestabilização da África subsahariana, que será (está a ser) conduzida pela NATO, em parceria com o bloco sunita.

Totalitarismo árabe é necessariamente divisivo e desorganizado.

Divisividade e antagonismo, a "família social unida" não funciona em países árabes. Totalitarismo é totalitarismo, mas não é necessariamente perfeito, ou total, muito menos no mundo árabe. A cultura árabe favorece proximidade relacional, pequenas e médias formas de organização, desde o domínio familiar até à organização social geral. Esta é a forma como as pessoas pensam, e o modo como agem. Um sistema totalitário que seja imposto ao mundo árabe só funciona na medida em que permite que a sociedade continue a organizar-se em mónadas sociais, que são tendencialmente auto-centradas e antagonísticas. Podem trabalhar em coordenação, mas mais frequentemente estão em oposição e em competição directa entre si. O tirano árabe reina sempre sobre uma sociedade caracterizada por toda uma diversidade de diferentes choques internos. Isso não mudará no espaço de uma geração ou duas, se é que alguma vez vai mudar. Um totalitarismo árabe poderá ter as várias forças de segurança a trabalhar entre si e com agentes duplos na liderança dos grupos Salafi, mas nunca será uma "família unida". Bem pelo contrário, será algo artificial, forçado, extrâneo. Um totalitarismo árabe será ainda mais divisivo que as instâncias mais antagonísticas do III Reich (o sistema nazi era bastante divisivo e desorganizado). E isso é uma coisa óptima, que tem baralhado a vida a múltiplos tiranos e, continuará a fazê-lo. Deve dizer-se que Deus fez bem os filhos de Ismael.

Sistema totalitário árabe colapsará em zonas tribais, emiratos, centros fortificados. O que isto significa, no mundo real, é que a sociedade totalitária árabe será/é particionada em blocos e em pequenas unidades distintas e adversariais, e todos estes subsistemas terão choques directos durante o período totalitário. Um pouco como é visto na Arábia Saudita. Assim que o aparato societal geral começar a colapsar, essencialmente sob pressão económica, toda a harmonia artificiosa totalitária colapsará num milhão de pedaços, como sempre aconteceu no mundo árabe. Existirá o mesmo padrão da Europa medieval. O império feudal Germânico podia ser totalitário mas, de cada vez que colapsava, dava origem a múltiplos domínios feudais em guerra permanente entre si. É isto que acontecerá no mundo sunita e, para dizer a verdade, é isto que acontecerá,

embora mais tarde, e sob moldes diferentes, no seio do próprio mundo ocidental. No mundo árabe, isto ganhará o tipo de configuração que é hoje mais apreciável na Líbia. Este é um país partido entre diferentes zonas tribais, territórios paramilitares, emiratos Salafi, bairros dominados por gangs; e, tudo isto acontece lado a lado com centros fortificados para exploração de recursos naturais.

Colapso económico.

Estado fascista militar, um mero instrumento neo-colonial provisório e descartável. O estado fascista militar é um veículo neo-colonial *temporário* para assegurar que o processo de extracção e saque ocorre sem perturbações de maior, após o que se tornará inútil, descartável e, com efeito, descartado.

Consequência natural da extracção multinacional de riqueza. O factor precipitante e determinante do colapso do novo estado fascista árabe é o colapso económico da região em si. As mudanças que surgem na sequência da Arab Spring visam extrair todo o valor real das sociedades árabes, transferindo-o para esferas multinacionais. Isto é essencial para colateralizar o buraco negro global da economia de derivativos; e é precisamente por isso que a Arab Spring começa na sequência imediata do colapso de 2006/7. Será colocado em prática pelo cumprimento das exigências que o FMI tem tentado (sem sucesso) impor à região dos anos 70 para cá: privatização de recursos, taxação, financialização da economia pública, com o uso extensivo de fundos estatais para a colateralização de derivativos. Neste processo, nada fica para trás. É um mero processo de saque multinacional privatizado; não existe qualquer atenção, ou preocupação, com o destino do país como um todo.

Colapso trará sectarismo, terceiro-mundismo, spill-over para Europa.

Colapso resulta em guerra sectária, fome, doença, exploração multinacional. O que acontece no final, sob colapso económico sistémico, será o que aconteceu a tantos outros países de terceiro mundo no passado. A sociedade desagrega-se em mil pedaços diferentes, em guerra permanente entre si. Sob o colapso, o estado fascista militar é essencialmente dissolvido. O que até aí eram "forças de segurança" partem-se em múltiplos sectos e gangs, juntando-se aos restantes sectos e gangs na sociedade, envolvendo-se na dinâmica geral de guerra sectária por espaço, território, influência. Todos os cenários típicos de terceiro mundo acontecem: miséria, fome, doença, a guerra social de todos contra todos. No entretanto, a extracção de recursos é conduzida por grupos multinacionais em centros fortificados, guardados por mercenários e por grupos locais a contrato.

Neo-feudalismo é uma realidade psicótica e confusa – um percurso imaginário. Esta é uma realidade neo-feudal, psicótica, onde todos os antigos normais dão origem a um mundo difuso e confuso onde realidades contrastantes coexistem lado a lado. Uma viagem por algum ponto no norte de África poderá começar pelo resort fortificado onde

europeus ricos passam as férias ou a reforma. Continua, apenas a umas poucas dezenas de metros de distância, por um bairro de lata onde pregadores Salafi e os seus jihadis incitam a população a um motim contra o campo de petróleo mais próximo. Esse campo está localizado num emirato Salafi antagonista, e é protegido por jihadis em concertação com mercenários Xe e forças Eurocorps. O campo é operado por um consórcio multinacional centrado na BP. Esse consórcio domina a máfia local de uma outra região, compostas de ex-FAs e activistas Salafi. Ordena a essas forças que comecem a fazer preparativos para atacar uma região tribal nas proximidades. Existem minérios nessa região. Não podem haver testemunhas; um massacre está em ordem. Aqui faz-se excepção para as crianças, particularmente as mais bonitas. Essas podem ser usadas na rede de tráfico infantil que é gerida por alguns membros do consórcio. Existem muitos empresários ricos em Shanghai e Oslo dispostos a pagar bom dinheiro por uma menina semita. A tribo visada é apanhada de surpresa e tem poucas hipóteses de defesa. A maior parte dos seus homens de armas juntaram-se à *katiba* local e foram combater a *jihad* na Somália, sob as ordens de um conjunto de consultores do Qatar e da França. Muitos deles não voltarão. Alguns serão mortos, mas muitos outros serão contratados para defender os interesses locais do consórcio chinês que domina essa região. Esse consórcio é um *partner* essencial do U.S. AFRICOM, para o avanço da estratégia de harmonização e desenvolvimento da região. Tem conduzido múltiplas limpezas étnicas. Está empenhada em substituir a população local, que considera inferior e pouco laboriosa, por imigrantes do Sudeste Asiático. Esses imigrantes são, por sua vez, desempregados urbanos e antigos camponeses, forçados a emigrar sob os mais variados estatutos legais. Uma repetição das práticas coloniais europeias.

<u>Ondas de repercussão do colapso terão efeito tsunami sobre Europa</u>. O mundo sunita é, até ao Golfo, o eixo central do “Arc of Crisis”. As ondas de repercussão de tudo isto atingem especialmente o Sul e o Sudeste da Europa. Acontecem os cenários enunciados por Jacques Attali em 2006, quando escreve “Uma Breve História do Futuro” e que são os que se seguem. A exportação em massa de populações e de violência para a Europa. Essas massas não são apenas árabes. A desintegração dos estados norte-africanos quebra o tampão à emigração subsahariana desregulada. Os mesmos milhões de refugiados que hoje se concentram ao longo dessa linha, ganham acesso ao norte de África e, em sequência, à Europa: onde, acreditam, as ruas estão pavimentadas a ouro e nunca falta nada para comer. Os Salafis, entretanto tornados socialmente hegemónicos, apelam à reconquista violenta de Al-Andaluz, com a expulsão dos “cães Cristãos”. E é claro que estas pessoas nasceram com Ak-47s nas mãos. Tudo isto é acompanhado por pirataria mediterrânica, que começa por ser essencialmente centrada ao largo da costa Líbia, o retorno da pirataria berbere. Este fenómeno começará bem antes do colapso sistémico do norte de África. Depois, também existirão eventos de choque, com barcos de refugiados a fazerem-se explodir no Mediterrâneo (ou a serem discretamente explodidos), em protesto suicida contra a “indiferença” da Europa “rica”. Por esta altura, a Europa já estará, ela própria, em estado avançado de desintegração sócio-económica. O influxo de mais pobreza, e violência etno-religiosa apenas acelerará esse processo. Muitos na Europa terão uma grande desilusão. Os sonhos fascistas de glória

imperial com a exploração de África e Médio Oriente darão lugar à protuberante realidade, um tiro na cabeça; eles próprios terão preparado e apontado a arma.

Estados que descendem de imediato a partição, desintegração, "africanização".

"Africanização": choques etno-religiosos, balcanização, saque multinacional. Estados que descendem de imediato ao padrão final de partição neo-feudalista do território. A este padrão podemos chamar de "africanização", a dinâmica imposta à África subsahariana desde os anos 70. É caracterizada pela proliferação deliberada de conflitos etno-religiosos, balcanização territorial ao longo das linhas da frente desses conflitos, privatização multinacional de recursos.

Partição por feudos e linhas etno-religiosas é o padrão para a região. O padrão de partição ao longo de feudos locais e, acima disso, ao longo de linhas etno-religiosas é o padrão para a reorganização de toda a região. Esse processo não é homogéneo e não acontece linearmente, por um único salto. Acontece por uma sucessão complexa e matricial de múltiplas transições sequenciais, adaptadas à realidade específica de cada país e, à evolução das conjunturas sub-regionais, regional e global, como todos.

LÍBIA: centro de desestabilização permanente, exportador de violência. A Líbia é muito importante na vaga de desestabilização que começa em 2008, porque está precisamente no *centro* do norte de África e no meio do Mediterrâneo. É uma fonte de desestabilização permanente para as regiões circundantes. Continua e continuará em estado de guerra civil. É um território particionado em zonas sob controlo governamental, múltiplos feudos tribais, emiratos Salafi. É um território gerido por gangs e por milícias. Está "africanizado" e é também um exportador de violência. É um país muito rico em recursos: petróleo, gás natural, água. Antes da guerra civil contra Khadafi, era o país com melhor nível de vida *per capita* em todo o continente africano. Agora, é um destroço neo-feudal, onde todos os valores são privatizados a consórcios internacionais, sem necessidade de mediação local. Estes consórcios são livres para operar os seus próprios centros fortificados, protegidos por mercenários e jihadis, oásis por comparação com a terra queimada em redor.

YEMEN e ÁFRICA SUBSAHARIANA. Este é um padrão similar ao no Yemen. Mimetiza a política de desestabilização permanente imposta ao Sudão. É o padrão que está também a caracterizar as novas vagas de desestabilização sobre a África subsahariana; no que respeita a esses territórios é, pura e simplesmente, mais do mesmo.

SÍRIA – Partição por feudos locais e por regiões ("Blood Borders", 2006). A Síria é comparável à Líbia: também teve de ser destruída por meio de uma guerra civil porque nunca aceitaria qualquer forma de subversão imposta por uma "sociedade civil" importada, a trabalhar para interesses estrangeiros – como foi o caso com as ONGs, fundações, e grupos Islamo-extremistas que protagonizam as desestabilizações civis em Egipto e Tunísia. Mas também é um caso aparte, na medida em que a sua classe

governante, Alawi, é uma aliada estratégica do Irão shiita. O país em si estava marcado para partição desde, no mínimo, 2006, quando o Pentágono publica as suas intenções de dividir o país em três partes: o norte do país junta-se a um futuro Curdistão; a parte oriental junta-se à parte sunita do Iraque, para formar aquilo que o Pentágono denomina de Iraque Sunita; a parte costeira junta-se ao Líbano, para formar um Greater Lebanon [ver Ralph Peters (2006), "Blood Borders", Armed Forces Journal]. O processo de desintegração calculada do país está a ocorrer de acordo com o programa. Uma boa parte do norte e a parte leste do país (a vasta extensão de cidades, poços petrolíferos e desertos que interconectam com o Iraque) são, hoje, completamente dominadas por jihadis Salafi, que estabeleceram os seus pequenos emiratos sobre as populações locais (essencialmente Sunni), chegando ao ponto de gerir cidades inteiras e de recolocar poços de petróleo em funcionamento, sob acordos com a UE. É claro que estes grupos não constituem um movimento homogéneo. São múltiplas brigadas paramilitares, dominadas por jihadis, mas também envolvendo elementos tribais e militares. Cada qual tem os seus próprios interesses e, aliás, a guerra civil dentro da guerra civil (entre diferentes grupos "rebeldes", por controlo territorial) já começou. A zona a norte, curda, será com toda a certeza palco de muitos combates no futuro próximo. A zona costeira é e continuará a ser dominada por Assad, ou pelos seus sucessores. Esta é a zona que deverá ser integrada no Líbano, a médio, longo prazo. Para isso, contará o facto de ser a região mais diversa da Síria, com Alawis e outros Shia, Cristãos, Judeus.

DOD DICTIONARY – Perception management. De acordo com o DoD Dictionary, por "Perception Management" entende-se «*Actions to convey and/or deny selected information*» a um público-alvo, por forma a «*to influence their emotions, motives, and objective reasoning*». O processo faz uso de vários instrumentos, como «*deception and psychological operations*».

"Perception management uses deception and psychological operations".

Mentir e fabricar situações. Ou seja, linguagem sofisticada para mentir e fabricar situações.

Egipto e Yemen (2011)

EGIPTO (2011) – Notas gerais.

ElBaradei, o agente da ONU e do ICG. Qual foi o actor essencial na revolução? Mohamed ElBaradei, o agente das Nações Unidas e do International Crisis Group.

Circo na Tahrir – ONGs, IM, provocadores.

Papel essencial de IM e militares. A unir ambas as nomenklaturas, temos o aparelho de intelligence do Cairo.

Lieberman e McCain no Cairo (Fev-2011).

Lieberman e McCain vão ao Cairo, a Fevereiro de 2011. Joe Lieberman, senador, numa viagem rápida pelo Médio Oriente com John McCain.

Liberman elogia Tahrir e o exército egípcio.

Mas observa que exército não quer (pode) governar país (pelo menos sozinho). Disse que o Cairo era um «*very exciting place... We went to Tahrir Square today. Got a warm, enthusiastic welcome… This is a remarkable situation, and frankly, we should feel very good about the assistance we have given the Egyptian military over the years since the Camp David peace with Israel, because the Egyptian military really allowed this revolution in Egypt to be peaceful and let the people carry out their desires for political freedom and economic opportunity… It's a strange moment here where the military was seen as credible by the people to lead the interim government… The military really can't wait until it can go back to being just military and not in the political leadership. Now, that doesn't mean that everything they do is going to be right. We really urge them to be inclusive, to meet with all the opposition figures, to be thoughtful about how they hold elections and when they hold elections, but this Egyptian military doesn't want to run this country*» [“Lieberman optimistic about Egypt”. G. Robert Hillman, POLITICO, February 27, 2011]

Circo provocatorial na Tahrir e CIA post-modern coup – TARPLEY.

“Good old-fashioned CIA military coup – dupes on the square make it plausible”.

“The wonderful singing tomorrows of the young dupes on the square”.

Tarpley - military coup in egypt, dupes and anarchists (CIA military coup, Panetta – gaggle of dupes and walkons in the square make it plausible to the average person – but it's a good old-fashioned military coup)

Tarpley - military coup by cia (este é uma operação top-down da CIA com ameaças pesadas)

Tarpley - war with Iran comes closer (that's the wonderful singing tommorrows of these young dupes on the square)

“Obter alguém mais maleável que Mubarak”.

Tarpley - motivos - alguém mais manipulável que mubarak (querem alguém muito mais manipulável e fraco que mubarak se tinha tornado)

“Tahrir – Violência, provocadores, April 6, Golden Youth, Muslim Brotherhood”.

tarpley - violência nos protestos egípcios

Tarpley - agitadores na tahrir - gonim, april6 (a TV a celebrar gonim, o executivo da google; depois há o april6, um clone do movimento semelhante na sérvia)

Tarpley - dimensões da multidão na tahrir (encheram a maior parte da praça com o bairro de barracas; a Golden Youth; a Muslim Brotherhood também estava)

“Egipto entra num período prolongado de instabilidade e caos”.

Tarpley - egipto entra num período prolongado de caos e instabilidade

“Escudo nuclear – war with Iran comes closer”.

tarpley - brzezinski - iran 70s, afghanistan, soviet war (pense-se sobre como brzezinski foi da desestabilização do Irão em 1979, para o Afeganistão – este processo acaba em guerra)

Tarpley - war with Iran comes closer (that's the wonderful singing tommorrows of these young dupes on the square)

Tarpley - motivos para military coup in Egypt (military putsch; mubarak tinha recusado o nuclear umbrella – líbano – 'stop leaving iraq' – mubarak wants the status quo)

Tarpley - motivos - propósito da junta militar, escudo nuclear na região *(o propósito desta junta militar é anular a recusa de Mubarak de entrar no US nuclear umbrella – aliança militar contra o Irão)*

YEMEN (2011) – TARPLEY.

“Grupo reciclado em Guantanamo, liderado por Al-Awaki, the CIA lackey”.

“al-Qaeda amiga na Líbia e no Iemen”.

“Golpe militar no background, circo nas ruas, como no Iemen agora”.

tarpley – Yemen (O grupo que está a tentar derrubar o governo no Yemen é um grupo reciclado em Guantanamo, que inclui Al Awaki, the CIA lackey)

tarpley – al-qaeda amiga na líbia e yemen (acessório)

tarpley – cia people power coup (military coups por detrás das cenas e circo nas ruas, como no Yemen agora)

EGIPTO – O golpe militar de 30 de Junho

Golpe preparado e autorizado por interesses estrangeiros.

O futuro do Egipto a partir daqui – três cenários possíveis.

> "Identidade e reconciliação" / "desagregação e balcanização" / "**ambos**".

Wael Nawara – Identidade e reconciliação.

> Wael Nawara (autor), figura de relevo no eixo de **Chatham House**.

O golpe militar de 30 de Junho.

> Descrição de eventos no golpe militar de 30 de Junho.
>
> GCC assinalam apoios – bolsa de valores recupera [expressa apoio City].

Tamarod, ElBaradei.

> Tamarod ("Rebelião") mais um grupo ICG/NED/USSD.
>
> Jovens dinâmicos, rebeldes e "apolíticos" – watch out.
>
> Guiados por ElBaradei, o provocador FMI/ICG/ONU.

"Código de ética".

> Sisi, chefe militar, fala de "código de ética", banir "hate speech" [só o Salafi?].

A reacção oficial ocidental.

> Obama em doublebind – Ocidente trata evento como golpe contra governo legítimo.

Golpe preparado e autorizado por interesses estrangeiros. Golpe preparado por interesses estrangeiros, como é bem expresso no papel de relevo do Tamarod, um grupo no eixo ICG/ONU/USSD. Importante aí é ElBaradei, o agente FMI/ICG. O golpe é igualmente autorizado por interesses estrangeiros, como é bem expresso pelo apoio imediato do GCC (e aqui temos sempre a City).

O futuro do Egipto a partir daqui – três cenários possíveis.

“Identidade e reconciliação” / “desagregação e balcanização” / “**ambos**”. Três futuros possíveis:

- “Reconciliação nacional”, i.e. fascismo tecnocrático integrativo, onde todas as forças políticas aqui em jogo se unem num ponto comum, OU

- “Desagregação e balcanização”, com a queda rápida do Egipto num estado de lei marcial, conflito nas ruas, guerra civil estilo Iraque, com motins, bombas, assassinatos, etc. Tudo isto leva a spillover para países em volta e, claro para o Med e para o sul da Europa, OU

- **“Ambos” e este é o cenário mais plausível**. Surgem dois Egiptos paralelos. Um é tecnocrático, privatizado, internacionalizado, crescentemente centrado em pólos e em centros específicos. É dominado pela alta finança internacional, e utiliza agentes como ElBaradei, executivos, generais, provocadores de rua, uma mão cheia de dúplices sacerdotes Ikhwan. O outro Egipto é pobre, devoluto, baseado em Gazas internas, em guerra civil permanente. **O cenário Iraquiano**, e o Iraque é o trendsetter para o Médio Oriente (e para o mundo, na realidade).

Wael Nawara – Identidade e reconciliação.

Wael Nawara (autor), figura de relevo no eixo de **Chatham House**. Descrição profissional no Al-Monitor: «*Wael Nawara is an Egyptian writer and activist. He is also the co-founder of Al Dostor Party, the National Association for Change and El Ghad Party. Formerly president of the Arab Alliance for Freedom and Democracy, he was a visiting fellow at the Institute of Politics, Kennedy School of Government, Harvard University*»

Reconciliação, consenso, perdão, compromisso. «*A divided society needs immediate reconciliation… The long road ahead needs hard work, prudence, and a consensus-seeking spirit of forgiveness, reconciliation and compromise*» [“Was Morsi's Ouster a Coup Or a New Egyptian Revolution?”, Wael Nawara, Al-Monitor, July 4.]

“Egípcios defendem identidade egípcia”. «*The ideology of the Muslim Brotherhood does not acknowledge the concept of the nation-state and calls instead for a monolithic Islamic nation that ignores national borders. Hence Egyptians have reacted with feelings of fear brought on by a credible threat to their survival as a nation and as a state. So perhaps for the first time in history, a revolution erupts because people want to defend their culture and way of life. If the January 25 revolution was about freedom, justice and dignity, the protests of June 30 were about Egyptians salvaging their Egyptian identity*» [“It's the Egyptian Identity, Stupid”, Wael Nawara, Al-Monitor, July 2.]

EGIPTO – O golpe militar de 30 de Junho.

Descrição de eventos no golpe militar de 30 de Junho. «*Egyptians did it again! Exactly one year after Mohammed Morsi was sworn into office as president before the Supreme Constitutional Court, on June 30, 2013, millions of Egyptians demonstrated, demanding early presidential elections or Morsi's departure. As Morsi failed to respond to the people's demands by the end of a 48-hour ultimatum from the military, the armed forces informed Morsi at 7 p.m. on July 3 that he was no longer president. Shortly afterward, Abdel Fattah al-Sisi, the head of the military, read an eight-minute statement signaling a new transition*»

UEA, Sauditas assinalam apoios – bolsa de valores recupera.

[Isto expressa que o golpe foi autorizado por forças externas, City]. «*Arab countries such as the United Arab Emirates and Saudi Arabia expressed a willingness to give much-needed assistance. The stock market went soaring on the news of Morsi's removal and the declaration of what looks like an early roadmap*» ["Was Morsi's Ouster a Coup Or a New Egyptian Revolution?", Wael Nawara, Al-Monitor, July 4.]

EGIPTO – O golpe militar de 30 de Junho – Tamarod, ElBaradei.

Tamarod ("Rebelião") mais um grupo ICG/NED/USSD. Tamarod ("Rebelião"), apoiado por shayfeencom, Kefaya Movement, National Salvation Front[13] and the April 6 Youth Movement. Importante aqui, Mohamed El Baradei, com a NSF. Neste nexo, Kifaya, April6, NSF, estamos a falar do eixo ONU/ICG/FMI, National Endowment for Democracy, U.S. State Department [ver notas sobre ***Arab Spring*** em geral].

"Jovens líderes Tamarod são maduros e eloquentes".

[Jovens dinâmicos, rebeldes e "apolíticos" – watch out]. Cuidado com movimentos "apolíticos" de jovens dinâmicos, coisas que são usadas para impor desagregação social e fascismo e, hoje em dia, isto é tecnocracia. E estes são assumidamente "re-BEL-s", "rebeldes"; é muito diferente de ser-se "revolucionário", ou "regenerador", ou "restaurador".

"Guiados por ElBaradei" [o provocador FMI/ICG/ONU, um homem muito mau]. Que até o Nilo privatizará, enquanto falará de "ajudar os pobres".

«*These breathtaking events in Egypt have suddenly brought new players to the spotlight. Tamarod young leaders seem much more mature, eloquent, politically versed and responsible than the thousands of revolutionaries who appeared with the Jan. 25 revolution. They have specific demands; mostly they know what they are doing and are willing to learn for what they don't. They sought advice and guidance from key figures such as ElBaradei and opposition leader Hamdeen Sabahy. Also, the National Salvation Front (NSF) emerged victorious from the June 30 revolution but the NSF will need to*

work hard to switch from being in opposition to becoming better geared to run in elections and adequately qualified to even possibly govern» [“Was Morsi's Ouster a Coup Or a New Egyptian Revolution?”, Wael Nawara, Al-Monitor, July 4.]

EGIPTO – O golpe militar de 30 de Junho – “Código de ética”.

Sisi, o chefe militar, fala de “código de ética” banindo “hate speech” [só o Salafi?]. «*A military spokesman tried to reach out to Islamist youth by assuring them that the armed forces will not allow their intimidation or exclusion. But today (July 4) several Islamist Channels were shut down and many Muslim Brotherhood leaders were arrested, including its supreme guide, whose hoped-for downfall was a key element in protesters' chants; Khairat el-Shater is rumored to have been the ultimate decision-maker in Egypt during Morsi's rule. Morsi himself is under house arrest. Whether these are precautionary measures or a sign of more things to come would probably depend on the response of the Muslim Brotherhood itself. Sisi mentioned in his speech developing a code of ethics and professional standards for the media, possibly banning hate speech and inflammatory incitement, which was the main commodity found on the Islamist extremist channels*» [“Was Morsi's Ouster a Coup Or a New Egyptian Revolution?”, Wael Nawara, Al-Monitor, July 4.]

EGIPTO – O golpe militar de 30 de Junho – A reacção oficial ocidental.

“Obama em doublebind – Ocidente trata evento como golpe contra governo legítimo”. «*Many analysts have been busy wondering if this was a coup or a revolution. Most Western media describe what happened as a coup against a democratically elected president. President Obama was careful not to use the word “coup” (defining Morsi's ouster as a coup could cause a cutoff of US aid to Egypt), but did urge swift return to democracy. The Muslim Brotherhood and many of its supporters do see this as a coup and warned of the consequences. Egyptians supporting the revolution see this exactly as what happened in the Jan. 25 revolution, where the military played a pivotal role in endorsing the revolution — whether directly by publicly recognizing the demands of the protesters at an early stage and pressuring Mubarak to step down, or indirectly by refusing to use force to quell the protests*» [“Was Morsi's Ouster a Coup Or a New Egyptian Revolution?”, Wael Nawara, Al-Monitor, July 4.]

GIA, GSPC, Al Qaeda no Maghreb Islâmico

Grupo Islâmico Armado (GIA).

Guerra civil argelina (1992-2002). Em 1992, o governo militar argelino cancela a segunda ronda das eleições parlamentares, perante o prospecto da vitória da Frente de Salvação Islâmica (Islamic Salvation Front, FIS), uma coligação islâmica moderada. A reacção dos movimentos islamitas ao cancelamento das eleições é a formação do Exército Islâmico de Salvação (ISA, Islamic Salvation Army), ligado ao FIS. Durante os anos seguintes, até ao cessar-fogo em 2002, o governo secular/militar vai estar em guerra civil com os movimentos da rebelião islâmica.

GIA: terror indiscriminado, tafkir, massacres, assassinatos. O GIA é um aparente splinter group do ISA, que depressa se torna na força terrorista dominante no país. Em 1994, recruta mais de 500 jovens/semana para as suas fileiras. Torna-se famoso pelas suas campanhas de violência crua e indiscriminada. Aposta em ataques bombistas, assassinatos, massacres, mutilações, decapitações. Alveja pessoas afiliadas ao governo, mas os seus principais alvos são alvos civis inocentes. Multidões reunidas são palcos frequentes de ataques bombistas. Aldeias isoladas são escolhidas para campanhas de purga e massacre colectivo. O GIA aposta em ataques espectaculares e mediáticos. Parte disto está em ataques dirigidos à própria imprensa. Muitos jornalistas argelinos são assassinados pelo movimento: ou porque são pró-governo, ou porque são moderados, ou porque não são radicais o suficiente. O grupo usa com à-vontade o conceito de *tafkir*, excomunhão, para justificar o assassinato daqueles que retrata como muçulmanos não-ortodoxos. O à-vontade com que o GIA assassina muçulmanos moderados contribui para a sua impopularidade e eventual dissipação. A ideologia do GIA inclui o habitual ódio à condição feminina, em especial contra a ideia de igualdade feminina. Não usar o hijab (véu de cabeça), ter uma carreira profissional, rejeitar a mu'ta (casamento temporário de prazer), são considerados motivos suficientes para assassinar uma mulher. Muitas mulheres nestas condições foram executadas pelo GIA. Como seria de esperar, o ódio do GIA também é dirigido contra Judeus, Cristãos e nacionais estrangeiros. Durante o conflito, o grupo organiza um conjunto de ataques terroristas em França, com destaque para o sequestro de um avião da Air France em 1994 e ataques bombistas a duas estações de metro de Paris em 1995. Ao mesmo tempo, a organização estabelece uma presença significativa na Europa ocidental, em países como França, Bélgica, Grã-Bretanha, Itália. A violência civil levada a cabo pelo GIA nunca foi sancionada pelo ISA.

Fundadores GIA, da carta islâmica na Ásia Central à utopia comunitária argelina. É neste contexto que surge o GIA (Groupe Islamique Armé, al-Jama'ah al-Islamiyah al-Musallaha). A escola dos fundadores do GIA é, como habitual, a jihad afegã de 1979-1989. Após servirem de "carta islâmica" na Ásia Central, como Brzezinski lhes

chamou, são rebalharados e redistribuídos, neste caso para o norte de África, onde procuram repetir o sucesso afegão e instaurar novos comunitarismos utópicos.

GIA dá lugar ao GSPC e à AQIM. Ainda antes do final da guerra civil, muitos dos seus activos transitam depois para a al-Qaeda e para o GSPC, precursor da AQIM.

Grupo Salafista para Pregação e Combate (GSPC).

A violência Nova Pregação do GSPC substitui as tácticas Hashesheen do GIA. Grupo Salafista para Pregação e Combate (Group Salafist pour la Predication et le Combat, Salafist Group for Preaching and Combat, GSPC). É formado em 1998 a partir do GIA. Vários comandantes GIA repudiam as tácticas da organização e formam a nova franchise, naquilo que é uma repetição da táctica Ishmaili de transitar entre violência e assassinato para moderação relativa. Esta Nova Pregação, de substituição a práticas Hashesheen, pode não ser tão “peace and love” como a de Hassan i-Sabbah o foi, mas é suficiente para cativar alguma da população civil argelina, que se sente confortada pela promessa de não ser, essencialmente, morta de forma indiscriminada.

Love bombing do GSPC conquista mentes, corações, contas bancárias. A love trend do GSPC conquista mentes, corações e contas bancárias. A nova franchise simplesmente assume controlo sobre muitas das redes do GIA e sobre os seus recursos financeiros na Europa.

GSPC dá lugar ao AQIM e ao seu sonho do love emirate do Norte de África. Mais tarde, a GSPC vai dar origem à AQIM, um novo empreendimento, movido pelo sonho de espalhar um love emirate a todo o “Islamic Maghreb”. A ligação formal à al-Qaeda é publicamente reconhecida em 2006, por Ayman al-Zawahiri, o guru do Centro de Estudos Islâmicos do Cairo, literal manager de Osama Bin Laden.

Al-Qaeda no Magrebe Islâmico (AQIM).

AQIM, descentralizada em múltiplas “katibas” e células. Al-Qaeda no Magrebe Islâmico (Al-Qaeda in the Islamic Maghreb, AQIM). Organização Salafi e jihadi, descentralizada, organizada em múltiplas sub-organizações, unidades, gangs, milícias, células autónomas. As unidades essenciais do movimento são as “katibas”, ou brigadas. As katibas estão organizadas em muitas células diferentes, seguindo o mesmo princípio de descentralização, autonomia, improvisação.

Etno-identitarismo Árabe e sharia ultra-legalista. A AQIM subscreve a usual ideologia etno-identitária da revisão gnosticizante introduzida nesta região por elementos wahabbi e senussi. Desta forma, assevera a superioridade racial Árabe sobre os restantes povos da região, como sejam os tuaregues e os africanos negros. Da mesma forma, subscreve a

sharia distorcida e estritamente legalista que é introduzida por esta revisão. Faz uma adaptação da ideologia Salafi ao panorama cultural do norte de África.

Objectivos: Califado, reconquista da Península Ibérica. Os seus líderes são essencialmente argelinos, apesar de a organização estar disseminada por vastas extensões do Norte de África: Sahara, Sahel, vários pontos da Líbia costeira. Os seus objectivos incluem livrar o norte de África de influência ocidental, derrubar governos vistos como "apóstatas" ou insuficientes (Argélia, Mali, Marrocos, Tunísia, Líbia). A organização tem ambições regionais latas, ambicionando recriar uma versão pós-moderna do velho Califado Fatímida, sobre todo o norte de África, e reconquistar al-Andaluz, a Península Ibérica. Os principais inimigos declarados são Espanha e França. O grupo já apelou directamente à reconquista de Espanha, à qual chamou "o nosso país" e, isto inclui o território português. Ao mesmo tempo, declarou guerra a França, que reciprocou o gesto em 2010.

Voluntários para missões suicidas no Iraque. Durante o período 2003-2011, a AQIM é uma contribuidora significativa de voluntários para missões no Iraque, frequentemente bombistas suicidas.

Descentralização, fluidez, criminalidade, ligações a AQAP, al-Shahaab, Boko Haram. A AQIM é uma *trend-setter* de excelência no panorama da *quality performance* em terrorismo pós-moderno. Como tal, aposta na difusão agressiva de múltiplas *franchises*, caracterizadas por fluidez, improviso e descentralização, cada qual oferecendo as suas próprias oportunidades de *learning*, *workshop training*, *best practice modeling*, *team building*. A casa-mãe AQIM incentiva o habitual modelo de *fundraising* autónomo pós-estrutural, por meio de contrabando de tabaco, armas, veículos e, de rapto e tráfico de pessoas. A AQIM em si tem múltiplas parcerias, todas elas baseadas em profícuo *networking*, com outras *love caravans* da região, como a Boko Haram da Nigéria, o al-Shahaab da Somália, a AQAP do Yemen.

A relação ambivalente dos terroristas argelinos com França.

Pais e tios eram inimigos reais do governo Gaullista. É interessante assistir à relação ambivalente de todos estes grupos Salafi argelinos com França. Na medida em que também eram extremistas islâmicos, os pais e os tios dos protagonistas actuais foram inimigos reais e virulentos do governo Gaullista. Faziam-no sob a ideia de combater o regime colonial francês.

Irmãos de armas da elite financeira e da extrema-esquerda (the boy and his dog). Nisto, eram irmãos de armas das duas principais facções francesas de oposição a De Gaulle. A principal destas facções é a elite aristocrática e financeira, representada essencialmente pelo principado do Mónaco. Estes são os terroristas financeiros. Depois, existem as legiões de maoístas, khmeristas, existencialistas, provocadores marxistas, existencialistas e assim sucessivamente. Estes são os terroristas culturais. A interacção

dialéctica entre as duas grandes facções é uma boa reflexão do axioma "*the boy and his dog*".

<u>As três forças de oposição a De Gaulle: terroristas financeiros, culturais e religiosos</u>.

<u>O perfil do terrorista argelino médio dos 60s.</u>

Um estudante de Marx, Sartre, Heidegger (a fórmula Shariati). O terrorista argelino médio dos anos 60 chegava a Paris para estudar na Sorbonne, onde aprendia a fundir formas deturpadas de islamismo com marxismo, comunitarismo e existencialismo. Esta é a fórmula notabilizada por Ali Shariati, o principal responsável pela redefinição do Shia iraniano a tons terroristas e fanonianos, a filosofia da revolução de 1979. É uma fórmula comum aos extremistas do norte de África.

Depois, obtinha fundos nalgum Credite, para comprar AK-47s. Depois, ia a uma qualquer *branch* do sistema bancário francês para obter a sua "bolsa de estágio", investida em explosivos e Kalashnikovs.

<u>Dúvida: esta relação alguma vez esfriou?</u> A única dúvida é sobre se esta relação de intensa *fraternité* alguma vez esfriou; seria estranho e atípico que assim tivesse sido.

GLOBAL GOVERNANCE 2025 – NIC, EU-ISS.

GLOBAL GOVERNANCE 2025 - Mundo multipolar, transnacional.

Estado-nação cede poder a agências internacionais e actores não-estatais.

Do G20 a OSCs, multinacionais, igrejas, etc. A ideia é que, em 2025, o mundo será gerido por múltiplas instâncias de governância global, desde agências globais, como a ONU ou o FMI, e regionais, mas também organizações multilaterais como o G20 ou o G7. Neste processo, o estado-nação também cede o seu poder a actores não-estatais e transnacionais:

«*In addition to the shift to a multipolar world, power is also shifting toward **nonstate actors***», «*...transnational nongovernmental organizations, civil-society groups, churches and faith-based organizations, multinational corporations, other business bodies, and interest groups*»

"Global Governance 2025: at a Critical Juncture" (2010). National Intelligence Council / EU Institute of Security Studies.

GLOBAL GOVERNANCE 2025 – Internacionalismo essencial para criar governo planetário.

Objectivo final: um sistema eficaz de governância global. É dito que esta «e*nhanced and more effective cooperation among a growing assortment of international, regional, and national in addition to nonstate actors is possible, achievable*», e que isso é essencial para o objectivo final, criar um «*newly effective and legitimate system [of global governance] is likely to be the big challenge*».

"*Global Governance 2025: at a Critical Juncture*" (2010). National Intelligence Council / EU Institute of Security Studies.

GLOBAL TRENDS 2025 – "A Transformed World".

"Major discontinuities, shocks, and surprises". Um mundo marcado por «*major discontinuities, shocks, and surprises*».

Sistema internacional vai ser quase irreconhecível em 2025.

Economia globalizada, transferência de riqueza de Ocidente para Oriente.

Crescente influência de actores não-estatais: ONGs, redes criminosas, negócios.

Sistema internacional global, multipolar.

«*The international system will be almost unrecognizable by 2025 owing to the rise of emerging powers, a globalizing economy, an historic transfer of relative wealth and economic power from West to East, and the growing influence of nonstate actors*», como sejam «*businesses… criminal networks… nongovernmental organizations… By 2025, the international system will be… global multipolar*»

Escassez de recursos [energia, comida, água], leva a terrorismo, proliferação, conflito. «*…resource issues move up on the international agenda*», com «*growing energy, food, and water constraints*» e o aumento incremental de «*terrorism, proliferation, and conflict*» Global Trends 2025: A Transformed World (2008). National Intelligence Council.

Histeria iraniana e a táctica dos dois blocos (Sunni, Shia).

A campanha de histeria à volta de Irão, Síria [Condi, Bush, Cheney, Leverett].

Condi Rice: "Sunni são moderados, Shia são extremistas e querem desestabilizar". «*In testimony before the Senate Foreign Relations Committee in January, Secretary of State Condoleezza Rice said that there is "a new strategic alignment in the Middle East," separating "reformers" and "extremists"; she pointed to the Sunni states as centers of moderation, and said that Iran, Syria, and Hezbollah were "on the other side of that divide." (Syria's Sunni majority is dominated by the Alawi sect.) Iran and Syria, she said, "have made their choice and their choice is to destabilize."*»

Bush: "Irão e Síria, força desestabilizadora no Iraque". «*President George W. Bush, in a speech on January 10th, partially spelled out this approach. "These two regimes"—Iran and Syria—"are allowing terrorists and insurgents to use their territory to move in and out of Iraq," Bush said. "Iran is providing material support for attacks on American troops. We will disrupt the attacks on our forces. We'll interrupt the flow of support from Iran and Syria. And we will seek out and destroy the networks providing advanced weaponry and training to our enemies in Iraq."*»

Cheney: "Irão nuclear, a grande ameaça mundial de proliferação". «*On Fox News on January 14th, Cheney warned of the possibility, in a few years, "of a nuclear-armed Iran, astride the world's supply of oil, able to affect adversely the global economy, prepared to use terrorist organizations and/or their nuclear weapons to threaten their neighbors and others around the world." He also said, "If you go and talk with the Gulf states or if you talk with the Saudis or if you talk with the Israelis or the Jordanians, the entire region is worried. . . . The threat Iran represents is growing."*»

Flynt Leverett, ex-NSC: "Nova estratégia visa provocar Irão". «*Flynt Leverett, a former Bush Administration National Security Council official, told me that "there is nothing coincidental or ironic" about the new strategy with regard to Iraq. "The Administration is trying to make a case that Iran is more dangerous and more provocative than the Sunni insurgents to American interests in Iraq, when—if you look at the actual casualty numbers—the punishment inflicted on America by the Sunnis is greater by an order of magnitude," Leverett said. "This is all part of the campaign of provocative steps to increase the pressure on Iran. The idea is that at some point the Iranians will respond and then the Administration will have an open door to strike at them."*» ["The Redirection", Seymour M. Hersh, The New Yorker, March 5, 2007]

A campanha de histeria à volta de Irão, Síria [Hersh].

Hersh aponta o óbvio.

“Principal ameaça terrorista no Iraque é Salafi”.

“Governo optou por colocar administração Shia, pró-Iraniana, no Iraque”.

[É essencial, entre charlatães, gerar sempre o teaser para o próximo capítulo].

«*One contradictory aspect of the new strategy is that, in Iraq, most of the insurgent violence directed at the American military has come from Sunni forces, and not from Shiites. But, from the Administration's perspective, the most profound—and unintended—strategic consequence of the Iraq war is the empowerment of Iran. Before the invasion of Iraq, in 2003, Administration officials, influenced by neoconservative ideologues, assumed that a Shiite government there could provide a pro-American balance to Sunni extremists, since Iraq's Shiite majority had been oppressed under Saddam Hussein. They ignored warnings from the intelligence community about the ties between Iraqi Shiite leaders and Iran, where some had lived in exile for years. Now, to the distress of the White House, Iran has forged a close relationship with the Shiite-dominated government of Prime Minister Nuri al-Maliki*» [“The Redirection”, Seymour M. Hersh, The New Yorker, March 5, 2007]

“Al Qaeda Iraniana” – “Iraq, Time for a New Approach”.

O mito quimérico da “Al Qaeda iraniana”. Esta também é a fase em que se fala desta quimera terrorista, mencionada em todos os noticiários, todas as noites, todos os jornais. É claro que a Al Qaeda é um grupo Salafi, inimiga mortal do Irão. Os grupos que o Irão apoia no Iraque são grupos Fedayeen, similares ao Hezbollah, como as milícias Mahdi de Moqtada Al-Sadr. Estas pessoas são o equivalente Shia da Al Qaeda.

“Iraq: Time for a New Approach” precede a “redirecção”. Logo a seguir à “redirecção” ser decidida, Robert Gates tornou-se o Secretário da Defesa em Washington. Nessa condição, Gates herdou a táctica e colocou-a em prática. Mas Gates também a ajudou a criar. Em 2005, Gates e Zbigniew Brzezinski escrevem “Iraq: Time for a New Approach”, para o Council on Foreign Relations. Nesse estudo, advogam a ideia de promover a formação de dois blocos antagonistas no Médio Oriente, um bloco Sunni e o outro Shia. Existe o incentivo directo à consolidação do bloco Shia, centrado em cinco países: Irão, Iraque, Afeganistão, Paquistão, Síria. Embora as palavras usadas não sejam essas, o que é advogado é lançar terroristas e fascistas militares Sunni, contra terroristas e fascistas militares Shia. O choque entre os dois blocos seria um confronto dialéctico que permitiria guiar a transformação do Médio Oriente como um todo. É precisamente isso que a Administração Bush coloca em prática com a “redirecção” e que continua sem impedimentos durante os anos Obama/Gates.

“Irão, a ameaça nuclear”.

A parceria histórica dos mullahs com os “infiéis”, em particular com os britânicos. A alta hierarquia dos mullahs não se importa de colaborar com forças “infiéis”: fá-lo com o Império Britânico, fá-lo depois com os golpes contra Mossadegh e Reza Palevi (em ambos os casos, em colaboração com a BP) e, mais recentemente, com a Revolução Verde de 2008, onde esteve lado a lado com a CNN e com as ONGs, a conduzir o que poderia ter sido um novo golpe, desta vez um conjunto de acções simbólicas contra Ahamadinejad.

O Irão é dirigido por degenerados mundanos, não por teocratas incensados. O Irão é um fascismo militar-teocrático, gerido pela polícia política e pelos mullahs. O factor essencial que costuma ser apresentado para “temer o Irão” é a expectativa do Shiismo do 12 pelo apocalipse e pela revelação do 12º Imam. Pouco há a temer quando isto vem de uma oligarquia de mullahs degenerados, notória por se envolver em todo o género de depravidades mundanas; o que inclui gerir bordéis e redes de narcóticos. O mesmo se aplica a quem realmente gere o país, os altos comandos das forças armadas e a polícia política.

O discurso dos “nuclear rogue states” é demagógico e visa gerar tensão dialéctica. O mito da “ameaça nuclear” surge na linha que foi aberta com o discurso dos “nuclear rogue states”, primeiro aplicado à Coreia do Norte. É pura demagogia retórica pós-moderna, que parte do pressuposto de que existem “estados suicidas” que estão dispostos a obter uma vendetta nuclear simbólica contra 2/3 cidades adversárias, e ser erradicados para sempre da face do planeta na sequência disso. Se o discurso da “ameaça nuclear” fosse para ser levado a sério, então o Ocidente nunca teria ajudado o Paquistão a desenvolver o seu próprio programa nuclear bélico. O Paquistão tem uma ligação tão activa ao terrorismo internacional como o Irão e tem centenas de bombas nucleares à disposição. Oferecer bombas nucleares ao Paquistão serviu para gerar tensão dialéctica com a Índia. Da mesma forma, o discurso do “nuclear rogue state”, qualquer que ele seja, funciona para gerar tensão na região respectiva do planeta. Com a Coreia do norte, é a tensão que levará à reunificação das Coreias. Com o Irão, é a tensão que possibilita o confronto dialéctico Sunni/Shia no Médio Oriente.

Um *talking point* na linha das WMDs iraquianas. É preciso não esquecer que todo este discurso é protagonizado pelos inventores da campanha mediática das WMDs iraquianas. Na altura, Donald Rumsfeld e o resto mentem *deliberadamente* ao público sobre esta questão e arranjam op-eds nos jornais sobre “yellow cake uranium”, arsenais de armas bioquímicas e assim sucessivamente. É a mesma linha. Estes *talking points* (é assim que se chamam) são usados pela capacidade de impressionar, persuadir, aterrorizar e não porque os demagogos que os elaboram reconheçam neles qualquer veracidade, ou interesse, intrínsecos.

História Líbia-Mali-Níger, contada com uma sucessão de artigos CFR.

[Com o apoio de uma sucessão de artigos CFR, justo porque esta é uma organização essencial para trazer a Arab Spring]

1. Collateral Damage [Líbia, Mali, AFRICOM].

Armas entregues à al-Qaeda na Líbia vão para Síria e são disseminadas pelo Sahel, Mali. As armas entregues às brigadas al-Qaeda na Líbia pela NATO (e, mais importante, o arsenal de estado de Khadafi) serve propósitos de banditismo interno, mas também para exportação externa: Síria foi o ponto mais óbvio, mas o fenómeno também vai afectar o Norte de África em geral. Um artigo de Stewart M. Patrick (The Internationalist, blogger académico para o CFR), dá-nos conta da segunda parte do fenómeno (exportação de armas pelo Sahel) e explica que, uau, de algum modo houve esta espécie de blowback regional. A principal vítima disto foi o Mali. Como é que tal coisa é possível? Os bravos jovens jihadi da Líbia, fazerem tal coisa?

Agora, a AFRICOM e a ONU têm de policiar o Sahel [tb, ECOWAS]. Bom, seja, como for, diz Patrick, agora existe a necessidade de policiar o Sahel em si. Isto tem de ser feito com forças internacionais, colocadas em pontos estratégicos pela região fora. Essas forças têm de impor formas de lei marcial (i.e. combate aberto e brutalidade) em pontos ao longo da região. O destaque vai, claro, para ONU e AFRICOM. [***The Internationalist » Collateral Damage – How Libyan Weapons Fueled Mali's Violence***]. Aqui convém mencionar que a ECOWAS serve de força internacional provisória para o policiamento do Mali.

2. "After Mali Comes Niger".

O autor, especialista em culturologia política africana. Artigo de Sebastian Elischer, professor assistente de política comparada, Leuphana University Lüneburg e senior research fellow no German Institute of Global and Area Studies, Hamburg. Escreve "Political Parties in Africa: Ethnicity and Party Formation" (Cambridge University Press). Ou seja, um especialista em política comparada, etno-estudos, antropologia política e assim sucessivamente. [***Foreign Affairs – After Mali Comes Niger***]

"Grupos terroristas migram de Mali para Nigéria, que tem um governo fraco" (para quem?). O autor apresenta um estudo antropológico simplificado do cenário político e cultural do Níger e conclui que este é um "*appealingly easy target*"; só resta saber, para quem.

País tem tuaregues, portanto precisa de intervenção externa. É mencionado que o grande motivo de risco é a migração de grupos terroristas para o país, ao longo das zonas tribais Tuaregue mas, ao longo do artigo, é mencionado o facto como essas zonas tribais sempre foram hostis ao governo. Estão em paz porque existe um acordo de paz. Seja como for, os Tuaregue são o novo grande alvo precaucionário na ilusória Guerra contra o Terror. A este respeito, é

interessante observar que os Tuaregue líbios foram alvos preferenciais dos bandos al-Qaeda equipados pela NATO. O governo do Níger é um governo fraco e certamente não será difícil torcer-lhe o braço para instalar a AFRICOM no país.

«*Mali will almost certainly be turned into an ECOWAS trusteeship. The most likely upshot is not a neat end to the conflict but, rather, a migration of the problem into neighboring Niger… Parts of the Tuareg leadership, which signed a power-sharing agreement in March 2012 with three jihadist militias -- al Qaeda in the Islamic Maghreb, Ansar Dine, and the Movement for Oneness and Jihad in West Africa – have already fled across the unguarded Nigerien border, where they will try to regroup. Given Niger's weak government structures, they also pose a serious security threat to the country as a whole. Niger presents an appealingly easy target… The outbreak of wider unrest in Niger could drag the West into a long-term military engagement in the Sahel region. France gets roughly three-quarters of its energy from uranium mined in northern Niger, near the city of Arlit. Unsurprisingly, France has already deployed soldiers to protect those resources, and China is said to have done the same at its uranium mine near Azalik. Niger is also an oil exporter, and production is expected to grow significantly in coming months. Rebel movements and Islamic militants are within reach of Niger's mines and oil fields, which they could use to fund their rebellion. Further attacks on Nigerian and Algerian territory remain a distinct possibility. The West should not trust the Nigerien army to manage such a conflict on its own. Its upper ranks were appointed by the previous civilian government -- based on political loyalty, not merit. As a result, the army lacks professionalism and adequate training. And the country's already weak forces will soon be further depleted: Niger has offered ECOWAS 20 percent of its military to either join in the operation in Mali or go on standby*»

3. "Drones in Niger" – AFRICOM na Nigéria, "mission creep" é expectável. «*President Obama… deployed "approximately one hundred" U.S. military troops to Niamey, Niger to establish a drone base to survey the Sahel and the Sahara. This base, which could eventually host up to three hundred U.S. troops, contradicts earlier administration assurances that there would be no U.S. boots on the ground… "Mission Creep" is probably inevitable, not least because the lack of infrastructure will require the Americans to provide high levels of support for their military personnel. The drone base is likely to get bigger, even if its mission remains surveillance only*» [***Africa in Transition » Drones in Niger – A Fateful Decision***]

[também, ***Drone base in Niger gives U.S. a strategic foothold in West Africa – Drone warfare-Niger becomes latest frontline in US war on terror - World news - Guardian Weekly***]

<u>HUNTINGTON (1996) – Conflito Israelo-Árabe cultivado por ocidente</u>.

<u>Médio Oriente, do Império Otomano ao século XXI</u>.

«*In the nineteenth and early twentieth centuries as Ottoman power declined Britain, France, and Italy established Western control over most of North Africa and the Middle East… After World War II, the West, in turn, began to retreat; the colonial empires disappeared; first Arab nationalism and then Islamic fundamentalism manifested themselves; the West became heavily dependent on the Persian Gulf countries for its energy; the oil-rich Muslim countries became money-rich and, when they wished to, weapons-rich.* ***Several wars occurred between Arabs and Israel (created by the West)****. France fought a bloody and ruthless war in Algeria for most of the 1950s; British and French forces invaded Egypt in 1956; American forces went into Lebanon in 1958; subsequently American forces returned to Lebanon, attacked Libya, and engaged in various military encounters with Iran; Arab and Islamic terrorists, supported by at least three Middle Eastern governments, employed the weapon of the weak and bombed Western planes and installations and seized Western hostages. This warfare between Arabs and the West culminated in 1990, when the United States sent a massive army to the Persian Gulf to defend some Arab countries against aggression by another. In its aftermath NATO planning is increasingly directed to potential threats and instability along its "southern tier."*»**

**Samuel P. Huntington (1996). "The Clash of Civilizations?", *In* "The Clash of Civilizations and the Remaking of World Order". Simon & Schuster.

HUNTINGTON (1996) – O Choque de Civilizações.

Huntington (1996) – O Choque de Civilizações – "Fault line wars".

Após Guerra Fria, próximo padrão de conflito é o Choque de Civilizações.

"The fault lines between civilizations will be the battle lines of the future".

"The West and the Rest".

«*The next pattern of conflict… The great divisions among humankind and the dominating source of conflict will be cultural… The clash of civilizations will dominate global politics. The fault lines between civilizations will be the battle lines of the future… The next world war, if there is one, will be a war between civilizations… the paramount axis of world politics will be the relations between "the West and the Rest"… The central axis of world politics in the future is likely to be, in Kishore Mahbubani's phrase, the conflict between "the West and the Rest" and the responses of non-Western civilizations to Western power and values*»**

O futuro baseia-se em "fault line wars".

Envolvem estados e grupos não governamentais.

São guerras prolongadas, arrastadas.

Produzem ódio, extremismo, migrações, refugiados, massacres, genocídio.

«*Fault line wars… may occur between states, between nongovernmental groups, and between states and nongovernmental groups*»*

«*…hatred… genocide… fault line wars… tend to produce large numbers of deaths and refugees… As a fault line war intensifies, each side demonizes its opponents, often portraying them as subhuman, and thereby legitimates killing them… Mass murder, torture, rape, and the brutal expulsion of civilians all are justifiable as communal hate feeds on communal hate*»*

*Samuel P. Huntington (1996). "The Clash of Civilizations and the Remaking of World Order". Simon & Schuster.

**Samuel P. Huntington (1996). "The Clash of Civilizations?", *In* "The Clash of Civilizations and the Remaking of World Order". Simon & Schuster.

Huntington (1996) – Desmembramento de estados-nação.

A URSS e a Jugoslávia foram apenas demonstrações. «*In the future, as people differentiate themselves by civilization, countries with large numbers of peoples of different civilizations, such as the Soviet Union and Yugoslavia, are candidates for dismemberment*»**

**Samuel P. Huntington (1996). "The Clash of Civilizations?", *In* "The Clash of Civilizations and the Remaking of World Order". Simon & Schuster.

Huntington (1996) – A Rússia e o bélico Eixo Confuciano-Islâmico.

Rússia como adversário, a "Cristandade Ortodoxa". «*As the ideological division of Europe has disappeared, the cultural division of Europe between Western Christianity, on the one hand, and Orthodox Christianity and Islam, on the other, has reemerged…*»**

A ameaça Chinesa, o "biggest player" na história do homem. «*A more dangerous source of a global intercivilizational war is the shifting balance of power among civilizations and their core states. If it continues, the rise of China and the increasing assertiveness of this "biggest player in the history of man" will place tremendous stress on international stability in the early twenty-first century. The emergence of China as the dominant power in East and Southeast Asia would be contrary to American interests as they have been historically construed*»*

Eixo Confuciano-Islâmico.

"A rivalidade perpétua entre Ocidente e Islão vai-se tornar mais virulenta".

"Eixo Confuciano-Islâmico, para rivalizar com Ocidente".

"Nova corrida às armas".

"Dave McCurdy: "a renegades' mutual support pact, run by the proliferators…".

[Por esta altura, Traficant fala do circuito de crédito e armas EUA-China-Rússia-Irão – i.e., quem são estes *"proliferadores"*?].

«*This centuries-old military interaction between the West and Islam is unlikely to decline. It could become more virulent*»**

«*The conflict between the West and the Confucian-Islamic states… The Confucian-Islamic connection… has emerged to challenge Western interests, values and power… a central focus of conflict for the immediate future will be between the West and several Islamic-Confucian states… A Confucian-Islamic military connection has thus come into being, designed to promote acquisition by its members of the weapons and weapons technologies needed to counter the military power of the West. It may or may not last. At present, however, it is, as Dave McCurdy has said, "a renegades' mutual support pact, run by the proliferators and their backers." A new form of arms competition is*

thus occurring between Islamic-Confucian states and the West. In an old-fashioned arms race, each side developed its own arms to balance or to achieve superiority against the other side. In this new form of arms competition, one side is developing its arms and the other side is attempting not to balance but to limit and prevent that arms build-up while at the same time reducing its own military capabilities»**

O "carácter bélico do Islão".

«*Islam's bloody borders… A history of off-again-on-again slaughter… Islam's borders are bloody, and so are its innards… The overwhelming majority of fault line conflicts… have taken place along the boundary looping across Eurasia and Africa that separates Muslims from non-Muslims. While at the macro or global level of world politics the primary clash of civilizations is between the West and the rest, at the micro or local level it is between Islam and the others… The Muslim propensity toward violent conflict is also suggested by the degree to which Muslim societies are militarized… Muslim states also have had a high propensity to resort to violence in international crises, employing it to resolve 76 crises out of a total of 142 in which they were involved between 1928 and 1979*»*

*Samuel P. Huntington (1996). "The Clash of Civilizations and the Remaking of World Order". Simon & Schuster.

**Samuel P. Huntington (1996). "The Clash of Civilizations?", *In* "The Clash of Civilizations and the Remaking of World Order". Simon & Schuster.

Huntington (1996) – EUA-EU – Militarização e prevenção contra Eixo do Mal.

Tomar acções preventivas contra Eixo Confuciano-Islâmico.

Promover militarização.

«*…to restrain the development of the conventional and unconventional military power of Islamic and Sinic countries… to accept Russia as the core state of Orthodoxy and a major regional power with legitimate interests in the security of its southern borders… to maintain Western technological and military superiority over other civilizations…*»*

«*…to prevent escalation of local inter-civilization conflicts into major inter-civilization wars; to limit the expansion of the military strength of Confucian and Islamic states; to moderate the reduction of Western military capabilities and maintain military superiority in East and Southwest Asia; to exploit differences and conflicts among Confucian and Islamic states; to support in other civilizations groups sympathetic to Western values and interests; to strengthen international institutions that reflect and legitimate Western interests and values and to promote the involvement of non-Western states in those institutions*»**

*Samuel P. Huntington (1996). "The Clash of Civilizations and the Remaking of World Order". Simon & Schuster.

**Samuel P. Huntington (1996). "The Clash of Civilizations?", *In* "The Clash of Civilizations and the Remaking of World Order". Simon & Schuster.

Huntington (1996) – EUA-EU – Expandir "espaço atlântico".

Integração transatlântica – NTA.

Absorver Europa de Leste (Báltico, Eslovénia, Croácia) na NATO e na UE.

Obter alinhamento da América Latina e do Japão.

«*To preserve Western civilization… it is in the interest of the United States and European countries: to achieve greater political, economic, and military integration and to coordinate their policies… to incorporate into the European Union and NATO the Western states of Central Europe that is, the Visegrad countries, the Baltic republics, Slovenia, and Croatia… to encourage the "Westernization" of Latin America and, as far as possible, the close alignment of Latin American countries with the West… to slow the drift of Japan away from the West and toward accommodation with China…*»*

« *In the short term it is clearly in the interest of the West to promote greater cooperation and unity within its own civilization, particularly between its European and North American components; to incorporate into the West societies in Eastern Europe and Latin America whose cultures are close to those of the West; to promote and maintain cooperative relations with Russia and Japan…*»**

*Samuel P. Huntington (1996). "The Clash of Civilizations and the Remaking of World Order". Simon & Schuster.

**Samuel P. Huntington (1996). "The Clash of Civilizations?", *In* "The Clash of Civilizations and the Remaking of World Order". Simon & Schuster.

Huntington (1996) – Choque com Islão vai extremar fundamentalismo.

Intervenção no Islão apenas vai alimentar radicalismo.

As "fault line wars" prolongam-se.

Intensificação, expansão, contenção, interrupção e, raramente, resolução.

Ganham vida própria.

Identidades são consolidadas e extremadas, e uma dinâmica de ódio emerge.

Os moderados perdem para os radicais.

"Fundamentalismo islâmico já está a tornar-se prevalente e dominante".

«*Fault line wars go through processes of intensification, expansion, containment, interruption, and, rarely, resolution… Once started, fault line wars… tend to take on a life of their own and to develop in an action-reaction pattern. Identities which had previously been multiple and casual become focused and hardened… A "hate dynamic" emerges… As revolutions evolve, moderates, Girondins, and Mensheviks lose out to radicals, Jacobins, and Bolsheviks. A similar process tends to occur in fault line wars… In the course of the war, multiple identities fade and the identity most meaningful in relation to the conflict comes to dominate…*»*

«*Overall, another observer reported: Muslim nationalism is becoming more extreme. It now takes no account of other national sensibilities; it is the property, privilege, and political instrument of the newly predominant Muslim nation… The main result of this new Muslim nationalism is a movement towards national homogenization… Increasingly, Islamic religious fundamentalism is also gaining dominance in determining Muslim national interests*»*

*Samuel P. Huntington (1996). "The Clash of Civilizations and the Remaking of World Order". Simon & Schuster.

Huntington (1996) – Diáspora islâmica na Europa exporta e intensifica choque.

Diáspora islâmica na Europa, prolifera radicalismo de ambos os lados.

Crescimento populacional nos países árabes levou a emigração em massa para Europa Ocidental.

Isto já levou a alguns problemas – com tensões raciais em Itália, França, Alemanha.

[O prelúdio do fascismo, para excitar ânimos e cultivar a geração de forças de intervenção que vai lidar com os novos indesejáveis sociais].

[São viveiros de criação de novos comandos urbanos, para a polícia paramilitar].

[Formação contínua, flexível e culturalmente ajustada, de RH].

[Já têm a mentalidade de grupo, o culto da força e da irracionalidade, e já estão habituados à cabeça rapada].

«*The expansion of transportation and communication in the modern world has facilitated the… "internationalization" of fault line conflicts. Migration has created diasporas in third civilizations… Fault line wars are by definition local wars between local groups with wider connections and hence promote civilizational identities among their participants… Kin countries and diasporas… As a result of this "kin-country*

syndrome," fault line conflicts have a much higher potential for escalation than do intracivilizational conflicts and usually require intercivilizational cooperation to contain and end them»*

«*Those relations are also complicated by demography. The spectacular population growth in Arab countries, particularly in North Africa, has led to increased migration to Western Europe. The movement within Western Europe toward minimizing internal boundaries has sharpened political sensitivities with respect to this development. In Italy, France and Germany, racism is increasingly open, and political reactions and violence against Arab and Turkish migrants have become more intense and more widespread since 1990. On both sides the interaction between Islam and the West is seen as a clash of civilizations*»**

*Samuel P. Huntington (1996). "The Clash of Civilizations and the Remaking of World Order". Simon & Schuster.

**Samuel P. Huntington (1996). "The Clash of Civilizations?", *In* "The Clash of Civilizations and the Remaking of World Order". Simon & Schuster.

Huntington (1996) – Democratização árabe coloca radicais no poder.

<u>Os principais beneficiários de democracia têm sido islamistas radicais</u>.

<u>Ou seja, democracia ocidental prolifera anti-ocidentalismo</u>.

«*Some openings in Arab political systems have already occurred. The principal beneficiaries of these openings have been Islamist movements. In the Arab world, in short, Western democracy strengthens anti-Western political forces. This may be a passing phenomenon, but it surely complicates relations between Islamic countries and the West*»**

**Samuel P. Huntington (1996). "The Clash of Civilizations?", *In* "The Clash of Civilizations and the Remaking of World Order". Simon & Schuster.

Huntington (1996) – Cenário de guerra mundial.

«*Given this American interest, how might war between the United States and China develop? Assume the year is 2010. American troops are out of Korea, which has been reunified, and the United States has a greatly reduced military presence in Japan. Taiwan and mainland China have reached an accommodation in which Taiwan continues to have most of its de facto independence but explicitly acknowledges Beijing's suzerainty and with China's sponsorship has been admitted to the United Nations on the model of Ukraine and Belorussia in 1946. The development of the oil resources in the South China Sea has proceeded apace, largely under Chinese auspices*

but with some areas under Vietnamese control being developed by American companies. Its confidence boosted by its new power projection capabilities, China announces that it will establish its full control of the entire sea, over all of which it has always claimed sovereignty. The Vietnamese resist and fighting occurs between Chinese and Vietnamese warships. The Chinese, eager to revenge their 1979 humiliation, invade Vietnam. The Vietnamese appeal for American assistance. The Chinese warn the United States to stay out. Japan and the other nations in Asia differ.

The United States says it cannot accept Chinese conquest of Vietnam, calls for economic sanctions against China, and dispatches one of its few remaining carrier task forces to the South China Sea. T h e Chinese denounce this as a violation of Chinese territorial waters and launch air strikes against the task force. Efforts by the U.N. secretary general and the Japanese prime minister to negotiate a cease-fire fail, and the fighting spreads elsewhere in East Asia. Japan prohibits the use of U.S. bases in Japan for action against China, the United States ignores that prohibition, and Japan announces its neutrality and quarantines the bases. Chinese submarines and land-based aircraft operating from both Taiwan and the mainland impose serious damage on U.S. ships and facilities in East Asia. Meanwhile Chinese ground forces enter Hanoi and occupy large portions of Vietnam.

Since both China and the United States have missiles capable of delivering nuclear weapons to the other's territory, an implicit standoff occurs and these weapons are not used in the early phases of the war. Fear of such attacks, however, exists in both societies and is particularly strong in the United States. This leads many Americans to begin to ask why they are being subjected to this danger? What difference does it make if China controls the South China Sea, Vietnam, or even all of Southeast Asia? Opposition to the war is particularly strong in the Hispanic-dominated states of the southwestern United States, whose people and governments say "this isn't our war" and attempt to opt out on the model of New England in the War of 1812. After the Chinese consolidate their initial victories in East Asia, American opinion begins to move in the direction that Japan hoped it would in 1942: the costs of defeating this most recent assertion of hegemonic power are too great; let's settle for a negotiated end to the sporadic fighting or "phony war" now going on in the Western Pacific.

Meanwhile, however, the war is having an impact on the major states of other civilizations. India seizes the opportunity offered by China's being tied down in East Asia to launch a devastating attack on Pakistan with a view to degrading totally that country's nuclear and conventional military capabilities. It is initially successful but the military alliance between Pakistan, Iran, and China is activated and Iran comes to Pakistan's assistance with modern and sophisticated military forces. India becomes bogged down fighting Iranian troops and Pakistani guerrillas from several different ethnic groups. Both Pakistan and India appeal to Arab states for support —India warning of the danger of Iranian dominance of Southwest Asia —but the initial successes of China against the United States have stimulated major anti-Western movements in Muslim societies. One by one the few remaining pro-Western

governments in Arab countries and in Turkey are brought down by Islamist movements powered by the final cohorts of the Muslim youth bulge. The surge of anti-Westernism provoked by Western weakness leads to a massive Arab attack on Israel, which the much-reduced U.S. Sixth Fleet is unable to stop. China and the United States attempt to rally support from other key states. As China scores military successes, Japan nervously begins to bandwagon with China, shifting its position from formal neutrality to pro-Chinese positive neutrality and then yielding to China's demands and becoming a cobelligerent. Japanese forces occupy the remaining U.S. bases in Japan and the United States hastily evacuates its troops. The United States declares a blockade of Japan, and American and Japanese ships engage in sporadic duels in the Western Pacific. At the start of the war China proposed a mutual security pact with Russia (vaguely reminiscent of the Hitler-Stalin pact). Chinese successes, however, have just the opposite effect on Russia than they had on Japan. The prospect of Chinese victory and total Chinese dominance in East Asia terrifies Moscow. As Russia moves in an anti-Chinese direction and begins to reinforce its troops in Siberia, the numerous Chinese settlers in Siberia interfere with these movements. China then intervenes militarily to protect its countrymen and occupies Vladivostok, the Amur River valley, and other key parts of eastern Siberia. As fighting spreads between Russian and Chinese troops in central Siberia, uprisings occur in Mongolia, which China had earlier placed under a "protectorate."

Control of and access to oil is of central importance to all combatants. Despite its extensive investment in nuclear energy, Japan is still highly dependent on oil imports and this strengthens its inclination to accommodate China and insure its flow of oil from the Persian Gulf, Indonesia, and the South China sea. During the course of the war, as Arab countries come under the control of Islamic militants, Persian Gulf oil supplies to the West diminish to a trickle and the West consequently becomes increasingly dependent on Russian, Caucasian, and Central Asian sources. This leads the West to intensify its efforts to enlist Russia on its side and to support Russia in extending its control over the oil-rich Muslim countries to its south.

Meanwhile the United States has been eagerly attempting to mobilize the full support of its European allies. While extending diplomatic and economic assistance, they are reluctant to become involved militarily. China and Iran, however, are fearful that Western countries will eventually rally behind the United States, even as the United States eventually came to the support of Britain and France in two world wars. To prevent this they secretly deploy intermediate-range nuclear-capable missiles to Bosnia and Algeria and warn the European powers that they should stay out of the war. As was almost always the case with Chinese efforts to intimidate countries other than Japan, this action has consequences just the opposite of what China wanted. U.S. intelligence perceives and reports the deployment and the NATO Council declares the missiles must be removed immediately. Before NATO can act, however, Serbia, wishing to reclaim its historic role as the defender of Christianity against the Turks, invades Bosnia. Croatia joins in and the two countries occupy and partition Bosnia, capture the missiles, and

proceed with efforts to complete the ethnic cleansing which they had been forced to stop in the 1990s. Albania and Turkey attempt to help the Bosnians; Greece and Bulgaria launch invasions of European Turkey and panic erupts in Istanbul as Turks flee across the Bosporus. Meanwhile a missile with a nuclear warhead, launched from Algeria, explodes outside Marseilles, and NATO retaliates with devastating air attacks against North African targets.

The United States, Europe, Russia, and India have thus become engaged in a truly global struggle against China, Japan, and most of Islam. How would such a war end? Both sides have major nuclear capabilities and clearly if these were brought into more than minimal play, the principal countries on both sides could be substantially destroyed. If mutual deterrence worked, mutual exhaustion might lead to a negotiated armistice, which would not, however, resolve the fundamental issue of Chinese hegemony in East Asia. Alternatively the West could attempt to defeat China through the use of conventional military power. The alignment of Japan with China, however, gives China the protection of an insular cordon sanitaire preventing the United States from using its naval power against the centers of Chinese population and industry along its coast. T h e alternative is to approach China from the west. The fighting between Russia and China leads NATO to welcome Russsia as a member and to cooperate with Russia in countering Chinese incursions into Siberia, maintaining Russian control over the Muslim oil and gas countries of Central Asia, promoting insurrections against Chinese rule by Tibetans, Uighurs, and Mongolians, and gradually mobilizing and deploying Western and Russian forces eastward into Siberia for the final assault across the Great Wall to Beijing, Manchuria, and the Han heartland.

Whatever the immediate outcome of this global civilizational war —mutual nuclear devastation, a negotiated halt as a result of mutual exhaustion, or the eventual march of Russian and Western forces into Tiananmen Square — the broader long-term result would almost inevitably be the drastic decline in the economic, demographic, and military power of all the major participants in the war. As a result, global power which had shifted over the centuries from the East to the West and had then begun to shift back from the West to the East would now shift from the North to the South. The great beneficiaries of the war of civilizations are those civilizations which abstained from it. With the West, Russia, China, and Japan devastated to varying degrees, the way is open for India, if it escaped such devastation even though it was a participant, to attempt to reshape the world along Hindu lines. Large segments of the American public blame the severe weakening of the United States on the narrow Western orientation of WASP elites, and Hispanic leaders come to power buttressed by the promise of extensive Marshall Plan-type aid from the booming Latin American countries which sat out the war. Africa, on the other hand, has little to offer to the rebuilding of Europe and instead disgorges hordes of socially mobilized people to prey on the remains. In Asia if China, Japan, and Korea are devastated by the war, power also shifts southward, with Indonesia, which had remained neutral, becoming the dominant state and, under the guidance of its Australian advisors, acting to shape the course of events from New

Zealand on the east to Myanmar and Sri Lanka on the west and Vietnam on the north. All of which presages future conflict with India and a revived China. In any event, the center of world politics moves south»*

*Samuel P. Huntington (1996). "The Clash of Civilizations and the Remaking of World Order". Simon & Schuster.

Huntington (1996) – A questão da identidade russa.

Ocidentalismo ou Ortodoxia Pan-Eslava.

"A Western democrat could carry on an intellectual debate with a Soviet Marxist".

"It would be virtually impossible for him to do that with a Russian traditionalist".

«*The question of whether Russia is part of the West or the leader of a distinct Slavic-Orthodox civilization has been a recurring one in Russian history. That issue was obscured by the communist victory in Russia, which imported a Western ideology, adapted it to Russian conditions and then challenged the West in the name of that ideology… With communism discredited Russians once again face that question. President Yeltsin is adopting Western principles and goals and seeking to make Russia a "normal" country and a part of the West. Yet both the Russian elite and the Russian public are divided on this issue. Among the more moderate dissenters, Sergei Stankevich argues that Russia should reject the "Atlanticist" course, which would lead it "to become European, to become a part of the world economy in rapid and organized fashion, to become the eighth member of the Seven, and to put particular emphasis on Germany and the United States as the two dominant members of the Atlantic alliance." While also rejecting an exclusively Eurasian policy, Stankevich nonetheless argues that Russia should give priority to the protection of Russians in other countries, emphasize its Turkic and Muslim connections, and promote "an appreciable redistribution of our resources, our options, our ties, and our interests in favor of Asia, of the eastern direction." People of this persuasion criticize Yeltsin for subordinating Russia's interests to those of the West, for reducing Russian military strength, for failing to support traditional friends such as Serbia, and for pushing economic and political reform in ways injurious to the Russian people. Indicative of this trend is the new popularity of the ideas of Petr Savitsky, who in the 1920s argued that Russia was a unique Eurasian civilization. More extreme dissidents voice much more blatantly nationalist, anti-Western and anti-Semitic views, and urge Russia to redevelop its military strength and to establish closer ties with China and Muslim countries… The conflict between liberal democracy and Marxism-Leninism was between ideologies which, despite their major differences, ostensibly shared ultimate goals of freedom, equality and prosperity. A traditional, authoritarian, nationalist Russia could have quite different goals. A Western democrat could carry on an intellectual debate with a Soviet Marxist. It would be virtually impossible for him to do that with a Russian traditionalist.*

If, as the Russians stop behaving like Marxists, they reject liberal democracy and begin behaving like Russians but not like Westerners, the relations between Russia and the West could again become distant and conflictual»**

**Samuel P. Huntington (1996). “The Clash of Civilizations?”, *In* “The Clash of Civilizations and the Remaking of World Order”. Simon & Schuster.

ICG – Tailândia – Mercenários e terror

ICG – International Crisis Group.

ICG, um ponto de encontro de forças armadas, bancos, multinacionais e fundações.

Organização vital no aparato ONU – Soros e Brzezinski. Uma organização que existe com o dinheiro de George Soros e com a orientação táctica de Zbigniew Brzezinski.

Trustees e membros (lista muito parcial). George Soros; Shimon Peres; Mohamed ElBaradei; Wesley Clark; Kenneth Adelman; Zbiginiew Brzezinski; Richard Armitage

Corporate and foundation sponsors. Carnegie Corporation of New York; Open Society Institute; Rockefeller Brothers Fund; Morgan Stanley; Deutsche Bank Group; Soros Fund Management LLC; Chevron; Royal Dutch Shell

"Gerir crises" – Business process management. O grupo anuncia-se como sendo especialização na gestão de crises, em todas as regiões do globo. "Gerir crises": esta expressão pode, e deve, ser interpretada em toda a sua amplitude. Um nome bem escolhido, já que isto é business process management.

ICG – Costa Do Marfim.

Alassane Ouattara, agente do FMI – Massacres. O ICG foi instrumental a dar cobertura (apoio mediático e institucional) aos massacres na Costa do Marfim, perpetrados pelo agente do FMI, o carniceiro Alassane Ouattara.

ICG dá apoio mediático e institucional às atrocidades de Ouattara.

ICG – Tailândia, o bilionário global e os "red shirts".

Yingluck Shinwatra torna-se PM com o Peua Thai, "partido vermelho". Ao mesmo tempo, o ICG estava fixado nas lutas de poder disfarçadas de "movimento democrático", na Tailândia. De um lado o governo; do outro lado o partido vermelho, o Peua Thai, liderado por *Yingluck Shinwatra*, que se tornou primeira-ministra após o sucesso da revolução.

Thaksin Shinwatra, jogador global, antes expulso do poder na Tailândia. De um lado, *Thaksin Shinwatra*, um bilionário apoiado por dinheiro multinacional, que tentou impor um US-Thai Free Trade Agreement antes de ser expulso do poder em 2006. Continuou a ser apoiado pelos interesses multinacionais aos quais estava antes associado, e que por

sua vez são representantes globalistas. Thaksin Shinwatra é um **ex-conselheiro do Carlyle Group**, e grande jogador empresarial e financeiro.

Peua Thai, gerido por hiper-capitalistas, base de apoio comunista – "red shirts". É claro que a sua base de apoio é composta de comunistas, as brigadas de camisa vermelha, os "red shirts".

Mercenários espalham terror em manifestações – Tailândia, Yemen, Síria.

Células contratadas para actos de terror – Tailândia, Yemen, Síria. Na Tailândia, Yemen, Síria, surgem mercenários a disparar contra manifestantes e polícia a partir dos telhados. Os media ocidentais foram rápidos a atribuir isto aos regimes desafiados, mas o modus operandi indica claramente a operação de células terroristas contratadas.

"Red shirts" na Tailândia – Uso de mercenários armados, "men in black". Na Tailândia, personagens associados ao Peua Thai perpetraram ataques terroristas, à bomba, que mataram pessoas. Os confrontos entre os manifestantes e a polícia incluíram, do lado dos manifestantes, os chamados "men in black" – mercenaries firing assault rifles and M-79 grenade launchers into the riot troops. O assessor de segurança dos "red shirts", Seh Daeng, viria mais tarde a admitir ao "The Age" que tinha 300 homens armados sob o seu comando nas ruas de Banguecoque.

IKHWAN, infiltração e wrecking job no Egipto (notas extra)

IKHWAN: Redes de influência e de infiltração [Irmandade Muçulmana].

Ikhwan: Aparato gnóstico pan-Islâmico, de origens Ishmaili/Sufi.

"International secret underground society operating its own totalitarian parallel state, a state-within-the-state".

"Secretly controls businesses, political parties, militias, media institutions".

"Schools, hospitals, charities, syndicates and even student unions".

Durante décadas financiados por sheikhs Wahhabi.

Infiltram lentamente sociedade egípcia, que al-Banna desprezava.

Introduzem mudanças graduais, lançam redes de ONGs, infiltram mesquitas.

IKHWAN no Egipto: "Fraternização" e terrorismo cultural.

"Fraternização" [Akhwwana], a tomada de controlo do estado pelos Ikhwan.

Doutrinação em larga escala – "Ensinar egípcios a pensar como Ikhwan".

A reescrita da história, como de costume.

Constituição codifica e impõe gnosticismo Ikhwan à população.

Típico conceito gnóstico de "valores sociais", i.e. tudo o que o estado assim defina.

Inclusão de terroristas no topo do estado – apoio aberto a al Qaeda.

Discursos odientos de divisismo e jihad.

O típico "clã", o grande gang, a expandir e a aumentar indefinidamente.

Internacionalismo neo-feudalista "islâmico" (na verdade, gnóstico).

EGIPTO – Uma economia em destroços.

Foreign reserves depleted, pound at record low, tourism at its weakest.

IKHWAN: Redes de influência e de infiltração [Irmandade Muçulmana].

[**Ikhwan**: Aparato gnóstico pan-Islâmico, de origens Ishmaili/Sufi. No mundo Shia são os Fedayeen, no mundo Sunni são a Irmandade Muçulmana e muitos outros grupos, e são sempre gnósticos e interessados em destruição civilizacional e humana. O propósito é uma nova era feudal, ao estilo Ishmaili, ver notas sobre ***Ishmailis*** e restantes notas sobre Islão].

"International secret underground society operating its own totalitarian parallel state".

"A state-within-the-state".

"Secretly owns and/or controls businesses, political parties, militias, media institutions".

"Schools, hospitals, charities, syndicates and even student unions".

«*The… Muslim Brotherhood… will it continue to function as an international secret underground society operating its own totalitarian parallel state, a state-within-the-state? The Muslim Brotherhood secretly owns and/or controls businesses, political parties, militias, media institutions, schools, hospitals, charities, syndicates and even student unions, using front men and dummy legal structures as a façade while all decisions are made by the supreme guide and his bureau*» ["Was Morsi's Ouster a Coup Or a New Egyptian Revolution?", Wael Nawara, Al-Monitor, July 4.]

Durante décadas financiados por sheikhs Wahhabi.

Infiltram lentamente sociedade egípcia, que al-Banna desprezava. Sim, Hassan preferia o Arab Bureau e a embaixada Britânica.

Introduzem mudanças graduais, lançam redes de ONGs, infiltram mesquitas.

«*Attempts by the Muslim Brotherhood to convert Egyptians to their conservative values did not start just last year. Funded for several decades by generous donations from Wahhabi sheikhs, the Salafis and Muslim Brothers slowly began to infiltrate Egyptian society and gradually succeeded in making Egypt visibly different, first by calling for small things, like asking women to wear the hijab and putting their preachers in control of key mosques, and then by expanding to launch a network of charities with a political agenda — preparing Egyptian society for Islamist rule… [Egypt] an ancient nation with an established way of life — in fact, one that Hassan al-Banna, founder of the Brotherhood, detested and considered immoral…*» ["It's the Egyptian Identity, Stupid", Wael Nawara, Al-Monitor, July 2.]

IKHWAN no Egipto: "Fraternização" e terrorismo cultural.

"Fraternização" [Akhwwana], a tomada de controlo do estado pelos Ikhwan.

Depois, doutrinação em larga escala – "Ensinar egípcios a pensar como Ikhwan".

A reescrita da história, como de costume.

«*Sixty-five years after Banna's death, Morsi, obedient member and leader of the Brotherhood, runs for the presidency of Egypt. As soon as he assumes office, he gets busy appointing his "Brothers" to key government positions as part of the so-called Tamkeen plan, a plot to control Egypt that is said to have been drafted by Khairat al-Shater himself. The plan, which the opposition refers to as Akhwwana, or Brotherhoodization, requires that only officials loyal to the Brotherhood ideology be appointed to key government posts, among them the portofolios for education, media, religious affairs, social affairs and culture. The reason is simple: If Egyptians are taught to think like the Brothers, it will ensure a lengthy reign for the organization, which could then win elections before they were even held… Education experts warned that newly appointed Brothers at the Ministry of Education were changing curricula to conform to the Muslim Brotherhood's conservative ideology. The Brothers also removed chapters from history books describing their organization's violent past*» ["It's the Egyptian Identity, Stupid", Wael Nawara, Al-Monitor, July 2.]

Constituição codifica e impõe gnosticismo Ikhwan à população.

O conceito gnóstico típico de "valores sociais", i.e. tudo o que o estado assim defina.

Inclusão de terroristas no topo do estado – apoio aberto a al Qaeda.

Discursos odientos de divisismo e jihad.

O típico "clã", o grande gang, a expandir e a aumentar indefinidamente.

Internacionalismo neo-feudalista "islâmico" (na verdade, gnóstico).

«*For starters, the constitution passed by an Islamist majority codified ultra-conservative restrictions on freedom of faith and expression, using terms that in effect could penalize people who do not allegedly comply with "social values," meaning, more or less, whatever values the government and its allies deem fit… Morsi stopped military campaigns designed to cleanse the Sinai of al-Qaeda elements and other jihadist militants. At pro-Morsi demonstrations, al-Qaeda flags rather than Egyptian one are waved; chants for Osama Bin Laden can be heard. Egyptians have now seen terrorists, arguably former terrorists, rise to the highest seats of power and then appear on television and threaten them with blood and wrath if they protest to challenge Morsi's legitimacy. Five Egyptian Shiites were killed in Giza a few days after Morsi gathered his Islamist "clan" in a stadium on June 15 and Egyptians watched with horror as former terrorists delivered speeches full of hate toward Shiites and issued a declaration of jihad and war against Syria. The ideology of the Muslim Brotherhood does not acknowledge the concept of the nation-state and calls instead for a monolithic Islamic nation that ignores national borders*» ["It's the Egyptian Identity, Stupid", Wael Nawara, Al-Monitor, July 2.]

EGIPTO – Uma economia em destroços.

Foreign reserves depleted, pound at record low, tourism at its weakest, divided society". «*The economy is in shambles. Foreign reserves are depleted. The pound is at a record low. A divided society needs immediate reconciliation. Tourism is at its weakest in decades…*» ["Was Morsi's Ouster a Coup Or a New Egyptian Revolution?", Wael Nawara, Al-Monitor, July 4.]

INFOWAR – Tópicos.

Hard power versus soft power.

"Hard power" significa conflito fisicamente violento. Mísseis, balas, fogo, destruição humana e material em larga escala, e tudo o resto.

"Soft power" significa "ganhar mentes e corações". Como é dito em gíria militar pós-moderna: usar meios psicológicos, culturais e sociológicos para travar e ganhar uma guerra.

Guerra psicológica.

A maior arma é a mente. As guerras não são combatidas apenas com armas de fogo. O maior alvo de todos é a mente humana e a maior arma de todas chama-se guerra psicológica. Desde os tempos mais remotos que esta ideia é aplicada.

Sun Tzu. Sun Tzu disse que «*To subdue the enemy without fighting is the acme of skill*»

Dar uma **perspectiva histórica**, com Império Romano, Mongóis e outros. Estudos antropológicos, para guerra cultural e psicológica. Próximos pontos podem ser integrados nesta perspectivação.

Guerra psicológica divide-se entre defesa (casa) e ataque (alvo).

Ataque – Persuadir o adversário a não lutar. Persuadir o adversário de que está derrotado à partida, que sinta que a vitória é impossível. Levá-lo a agir conforme se deseja, subjugá-lo sem combater. Fazê-lo sentir-se derrotado a priori, antes do combate ter sido sequer travado. Por ex., terror mongol.

Ataque – Dividir para reinar. Manter os bárbaros a guerrear entre si.

Ataque – Promover revoltas internas.

Defesa – Assegurar cooperação, aceitação, obediência. O circo romano.

Guerra psicológica – Nomes sanitizados.

Circo romano agora é entretenimento de massas. Hoje em dia, o velho circo romano é substituído por...

Propaganda agora é "gestão de percepções", "information warfare" e por aí fora. O termo propaganda foi substituído pelo terreno de batalha sociológico e cultural, que é

doméstico e externo, e é dominado por conceitos como “dominância de informação”, “gestão de percepções”, “perception warfare” ou “operações de informação”, PSYOPs. Ou seja, *guerra psicológica*. Também conhecida como “guerra de informação”, *information warfare*.

Guerra psicológica – Papel central na NATO. Hoje em dia, o conceito de guerra psicológica é central a qualquer força militar no planeta, e nenhuma força colocou mais tempo e dinheiro nesta prática do que o Bloco Atlântico.

Todos os países fazem isto, mas América é mais descarada que a média. Todos os países fazem isto, nos dias que correm, mas a América é a única que é descarada ao ponto de deixar todas estas coisas à solta desta maneira.

Os media como um instrumento de guerra.

Media integrados na estrutura militar. No passado, fazer propaganda envolvia gerir os media – com censura, trocas de favores, chantagem e este género de coisas. A doutrina de dominância de informação, por contraste, vê os media e o jornalismo como uma parte integrante da cadeia de comando e controlo.

Sob information dominance, deixa de haver distinção entre propaganda e jornalismo. No passado, a propaganda envolvia gerir os media. Sob a doutrina de “dominância de informação”, deixa de haver distinção entre propaganda e jornalismo.

Media tornam-se veículo de falsidades, distorções – Operações psicológicas. Os media são uma arma, a ser usada (deployed) para difundir notícias falsas e opiniões distorcidas. Deixa de haver distinção entre jornalismo de guerra e operações psicológicas, e o jornalismo de guerra passa a ser uma operação psicológica, para atingir fins estratégicos.

Armas: notícias fabricadas, slogans e ideias.

Promover versões oficiais, atacar as restantes. Dominância de informação envolve duas componentes: por um lado, criar e promover a versão propagandística dos factos, e assegurar que esta versão domina o éter e o discurso jornalístico; e, por outro lado, atacar, degradar, denegrir, destruir, difamar, toda e qualquer versão alternativa – ou verdadeira. Por outras palavras, por um lado promover mentiras e interpretações distorcidas; por outro, atacar, distorcer, vilificar, e difamar toda e qualquer fonte alternativa de informação. Por vezes, este conceito é levado a extremos.

Surgem novos termos, como “informação inimiga”. Surgem termos como “informação rival”, “informação inimiga”.

“Information-age conflict”.

É travado no “terreno humano”. Esta guerra trava-se no “terreno humano”, the “humain terrain” da opinião pública mundial. O terreno de batalha é sociológico, cultural, mediático.

Veículo é a revolução em TIs: comunicações imediatas a vastos públicos. A revolução em tecnologias de informação, permitindo comunicações imediatas e vastos públicos.

IOR (2003).

IOR (2003) – "DoD will fight the net as it would a weapons system". Information Operations Roadmap (2003). U.S. Department of Defense. – p. 26.

Dominar todo o espectro electromagnético, "Fight the net". O documento descreve as prioridades de dominar todo o espectro electro-magnético, i.e., «*full spectrum domination*», e de «*fight the net*», para obter «*information dominance*»

«*The Department [of Defense] must be prepared to "fight the net.*"» (p.6)

«*The Department [of Defense] will "fight the net" as it would a weapons system*» (p.13)

You're on the Battlefield Right Now

IOR (2003) – Domínio de espectro total com TIs – PSYOP products – Firmas privadas. Information Operations Roadmap (2003). U.S. Department of Defense. – p. 26.

Rapidamente disseminar informação persuasiva a diversas audiências para influenciar tomadas de decisão. «*Information, always important in warfare, is now critical to military success and will only become more so in the foreseeable future… The ability to rapidly disseminate persuasive information to diverse audiences in order to directly influence their decision-making is an increasingly powerful means of deterring aggression*» (p. 3-4)

Vontade de dominar o espectro de informação coloca IO a par de outros ramos militares. «*The importance of dominating the information spectrum explains the objective of transforming IO into a core military competency on a par with air, ground, maritime and special operations*» (p. 4)

PSYOPs, a mais agressiva das actividades de informação. Operações psicológicas podem ser conduzidas com nações ou continentes inteiros, ou apenas com indivíduos. Visa alterar o comportamento através de manipulação psicológica. A literatura militar considera-a «*the most aggressive of…information activities… using diverse means, including psychological manipulation*»

Produtos PSYOP de qualidade comercial, rapidamente disseminados a audiências específicas. «*PSYOP products must be based on in-depth knowledge of the audience's decision-making processes and the factors influencing his decisions, produced rapidly*

at the highest quality standards, and powerfully disseminated directly to targeted audiences...» (p. 6)

«*Future operations require that PSYOP capabilities be improved to enable PSYOP forces to rapidly generate and disseminate audience specific, commercial-quality products into denied areas, and that these products focus on aggressive behavior modification of adversaries at the operational and tactical level of war*» (p. 15)

«*A PSYOP force ready to conduct sophisticated target-audience analysis and modify behavior with multi-media PSYOP campaigns featuring commercial-quality products that can be rapidly disseminated throughout the Combatant Commanders area of operations*» (p. 63)

Mensagens poderosas para obter modificação comportamental. «*Improved ability to disseminate powerful messages in support of adversary behavior modification*» (p. 7)

Para influenciar, disromper, corromper ou usurpar capacidade de tomada de decisão. «*To influence, disrupt, corrupt or usurp adversarial human and automated decision-making while protecting our own*» (p. 11)

TI são "psyops delivery systems". Domínio de espectro total significa domínio de espectro total – no estrangeiro e em casa. Para isso, o IOR exige o uso de todos os meios de comunicação disponíveis:

«*SOCOM's ongoing PSYOP Advanced Concept Technology Demonstration and modernization efforts should permit the timely, long-range dissemination of products with various PSYOP delivery systems. This includes satellite, radio and television, cellular phones and other wireless devices, the Internet and upgrades to traditional delivery systems such as leaflets and loudspeakers that are highly responsive to maneuver commanders*» (p.15)

«*PSYOP equipment capabilities require 21st Century technology. This modernization would permit the long-range dissemination of PSYOP messages via new information venues such as satellites, the Internet, personal digital assistants and cell phones: It should also consider various message delivery systems, to include satellite radio and television, cellular phones and other wireless devices and the Internet*» (p. 65)

Assegurar uniformidade nas mensagens e temas e coordenação entre vários veículos mediáticos. [Isto está coberto no ponto anterior] Os vários meios de comunicação social têm de ser coordenados, e têm de passar temas e mensagens cada vez mais uniformes.

Usar firmas de RP privadas, para fabricar notícias e ideias. Ou seja, usar consultores e contratadores privados, como no exemplo do Lincoln Group, para fabricar ideias e notícias falsas e distorcidas.

«*Contract for commercial sources for enhanced product development.*» (p. 64)

Wash Post - $1.6 billion in prepackaged news

Lincoln Group - Infowar by contract in Middle East

Information Operations Roadmap (2003). U.S. Department of Defense.

Atingir o público de todos os lados, constantemente. Ou seja, a ideia é atingir o público visado com notícias falsas vinda de todos os lados, permanentemente. Domínio de espectro total.

IR Operations.

I/R Operations – Operações à escala global.

Envolvimento global e dentro dos próprios EUA.

Forças americanas e multinacionais. «*U.S. and multinational forces…*»

Stability operations, civil support operations, combat operations.

«*…domestic civil support operations (due to natural or man-made disasters), stability operations (due to noncombatant evacuation operations, humanitarian assistance operations), or DC operations (due to combat operations)*»

Field Manual No. 3-39.40, "Internment and Resettlement Operations", Department of the Army, February 12, 2010.

I/R Operations – Agências parceiras – internacional.

Agências internacionais como a ONU, Cruz Vermelha, Crescente Vermelho.

«*Agencies Concerned With Internment And Resettlement… Some government and government-sponsored entities that may be involved in I/R missions include… International agencies... UN... International Committee of the Red Cross (ICRC)… International Organization of Migration… U.S. agencies… Local U.S. embassy… There are also numerous private relief organizations, foreign and domestic, that will likely be involved in the humanitarian aspects of I/R operations. Likewise, the news media normally provides extensive coverage of I/R operations*»

Field Manual No. 3-39.40, "Internment and Resettlement Operations", Department of the Army, February 12, 2010.

I/R Operations – Operações dentro dos EUA. Aplica-se domesticamente, a cidadãos americanos, dentro do território dos EUA.

"Civil support".

Em apoio a agências domésticas.

"Natural or man-made disasters, accidents, terrorist attacks".

Suspensão do Posse Comitatus. Aplicação doméstica dependente de ordem executiva presidencial a anular Posse Comitatus [lei que proíbe forças armadas de envolvimento doméstico].

«*Department of Homeland Security… U.S. Immigration and Customs Enforcement (ICE)… Federal Emergency Management Agency…*»

«***Civil support*** *is the DOD support to U.S. civil authorities for domestic emergencies, and for designated law enforcement and other activities. (JP 3-28) Civil support includes operations that address the consequences of natural or man-made disasters, accidents, terrorist attacks and incidents in the U.S. and its territories*»

«*The handling of DCs (displaced citizens) is also a mission that may be performed in support of disaster relief or other emergencies within the United States or U.S. territories during civil support operations… Resettlement conducted as a part of civil support operations will always be conducted in support of another lead agency (Federal Emergency Management Agency, Department of Homeland Security)*».

«*The authority to approve resettlement such operations [Resettlement operations] within U.S. territories is at the Secretary of Defense level and may require a special exception to Title 18, USC (Posse Comitatus Act). The Posse Comitatus Act prohibits the U.S. military from enforcing civilian laws within the United States or its territories without specific authorization. The U.S. Constitution and other federal, state, and local laws may directly and significantly affect operations in the U.S. and its territories if the enforcement of civilian laws are required according to Title 10, USC. U.S. military forces conducting law enforcement functions in such cases require an authorization through a congressional act (for example, Title 10 USC, Sections 331 through 334 [Insurrection Statues]) or a constitutional authorization (for example the President invoking his executive authority under Article 2 of the Constitution). U.S. Army National Guard Soldiers operating in a nonfederal status are not restricted by the Posse Comitatus Act. (See Title 32, USC, and JP 3-28.)*»

Field Manual No. 3-39.40, "Internment and Resettlement Operations", Department of the Army, February 12, 2010.

I/R Operations – Alvos.

«*…I/R populations… include U.S. military prisoners, and multiple categories of detainees (civilian internees [CIs], retained personnel [RP], and enemy combatants), while resettlement operations are focused on multiple categories of dislocated civilians (DCs)*»

<u>Prisioneiros militares</u>.

Civis deslocados ("resettlement operations") – Migrantes, refugiados, evacuados, etc. «*The term **dislocated civilian** is a broad term that includes a displaced person, an evacuee, an expellee, an internally displaced person, a migrant, a refugee, or a stateless person. (JP 3-57) DCs are individuals who leave their homes for various reasons, such as an armed conflict or a natural disaster, and whose movement and physical presence can hinder military operations. They most likely require some degree of aid, such as medicine, food, shelter, or clothing. DCs may not be native to the area or to the country in which they reside…*»

Múltiplas categorias de detidos: CIs, RP, combatentes inimigos.

CIs – Civis internados por segurança, protecção, ou por ofensas a "detaining power". «*A **CI** is a civilian who is interned during armed conflict, occupation, or other military operation for security reasons, for protection, or because he or she committed an offense against the detaining power…*»

RP – Pessoal inimigo – médico, clerical, administrativos, etc. «***RP** are enemy medical personnel and medical staff administrators who are engaged in the search for, collection, transport, or treatment of the wounded or sick, or the prevention of disease; chaplains attached to enemy armed forces; and staff of National Red Cross Societies and that of other volunteer aid societies, duly recognized and authorized by their governments to assist medical service personnel of their own armed forces, provided they are exclusively engaged in the search for, or the collection, transport or treatment of wounded or sick, or in the prevention of disease, and provided that the staff of such societies are subject to military laws and regulations…*»

Desobediência civil!, actividade criminosa, etc.

«*An adaptive enemy will manipulate populations that are hostile to U.S. intent by instigating mass civil disobedience, directing criminal activity, masking their operations in urban and other complex terrain, maintaining an indistinguishable presence through cultural anonymity, and actively seeking the traditional sanctuary of protected areas as defined by the rules of land warfare. Such actions will facilitate the dispersal of threat forces, negate technological overmatches, and degrade targeting opportunities*»

Foco passa a grupos étnicos e etários, **comportamentos**.

«*…The former doctrinal segregation of officers, enlisted, civilians, and females now extends to ethnic groups, tribes, behaviors, religious sects, juveniles, and other categories…*»

Field Manual No. 3-39.40, "Internment and Resettlement Operations", Department of the Army, February 12, 2010.

I/R Operations – Alvos 2.

Operações I/R para…

…conduzir operações de combate.

…impedir, mitigar, e derrotar ameaças que podem resultar em conflitos.

…reverter sofrimento humano.

…ajudar governo estrangeiro a assistir e governar a sua população.

…[e já agora] encarcerar prisioneiros militares.

«*I/R operations facilitate the ability to conduct rapid and decisive combat operations; deter, mitigate, and defeat threats to populations that may result in conflict; reverse conditions of human suffering; and build the capacity of a foreign government to effectively care for and govern its population… I/R operations also include the daily incarceration of U.S. military prisoners at facilities throughout the world…*»

Field Manual No. 3-39.40, "Internment and Resettlement Operations", Department of the Army, February 12, 2010.

I/R Operations – "Camp-to-work" e trabalho escravo.

Campos de concentração com TQM – benvindos ao século 21.

Camp-to-work.

Treino vocacional, baseado em critérios TQM.

I.e., avaliação de critérios e necessidades a 360º.

«*…vocational training and academic classes… Facility commanders should ensure that vocational training programs are integrated with academic programs and are relevant to the vocational needs of prisoners and to employment opportunities in the community… Local businesses are typically consulted to determine what skills are in demand, and vetted members of the local community may be used to teach these skills at the detention facility. This allows the detainees to learn a skill as it is practiced in the community and also establishes points of contact within the industry… Strong community involvement and support also provides potential employers with a pool of skilled laborers in which they have established a relationship…*»

Prisioneiros militares – Trabalho escravo: manutenção, agricultura, indústria.

«*All prisoners… engage in useful employment that is supplemented by appropriate supervision… Prisoners are employed in maintenance and support activities… the manufacturing and processing of equipment, clothing, and other useful products and supplies for DOD activities or other federal agencies; in agricultural programs; manufacturing; or the preparation of items to meet institutional or installation needs…*

Prisoners will not perform labor that results in financial gain to prisoners or other individuals, except as specifically authorized by the garrison or Army Corrections System facility commander…»

Field Manual No. 3-39.40, "Internment and Resettlement Operations", Department of the Army, February 12, 2010.

I/R Operations – Reeducação, "reabilitação", reintegração.

Termos usados repetidamente: reeducação, reabilitação, reorientação, pós-hostilidade, conversão. «*Rehabilitation programs… should be encouraged for detainees who are assessed to be appropriate candidates for rehabilitation… reeducation, reorientation, posthostility… the critical issue of detainee rehabilitation… A converted audience… The detention system provides an ideal venue for rehabilitative measures*»

Prevenir "actividade antisocial, comportamento criminoso, apoio a insurgência". «*The detention facilities should take advantage of the fact that they have a population of mostly military-aged men in a controlled environment. This is an excellent opportunity to address and reverse some of the factors that contribute to criminal behavior, antisocial activity, or support to indigenous insurgency efforts within or outside the facility*»

"Reintegração com sucesso, na sociedade".

«*…rehabilitative processes for confined U.S. military prisoners and detainees, to include effective measures that ensure a successful return to society… Detention or imprisonment… can be one of the most productive and auspicious rehabilitative measures that society can provide the individual and his respective society… The detention facility is not only dedicated to sustaining good order and discipline, but also attempts to better individual detainees in preparing for future reintegration into society… These programs are critical for reintegration into the population*»

Field Manual No. 3-39.40, "Internment and Resettlement Operations", Department of the Army, February 12, 2010.

I/R Operations – Reeducação – Pessoal e funções PSYOP.

Oficial e equipa de PSYOP.

Desenvolvem operações psicológicas junto de detidos e DCs.

Conduzem identificação de tendências e comportamentos.

Funções de suporte PSYOP.

Pode ser staff nativo (HN).

Espionagem, recolha de informação, controlo comportamental.

Psicólogos, psiquiatras, facilitadores de reintegração, assistentes sociais, e outros "cientistas" comportamentais.

«*The PSYOP officer… serves as the special staff officer responsible for PSYOP… The supporting I/R PSYOP team has two missions… The team… Assists the military police force in controlling detainees and DCs… Introduces detainees or DCs to U.S. and multinational policy… The team… Develops PSYOP products that are designed to pacify and acclimate detainees or DCs… Identifies political activists… Identifies malcontents, trained agitators, and political leaders within the facility who may try to organize resistance or create disturbances… Develops and executes indoctrination programs to reduce or remove antagonistic attitudes… Plans and executes a PSYOP program that produces an understanding and appreciation of U.S. policies and actions…*»

«*Aside from traditional functions that need to be performed in a detention setting, several support functions should be considered to facilitate the successful functioning of the system and to drastically improve the detention system's image and ability to gather useful information. These additional support positions (to include counselors, detainee advocates/liaisons, and reintegration facilitators) may be provided by HN personnel… Detention Support Personnel… Several support functions should be considered to facilitate the ability to gather useful information to further the rehabilitation process, and identify rehabilitation failures or setbacks. This support may include behavioral health personnel, detainee advocates/liaisons, and reintegration facilitators… Health care personnel providing behavioral health services to detainees may include a psychiatrist, psychologist, social worker, behavioral health nurse, occupational therapist, and behavioral health specialist… Advocates address all detainee concerns, regardless of how unfounded, baseless, or improbable the allegation… Reintegration Facilitators… These facilitators are typically vetted HN personnel who are employed to act in this capacity… Reintegration facilitators establish a relationship with the detainee as release approaches…*»

Field Manual No. 3-39.40, "Internment and Resettlement Operations", Department of the Army, February 12, 2010.

I/R Operations – PSYOP – Contra-inteligência.

Agentes de contra-inteligência (espiões embebidos).

Identificação de activistas, líderes, seguidores.

Identificação de planos, etc.

«*Counterintelligence agents may be attached or in direct support of a mission to an I/R battalion or military police brigade… Counterintelligence agents may serve as a central repository for information and intelligence on safety and security issues related to the facility… Such responsibilities may include… Identification of detainee agitators, leaders, and their followers… Identification of plans by detainees to conduct demonstrations, to include… Date and time… Number of detainees involved, by compound… Nature of the planned demonstration (passive, harassing, or violent)*»

Field Manual No. 3-39.40, "Internment and Resettlement Operations", Department of the Army, February 12, 2010.

I/R Operations – Reeducação – "Teaming".

Os detidos são colocados em grupos pré-existentes.

"Desenvolvimento social, integração, exposição a perspectivas terceiras".

Grupo organizado de tal forma a provocar engenharia social, "socialização positiva".

"Equipa facilita recolha de informação e moldagem de rede social do detido".

Equipas trans-sectoriais, em idade, experiência, educação.

Equipa faz tudo em conjunto.

Isto é, ponto por ponto, a técnica maoísta de lavagem cerebral em grupo.

«*Teaming. Detainees may break up into small groups or teams. This will allow detainees the opportunity for social development, integration, and exposure to the perspectives of others. These teams should be a cross-sectarian mix; represent the spectrum of ages, experience, and education; and be balanced to meet the needs of the detention system and contribute to order and civility. The team will be the detention facility's unit and do everything together. The team leader may serve as the liaison with detention staff and convey fellow detainees' sentiments… Socialization is an important component of prison populations… to shape positive socialization and influence… within a group that is populated in a manner which reduces the likelihood of disruptive, criminal, or antisocial behavior… detainees are placed on an existing team… the detention population is… segregated and recombined in elements that facilitate security and information gathering and shaping of the detainee social network… A team established within the detention facility conducts all activities as a group. The team leader serves as the liaison with detention staff and conveys fellow detainees' sentiments. Teams aid in converting detention into a rehabilitative environment…*»

Field Manual No. 3-39.40, "Internment and Resettlement Operations", Department of the Army, February 12, 2010.

I/R Operations – Reeducação – Detidos convertidos em espiões comunitários.

Em lavagem cerebral, o sucesso é alcançado quando há inversão de 180º.

A estrutura de crenças e valores do sujeito é completamente invertida.

Portanto – aqui está – opositores iniciais são processados em agentes voluntários.

«*Other worthwhile periods of instruction may include… reporting crimes and suspicious activity reporting, and community familiarization and awareness… Detainees gain valuable knowledge and skills that motivate them to assist military forces once released. Their understanding and appreciation of the current situation is improved, and they are, therefore, better able to secure their neighborhoods and communities*»

Field Manual No. 3-39.40, "Internment and Resettlement Operations", Department of the Army, February 12, 2010.

I/R Operations – PSYOP – Sobre detidos, staff, sociedade.

Programa "robustos" de PSYOP sobre **toda** a gente.

«*Information operations. Robust information operations… should target the detainees, detention staff, local community, and society at large… Robust information operations, to include military police engagement strategies, are implemented within, and associated with, rehabilitation efforts and detention operations in general… Information operations outside the facility can be conducted to publicize successes and benefits of specific programs. These engagement strategies target detainees, the detention staff, the local community, and society at large*»

Field Manual No. 3-39.40, "Internment and Resettlement Operations", Department of the Army, February 12, 2010.

I/R Operations – Reeducação – "Educação cívica".

Doutrinação PC, "educação cívica".

Detidos vão aprender a ter a perspectiva correcta, sobre questões políticas e governamentais. «*…a curriculum coordinated with the HN… the curriculum may… include HN politics, HN constitution, and the structure of the HN government… A curriculum such as politics, HN constitution, and the structure of the HN government provides more fluency in discussing these topics, and detainees will better appreciate their situation and how they can peacefully contribute to its success*»

Field Manual No. 3-39.40, “Internment and Resettlement Operations”, Department of the Army, February 12, 2010.

I/R Operations – Culpa, inocência.

Culpa ou inocência – o detido deveria agradecer, aparentemente. «*Regardless of guilt or innocence… detainees come away from detention or imprisonment better able to contribute positively to their community*»

Distinção entre detidos, criminosos julgados e criminosos não-julgados. «*...detainees… which may be detained for other than criminal activity… [and] those who are truly criminals. Every effort must be made to maintain the physical separation of detainees, accused criminals who have not been tried and convicted in the courts, and criminals who have been sentenced subsequent to court proceedings within the government legal system*»

Transparência qb, em relação a acusações. «*Formal charges. It is imperative that apprehended detainees are provided a degree of transparency regarding the purpose for their apprehension*»

Field Manual No. 3-39.40, “Internment and Resettlement Operations”, Department of the Army, February 12, 2010.

I/R Operations – “Tratamento especial”.

Para “prisioneiros militares”.

Decidido por “review boards”.

«*The facility commander establishes classification review boards that… consider and make recommendations to the facility commander or a designated representative regarding each prisoner’s correctional treatment program, including custody grade, quarters, training, work, planned disposition, and* ***special treatment***»

Tratamento especial – tratamento especial. Esta expressão, “tratamento especial”, *em campos de prisioneiros*. Agora, onde é que isto aconteceu, na história moderna? Se não sabe, é melhor ir investigar. Todos os países ocidentais têm hordas de fanáticos de extrema-direita nos seus quadros de oficiais militares. E estes sabem *perfeitamente*, o que significa “tratamento especial”, em campos de prisioneiros.

Field Manual No. 3-39.40, “Internment and Resettlement Operations”, Department of the Army, February 12, 2010.

Iraque – ROE.

ROE – Truthout – IVAW.

Artigo Truthout. "Iraq War Vet: 'We Were Told to Just Shoot People, and the Officers Would Take Care of Us'". Dahr Jamail, Truthout, 07 April 2010. http://archive.truthout.org/iraq-war-vet-we-were-told-just-shoot-people-and-officers-would-take-care-us58378

IVAW – Iraq Veterans Against the War. Winter Soldier hearings, March 13-16, 2008, Silver Spring, Maryland.

ROE – Robert Jay Lifton e "atrocity-producing situations".

"The Nazi Doctors", The Nation. O que está a suceder no Iraque reflecte aquilo que o Dr. Robert Jay Lifton, psiquiatra, chama de «*atrocity-producing situations*». Usa este termo inicialmente no seu livro, "The Nazi Doctors". Em 2004, escreve um artigo para The Nation, onde aplica os seus insights à guerra e à ocupação no Iraque.

Estrutura de poder monta ambiente doentio.

Tentativa de induzir pessoas normais a cometer atrocidades com regularidade. «*Atrocity-producing situations*» ocorrem quando uma estrutura de poder monta um ambiente onde «*ordinary people, men or women no better or worse than you or I, can regularly commit atrocities…. This kind of atrocity-producing situation … surely occurs to some degrees in all wars, including World War II, our last 'good war.' But a counterinsurgency war in a hostile setting, especially when driven by profound ideological distortions, is particularly prone to sustained atrocity – all the more so when it becomes an occupation*» [The Nation].

ROE – Jason Washburn.

One woman walking by, we lit her up, she was bringing us groceries.

ROE changed a lot, the higher the threat, the more vicious we were supposed to be.

"Drop weapons", to make dead civilians look like insurgents.

«*I remember one woman walking by… She was carrying a huge bag, and she looked like she was heading toward us, so we lit her up with the Mark 19, which is an automatic grenade launcher, and when the dust settled, we realized that the bag was full of groceries. She had been trying to bring us food and we blew her to pieces…*

During the course of my three tours, the rules of engagement changed a lot… The higher the threat the more viciously we were permitted and expected to respond. Something else we were encouraged to do, almost with a wink and nudge, was to carry 'drop weapons', or by my third tour, 'drop shovels'. We would carry these weapons or shovels with us because if we accidentally shot a civilian, we could just toss the weapon on the body, and make them look like an insurgent» Jason Washburn, U.S. Marines corporal, served three tours in Iraq.

ROE – Hart Viges.

<u>“Fire on all taxicabs… the town lit up”</u>.

«*One time they said to fire on all taxicabs because the enemy was using them for transportation.... One of the snipers replied back, 'Excuse me? Did I hear that right? Fire on all taxicabs?' The lieutenant colonel responded, 'You heard me, trooper, fire on all taxicabs.' After that, the town lit up, with all the units firing on cars. This was my first experience with war, and that kind of set the tone for the rest of the deployment*» Hart Viges, 82nd Airborne Division of the Army, one tour in Iraq.

ROE – Steve Casey.

<u>Firing into radiators and windows of oncoming vehicles… a lot of collateral damage</u>.

«*We were scheduled to go home in April 2004, but due to rising violence we stayed in with Operation Blackjack… I watched soldiers firing into the radiators and windows of oncoming vehicles. Those who didn't turn around were unfortunately neutralized one way or another – well over 20 times I personally witnessed this. There was a lot of collateral damage*» Steve Casey, uma tour no Iraque, começando em meados de 2003.

ROE – Jason Wayne Lemue.

<u>“Kill people who carry shovels, stand on rooftops, are out after curfew”</u>.

<u>“I can’t tell you how many people died because of this”</u>.

<u>“By my third tour, we were just told to shoot people, the officers would take care of us”</u>.

«*…the ROE changed, and carrying a shovel, or standing on a rooftop talking on a cell phone, or being out after curfew [meant those people] were to be killed. I can't tell you how many people died because of this. By my third tour, we were told to just shoot people, and the officers would take care of us*» Jason Wayne Lemue, Marine, serve três tours no Iraque.

ROE – Vincent Emanuele.

Descarregar carregadores inteiros sobre alvos não-identificados.

Atropelar cadáveres, tirar fotos troféu. Fala de descarregar carregadores inteiros [magazines of bullets] sobre a cidade sem identificar alvos, atropelar cadáveres com Humvees, e parar para tirar fotos troféu dos corpos.

Disparar sobre carros transientes não era um fenómeno isolado. «*An act that took place quite often in Iraq was taking pot shots at cars that drove by… This was not an isolated incident, and it took place for most of our eight-month deployment*» [Vincent Emanuele, U.S. Marines, one tour in al-Qaim area, Iraq]

ROE – Jason Hurd.

Destruição indiscriminada de prédio a tiros de metralhadora. Conta como, após a sua unidade ter sido atingida com tiros dispersos de um combate próximo, um operador de metralhadora respondeu disparando 200 tiros para um prédio próximo.

"Things like that happened every day".

"We reacted out of fear, with total destruction".

"As the absurdity of war set in, soldiers fired at vehicles breaking traffic rules".

"We would laugh about this".

«*We fired indiscriminately at this building… Things like that happened every day in Iraq. We reacted out of fear for our lives, and we reacted with total destruction… Over time, as the absurdity of war set in, individuals from my unit indiscriminately opened fire at vehicles driving down the wrong side of the road. People in my unit would later brag about it. I remember thinking how appalled I was that we were laughing at this, but that was the reality*» [Jason Hurd, serve em Baghdad central, de Novembro de 2004 a Novembro de 2005]

ROE – Adam Kokesh.

Cerco a Fallujah. Adam Kokesh, serve no cerco a Fallujah, Abril de 2004.

"Certeza razoável", condição para força letal sob ROE. Aponta que «*reasonable certainty*» era a condição para usar força letal sob as ROE.

Explosão de mortes civis.

“We imposed a curfew, were told to fire at anything that moved in the dark”. «*We changed the ROE more often than we changed our underwear… At one point, we imposed a curfew on the city, and were told to fire at anything that moved in the dark*»

ROE – Garret Reppenhagen.

Primeira experiência no Iraque, matar dois agricultores que trabalhavam de noite.

Agricultores tinham de operar de noite, quando havia corrente eléctrica.

“Why did we fire on the men, because they were out on curfew”.

“I was never given another ROE during my time in Iraq”.

«*I was told they were out in the fields farming because their pumps only operated with electricity, which meant they had to go out in the dark when there was electricity,” he explained, “I asked the sergeant, if he knew this, why did he fire on the men. He told me because the men were out after curfew. I was never given another ROE during my time in Iraq*» [Garret Reppenhagen served in Iraq from February 2004-2005 in the city of Baquba, 40 kilometers (about 25 miles) northeast of Baghdad]

ROE – Jason Moon.

Participa na invasão de 2003.

“We were ordered that if anyone got in front of the vehicles, we were to keep driving”.

“If you kill a civilian he becomes an insurgent you retroactively make him a threat”.

«*While on our initial convoy into Iraq in early June 2003, we were given a direct order that if any children or civilians got in front of the vehicles in our convoy, we were not to stop, we were not to slow down, we were to keep driving… If you kill a civilian he becomes an insurgent because you retroactively make that person a threat*» [Jason Moon, former National Guard and Army Reserve, participated in the invasion of Iraq]

ROE – Cliff Hicks.

Complexo de apartamentos, cheio de famílias e crianças.

Em raras ocasiões, alguém no prédio disparava contra nós, sem atingir ninguém.

Simplesmente passávamos com cuidado.

Um dia, um tenente-coronel assusta-se e ordena um ataque C-130.

O sítio ficou arrasado – antes disso, tinha estado empacotado com pessoas.

«*There was a tall apartment complex, the only spot from where people could see over our perimeter… There would be laundry hanging off the balconies, and people hanging out on the roof for fresh air. The place was full of kids and families. On rare occasions, a fighter would get atop the building and shoot at our passing vehicles. They never really hit anybody. We just knew to be careful when we were over by that part of the wall, and nobody did shit about it until one day a lieutenant colonel was driving down and they shot at his vehicle and he got scared. So he jumped through a bunch of hoops and cut through some red tape and got a C-130 to come out the next night and all but leveled the place. Earlier that evening when I was returning from a patrol the apartment had been packed full of people*» [Cliff Hicks, serve no Iraque de Outubro de 2003 a Agosto de 2004]

Irão, de Mossadegh ao actual fascismo militar.

Mossadegh tenta criar Irão liberal-democrático, é derrubado por MI6, CIA. Em 1953, um novo PM, Mohammed Mossadegh, procura reformar o país com base no modelo que dá origem ao estado-nação ocidental: soberania nacional, desenvolvimento económico, democracia liberal. Isto implica desafiar os interesses multinacionais da Anglo-Persian, ou British Petroleum (BP). Os britânicos e a CIA juntam esforços e derrubam Mossadegh com a ajuda dos mullahs, na altura liderados pelo Ayatollah Kashani, uma espécie de *crime lord* local, a trabalhar com o governo britânico. Um dos mullahs que, nessa altura, se junta aos protestos em massa de Kashani é um jovem Khomeini. Mossadegh é substituído pelo governo militar absolutista da Savak, apenas simbolicamente chefiado pelo Shah, Reza Palevi.

A parceria histórica dos mullahs com os "infiéis", em particular com os britânicos. A alta hierarquia dos mullahs não se importa de colaborar com forças "infiéis": fá-lo com o Império Britânico, fá-lo depois com os golpes contra Mossadegh e Reza Palevi (em ambos os casos, em colaboração com a BP) e, mais recentemente, com a Revolução Verde de 2008, onde esteve lado a lado com a CNN e com as ONGs, a conduzir o que poderia ter sido um novo golpe, desta vez um conjunto de acções simbólicas contra Ahamadinejad.

A brutalidade do regime militar da Savak. O novo governo é o regime militar absolutista da Savak, apenas simbolicamente chefiado pelo Shah, Reza Palevi. Conduzirá todo o tipo de brutalidade sobre a população iraniana. É dada atenção especial aos reformistas na linha Mossadegh, mas também aos restantes membros da oposição: os (poucos) comunistas existentes, pessoas de alguma direita conservadora. Existe também um esforço de repressão sobre *alguns* elementos da hierarquia dos mullahs, a par de repressão generalizada sobre muitos elementos Shia. Isto nem sempre acontece como uma forma de repressão de oposição, mas antes como uma forma de espalhar terror entre *todos* os segmentos da população. De resto, a Savak trabalhará bastantes vezes com os mullahs.

Com o tempo, Palevi deixa de ser um playboy, começa a assemelhar-se a Mossadegh. Reza Palevi é escolhido para a posição de soberano do país por ser um playboy distraído, facilmente influenciável pelos britânicos, que usam o regime Savak como governo colonial auto-imposto. À medida que o tempo passa, Palevi amadurece, tornando-se menos playboy e mais interessado em usar os poderes do estado para fazer algo *pelo* país; e não *ao* país.

Concebe linha de desenvolvimento e modernização para Irão e todo o 3º mundo. Começa a ter as suas próprias ideias sobre o futuro do Irão e, mais que isso, sobre uma linha de desenvolvimento para o mundo subdesenvolvido em geral. As suas ideias estão na linha de Mossadegh, focadas em desenvolvimento económico, soberania nacional. A diferença essencial entre ambos é que Mossadegh era um democrata constitucional puro

e Palevi favorece um processo de democratização gradual. Palevi passa os seus últimos 7/8 anos a colocar as suas ideias em prática. Inicia um programa de modernização e industrialização em larga escala, investe na expansão de áreas urbanas, e faz tudo isso com a share iraniana da exploração petrolífera. Altera os estatutos da concessão à BP, por forma a reduzir o poder da multinacional e assegurar a retenção gradualmente maior de receitas pelo governo Iraniano. Estimula outros países subdesenvolvidos a usar o mesmo programa: desenvolvimento através da nacionalização e uso de recursos. Palevi anuncia a intenção de tornar o Irão na sexta potência mundial no espaço de poucas décadas. Isto inclui um programa nuclear. O Irão começa, aliás, a construir uma central nuclear, que surge como o corolário de um programa de modernização incluindo estradas, ferrovias, infraestrutura industrial, novas cidades e expansões urbanas, silos alimentares, quintas industriais.

Oligarcas da alta finança global, chocados com Palevi, empowerment do 3ºmundo.

Campanha ONGista, contra industrialização do Irão e do 3º mundo. A oligarquia financeira, dependente da emiseração e dependência do 3º mundo, ficou chocada com isto e lançou uma campanha contra Palevi. O Clube de Roma e Aurelio Peccei organizam palestras (uma delas em Teerão) sobre o modo como a industrialização do 3ºmundo iria trazer poluição e destruição ambiental e, tinha de ser impedida. Uma multitude de ONGs e departamentos académicos juntam-se a estes apelos a "ponderação ambiental".

Programa nuclear de Palevi desafiado por racialismo intelectual. O programa nuclear do Shah é particularmente perigoso; numa demonstração típica de racialismo, é insinuado que um país subdesenvolvido nunca poderá gerir centrais nucleares, sem provocar meltdowns. Nesta altura ainda não se usa o argumento da proliferação nuclear.

Abusos da Savak são culpados em Reza Palevi. É também a partir desta altura que se começa a falar dos abusos da Savak. Mas não são os abusos da Savak, a força colonial degenerada instituída pela BP. São os abusos do *Shah*. A Savak segue as ordens do Shah e o Shah passa as suas noites a ponderar como torturar activistas. Até aí, Palevi era apenas o playboy simpático e inconsequente, que seduzia actrizes francesas na Riviera. Agora, é um monstro internacional.

O cenário para a Revolução Islâmica.

Londres repesca Khomeini, dá-lhe tempo na BBC. No espaço de 1977/78, Londres repesca um mullah obscuro exilado em Paris, Khomeini. A BBC organiza transmissões de "resistência" para o Irão e dá o palco aos entediantes discursos de Khomeini.

Iranianos rurais, susceptíveis a Khomeini – campanhas de cassetes. O público iraniano era particularmente susceptível a Khomeini. A generalidade das pessoas vivia nos meios rurais e não tinha acesso a qualquer forma de literacia e vivia no estado de degeneração cultural que era mantido havia gerações pelos mullahs e pelos seus fedayeen. Nestes meios, Khomeini é promovido como um homem santo. É neste

contexto que surge a famosa campanha de multiplicação e disseminação de cassetes áudio dos discursos de Khomeini, apontada pela RAND Corporation como um precedente directo da táctica de blitzkrieg mediática/swarming de informação, que caracteriza as actuais *color revolutions*.

Ali Shariati: a fusão de islamismo, existencialismo e ideologia de extrema-esquerda. Nos meios urbanos, a situação era diferente, com elevadas taxas de literacia. Porém, no espaço dos últimos 10/15 anos, a generalidade dos estudantes universitários iranianos tinha sido doutrinada numa forma de pensamento mais "sofisticado": uma mistura de islamismo com existencialismo e ideologia de extrema-esquerda ocidental.

Shariati, cultivado em think-tanks e em millieus de terrorismo cultural na Europa. O introdutor desta mistura era Ali Shariati, um filósofo e propagandista, que desenvolve a sua ideologia na Europa, nos millieus activistas-académicos do terrorismo cultural de extrema-esquerda e, conta com o apoio de múltiplos think tanks em Paris, Londres, Suiça.

"Jihad, guerra de classes para purgar Islão de capitalismo, industrialismo ocidental". Shariati doutrina os seus seguidores, a juventude letrada iraniana, nos méritos românticos da "simplicidade" económica e civilizacional, contra a "corrupção capitalista" que "ameaça subverter a diversidade cultural do mundo não-ocidental". O terceiro mundo é diferente do primeiro mundo e não tem de ter medo de o ser; deve abraçar a sua cultura e purgar todos os elementos extrâneos. O papel do indivíduo em tudo isto é o de ser actor voluntário da grande luta colectiva do seu tempo, por esta emancipação cultural do mundo orgulhosamente subdesenvolvido. O Irão é islâmico e é aí que as referências para a luta têm de ser encontradas. *Jihad* é a resposta, para purgar o mundo islâmico de subversão capitalista. Isto também envolve a ideia de luta de classes. Os jihadistas têm de quebrar as distinções artificiais de classe que foram introduzidas pela corrupção capitalista. O que isto significa é apenas e somente que os fedayeen têm de destruir toda e qualquer forma de empreendedorismo de classe média, nos seus países.

BP arma milícias e gangs de jihadis fedayeen. Enquanto Khomeini fala ao povo iraniano pelas transmissões da BBC, a BP arma e financia milícias e gangs de jihadis, nos meios rurais e nas cidades.

Revolução dá vitória a seguidores de Khomeini. Quando a revolução chega, começa por ser protagonizada por múltiplos actores. Existem reformadores na linha de Mossadegh, comunistas puros pró-soviéticos, grupos numa linha democrática conservadora mas, o principal espaço é ocupado por estes gangs de estudantes, rústicos e camponeses, alimentados com ideologia extremista sintética. Em 1979, a revolução é completa, com a ascensão definitiva dos islamitas de Khomeini ao poder.

"Iranização", o desmantelamento económico do Irão – empowerment BP. A fábrica nuclear de Palevi é destruída, bem como a larga generalidade do seu programa de industrialização. Estradas e ferrovias são desmanteladas, fábricas partidas, os seus restos

usados para construir barracas. A economia entra numa depressão que dura até aos dias de hoje, embora tenha sido "melhorada" ao longo do percurso. A BP recupera e *expande* os seus direitos de concessão, sob o regime anti-ocidental do Ayatollah Khomeini.

Novo regime: Mullahs, Savama, e intelectuais de esquerda (sugar mullahs). O regime é controlado por uma mistura de mullahs degenerados, intelectuais pós-modernistas (como Bani Sadr), e militares (os que sobrevivem após uma purga que elimina a maior parte do comando). A Savak perdura para o novo regime, agora sob o nome de Savama. O poder é detido pela Savama, pelos altos comandos militares e pelo topo da hierarquia eclesiástica. A população é mantida sob controlo, em condições de repressão e ignorância, pelos mullahs e pelos seus gangs de fedayeen, os camisas negras deste regime.

O Irão de hoje é dirigido por degenerados mundanos, não por teocratas incensados. O Irão é um fascismo militar-teocrático, gerido pela polícia política e pelos mullahs. O factor essencial que costuma ser apresentado para "temer o Irão" é a expectativa do Shiismo do 12 pelo apocalipse e pela revelação do 12º Imam. Pouco há a temer quando isto vem de uma oligarquia de mullahs degenerados. Esta oligarquia é notória por se envolver em todo o género de depravidades mundanas, o que inclui gerir redes de narcóticos e prostituição. É claro que é um grupo terrorista, devotado a manter disciplina social e, portanto, mais conhecido pelas suas actividades neste domínio (policiamento de costumes, lapidações, etc). A mentalidade deste grupo é bem tipificada pelo livro de conselhos religiosos do Ayatollah Khomeini (o seu "livro verde"), onde são colocadas as mais puritanas restrições sobre o comportamento sexual homem-mulher, a par e passo de ser aconselhado o sexo com ovelhas e com outros animais. O mesmo tipo de depravidade também se aplica aos restantes *power-brokers* do país, os altos comandos das forças armadas e a polícia política.

ISLÃO – De Mohammed a al-Ghazali e aos Sufis

De Mohammed a al-Ghazali.

Pré-Islão – A religião das 1000 caras.

Tal como Cristandade, Islão tem de se afirmar contra psicose astártica. O inimigo da Cristandade inicial foram os cultos pagãos do Império Romano que, não conseguindo destruí-la a partir de fora, procuraram pervertê-la a partir de dentro. Do mesmo modo, o inimigo do Islão de Mohammed foram os cultos astárticos pré-islâmicos que permaneciam enterrados sob o ambiente muçulmano.

Cultos descritos no AT – arbitrariedade, prepotência, superstição, rituais de sangue. Isto são os cultos que encontramos descritos no Antigo Testamento, com a sua arbitrariedade moral, prepotência, violência e sacrifícios de sangue em nome do "deus" ou da "deusa", as duas contrapartes da mesma moeda hermafrodítica.

Arábia pré-Islâmica vivia num estado de quase psicose.

Jinn, espíritos da terra, gnomos (o superego bom e mau). O homem comum vivia num mundo aterrorizador de demónios e jinn (génios) representando os fenómenos naturais assustadores que dominavam o deserto. Gnomos e espíritos da terra habitavam árvores e rochas, que se tornavam objecto de adoração de culto. Os chefes tribais e os sacerdotes encorajavam estas crenças como as bases da sua autoridade sobre uma população aterrorizada e supersticiosa.

As deusas astárticas das 1000 caras, totalitárias e sedentas de sangue. Por todo o Médio Oriente, florescia o culto de deusas insanas e insidiosas, figuras maternais totalitárias e caprichosas, que se tornavam o objecto de devoção neurótica. Essas deusas descendiam dos cultos da Grande Mãe do Império Romano, tal como os de Ísis, Artemis, Afrodite e Cibele. Na Arábia, a deusa-mãe principal era Allat. Era toda-poderosa, especialmente entre os oligarcas mercantis de Meca na Arábia ocidental.

Mohammed derruba oligarcas e os seus cultos fetichistas. A revolução de Mohammed derrubou tanto os oligarcas como as suas deusas, e revolucionou a cultura e a ciência.

MOHAMMED – Império Abásida – Racionalismo e humanismo.

Revolução islâmica e império Abásida. A revolução islâmica dos inícios do século VII foi a obra do Profeta Mohammed, um dos maiores líderes políticos e religiosos na

história. Em poucas décadas, Mohammed estabeleceu na Arábia um império que, em 80 anos, se tornaria um dos maiores impérios de sempre.

Império Omíada-Abásida, da Península Ibérica às fronteiras da China. No espaço de uma geração (80 anos), o império maometano, mais tarde conhecido como o Império Abásida (Abbasid), estendia-se do sul de França e de Espanha às fronteiras da China. O Império Abásida propriamente dito é fundado em 750 d.C., após derrotar a dinastia Omíada [Umayyads].

Florescimento do comércio – Mercado comum, da Pérsia ao Mediterrâneo.

Fim de barreiras comerciais, mercado comum eurasiático. Pela primeira vez desde Alexandre o Grande, o poder da reaccionária oligarquia Persa foi quebrado. As barreiras comerciais que tinham dividido a Pérsia de Bizâncio chegaram a um fim. O mundo mediterrânico foi fundido com a Ásia para formar um mercado comum imenso e sem precedentes.

O comércio floresce e, com ele, a qualidade de vida das populações.

Crescimento das cidades – O exemplo de Baghdad. A cidade de Baghdad é fundada em 754, construída para ser a cidade perfeita.

Razão – Reformismo universalizante para desenvolvimento.

Razão – Educação para desenvolvimento. O primeiro objecto de preocupação de Mohammed foi o rápido desenvolvimento das almas da população árabe, por forma a sair da atraso e da miséria. Portanto, a sua prioridade essencial foi a de estimular a educação em massa, onde o homem comum era ensinado a ler e a escrever, a travar guerra moderna, e assimilar o conhecimento da história humana por forma a reconstruir a sociedade. Através da circulação do Corão, o árabe estabeleceu-se como língua e milhões tornaram-se letrados, aprendendo a ler e a usar a palavra escrita.

Razão – Humanitarismo – Constituição de Medina. Mohammed procurava construir um império que durasse para sempre, no reino das ideias. As suas ideias foram incorporadas na famosa Constituição de Medina, cujos princípios incluíram a condenação da escravatura, o ataque à prática prevalente de infanticídio, a abolição da usura, e regras para comércio e condução de negócios.

Razão – Livre convivência com Judeus e Cristãos.

Florescimento da ciência e da tecnologia.

Promoção das ciências naturais e do conhecimento. Desde o início, o novo império Árabe usou cada fonte possivel de conhecimento cultural e científico no mundo conhecido. Missões foram enviadas a Atenas e Constantinopla para adquirir obras gregas que foram, então, rapidamente traduzidas para Árabe. A astronomia foi incentivada. Médicos Cristãos começaram a inquirir sobre o funcionamento do corpo e

da da mente humana. Ciência matemática da Índia e do Leste fluiram para o mundo islâmico.

Racionalistas e humanistas islâmicos. Por exemplo, Al-Farabi, Ibn Sina, Hasan ibn al-Sabbah.

O exemplo de Al-Haytham (séc. XI) – O cientista tem dever de objectividade absoluta. Abu Ali Ibn al-Hassan Ibn al-Hussain Ibn al-Haytham, the 11th-century Iraqi mathematician and natural scientist, wrote a thousand years ago that the "seeker after truth" – his phrase for the scientist, and how very unlike the pseudo-scientists of the Team – had an obligation not to believe any consensus, however well established: instead, it was his duty to check for himself, using his own hard-won knowledge and skill. For the road to truth, said al-Haytham, was long and hard, but, he wrote "that is the road we must follow."

Agricultura, metais, engenharia, energia. Nos 200 anos seguintes, avanços tecnológicos e científicos espantosos foram alcançados, em técnicas agrícolas, metais, engenharia, tecnologia energética, começando com a roda de água e com o moinho de vento [seria de supor que, 1500 anos depois, a nossa civilização pudesse recorrer a algo mais que moinhos de vento].

AL-ASHARI e a destruição da cultura Abásida.

<u>Oponentes dos Abásidas – Oligarcas mecanos, maniqueístas persas, bizantinos</u>. Os principais oponentes dos Abásidas eram os oligarcas árabes, essencialmente de Meca, os maniqueístas da Pérsia e o Império Bizantino. Os oligarcas internos estavam particularmente ameaçados pelas liberdades políticas e económicas do Império Abásida e pela mobilidade social que oferecia. Encontravam os seus aliados naturais em Bizâncio, um estado oligárquico totalitário.

<u>Organizam campanha de supressão e obscurantismo</u>. Estas forças aproveitaram o declínio eventual do Império Abásida para lançar uma perseguição a todas as formas de livre inquérito.

Destruição da educação e da ciência. Fecho de escolas e de centros científicos, fim da liberdade de inquérito e expressão.

Perseguições religiosas e étnicas. Judeus e Cristãos foram assassinados em massa, a par e passo com muitos Muçulmanos considerados não-ortodoxos.

Saque e destruição de mosteiros Cristãos, centros de estudos, bibliotecas.

<u>Gangs de sacerdotes e hordas de ignorantes</u>. Isto foi feito pelo uso de gangs de sacerdotes ultra-conservadores, que usaram grupos de agitadores e ignorantes a soldo (como beduínos) para encenar todo o género de revoltas. I.e., usar o Islão para anular o Islão.

Aliança oligarquia-clero devasta tesouro da Humanidade. Em menos de 50 anos, uma civilização que tinha demorado 200 anos a construir foi saqueada e destruída, deixando apenas algumas bolsas de estudo e livre inquérito. A aliança entre oligarquia e clero tinha conseguido destruir um dos tesouros da humanidade.

Cultura sobrevive em vários reinos, mas já não de forma universal.

AL-ASHARI – Um provocador pós-modernista no século IX. O homem com mais responsabilidade pela destruição da educação e da ciência na segunda metade do século IX foi Abu al-Hasan Ali bin Ismail al-Ashari, fundador da escola Asharita de ortodoxia islâmica.

"O fogo não queima". Al-Ashari argumentava que Deus é um ser arbitrário e caprichoso, reminiscente das velhas "deusas" insanas que exigiam o sangue de bebés e plena obediência. Entre as várias piadas espirituosas que vêm deste autor, temos a ideia de que o fogo não queima; mas, por vezes, algumas coisas ardem quando são colocadas no fogo.

Irracionalismo, insanidade perspectivística, autoritarismo. Ou seja, insanidade perspectivista. A realidade é um sítio incompreensível, irracional, inescrutável, menos para pessoas como al-Ashari, que têm autoridade para decretar princípios deste género.

Regras racionais e humanitárias de Mohammed trocadas por arbitrariedade e misticismo.

AL-GHAZALI – Outro pós-modernista, no século XI – Organiza o Sufismo.

Para tentar dar o golpe final – "Destruição". No século XI, surge o destruidor da Renascença Islâmica, Al-Ghazali, que escreve uma obra famosa literalmente intitulada "A Destruição dos Filósofos".

Irracionalismo e oxímoros. Tal como al-Ashari, Al-Ghazali veio argumentar que o mundo é essencialmente irracional e que a razão humana não pode ser aplicada à compreensão do universo e ao moldar do seu desenvolvimento. Na sua mais obra mais famosa, apresenta Deus não como uma entidade positiva e criativa, acessível à humanidade, mas como um mestre arbitrário e remoto.

Razão, inútil e perigosa – Homem tem de ser infantilizado e bestializado [Aristóteles]. No universo de Al-Ghazali, impermanente e imprevisível, a razão humana é inútil, e o intelecto torna-se uma faculdade perigosa. Para Al-Ghazali, tal como para Aristóteles, o homem é, ou tem de ser tornado, uma criatura de mera sensorialidade, uma criatura infantil e bestializada, incapaz de razão divina.

Vaga de reacção e declínio da civilização Islâmica. Entre os séculos XI e XIV, a obra de Al-Ghazali espalhou-se como uma praga, infectando as cidades do Islão. A vasta maioria do movimento humanista Islâmico foi esmagado por esta vaga de reacção e de

teologia distorcida. Este é o período genericamente conhecido como “declínio da civilização Islâmica”.

Al-Ghazali (“the spinner”) organiza os Sufis. A base político-religiosa para o movimento de Al-Ghazali, que levou a sua heresia a cada canto do mundo muçulmano, foi o movimento Sufi. Os Sufis eram uma federação de cultistas anti-urbanos e místicos. O nome sufi é derivado do Arábico suf, que significa “lã”. O nome de Al-Ghazali, que coordenou o movimento Sufi e o transformou numa força de combate, traduz-se por sua vez para “the spinner”, aquele que trabalha com lã. Aqui está a origem disto.

SUFISMO.

Sufismo – Uma reacção feudalista, anti-desenvolvimento.

Movimento de “regresso à aldeia”, contra mundanidade do Califado. O Sufismo ganhou aderentes entre vários grupos de muçulmanos como uma reacção contra a mundanidade do Califado Omíada (661-750 CE).

Demagogia anti-política, pró-austeridade. «*Sufism, which is a general term for Muslim mysticism, was originally a response to the increasing worldly power of Islamic leaders as the religion spread during the 8th Century and their corresponding shift in focus towards materialistic and political concerns. In particular, Harun al-Rashid, the fifth Abbasid Caliph, attracted negative attention for his lavish lifestyle, including gold and silver tableware, an extensive harem and numerous slaves and retainers, that stood in contrast to the relative simplicity of Muhammad's life*»

Sufismo – Duas vias principais.

Numa via, o aluno começa por purificar o self inferior de influências corruptoras.

Tem de reconhecer tudo como obra de “deus”, uma expressão de actos de “deus”.

Numa outra via, o aluno entra já com relances da presença divina.

«*Traditional Islamic scholars have recognized two major branches within the practice of Sufism, and use this as one key to differentiating among the approaches of different masters and devotional lineages. On the one hand there is the order from the signs to the Signifier (or from the arts to the Artisan). In this branch, the seeker begins by purifying the lower self of every corrupting influence that stands in the way of*

*recognizing all of creation as the work of God, as God's active Self-disclosure or theophany. This is the way of Imam Al-Ghazali and of the majority of the Sufi orders. On the other hand there is the order from the Signifier to His signs, from the Artisan to His works. In this branch the seeker experiences divine attraction (**jadhba**), and is able to enter the order with a glimpse of its endpoint, of direct apprehension of the Divine Presence towards which all spiritual striving is directed. This does not replace the striving to purify the heart, as in the other branch; it simply stems from a different point of entry into the path. This is the way primarily of the masters of the Naqshbandi and Shadhili orders*»

Sufismo – Arte obscura de tortura, despersonalização, autoritarismo.

Sufismo é uma "ciência" obscura que exige gurus divinizados e experiencialismo.

Exige tortura, treino de despersonalização, abusos sobre os discípulos. «*...the seeker begins by finding a teacher, as the connection to the teacher is considered necessary for the growth of the pupil. The teacher, to be considered genuine, must have received the authorization to teach (**ijazah**) from another Master of the Way, in an unbroken succession (**silsilah**) leading back to Muhammad. It is the transmission of the divine light from the teacher's heart to the heart of the student, rather than of worldly knowledge transmitted from mouth to ear, that allows the adept to progress. In addition, the genuine teacher will be utterly strict in his adherence to the Divine Law. Scholars and adherents of Sufism are unanimous in agreeing that Sufism cannot be learned through books. To reach the highest levels of success in Sufism typically requires that the disciple live with and serve the teacher for many, many years… As a further example, the prospective adherent of the Mevlevi Order would have been ordered to serve in the kitchens of a hospice for the poor for 1,001 days prior to being accepted for spiritual instruction, and a further 1,001 days in solitary retreat as a precondition of completing that instruction…*»

Sufismo – Ultra-centramento na vida interior.

Sufismo, "Islão contemplativo". O Sufismo é definido pelos seus aderentes como a dimensão interna e mística do Islão.

Ultra-centramento na vida interior, alienação da realidade. Concentração exclusiva em "deus", expressa num ultra-centramento na vida interior.

"A perfeição de culto". Os Sufis acreditam estar a praticar a perfeição de culto, como revelada por Gabriel a Mohammed: «*Worship and serve Allah as you are seeing Him and while you see Him not yet truly He sees you*»

A lei exotérica e a lei esotérica – sociedade vs coração. «*This can be conceived in terms of two basic types of law (**fiqh**), an outer law concerned with actions, and an inner law concerned with the human heart. The outer law consists of rules pertaining to worship, transactions, marriage, judicial rulings, and criminal law—what is often referred to, a bit too broadly, as **qanun**. The inner law of Sufism consists of rules about repentance from sin, the purging of contemptible qualities and evil traits of character, and adornment with virtues and good character*»

Negação e destruição do self e dos seus desejos mundanos.

Harmonia com "deus" – abraçar a "presença divina una" na consciência.

Aniquilar o self na presença do divino.

Purificar o coração dos instintos mais baixos. «*Sufi orders generally preach to deny oneself and to destroy the ego-self (nafs) and its worldly desires. This is sometimes characterized as the "Order of Patience-Tariqus Sabr"... maintain a union with the divine in which the human self melts away. Thus, Sufism has been characterized as the science of the states of the lower self (the ego), and the way of purifying this lower self of its reprehensible traits, while adorning it instead with what is praiseworthy, whether or not this process of cleansing and purifying the heart is in time rewarded by esoteric knowledge of God… From the traditional Sufi point of view, the esoteric teachings of Sufism were transmitted from Muhammad to those who had the capacity to acquire the direct experience gnosis of God, which was passed on from teacher to student through the centuries... While all Muslims believe that they are on the pathway to God and hope to become close to God in Paradise—after death and after the "Final Judgment"—Sufis also believe that it is possible to draw closer to God and to more fully embrace the Divine Presence in this life. The chief aim of all Sufis is to seek the pleasing of God by working to restore within themselves the primordial state of **fitra**, described in the Qur'an. In this state nothing one does defies God, and all is undertaken with the single motivation of love of God… Bayazid Bastami was among the first theorists of Sufism; he concerned himself with **fanā** and **baqā**, the state of annihilating the self in the presence of the divine, accompanied by clarity concerning worldly phenomena derived from that perspective. Sufism had a long history already before the subsequent institutionalization of Sufi teachings into devotional orders (**tarîqât**) in the early Middle Ages... Different devotional styles and traditions developed over time, reflecting the perspectives of different masters and the accumulated cultural wisdom of the orders. Typically all of these concerned themselves with the understanding of subtle knowledge (gnosis), education of the heart to purify it of baser instincts, the love of God, and approaching God through a well-described hierarchy of enduring spiritual stations (**maqâmât**) and more transient spiritual states (**ahwâl**)*»

A doutrina dos avanço nos centros sensíveis progressivos. «*For instance, the doctrine of "subtle centers" or centers of subtle cognition (known as **Lataif-e-sitta**) addresses the matter of the awakening of spiritual intuition in ways that some consider similar to certain models of **chakra** in Hinduism. In general, these subtle centers or **latâ'if** are*

*thought of as faculties that are to be purified sequentially in order to bring the seeker's wayfaring to completion… Sufi psychology has influenced many areas of thinking both within and outside of Islam, drawing primarily upon three concepts. Ja'far al-Sadiq (both an imam in the Shia tradition and a respected scholar and link in chains of Sufi transmission in all Islamic sects) held that human beings are dominated by a lower self called the **nafs**, a faculty of spiritual intuition called the qalb or spiritual heart, and a spirit or soul called **ruh**. These interact in various ways, producing the spiritual types of the tyrant (dominated by **nafs**), the person of faith and moderation (dominated by the spiritual heart), and the person lost in love for God (dominated by the **ruh**)*»

Sufismo – O "deus" nihilista que está em tudo e é tudo.

O aluno tem de reconhecer que "deus" está em tudo, tudo são actos de "deus".

O "deus" dialéctico, que é Uno, abarca tudo e está em tudo.

A tawhîd perfeita é a confissão existencial de que "deus" é este Um. «*…the seeker begins by purifying the lower self of every corrupting influence that stands in the way of recognizing all of creation as the work of God, as God's active Self-disclosure or theophany… the seeker may be led to abandon all notions of dualism or multiplicity, including a conception of an individual self, and to realize the Divine Unity… It leads the adept, called sâlik (wayfarer), in his sulûk (wayfaring), through different stations (maqâmât) until he reaches his goal, the perfect tawhîd, the existential confession that God is One*»

Sufismo – Sincretismo e obscurantismo Caldaico.

"Os tecelãos" – Lã, pureza, sofia. A palavra "sufi", etimologicamente, pode ter as suas origens em "pureza" ou em "lã". O Sufi al-Rudhabari comentou que «*The Sufi is the one who wears wool on top of purity*». Outra origem proposta, por um académico medieval, é sofia, a palavra grega para sabedoria.

Pré-data o Islamismo – A filosofia perene – "Sufismo pré-data Islão" [Idries Shah]. De acordo com Idries Shah, a filosofia Sufi é "universal" em natureza, com as suas raízes a pré-datar a ascensão do Islão e de outras religiões da era moderna, com a excepção talvez de Budismo e Jainismo.

Herdeiro de paganismo mediterrânico, gnosticismo, hinduísmo. Em parte, é herdeiro das tradições elitistas e psicóticas que tentaram perverter o Cristianismo nos primeiros séculos: Gnosticismo, Mistérios gregos, platonismo, e por aí fora. Mistura de cristianismo neognóstico (os eremitas contemplativos neo-platónicos), envolvendo elementos hindus (fala-se de budismo e jainismo, mas isto é apenas uma forma aparentemente mais sofisticada de falar de hinduísmo).

Zoroastrismo, magia, astrologia [Hans Jonas]. Mas a origem ainda mais remota de tudo isto é o Oriente, como Hans Jonas aponta em "The Gnostic Religion". Encontramos mitologias orientais, doutrinas astrológicas, teologia mágica Pérsica (charlatanismo Magii e zoroatrismo).

"Iluminação através de introspecção e narcóticos". Os sacerdotes de seita iranianos são geralmente descritos como feiticeiros, ou mágicos. Entre os seus truques de recurso, drogas. Um dos métodos historicamente advogados pelos Sufis (por exemplo, Ibn al-Arabi, sucessor de Al-Ghazali) para atingir a "iluminação" é o uso de narcóticos, drogas alucinogénicas que podem induzir visões celestiais (e causar psicose, como nos casos destes personagens). "Iluminação", em discurso Sufi, significa, aparentemente, o acesso a domínios da imaginação, fantasia. Ou seja, lixo subconsciente elicitado por cogumelos é acesso a alguma natureza divina.

Culto da morte, bruxaria, adoração de entidades. O Sufismo está devotado ao culto da morte e da sepultura. Cemitérios e afins funcionam como templos para Sufis. Muitas das tradições Sufi, como heranças de tempos pré-Islâmicos, introduziram rituais pagãos nas cerimónias quase-Islâmicas dos Sufis. Depois também existe bruxaria e adoração de entidades, juntamente com magia e encantamentos.

Asceticismo. Solidão, retiros espirituais, jejum, deprivação de sono. O típico Sufi clássico vivia numa célula de mesquita, onde ensinava um pequeno bando de discípulos.

Dhikr e Sema – práticas extáticas. O dhikr pode referir-se apenas à prática de repetir, estilo mantra, os vários nomes de Allah. Recitação, canto, música instrumental, dança extática, incenso, meditação, êxtase e transe. Estes êxtases podem envolver o uso de álcool e narcóticos. «*Some Sufi orders engage in ritualized dhikr ceremonies, or sema. Sema includes various forms of worship such as: recitation, singing (the most well known being the Qawwali music of the Indian subcontinent), instrumental music, dance (most famously the Sufi whirling of the Mevlevi order), incense, meditation, ecstasy, and trance. Some Sufi orders stress and place extensive reliance upon Dhikr. This practice of Dhikr is called Dhikr-e-Qulb (remembrance of Allah by Heartbeats). The basic idea in this practice is to visualize the Arabic name of God, Allah, as having been written on the disciple's heart*»

Várias práticas ocultas, com magia, superstição, adoração de santos. «*Magic has also been a part of Sufi practice, notably in India. This practice intensified during the declining years of Sufism in India when the Sufi orders grew steadily in wealth and in political influence while their spirituality gradually declined as they concentrated on Saint worship, miracle working, magic and superstition. The external religious practices were neglected, morals declined and learning was despised. The element of magic in Sufism in India possibly drew from the occult practices in the Atharvaveda. The most famous of all Sufis, Mansur Al-Hallaj (d. 922), visited Sindh in order to study "Indian Magic". He not only accepted Hindu ideas of cosmogony and of divine descent but he also seems to have believed in the Transmigration of the soul.*

Espalham-se por várias culturas, são flexíveis e facilmente adaptáveis.

Acomodação a todo o tipo de misticismos locais – promoção de atraso e ignorância. «*Mbacke suggests that one reason Sufism has taken hold in Senegal is because it can accommodate local beliefs and customs, which tend toward the mystical. The life of the Algerian Sufi master Emir Abd al-Qadir is instructive in this regard. Notable as well are the lives of Amadou Bamba and Hajj Umar Tall in sub-Saharan Africa, and Sheikh Mansur Ushurma and Imam Shamil in the Caucasus region. In the twentieth century some more modernist Muslims have called Sufism a superstitious religion that holds back Islamic achievement in the fields of science and technology*»

Ou seja, o culto Caldaico das 1000 caras, mencionado no Antigo Testamento. A religião das mil caras de Canaan e Babilónia.

Neo-Sufismo, uma forma new age para sincretismo universal.

Neo-Sufismo, uma forma de sincretismo sem sharia, ou sequer fé islâmica.

Prega a "unidade essencial de todas as fés", aceita membros de todos os credos.

Temos um Golden Sufi Center (UK, Suiça, EUA).

Sufismo é apresentado como um exemplo de tolerância e humanismo.

Flexível, "não-dogmático" e "não-violento".

«*"Neo-Sufism" and "universal Sufism" are terms used to denote forms of Sufism that do not require adherence to Shariah, or a Muslim faith. The terms are not always accepted by those it is applied to. The Universal Sufism movement was founded by Hazrat Inayat Khan, teaches the essential unity of all faiths, and accepts members of all creeds. Sufism Reoriented is an offshoot of Khan's Western Sufism influenced by the syncretistic teacher Meher Baba. The Golden Sufi Center exists in England, Switzerland and the United States. It was founded by Llewellyn Vaughan-Lee to continue the work of his teacher Irina Tweedie, herself a disciple of the Hindu Naqshbandi Sufi Bhai Sahib. The Afghan-Scottish teacher Idries Shah has been described as a neo-Sufi by the Gurdjieffian James Moore. Other Western Sufi organisations include the Sufi Foundation of America and the International Association of Sufism… Sufi mysticism has long exercised a fascination upon the Western world, and especially its orientalist scholars. Figures like Rumi have become well known in the United States, where Sufism is perceived as a peaceful and apolitical form of Islam… The Islamic Institute in Mannheim, Germany, which works towards the integration of Europe and Muslims, sees Sufism as particularly suited for interreligious dialogue and intercultural harmonisation in democratic and pluralist societies; it has described Sufism as a symbol of tolerance and humanism – nondogmatic, flexible and non-violent*»

A distorção oligárquica e dialéctica de lei e iluminação.

A distorção oligárquica de lei e iluminação – Sufismo e Ismaelismo.

Distorção típica de Hebraico-Cristianismo. Encontramos a distorção típica do paradigma Hebraico-Cristão. A fusão perfeita da Lei com a iluminação interior da Via é, nestas formas neo-platónicas e oligárquicas, distorcida e cooptada até se tornar um paradigma dialéctico aberrante.

Dicotomia lei/iluminação.

"Lei" é microgestão totalitária – a sharia extrema – a Lei em si é ignorada. Lei torna-se um sinónimo de microgestão, executada por autoridades seculares e por gurus (d'ais) semi-divinizados. É uma forma totalitária e monstruosa de lei, bem exemplificada pela sharia distorcida de grupos ismaelizados, de sociedades Sufi como os Senussi, e de sociedades Sufi alteradas como os Wahhabi. Esta forma de "lei" destrói inteiramente os verdadeiros propósitos da Lei dada a Moisés e, já agora, das leis propostas por Mohammed – liberdade, desenvolvimento, equidade, iniciativa individual, solidariedade social.

Iluminação é apatia e o foco obcecado na vida interior, no "deus" panteístico. Iluminação consiste no foco permanente, obsessivo e obcecado, na vida interior – e a isto chama-se "contacto com Deus". A verdadeira natureza deste "deus" é bem revelada pelo modo hinduístico e panteístico como é apresentado – "deus" é a unidade de tudo e está em tudo. O "homem iluminado" é o protótipo do rústico dessensibilizado e tornado obcecado com auto-contemplação, que reage com "amor" (na prática, aceitação acrítica), a tudo o que acontece à sua volta. Iluminação, aqui, é um divórcio da realidade e da vida social. Mais importante, é um divórcio do Deus verdadeiro, que é julgamental e exclusivista. Não está nas pedras e nas árvores; usa os homens e tudo o que eles fazem para o seu propósito, mas não está nos homens (não existe "as above so below"), e muito menos autoriza maus actos – castiga os maus homens pelos seus maus actos, depois de os usar para os seus próprios desígnios.

A "filosofia perene" propõe o "deus" dialéctico, a serpente. A iluminação destes bandos obscurantistas pode vir de um "anjo de luz", mas certamente não vem do anjo de Yahweh. Uma consequência natural do processo de "iluminação" da "filosofia perene" (a filosofia da Serpente, na prática), é a chegada à conclusão de que não existe algo como "verdade". Se "deus" é tudo, então tudo é legítimo e verdadeiro. Este "deus" é uma criatura dialéctica.

O “iluminado” torna-se um criminoso despersonalizado, em psicose dialéctica. O resultado óbvio deste mindset é o facto de o “iluminado” tanto poder aparecer, ele próprio, como um “anjo de luz”, como logo a seguir estar disponível para os actos mais horrendos e criminosos. Aliás, isto é essencial para a componente, anteriormente descrita, da “lei” – os gurus que supervisionam a ordem legalista totalitária são objectivamente criminosos, e têm de o ser (caso contrário combateriam a ordem social criminosa, em vez de a inspirarem e supervisionarem), mas são-no com a plena convicção dialéctica de serem “iluminados”, e de estarem a agir pelo bem da humanidade, paz mundial, etc. Ao mesmo tempo, sendo mentes dialécticas, psicoticizadas, podem assumir também com a maior das simplicidades, a postura de que são, afinal, oportunistas inteligentes e criminosos puros. E, depois, voltar com a maior convicção interior à ideia de que são almas “caridosas e puras”. Este é o padrão que vamos encontrar em todas as elites e em todas as sociedades afectadas por esta forma previsível e constante de degeneração cultural – da sociedade hindu, aos ismaelitas, aos cátaros e albigenses, aos nazis filosóficos alemães, e por aí fora.

Ismaelitas – Aga Khan

AGA KHAN.

Aga Khan, o Príncipe da Pérsia.

Aga Khan, 49º Imam Ismaili Nizari. Shah Karim al-Hussaini, nascido em 1936, em Genebra, Suiça. Torna-se Imam (49º Imam do Ismaelismo Nizari; Nizari Ismaili Imam) em 1957.

Títulos – O Príncipe da Pérsia. «*His Highness; His Royal Highness; Prince; Aga Khan, Aqa Khan, Agha Khan… The title* ***Prince(ss)*** *is used by the Aga Khans and their children by virtue of their ancestry from Shah Fath Ali Shah of the Persian Qajar dynasty. The title was officially recognized by the British government in 1938… Author Farhad Daftary wrote of how the honorific title 'Aga Khan' was first given to Aga Khan I at the age of thirteen after Aga Khan I's father's murder: "At the same time, the Qajar monarch bestowed on him the honorific title (laqab) of Agha Khan (less commonly but more correctly transcribed as Aqa Khan), meaning lord and master"… The style of 'His Highness' was formally granted to the Aga Khan IV by Elizabeth II, Queen of the United Kingdom in 1957 upon the death of his grandfather Aga Khan III. The granting of the title to the Aga Khan IV was preceded by a strong expressed desire of the Aga Khan III to see the British monarchy award the title to his successor. The title is not hereditary. The style of* ***His Royal Highness*** *was granted to the Aga Khan IV by Mohammad Reza Pahlavi, the Shah of Iran, in 1959. The Shah of Iran was overthrown in the Iranian Revolution of 1979. The Aga Khan does not use this style and instead uses the style* ***His Highness***»

46º Aga Khan move-se para Mumbai em 1848, após golpe falhado contra o Shah. «*The 46th Ismā'īlī Imām, Aga Hassan 'Alī Shah, fled Iran in the 1840s after a failed coup against the Shah of the Qajar dynasty. Aga Hassan 'Alī Shah settled in Mumbai in 1848*»

Oração em nome do Aga Khan, "o puro", o Príncipe da Caldeia, Pérsia. The thrice daily main prayer of the Nizari Ismaili community, the *Doowa*: «*…God, the High, the Great, the Merciful, the Magnanimous, the Good, the Great Holy Providence (Who is) in the district of Chaldea, in Persia, in human form, descended from the seventy-seven Patras (ancestors) and who is the forty-eighth Imam (Spiritual Chief) the tenth Naklanki Avatar, our Master, Aga Sultan Mahomed Shah [the given name of Aga Khan III], the*

Giver» Note: The word *Naklanki* or *Nakalanki* means *the stainless one,* and it is a name of the tenth avatar originally identified with Ali.

Cavalos, uma ilha privada, e o "monte da águia". O Aga Khan é considerado um dos membros da realeza mais ricos no mundo. Não preside sobre um território geográfico reconhecido. «*...the Aga Khan owns and operates the biggest horse racing and breeding operation in France, and this operation is considered one of his main sources of income… He owns hundreds of racehorses, valuable stud farms, an exclusive yacht club on Sardinia, a private island in the Bahamas, two Bombardier jets, a 12-seat helicopter, a £100 million high speed yacht named after his prize racehorse, and several estates around the world, including an estate called* ***Aiglemont*** *["o monte da águia"] in the town of Gouvieux, France – just north of Paris*»

Um parágrafo curioso (em termos de RP) na Wikipedia. «*Since his ascension to the Imamate of Nizari Ismailis in 1957, the Aga Khan has been involved in complex political and economic changes which have affected his Nizari Ismaili followers, including the independence of African countries from colonial rule, expulsion of Asians from Uganda, the independence of Central Asian countries such as Tajikistan from the former Soviet Union and the continuous turmoil in Afghanistan and Pakistan*»

Um feudalista-tradicional multinacional – impostos cobrados aos ismaelitas. In 2007, after an interview with the Aga Khan, G. Pascal Zachary, of the The New York Times, wrote, «*Part of the Aga Khan's personal wealth [used by him and his family], which his advisers say exceeds $1 billion [USD], comes from a dizzyingly complex system of tithes[22] that some of the world's 15 million Ismaili Muslims pay him each year [one of which is called* ***dasond****[22][23], which is at least 12.5% of each Nizari Ismaili's gross[22] annual income] – an amount that he will not disclose but which may reach hundreds of millions of dollars annually*». In the *Encyclopaedia of Ismailism,* Mumtaz Ali Tajddin, a Nizari Ismaili, describes the components of *dasond* that come from the gross income of the followers of Nizari Ismailism and that go to the Imam of Nizari Ismailism, Aga Khan IV: «*The tenth part of the income [10% of gross income] is separated along with 2½ zakat [2.5% of gross income], making the deduction of 12½ from the income [12.5% of gross income]. The tenth part solely belongs to the Imam, while 2½ part being zakat for the welfare purpose. Both parts (10 & 2½) are presented to the Imam*»

Aga Khan, a encarnação pura de Vishnu na Terra.

"Descendente directo de Mohammed e Ali". Khan afirma ser o descendente directo do Profeta Mohammed, através do seu primo e cunhado, Ali (considerado o primeiro Imam no Islão Shia) e da sua esposa Fatima az-Zahra, a filha do Profeta.

Autoridade suprema e inquestionável na interpretação do Corão. Em 1986, o Aga Khan ordenou a actual Constituição Ismailia, um decreto eclesiástico, onde afirma aos

Ismailis Nizaria o seu «*sole right to interpret the Qur'an and provide authoritative guidance on [all] matters of faith*» e onde formaliza a sua plena autoridade, poder e discreção na governância dos *jamats* (templos) e instituições ismaelitas.

Khan, hujjah/prova e noor/ luz de Allah na Terra, infalível, imune de pecado. «*As the Imam of Nizari Ismailism, the Aga Khan IV is considered by his followers to be the proof or **hujjah** of God on earth[12] as well as infallible and immune from sin (just as an **Imam** is viewed in most other denominations of Shia Islam). He is further considered by his followers to be the carrier of the eternal **Noor of Allah** ("Light of God" – a concept unique to certain denominations of Shia Islam)*»

"O Khan é a encarnação de Allah, a sua manifestação visível". «*During the time of the 46th, 47th, and 48th Imams (Aga Khan I, Aga Khan II, and Aga Khan III) of the Nizari Ismaili community, respectively – and particularly prior to the creation of the independent country of Pakistan (a major hub for Nizari Ismailis) in 1947 – virtually all available sources of information indicated that the position of the Imam in Nizari Ismailism was that of the incarnation of God and/or the manifestation of God*»

Oração em nome do Aga Khan, "o puro", o Príncipe da Caldeia, Pérsia. The thrice daily main prayer of the Nizari Ismaili community, the *Doowa*: «*...God, the High, the Great, the Merciful, the Magnanimous, the Good, the Great Holy Providence (Who is) in the district of Chaldea, in Persia, in human form, descended from the seventy-seven Patras (ancestors) and who is the forty-eighth Imam (Spiritual Chief) the tenth Naklanki Avatar, our Master, Aga Sultan Mahomed Shah [the given name of Aga Khan III], the Giver*» Note: The word *Naklanki* or *Nakalanki* means *the stainless one,* and it is a name of the tenth avatar originally identified with Ali.

Tratado ismaelita – "O Imam Nizari é a manifestação de Allah na Terra". The Aga Khan III's elder brother, Shabu'd-din Shah al-Husaini, is said by Russian orientalist Wladimir Ivanow to have written a treatise called *Risala Dar Haqiqati Din* ("The True Meaning of Religion"). Ivanow first translated the treatise into English in 1933. Part of the treatise states: «*It suffices to know that in every epoch or a (millennial) period of time there is, and always was a manifestation of God, from the time of Adam, and even before Adam, and till the time of the Final Prophet. It is present even now in the world [in the form of the Nizari Ismaili Imam], as it was said to you*»

"Vishnu desceu à Terra na forma de Ali, e continua em cada Imam". Meanwhile, in a paper discussing the theology of East African followers of the Aga Khan, H.S Morris quotes a Nizari Ismaili that was living in East Africa and educated in England, but, who had never visited India, as saying: «*Our Imam, His Highness the Aga Khan, is like your Jesus Christ. Even Hindus believe that God will never leave the world deserted, we believe that God, that is Vishnu, descended to earth in Ali [as the Tenth Avatar] and has never left us. When the Imam dies the Light moves on to his son: it follows like the sacred blood—like the King. The King never dies*»

O Imam, a décima encarnação de Vishnu. Former Ismaili, A. Meherally, described, and Ismaili missionary professing the importance of meeting the Imam: «*An Ismaili missionary would deliver a sermon ... [and] he would invariably profess that Allah has manifested Himself or Allah's Noor has manifested itself in the body of Aga Khan. The Zahir (manifested) Imam is a Mazhar (literally copy or manifest) of Allah. ... Both the above concepts, namely; 'Noor of Allah manifested in a human body' and 'Mazhar of Allah' are but, modified versions of the 'Incarnations of God' (Avatars)—a Hindu philosophy Aga Khan is considered to be the tenth incarnation of 'Lord Vishnu' by Ismailis*»

Aga Khan – Vasta rede global de negócios e agências.

Vasta rede global de "organizações filantrópicas" – AKDN. The Aga Khan is founder and chairman of the Aga Khan Development Network (AKDN), one of the largest private development networks in the world, which coordinates the activities of over 200 agencies and institutions, employing approximately 80,000 paid staff, the majority of whom are based in developing countries.

Parcerias com governos, ONGs, firmas privadas.

Age em todos os sectores sociais relevantes. AKDN agencies operate in the fields of health, education, culture, rural development, institution-building and the promotion of economic development, with special focus on countries of the Third World. It is dedicated to improving living conditions and opportunities for the poor, without regard to their faith, origin or gender. The AKDN's annual budget for non-profit development activities in 2010 was approximately US$ 625 million. The network operates in more than 35 of the poorest countries in the world. Focus Humanitarian Assistance (FOCUS) [92], an affiliate of the AKDN, is responsible for emergency response in the face of disaster.

Outras organizações pertencentes à AKDN – destaque para AKFED. AKDN includes the Aga Khan University (AKU [80]), the University of Central Asia (UCA [81]), the for-profit Aga Khan Fund for Economic Development (AKFED [82]), the Aga Khan Trust for Culture (AKTC [83]), the Aga Khan Foundation (AKF [84]), the Aga Khan Health Services (AKHS [85]), the Aga Khan Education Services (AKES [86]), the Aga Khan Planning and Building Services (AKPBS [87]), and the Aga Khan Agency for Microfinance (AKAM [88]). One of the companies that the AKFED is the main shareholder of is the famous Serena Hotels Group[89] – a chain of luxury hotels and resorts primarily located in Africa and Asia. Significant recent or current projects that are related to development and that are being led by the Aga Khan include the Delegation of the Ismaili Imamat and the Global Centre for Pluralism (GCP [94]) in Ottawa, the Aga Khan Museum in Toronto, the Al-Azhar Park ([95]) in Cairo, the Bagh-e Babur restoration in Kabul, and a network of full IB residential schools known as the Aga Khan Academies (AKA [96]).

Instituto de Estudos Ismaelitas (1977). The Aga Khan is also the chairman of the Board of Governors of the Institute of Ismaili Studies, which he founded in 1977.

Royal Commonwealth Society. He is also a Vice-President of the Royal Commonwealth Society.

ISMAELITAS.

Marco Polo e Ala al-Din.

Crónicas de viagem de Marco Polo – Vai a Alamut na fase em que Ala al-Din é o Imã. No século 13, temos a ascensão ao trono do célebre Ala al-Din Muhammad, de Alamut, o Velho da Montanha que Marco Pólo conheceu. Ala al-Din, Aloadin, Aladino.

Explica as técnicas do Velho, com o jardim das delícias e tudo o resto.

Menciona que o Velho tinha franchises idênticas na Síria e no Curdistão.

«*O Velho era chamado na língua deles ALOADIN. Mandara que determinado vale entre duas montanhas fosse fechado, e transformou-o num jardim, o maior e mais bonito que jamais se vira, cheio de todas as variedades de frutos. Nele estavam erigidos pavilhões e palácios do mais elegante que se pode imaginar, com dourados e pinturas requintadas. E havia córregos, também correndo livremente com vinho e leite e mel e água; e um grande número de damas e das donzelas mais belas do mundo, que sabiam tocar todos os tipos de instrumentos, e cantavam da forma mais doce, e dançavam de um modo que era um encanto contemplar. Porque o Velho desejava que o seu povo pensasse que era realmente o Paraíso e, por isso, concebera-o segundo a descrição que Maomé fizera do seu Paraíso, a saber, que deveria ser um belo jardim atravessado por regatos de vinho e leite e mel e água, e cheio de belas mulheres para deleite de todos os seus habitantes. E é claro que os sarracenos destas paragens acreditavam que era o Paraiso! Pois bem, nenhum homem estava autorizado a entrar no Jardim, excepto aqueles que ele pretendia que fossem os seus ASHISHIN. Havia uma Fortaleza à entrada do Jardim, suficientemente forte para resistir a todo o mundo, e não existia qualquer outra forma de lá entrar. Mantinha na sua Corte diversos jovens do país, entre os doze e os vinte anos de idade, que tinham gosto pela vida de soldados, e costumava contar-lhes histórias sobre o Paraiso, como fora costume Maomé fazer, e os jovens acreditavam nele do mesmo modo que os sarracenos acreditam em Maomé. Em seguida, levava-os para o seu jardim, cerca de quatro, ou seis, ou dez de cada vez, mas primeiro obrigava-os a beber uma determinada poção que os precipitava num sono profundo, para depois serem levantados e transportados para lá. Assim, quando*

acordavam, encontravam-se no Jardim. Logo, quando acordavam e se viam num local tão encantador, pensavam que era efectivamente o Paraíso. E as damas e donzelas satisfaziam-lhes todos os desejos e, portanto, tinham tudo quanto os jovens devem ter; e nunca teriam abandonado aquele local de livre vontade. Ora, este Príncipe a quem chamamos o Velho mantinha a sua Corte de uma forma sumptuosa e nobre, e fazia que os simples montanheses que o rodeavam pensassem que era um grande profeta. E quando queria que um dos seus Ashishin fosse enviado numa missão, mandava que a poção de que falei fosse ministrada a um dos jovens que se encontravam no jardim e, em seguida, mandava transferi-lo para o seu Palácio. Assim, quando o jovem acordava, dava consigo no Castelo e já não naquele Paraíso; algo que não o deixava nada satisfeito. Era conduzido então à presença do Velho, e curvava-se perante ele com grande veneração por julgar que estava na presença de um verdadeiro profeta. O Principe perguntava-lhe então donde vinha, e ele respondia que vinha do Paraíso! e que era precisamente igual àquele que Maomó descrevera na Lei. Éclaro que isto dava aos outros que estavam a assistir, e ainda não haviam sido admitidos, um enorme desejo de lá entrarem. Por isso, quando o Velho pretendia que algum Príncipe fosse assassinado, dizia a um daqueles jovens:"Vai e mata Fulano; e quando voltares os meus anjos levar-te-ão para o Paraiso. E, se morreres, enviarei mesmo assim os meus Anjos para te trazerem de volta ao Paraíso". Era isso que lhes fazia acreditar; e, portanto, não havia qualquer ordem sua para cuja execução não enfrentassem todos os perigos, dado o grande desejo que tinham de regressar ao Paraíso dele. E, deste modo, o Velho conseguiu que o seu povo assassinasse qualquer pessoa de quem ele se quisesse livrar. E por isso, também, o grande pavor que inspirava em todos os Príncipes, fazia-os tornarem-se seus tributários para que ele se mantivesse em paz e amizade com eles. Devo dizer-vos também que o Velho tinha outros sob as suas ordens, que copiaram os seus procedimentos e agiam precisamente da mesma forma. Um deles foi enviado para o território de Damasco, e outro para o Curdistão» (21) Bernard Lewis (1967). "The Assassins".

Juvayni celebra a destruição mongol sobre os Ismaelitas.

<u>Juvayni – Hülegü – destruição de Alamut e vários outros castelos</u>. Crónica de Juvayni, historiador sunita persa, que descreve vividamente a destruição de Alamut e a humilhação final do poder ismaelita. Isto acontece em meados do século 13, pelas mãos de Hülegü, neto de Ghengis Khan, príncipe do Império Mongol.

<u>"O ouro desses falsificadores loucos e hipócritas revelou-se ser chumbo básico"</u>.

<u>"A sua religião vazia foi totalmente destruída"</u>.

<u>"Hoje, assassinos perderam poder, da'is são arautos da morte e rafiqs, escravos"</u>.

<u>"Os viandantes circulam sem medo de terem de pagar um tributo"</u>.

<u>"Governantes viviam no medo, e aqueles que lhes eram hostis eram aprisionados"</u>.

“Foi uma taça que se encheu até transbordar; parecia um vento que morrera”.

“Os propagadores do Ismaelismo caíram vítimas dos espadachins do Islão”.

“Todos os habitantes do mundo foram libertados da sua malevolência e impureza”.

“E assim foi limpo o mundo que havia sido conspurcado pela sua maldade”.

“E que Deus faça o mesmo a todos os tiranos!”

«*Naquele viveiro de heresia no Rudbar de Alamut, o lar dos perversos adeptos de Hassan-i Sabbah... dos alicerces não resta pedra sobre pedra. E naquele florescente domicílio de inovação, o Artista da Eternidade Passada escreveu com a caneta da violência no pórtico [da residência] de cada um, o versículo: "Estas suas casas vazias são ruínas vazias" [Corão, xxvn, 53]. E no mercado do reino daqueles miseráveis o muezine Destino soltou o grito de "Longe daqui as gentes que não crêem!" [Corão, xxni, 43]. As suas infelizes mulheres, tal como a sua religião vazia, foram totalmente destruídas. E o ouro desses falsificadores loucos e hipócritas, que parecia não ter liga, revelou-se ser chumbo básico. Hoje, graças à sorte gloriosa do Rei que Ilumina o Mundo, se um assassino ainda subsiste num canto, faz um trabalho de mulher; onde quer que haja um da'i, há um arauto da morte; e todo o rafiq se tornou um escravo. Os propagadores do Ismaelismo caíram vítimas dos espadachins do Islão... Os reis dos Gregos e Francos, que ficaram pálidos de medo destes malditos, e lhes pagavam tributo, e não tinham vergonha dessa ignomínia, gozam agora de um sono pacífico. E todos os habitantes do mundo, e em especial os Fiéis, foram libertados das suas malévolas maquinações e crenças impuras. Não, toda a humanidade, nobres e povo, partilham esta alegria. E, comparada com estas histórias, a de Rustam, o filho de Dastan, tornou-se apenas uma fábula antiga. E assim foi limpo o mundo que havia sido conspurcado pela sua maldade. Agora, os viandantes andam para cá e para lá sem medo ou pânico ou o incómodo de terem de pagar um tributo e rezam pela [continuação da] boa sorte do feliz rei que erradicou os seus alicerces e não deixou um só vestigio de qualquer deles. E, na verdade, esse acto foi o bálsamo para as feridas muçulmanas e a cura para os distúrbios da Fé. Que aqueles que vierem depois desta época e era conheçam a extensão dos maleficios que causaram e da confusão que lançaram nos corações dos homens. Aqueles que tinham acordos com eles, tanto reis de tempos antigos como govemantes contemporâneos, viviam no medo e tremendo [pelas suas vidas] e [aqueles que] lhes eram hostis estavam dia e noite nas dificuldades da prisão com pavor dos seus esbirros criminosos. Foi uma taça que se encheu até transbordar; parecia um vento que morrera. "Isto é um aviso a todos os que se desviam", [Corão, vi, 116], e que Deus faça o mesmo a todos os tiranos!*» (116) Bernard Lewis (1967). “The Assassins”.

Brocardus fala do carácter e tácticas dos Hashasheen.

Padre alemão, conselheiro para o Rei Filipe IV de França.

“Assassinos vendem-se, são sedentos de sangue, matam inocentes a preço”.

“Não se importam com vida nem com salvação”.

“Transfiguram-se em anjos de luz, infiltram-se e misturam-se entre os povos”.

“Disfarçados com pele de ovelhas, sofrem a morte mal são reconhecidos”.

«*Os Assassinos... devem ser amaldiçoados e evitados. Vendem-se a si mesmos, estão sedentos de sangue humano, matam os inocentes por um preço, e não se importam com a vida nem com a salvação. Tal como o demónio, transfiguram-se em anjos de luz, imitando os gestos, atavios, línguas, costumes e actos de diversas nações e povos; assim, disfarçados com pele de ovelhas, sofrem a morte mal são reconhecidos... tão execrável é a sua profissão, e tão abominada por todos, que escondem os seus próprios nomes tanto quando podem*» (15) Bernard Lewis (1967). “The Assassins”.

Crónica – Os hábitos e técnicas dos Heyssessini sírios.

Relatório de um enviado de Frederico Barbarossa, Imperador, 1175.

“Heyssessini, segnors de montana”.

“Raça sem lei; comem porco, usam todas as mulheres, incluíndo mães e irmãs”.

“Castelos bem fortificados nas montanhas, vivem do gado”.

“O príncipe usa um sistema de controlo mental para gerar Assassinos”.

[Depois descreve esse sistema].

«*Sabei que nos confins de Damasco, Antioquia e Alepo existe uma determinada raça de sarracenos nas montanhas, que no seu próprio vernáculo são chamados Heyssessini, e em romano* ***segnors de montana****. Esta raça de homens vive sem lei; comem carne de porco, infringindo a lei dos sarracenos, e usam todas as mulheres sem distinção, incluíndo as suas mães e irmãs. Vivem nas montanhas e são quase invencíveis, porque retiram para castelos bem fortificados. O seu país não é muito fértil e, por isso, vivem do gado. Têm entre eles um Senhor, que provoca o maior pavor em todos os príncipes sarracenos, tanto próximos como afastados, bem como nos senhores cristãos que são seus vizinhos. Porque tem o hábito de os matar de uma forma espantosa. O método que emprega para o fazer é o seguinte: este príncipe possui, nas montanhas, inúmeros palácios de grande beleza, rodeados de muralhas muito altas, de modo a que ninguém possa entrar a não ser por uma porta pequena e muito bem guardada. Nesses palácios, manda educar, desde a infância, muitos dos filhos dos seus camponeses. Manda ensinar-lhes diversas línguas, tais como latim, grego, romano, sarraceno, bem como muitas outras. Os professores ensinam a esses jovens, desde a mais tenra juventude até à plena maturidade, que têm de obedecer a todas as palavras e ordens do senhor da sua terra; e, se o fizerem, ele, que tem poder sobre todos os seres vivos, dar-lhes-á as*

alegrias do paraíso. É-lhes também ensinado que não poderão ser salvos se resistirem à sua vontade seja no que for. De notar que, a partir do momento em que para lá são levados, em crianças, não vêem ninguém para além dos seus professores e mestres e não recebem qualquer outra instrução até serem chamados à presença do príncipe para matarem alguém. Quando estão na presença do príncipe, este pergunta-lhes se estão dispostos a obedecer às suas ordens, para ele poder conceder-lhes o paraíso. Após o que, como lhes foi ensinado, e sem qualquer objecção ou dúvida, se lançam a seus pés e respondem, com fervor, que lhe obedecerão em tudo quanto lhes ordenar. Então, o príncipe dá a cada um deles uma adaga dourada e manda-os matar o príncipe que decidiu eliminar» (17) Bernard Lewis (1967). "The Assassins".

Bernard Lewis – Ismaelismo, movimento neo-feudal, extremista e volkish.

Uma expressão de feudalismo anti-urbano (barões-salteadores).

Eles próprios eram novos-feudalistas – obtinham apoio de feudalistas destronados.

Movimento que abrange grupos insatisfeitos com ordem seljúcida.

Velha classe dirigente deposta e populaça urbana descontente.

Abarca e inclui elementos volkish, baseados em guildas e tradições populares.

Ideologia reaccionária, feudalista, anti-igualitarismo sunita.

Alvos – Nova classe governante, militar, clerical.

"A distinção entre direita radical e esquerda radical pode revelar-se por vezes ilusória".

«*Numa série de estudos, o primeiro dos quais apareceu em 1911, um estudioso russo, V. V. Barthold, apresentou outra explicação. De acordo com o seu ponto de vista, o verdadeiro significado do movimento dos Assassinos era uma guerra dos castelos contra as cidades -- uma tentativa, última e finalmente gorada, levada a cabo pela aristocracia rural iraniana, de resistir à nova ordem social urbana do Islão. A Pérsia pré-islâmica fora uma sociedade de cavaleiros, para onde a cidade fora importada como uma inovação islamica. Tal como os barões - e os barões-salteadores - da Europa medieval, os cavaleiros persas detentores de terras, com o apoio da população rural, travavam a guerra, a partir dos seus castelos, contra esta nova ordem estrangeira e abusiva. Mais tarde, os estudiosos russos reviram e aperfeiçoaram a tentativa, feita por Barthold, de uma explicação económica do Ismaelismo. Os Ismaelitas não estavam contra as cidades como tais, onde tinham apoiantes, mas sim contra determinados elementos dominantes nas cidades - os governantes e os militares e os notáveis civis, os novos senhores feudais e os clérigos alvos de benesses oficiais. Além disso, os Ismaelitas não podiam, pura e simplesmente, ser equiparados à antiga nobreza. Não herdavam os seus castelos, mas tomavam-nos, e o seu apoio não provinha tanto dos que ainda eram senhores dos seus bens, como dos que os haviam perdido*

para os novos proprietários – os cobradores fiscais autorizados, funcionários e oficiais que haviam recebido doações de terras e rendimentos concedidas pelos novos governantes a expensas da nobreza rural e do campesinato. Uma das abordagens vê o Ismaelismo como uma ideologia reaccionária, concebida pelos grandes magnatas feudais para defender os seus privilégios face ao igualitarismo do Islão sunita; outra, como uma resposta, que varia consoante as circunstâncias, às necessidades dos diferentes grupos que haviam sofrido com a imposição da nova ordem seljúcida e, assim, abrangendo tanto a velha classe dirigente deposta como a populaça descontente das cidades; outra ainda, como um mero movimento «popular» baseado nos artesãos, nos pobres das cidades e no campesinato das regiões montanhosas. Segundo este ponto de vista, a proclamação, por Hassan, da Ressurreição fora uma vitória das forças «populares»; as suas ameaças de castigo contra aqueles que ainda observavam a Lei Sagrada dirigiam-se aos elementos feudais existentes nos territórios ismaelitas, que eram secretamente fiéis à ortodoxia islâmica e hostis à igualdade social... a distinção, tão importante para os nossos antecessores imediatos, entre direita radical e esquerda radical pode revelar-se por vezes ilusória»

Bernard Lewis – Ismaelitas recrutam entre servos, dissidentes e guildas urbanas.

<u>Base essencial de recrutamento para os Ismaelitas – regiões rurais/feudais</u>.

<u>Apostam em zonas com tradições de dissidência [religiosa]</u>.

<u>Mas também têm apoio junto de maçonarias/guildas urbanas</u>.

<u>Ismaelismo encontra muito apoio entre o lumpenproletariat urbano</u>.

<u>Pelo contrário, a burguesia dissidente adopta, tipicamente, Xiismo dos Doze</u>.

<u>Mas também é uma base significativa de recrutamento</u>.

«*...natureza do apoio aos Ismaelitas. A maior parte dele devia provir das regiões rurais. Os lsmaelitas tinham as suas bases principais em castelos e tinham muito êxito quando podiam contar com a população das aldeias circundantes, tanto em termos de apoio como de recrutamento. Tanto na Pérsia como na Siria, os emissários ismaelitas tentaram fixar-se em zonas onde havia velhas tradições de dissidência religiosa. Tais tradições são notavelmente persistentes, e sobreviveram, em algumas dessas zonas, até aos nossos dias... O apoio aos Ismaelitas podia ser mobilizado e orientado da forma mais eficaz nas zonas rurais e montanhosas. No entanto, não se encontrava limitado a essas zonas. É claro que os Ismaelitas também tinham seguidores nas cidades, onde prestavam uma ajuda discreta, quando necessária aos homens dos castelos que estavam a executar as suas missões. Por vezes, tal como em Isfaão e Damasco, eram suficientemente fortes para surgirem abertamente na luta pelo poder... Partiu-se geralmente do princípio de que os apoiantes urbanos do Ismaelismo provinham das classes mais baixas da sociedade – os artesãos e, abaixo deles, a ralé flutuante e*

irrequieta. Esta presunção baseia-se nas referências ocasionais a activistas ismaelitas dessa origem social e à falta geral de provas de simpatias ismaelitas entre classes as mais abastadas, incluindo aquelas que se encontravam em alguma desvantagem na ordem sunita seljúcida. Existem muitos sinais de simpatias xiitas entre os mercadores e literatos, por exemplo – mas parecem ter preferido a dissidência passiva dos Xiitas dos Doze à subversão radical dos Ismaelitas. Inevitavelmente, muitos dos líderes e professores dos Ismaelitas eram citadinos educados. Hassan-i Sabbah era de Rayy, e recebeu uma educação de escriba; Ibn Attash era médico, e foi o primeiro emissário de Alamut na Síria. Sinan era mestre-escola, e, segundo o seu próprio testemunho, filho de uma familia de notáveis de Baçorá»

Confrarias proliferam, na sociedade atomizada e insegura do Califado.

Generalizam-se e o seu poder aumenta exponencialmente.

Associações de muitos tipos – regionais, locais, cívicas, policiais, militares.

Outras, económicas [a ideia da guilda comercial].

Associações de juventude, com graus e ritos.

Adopção de crenças e práticas populares, olhadas com desconfiança pela ortodoxia.

Vínculo estreito de lealdade para com camaradas, devoção aos chefes.

Sistema de iniciação e graus hierárquicos, com símbolos e cerimoniais elaborados.

Ismaelitas cooptam esta forma de organização para tentar a tomada de poder.

«*As primeiras confrarias dos pobres e destituídos de poder eram dispersas e insignificantes e raramente obtiveram a menção literária que seria a única condição para serem do conhecimento do historiador. Mais tarde, na sociedade atomizada e insegura do Califado, os homens procuraram conforto e segurança em novas e mais fortes formas de associação; estas tornaram-se mais numerosas e mais amplas, e albergaram os estratos mais baixos e médios da população e, inclusive, os mais elevados - até que, por fim, o próprio califa al-Nasir, ao aderir cerimonialmente a uma delas, as tentou incorporar no aparelho de governo... Estas associações eram de muitos tipos. Algumas eram primordialmente regionais, baseadas em cidades ou bairros, com funções cívicas, de polícia ou até militares. Algumas - numa sociedade em que os mesteres coincidiam muitas vezes com grupos locais, étnicos ou religiosos - podem ter adquirido também um papel económico. Com frequência, aparecem como associações de juventude ou de homens jovens, com graus e ritos para marcar a chegada à adolescência ou à idade adulta. Na sua maioria, eram irmandades religiosas, de seguidores de homens santos e dos cultos por ele criados. As características comuns eram a adopção de crenças e práticas pertencentes à religião popular e olhadas com desconfiança pela ortodoxia; um vínculo estreito de lealdade para com os camaradas e devoção aos chefes; um sistema de iniciação e de graus hierárquicos, apoiado por*

símbolos e cerimoniais elaborados. Embora vagamente dissidentes, estes grupos eram, na sua maioria, inactivos em termos políticos. Os Ismaelitas, com as suas tácticas militantes e objectivos revolucionários, conseguiram utilizar esta forma de organização para uma tentativa sustentada de derrubar e substituir a ordem existente.

Bernard Lewis – Ismaelismo coopta variadas motivações e sistemas de crenças.

lsmaelismo bebeu de muitas fontes e satisfez muitas necessidades.

Para alguns, meio de atacar sunitas, para restaurar velha ordem, ou criar uma nova.

Para outros, a única forma de realizar os desígnios de Deus na Terra.

Para vários governantes, mecanismo divisivo para assegurar independência local.

Para outros governantes, uma estrada para o Império do mundo.

Para outros, fonte de significado e iluminação, evangelho de libertação e destruição.

«*Não existe qualquer explicação única e simples que consiga clarificar o fenómeno complexo do Ismaelismo, na sociedade complexa do Islão medieval. A religião ismaelita evoluiu durante um longo período de tempo e numa área ampla, e teve significados diferentes em tempos e lugares diferentes; os Estados ismaelitas eram principados territoriais, com as suas diferenças e conflitos internos próprios; a ordem social e económica do Império Islâmico, tal como a de outras sociedades medievais, era um padrão intricado e em mutação de diferentes elites, domínios e classes, de grupos sociais, étnicos e religiosos - e nem a religião nem a sociedade em que apareceu foram exploradas adequadamente até agora. Tal como outros grandes credos e movimentos históricos, o lsmaelismo bebeu de muitas fontes e satisfez muitas necessidades. Para alguns, era um meio de atacar uma dominação odiada, quer para restaurar uma velha ordem, quer para criar uma nova, para outros, a única forma de realizar os desígnios de Deus na Terra. Para diferentes governantes, era um mecanismo para assegurar e manter a independência local perante a interferência estrangeira, ou uma estrada para o Império do mundo; uma paixão e uma realizaçño, que trazia dignidade e significados a vidas insipidas e amargas, ou um evangelho de libertação e destruição; um regresso a verdades ancestrais e uma promessa de iluminação futura*»

Bernard Lewis – Imams cooptam desordem, organizam-na em força terrorista.

Movimento encarado como ameaça profunda à ordem política, social e religiosa.

Sucessão de movimentos messiânicos, explosões ocasionais de violência revolucionária.

Imams cooptam desejos vagos, crenças desordenadas, fúria nihilista.

Formam ideologia e organização coesa, disciplinada e violenta.

«*No que se refere ao lugar dos Assassinos na história do Islão, podem ser afirmadas quatro coisas, com uma certeza razoável. A primeira é que o seu movimento, independentemente de qual tenha sido a sua força motriz, era olhado como uma profunda ameaça à ordem política, social e religiosa existente; a segunda é que não são um fenómeno isolado, mas um de uma longa série de movimentos messiânicos, simultaneamente populares e obscuros, induzidos por angústias muito enraizadas, e que, esporadicamente, explodem em surtos de violência revolucionária; a terceira é que IIassan-i Sabbah e os seus seguidores foram bem sucedidos na reformulação e reencaminhamento dos desejos vagos, das crenças desordenadas e da fúria sem objectivos dos descontentes, de modo a formarem uma ideologia e uma organização que, em coesão, disciplina e violência intencional, não têm paralelo em tempos anteriores ou posteriores*»

Bernard Lewis – Nova Pregação, sincretismo caldaico.

Ismaelismo cria Nova Pregação sincrética para os seus millieus de recrutamento.

Perde o apelo intelectual sedutor que tinha na forma fatímida.

Adopta magia, superstição, emocionalidade, redencionismo e milenarismo.

Messianismo revolucionário (distinto em várias revoltas – dervixes e persas).

Mistérios esotéricos, sistemas de iniciação, salvação pelo Imam.

Promessa de libertação das ciladas do mundo e do jugo da lei.

Reintroduz assassínio ritual, cultos extáticos, cultos antigos da morte.

Nova Pregação remonta ao pré-Islão – tradição de cultos populares e emotivos.

«*Ao mesmo tempo, abandonaram gradualmente as subtilezas filosóficas das suas primeiras doutrinas, e adoptaram formas de religião que se encontravam mais próximas das crenças correntes entre as irmandades... Alguns dos textos religiosos da Nova Pregação, em contraste com o intelectualismo urbano sofisticado da teologia fatímida, apresentam muitas das características mágicas associadas à religião camponesa... a Nova Pregação nunca apresentou o apelo sedutor que tentara poetas, filósofos e teólogos em tempos mais recuados. Entre os séculos IX e XI, o Ismaelismo, nas suas diversas formas, fora uma força intelectual importante no Islão, um sério contendor para os espíritos e também para os corações dos crentes, e obtivera até a simpatia de um intelecto de tão alta craveira como o filósofo e cientista Avicena (980-1037). Nos séculos XII e XIII, isto já não é nitidamente ventade. Após Nasir-i Khusraw, que morreu pouco depois de 1087, não existe qualquer figura intelectual importante na teologia ismaelita e até mesmo os seus seguidores se encontravam limitados aos*

camponeses e montanheses de zonas isoladas. Sob Hassan-i Sabbah e os seus sucessores, os Ismaelitas levantam problemas políticos, militares e sociais terríveis ao islão sunita, mas já não constituem um desafio intelectual. Cada vez mais, a sua religião adquire as características mágicas e emocionais, as esperanças redencionistas e milenaristas que estão ligadas aos cultos dos indigentes, dos desprovidos de privilégios e dos instáveis. A teologia ismaclita deixara de ser, e não mais voltou a ser, uma alternativa séria à nova ortodoxia que estava a dominar a vida intelectual das cidades muçulmanas - embora os conceitos e atitudes espirituais ismaelitas continuassem, de uma forma camuflada e indirecta, a influenciar o misticismo e a poesia persas e turcos, e possam reconhecer-se elementos ismaelitas em erupções de messianismo revolucionário tão posteriores como a revolta dos dervixes, na Turquia do século XV, ou o levantamento de Babi, na Pérsia do século XIX... Como guardiões de mistérios esotéricos para o iniciado, fornecedores de salvação através de conhecimento do Imã, portadores de uma promessa de cumprimento messiânico, de libertação das ciladas do mundo e do jugo da lei, os Ismaelitas inserem-se numa longa tradição que remonta aos primórdios do Islão e muito antes, e se prolonga até aos nossos dias - uma tradição de cultos populares e emotivos em profundo contraste com a religião erudita e legal da ordem estabelecida... O sacrifício humano e o assassínio ritual não têm qualquer lugar na lei, tradição ou prática islâmicas. No entanto, são ambos antigos e estão profundamente enraizados nas sociedades humanas e podem reaparecer em locais inesperados. Tal como os cultos de danças esquecidos da antiguidade, desafiando a adoração austera do Islão, reaparecem no ritual estático dos dervixes dançarinos, também os cultos antigos da morte encontram novas expressões em termos islâmicos»

Bernard Lewis – "A iluminação que cega" – Degradação, horror e descrença.

Ismaelitas funcionam como sociedade secreta de lojas.

Juramentos, segredos, iniciações, hierarquia graduada de postos e conhecimento.

Apologistas – Grupo como guardião de mistérios sagrados.

O crente evolui com preparação, instrução, iniciações progressivas.

Islamistas – Nihilistas e charlatães, transviando crentes com degradação progressiva.

No último dos graus, todo o horror da sua descrença era inteiramente revelado.

«*Em termos formais, os Ismaelitas eram uma sociedade secreta, com um sistema de juramentos e iniciações e uma hierarquia graduada de postos e conhecimento. Os segredos eram bem guardados e as informações sobre eles são fragmentárias e confusas. Os polemistas ortodoxos apresentam os Ismaelitas como um bando de niilistas enganadores que transviavam os seus crentes através de estágios sucessivos de degradação, no último dos quais revelavam todo o horror da sua descrença. Os*

escritores ismaelitas vêem a seita como os guardiões de mistérios sagrados, a que o crente apenas podia chegar após um longo percurso de preparação e instrução, marcado por iniciações progressivas»

O culto neo-caldaico ismaelita – "a iluminação que cega".

Projecto – derrubar a velha ordem, estabelecer o Milénio do imam oculto. O projecto ismaelita, derrubar a velha ordem e estabelecer um novo milénio, em nome do imã oculto.

Família de Mohammed é divinamente escolhida e infalível. Os grupos Shia vêm a família de Mohammed (Ahl al-Bayt) como sendo divinamente escolhida, infalível (ismah) e guiada por Allah para liderar a comunidade islâmica (Ummah). Este sistema de crenças distingue os Shia dos Sunitas, que são bastante mais seculares e pluralistas na sua abordagem ao Islão.

O Imam escondido, Imam Mahdi, e a Hujja. Hassan-i Sabbah foi o impulsionador da da'wa jadida, a "nova pregação", após um cisma com os ismaelitas do Cairo. Impulsionou também o mito do Imã escondido, que voltará no fim do mundo. Após o desaparecimento do Imã, ele, Hassan-i Sabbah, era a Hujja, a prova, a fonte de conhecimento do imã oculto do seu tempo, a ligação viva entre as linhagens dos imãs manifestos do passado e do futuro, e o chefe da da'wa.

Veneração cega do Imam e dos seus da'is. Desde a origem da seita que encontramos a característica recorrente do culto a homens santos (i.e., charlatães) – imãs e da'is – que se acreditava possuírem poderes milagrosos. Em 1825, temos um viajante inglês, J.B. Fraser, que se depara com grupos de Ismaelitas pérsicos, e faz notar que «*ainda hoje, o xeque ou chefe da seita é venerado quase cegamente por aqueles que ainda existem, embora o seu zelo tenha perdido o carácter profundo e terrível que teve outrora*».

O Imam é a porta para Deus [Jesus invertido], e o da'i a porta para essa porta. «*The Da'i was not a missionary in the typical sense, and he was responsible for both the conversion of his student as well as the mental and spiritual well being. The Da'i was a guide and light to the Imām. The teacher-student relationship of the Da'i and his student was much like the one that would develop in Sufism. The student desired God, and the Da'i could bring him to God by making him recognize the stature and light of the Imām descended from the Imāms, who in turn descended from God. The Da'i was the path, and the Face of God, which was a Qur'anic term the Ismā'īlī took to represent the Imām, was the destination. In Nizari Ismailism, the Imām is seen believed to be the "Face of God." For this sect, the Imām is truth and reality itself, and hence he is their path of salvation to God. Just as the Imām is seen by Ismailis as the Face of God, during the period between the Imāmates of Muhammad ibn Ismail and al-Madhi Billah, the relationship between the teacher and the student became a sacred one, and the Dai became a position much beyond a normal missionary. The Dai passed on the sacred*

and hidden knowledge of the Imām to the student, who could then use that information to ascend to higher levels. First the student loved the Dai, and from the Dai he learned to love the Imām, who was but a manifestation of God. In Nizari Ismailism, the head Dai is called the Pir»

Doutrina – uma sopa caldaica. As doutrinas são uma mistura de messianismo maometano com misticismo e iluminacionismo gnóstico, neo-platonismo, heresias judaico-cristãs, heresias iranianas-caldaicas. Acreditam na reencarnação, na deificação de imãs, e em libertinismo, com o abandono dionisíaco de todas as leis e restrições. Mistura gnóstica típica de motivos hebraicos com misticismo cósmico hindu e retórica neo-platónica. Difundiram os vários cultos dos jinn, demónios astrológicos e tudo o resto que as superstições caldaicas tinham para oferecer.

Procura pela Verdade, até ao momento de iluminação que cega [“não existe verdade”]. Um tema comum, a procura pela Verdade, inicialmente vã, mas depois culminando num momento de iluminação que cega. Esse momento é, claro, o momento de iluminação dialéctica, onde “deus” é um todo aceitante, e está presente em tudo e, logo, não existe verdade definida nem standards definidos. Logo, entra o mais crasso nihilismo, que é combinado com a aparência de santidade, o teatro do “anjo de luz”.

Ciclos cósmicos, com períodos de ocultação e períodos de ressurreição. Os ismaelitas tinham – têm – uma doutrina de circularidade cósmica alternante, onde períodos de ocultação alternam com períodos de manifestação. Estes correspondem aos períodos de lei exterior e verdade interior. «*O período de cada profeta das formas exteriores da lei sagrada é chamado o período de ocultação e o período de cada Qa’im que possui as verdades secretas das leis dos profetas, é chamado quiyama (Ressurreição)*», manuscrito ismaelita do século 13.

Evolução e circularidade cósmica – o significado especial do número 7. «*Ismā’īlīs believe numbers have religious meanings. The number seven plays a general role in the theology of the Ismā'īliyya, including mystical speculations that there are seven heavens, seven continents, seven orifices in the skull, seven days in a week, and so forth… Sevener Ismā’īlī doctrine holds that divine revelation had been given in six periods (daur) entrusted to six prophets, who they also call Natiq (Speaker), who were commissioned to preach a religion of law to their respective communities. Whereas the Natiq was concerned with the rites and outward shape of religion, the inner meaning is entrusted to a Wasi (Representative). The Wasi would know the secret meaning of all rites and rules and would reveal them to a small circles of initiates… The Natiq and the Wasi are in turn succeeded by a line of seven Imāms, who guard what they received. The seventh and last Imām in any period becomes the Natiq of the next period. The last Imām of the sixth period, however, would not bring about a new religion of law but rather supersede all previous religions, abrogate the law and introduce din Adama al-awwal ("the original religion of Adam") practised by Adam and the Angels in paradise before the fall, which would be without ritual or law but consist merely in all creatures praising the creator and recognizing his unity. This final stage was called Qiyamah*»

“Ressurreição” significa o mais crasso libertinismo. Um relato sobre uma das fases de “ressurreição”, na Síria, século 12: «*No ano 572 [1176-77] o povo de Jabal al-Summaq entregou-se à iniquidade e ao deboche, e chamaram-se a si próprios “os Puros”. Homens e mulheres misturavam-se em sessões de bebida, nenhum homem se abstinha da sua irmã ou filha, as mulheres usavam roupas de homem e um deles declarou que Sinan [o líder ismaelita na Síria]era o seu deus*», Kamal al-Din.

Batin – significados esotéricos, por oposição ao zahir (sharia exotérica). O Ismaelismo é um sistema esotérico, focado nos significados profundos (batin) da religião islâmica, focado no caminho místico e na natureza de Allah, com o “Imam do Tempo” representando a manifestação da verdade e da realidade. Este significado interior, que está reservado a uns poucos especiais, alinhados com o Islão ou com o próprio Imam, é chamado de batin. O culto do 12º Imam, por sua vez, é mais literalístico (zahir) e focado no significado exterior aparente, exotérico, da lei divina (sharia) e nos feitos e ditos (sunnah) de Mohammed, e nos Doze Imams, que eram guias e uma luz no caminho para Deus.

Lei abrogada para o fiel, mas serve de castigo para os profanos. A verdadeira obrigação religiosa é o conhecimento – gnose – do verdadeiro Imã. O significado literal da lei é abrogado para o fiel, mas serve de castigo para os profanos.

Exemplo regional – Drusos [reincarnação, nirvana, profetas cósmicos]. «*Belief in reincarnation exists in the Druze branch of Ismailism. The Druze believe that members of their community can only be reincarnated within the community. It is also known that Druze believe in five cosmic principles, represented by the five-colored Druze star: intelligence/reason (green), soul (red), word (yellow), precedent (blue), and immanence (white). These virtues take the shape of five different spirits which, until recently, have been continuously reincarnated on Earth as prophets and philosophers including Adam, the ancient Greek mathematician and astronomer Pythagoras, the ancient Pharaoh of Egypt Akhenaten, and many others. The Druze believe that, in every time period, these five principles were personified in five different people who came down together to Earth to teach humans the true path to God and nirvana, but that with them came five other individuals who would lead people away from the right path into "darkness"*»

Organização e terminologia ismaelita.

Tariqah – as diversas vias do Ismaelismo. O Ismaelismo tem diversas vias (tariqah), mas o maior e mais popular é o Nizari.

Da’wa – a organização da seita. O termo mais comummente utilizado para a organização da seita era da'wa (em persa, da'vat), que significa missão e pregação.

Da’wa jadida, a “Nova Pregação”. Sabbah foi o impulsionador da da’wa jadida, a “nova pregação”, após um cisma com os ismaelitas do Cairo.

Imam, Shaykh, Pir, Khan [Aga Khan] – Hajja de Ali e Noor de Allah. Acima dos da'is, encontra-se o hujja (em persa, hujjat), ou Prova, o decano dos da'i. Tal como outras seitas e ordens islâmicas, os Ismaelitas referem-se muitas vezes aos seus chefes como Anciãos – em árabe, Shaykh ou, em persa, Pir. Os seguidores da seita na Índia, por seu lado, não são liderados por um sheik, mas sim por um khan – Aga Khan. O Imã é inspirado divinamente e é infalível – o microcosmo, a personificação da alma metafísica do universo. Como tal, surge como a fonte exclusiva e absoluta de verdade, conhecimento e autoridade. É também considerado infalível e imune do pecado. É o portador da Luz de Allah, a Noor de Allah.

Ta'lim – o conhecimento autorizado, por direito exclusivo do Imam. O crente não tem escolha certa, mas tem de seguir o ta'lim, o ensinamento autorizado. A fonte última de orientação é o imã; a fonte imediata é o seu representante autorizado. Os homens não podem escolher o seu próprio imã (como era o hábito Sunita) nem raciocinar para a determinação da verdade em questões de teologia e direito. Deus nomeava o imã, e o imã eram o repositório da verdade. Só o imã podia validar tanto a revelação como o raciocínio. Só o imã dos ismaelitas, pela natureza do seu cargo e dos seus ensinamentos, podia efectivamente fazer isto, e portanto só ele era o verdadeiro imã.

Da'is – missionários, gurus. Os seus agentes são os da'is, ou missionários - literalmente, os que convocam, que constituem algo semelhante a um sacerdócio ordenado. Em relatos ismaelitas posteriores, são divididos, de diversas formas, em graus superiores e inferiores de pregadores, professores e licenciados.

Mustajibs – O grau mais baixo dos iniciados. Abaixo dos da'is, estavam os mustajibs, literalmente, aqueles que respondem, o grau mais baixo dos iniciados.

Feda'i – Fiel, combatente, fanático. Mais tarde, fedayeen.

Jazira – Jurisdição de um da'i. A palavra jazira, ilha, é usada para designar a jurisdição territorial ou étnica a que preside um da'i.

Rafiq – Camarada, um membro da seita. Um termo comummente usado para membros da seita é rafiq – camarada.

Aluh Amut [Alamut], "o ninho da águia". "A lição da águia" ou, "o ninho da águia", na Pérsia.

Historial da seita ismaelita.

Segundo maior ramo Shia após o Culto dos Doze. O Ismaelismo chegou a ser o maior ramo do Shia, com um climax de poder político durante o Império Fatímida, dos séculos 10 a 12.

Iraque, Arábia, Norte de África, Egipto. A seita xiita ismaelita começa no Iraque; o califado fatimida tem os seus maiores êxitos na Arábia, no Norte de África e no Egipto.

Pérsia, Síria, Líbano. O Ismaelismo reformado de Hassan-i Sabbah, é lançado na Pérsia e por persas. Depois, obtém um grande número de seguidores nas montanhas da Síria árabe e do Líbano, e infiltra-se inclusive nas tribos turcomanas que haviam migrado para o Médio Oriente, vindas da Ásia Central. No início da entrada ismaelita na Síria, temos que o chefe dos "Hashishiyya" era um al-Hakim al-Munajjim, conhecido como "o médico-astrólogo". O bom doutor e o seu bando vieram da Pérsia e fixaram-se em Alepo, de onde começaram a prospecção para novas bases em montanhas sírias.

A aparente dissipação dos ismaelitas após o século XIV – Aga Khan. No século XIV, temos uma cisão entre os ismaelitas da Pérsia e os da Síria. Os grupos seguem pretendentes diferentes e deixam de manter contacto entre si. No século XVI, após a conquista da Síria pelos Otomanos, os primeiros censos de terras e população elaborados para os otomanos registam a existência de qila' al-da'wa (castelos da missão), um grupo de aldeias a oeste de Hama, incluíndo centros tão antigos como Qadmus e Kahf, habitados por seguidores de uma seita especial. Distinguem-se apenas pelo facto de pagarem um imposto especial. Depois, só voltam a aparecer na história já no século XIX, quando surgem relatos frequentes de conflitos com os seus governantes, com os seus vizinhos, e entre si. A partir de meados do século, instalam-se como população rural pacífica (ahah), com centro em Salamiyya, um novo assentamento no deserto. Actualmente (80s), o seu número ronda os 50.000, tendo alguns deles, mas não todos, aceite o Aga Khan como seu imã.

Iemen, Índia. O Ismaelismo espalha-se do Iemen para a Índia – ainda hoje existe em qualquer um destes sítios.

Nos últimos séculos, dissemina-se para o mundo inteiro. Em séculos recentes, encontramos o Ismaelismo disseminado por Índia, Paquistão (e Ásia Central em geral), Síria, Arábia Saudita, Yemen, Jordânia, África Oriental, Líbano e África do Sul. Em anos recentes migra muito significativamente para Europa, América do Norte, Austrália, NZ e Trinidad e Tobago.

Tácticas de guerra ismaelitas.

Propaganda, lisonjas, infiltração, tomada de poder interna. Estratégia a três fases: penetração, entrincheiramento, ataque.

Tácticas de atraso e gradualismo. Quando não podiam vencer pelas armas, procuravam vencer pela língua, retórica. Usavam tácticas de atraso e gradualismo.

Guerra, violência, assassinatos, reinos de terror. Era muito comum conquistarem cidades e territórios e instalarem campanhas de terror.

Fedayeen, hashishin, fundados por Hassan-i Sabbah – missões suicidas. Hassan i-Sabbah é o fundador dos fida'is (fedayeen), os hashishin, um "corpo de elite" ao serviço do imã. Ao abaterem adversários do príncipe em missões suicidas, davam provas da sua

fé e lealdade, e obtinham a felicidade imediata e eterna. Os próprios ismaelitas usavam o termo fida'i (devoto).

Sistema secretista, com ritos, hierarquias, iniciações, confidencialidade. Formalmente, os ismaelitas eram uma sociedade secreta, com o seu próprio sistema de juramentos e iniciações e uma hierarquia guardada de postos e conhecimento. Demarcam-se pelos seus serviços religiosos estritamente privados [private worship services], fechados ao público, em jamatkhanas (locais de adoração ismaelitas). Uma das práticas que dura até hoje é o farman, uma pronunciamento confidencial, destinado apenas a ismaelitas nizari. No entanto, tinham vastos sistemas de espionagem, oficial e civil, e respeito nulo pela privacidade do ser humano médio – a usual hipocrisia dialéctica.

Grupo de rústicos, sempre encontrado em sítios remotos e de difícil acesso. Ao longo da história, este grupo é sempre encontrado em sítios remotos e isolados, de difícil acesso em todos os sentidos, e os membros são rústicos bastante reservados em relação às suas crenças e aos seus escritos.

Exemplos de Hassan-i Sabbah – A conquista de Alamut e outros castelos. Hassan-i Sabbah assume controlo sobre Alamut em 1090, por infiltração e tomada de poder interna – sistema ismaelita. A partir de Alamut, devotou-se a conquistar mais castelos – alguns por propaganda, lisonjas e infiltração, outros por meio de guerra, massacre, violência, derramamento de sangue.

Ismaelitas, odiados por restantes grupos islâmicos.

Em guerra, era costume serem tratados como infiéis da pior espécie. Os ismaelitas eram tão odiados pelos outros grupos islâmicos que, em várias ocasiões, em guerra, era ordenado que não houvesse qualquer forma de contemplação – deveriam ser tratados como os piores do infiéis, negados quaisquer direitos civilizados, sujeitos a morte ou escravatura.

Conhecidos como mulhid, "dissidentes", apóstatas. É relevante que o termo usado para categorizar este grupo fosse mulhid, em plural malahida. Guilherme de Tiro usava variantes disto, muliech e mulihet. A palavra significa literalmente "dissidente", e era aplicada aos grupos apóstatas, mais notavelmente os Ismaelitas e este subgrupo dos Hashishin.

Rebeliões e massacres por populações submetidas eram frequentes. Em várias circunstâncias, eram massacrados em rebeliões das populações locais.

Repulsivos também para Cristãos. Eram conhecidos como sendo repulsivos tanto para Cristãos como para Muçulmanos.

Templários e Hospitalários têm boas relações com Ismaelitas.

Adquirem ascendente sobre castelos Hashasheen, recebem tributo deles.

Estrutura oligárquica das ordens teutónicas competia com métodos ismaelitas. Templários e Hospitalários tiveram bastante sucesso em obter tributos dos ismaelitas em parte por causa da sua organização oligárquica. A questão é a de que, se os ismaelitas assassinassem um califa ou um sultão, toda a estrutura do reino ficava colocada em causa. Porém, com estas ordens, se o grão-mestre fosse assassinado, havia logo outro oligarca ao lado com as mesmas qualificações e capacidades para assumir a posição; ao mesmo tempo, o conhecimento era partilhado a cada nível, entre estes círculos de cavaleiros. Portanto, o único risco para as ordens era o de perder um ou outro efectivo, aqui ou ali; mas, a estrutura em si, era inabalável pelo tipo de tácticas que podiam ser usadas pelos ismaelitas.

Bernard Lewis – Suicídio, terrorismo e chantagem são estranhos ao Islão.

Islão sempre condenou suicídio como pecado capital.

Existe distinção entre martírio real (leva ao paraíso) e suicídio (leva ao Inferno).

Distinção é esbatida por alguns teólogos muçulmanos do século 20.

«*O Islão sempre condenou o suicídio, considera-o um pecado capital. O suicida perde qualquer direito que pudesse ter a entrar no paraíso, por mais forte que fosse, e é condenado ao castigo perpétuo no inferno, onde o seu tormento consistirá na repetição sem fim do acto pelo qual cometeu suicídio. Estabelecia-se uma diferença clara entre atirar-se para uma morte certa às mãos de um inimigo extraordinariamente poderoso e morrer pelas próprias mãos. A primeira, se ocorresse no decurso de uma guerra santa devidamente autorizada, era um passaporte para o céu; a segunda, para a condenação. O esbatimento desta distinção, outrora vital, foi obra de alguns teólogos muçulmanos do século XX que delinearam a nova teoria que os bombistas suicidas põem em prática*»

Islão reconhece direito à revolta contra líderes imorais e apóstatas. A tradição islâmica reconhece o princípio da revolta justificável. Ou seja, concede poderes autocráticos ao soberano, mas declara que o dever de obediência dos súbditos cessa sempre que a ordem é pecaminosa e que não deve haver obediência a nenhuma criatura contra o seu Criador.

Porém, é uma religião pacífica, com regras civilizadas para a guerra.

Terrorismo e chantagem não têm lugar nela.

«O *Islão, tal como o Cristianismo e o Judaísmo, é uma religião ética, e o terrorismo e a chantagem não têm qualquer lugar nas suas crenças ou mandamentos. Apesar de consagrar a guerra santa como um dever religioso, o direito islâmico prescreve normas minuciosas para a condução da guerra, incluindo questões como o início e fim das*

hostilidades, o tratamento dos não-combatentes, e o dever de evitar determinadas armas indiscriminadas»

Bernard Lewis – O carácter do terrorismo ismaelita.

Ataques centrados em regimes, elites e ideias prevalencentes no mundo islâmico. As vítimas dos ismaelitas eram essencialmente muçulmanos e os ataques não se dirigiam contra estrangeiros, mas sim contra as elites dominantes e as ideias prevalecentes no mundo islâmico do seu tempo.

Ordem sunita e grupos xiitas concorrentes – Dinastia Abássida – Saladino. Os ismaelitas odiavam profundamente os outros grupos sunitas e xiitas e as campanhas de terror e assassinatos que organizavam tinham por objectivo destruir as estruturas de poder desses grupos. O alvo essencial, o verdadeiro objecto de ódio ismaelita, era a ordem sunita (o sistema político, militar, burocrático e religioso que remonta aos tempos do Califado) – ou seja, não tanto a ordem xiita, mas a sunita. Um alvo muito recorrente nos primeiros tempos, a dinastia Abássida, os sunitas que comandavam o Califado de Baghdad. Um adversário poderoso dos ismaelitas sírios, na altura das Cruzadas: Saladino, o unificador imperial islâmico. Aliás, os ismaelitas encetaram várias tentativas de assassinato contra Saladino.

Cooptação e utilização de grupos concorrentes era frequente. Podiam cooptar os grupos odiados, por forma a usá-los, mas a ideia era a destruição total e completa destes grupos e de todos os elementos que representavam.

Como acontece com o terrorismo actual – ex. de Sadat [Bernard Lewis]. Bernard Lewis usa este paradigma como exemplo e diz que, se é verdade que alguns grupos terroristas modernos atacam essencialmente Israel e o ocidente, também não é menos verdade que «*outros, provavelmente mais importantes a longo prazo, têm como alvos os regimes – em sua opinião, apóstatas – existentes no mundo islâmico e, como objectivo, a substituição desses regimes por uma nova ordem própria. Estas opiniões emergiram, de uma forma muito clara, nas declarações emitidas pelos assassinos do Presidente egípcio Anwar Sadat. Quando o chefe do grupo proclamou, com orgulho, "Matei o faraó", não estava, claramente, a condenar o faraó por ter feito a paz com Israel, mas sim como protótipo do tirano ímpio*» (12)

Bernard Lewis – Terrorismo – O suposto falhanço ismaelita.

História dos Hashesheen do Irão, Síria e Líbano é instrutiva.

Maior das lições, o seu falhanço final e completo.

Não derrubam ordem existente, nem preservam cidades.

Domínios feudais tornam-se principados diminutos.

Seguidores transformam-se em comunidades pequenas, minoria sectária.

«*A história dos Assassinos medievais, que surgiram no Irão e se espalharam até às montanhas sírias e libanesas, pode ser instrutiva. E, de todas as lições a retirar dos Assassinos, a mais importante talvez seja o seu falhanço final e completo* (14) *...o ponto mais significativo, é o seu insucesso final e completo. Não derrubaram a ordem existente; nem sequer conseguiram conservar em seu poder uma única cidade de qualquer dimensão. Até mesmo os domínios dos seus castelos se tornaram meros principados diminutos, que com o tempo foram esmagados por meio da conquista, e os seus seguidores transformaram-se em comunidades, pequenas e pacíficas, de camponeses e comerciantes - uma minoria sectária entre muitas*»

Bernard Lewis – Terrorismo ismaelita, um modelo para a era pós-moderna.

Corrente de esperança messiânica e violência revolucionária continua a fluir.

Encontra muitos imitadores.

Mudanças do nosso tempo dão novas causas, novos sonhos, novos meios de ataque.

«*No entanto, a corrente profunda de esperança messiânica e violência revolucionária que os impelia continuou a fluir e os seus ideais e métodos encontraram muitos imitadores. As grandes mudanças do nosso tempo vieram proporcionar-lhes novas causas para a raiva, novos sonhos de plenitude e novas ferramentas de ataque*»

ISRAEL – "In ten years there will be no more Israel".

Aviso legal de Kissinger – "In ten years there will be no more Israel". "Aviso legal" (avisar a vítima antes de acontecer) feito por Kissinger, publicado num outlet típico para este tipo de coisas: a coluna social de um tablóide (New York Post). O aviso legal em causa é o final da existência do estado de Israel enquanto tal. A timeline, dez anos ou menos. O processo é o previsível. EUA "democrático" [*i.e. socializado*] abandona Israel ao seu destino num Médio Oriente dominado por caos, guerra civil, sujeito a exercício arbitrário de poder pelos iranianos. [*Nesse Médio Oriente, uma das únicas forças que restará de pé, no médio prazo, será o Irão, ou, no mínimo, uma parte do Irão, que continuará a representar a actual ideologia Ishmaili, i.e., o culto milenarista do 12º Imam. É claro que essa facção representa e comanda o grosso da actividade Fedayeen na região*].

«*Former secretary of state. Current savant of the state of the world. Do not argue with Mr. Kissinger's know-how. He already knows how. Middle East horror. Democratic party dissing Jerusalem. DC's anti-Israel mentality.* ***Obama****, busy raising re-election funds, no time for beleaguered* **Netanyahu**. *The Oval Office attitude versus the Red Line. Iran's oath to destroy our only friend in that part of the world. Reported to me, Henry Kissinger has stated – and I quote the statement word for word: "In 10 years, there will be no more Israel". I repeat: "In 10 years, there will be no more Israel"*»

[Henry Kissinger predicts 'In 10 years, there will be no more Israel' – NYPOST; Israel Hayom - 'Kissinger said Israel won't exist in 10 years']

Observações adicionais sobre a declaração de Kissinger. O aviso de Kissinger é depois negado pelo seu gabinete, o que é previsível. Seja como for, a descrição de processo em si é demasiado específica para uma coluna social, o que torna óbvio que existiu realmente uma conversa de base. A imprensa Israelita toma isto como facto. Isto poderia ser uma jogada AIPAC para capturar a atenção de Obama? Existem formas melhores de o fazer do que a coluna social do NY Post, ainda para mais quando se usa um idoso cleptocrata como Kissinger.

[Combinar com ressurgimento anti-Israelista no seio das Revoluções Árabes].

Kautsky et al / Extremismo islâmico / Double-bind americano / "Indiferença solidária" europeia. Seja como for, tudo isto encaixa na estratégia de atrição para o Médio Oriente. Os estados-nação são extremados, colocados sob guerras civis e partições, islamistas ascendem ao poder. Isto acontece nas duas frentes, Shia e Sunni. É certo que a generalidade do extermínio será interno. Mas é preciso não esquecer a estratégia declarada pelo movimento socialista (Kautsky et al), ainda na década de 1910-20, para a "Palestina Judaica do futuro" – extermínio por insurgência extremista islâmica, após o estabelecimento do estado judaico, o que "livraria o mundo de vez dos Zionistas". Não é difícil conceber o cenário a acontecer. Brigadas jihadis afluem a partir de

vários pontos estratégicos, especialmente Síria e Líbano a norte, Gaza no ocidente. Isto demora bastante tempo, não é algo de imediato. Continuação do colapso económico global fragiliza progressivamente mais Israel que, agora, tem de se haver com brigadas treinadas e hábeis em guerrilha urbana, com equipamento sofisticado (não WMDs, mas algo mais que as pedras palestinianas). A indiferença solidária europeia (na verdade, júbilo sado-masoquístico; o espaço europeu em si estará a ser erodido pelo mesmo género de fenómeno) e a apatia de uma América socializada e na bancarrota fazem o resto. Israel é lentamente mergulhado em terrorismo interno, massacres, dissolução nacional progressiva. As estruturas que tendem a ficar são bastiões fortificados. Provavelmente demora mais que dez anos, mas quem sabe.

ISS (2008).

ISS (2008) – Estado-nação – Fragmentação gradual sob globalização.

Estado-nação fragmenta-se gradualmente sob as pressões da globalização.

Substituído por centros alternativos de poder e autoridade.

Incapacidade de responder a exigências cada vez mais complexas.

Crise económica – peso de crescimento populacional sem emprego.

Privatização de funções – e deslocação geral de locus de autoridade.

Declínio subtil e gradual.

A tendência vai apenas continuar e intensificar-se.

«*…the state on the one side and the globalized market economy on the other… states are being overwhelmed by complexity, fragmentation, and demands that they are simply unable to meet… States are also undergoing a relative decline, challenged in both overt and subtle ways by the emergence of alternative centers of power and authority. Sometimes decline is dramatic and overt, but much of it is subtle and gradual… At the same time power and authority are moving away from states to other actors… "Competing institutions with overlapping jurisdictions" between states and other actors… Even strong and rich states choose to privatize certain functions or coopt nongovernmental organizations… the sharing of governance… the empowerment of nonstate actors will increase significantly*»

Fronteiras diluem-se e tornam-se irrelevantes.

"The lines that demarcate nation-states are becoming fictional".

«*"More fluid territorial boundaries (both within and across states)"… Transnational networks and forces of disorder are seriously redrawing the maps of the world—and the lines that demarcate nation-states are becoming increasingly notional, if not wholly fictional*» – Phil Williams (June 2008). "From the New Middle Ages to a New Dark Age: The Decline of the State and U.S. Strategy". Strategic Studies Institute.

ISS (2008) – Estado-nação – Colapso e transnacionalização.

Estados-nação começam a colapsar.

"Some strong legitimate states will continue to exist".

"The number of collapsed states is likely to increase".

"…private armies and mini-states might fill the vacuum".

«*Although some strong legitimate states will continue to exist, the number of what might be termed qualified, restricted, notional, or hollow and collapsed states is likely to increase… As states go further into decline, some will inevitably collapse… private armies and mini-states might fill the vacuum left behind by a retreating state…*»

Crime transnacional preenche vácuos estatais.

"***Many weaker states will be neutralized, penetrated, or in some cases even captured"***.

Organizado em cartéis internacionais.

[Para quem é que estes cartéis trabalham? Quem os criou, e quem gere os seus vastos fundos de capitais? Quem é que criou o circuito do Triângulo Dourado? Quem é que montou, e lucra com, o circuito Afeganistão-Marselha, para tráfico de heroína? Quem é que manda na cidade de Bogotá, Colômbia?].

"Transnational organized crime, terrorism… Dark networks... organized crime, drug trafficking, prostitution".

"Groups which act as surrogates for the state… social and economic patrons".

«*…many of these weaker states will be neutralized, penetrated, or in some cases even captured by organized crime, terrorists, militias, warlords, and other violent nonstate actors*»

«*…transnational organized crime, terrorism… the rise of empowered nonstate actors in the form of "dark networks"… the growth of organized crime and drug trafficking… the expansion of prostitution… many transnational criminal organizations have recognized the benefits of cooperation with their counterparts elsewhere… Russian criminals and Colombian drug trafficking organizations, Italian mafias, and Albanian clans, and even Japanese and Chinese criminals have worked together when it has been mutually advantageous… many criminal networks operate in a transnational manner, engaging in jurisdictional arbitrage to both maximize profits… and minimize risk…*»

«*"The spread of… 'no go areas' where the rule of law no longer extends"… ungoverned spaces or lawless areas… many of them are not so much ungoverned as alternatively governed by groups which act as surrogates for the state. The "dons" in the slums of… Jamaica, for example, are not merely the heads of drug trafficking organizations; they are also the social and economic patrons of marginalized people who have little or no assistance from the state…*» – Phil Williams (June 2008). "From the New Middle Ages to a New Dark Age: The Decline of the State and U.S. Strategy". Strategic Studies Institute.

ISS (2008) – Europa – Choques étnicos.

Caos espalha-se para Europa.

Choques entre imigrantes não-assimilados e um nacionalismo ressurgente.

«*One of the corollaries of this is the spread of disorder… to the countries of the developed world. This is particularly likely in Western Europe where the clashes of religions and civilization will be fuelled by a continuation of demographic trends and the failure of policies designed to integrate immigrant communities… the backlash against this is almost certain to fuel indigenous nationalism*» – Phil Williams (June 2008). "From the New Middle Ages to a New Dark Age: The Decline of the State and U.S. Strategy". Strategic Studies Institute.

ISS (2008) – Neomedievalismo – Nova Idade Média, Idade das Trevas.

A entrada numa nova Idade Média, e talvez na nova Idade das Trevas.

«*…the New Middle Ages, new medievalism, or neo-medievalism… It does not require much imagination to see disorder spread, intensify, or tip into chaos. The danger is that the New Middle Ages, rather than being a stopping point, will be simply an interim stage on the road to a New Dark Age*» – Phil Williams (June 2008). "From the New Middle Ages to a New Dark Age: The Decline of the State and U.S. Strategy". Strategic Studies Institute.

ISS (2008) – "Novo ambiente de segurança" – Do global para o local.

Grandes questões de segurança mudam, para o século 21.

"…have little to do with power politics, conflict between states, grand strategy".

"Instead, they revolve around governance, public safety, urbanization, etc".

«*Security and stability in the 21st century have little to do with traditional power politics, military conflict between states, and issues of grand strategy. Instead, they revolve around governance, public safety, inequality, urbanization, violent nonstate actors, and the disruptive consequences of globalization*» – Phil Williams (June 2008). "From the New Middle Ages to a New Dark Age: The Decline of the State and U.S. Strategy". Strategic Studies Institute.

ISS (2008) – Pólis – A cidade-estado, violenta, pobre e totalitária.

A ascensão neo-medieval das cidades.

São a cidade-estado – Organização sócio-económicas e políticas – A Comuna.

Como na Idade Média, pólos de comércio, actividade social, doenças.

Sítios como São Paulo, no Brasil, ou Sadr City, no Iraque, são modelos para o futuro.

Pólos de crise económica, desemprego, destituição, motins, homicídios, raptos, prostituição infantil.

«*The Rise of Cities and the Emergence of Alternatively Governed Spaces… One area in which the New Middle Ages resembles the Middle Ages of the past is in the importance of cities. In the medieval world, towns and cities, although much smaller than those of today, became centers of social activity and hubs of commerce as well as incubators of disease… cities will increasingly become an alternative focus to the state as an organizing device for economic, political, and social activities*»

«*São Paulo… Sadr City*» são os modelos para o futuro. «*…economic crises, high levels of unemployment… The result is that mega-cities and even many smaller cities are being transformed into disorderly spaces where aspirations are rarely fulfilled… a life of… urban destitution… Disorder in cities… riots… contract killings… kidnappings… child prostitution…*» – Phil Williams (June 2008). "From the New Middle Ages to a New Dark Age: The Decline of the State and U.S. Strategy". Strategic Studies Institute.

UN-Habitat 2006/07 – Cidade-habitat – "Slums", o habitat emergente.

UN-Habitat – A ascensão dos bairros de barracas.

Isto é o "habitat emergente do século 21".

De acordo com o UN-Habitat, 1 em cada 6 pessoas vivem em "slums".

Em 2030, espera-se que sejam 2 biliões de pessoas.

«*…emerging human settlements of the 21st century… urbanization has become virtually synonymous with slum growth, especially in sub-Saharan Africa, Western Asia, and Southern Asia*» – UN Habitat Report on the State of the World's Cities, 2006/7

ISS (2008) – Pólis – "Slums".

Uma boa parte da vida urbana é, e será, em "slums".

Pobreza, concentração excessiva de população, doença, crime, violência.

As condições não vão melhorar.

«*Slums… The problems in these spaces include widespread poverty, overcrowding, disease, environmental degradation, and pervasive crime and violence… conditions are unlikely to improve in the near future as slums continue to expand*» – Phil Williams (June 2008). “From the New Middle Ages to a New Dark Age: The Decline of the State and U.S. Strategy”. Strategic Studies Institute.

ISS (2008) – Pólis – Incubadores pandémicos.

Urbanização, subdesenvolvimento, maus serviços de saúde.

Populações urbanas com imunidade comprometida.

«*Another danger… a pandemic… Urbanization, underdevelopment, the gap between health care services and needs… urban populations whose immunity is compromised… could all contribute to virulent outbreaks of emerging or reemerging diseases*» – Phil Williams (June 2008). “From the New Middle Ages to a New Dark Age: The Decline of the State and U.S. Strategy”. Strategic Studies Institute.

ISS (2008) – Neomedievalismo – O 3º mundo mostra o futuro.

Estes países vivem no século 14.

Estados falhados, com condições de caos, saque e violência.

Guerra civil, peste, ignorância – “a durable disorder, managed and contained”.

Desigualdade e marginalização – sobre larga maioria da população.

“Ethnic cleansing and large-scale atrocities… genocide”.

Guerras religiosas – uma marca de medievalismo.

«*Conditions of chaos, looting, and violence… within the south… these countries “coexist with the 20th century, but their reality is the 14th century: civil war, plague, ignorance”… these elements constitute a long-term “durable disorder” in which the system as a whole stumbles along with problems managed and contained rather than solved… “Inequality and marginalization of various groups”… In many African and Latin American countries, marginalized individuals and groups make up the large majority of the population… “Multiple or fragmented loyalties and identities”… issues of identity, ethnicity, and loyalty have come back to the forefront… ethnic cleansing and large-scale atrocities… genocide… Religious wars were an important feature of the Middle Ages and have resurfaced today*» – Phil Williams (June 2008). “From the New Middle Ages to a New Dark Age: The Decline of the State and U.S. Strategy”. Strategic Studies Institute.

ISS (2008) – EUA – Implosão dos EUA, uma coisa boa.

Implosão económica dos EUA – uma coisa boa.

"Possibility of U.S. economic meltdown and global realignment of economic power cannot be excluded".

Isto iria intensificar a transição para a nova Idade Média.

"Yet this might not be all bad".

Um novo medievalismo com todos os horrores descritos, é melhor para o mundo. Para o mundo de quem?

[Isto é um relatório do Instituto de Estudos Estratégicos. Pentágono].

«*In the short and medium terms, the possibility of a U.S. economic meltdown and a global realignment of economic power cannot be excluded. The ripple effects of such an event would greatly intensify the trends and tendencies towards the dissolution of the Westphalian order discussed above. Yet this might not be all bad. In the final analysis, it is important to recognize that state predominance is not immutable. The state does not necessarily represent the optimum set of political arrangements for meeting people's needs or for ensuring peace and stability. More organic, bottom-up forms of governance, for all their shortcomings, might be the best available in a world of increasingly hollow states*» – Phil Williams (June 2008). "From the New Middle Ages to a New Dark Age: The Decline of the State and U.S. Strategy". Strategic Studies Institute.

ISS (2008) – EUA – Militarização, totalitarização, triagem.

POLÍTICA EXTERNA: Intervenções selectivas, triagem.

POLÍTICA INTERNA.

Militarização interna, através de "homeland security".

Mudanças institucionais – totalitarizar governo federal EUA.

"Transagency structures – a radical departure from checks and balances".

«*In effect, U.S. interventions in the future would have to be smarter, not harder… selective intervention, a triage strategy…*»

«*…homeland security…*»

«*...major institutional change… the United States is organized according to domains of activity—military, diplomatic, economic, and so on… effective strategies of intervention and reconstruction require more than the coordination of disparate elements… it requires going beyond interagency collaboration to develop what might be termed transagency organizational structures… It would include military forces, diplomats, reconstruction specialists, and legal experts integrated into one organization… For the United States, which historically has extolled the virtues of fragmented government structures in order to maintain checks and balances, this would be a radical departure…*» – Phil Williams (June 2008). "From the New Middle Ages to a New Dark Age: The Decline of the State and U.S. Strategy". Strategic Studies Institute.

ISS (2008) – Ordem-Desordem, "wicked problems" – Estado-nação é vítima ritual.

Dialéctica constante entre as forças da ordem e forças da desordem.

"Wicked problems... we haven't seen anything yet".

Mais um pouco e falava de mãos esquerdas, mãos direitas, maus olhados.

Mas isto é uma mudança de estações e a vítima sacrificial, o homem de palha a ser queimado, é o estado-nação.

«*The 21st century will see a continuing dialectic between the forces of order and the forces of disorder… the rise of complex or "wicked" problems that resist short-term or readily salable solutions… In terms of wicked problems, the frightening thing is that we have not seen anything yet*» – Phil Williams (June 2008). "From the New Middle Ages to a New Dark Age: The Decline of the State and U.S. Strategy". Strategic Studies Institute.

Jihadis líbios, sírios têm acesso a heat-seeking SAMs

NATO assiste terroristas jihadi na Líbia e na Síria.

NATO assiste tomada de poder jihadi, Al Qaeda, na Líbia. Os “rebeldes” líbios são os jihadis e mujaheedin do eixo terrorista da Cirenaica (Benghazi, Derna, Tobruk), complementados por brigadas jihadi de outros países e consultores militares do Golfo e do espaço NATO. É este elemento jihadi internacional que assume poder sobre a Líbia e hasteia a bandeira da al Qaeda no Tribunal de Benghazi (o “berço da revolução”) durante as celebrações oficiais do golpe. É este elemento que compõe a coluna dorsal do governo transicional rebelde e que, por conseguinte, assume poder sobre o arsenal de estado de Khadafi, incluindo SAMs.

“Por favor terroristas, controlem a proliferação de terrorismo”. É a este elemento que as ONGs e os governos ocidentais pedem, cinicamente, que “controle a proliferação de armas”, incluindo SAMs. “*Por favor terroristas, não usem estas armas em ataques terroristas*”. É a típica abordagem doublebind, dialéctica, da era pós-moderna, onde os terroristas são também as “autoridades” que protegem contra o terrorismo.

Governo jihadi Líbio dissemina violência regional. A Líbia fica envolvida em conflitos tribais e de gangs até aos dias de hoje. Ao mesmo tempo, torna-se uma força terrorista na região, um real “rogue state”, generalizando a política de terror Senussi do eixo Cirenaico. Existe portanto a disseminação de terror pelo norte de África e também para a Síria.

Governo jihadi Líbio envia homens, equipamento, para jihad na Síria. Recorde-se que, durante o início das hostilidades na Síria, Abdelhakim Belhadj, o veterano Al Qaeda, comandante do distrito militar de Tripoli para o TNC, enviou publicamente destacamentos de jihadis líbios para a Turquia, equipados com armamento portável. Esses jihadis e o seu equipamento iriam servir para ajudar a travar a *jihad* contra Assad. Esse intercâmbio recebeu algum destaque na imprensa durante o início do conflito. Não há motivos para não acreditar que não continue até aos dias de hoje.

Jihadis sírios usam SA-7s contra Assad. A jihad contra Assad está a começar a ser travada com heat-seeking SAMs, SA-7s russos, similares aos que são subtraídos dos armazéns de Khadafi. Por enquanto, não é possível saber com toda a certeza que estes SAMs são efectivamente líbios (era preciso analisar os números de série destes armamentos), apesar de isso ser extremamente provável. Quando jihadis capturam SAMs líbios é apenas natural que os vão empregar para travar a jihad onde quer que ela esteja a ser travada. É claro que também é possível que estes SA-7s venham de outras fontes – NATO, GCC.

Quando Jihadis com heat-seeking SAMs atacarem um voo comercial na Europa.

Ataques terroristas a voos comerciais com SAMs sobre Paris, Roma, Bona. O que acontecerá quando jihadis equipados com heat-seeking SAMs, SA-7s ou SA-24s (roubados na Líbia ou provenientes de outras fontes), derrubarem um avião comercial sobre Paris, Berlim, ou Roma? E, o que acontecerá se isso for repetido? Talvez comece por ser feito com um avião de cargas, por cima de uma zona rural ou marítima, não produzindo muitas vítimas. Mas, mais tarde, pode ser feito com um avião de passageiros, por cima de uma zona urbana, vitimando 200/300 pessoas no voo, e outras dezenas em terra, quando a queda do avião destrói um conjunto de ruas e edifícios.

Terrorismo das redes NATO exigirá mais terrorismo de estado. Nessa altura, será necessário implementar a cínica segurança integrada NATO (i.e. repressão ideológica-política) para "evitar os actos terroristas" produzidos pelas suas próprias brigadas terrestres do Médio Oriente.

Jihadis subtraem SAMs líbios, no pós guerra civil (1).

[ABC News] "Heat-seeking SAMs, desaparecem de armazéns militares líbios".

"Podem acabar a ser usados por al Qaeda contra aviões comerciais". «*...large numbers of… surface-to-air missiles… continue to be stolen from unguarded military warehouses… Libya had an estimated 20,000 man-portable surface-to-air missiles before the popular uprising began in February… The missiles, four to six-feet long and Russian-made, can weigh just 55 pounds with launcher. They lock on to the heat generated by the engines of aircraft, can be fired from a vehicle or from a combatant's shoulder, and are accurate and deadly at a range of more than two miles… some of the thousands of heat-seeking missiles could easily end up in the hands of al Qaeda or other terrorists groups, creating a threat to commercial airliners*»

"Casa Branca a trabalhar com **TNC** [i.e. **al Qaeda**] para evitar ameaça terrorista".

Richard Clarke: "É muito provável que al Qaeda consigar usar SAMs fora da Líbia". «*Currently the U.S. State Department has one official on the ground in Libya, as well as five contractors who specialize in "explosive ordinance disposal", all working with the rebel Transitional National Council to find the looted missiles, White House spokesperson Jay Carney told reporters. "We expect to deploy additional personnel to assist the TNC as they expand efforts to secure conventional arms storage sites," Carney said. "We're obviously at a governmental level -- both State Department and at the U.N. and elsewhere -- working with the TNC on this." (…)"I think the probability of al Qaeda being able to smuggle some of the stinger-like missiles out of Libya is probably pretty high," said Richard Clarke, former White House counterterrorism advisor and now a consultant to ABC News*»

Peter Bouckaert (HRW): "I myself could have removed several hundred if I wanted to".

“The first thing we notice going missing at these weapons facilities is the SAMs”.

“Al Qaeda, active in Libya” [sim, é o **TNC**]. «*Peter Bouckaert of Human Rights Watch first warned about the problem after a trip to Libya six months ago. He took pictures of pickup truckloads of the missiles being carted off during another trip just a few weeks ago. "I myself could have removed several hundred if I wanted to, and people can literally drive up with pickup trucks or even 18 wheelers and take away whatever they want," said Bouckaert, HRW's emergencies director. "Every time I arrive at one of these weapons facilities, the first thing we notice going missing is the surface-to-air missiles." The ease with which rebels and other unknown parties have snatched thousands of the missiles has raised alarms that the weapons could end up in the hands of al Qaeda, which is active in Libya. "There certainly are dangerous groups operating in the region, and we're very concerned that some of these weapons could end up in the wrong hands," said Bouckaert*»

“SAMs, uma arma profícua dos mujahideen contra aviões soviéticos, nos 80s”. «*When the Afghan mujahideen were fighting the Soviets more than two decades ago, the CIA supplied the Afghans with 1,000 Stinger surface-to-air missiles, which had a devastating effect on Soviet military aircraft. After the Soviets had retreated, however, the CIA spent millions of dollars trying to buy back the remaining missiles from the Afghan fighters. According to Bouckaert, the CIA spent up to $100,000 a piece to reacquire the Stingers*» [Brian Ross, Matthew Cole, “Nightmare in Libya: Thousands of Surface-to-Air Missiles Unaccounted For”, ABC News, September 27, 2011]

Artigo similar Fox News. 20,000 Heat-Seeking Missiles Reportedly Feared Missing From Libyan Warehouse

Jihadis subtraem SAMs líbios, no pós guerra civil (2).

[New York Times] “Armazéns repletos de armamento, incluíndo SAMs”.

“Governos ocidentais, ONGs pedem ao TNC [al Qaeda] para proteger o armamento”.

“SA-24, na mesma classe dos Stingers – SA-7, classe abaixo [ambos heat-seeking]”.

“Rebeldes líbios vistos com SA-7s”.

«*TRIPOLI, Libya — The sign on the wall reads “Schoolbook Printing and Storage Warehouse,” but the fact that the double gates in the wall have been crudely ripped off suggests that something more interesting might be inside… The buildings are actually disguised warehouses full of munitions — mortar shells, artillery rounds, anti-tank missiles and more — thousands of pieces of military ordnance that are completely unguarded more than two weeks after the fall of the capital… Perhaps most interesting of all is what is no longer there, but until recent days apparently was: shoulder-fired heat-seeking missiles of the type that could be used by terrorists to shoot down civilian*

airliners… These missiles, mostly SA-7b Grails… Western governments and nongovernment organizations have repeatedly asked and prodded the rebel government, the Transitional National Council, to take steps to secure the vast stockpiles of arms that it has inherited, apparently to little avail… On Wednesday, a reporter for The New York Times, as well as a researcher for Human Rights Watch and other reporters who visited the scene, found 10 crates that had held two missiles each lying opened and empty. The crates were clearly labeled as coming from Russia. "Other countries know these weapons are on the loose, and they will be trying to get their hands on them," said a researcher for Human Rights Watch, Peter Bouckaert. He was particularly concerned with one crate, labeled "9M342," the Russian designation for the SA-24 heat-seeking missile. "These were some of the most advanced weaponry the Russians made," Mr. Bouckaert said… The SA-24 can be mounted on vehicle-based launchers or fired from a person's shoulder via a much smaller launcher known as a grip stock. The latter configuration, of the same class of weapon as the American-made Stinger, is considered the gravest potential danger to civilian aircraft because the weapon is readily portable and relatively simple to conceal and use… SA-7… Former Eastern bloc nations call it a Strela, for the Russian word for arrow. Nine of the freshly emptied crates found Wednesday were marked with the Eastern bloc designation for the Strela: 9M32M… Libyan rebels have occasionally been spotted carrying SA-7s…» [Rod Nordland, C.J. Chivers, "Heat-Seeking Missiles Are Missing From Libyan Arms Stockpile", New York Times, September 7, 2011]

Jihadis usam SAMs contra jactos militares na Síria.

"Rebeldes adquirem heat-seeking SAMs, usam-nos contra FA Síria". «*Throughout this year, as fighting intensified in Syria and antigovernment fighters… acquire[d] heat-seeking shoulder-fired missiles and turn them against the Syrian military aircraft*» [C.J. Chivers, "Heat-Seeking Missiles in Syria: The SA-7 in Action with Rebels", New York Times, October 15, 2012]

Jihadis e SAMs líbios – "Ameaça óbvia para jactos comerciais" [ABC News].

"Desde anos 70 que mais de 40 jactos comerciais foram atingidos por SAMs".

"Barbara Boxer: "US passenger jets at risk… give them laser systems".

«*Boxer: U.S. Passenger Jets at Risk… America's passenger jets, like those of most countries, are sitting ducks, despite years of warning about the missile threat. Since the 1970s, according to the U.S. State Department, more than 40 civilian planes around the world have been hit by surface-to-air missiles. "Matching up a terrorist with a shoulder-fired missile, that's our worst nightmare," said Sen. Barbara Boxer, D.-California, a member of the Senate's Commerce, Energy and Transportation Committee. "I think we should ensure that the wide-bodied planes all have this*

protection," said Sen. Boxer, who first spoke to ABC News about the surface-to-air security threat in 2006. "And that's a little more than 500 of these planes." Boxer sent a letter today to Secretary of Defense Leon Panetta and Secretary of Homeland Security Janet Napolitano urging the two to establish a joint program "to protect commercial aircraft from the threat of shoulder-fired missiles." According to Boxer, it would cost about a million dollars a plane for a system that has been installed and successfully tested over the last few years, directing a laser beam into the incoming missile. "For us to sit idly by and not do anything when we could protect 2 billion passengers over the next 20 years [with] a relatively small amount of money [from] the Department of Defense, I think that's malfeasance," said Boxer. "I think that's wrong." And it could be more practical than trying to round up all the missing Libyan missiles» [Brian Ross, Matthew Cole, "Nightmare in Libya: Thousands of Surface-to-Air Missiles Unaccounted For", ABC News, September 27, 2011]

JOE 2008 – “The battle to win the narrative” – Media. O JOE 2008 diz-nos que «*Modern wars are fought in more than simply the physical elements of the battlefield*». Entre os mais importantes, estão os meios de comunicação social, através dos quais decorre «*the battle to win the narrative*».

Vencer esta batalha «*has always been important, but in the pervasive and instantaneous communications environment expected in future decades, it will be absolutely crucial*»

“The Joint Operating Environment 2008”. United States Joint Forces Command.

JOE 2008.

JOE 2008 – Pior crise económica desde Grande Depressão

Pior crise económica desde a Grande Depressão.

"There will be a rather nasty global recession of indeterminate length". «*As the **Joint Operating Environment** goes to print the world is in the midst of the worst economic crisis since the Great Depression. While the final resolution is not yet in sight, the authors are of the opinion that the proactive measures taken by world governments (adding huge amounts of liquidity, recapitalizing the financial system and purchasing bad assets) will ensure that a global economic meltdown will not occur. Yet, it is almost certain that there will be a rather nasty global recession of indeterminate length*» "The Joint Operating Environment 2008". United States Joint Forces Command.

JOE 2008 – Megacidades: sobrepopulação, confusão, pandemias.

Megacidades sobrepopuladas. O Joe 2008 fala-nos de um futuro onde a maior parte da população mundial «*will live in cities*» e «*mega-cities*», com mais de dois biliões de pessoas a habitar «*the great urban slums of the Middle East, Africa, and Asia*».

Lugares complexos e confusos, propensos ao aparecimento de doenças e pandemias. «*The world's cities with their teeming populations and slums will be places of immense confusion and complexity, physically as well as culturally. They also will provide prime locations for diseases and the population density for pandemics to spread*»

"The Joint Operating Environment 2008". United States Joint Forces Command.

JOE 2008 – Megacidades facilitam operações de estabilização.

Operações militares em cidades vão ser frequentes. «*With so much of the world's population crammed into dense urban areas… future… commanders will be unable to evade operations in urban terrain*»

Cidades são mais fáceis de controlar que o campo, durante operações de estabilização. «*…unless contested by an organized enemy, urban areas are always easier to control than the countryside. In part, that is because cities offer a pre–existing administrative infrastructure through which forces can manage secured areas while conducting stability operations in contested locations*»

"The Joint Operating Environment 2008". United States Joint Forces Command.

JOE 2008 – Guerras por água e a disseminação de doenças

Guerras por água – Por escassez, e **por poluição**.

Disseminação de doenças nas megacidades.

«*One should not minimize the prospect of wars over water… Anarchy could prevail, with armed groups controlling or warring over remaining water, while the specter of disease resulting from unsanitary conditions would hover in the background… Beyond the problems of water scarcity, will be those associated with water pollution, whether from uncontrolled industrialization, as in China, or from the human sewage expelled by the mega-cities and slums of the world. The dumping of vast amounts of waste into the world's rivers and oceans threatens the health and welfare of large portions of the human race, to say nothing of the affected ecosystems*» "The Joint Operating Environment 2008". United States Joint Forces Command.

JOE 2008 – Ameaças percebidas (Rússia e terrorismo) levam UE a militarizar-se.

Duas "ameaças percebidas": Rússia [Choques no Bálticos e no Leste] e terrorismo islâmico.

Europa militariza-se e tem resposta global [África e não só].

[Energia criminosa na admissão de futuras provocações militares e terroristas].

«*…many Europeans question the idea that lethal military force has a significant role to play in international affairs. Perhaps this will change with the recognition of a perceived threat. The next 25 years will provide two good candidates…*»

Uma dessas ameaças percebidas é a Rússia, uma vez que «*The Baltic and Eastern European regions will likely remain flashpoints*» para conflito. A outra ameaça percebida é a de terrorismo islâmico:

«*Continued terrorist attacks in Europe might… spark a popular passion for investing in military forces… there might a response that includes addressing this threat on a global scale rather than as an internal security problem*»

"The Joint Operating Environment 2008". United States Joint Forces Command.

KARL ROVE – “We create your reality”.

«*We're an empire now, and when we act, we create our own reality. And while you're studying that reality -- judiciously, as you will -- we'll act again, creating other new realities, which you can study too, and that's how things will sort out. We're history's actors . . . and you, all of you, will be left to just study what we do*.»

Karl Rove, *In* “Scheherazade in the White House”, by Christian Salmon, Le Monde Diplomatique, OU “Faith, Certainty and the Presidency of George W. Bush”, by Ron Suskind, New York Times, October 17, 2004.

KIM PHILBY – A vida modelo de um agente SIS.

A vida-modelo de um agente ao serviço de Sua Majestade.

O pai é St. John Philby, arabista para o SIS. Arab Bureau. Ajuda a montar as redes de Ikhwan de raíz Wahhabi no Golfo, e ensina tudo o que sabe a Kim.

Cambridge Apostle, Cambridge Fabian, Fabian Socialist – SIS. Os Socialistas Fabianos são montados como uma ala de esquerda para o SIS, e seriam uma poderosa força de apoio no UK tanto a Stalin como a Hitler, nos anos 30. O mesmo propósito é servido pelos Apostles, que vêm a tornar-se todos agentes duplos para o KGB.

SIS, estratega de topo para o Médio Oriente. E oficial de ligação entre Londres e os extremistas árabes. Ao mesmo tempo, argumentava ser um "anti-imperialista", suportando causas nacionalistas, especialmente nacionalismo Árabe.

Instrumental para a "reabilitação" pós-Abwehr da Ikhwan.

Do mesmo modo, para a recirculação de ex-SS e outros Nazis.

Pró-nazi, associado de Lord Tavistock. Durante a II Guerra, era abertamente pró-Nazi, e apelou consistentemente aos Britânicos para parar a guerra contra a Alemanha. Juntou-se ao People's Party em Inglaterra, um partido fascista sob Lord Tavistock.

Estabelece laços com URSS durante II Guerra. Foi ainda durante a II Guerra que começou a desenvolver laços com a URSS.

General do KGB durante Guerra Afegã – Não-intervenção. Viria a ser o principal estratega do KGB para a situação Iraniana, definindo a política de não-intervenção.

LAWRENCE OF ARABIA – "The military power of the printing press".

"*The printing press is the greatest weapon in the armory of the modern commander*."

T.E. Lawrence (1920)

Líbia (2011)

Cirenaica – West Point study – Desenvolvimento sob Khadafi.

Cirenaica – Reacção, feudalismo e conflitos tribais.

Harabi e Obeidat. A confederação Harabi é o grupo tribal dominante na Cirenaica, e tem o seu epicentro em Benghazi, desde antes da revolução de 1969 que trouxe Khadaffi ao poder. Os Harabi são praticamente hegemónicos entre as tribos da Cirenaica. Com a rebelião, procuram ganhar dominância sobre as 140 tribos da Líbia. No centro da confederação Harabi está a tribo Obeidat, dividida em 15 sub-tribos.

Em guerra com a confederação tribal de apoio a Khadafi. As bases tribais do regime de Khadaffi têm sido uma aliança das tribos do ocidente, do centro, e dos Fezzan do sul, contra os Harabi e os Obeidat, identificados com a antiga classe dominante monárquica.

Ódio racista contra os Fezzan.

Domínio Senussi. A tradição religiosa aqui é representada pela Ordem Senussi ou Sanussi, uma seita muçulmana anti-ocidental. Na Líbia, os Senussi estão associados de perto com o monarquismo.

Monarquismo – O regime pró-britânico do Rei Idris. Rei Idris I, que era também o líder dos Senussi, é o governante instalado pelos britânicos em 1951, derrubado por Khadaffi em 1969.

Idris e os Senussi mantêm Líbia na miséria. Sob o regime Senussi, a Líbia era um dos países mais pobres no mundo.

Com Khadafi, Líbia sobe ao 53º lugar do HDI, país mais desenvolvido de África. Depois de Khadaffi, a Líbia estava no lugar 53 do UN Human Development Index, como o país mais desenvolvido de África, à frente de Rússia, Brasil, Ucrânia e Venezuela.

Cirenaica Harabi, paraíso terrorista e epicentro da rebelião.

Rebelião – mistura de tribalismo, localismo e islamismo deturpado. A rebelião contra Khadaffi é uma mistura tóxica composta de ódio fanático por Khadaffi, islamismo deturpado, tribalismo e localismo. Uma espécie de guerra tribal-étnica-religiosa.

Eixo Benghazi-Tobruk-Darnah. As cidades cirenaicas, do nordeste líbio.

Harabi, a tribo que mais contribui para o NTC. Os Harabi são a confederação tribal que contribui com mais membros para a maioria do concelho rebelde, incluíndo os dois líderes rebeldes dominantes, Abdul Fatah Younis (entretanto assassinado pelos homens de Belhadj) and Mustafa Abdul Jalil.

Paraíso terrorista – Libyan Islamic Fighting Group. Benghazi esteve sempre no coração da contra-revolução na Líbia, sustentando movimentos islâmicos reaccionários como os Wahhabi e os Salafitas. O bastião essencial do LIFG são as cidades de Benghazi e Darnah. O Libyan Islamic Fighting Group é uma força mujaheedin, formada nos anos 90 por mujahedeen Líbios de regresso a casa, após combaterem os soviéticos no Afeganistão e, desde então, devotados a expulsar Khadaffi do poder. A base étnica do LIFG é encontrada essencialmente na tribo Harabi, anti-Khadaffi.

LIFG é a base institucional para recrutamento de combatentes na Cirenaica. A base institucional específica para o recrutamento de combatentes na Cirenaica é o LIFG.

Em 2007, torna-se uma subsidiária oficial da al-Qaeda – Complexo AQIM. Durante o ano de 2007, o LIFG declarou-se uma subsidiária oficial da al-Qaeda, passando a fazer parte do complexo AQIM ("Al Qaeda in Islamic Maghreb").

LIFG – Amnistia de Khadafi em 2010 liberta centenas de terroristas. Em Setembro de 2010, o filho de Khadaffi, Saif al-Islam conduziu a iniciativa "Reform and repent", pela qual amnistiou centenas de combatentes do Libyan Islamic Fighting Group (LIFG) que tinham abdicado de combater o regime, e se tinham recusado a combater a jihad global da al-Qaeda.

West Point (2007) – Cirenaica, paraíso terrorista.

Estudo de West Point (2007) – Background de terroristas al-Qaeda no Iraque. Em Dezembro de 2007, surge um estudo de West Point a examinar o background dos guerrilheiros islâmicos – jihadis ou mujahedin – que atravessavam a fronteira Síria para o Iraque em 2006-2007, sob os auspícios da al-Qaeda.

Corredor Benghazi-Tobruk-Derna.

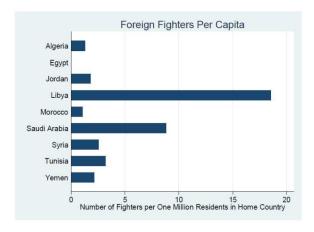
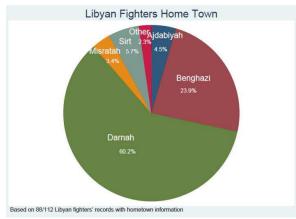
Capital mundial do terrorismo. A conclusão mais importante do estudo é a de que o corredor Benghazi-Tobruk-Darnah representa uma das maiores concentrações de terroristas jihadi a ser encontrada no mundo, e parece ser a principal fonte de bombistas suicidas no planeta. Darnah parece ser a capital mundial do terrorismo, com um combatente terrorista enviado para o Iraque por cada 1000-1500 habitantes. Cerca de um quinto dos combatentes estrangeiros que entraram no Iraque pela fronteira síria vieram da Líbia, um país com pouco mais de 6M de habitantes.

Ultrapassa Arábia Saudita, Síria, Yemen, Argélia, Marrocos, Jordânia. Ultrapassa com à-vontade o segundo maior fornecedor de carne para C4, Ríade, na Arábia Saudita. De

acordo com o estudo, a Arábia Saudita está em primeiro lugar no que respeita a números absolutos de jihadis enviados para combater no Iraque, mas a Líbia, com uma população quatro vezes menor, estava em segundo lugar. A Arábia Saudita enviava 41% dos combatentes, e a Líbia 18.8%. Outros países muito maiores estavam bastante atrás: Síria (8.2%), Yemen (8.1%), Argélia (7.2%), Marrocos (6.1%), Jordânia (1.9%).

6M de pessoas produzem 20% dos terroristas al-Qaeda no Iraque. Na Cirenaica líbia, 6 milhões de pessoas produziram 20% dos terroristas no Iraque. Por comparação, a Arábia Saudita, com 25 milhões de habitantes, produzia 40%.

Citações do estudo.

"19% de combatentes vieram da Líbia, o maior contribuidor per capita". Os autores do estudo apontam: «*Almost 19 percent of the fighters in the Sinjar Records came from Libya alone. Furthermore, Libya contributed far more fighters per capita than any other nationality in the Sinjar Records, including Saudi Arabia*»

"O epicentro, área de Darnah e Benghazi".

"Nordeste líbio, tradicionalmente associado a militância jihadi".

"LIFG é muito influente – e junta-se oficialmente à al-Qaida em 2007". Ao mesmo tempo, sabemos que estes combatentes vinham essencialmente da Cirenaica, mais especificamente da área em redor de Benghazi. O estudo comenta estes resultados: «*The vast majority of Libyan fighters that included their hometown in the Sinjar Records resided in the country's Northeast, particularly the coastal cities of Darnah 60.2% (53) and Benghazi 23.9% (21). Both Darnah and Benghazi have long been associated with Islamic militancy in Libya, in particular for an uprising by Islamist organizations in the mid-1990s. The Libyan government blamed the uprising on "infiltrators from the Sudan and Egypt" and one group—the Libyan Fighting Group (jama-ah al-libiyah al-muqatilah)—claimed to have Afghan veterans in its ranks. The Libyan uprisings became extraordinarily violent… The apparent surge in Libyan recruits traveling to Iraq may be linked the Libyan Islamic Fighting Group's (LIFG) increasingly cooperative relationship with al-Qa'ida, which culminated in the LIFG officially joining al-Qa'ida on November 3, 2007… Libyan factions (primarily the Libyan Islamic Fighting Group) are increasingly important in al-Qa'ida. The Sinjar Records offer some evidence that Libyans began surging into Iraq in larger numbers beginning in May 2007. Most of the Libyan recruits came from cities in North-East Libya, an area long known for jihadi-linked militancy*»

Corredor em conflito ideológico histórico com regime Khadafi. Estas áreas estavam desde há muito em conflito ideológico, tribal e político com o governo central do Coronel Khadaffi.

Quadros – "Foreign fighters per capita, per country" – "Libyan Fighters Home Town".

Joseph Felter and Brian Fishman (2007), "Al Qa'ida's Foreign Fighters in Iraq: A First Look at the Sinjar Records". Harmony Project, Combating Terrorism Center, Department of Social Sciences, US Military Academy, West Point, NY.

West Point (2007) – Propostas para lidar com o LIFG.

<u>Colaborar com regimes de Líbia e Síria para bloquear estes grupos</u>. O estudo oferece algumas soluções para lidar com o problema, entre as quais colaborar com os governos da Líbia e da Síria para bloquear a acção destes grupos: «*The Syrian and Libyan governments share the United States' concerns about violent salafi-jihadi ideology and the violence perpetrated by its adherents. These governments, like others in the Middle East, fear violence inside their borders and would much rather radical elements go to Iraq rather than cause unrest at home. U.S. and Coalition efforts to stem the flow of fighters into Iraq will be enhanced if they address the entire logistical chain that supports the movement of these individuals—beginning in their home countries – rather than just their Syrian entry points. The U.S. may be able to increase cooperation from governments to stem the flow of fighters into Iraq by addressing their concerns about domestic jihadi violence*»

Obter aliança EUA-LIFG para derrubar Khadafi, cooptar LIFG. Outra opção apontada pelo estudo de West Point é bastante mais sinistra, mas foi a adoptada: criar uma aliança entre EUA e LIFG para derrubar Khadaffi e afastar o LIFG da esfera de influência da al-Qaeda. «*The Libyan Islamic Fighting Group's unification with al-Qa'ida and its apparent decision to prioritize providing logistical support to the Islamic State of Iraq is likely controversial within the organization. It is likely that some LIFG factions still want to prioritize the fight against the Libyan regime, rather than the fight in Iraq. It may be possible to exacerbate schisms within LIFG, and between LIFG's leaders and al-Qa'ida's traditional Egyptian and Saudi power-base*»

Joseph Felter and Brian Fishman (2007), "Al Qa'ida's Foreign Fighters in Iraq: A First Look at the Sinjar Records". Harmony Project, Combating Terrorism Center, Department of Social Sciences, US Military Academy, West Point, NY.

O Grande Rio Artificial – Exemplo de desenvolvimento sob Khadafi.

O Grande Rio Artificial, "a oitava maravilha do mundo". Os Líbios costumam chamar ao Grande Rio Artificial [Great Man-Made River] a "oitava maravilha do mundo". A construção do rio foi essencial para o fornecimento de água às populações líbias, e para a industrialização do país que se seguiu à revolução de 1969. Infraestrutura civil essencial. 95% da Líbia é deserto and 70% de Líbios dependem de água conduzida dos vastos aquíferos sob o deserto sul da Líbia [piped], pelo Sistema de Aquíferos Núbio [Nubian Sandstone Aquifer System]. Este canal de água é provavelmente a infraestrutura civil mais essencial na Líbia.

Líbia torna-se líder mundial em hidrologia. Como resultado dos seus empreendimentos no sector, a Líbia tornou-se uma líder mundial em engenharia hidrológica.

Prepara-se para exportar capacidades para outros países. Estava em vias de exportar as suas capacidades para outros países em África e Médio Oriente, que estivessem a enfrentar problemas similares com o seu fornecimento de água.

Fábricas de tubagens de Brega e Sarir. Essencial para a sua função é a fábrica de tubagens de Brega. A fábrica de Brega (Pre-Stressed Concrete Cylinder Pipe Factory) é uma de apenas duas instalações deste género no país – a outra é Sarir, no leste. Isto torna-a num componente muito importante do Grande Rio Artificial.

NATO destrói fábrica de Brega. A NATO admitiu que os seus jactos atacaram a fábrica de tubos a 22 de Julho, sob a justificação de que era usada como um armazém militar, e que rockets eram lançados de lá. [NATO bombs the Great Man-Made River]

ONU – NATO – Mercenários, forças especiais.

Resolução 1973 CS-ONU.

No-fly zone, ataque militar. No-fly zone sobre o espaço aéreo líbio.

"Operation Unified Protector" – A "responsabilidade de proteger". O ataque militar à Líbia foi motivado pela resolução 1973 do Conselho de Segurança da ONU, como expressando "the responsibility to protect". Sob a resolução, os países foram autorizados a usar força «*to protect civilians and civilian populated areas under threat of attack*». O texto fazia notar que as medidas usadas para alcançar este objective excluíam «*a foreign occupation force of any form on any part of Libyan territory*»

Obama, Sarkozy, Cameron e outros frisam "responsability to protect". Obama, Sarkozy, Cameron e outros frisaram o mesmo ponto, a natureza humanitária da intervenção, que serviria para prevenir um massacre das forças pró-democracia pelo regime de Khadaffi.

Campanha líbia da NATO.

Operation Unified Protector. O esforço da NATO durou 7 meses, custou 26000 sortidas aéreas e patrulhas navais constantes, e resultou na destruição de cerca de 5900 alvos militares.

Ataque naval, tal como nos "bons velhos dias" imperiais. Ataque ao bom velho estilo colonial britânico – offshore, a partir de navios de guerra.

"Campanha aérea cirúrgica" – sobre alvos civis, usando "cluster bombs". Do mesmo modo, não é mencionado o uso de bombas de fragmentação [cluster bombs] sobre áreas civis densamente populadas – apenas se fala de uma campanha aérea conduzida com precisão cirúrgica sem paralelo.

No-fly zone – Bloqueio naval, ataques navais e aéreos – Apoio terrestre "informal".

Mar 17: U.N Security Council passes a resolution to impose a no-fly zone in Libyan airspace.

Mar 19: French and Italian aircraft enter Libyan airspace to begin reconnaissance and surveillance. British and U.S. ships and submarines fire Tomahawk cruise missiles at Libyan air and ground defences. Naval blockade also enforced.

May 11: Nato aircraft fires four rockets at Gaddafi's compound in Tripoli, killing two people.

May 12: 52 NATO strikes are carried out against loyalist targets across the country.

May 26: In the strongest attack of the operation so far, Nato planes bomb 20 targets in Tripoli under 30 minutes.

June 13: Nato carries out 62 airstrikes against targets in Tripoli and four other cities.

June 20: Nato is accused of killing 19 civilians in Sorman, west Tripoli, following another attack

July 16: Another Nato strike kills 10 rebels and wounds 172 during an advance on Brega.

Aug 9: Nato bombs a warship in Tripoli harbour.

Aug 20: Nato-supported rebels in Tripoli launch an uprising in the city, as Nato launch bombing raids over government targets.

Oct 20: Rebel forces take Sirte, with Gaddafi captured and eventually killed as Nato planes attack his convoy.

Oct 23: Gaddafi's family are forced to flee as rebels claim his compound in Bab al-Azizia.

Oct 31: Nato ends operations in Libya

Pretexto humanitário NATO, uma fraude.

Bombardeamento de civis, destruição infraestrutural. Populações civis foram impiedosamente bombardeadas. Infraestrutura vital foi destruída.

Intervenção possibilita limpezas étnicas, crimes de guerra.

País entregue a gangs terroristas, descende para o caos.

NATO, o pretexto da intervenção humanitária – Black Star News.

“Obama trai África – muitos negros nunca esquecerão”.

“Direitos humanos e protecção de civis? – hipocrisia e mentiras, repulsivas”.

“Onde estava ocidente quando negros eram brutalizados pelo apartheid”.

“Massacres da Rodésia – Massacres no Ruanda, após invasão do Uganda”.

“Massacres no Congo, agora mais de 5M – E mortes continuam na Somália”.

«*Human rights and protecting civilians? Where was the West when Africans were being brutalized by the apartheid regime in South Africa? Where was the West when Africans in refugee camps were being massacred by Ian Smith's apartheid regime airforces in*

Rhodesia? Where was the West when more than one million Rwandans perished after the country was invaded from U.S.-ally Uganda? Where is the West now as the body count, which has now exceeded five million, continues to pile up in DR Congo? Where is the West as Somalians continue to perish? The hypocrisy and lies are revolting… Many Black people will never forgive President Obama» [“Obama Betrays Africa On Libya”. Editorial. Black Star News. March, 22, 2011]

Mercenários, terroristas e forças especiais.

Rebeldes armados por países GCC, através do Egipto. Os rebeldes foram armados através da Arábia Saudita e através da fronteira Egípcia, com a assistência activa da junta militar egípcia que substituiu Mubarak.

Mercenários e terroristas de Arábia Saudita, Afeganistão, Qatar, etc. Por exemplo, só do Afeganistão, surgem Uzbeques, Persas e Hazaras. Estes mercenários rebeldes eram tão desorganizados, caóticos e militarmente ignorantes e indisciplinados que teriam sido facilmente derrotados, não fora a intervenção de consultores e forças especiais de EUA, UK, França, Itália, Holanda, Qatar.

Forças especiais e consultores NATO e GCC – Treino, intel, comando operacional. Desde o início que oficiais militares e de intelligence têm estado a ajudar os rebeldes. Consultores militares e forças especiais britânicas (SAS), holandesas, francesas, americanas, italianas. Também, elementos de Jordânia, Qatar, Arábia Saudita, EAU (consultores, assessores, forças especiais).

MI6 e SAS dirigem o assalto contra Tripoli. A Grã-Bretanha equipou e aconselhou os rebeldes líbios para o ataque final a Tripoli, para o qual o MI6 e as SAS foram os coordenadores gerais de operações.

The Independent – Forças especiais EUA e UE em Benghazi.

Operacionais militares e diplomáticos americanos e europeus em Benghazi.

Exemplos – Consultor privado ex-Royal Navy e comboio britânico de “engenheiros”.

«*Former Royal Navy officer is 'consultant' to rebels and small British convoy say they are 'engineers'… In several places around Benghazi, there were palpable signs that Western "assistance" was active on the ground. Military and diplomatic operatives from the US and Western Europe – usually described as experts, consultants and advisers – turned up in the rebel capital, Benghazi. These include UK personnel, among them a former Royal Navy officer who had recently served as a diplomat in Afghanistan. He said he was in Libya as a consultant to the opposition administration*» [“Western military advisers become visible in Benghazi”, Kim Sengupta and David Randall, The Independent, April 3, 2011]

BBC – A história de fadas sobre MI6, SAS e os rebeldes líbios. «*The British campaign to overthrow Muammar Gaddafi's regime had its public face - with aircraft dropping bombs, or Royal Navy ships appearing in Libyan waters, but it also had a secret aspect… The government sought to open contacts with the National Transitional Council both overtly and covertly… The Secret Intelligence Service, or MI6, sought to step up communications with some of its contacts in the opposition… they opted to be flown from Malta into Libya at night by Chinook helicopter in order to meet local "fixers" who would help them get to the meeting… SIS chose to use a highly sensitive arm of the special forces, E Squadron, in order to look after its people [depois, é relatado como o grupo foi preso pelos rebeldes, e uma série de outras platitudes sobre dificuldades relacionais com os confusos jovens de Benghazi] Although plenty of people in Whitehall still remembered the March debacle, it was agreed to allow a limited number of British advisers to take a direct part in training and mentoring NTC units in Libya. Sources say the number of men sent from D Squadron of 22 SAS Regiment was capped at 24. They were performing their mission by late August. While France and Qatar were ready to provide weapons directly, the UK was not. However, this made little practical difference since the SAS was operating closely with Qatar special forces who had reportedly delivered items such as Milan anti-tank missiles… The SAS had meanwhile strayed beyond its training facility, with single men or pairs accompanying the NTC commanders that they had been training back to their units. They dressed as Libyans and blended in with the units they mentored, says someone familiar with the operation*» "Inside story of the UK's secret mission to beat Gaddafi", Mark Urban, BBC News Magazine, January 19, 2012

Artigos. Libya: secret role played by Britain creating path to the fall of Tripoli – SAS troopers help co-ordinate rebel attacks in Libya, Guardian

al-Qaeda – Sharia.

Romantização acrítica dos jihadis líbios.

Jihadis líbios retratados como "freedom fighters", "swarming adolescents". Enquanto os media ocidentais rotulam estas pessoas de manifestantes e combatentes pela liberdade, a realidade no terreno estavam a dar ordens a jactos da NATO e a disparar mísseis.

McCain descreve rebeldes como os seus "heróis". Em Abril, o Senador John McCain vai a Benghazi, onde descreveu os rebeldes como os seus «*heroes*», e apelou ao aumento de apoio militar americano a estes bandos terroristas.

NTC é reconhecido logo à partida por Portugal, França. O governo transicional anti-Khadaffi, sedeado em Benghazi, na Cirenaica, foi reconhecido logo à partida por França e Portugal como o único representante legítimo do povo Líbio.

O emirato de Derna – Khadafi, Khaim, Frattini (Fev-2011).

Khaim avisa europeus de emirato em Derna, com burqa e execuções. A 24 de Fevereiro, Khaled Khaim, Adjunto do Ministro dos Negócios Estrangeiros líbio, menciona várias vezes a embaixadores europeus que: «*Al-Qaeda has established an emirate in Derna led by Abdelkarim al-Hasadi, a former Guantanamo detainee… They have an FM radio station and have begun to impose the burqa (head-to-toe covering for women) and have executed people who refuse to cooperate with them*». Mencionou que o cenário na cidade era semelhante aos montados por «*the Taliban*». Khaim disse que Hasidi tinha um tenente «*also a member of Al-Qaeda and named Kheirallah Baraassi*» em Al-Baida [100 km a ocidente de Derna]. ["Al Qaeda sets up 'Islamic emirate'", AFP, February 24, 2011]

Khadafi também fala do emirato de Derna, e das execuções diárias. Khadafi também anunciou na televisão, a 3 de Março que, «*At the beginning of the uprising, a former Guantanamo detainee, self-proclaimed emir of Derna and began to execute people daily*».

Frattini (Itália) confirma a ideia do emirate de Derna. Algum tempo antes de Khaim, o Ministro Italiano dos Negócios Estrangeiros, Francesco Franco Frattini, afirmou que Kadhafi tinha perdido controlo da Cirenaica e que havia rumores de que um emirado islâmico tinha sido estabelecido lá. Isto acontece numa reunião em Roma, organizada pela Comunidade de Sant'Egidio, uma organização católica. Frattini disse que: «*It is a worrying developments if radical Islam is only a few hundred kilometres away from the European Union's front door, but nothing can justify the violent death of hundreds of innocent civilians*» ["Al Qaeda sets up 'Islamic emirate'", AFP, February 24, 2011 – In Libya, an al-Qaida Ally Lurks in the Shadows]

O emirato de Derna – Hasidi e os seus combatentes al-Qaeda (Mar-2011).

Hasidi, al-Barrani e Ben Qumu (ex-empregado Bin Laden) lideram campanha de Derna. A campanha militar de Darnah foi liderada por dois jihadis e um ex-prisioneiro de Guantanamo. Salah al-Barrani, do LIFG, era o comandante de campo de Hasidi nas linhas da frente. Outro personagem de relevo aqui é Sufyan Ben Qumu, um antigo empregado de Osama bin Laden, veterano da al-Qaeda. Ben Qumu passou seis anos em Guantanamo antes de ser entregue a custódia Líbia em 2007. Foram ambos libertos de prisões líbias em 2008, como parte da amnistia do filho de Khadaffi.

Hasidi – LIFG – Jihad afegã – Envio de jihadis para o Iraque (West Point study). Abdelhakim al-Hasadi (ou Abdul Hakim al-Hasidi, ou Abdel Hakim al-Hasidi), é um membro do LIFG, um braço da al-Qaeda, passou 5 anos num campo de treino no leste do Afeganistão, combateu os EUA na jihad afegão, foi preso em Peshawar, reciclado e reenviado para a Líbia em 2008. Aí organiza envio de combatentes al-Qaeda para o Iraque. Envia cerca de 50% dos combatentes de Derna mencionados no estudo de West Point.

Responsável por um mínimo de 300 jihadis de Derna. Quando a rebelião começa, é responsável por um grupo de pelo menos 300 combatentes de Derna.

"Combati a jihad no Afeganistão, fui preso em Peshawar".

"Enviei 25 jihadis al-Qaeda para Iraque". Em 52, estes 25 dão **50%** dos jihadis de Derna.

"Uma boa parte dos meus homens são al-Qaeda".

"Os membros da al-Qaeda são bons muçulmanos, a combater o invasor".

Hasidi oferece a sua própria versão: «*I've never been to Guantanamo. I was captured in 2002 in Peshawar, Pakistan, on my way back from Afghanistan where I fought against foreign invasion. I was handed over to the Americans, held a few months in Islamabad, delivered to Libya, and released in 2008*». Em 2007, as forças armadas em Baghdad emitiram uma lista de mujahideen estrangeiros que tinham estado a combater ao lado dos insurgentes: 112 eram Líbios, 52 de Derna. «*I have sent some 25. Some have returned and are now on the front lines in Ajdabiya, they are patriots and good Muslims, not terrorists. I condemn the September 11 attacks, and those against innocent civilians in general. But members of al-Qaeda are also good Muslims and are fighting against the invader*» "Reportage: «Noi ribelli, islamici e tolleranti»". Roberto Bongiorni. Il Sole 24 Ore. March 22, 2011

Transmissão de rádio em Derna – "Ao heróis da jihad afegã e iraquiana". O Il Sole 24 Ore menciona uma transmissão na rádio local de Derna: «*Dear brothers and sisters who have fought in Iraq and Afghanistan, it is time to defend your land*»

Artigos. "Reportage: «Noi ribelli, islamici e tolleranti»" – Libyan rebel commander admits his fighters have al-Qaeda links, Telegraph – Libyan Rebel Leader Admits Links To 'Al Qaeda' Fighters

al-Qaeda anuncia apoio irrestrito à rebelião (Mar-2011).

Hasidi faz anúncio, NATO envia navios e forças, al-Qaeda anuncia apoio. Enquanto al-Hasidi fazia o seu anúncio e os países europeus enviavam as suas forças especiais e os seus navios de guerra, a al-Qaeda anunciava abertamente o seu apoio pela rebelião.

al-Libi – "Preservem as vossas armas – a mudança não fica pela Arab Spring". Um dos principais ideólogos da al-Qaeda, Abu Yahya al-Libi – um Líbio – disse aos islamistas líbios, numa cassete divulgada a 12 de Março, que «*Store your weapons and do not relinquish them... ousting these regimes is not the end in making a change*» ["Libyan civil war - An opening for al Qaeda and jihad", Paul Cruickshank and Tim Lister, CNN, March 23, 2011]

AQIM urge apoio irrestrito à revolução, oferece apoio.

"Daremos tudo o que temos para vos apoiar, com a graça de Allah".

"Estaremos lado a lado convosco se Allah o quiser".

A AQIM (Al Qaeda in the Islamic Maghreb) condenou Khadaffi e acusou-o de contratar mercenários africanos, bem como de ordenar a caças que alvejassem manifestantes. Urgiu apoio generalizado à revolução e ofereceu a sua assistência e apoio aos rebeldes líbios: «*We were pained by the carnage and the cowardly massacres carried out by the killer of innocents Gaddafi against our people and our unarmed Muslim brothers who only came to lift his oppression, his disbelief, his tyranny and his might… We only came out to defend you against these despots who usurped your rights, plundered your wealth, and prevented you from having the minimum requirements of a dignified life and the simplest meanings of freedom and human dignity… We call upon the Muslim Libyan people to have steadfastness and patience, and we incite them to continue their struggle and revolution and to escalate it to oust the criminal tyrant*» ["Al Qaeda backs Libyan protesters and condemns Gaddafi". Reuters, February 24, 2011]

Declara ainda que: «*We declare our support for the legitimate demands of the Libyan revolution. We assert to our people in Libya that we are with you and will not let you down, God willing. We will give everything we have to support you, with God's grace*» ["Al Qaeda offers aid to rebels in Libya". Washington Times, February 24, 2011]

Ainda noutra ocasião: «*We will be side-by-side with you, Allah willing*» ["Libyan civil war - An opening for al Qaeda and jihad", Paul Cruickshank and Tim Lister, CNN, March 23, 2011]

NATO admite al-Qaeda na Líbia (Mar-2011) – Casa Branca também (no final).

NATO reconhece elemento al-Qaeda na Líbia (Março, 2011). O almirante James Stavridis, comandante supremo na NATO na Europa, reconheceu em Março de 2011 perante um comité do Senado que existia um elemento – apesar de menor – al-Qaeda, entre os grupos rebeldes na Líbia.

Casa Branca admite presença al-Qaeda, após bandeira ser hasteada em Benghazi. Apenas dias após a morte de Khadaffi em Sirte, a bandeira negra da al-Qaeda seria vista

a voar por todo o lado em Benghazi. Nesta altura, a administração Obama mostrou-se disposta a reconhecer que a al-Qaeda estava envolvida na rebelião.

Abdul Belhadj – Comandante al-Qaeda e LIFG, governador militar de Tripoli.

Governador militar de Tripoli, após conquista com apoio NATO. Enquanto Tripoli caía, emergiu que o comandante das forças rebeldes que tinha tomado controlo sobre a capital era Abdul-Hakim Belhadj, com uma milícia pessoal de 800-1000 combatentes. Muitos dos membros individuais desta milícia tornaram-se por sua vez líderes de várias outras milícias. Após a conquista militar, aparece como governador do Concelho Militar de Tripoli.

Abdul Hakim Belhadj, líder do LIFG, comandante sénior da al-Qaeda. Líder histórico da afiliada local da al-Qaeda, o LIFG e, durante o seu tempo no Afeganistão, comandante sénior da al-Qaeda.

Comanda jihadis afegãos – gere campo de treino – linha directa para Bin Laden. Belhadj foi um comandante mujaheddin e um jihadista convicto, que combateu lado a lado com a Al Qaeda e os Taliban no Afeganistão, contra tropas americanas. Em Setembro, o ABC conduziu entrevistas em Tripoli com vários associados de Belhadj do LIFG. Estas pessoas confirmaram que Belhadj tinha gerido um campo de treino jihadista no Afeganistão. Tareq Muftah Durman notou que, na altura, Belhadj tinha «*a direct line to Osama bin Laden*». Foi capturado pela CIA na Malásia em 2003 e extraditado para a Líbia, onde foi preso.

Ligado aos terroristas de Madrid. Sabe-se que Belhadj estava ligado a Serhane ben Abdelmajid Fakhet, o líder da célula terrorista que levou a cabo os ataques de Madrid em Março de 2004, que mataram 191 pessoas.

Artigo. Libya Ex-Islamic terrorist leader heads Tripoli Military Council

Al-Zawahiri – Sharia para a Líbia – Jihad na Argélia (Oct-2011).

Al-Zawahiri encoraja líbios à Sharia. O líder da al-Qaeda, agente duplo ao serviço de Sua Majestade, encoraja os líbios a montar um estado islâmico, com plena implementação da Sharia. Vídeo de 13 minutos intitulado "And the defeats of Americans continue", divulgado pela Al-Sabah. Mostra al-Zawahiri em robe branco e turbante, sentado contra um fundo verde. ["Al-Qaida chief urges Islamic rule in Libya". Associated Press, October 12, 2011]

Encoraja revolta argelina contra Bouteflika. Al-Zawahiri também urge os argelinos a revoltarem-se contra o regime do Presidente Abdelaziz Bouteflika: «*Why don't you revolt against your tyranny, Algerian lions*» ["Al-Qaida chief urges Islamic rule in Libya". Associated Press, October 12, 2011]

Sharia é decretada na Líbia.

NTC, Jalil, declaram que sharia será fonte básica da legislação. O líder interino do país, Mustafa Abdul-Jalil, declara que a sharia será a "fonte básica" de legislação. O presidente do National Transitional Council declara também que o futuro parlamento terá uma «*Islamist tint*». Dá um discurso onde diz que qualquer lei que «*violates sharia*» é «*null and void*».

Punições sobre adultério, homossexualidade, liberdade de opinião. Punições pesadas para quem quebra o seu código, incluíndo tortura e execuções por pecados como adultério, homossexualidade, roubo. A lei também proíbe o criticismo do Islão, do Corão, e do profeta Mohammed.

Reinstituição da poligamia. A lei que bane a poligamia foi repelida porque "não está de acordo com a Sharia".

Ordem talvez tenha vindo de Belhadj, e não no NTC. A ordem para implementar a Sharia não terá vindo do NTC (National Transition Council), mas sim de Abdel Hakim Belhaj. Os homens fortes em Tripoli tornaram-se Abdel Hakim Belhaj, ex-al Qaeda, e Ismail e Ali al-Sallabi, chefes da Irmandade Muçulmana Líbia.

Bandeira al-Qaeda em Benghazi – Após decreto da sharia (Nov-2011).

Apenas dias após morte de Khadafi. Apenas dias após a morte de Khadaffi em Sirte, a bandeira negra da al-Qaeda seria vista a voar por todo o lado em Benghazi.

Tribunal de Benghazi, centro simbólico da revolução. O tribunal de Benghazi é o centro simbólico da revolução, o sítio onde aconteceram os primeiros combates.

Centro onde o NTC decreta a sharia.

"Thanks To Obama, The Al-Qaeda Flag Is Now Flying High And Proud Over Libya".

Daily Mail.

"Bandeira al-Qaeda hasteada no tribunal, onde sharia foi decretada".

"Extremistas nas ruas agitam bandeira al-Qaeda e gritam Islamiya".

A 2 de Novembro de 2011, o Daily Mail reporta que «*The black flag of Al Qaeda was hoisted in Libya yesterday as Nato formally ended its military campaign. The standard fluttered from the roof of the courthouse in Benghazi, where the country's new rulers have imposed sharia law since seizing power. Seen as the seat of the revolution, the judicial building was used by rebel forces to establish their provisional government and media centre… Extremists have been seen on Benghazi's streets at night, waving the Al*

Qaeda flag and shouting "Islamiya, Islamiya! No East, nor West"» "Flying proudly over the birthplace of Libya's revolution, the flag of Al Qaeda", Sam Greenhill, Daily Mail, November 2, 2011

VICE.

"Radicals, jihadists, Salafists, LIFG, want to replace one dictatorship with another".

«*The war to rid the country of the Gadaffi dictatorship might have ended, but the battle for control of post-revolutionary Libya has only just begun. And it will surprise few that assorted radicals, jihadists, Salafists, and LIFG veterans are attempting to fill the power vacuum and replace one dictatorship with another*» "Al Qaeda plants its flag in Libya". Sherif Elhelwa, VICE.

Crimes de guerra rebeldes.

Crimes de guerra.

Gangs armados, brigadas terroristas, esquadrões da morte.

Perseguição de negros, Khadaffa, Meshashyas, Tuareg. Temos a perseguição de pessoas de pele escura em geral, e também de tribos pró-Khadaffi como os Khadaffa e os al-Meshashyas. Depois, também existem os Tuareg do sul da Líbia, acusados de serem mercenários.

Campanha de terror, atrocidades, catástrofe humanitária. Atrocidades disseminadas, incluíndo linchamentos e decapitações, com a cumplicidade dos mais altos níveis do National Transitional Council.

Saques, espancamentos, linchamentos, violações, tortura.

Homicídios, decapitações, execuções sumárias, massacres. Tudo isto feito sobre milhares de seres humanos.

Prisões arbitrárias e campos de internamento. Detenção de 7000 pessoas em prisões e campos pelas forças anti-Khadaffi.

Valas comuns. Desde o colapso do regime de Khadaffi na Líbia ocidental no final de Agosto 2011, foram descobertas valas comuns contendo os cadáveres de pessoas mortas durante o conflito. Estas valas são descobertas numa base semanal em Tripoli e outras áreas, de acordo com o Comité Internacional da Cruz Vermelha.

Artigos. Patrick Cockburn: This was always a civil war, and the victors are not merciful – Rebels settle scores in Libyan capital – Rebel Fighters Target Black Libyans, Sub-Saharan Africans, Amnesty Reports, Bloomberg – In embattled Libyan town, Africans fear the mob – Internment and Terror for Black Libyans, FrontPage Magazine

Negros demonizados, para legitimar genocídio.

Racialismo pan-arábico, expresso em ódio profundo a Negros. Depois existe o carácter racista da rebelião. Este género de racismo e ódio contra negros é uma marca essencial do supremacismo arábico que marca as correntes extremistas.

Populações negras na Líbia.

Líbia, destino para imigrantes laborais. Líbia, destino de trabalho para muitos imigrantes africanos, que vão trabalhar em fábricas, obras e outras áreas.

Antigos escravos, como no caso de Tawergha.

Fezzan, odiados por Harabi e Obeidat. As tribos do sul da Líbia, conhecidas como Fezzan, têm pele negra. As bases tribais do regime de Khadaffi têm incluído os Fezzan. Os Harabi e os Obeidat são conhecidos pelo seu ódio profundamente racista contra os Fezzan.

Desumanização da vítima é essencial para genocídio. Uma parte importante em qualquer genocídio é a demonização e desumanização das vítimas.

Infowar NATO/IM retrata negros líbios como "mercenários". Como parte da guerra de informação, a NATO e os rebeldes têm descrito como "mercenários" todos os combatentes negros, trabalhadores imigrantes e até habitantes negros da Líbia.

Legitimar extermínio de negros. Daí a história de que Líbios negros seriam mercenários para Khadaffi – uma forma ardilosa de justificar o extermínio de alvos de ódio racial.

Tentativa de genocídio racial sobre negros líbios.

Prisões arbitrárias. Os rebeldes começaram rapidamente a prender toda a gente com uma cara negra à vista.

Saques, espancamentos, linchamentos, violações, tortura.

Homicídios, decapitações, execuções sumárias, massacres.

Campos de internamento.

União Africana – Inúmeros negros massacrados. Inúmeros negros foram massacrados logo durante as fases iniciais da insurgência, como revelado pela missão de observação da União Africana [African Union´s Fact Finding Mission].

Intervenção NATO aumenta frequência de massacres. Quando a NATO entrou oficialmente no teatro de guerra, a frequência destes massacres aumentou, em intensidade e número.

Campos de internamento para Negros – líbios e imigrantes (AP). «*Rebel forces and armed civilians are rounding up thousands of black Libyans and migrants from sub-Sahara Africa, accusing them of fighting for ousted strongman Moammar Gadhafi and holding them in makeshift jails across the capital*», reportou a Associated Press. O artigo da AP fazia notar que praticamente todas as vítimas eram imigrantes [migrant workers] inocentes e não tinham combatido por Khadaffi, mas os rebeldes estavam a prendê-los na mesma, e a interná-los em campos de internamento simplesmente com base na sua cor de pele.

Tentativa de genocídio racial sobre negros líbios (2).

Jean Ping, Presidente da União Africana.

"Um terço de líbios, negros, perseguidos como mercenários – abusos, assassinatos". «*All blacks are mercenaries. If you do that, it means [that the] one-third of the population of Libya, which is black, is also mercenaries. They are killing people, normal workers, mistreating them*»

Sahara Reporters.

"Todo o mundo está a assistir enquanto africanos inocentes são linchados" – x3.

"Homens, mulheres e crianças são mortos apenas por serem negros".

"Forças rebeldes cortam pessoas em bocados".

"Não é possível dizer que ninguém sabia – isto pode ser evitado".

«*The whole world is watching, the whole world is watching, the whole world is watching as innocent Africans are being lynched in Libya… There are men, women and children dying in the hands of Libyan mobs simply because they look Africans and must therefore be mercenaries… The press published stories of Anti-Gadhafi forces cutting Africans into pieces and posting it on internet but it is yet to catch world outcry or outrage. These are not collateral damages of war, these are brutalities of war that must be addressed… It is a no win situation for these poor Africans that went to Libya for fortune or were working there when civil war broke out… This is not the time to claim nobody knew that was what was going on otherwise it could have been stopped. This is*

not Rwanda, it is Arabs killing Africans» [“World and Press Watch as Africans are Lynched in Libya”, Farouk Martins Aresa, Sahara Reporters, March 1, 2011]

O caso paradigmático dos Tawergha.

Tawergha tomada por rebeldes a 13 de Agosto, com apoio NATO. A cidade de Tawergha foi tomada pelos rebeldes a 13 de Agosto num ataque coordenado com a NATO, que bombardeou pesadamente a cidade (de 10 a 13 de Abril) antes da entrada das milícias. A 15 de Agosto, muitos dos habitantes da cidade foram presos em contentores de armazenamento.

Tawergha e áreas negras de Misrata são esvaziadas, etnicamente limpas. A principal cidade da região de Tawergha é a própria Tawergha (aka, Tawargha, Tawurgha, com uma população estimada de 31.250 pessoas. A cidade fica cerca de 30 a 40 milhas a sul de Misrata/Mitsurata, ao longo da costa ocidental do Golfo de Sirte. É uma cidade habitada essencialmente por líbios negros, um legado das suas origens no século XIX como uma cidade de passagem no negócio de escravos. A cidade foi esvaziada de toda a sua população: as pessoas fugiram, foram presas, ou foram mortas. Áreas de Misrata ocupadas pelos Tawargha também foram etnicamente limpas, de acordo com o Wall Street Journal.

Massacre e migração forçada. Um dos exemplos mais poderosos é o do massacre e migração forçada perpetrados sobre as dezenas de milhares de habitantes de Tawergha.

David Engers (McClatchy, 17/9) – Tawergha vazia, desaparecidos, mortos. A 17 de Setembro, David Engers, McClatchy Newspapers, fala da conotação racista da perseguição aos Tawerghas, e do modo como a cidade se tornou vazia, muitas pessoas desaparecidas, muitas outras mortas. [Empty village raises concerns about fate of black Libyans]

Amnistia Internacional UK.

Detenções, espancamentos, violações, raptos – Tawerghas e outros líbios negros. Fala de detenções, espancamentos, violações, raptos, contra os Tawergha, mas não só: «*In addition to Tawarghas, other black Libyans including from the central Sabha district as well as sub-Saharan Africans, continue to be at particular risk of reprisals and arbitrary arrests, on the basis of their skin colour and widespread reports that al-Gaddafi forces used "African mercenaries" to repress supporters of the NTC*» [“Libya: Tawarghas being targeted in reprisal beatings and arrests”. Amnesty International UK, September 7, 2011]

Human Rights Investigations.

Situação Tawergha é apenas limpeza étnica, é genocídio. A Human Rights Investigations tem vindo a seguir de perto a situação dos Tawergha e determinou, com

base em testemunhos de testemunhas, jornalistas, e trabalhadores de direitos humanos, que a situação dos Tawergha não é apenas uma de limpeza étnica mas também, de acordo com a definição legal, de genocídio. [Ethnic cleansing, genocide, and the Tawergha]

O caso paradigmático dos Tawergha (2).

Sam Dagher, WSJ – dois artigos. Revenge Feeds Instability in Libya – WSJ (Sept. 13); Libya City Torn by Tribal Feud – WSJ (June 21)

"Brigada para purgas escravos, pele negra". Os habitantes de Tawergha têm sido invariavelmente descritos em termos racistas. Como reportado por Sam Dagher: «*Some of the hatred of Tawergha has racist overtones that were mostly latent before the current conflict. On the road between Misrata and Tawergha, rebel slogans like "the brigade for purging slaves, black skin" have supplanted pro-Gadhafi scrawl*»

21 de Junho – Comandante rebelde – "Tawergha acabou, agora já só existe Misrata". Num artigo de 21 de Junho para o Wall Street Journal, Sam Dagher cita um dos comandantes rebeldes da brigada de Misrata: «*Ibrahim al-Halbous, a rebel commander leading the fight near Tawergha, says all remaining residents should leave once if his fighters capture the town. "They should pack up," Mr. Halbous said. "Tawergha no longer exists, only Misrata"*»

13 de Setembro.

Mahmoud Jibril, NTC, vai a Misrata e aquiesce a limpeza étnica. Sam Dagher, do Wall Street Journal, a 18 de Setembro, reporta que Mahmoud Jibril, o PM do National Transitional Council, aquiesceu à limpeza da cidade numa reunião pública na câmara municipal de Misrata.

"Tawergha… nobody has the right to interfere in this except the people of Misrata".

"This can't be tackled through reconciliation examples like S.Africa, Ireland".

A multidão aplaude com "Allahu Akbar".

Entretanto, destruição de Tawergha, casas queimadas, insultos pintados. Nos portões de Tawergha, muitos rebeldes pintaram as palavras "escravos" e "pretos". Depois, queimaram casas na cidade.

«*Regarding Tawergha, my own viewpoint is that nobody has the right to interfere in this matter except the people of Misrata… This matter can't be tackled through theories and textbook examples of national reconciliation like those in South Africa, Ireland and Eastern Europe," he added as the crowd cheered with chants of "Allahu Akbar," or "God is greatest"… Now, rebels have been torching homes in the abandoned city 25 miles to the south. Since Thursday, The Wall Street Journal has witnessed the burning*

of more than a dozen homes in the city Col. Gadhafi once lavished with money and investment. On the gates of many vandalized homes in the country's only coastal city dominated by dark-skinned people, light-skinned rebels scrawled the words "slaves" and "negroes." "We are setting it on fire to prevent anyone from living here again," said one rebel fighter as flames engulfed several loyalist homes» ["Revenge Feeds Instability in Libya". Sam Dagher, Wall Street Journal, September 13, 2011]

Pós-guerra civil e futuro da Líbia.

David Shayler – O plano MI6 para lançar Líbia em caos e neo-colonialismo.

MI6 paga £100,000 a célula líbia da al-Qaeda para assassinar Khadafi. Em 1995, David Shayler, um oficial do MI5 foi notificado que a agência irmã para serviços externos, o MI6, tinha pago £100,000 a uma afiliada da al-Qaeda para assassinar Khadafi. A tentativa de assassinato ocorreu, e matou várias pessoas inocentes, mas Khadafi não morreu.

Em 1996, MI6 fomenta insurreição na Cirenaica – LIFG. Em 1996, o MI6 fomentou uma insurreição na Cirenaica, mas o golpe foi simplesmente esmagado pelas forças de Khadaffi no fim de 1996. É desta era gloriosa que surge o Grupo Combatente Islâmico Líbio. Os eventos de hoje são simplesmente a continuação.

Cenário de "progressão" descrito por Shayler. Shayler descreveu o cenário como consistindo em vários passos: liquidação de Khadafi; quebra da Líbia para caos e guerra tribal, com a opção de tomada de poder pelos próprios terroristas; esta situação daria depois um pretexto à Grã-Bretanha (em provável coligação com outros países) para invadir a Líbia, assumir controlo sobre os campos petrolíferos, estabelecer um protectorado permanente sobre as regiões petrolíferas, as pipelines e a costa.

(1) Liquidação de Khadafi.

(2) Tomada de poder por terroristas, caos, guerra tribal.

(3) Invasão ocidental parcial – protectorados sobre petróleo e costa.

Observer – Confirma a história de Shayler.

"Após ataque MI6/al-Qaeda, Líbia emite primeiro mandato Interpol por Bin Laden".

"EUA, UK e França enterram esse facto, minimizam ameaça".

"Depois, al-Qaeda faz ataques terroristas contra EUA no Quénia e Tanzânia".

«*Shayler repeated claims that he was gagged from talking about 'a crime so heinous' that he had no choice but to go to the press with his story. The 'crime' was the alleged MI6 involvement in the plot to assassinate Gadaffi, hatched in late 1995… According to Shayler, MI6 passed £100,000 to the al-Qaeda plotters… [a versão de Shayler é confimada por dois peritos de intelligence franceses]British intelligence paid large sums of money to an al-Qaeda cell in Libya in a doomed attempt to assassinate Colonel Gadaffi in 1996 and thwarted early attempts to bring Osama bin Laden to justice… The allegations have emerged in the book Forbidden Truth , published in America by two French intelligence experts who reveal that the first Interpol arrest warrant for bin Laden was issued by Libya in March 1998. According to journalist Guillaume Dasquié and Jean-Charles Brisard, an adviser to French President Jacques Chirac, British and US intelligence agencies buried the fact that the arrest warrant had come from Libya and played down the threat. Five months after the warrant was issued, al-Qaeda killed more than 200 people in the truck bombings of US embassies in Kenya and Tanzania*» ["MI6 'halted bid to arrest bin Laden'". Martin Bright, The Observer, November 10, 2002]

Killary – "We came, we saw, he died".

"Ele está morto, e isso tem a ver com a minha visita-surpresa a Tripoli". Hillary Clinton, enquanto Secretária de Estado, numa entrevista à CBS, momentos após saber que Khadafi tinha sido morto: «*We came, we saw, he died*». Durante essa mesma semana, Clinton tinha estado em Tripoli, para uma negociação com os líderes do NTC. A repórter perguntou-lhe se a morte de Khadafi tinha algo a ver com a sua "visita-surpresa" a Tripoli. Ela responde «*No*», mas depois revira os olhos e diz, «*I'm sure it did*», com uma gargalhada malevolente. ["Clinton on Qaddafi: 'We came, we saw, he died'". Corbett B. Daly, CBS News, October 20, 2011]

Call her Killary – O humor fátuo e nauseabundo do Fascismo. O sentido de humor fátuo e sem gosto, típico no ambiente nauseante do Fascismo. A companhia óbvia de intimidação, terror, e "power madness".

Imagine-se Churchill, Eisenhower ou Golda Mair a fazerem anedotas deste género.

A formação de um estado falhado terrorista.

Terroristas salafitas libertados em massa de prisões. Com a queda do regime, centenas de terroristas (incluíndo do LIFG) foram libertados de prisões líbias. Outros terroristas libertados incluem terroristas que combateram tropas americanas no Iraque. A generalidade dos terroristas libertos das prisões de Khadaffi são Salafitas.

LIFG obtém petróleo, aparelho de estado e riqueza da Líbia. Gamage: «*If the rebellion succeeds in toppling the Qaddafi regime it will have direct access to the tens of billions*

of dollars that Qaddafi is believed to have squirreled away in overseas accounts during his four-decade rule»

LIFG obtém arsenal de Khadafi – Armamento pesado, gás mostarda, etc. Com a conquista de Tripoli, o grupo de Belhadj teve acesso directo aos arsenais de Khadaffi. Napalm, artilharia, bombas, tanques, mísseis terra-ar, e por aí fora. O gás mostarda de Khadaffi também desaparece.

Proliferação – Armamentos podem ser vendidos, alimentar terroristas. Armas sofisticadas podem ir agora alimentar a jihad global em muitos outros países, por África, Médio Oriente, Ásia. Podem ser vendidas a grupos extremistas europeus.

A formação de um estado falhado terrorista (2) – USSD.

Artigo HRI. "US government documents: Libya an escalating humanitarian disaster". Human Rights Investigations, October 22, 2012.

Relatórios diplomáticos EUA. Isto são os "State Department Tripoli Documents", do US Embassy Tripoli Libya Regional Security Office.

Período de Junho 2011 a Julho 2012. O período considerado estende-se de Junho de 2011 a Julho de 2012.

Desastre humanitário, quebra geral de direitos humanos e segurança. Documentos governamentais EUA mostram que a intervenção na Líbia levou a um desastre humanitário e à quebra geral de direitos humanos na Líbia, especialmente o direito à vida e o direito a segurança. Os documentos mostram a quebra rápida da situação de segurança na Líbia. Os documentos reconhecem que a Líbia é agora um país «*without a government or law*», no qual o poder foi entregue a milícias, terroristas salafitas têm rédea livre, tortura e assassinatos são lugares-comuns, bem como choques tribais, combates com tanques e artilharia são ocorrências frequentes, existem falhas constantes no abastecimento de água e electricidade e cidades inteiras foram submetidas a limpezas étnicas.

"País sem governo ou lei".

Milícias, gangs armados, terroristas salafitas.

Limpezas étnicas, tortura, assassinatos, choques tribais, combates com armas pesadas.

Falhas constantes de água e electricidade.

Raptos, escravatura, tráfico humano.

Numa situação, temos um ataque com rpg's à Cruz Vermelha Internacional.

Citações.

“Conflito civil pode resultar em caos e radicalização, Líbia como estado falhado”.

“Grupos criminosos, gangs, e milícias operam com impunidade”.

“Têm armas automáticas, rpgs, metralhadoras de jipe”.

«*Local officials remain concerned with the chaos and radicalization that could result from protracted civil conflict in Libya. Neighboring countries fear extremist groups who could take advantage of the political violence and chaos should Libya become a failed state… Criminal groups, often indistinguishable from “militia” members, can operate with impunity within the areas their militia controls. Many now possess automatic weapons or even military grade weapons, such as RPGs and vehicle mounted, crew-served machine guns or AAweapons (23mm). The Ministry of Interior reported more than 50 'attacks' on police stations within Tripoli since the TNC declared a cessation of active fighting in October 2011. These attacks are largely militia groups, organized gangs of criminals, and former regime elements who attack police stations in response to a member being detained or arrested*» State Department Tripoli Documents

A formação de um estado falhado terrorista (3) – Sharia e neo-feudalismo.

Panorama partidário líbio – IM x3. Temos a ***National Forces Alliance***, de Mahmoud Jibril (chefe do NTC), considerado liberal e centrista, com uma mistura de islamismo moderado e políticas pró-negócios. Depois, o Justice and Construction party, a cópia directa do APK de Erdogan, o partido assumido pela Irmandade Muçulmana. Depois, temos o Al-Wattan, o destacamento terrorista de Abdul Hakim Belhaj. [Mahmoud Jibril's centrist party dominates Libyan election - World news; Jibril’s centrist party wins Libya’s elections - By Mary Casey and Jennifer Parker - The Middle East Channel]

Conservadorismo social, neo-liberalismo económico.

Futuro da Líbia – Conflito civil – partição – venda a saldos.

VÍDEO.

TARPLEY – Cirenaica – al-Qaeda, LIFG – Racismo – Partição colonial líbia.

Bombardeamento é uma derrota, plano era ter uma color revolution.

tarpley – líbia, bombardeamento é uma derrota (*o bombardeamento é uma derrota, já que o plano era usar uma color revolution*, como na tunísia e no egipto – military coups por detrás das cenas e circo nas ruas, como no Yemen)

Intervenção humanitária, ajudar civis – Estes "civis" são gangs armados.

tarpley - milícias líbias, armed gangs (*intervenção humanitária em defesa de civis – quem são estes civis? Claro que são gangs armados, fanáticos ou psicóticos, armed patsies: pensam que estão a fazer uma coisa, na verdade estão a fazer outra*)

Racismo – Tribos de base no LIFG são racistas – Genocídio étnico – "Mercenários".

tarpley – vertente racista dos rebeldes líbios (*tribos que são a base do LIFG são racistas, conflitos étnicos, genocídio étnico – no início ouviu-se a propaganda de que todos os negros seriam mercenários por Khadafi*)

Cirenaica, capital mundial do terrorismo – bate ríade.

tarpley - cirenaica, capital mundial do terrorismo *(capital mundial do terrorismo, per capita – bate ríade)*

Cirenaica, paraíso terrorista – Terroristas vão obter petróleo líbio, com apoio CIA.

Enquanto isso, EUA atacam Paquistão para "combater al-Qaeda".

tarpley - alqaeda amiga na líbia, inimiga no paquistão (*nordeste líbio é um paraíso terrorista – os heróis da democracia são os irmãos mais novos dos bombistas suicidas que foram para o iraque* – enquanto isso, os eua estão a 'atacar' a al qaeda no Paquistão – Al qaeda em benghazi, bem armada, imagine-se o que acontece se este grupo de terroristas ganham as receitas do petróleo da Líbia? – *agora a CIA a ajudá-los com armas, com assistência do exército egípcio*)

al-Qaeda, amiga na Líbia e Iemen (acessório).

tarpley – al-qaeda amiga na líbia e yemen *(acessório)*

al-Qaeda e LIFG, exército terrestre da NATO.

tarpley – alqaeda redefinida em milícia, LIFG, trupe de actores, Yemen (*sob obama, a al-qaeda passa a ser o exército terrestre da NATO – nós providenciamos a força aérea, e a nossa força terrestre é esta al qaeda no magreb islâmico, o LIFG*)

al-Qaeda, um pool sociológico de agentes duplos e marionetas ingénuas.

Tarpley – alqaeda, sociological pool of double agents and dupes (*agentes duplos – tendem a tornar-se os líderes, dado que têm o apoio externo – o membro médio da al qaeda pode pensar que está a trabalhar para uma causa, mas na verdade está a trabalhar para os EUA*)

Partir país em secções tribais.

tarpley - partir líbia em várias secções tribais *(rebentar o país em várias regiões tribais, como era durante a era graziani)*

Em vez de amanhãs cantantes, colonialismo cínico – Rebeldes, o ground army NATO.

tarpley – brutal, cynical colonialist power politics (*isto não são os amanhãs cantantes de liberdade e democracia, mas sim política colonial brutal e cínica – os rebeldes são apenas as ground forces do imperialismo, da NATO*)

<u>MCLUHAN – “All technology can be regarded as weapons…”</u>

[**Edit**] «*Since our new electric technology is an extension of our central nervous systems, we now see all technology, including language, as a means of storing and speeding information. And in such a situation all technology can plausibly be regarded as weapons*.»

[**Original**] «*Since our new electric technology is not an extension of our bodies but of our central nervous systems, we now see all technology, including language, as a means of processing experience, a means of storing and speeding information. And in such a situation all technology can plausibly be regarded as weapons*» Marshall McLuhan (1964), Understanding Media: The Extensions of Man.

<u>Media, an Instrument of War – Target Journalists</u>.

UK – DMS (2001) – Jornalistas, inimigos do estado. O Defence Manual of Security de 2001 definia o «*enemy*» como sendo «*unwelcome publicity of any kind, and through any medium*»

<u>Jornalistas como inimigos do estado, ameaça à segurança interna</u>. «*Government assets are under threat from a variety of sources beyond those traditionally regarded as hostile or otherwise of significance in terms of national security… The main threats of this type are posed by investigative journalists, pressure groups, investigation agencies, criminal elements, disaffected staff, dishonest staff and computer hackers*»

<u>Listados lado a lado com terroristas e criminosos</u>. Num outro parágrafo, jornalistas e membros do público são listados lado a lado com organizações terroristas e criminosas, e definidos como inimigos do estado: «*The threat from subversive and terrorist organizations, criminal activity, investigative journalists, and members of the public cannot be discounted*»

"The Defence Manual of Security, JSP 440" (October, 2001), UK MoD.

PAYNE – "The media are an instrument of war".

«*The media, in the modern era, are indisputably an instrument of war… winning modern wars is as much dependent on carrying domestic and international public opinion as it is on defeating the enemy on the battlefield… Winning the media war is crucially important to Western war-planners, and increasingly sophisticated methods for doing so have been developed.*»

Kenneth Payne [BBC news producer] (Spring 2005), "The Media as an Instrument of War", PARAMETERS, US Army War College Quarterly.

[***Screenshot com "Control of the Media" e "Public Affairs as an Information Operation"***]

Estas linhas foram escritas por Kenneth Payne, produtor noticioso da BBC, para uma revista militar americana.

PETERS E PAYNE – "Murder journalists" – Barbarização social avançada.

<u>Ralph Peters – "Murder journalists"</u>. «*Although it seems unthinkable now, future wars may require censorship, news blackouts and, ultimately, military attacks on the partisan*

media… The point of all this is simple: Win. In warfare, nothing else matters. If you cannot win clean, win dirty. But win. Our victories are ultimately in humanity's interests, while our failures nourish monsters» Major Ralph Peters, "WISHFUL THINKING AND INDECISIVE WARS", Security Affairs, Spring 2009, Nr. 16

Kenneth Payne – "Target the media". «*[Targeting the Media]. If the media are present, and they are undermining the political-military strategy, it makes sense to control them. If they are behaving in a non-neutral way, it may even seem appropriate to target them… As to whether the international media have ever deliberately been violently attacked by Western forces, it is impossible for an outsider to provide a definitive answer, but it seems improbable in most conceivable circumstances. There were several episodes during the invasion of Iraq in which international media were hit by fire from coalition troops. In April 2003, a BBC team led by veteran correspondent John Simpson and traveling south toward Baghdad from Kurdish-controlled territory was hit by a bomb apparently dropped from a coalition aircraft, despite the presence nearby of US Special Forces. Earlier in the conflict, the ITN reporter Terry Lloyd was killed in uncertain circumstances while driving in southern Iraq. In the most controversial incident, US forces apparently fired on the offices of Al-Jazeera in Baghdad. In all three cases, there is no evidence of deliberate forethought. Furthermore, there was little incentive for the coalition to target the media during the invasion, even when they did not appreciate the reporting*» Kenneth Payne [BBC news producer] (Spring 2005), "The Media as an Instrument of War", PARAMETERS, US Army War College Quarterly.

Barbarização social avança. Isto representa mais um passo decisivo [crucial, fundamental] para a barbarização da nossa sociedade.

Michael Ledeen – A nova América Trotskyista, uma força de destruição.

Ledeen, neo-Trotskyista, neo-conservador, discípulo de Leo Strauss.

A nova América [Trotskyista], o império da destruição criativa.

"Destruição criativa, a nossa essência, dentro e fora".

"Destruímos velha ordem em todos os campos – não queremos estabilidade no mundo".

"Queremos desestabilizar, para assegurar a concretização da revolução democrática".

«*Creative destruction is our middle name, both within our own society and abroad. We tear down the old order every day, from business to science, literature, art, architecture, and cinema to politics and the law… We do not want stability in Iran, Iraq, Syria, Lebanon, and even Saudi Arabia.... The real issue is not whether, but how to destabilize. We have to ensure the fulfillment of the democratic revolution*» Michael Ledeen, American Enterprise Institute, 2002 – The War Against The Terror Masters (NewYork: St. Martin's, 2002, 2003), pp. 172, 216

MILANI – O bloco tripolar Irão-Paquistão-Afeganistão.

Mohsen Milani, University of South Florida. Chairman of the Department of Government and International Affairs at the University of South Florida.

Irão quer Afeganistão sem Al Qaeda e Taliban, que vê como ameaças estratégicas.

Apoia o governo Karzai.

«*Like the United States, Iran seeks a stable Afghanistan free of the Taliban and al Qaeda, which it considers a strategic menace. It also supports the government of President Hamid Karzai…*»

Irão quer ser corredor de passagem entre Golfo, Afeganistão, China, Índia, Ásia Central.

Herat é o coração industrial do Afeganistão.

Herat é também a esfera de influência Iraniana e a sua "security buffer zone".

Infraestrutura, pontes e estradas, educação, agricultura, energia, telecomunicações.

«*Iran has created a sphere of influence and a security buffer zone in the Herat region, the industrial heart of Afghanistan and its most secure region. Most of Iran's pledged reconstruction assistance, estimated at $660 million, is in Herat. Iran is now among the top five exporters and importers of goods to and from Afghanistan… to create a "sphere of influence" and a security zone in the Herat region… One of Iran's main objectives is to create an economic sphere of influence in Herat and turn it into a security buffer zone. Iran ultimately wants to become the hub for transit of goods and service between the Persian Gulf, Afghanistan, Central Asia, China and India… The bulk of Iran's reconstruction investments lie in the Herat region, and involve infrastructure projects, road and bridge construction, education, agriculture, power generation and telecommunication projects. Iran has been working on building a 176-kilometer railroad from Iran to the city of Herat. It has upgraded a tax-free trade route linking the Iranian port of Chabahar, located at the southern end of the Sistan va Balochstan province, near the Oman Sea, to the southwestern border post of Malik in Afghanistan, and to Kandahar and Kabul. The road would shorten the distance from the Persian Gulf to Afghanistan by 700 kilometers, and would significantly diminish the importance of the Karachi-Kandahar road, which is Afghanistan's traditional roadway to international waters*»

Irão pretende reduzir e controlar fluxo de narcóticos para Irão.

Clama que a Jundullah está ligada de perto ao narcotráfico.

«*To reduce and, if possible, control the flow of narcotics to Iran… Iran blames the Karzai government and the United States for failing to curb opium production. Iran is one of the major consumers of Afghan opium, and a favorite corridor for shipping narcotics to Europe and the Persian Gulf… Iran claims that Jundallah, a terrorist group responsible for killing scores of Iran's Revolutionary Guards, is closely tied to trafficking*»

De futuro, Irão continuará a ser um jogador influente no Afeganistão.

Continuará a agir na reconstrução do país e a aculturar afegãos.

É necessária abordagem regional, entre Irão, Afeganistão e Paquistão.

«*The future… Iran will continue to be an influential player in Afghanistan. As Iran's role in reconstruction of Afghanistan is likely to increase, and as more Iranian-educated Afghan refugees return to Afghanistan, Iran's influence is likely to increase in the coming years. Peace in Afghanistan is more likely to be realized through a regional approach, in which the strategic and economic interests of Iran, as well as Pakistan, are not ignored*»

[Mohsen Milani. "Iran and Afghanistan: The Iran Primer". United States Institute of Peace]

MindWar (1980) – Persuadir adversário da derrota.

MindWar (1980).

Esforço deliberado e agressivo para persuadir o inimigo que já perdeu. «*MindWar is the deliberate, aggressive convincing of all participants in a war that we will win that war… We must instill in [the enemy] a predisposition to inevitable defeat*»

Col. Paul E. Valley, Commander, Major Michael A. Aquino (1980). "US Army, From PSYOP to MindWar, The Psychology of Victory", Headquarters, 7th Psychological Operations Group, United States Army Reserve, Presidio of San Francisco, California.

MJ AKBAR – "Arc of Crisis".

Conflito ubíquo do Maghreb ao Paquistão traz uma nova ordem. M.J. Akbar, um autor muçulmano indiano observava que, para o Ocidente, a «*next confrontation… is definitely going to come from the Muslim world. It is in the sweep of the Islamic nations from the Maghreb to Pakistan that the struggle for a new world order will begin*»

M.J. Akbar, cit. in Samuel P. Huntington (1996). "The Clash of Civilizations?", *In* "The Clash of Civilizations and the Remaking of World Order". Simon & Schuster.

MoD – Targets para media ops.

O “Media Operations” do MoD lista os principais targets para media ops. Em 2008, é tornada pública a “Joint Doctrine Publication” (2007) do MoD, intitulada “Media Operations”. O documento delineava estratégias para manipular a opinião pública através do uso dos média e de líderes de opinião. Mencionava que a «*most influential target audience for Media Ops to address*» eram aqueles «*who hold disproportionate influence on the direction of government and public thinking*», tais como «*politicians and statesmen, members of ‘think-tanks’ and professional bodies, special political advisers, newspaper columnists, academics, analysts and journalists*».

Narcotráfico

Triângulo Dourado – Crescente Dourado – Afeganistão.

Circuito asiático da produção de ópio (séculos 19-21).

Índia → China → Triângulo Dourado → Crescente Dourado. No século XIX, o principal centro para produção de ópio era a Índia. Após as Guerras do Ópio, a China e a Birmânia passaram a estar bastante incluídas no circuito. A China sai por volta de 1950, altura em que o Triângulo Dourado emerge. De 1950 a 1980 é o principal centro mundial de produção de ópio e, em 1980, com as revoluções da Irmandade Muçulmana, e com a guerra Afegã-Soviética, é a vez do Crescente Dourado ascender à posição de dominância.

Crescente Dourado – Afeganistão, Irão, Paquistão. Afeganistão e Paquistão produzem ópio, Irão é um consumidor e um corredor de tráfico.

Crescente Dourado domina ópio, cannabis, exporta para o mundo inteiro. Produz mais de 2.500 toneladas de opiáceos, distribuídos para África, Europa, Ásia Central, e China ocidental, em particular a Província de Xinjiang.

Triângulo Dourado – Myanmar, Vietname, Laos, Tailândia. Quatro países do Sudeste Asiático: Myanmar (Birmânia), Vietname, Laos, Tailândia. É também a confluência entre os rios Ruak e Mekong.

Triângulo Dourado – domina mercados asiáticos. É uma área essencial de produção desde os anos 20. A heroína do Triângulo Dourado domina os mercados asiáticos.

PROVISO: Narcotráfico – Do Triângulo Dourado às ruas do Ocidente.

Produção pelas Tríades. Pelas máfias locais, as Tríades. Depois, as drogas são pagas em ouro e diamantes provindos de África.

Golfo (eixo de passagem) e Ocidente (destino final).

A nova rota da seda – drogas, armas, ouro diamantes. Ao longo de todo este eixo, circulam armas, drogas, ouro, diamantes.

Ópio afegão é um negócio florescente (1).

Em 2001, a produção pára, com proibição talibã.

Depois da invasão, produção volta a explodir.

The British – "Oh chaps, we've messed up again!" De falhanço em falhanço até aos lucros finais – ler este artigo, "UN horrified by surge in opium trade in Helmand". Declan Walsh, The Guardian, August 28, 2007]. Ainda: "*In December 2001, a number of prominent Afghans met in Bonn, Germany, under United Nations (UN) auspices to develop a plan to reestablish the State of Afghanistan, including provisions for a new constitution and national elections. As part of that agreement, the United Kingdom (UK) was designated the lead country in addressing counter-narcotics issues in Afghanistan*". É preciso uma certa dose de fleuma britânica para colocar oficiais e tropas de um Império que prosperou, e prospera, à base de narcóticos, a combater narcotráfico.

Ópio afegão é um negócio florescente (2).

Drogas afegãs fluem nas ruas da Rússia, da Europa e da América. São os talibans, que trazem as drogas com tapetes voadores, certamente.

Karzai e elite local, narcotraficantes. Na prática, os principais produtores e traficantes de ópio na região são os senhores da guerra apoiados pela NATO. Estes senhores da guerra tornaram-se a elite governante local, com pleno apoio do ocidente. [Karzai said to have a fondness for opium, heroin]

Durante a guerra do Afeganistão, acontece o 'Airlift of Evil'. [The 'Airlift of Evil' - CFR OpEd – Airlift of Evil – Airlift of Evil2]

Taliban recebem dinheiro de ajuda externa. Os Taliban ficam com uma boa parte do dinheiro de ajuda externa que chega ao país. [Who is funding the Afghan Taliban - You don't want to know]

Artigos. [Much Of Afghan Drug Money Going To 'Our Friends' – Obama and Afghanistan - America's Drug-Corrupted War – Flood of Afghan heroin fuels drug plague in Russia]

Ópio afegão é um negócio florescente (3) – VÍDEO.

PD SCOTT – Região produz 70% ópio mundial, Karzai líder narcotráfico

peter dale scott - opium trading from Afghanistan (Região responsável por 70% do ópio vendido pelo mundo fora. O maior líder do narcotráfico na região é o irmão de Karzai)

ABELLA – No Afeganistão, a proteger um governo de narcotraficantes

Alex Abella – Entrevista (Porque é que estamos no Afeganistão? A proteger um governo corrupto, que produz drogas que acabam nas ruas da América?)

WATT – Crown Corporations – Birmânia – Narcodólares sustentam bancos.

AWAfeganistãoÓpio: Britain was the country that ran opium during the 1800s, through Crown Corporations. In the 20s, politicians in Parliament questioned the way the British taxpayers were paying for troops, railway lines, etc, and to guard poppyfields in Burma. They're still at it today, of course. Quando Bush invadiu o Afeganistão, um dos seus primeiros actos foi o de liberalizar a papoila. Muitos bancos ocidentais iriam ao fundo, se não pudessem lavar esse dinheiro através deles.

- *AWAfeganistãoÓpio*

alan watt – apr26 - opium, afghanistan (quando bush liberalizou a papoila – muitos bancos iriam ao fundo se não pudessem lavar esse dinheiro através deles – até o canadá)

apr26 - britain, opium sec19 (Britain the country that ran opium during the 1800s – Parliament, politician questions how taxpayers of Britain were paying for troops, railway lines, etc, to guard poppyfields in Burma – Crown Corporation)

apr26 - opium, afghanistan, banks, Canada (Bush – legalization of opium – big banks would crumble if they couldn't launder the cash through)

may1 - british opium (1920s, opium fields throughout burma – still at it today, of course)

Afeganistão, um narco-estado – SSI (2007).

Economia afegã altamente dependente de ópio.

Em 2006, colheita correspondeu a 35% do PIB.

O narcotráfico tornou-se a principal fonte de emprego, capital, base económica.

Hoje, 2.9M afegãos (10% da população) estão dependentes deste negócio.

«*Afghanistan's economy has thus evolved to the point where it is now highly dependent on opium. Although less than 4 percent of arable land in Afghanistan was used for opium poppy cultivation in 2006, revenue from the harvest brought in over $3 billion—more than 35 percent of the country's total gross national product (GNP)… Opium poppy cultivation, processing, and transport have become Afghanistan's top employers, its main source of capital, and the principal base of its economy. Today, a record 2.9 million Afghanis from 28 of 34 provinces are involved in opium cultivation in some way, which represents nearly 10 percent of the population*»

Oficiais governamentais envolvidos num mínimo de 70% do narcotráfico.

No Ministério do Interior, narcotráfico é endémico.

Oficiais capturados são simplesmente realocados para outros postos.

Vários dos "warlords" afegãos são também "drug-lords".

Muitos destes "drug-lords" são indivíduos que cooperaram com EUA em 2001.

«*Afghan government officials are now believed to be involved in at least 70 percent of opium trafficking… When referring to Afghanistan's Ministry of Interior, Syed Ikramuddin, Afghan's Minister of Labor, said: "Except for the Minister of Interior himself, all the lower people from the heads of department down are involved in supporting drug smuggling." For example, in a single raid, nine tons of opium were recovered from the offices of the Governor of Afghan's Helmand Province. While the governor was eventually replaced, no punitive action was taken against him, and he moved on to a high-level position in parliament. This case is not unusual, with corrupt officials routinely being simply reassigned rather than removed from office. For many of Afghanistan's warlords, the opium trade brings money and power. Therefore, several of Afghanistan's powerful warlords are also top drug-lords. In some cases, these warlords are the same individuals who cooperated with the United States in ousting the Taliban in 2001*» Glaze, John A. (2007). "Opium and Afghanistan: Reassessing U.S. Counternarcotics Strategy". Strategic Studies Institute, U.S. Army War College.

UNODC – Os circuitos globais do ópio e da coca.

UNODC – Circuito internacional de ópio.

Produção global de ópio, 7000 ton em 2011.

Produção concentrada em Afeganistão e Myanmar (Birmânia).

Afeganistão é 88%, Myanmar é 6%, do total global.

Historial de países produtores – China, Tailândia, Birmânia, Lao, Afeganistão. «*Global opium production amounted to 7,000 tons in 2011. That is more than a fifth less than the peak of 2007 but an increase from the low level of 2010, the year in which a plant disease destroyed almost half of the opium harvest in Afghanistan, which continues to be the world's biggest producer… Today, illicit opium production is concentrated in Afghanistan and Myanmar, which together account for more than 90 per cent of the world total… Over the period 2005-2010 Afghanistan accounted, on average, for 88 per cent of global opium production and Myanmar for 6 per cent… Following the cessation*

of opium production in mainland China in the early 1950s, production shifted to South-East Asian countries, including Thailand, Burma (now Myanmar) and Laos (today's Lao People's Democratic Republic)… Myanmar remained the world's largest illicit opium producer until the early 1990s, when it was overtaken by Afghanistan… Afghanistan has remained the world's top illicit opium producer since then, as Myanmar's opium production declined steeply over the period 1996-2006, before starting to rise again thereafter…» ["World Drug Report 2012". United Nations Office on Drugs and Crime (UNODC). United Nations, New York]

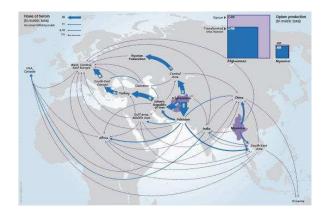
Rota Balkânica – Paquistão, Irão, Turquia, Balcãs, Europa ocidental. «*…the prominent Balkan route was established in the 1980s and is still used today. The Balkan route starts with the shipment of Afghan opiates through Pakistan and the Islamic Republic of Iran into Turkey. The drugs are then shipped onwards through the Balkans and into Western Europe, where they are distributed and consumed*» ["World Drug Report 2012". United Nations Office on Drugs and Crime (UNODC). United Nations, New York]

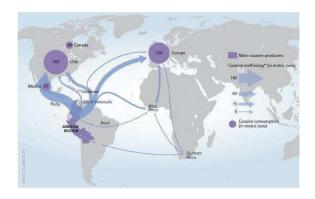
Rota do Norte – para Kazaquistão, Federação Russa (2012a). «*The northern route runs mainly through Tajikistan and Kyrgyzstan (or Uzbekistan or Turkmenistan) to Kazakhstan and the Russian Federation*» "Drug trafficking". United Nations Office on Drugs and Crime, 2012 [http://www.unodc.org/unodc/en/drug-trafficking/index.html].

Europa Ocidental, Sudeste Asiático, Oceânia – consumo estabilizou ou declinou.

Sudoeste Asiático, Europa de Leste, África – consumo aumentou. «*Heroin consumption in Western Europe, for long the key illicit market for heroin, has been stabilizing or declining over the past decade. The same is true for heroin consumption in parts of South-East Asia and for Oceania, where illicit drug use declined strongly after 2001 and remained at the lower levels thereafter. South-West Asia and Eastern Europe, in contrast, have experienced rising levels of drug use over the past few decades. In recent years, heroin consumption also appears to have been increasing in Africa*» ["World Drug Report 2012". United Nations Office on Drugs and Crime (UNODC). United Nations, New York]

UNODC – Circuito internacional de coca.

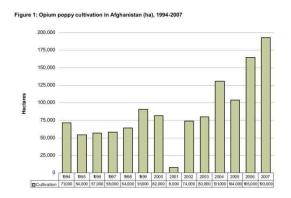
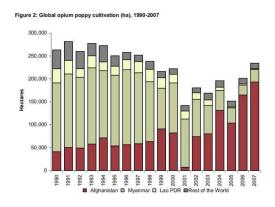
Declínio na América do Norte – Aumento na Europa e América do Sul. «*Significant declines in cocaine consumption in North America have been offset in part by rising consumption levels in Europe and South America, though recent data for South America also show a decline in several countries of the Southern Cone*» ["World Drug Report 2012". United Nations Office on Drugs and Crime (UNODC). United Nations, New York]

Historial da produção de coca. «*The total area under coca bush cultivation in the world fell by 18 per cent between 2007 and 2010 and by 33 per cent since 2000… Coca leaf*

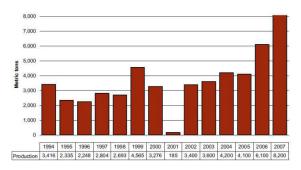
production increased considerably in the 1980s, when it was concentrated mainly in Peru, followed by Bolivia. That changed during the mid-1990s, and the two key producing countries were Colombia and Peru. Coca bush cultivation — and thus coca leaf production — declined, in particular in Peru, in the late 1990s, whereas coca leaf production in Colombia increased markedly. The total area under coca bush cultivation thus stabilized, at a high level, in the 1990s… In 2010, Colombia and Peru each accounted for some 40 per cent of the total area under coca bush cultivation worldwide, and the Plurinational State of Bolivia accounted for the remaining 20 per cent. Like the area under coca bush cultivation, cocaine production increased substantially in the 1980s. In contrast to the area under coca bush cultivation, however, cocaine production continued to grow over the next 20 years, though at a slower pace. Improved yields and laboratory efficiency meant that decreases in coca bush cultivation did not translate into lower cocaine production. Significant increases in seizures largely offset the growth in cocaine production, however, and an actual decline in cocaine output was noted between 2007 and 2010» [“World Drug Report 2012”. United Nations Office on Drugs and Crime (UNODC). United Nations, New York]

Rota da coca sul-americana (2012b). «*For the North American market, cocaine is typically transported from Colombia to Mexico or Central America by sea and then onwards by land to the United States and Canada. Cocaine is trafficked to Europe mostly by sea, often in container shipments. Colombia remains the main source of the cocaine found in Europe, but direct shipments from Peru and the Plurinational State of Bolivia are far more common than in the United States market*» [“Drug trafficking”. United Nations Office on Drugs and Crime, 2012 (http://www.unodc.org/unodc/en/drug-trafficking/index.html)]

UNODC – Ópio e coca [gráficos].

“Global Heroin Flows” (45). [“World Drug Report 2010”. United Nations Office on Drugs and Crime (UNODC). United Nations, New York]

“Global Cocaine Flows” (70). [“World Drug Report 2010”. United Nations Office on Drugs and Crime (UNODC). United Nations, New York]

Opium poppy cultivation in Afghanistan (ha), 1994-2007 (3). ["Afghanistan: 2007 Annual Opium Poppy Survey". United Nations Office on Drugs and Crime (UNODC)]

Global opium poppy cultivation (ha), 1990-2007 (4). ["Afghanistan: 2007 Annual Opium Poppy Survey". United Nations Office on Drugs and Crime (UNODC)]

Potential opium production in Afghanistan (metric tons), 1994-2007 (7). ["Afghanistan: 2007 Annual Opium Poppy Survey". United Nations Office on Drugs and Crime (UNODC)]

	1994	1995	1996	1997	1998	1999	2000	2001	2002	2003	2004	2005	2006	2007
Production	3,416	2,335	2,248	2,804	2,693	4,565	3,276	185	3,400	3,600	4,200	4,100	6,100	8,200

Lavagem bancária de dinheiro.

CAF – Wall Street narcotrafficking – War of drugs.

A economia EUA lava entre 500B a 1T de dinheiro sujo por ano.

Se isso parasse, fundos mútuos cairiam, dívida seria agravada, impostos aumentariam.

Drogas produzem lucros – guerra contra as drogas produz outros lucros.

Logo, um dos maiores negócios do país é o genocídio das nossas crianças.

(**CAF – 20:30**) The US economy launders 500B to 1T dirty money per year. What would happen if we stopped? Mutual funds would go down, there would be trouble financing the debt, and taxes would have to go up. Um dos maiores negócios em qualquer terra é o narcotráfico. E, depois, o governo tem uma guerra contra as drogas que faz dinheiro a outros. Portanto, um dos maiores negócios no país é o genocídio das nossas crianças.

UNODC – Depressão, 2008 – Bancos salvos por narcotráfico [limited hangout].

Em muitos casos, dinheiro de narcotráfico foi o único capital de investimento líquido.

Liquidez de capitais particularmente vital na segunda metade de 2008.

$352B são efectivamente lavados e absorvidos.

Antonio Maria Costa, chefe do UN Office on Drugs and Crime, disse que alguns dos lucros do crime organizado foram «*the only liquid investment capital*» disponível a alguns bancos à beira do colapso durante o ano de 2008. «*In many instances, the money*

from drugs was the only liquid investment capital. In the second half of 2008, liquidity was the banking system's main problem and hence liquid capital became an important factor». Cerca de $352B (£216B) de lucros de narcóticos teriam sido absorvidos no sistema económico, efectivamente lavados, em resultado disto.

Influxo de capital salva alguns bancos de colapso, financia empréstimos inter-bancários.

Acontece em fase de congelamento de liquidez.

Liquidização progressiva do sistema (bailouts, estímulos) minimiza problema.

Algumas das provas colocadas perante o gabinete de Costa indicavam que dinheiro de narcotráfico estava a ser usado para salvar alguns bancos do colapso, à medida que o fluxo de capitais financeiros começava a congelar. «*Inter-bank loans were funded by money that originated from the drugs trade and other illegal activities... There were signs that some banks were rescued that way… That was the moment [last year] when the system was basically paralysed because of the unwillingness of banks to lend money to one another. The progressive liquidisation to the system and the progressive improvement by some banks of their share values [has meant that] the problem [of illegal money] has become much less serious than it was*»

UNODC não identifica bancos e países responsáveis. Costa recusou-se a identificar países ou bancos que possam ter recebido dinheiro de narcóticos, afirmando que isso seria inapropriado, porque o seu gabinete tem a função de resolver o problema, e não de atribuir culpas.

British Bankers Association indignada com intoleráveis alegações. A força que mais indignada se mostrou com as afirmações de Costa foi a British Bankers Association: «*We have not been party to any regulatory dialogue that would support a theory of this kind. There was clearly a lack of liquidity in the system and to a large degree this was filled by the intervention of central banks*» ["Drug money saved banks in global crisis, claims UN advisor", Rajeev Syal, The Observer, December 13, 2009]

Artigos. "Drug money saved banks in global crisis, claims UN advisor", Rajeev Syal, The Observer, December 13, 2009 – UN crime chief says drug money flowed into banks

The Future.

I've seen the future baby, it's got candy [narco-Mónaco vs São Paulo].

Proliferação de psicoactivos.

Entretenimento, alienação, "educação", trabalho civil, funções militares.

Amsterdam meets Jamaica on the cocaine bar, then they drink shots and take Ritalin. Temos a continuação da profusão de drogas legais, sob ideias como alienação, resolução de perturbações, melhoramentos de desempenho. O leque das drogas legais (ou, no mínimo, não ilegais) aumenta progressivamente, sob neo-liberalismo e corporate governance. O modelo Amsterdão funde-se com o modelo Jamaica para dar origem à comunidade narcotizada do século 21. A liberalização de drogas intensifica-se com o colapso da estrutura sócio-económica, e encontra a sua consagração na formação de "ilhas neo-feudais", pequenos narco-Mónacos, no seio de "ex-países" e megacidades.

War on drugs, for non-dues paying junkies. Fora dos redutos neo-feudais, temos a circulação e consumo de drogas de todo o género, mas é evidente que aqui o modelo São Paulo predomina, acompanhando a degradação geral da sociedade. Portanto, drogas duras toleradas em narco-Mónacos são perseguidas com tanques, drones e SWAT teams fora deles, nos bairros devolutos das megacidades. Drogas "farmacêuticas" e álcool continuam a ser tolerados, e é evidente que a perseguição a drogas duras per se só é eficaz o suficiente para gerar repressão e violência – nunca para combater, ou estancar, a circulação e o consumo.

Narcóticos [smartshops – Guerras do Ópio – aldeia global]

Carta enviada a imprensa sobre "drogas legais", smartshops.

China, benchmark para a aldeia global [comuna laboral global].

Narcóticos, uma arma contra a população de um país.

O uso de ópio como arma por free trade britânico.

O desmantelamento da China imperial.

Guerras do Ópio lançam standard de organização de um circuito de narcotráfico.

A ascensão do regime criminoso de Mao.

Carta enviada a imprensa sobre "drogas legais", smartshops. É a nova moda adolescente – aquilo que adolescentes fazem quando querem "fazer parte", e uma diversão entre tantas outras. Expansão mental, catarse, libertação dos sentidos. Cores e psicadelismo. O luxuriante glamour da dependência, Huxley e os Grateful Dead. Psicose e morte – a fronteira final. É tudo muito engraçado, e é tudo muito estimulante. E é possível que também estimule a economia – diz o pirata no Yellow Submarine. A fantasia não é o mundo real, e o mundo real é um sítio sério. No mundo real, são incrivelmente aditivas e destrutivas. Já causam, e continuarão a causar, danos irreparáveis sobre milhares de vidas. O cérebro é devastado, enquanto o indivíduo "se liberta" no estupor alucinogénico da sua própria necrose neuronal – a morte química lenta das suas capacidades de pensar, reflectir, sentir, agir. Estas drogas não são produtos de supermercado. São compostos complexos profissionalmente sintetizados em laboratório. Rotulá-las de "drogas legais" é um eufemismo obscurantista e, até, criminoso. Estamos a lidar com vidas reais e com prejuízos reais, e é preciso chamar as coisas pelos nomes: drogas, narcóticos, estupefacientes, veículos de destruição humana e civilizacional. Uma investigação completa sobre este assunto tem de documentar os danos extensivos provocados pelo consumo destes estupefacientes, especialmente quando falamos de adolescentes. Também tem de identificar e nomear publicamente *todos* os actores envolvidos no circuito: fontes de crédito, centros de decisão, produtores, distribuidores. Qualquer circuito (ilegal ou para-legal) de comércio de estupefacientes envolve inevitavelmente uma vasta rede de pessoas e de organizações. Há ainda que questionar directamente as forças de segurança sobre quais são os esforços conduzidos pela República Portuguesa para fechar este circuito – obviamente hostil – de comércio de substâncias tóxicas.

Narcóticos, uma arma contra a população de um país.

Venda livre de estupefacientes: arma de envenenamento e subversão. Existem excelentes motivos que justificam a existência de leis contra a venda livre de estupefacientes – afinal de contas, são estupefacientes, i.e. compostos estuporantes, imbecilizantes, venenosos. É uma questão de mero bom senso que um estado soberano procure proteger a sua própria população – especialmente os que ainda não têm a capacidade mental para decidir por si – contra o consumo destas drogas. Mas é sempre bom que olhemos para os precedentes históricos e, se o fizermos neste caso, vamos descobrir que, há décadas atrás, era bastante comum que estadistas e legisladores usassem termos tão carregados como *subversão* e *desmoralização* para descrever os efeitos pretendidos pelo tráfico de narcóticos.

Degradar população, torná-la abúlica, imbecilizada, subjugá-la. Com efeito, a livre circulação de estupefacientes era vista como uma instância hostil, uma forma de guerra, comparável a uma campanha de guerra psicológica; um dos muitos modos pelos quais uma população podia ser degradada, tornada abúlica, imbecilizada e, portanto, tornada mais facilmente subjugável por actores hostis.

O uso de ópio como arma por free trade britânico.

Arma essencial no aparato de guerra económica do Império Britânico ["free trade"]. Se formos bem a fundo nesta questão, vamos descobrir ainda que o uso de narcóticos como arma de subversão era visto como uma espécie de companheiro inevitável de um sistema particularmente perverso de guerra económica – um sistema celebrizado pelos britânicos, durante o Império. Este sistema era geralmente conhecido como "pirataria económica", visto como a extensão económica lógica das velhas práticas corsárias britânicas, mas o nome técnico é "free trade".

Desregulação – Guerra económica – Subdesenvolvimento – Destruição da classe média.

Privatização de recursos – Subserviência política – Comuna laboral. "Free trade" era o sistema pelo qual a alta finança da City, em Londres, persuadia friamente um país a desregular e a desproteger os seus mercados, apenas como forma de, mais tarde, desmantelar e anexar a economia desse país, através de instrumentos como dumping, manipulação bolsista, cartelização, acumulação de dívida. Era bastante mais posh e "humanitário" do que enviar os Royal Marines e, quando o processo tinha atingido os seus fins, o país competidor tinha deixado de ser um país. Era um pobre destroço subdesenvolvido (ou de-desenvolvido), sufocado por dívida, politicamente subserviente. A classe média tinha sido destruída, os recursos naturais tinham sido privatizados, as instituições tinham sido desmanteladas ou cooptadas, e o nível de vida médio tinha decaído para o nível da comuna laboral – a plantação de escravos. Regra geral, o consumo de narcóticos (ópio) era encorajado durante todo o processo de declínio, como forma de acelerar a corrida para o fundo.

O desmantelamento da China imperial [ópio, "gestão de crise", subversão cultural].

Lord Palmerston, um estratega de desestabilização e desmantelamento, para a City. Um dos exemplos mais expressivos deste modo de fazer as coisas é a desintegração da China imperial, uma obra dos oligarcas financeiros da City de Londres, e uma expressão da táctica de "destruição universal" avançada por Lord Palmerston, o ideólogo histórico do Foreign Office. Lord Palmerston era um homem bastante sombrio e ávido, que vivia obcecado com tácticas de consolidação imperial, desestabilização geopolítica, e balcanização étnica e ideológica. Foi directamente responsável por muita da destruição civilizacional e humana verificada no seu tempo, e a influência das suas ideias, métodos, e dos movimentos sócio-políticos que lançou, continua a fazer-se sentir nos dias de hoje – talvez até mais demarcadamente do que em qualquer altura anterior.

Desmantelar e comprar ao preço da chuva. O objectivo expresso para a China era o de a desmantelar totalmente – desmantelamento económico, político, social, cultural – e, depois, adquirir por meia dúzia de libras tudo o que tivesse algum valor.

Guerras do Ópio, um momento legalize, seguido de psicadelismo civilizacional. O processo começa com as Guerras do Ópio, pelas quais a China foi forçada a ceder territórios e concessões, e a autorizar a entrada de ópio britânico nos seus portos. As Guerras do Ópio são o primeiro movimento *legalize* da História, patrocinado por Sua Majestade, imposto pelos canhões flamejantes da Royal Navy. A partir daí, o caminho foi bastante psicadélico, uma espiral descendente contínua e, na primeira década do século 20, a China já se tinha tornado uma miserável sombra de si mesma, dependente dos seus próprios abusadores, um pobre destroço desancorado à deriva no fluxo dos acontecimentos.

ICBAC e "gestão de crise" sobre China: austeridade, agravamento de dívida, privatização. Em 1913, vamos encontrar este pobre país num canto sujo, despojado de toda e qualquer soberania nacional, em bancarrota, e sob a "gestão de crise" do ICBAC (International Consortium of Bankers for the Assistance of China), uma agência internacional representando interesses puramente privados – HSBC e JP Morgan entre os nomes mais notórios. Este ICBAC propôs-se a corrigir a dívida nacional chinesa através de um programa brutal de agravamento de dívida, austeridade fiscal, privatização de instituições e de território. O resultado previsível desse "programa de recuperação" era, à partida, precisamente aquilo que veio a acontecer – a destruição definitiva da economia, e do próprio país.

Subversão da China: Veneno opiáceo e veneno cultural (daoísmo, existencialismo). Antes das Guerras do Ópio, o chinês médio era um Confuciano civilizado, responsável e socialmente activo. Isto não era um perfil aceitável para um programa de degradação a toda a linha. Havia que pegar nestes nativos e transformá-los numa população colonial apropriada: nihilistas apáticos, imbecilizados, desinteressados, moralmente degradados. Sete décadas de infusão massiva de ópio nas metrópoles chinesas foram determinantes em provocar essa degeneração intelectual e moral, e proporcionaram o bónus acrescido de uma generalização de toxicodependência, e a expansão drástica do crime organizado. Ao mesmo tempo, os imperialistas gastaram fortunas (em receitas de ópio e não só) para lançar toda uma indústria cultural que avançasse um programa radical de degradação psico-cultural. Autores foram promovidos como estrelas, redes de escolas alternativas foram montadas, panfletos e livros

foram publicados em massa. Os conteúdos escolhidos para este empreendimento foram a promoção de darwinismo social, existencialismo, e também daoísmo, escolhido para o efeito pelo seu notório "pragmatismo moral" (i.e., amoralidade).

Guerras do Ópio lançam standard de organização de um circuito de narcotráfico.

O standard para a organização de um circuito de tráfico de narcóticos. O tráfico de ópio na China, das Guerras do Ópio em diante, lançou o paradigma essencial para a organização de um circuito de tráfico de narcóticos. O modelo de operação é geralmente invariante desde então, quer estejamos a falar de ópio, heroína, crack, ou até muitos negócios "legais". Vale a pena apresentar esse modelo geral.

(a) Bancos coordenadores [e.g. HSBC]. Por norma, existe um (ou mais, vários) banco coordenador, a cabeça das operações, geralmente uma banco comercial que opera em subserviência a uma ou mais firmas de investimento. Nesta era, a coordenação era feita pelo HongShang Bank, precursor da HSBC. O banco coordenador actua sempre em parceria com um conjunto de entidades: trust funds, oficiais governamentais domésticos e estrangeiros, núcleos privatizados de intelligence. Este complexo geral é a cabeça das operações. É a entidade a denunciar, expor, fechar. Não se ganha nada quando se perseguem os tentáculos do polvo (distribuidores nacionais, traficantes de rua, e por aí fora); estas redes são desmanteladas a partir da cabeça.

(b) Companhias subsidiárias especializadas [e.g. Jardine & Mateson]. Depois, temos uma segunda linha de companhias mercantis, que se ocupam da produção e circulação de substâncias. Na altura das Guerras do Ópio, este papel era desempenhado por várias subsidiárias da British East India Co ("a mãe de todas as multinacionais") – a Jardine & Mateson teve um certo destaque neste papel, durante as Guerras do Ópio.

(c) Redes de crime organizado na comunidade [e.g. Tríades]. Nesta altura, as grandes parceiras comerciais do HongShang eram as Sociedades da Terra e do Céu (Tríades). A logística e a distribuição local são sempre feitas em conexão com "redes comunitárias locais" – gangs criminosos e máfias. O crime organizado é o melhor parceiro de negócios que o dinheiro pode comprar, nestas e noutras venturas: tem poder e influência sobre a comunidade, sabe manter segredos, e está sempre disponível para fazer os trabalhos que mais ninguém aceitaria.

(d) Lavagem de dinheiro em bens, negócios de fachada. Nesta altura, a lavagem de dinheiro era feita por meio de ouro e diamantes. A partir dos 1880s temos as grandes holdings mineiras de Cecil Rhodes em África a jogar um papel determinante em tudo isto, e a lançar o papel que o continente africano tem tido desde então, como fonte de recursos minerais para suportar o tráfico global de narcóticos. O sistema de ouro e diamantes persevera até aos dias de hoje, em conjunto com jogos financeiros offshore, cartões de crédito, casinos, especulação e fraude imobiliária, e por aí fora.

A ascensão do regime criminoso de Mao.

<u>Ópio, gestão de crise, saque organizado, desfazem a face da China</u>. O ópio foi uma das muitas armas usadas contra a China e contra o povo chinês. A "gestão de crise" de 1913 e anos subsequentes foi um fracasso deliberado que permitiu o saque económico do país por interesses multinacionais. Os resultados óbvios do programa de recuperação (austeridade, privatizações selvagens, expansão de dívida) foram miséria e desespero social, escravatura "coolie", partições territoriais, neo-feudalismo e, mais tarde, conflitos étnicos e guerra civil.

<u>Fragmentação do país abre portas a posterior brutalidade maoísta</u>. Este percurso de destruição preparou o terreno para um regime totalitário que preencheu a terra de actos de traição, comunas sub-humanas, campos de concentração, valas comuns. Sob este regime, o jovem chinês médio era um fanático barbarizado, preparado para purgar o mundo para a utopia, denúncia após denúncia, execução após execução – incluindo sobre os próprios pais, amigos e colegas.

<u>Destruição cultural e um livro da cor do sangue</u>. O chinês médio que tinha dominado os séculos anteriores era um Confuciano moral e civilizado; na posse de ciência e tecnologia superior, teria sido um contribuidor vital para a construção de um mundo melhor. Em vez disso, era agora uma memória indesejada, uma relíquia ferrugenta do passado, deitado no caixote de lixo da História reescrita. Cem anos tinham bastado para o substituir por bisnetos bestializados, mentalmente programados com slogans pomposos e vácuos, tirados de um livrinho da cor do sangue.

China, benchmark para a aldeia global [comuna laboral global].

<u>"Reconstrução" da China por multinacionais – China, benchmark para free trade global</u>. Estes bisnetos completaram o longo processo de destruição da China e abriram as portas à "reconstrução" do país. Essa reconstrução foi levada a cabo por consórcios multinacionais, assentou em brutalidade e escravatura, e esse é, ainda hoje, o registo normal no país. Neste momento, é-nos dito que é com esse modelo que temos de competir, sob o sistema de "free trade" global. Porque, não obstante as lições do passado, estamos sob "free trade" global – FMI, OMC, GATT, Banco Mundial. Ao mesmo tempo, "free trade" tornou-se uma espécie de ideal sintético, algo de desejável porque parece soar bem, elevado até ao estatuto de um imperativo categórico, algo mais importante que o nível de vida – ou a sobrevivência – do ser humano médio.

<u>Competir com China – como se compete com o abismo? Caíndo ao abismo [plantação global]</u>. Sob "free trade" global, temos de competir com a China. Como é que se compete com devastação, brutalidade e escravatura? Bom, sob os termos de "free trade" e "harmonização global", não existe qualquer opção ou alternativa – tem, inevitavelmente, de se usar devastação, brutalidade e escravatura. A corrida para o fundo. O processo é gradual, a queda é lenta mas segura, e ainda há muito para cair. Em nome do ideal de "free trade", que é um mero eufemismo para o livre saque do planeta por uma mão cheia de corsários na alta finança.

E é isso que era aprovado por David Ricardo, Jeremy Bentham, Maynard Keynes e a LSE, Aurelio Peccei, e tantos outros ideólogos da aldeia global – na prática, será a plantação global, se permitirmos que as ideias destas pessoas vençam sobre a civilização humana.

NATO, dominância global e o mundo tripolar

NATO – Dominância global e a "responsabilidade de proteger".

Doutrina estratégica – "Dominância global de espectro total". A NATO tem vindo a desenvolver uma doutrina estratégica que almeja dominância militar de espectro total e global.

Essencial aqui é "the responsability to protect". A hegemonia NATO é expandida sob a ideia da "responsabilidade de proteger", um tipo de demagogia que sanciona intervenção militar generalizada em cada sítio e situação onde haja algo ou alguém declarado "em risco", a necessitar de "protecção". Ou seja, expansionismo ilimitado, no tempo e no espaço. Este argumento da "responsabilidade de proteger" é especificado pela United Nations General Assembly Resolution 63/308, adoptada após o July Debate 2009 da "International Coalition For The Responsibility to Protect".

Com Separate Contract, NATO torna-se uma "força policial global". Após a ratificação do Separate Contract entre NATO e ONU, a coligação NATO assume oficialmente o papel de um género de polícia militar internacional, uma "força policial global".

O mundo tripolar – Cerco estratégico NATO a Rússia e China.

Sistema de defesa anti-balístico – Europa Central e do Sul. Anti Ballistic Missile Defense System, estacionado nestes enclaves europeus.

Expansão NATO para Leste e Ásia Central. Estacionamento de tropas em antigas Repúblicas Soviéticas. De um lado temos o antigo Bloco de Leste: Letónia, Lituânia, Estónia, Polónia, Ucrânia. Pelo outro lado, temos o estacionamento de tropas ao longo da Ásia Central ex-soviética: Geórgia, Azerbaijão, Uzbequistão, Kazaquistão, Tajiquistão. A isto, adicione-se Afeganistão, Paquistão, Iraque, Golfo, Norte de África.

Bases e forças de operações especiais ao longo de toda a Eurásia.

Apoio extensivo a militantes radicalizados contra Rússia e China. Treino, financiamento e armamento de grupos islâmicos e nacionalistas radicalizados, bem como outras organizações que possam ser dirigidas contra Rússia e China.

→ Jugoslávia, Chechnya, Ossétia, Daguestão, Ingushetia, etc. Como exemplos, temos a guerra NATO contra a Jugoslávia, envolvendo o uso extensivo de intelligence NATO e forças mercenárias, incluíndo a al-Qaeda. Depois, apoio europeu e americano aos militantes chechenos, bem como aos insurgentes no Daguestão, Ossétia do norte, Ingushetia, e a nacionalistas militantes georgianos na Ossétia do sul.

Golpes pós-modernos – da Ucrânia ao Sudeste asiático. Fabricação de golpes pós-modernos e revoluções de cor, da Ucrânia ao Médio Oriente em geral, e ao Sudeste e Nordeste asiáticos.

O mundo tripolar – O mapa mundi da tripolaridade pós-moderna.

Três grandes pólos militares – NATO, Rússia, China. Na prática, um mapa do mundo terá 3 grandes centros: Espaço Transatlântico, Rússia, China.

Espaços intermédios e periféricos, palcos para proxy wars. Os espaços intermédios e periféricos – Europa de Leste, faixa central da Ásia Central, até Índia, Paquistão e Sudeste asiático – tornam-se espaços para choques e guerras de influência usando forças surrogadas. O mesmo acontece com África, especialmente.

O cenário MoD 2040. Que prevê inúmeras proxy wars entre blocos daqui a 2040.

NIC (2004) – “O grande arco de instabilidade”, de África até Sudeste Asiático.

Da Mauritânia até à Malásia. «*...a great arc of instability from Sub-Saharan Africa, through North Africa, into the Middle East, the Balkans, the Caucasus and South and Central Asia and through parts of Southeast Asia*» – National Intelligence Council (2004), “*Mapping the Global Future*”, Report of the NIC’s 2020 Project

O futuro do "Arc of Crisis".

Derrubar todo o Crescente, o "arco de crise" – Califado.

Ideias venenosas, para unir vontades e manter conflitos vivos. O fundamentalismo islâmico vai desempenhar um papel central em tudo isto.

Ideia do Califado usada para unir mundo islâmico. Vai ser usada a ideia do califado unido para unir vontades entre o Cáspio e o Mar Negro; e, depois, os vários grupos militantes envolvidos nas revoluções e rebeliões serão atraiçoados.

Redefinição geopolítica a toda a linha – modelo de Peters. Enquanto isso estiver a acontecer, teremos a redefinição geopolítica da região a toda a linha, seguindo por alto o modelo apresentado por Peters.

Mini-estados, cidades-estado, regiões híbridas, sob governância internacional. Região organizada em cidades-estado, centros de produção, mini-estados, regiões híbridas, sob governância internacional.

Bloco de passagem entre UE e ASEAN – Médio Oriente bipolar. O Médio Oriente futuro como centro de extracção de recursos naturais e eixo de passagem, entre UE alargada e o bloco asiático, APEC/ASEAN. O Médio Oriente será bipolar, bipartido entre um bloco sunita dirigido por Turquia e Egipto, e um bloco xiita dirigido por Irão.

Equiparação com África: conflito permanente, mercenários, ONGs. Dividir para reinar, ONGs para gerir a miséria e a destituição, centros de produção guardados por mercenários armados enquanto, em redor, as pessoas se matam entre si.

Estado geral de conflito. Estado generalizado de revolução, convulsões sociais e conflito armado.

Barry from England – "Sophisticated takedown of Islam"

may13 - barry from england - sophisticated takedown of islam (a usar o islão como um veículo temporário para tomar conta da região)

Norte de África, o México da Europa.

Protectorado comercial e militar UE. O Norte de África será um protectorado da UE, o México da Europa.

Vai exportar violência, pirataria, pobreza, emigração em massa.

Tampões quebram, migrações em massa – Combates navais – Defesa marítima UE.

Os tampões para migrações deixam de existir, e a UE responde com uma defesa marítima comum. Com o aumento da volatilidade e a queda dos regimes do Norte de África, os tampões para migrações em massa deixam de existir. É precisamente por isso que a UE já está a criar uma defesa marítima comum para o Mediterrâneo: vai voltar a ser normal haver combates navais no Mar Interior. [North African refugees mass at the Paris gateway to Britain]

ATTALI – "Norte de África redefinido como estância de férias". «*Dezenas de milhões de reformados irão viver em países de clima mais ameno e com um custo de vida menos elevado, em particular no Norte de África. Cidades inteiras serão construídas para os recém-chegados...*» (p. 138) Jacques Attali, "Uma Breve História do Futuro" (2006)

PAN-ISLAMISMO – As ideias essenciais.

Transnacionalismo e o Califado.

Pan-Islamismo, o Califado. O mundo islâmico, a Umma, não tem, nem pode ter fronteiras. O objectivo é o Califado, uma grande organização imperial que substitui os estados-nação do Médio Oriente, e que se estende da Ásia Central à Península Ibérica, e para sul para as regiões indígenas de África.

Rejeição do estado-nação. O pan-islamista aborrece terminantemente a ideia de estado-nação, e o seu principal alvo é o próprio estado-nação árabe. Rejeita-o, quer desfazê-lo, desmantelá-lo, destruí-lo, e refazer toda a região num Califado pós-jihadista.

Neo-medievalismo.

Retroceder a região à era feudal. Fazer retroceder as sociedades islâmicas de volta à era feudal, reestabelecendo o Califado.

Irracionalismo e rejeição de tecnologia e desenvolvimento. Negação de desenvolvimento e progresso, irracionalismo científico e em todos os outros campos. O ódio é dirigido contra modernizadores nacionais, pessoas que "falam arábico, mas pensam como ocidentais". Ataturk, o modernizador da Turquia, é uma espécie de ícone de tudo o que o pan-islamismo odeia.

Salafiah e autoritarismo político.

Salafiah – Interpretação distorcida e puritânica da Sharia. Sharia distorcida inteiramente, para passar a ser um código abusivo, intrusivo e violento, definido pelo radicalismo de costumes, onde cada pequena acção e cada pequena hora do dia são regulados até ao extremo. Seja como for, os proponentes desta doutrina, institucionalizada por Al-Afghani, são os Salafitas.

Fascismo e militarismo islâmico. O que é advogado é um regime totalitário teocrático, organizado segundo o modelo fascista.

Jihadismo e supremacismo étnico.

Jihadismo – Limpeza étnico-religiosa. O conceito mais provocatorial no pan-islamismo. A ideia é a de que é necessária uma jihad permanente para limpar o mundo Islâmico de influências estranhas.

Jihadismo marxista – "Revolta universal islâmica". A ideia marxista de que haverá a revolta universal islâmica, que estabelecerá o Califado e reestabelecerá a verdadeira doutrina, e por aí fora.

Supremacismo étnico (árabe-ariano). Nas zonas árabes, o supremacismo é árabe, ao passo que na Ásia Central estamos a falar essencialmente de supremacismo ariano-pérsico.

Racismo. Particularmente virulento contra os africanos negros.

PAN-ISLAMISMO – O Grande Jogo Britânico.

BRITANNIA – "A questão árabe".

Fomentar tensão e subdesenvolvimento. Evitar progresso, desenvolvimento, estados soberanos fortes e independentes.

Prioridade estratégica: desestabilizar e disromper.

BRITANNIA – Redes de influência no mundo Islâmico.

Aliança com forças reaccionárias e manipuláveis. Para assegurar a dominação sobre as "raças sujeitas", os estrategas imperiais britânicos procuraram correntes dentro do mundo islâmico que fossem coerentes com os propósitos e britânicos de evitar progresso e desenvolvimento.

Mullahs – "Made in England". Formas degeneradas de clero. Ao mesmo tempo, o clero Iraniano era uma espécie de propriedade britânica. Havia, aliás, uma anedota a circular na Pérsia, that said if you picked a clergyman's beard, you would see the words "Made in England" stamped on the other side.

Sociedades místicas, irmandades religiosas, fanáticos religiosos.

Líderes tribais, Khans e senhores feudais. Líderes tribais corruptos, khans e lordes feudais, que são parceiros naturais dos feudalistas britânicos.

Máfias urbanas comandadas por heresiarcas. Gangs de rua e outros. O crime organizado que começa nos bazaars e depressa se estende para prostituição, jogo, extorsão, tráfico de narcóticos. No papel de coronéis, caporegimes, surgem mullahs e outros clérigos heresiárquicos.

Populações rurais manipuláveis. Ao mesmo tempo, era fácil encontrar apoio entre as populações camponesas, embrutecidas por ignorância e trabalho em condições feudais.

BRITANNIA – Promoção de irracionalismo islâmico.

Britânicos encorajam e glorificam obscurantismo islâmico.

Conferências, bolsas, publicações, etc. Foram os britânicos que financiaram, ofereceram bolsas, publicaram, deram notoriedade mundial, aos obscurantistas islâmicos. Foram os britânicos que montaram conferências e instâncias académicas para proclamar o valor de formas alternativas de "ciência islâmica" e por aí fora.

Persuadir Islão de que irracionalismo é o seu habitat antropológico. O objectivo britânico foi o de persuadir o mundo islâmico que a sua verdadeira cultura era atraso e irracionalismo.

Impedir pensamento independente, ciência natural. Para os britânicos, tendências islâmicas que promovessem o crescimento de ciência natural, ou que encorajassem regimes fortes, eram um perigo óbvio para o Império.

Arab Bureau – Professores – Redes e institutos – Jesuítas – Cidades de exílio [Londinistan].

Professores: os orientalistas. Especialistas britânicos sobre o mundo árabe, pessoas como T. E. Lawrence, Wilfrid Scawen Blunt, E.G. Browne, Harry St. John B. Philby, Arnold Toynbee e Bertrand Russell.

Arab Bureau, Cairo. Na primeira metade do século XX, o Cairo é o quartel regional da Intelligence britânica, por meio do Arab Bureau, que controla uma dúzia de movimentos fundamentalistas islâmicos, as tropas de choque do SIS na região.

Centro de operações internacionaliza-se.

Chatham House. As seguintes organizações respondem todas à casa-mãe, Chatham House, o RIIA.

ABC, CAABU. O Arab Bureau foi eventualmente deslocado do Cairo para Londres, onde passou a ser o Arab-British Center e o Council for the Advancement of Arab-British Understanding (CAABU). O CAABU era suportado financeiramente pelos principais agentes de política imperial britânica: Barclay's Bank, British Aircraft Corporation, British Bank of the Mideast, Lazard Brothers, Lloyd's International, Lonrho, National Westminster Bank, Rolls Royce, Unilever.

Genebra, Suiça – Islam and the West, Institute for Islamic Studies. Outro centro importante da IM no Ocidente: Genebra, na Suiça. Por exemplo, um centro coordenador de actividades é estabelecido lá em 1977, o Islam and the West (International). Um outro centro em Genebra: Institute for Islamic Studies.

Oxford, Cambridge, universidades Jesuítas. Muitas funções são atribuídas a centros de estudos árabes, orientais, e por aí fora, em sítios como Oxford, Cambridge, University

of London, a Universidade Louvain (jesuíta, Bélgica), a igualmente jesuíta Universidade McGill de Toronto. Nos EUA, desde os anos 70, as universidades de Princeton e a Jesuíta Georgetown.

[**Jesuítas**, parceiros importantes nesta operação de demolição sócio-cultural. Uma pessoa importante foi o Jesuíta Père Lebret, uma autoridade em manter estruturas sociais Africanas baseadas em bruxaria tribal].

Os **professores** continuam a gerir a IM e outros. É a partir deste tipo de centros que grupos como a MB são coordenados e geridos. Estamos a falar dos professores, muito importantes em todo este quadro.

Institutos de Estudos Islâmicos, Centros para Diálogo de Civilizações, etc. Por ex., o Institute for the Dialogue of Civilizations.

O mapa destas instituições corresponde ao dos centros de exílio IM na Europa. Genebra, Paris, Londres, Malta.

Londinistan, UK. Nome dado a Londres pelos serviços secretos franceses, para ilustrar o facto de Londres estar apinhada de terroristas, combatentes e fanáticos, protegidos pelo SIS.

PAN-ISLAMISMO – Ikhwan (sufis), Wahhabi, Senussi.

IKHWAN – Organização britanizada – Triangulação do mundo islâmico.

Tribos rigidamente organizadas. Rigidamente organizados, mas divididos em linhas tribais e outras.

Rústicos pessimistas e anti-desenvolvimentistas. Os Sufis eram os parceiros perfeitos para os imperialistas. Dada a sua antipatia para com a ciência, não apresentavam exigências difíceis para o espalhar da revolução industrial para Irão e Médio Oriente. Contentar-se-iam em crescer algodão, chá, e por aí fora.

Império Britânico encoraja e dissemina Sufismo. Isto era tudo bastante conveniente para o Império e, portanto, os britânicos encorajaram a disseminação do Sufismo e financiaram campanhas missionárias e de proselitização por pregadores Sufi.

Heresia Sufi é a vanguarda britânica no Médio Oriente.

Médio Oriente triangulado por Sufismo – Índia britânica, Norte de África, Arábia.

Wahhabi e Senussi, produtos de pessimismo Sufi. Ao mesmo tempo, é provável que reflictam o impacto das correntes místicas Sufi ortodoxas que fluem da Índia britânica,

na possibilidade de só se terem instalado na Arábia e Norte de África após a entrada do Império na Índia.

IKHWAN – Wahhabi.

Arábia, raízes ideológicas Sufi, assente nos Ikhwan. A seita fundamentalista Wahhabi na Península Arábica, o mais poderoso dos movimentos árabes no início do século 20. O núcleo do movimento Wahhabi assentava num movimento fundamentalista puritânico do deserto, os Ikhwan.

Milícias usadas por britânicos. Compostos de líderes tribais organizados em milícias e clãs e zelosos na sua fé islâmica, as tropas Ikhwan tornaram-se uma potência na Arábia, com armas britânicas.

Ibn Saud, fundador da Arábia Saudita, líder Ikhwan. Durante muito tempo, a seita Wahhabi foi liderada por Abdel-Aziz ibn Saud, o eventual fundador da Arábia Saudita nos anos 20. A força militar da família Saud era baseada nos Ikhwan.

IKHWAN – Irmandade Senussi [Ordem Senussi de Ikhwan].

Mohammed al-Senussi al-Idrisi al-Hassani. O fundador da Ordem Senussi de Ikhwan (Irmãos) foi Mohammed bin Ali al-Senussi al-Khattabi al-Idrisi al-Hassani, nascido na Argélia nos 1780s.

Sufismo – "Unidade islâmica" – Parentesco com Wahhabi. Senussi fundou uma sociedade de Sufis ascéticos no Sahara, modelada à imagem das antigas ordens de monges Cristãos. O slogan do movimento era e é "unidade islâmica". Tem bastante semelhanças com o movimento fundamentalista similar então a despontar na Arábia, os Wahhabis.

Culto cirenaico, influência até à África Central. Historicamente, partilha o seu quartel entre Cairo e o oásis Senussi, na Cirenaica. Espalha-se gradualmente por Tunísia, Cirenaica, Tripolitania, e a sua influência chega até à África Central.

Aliança histórica com Coroa britânica, SIS. Os Senussi eram abertamente anti-Franceses e suportaram os rebeldes na Argélia contra os colonialistas Franceses no final do século XIX, ao mesmo tempo que se recusaram a apoiar o Mahdi do Sudão, que estava a combater os britânicos. A partir de 1897, e durante as primeiras décadas do século 20, os Senussi tornaram-se cada vez mais importantes no baralho de bens do SIS no mundo islâmico.

Oligarquia cirenaica – Rei Idris (ONU) – Liga Árabe. Os Senussi tornaram-se a oligarquia cirenaica *de facto*. Em 1916, com a morte de Mohammed al-Mahdi, a ordem passa a ser liderada pelo jovem Idris, que é proclamado Rei Idris I da Líbia em 1951,

numa cerimónia das Nações Unidas. Importantes na fundação da Liga Árabe, como agentes do Arab Bureau britânico. Aliás, o primeiro Secretário-Geral da Liga de Estados Árabes, no pós II Guerra é Abdel-Rahman Azzam, um dos agentes de ligação entre o Arab Bureau e a ordem, na Tripolitania.

PAN-ISLAMISMO: Afghani – Abduh – Banna.

AL-AFGHANI.

Jamaleddine Al-Afghani – Sufi – Guiado por Blunt e Browne. Persa, também Sayyid Jamal-ad-Din al-Afghani. Pela idade de 17 ou 18 (1855-56), Al-Afghani viajou para a Índia Britânica, onde passou uma série de anos a estudar religiões. Guiado por Wilfred Scawen Blunt (orientalista) e Edward G. Browne (Cambridge, Orientalista de topo na Grã-Bretanha do século XIX).

Agente de influência britânico, para organizar movimentos pan-islâmicos. Agente estrangeiro, provocador, agitador, organizador, pelos britânicos. Teve a missão de organizar, unificar, dar uma direcção comum, às várias redes britânicas e trazer todos os restantes movimentos recrutáveis ao baralho.

Procura dar uma plataforma comum a todo o tipo de radicais e chanfrados. É do trabalho de Afghani que permite que movimentos extremos (Wahhabi, os Senussi, os mullahs do 12º Imam) venham a ganhar relevância e força de combate no mundo islâmico.

CALIFADO e Salafiah.

Desmantelar e refazer mundo islâmico. O mundo islâmico deveria ser desmantelado, refeito, e depois unificado num único bloco, o Califado.

O Califado, alinhado com Londres. Califado pan-islâmico, alinhado com Londres. O pretexto, “unir o Islão contra as potências europeias”.

Interpretação extrema da Sharia – Salafiah. Al-Afghani tinha uma visão radical do Islamismo, que passava por impor uma visão extrema e abusiva da sharia ao mundo islâmico, e mais tarde esta doutrina foi organizada num único corpo, a *salafiah*. Hoje em dia, a *salafiah* é a doutrina oficial de grupos como a al-Qaeda ou a Jihad Islâmica.

Londres, Paris, Médio Oriente. Move-se livremente pela Europa (Paris, Londres, etc) e pela generalidade do Médio Oriente. Londres chegou a ser a sua cidade de exílio, para o fim da sua vida. Um dos seus momentos de glória foi em 1884, quando visitou Londres. Nesta altura, propõe a Londres que retire do Sudão (onde estava a ser combatida por

rebeldes do Vale do Nilo) e, em troca, ele arranjaria uma frente unida incluíndo Turquia, Pérsia e Afeganistão, contra a Rússia.

Afghani organiza-se com os comunistas russos. Aliados importantes de Afghani: as forças que, eventualmente, se tornaram na liderança das alas Bukharinitas e Trotskyistas do movimento comunista soviético; os anarquistas; o movimento pan-eslávico.

"Islamo-Marxismo" – Comunistas participam em Pan-Islamismo. Importante em tudo isto é a infiltração de movimentos comunistas árabes, a começar com o Partido Comunista do Egipto. Isto lança o padrão para a colaboração MB-Comunistas que se seguiria pelo Médio Oriente, e lança as bases para o movimento Islamo-Marxista que coloca Khomeini no poder.

"O Laço Indissolúvel" – A mãe da IM. Em 1883, funda a al-Urwah al-Wuthkah ("The Indissoluble Bond"), que é a mãe directa da Irmandade Muçulmana, e foi a primeira organização pan-Islâmica.

Grupos de al-Afghani, braços do SIS. Braços do SIS britânico, quer o soubessem, quer não.

Sociedades maçónicas e grupos proto-fascistas por todo o Médio Oriente. Fundou a Sociedade Maçónica Árabe (Arab Masonic Society), e organizou as lojas do Grande Oriente e do Rito Escocês no Cairo, com a ajuda da Embaixada britânica local. Depois, partiu para fazer o mesmo numa série de outros países, especialmente Síria, Turquia e Pérsia.

Egipto. No Cairo, com a assistência da Embaixada britânica local, funda as lojas do Grande Oriente e do Rito Escocês. Uma das sociedades inspiradas por Afghani no Egipto foi a Misr al-Fatat, o Jovem Egipto, uma organização proto-nazi.

Egipto – Revolta provocatorial para permitir invasão britânica. Em 1879, foi expulso do Egipto com a acusação de estabelecer uma "sociedade secreta" de "jovens bandidos" ("young thugs") para trazer a "ruin of religion and of rule". Em 1882, isso acontece mesmo, quando o movimento de Afghani organiza a rebelião de culto de Arabi no Egipto, que lançou uma revolta ao puro estilo agent provocateur, com a expulsão do khedive britânico que tinha expulsado al-Afghani. A revolta providenciou o pretexto para a invasão e ocupação armada do Egipto pelo Império Britânico. E aqui está como estas coisas funcionam, na dialéctica.

Turquia. Funda os Jovens Turcos, entre outros. Chegou a ser expulso pelos clérigos locais por pregar doutrinas consideradas hostis ao Islão.

Síria. Na Síria, uma série de sociedades nacionalistas proto-fascistas.

MUHAMMAD ABDUH.

Principal discípulo e continuador de al-Afghani.

Mufti. Em 1899, foi nomeado Mufti de todo o Egipto.

Lidera "O Laço Indissolúvel", a partir do Cairo. No Cairo, organiza os alicerces do que viria a ser a Irmandade Muçulmana de Hasan al-Banna.

Trabalha com proto-fascistas e com britânicos. A trabalhar com Mohammed Abduh, encontramos Saad Zaghlul, o homem que após a I Guerra Mundial iria liderar o movimento nacionalista Egípcio e o Wafd Party. De 1888 até à sua morte, em 1905, Abduh foi um habitué da cena política egípcia, e visitava Lord Cromer com regularidade.

HASSAN AL-BANNA – Fundador da Irmandade Muçulmana.

Al-Banna, místico Sufi, agente britânico.

Institui IM (1929) com apoio britânico. Isto acontece no Egipto.

"Institutos populares de educação" – Disseminação de fundamentalismo. Hasan al-Banna cria uma série de organizações devotadas a disseminar o Islão fundamentalista entre as classes baixas. Organiza "institutos populares" para educação, algo muito semelhante ao que seria feito pelos comunistas.

PAN-ISLAMISMO – Irmandade Muçulmana.

IM – Uma criação londrina. A Irmandade Muçulmana foi o resultado de décadas de paciente trabalho de investigação e organização conduzido a partir de Londres. É uma expressão da política imperial britânica, na forma de uma organização disciplinada.

IM – Composição.

Ikhwan al-Muslimun [arábico].

Transnacional, estendendo-se por todo o mundo islâmico.

Realeza, aristocracia, banca, alta finança – Ligações à oligarquia europeia. Os centros de apoio são muitas das famílias reais na região, com destaque para os sauditas. Ao nível do topo, encontramos a IM nos gabinetes luxuosos de instituições financeiras. Temos banqueiros e financeiros das velhas aristocracias Árabes, Turcas e Persas; gente

com associações de negócios à nobreza Europeia e, especialmente, à oligarquia britânica (que organiza o resto).

Nível governamental. Ministros, oficiais de estado, diplomatas, generais e outras pessoas aos mais elevados níveis de governo. Membros em todos os governos Árabes, no da Turquia, e nos de muitos países Asiáticos.

Nível de rua – Exército paramilitar, multicompartimentalizado.

Terroristas, criminosos, mercenários, fanáticos religiosos, agitadores. Um império de gangs de rua e fanáticos religiosos. Criminosos, traficantes de droga, assassinos, gangsters de rua, bandos de extremistas, seitas e cultos fanáticos, células terroristas underground por todo o Médio Oriente, multidões de estudantes fanáticos. Temos ainda doentes mentais, políticos locais, agentes provocadores, e por aí fora.

Sistema maçónico de funcionamento e organização. Mensagens em código, palavras passe secretas. Não tem lista oficial de membros. Está organizada em células hierárquicas, ou lojas, com obediências, hierarquias e graus.

"As above so below". O interface onde os dois mundos se encontram, aquele que está em cima, com aquele que vem de baixo.

IM – Círculos concêntricos [Esporos] – Terrorismo.

[Modelo **euro-britânico** para estabelecimento de redes de influência].

Círculo interior toma decisões. A Irmandade Muçulmana segue o modelo típico nestas organizações provocatórias. Tem um círculo interior, que toma as decisões e está por dentro da agenda a levar a cabo.

Círculos externos – A dinâmica dos esporos. E depois tem várias camadas exteriores, que trabalham em pontos específicos e os implementam no terreno. No círculo mais exterior, estão aqueles que são vistos como idiotas úteis, que são usados como carne para canhão, corpos, para serem rebentados e tudo o resto.

IM – Actividades.

Várias alas – funcionamento matricial dialéctico. Encontramos todos os tipos de alas e organizações, para todo o tipo de posicionamentos políticos, religiosos, sociais, bem como para todo o tipo de actividades.

Rede de segurança social informal garante apoio popular. Neste sentido, funciona como as máfias sempre funcionaram.

Império financeiro, de Caraíbas e Suiça a Hong Kong. Com Dubai e Kuwait pelo meio.

Petróleo e banca. No agregado dos seus membros, encontramos triliões de dólares em petróleo e alta finança.

Tráfico de drogas, armas ilegais, ouro e diamantes. Andam sempre a par e passo, já que ouro e diamantes são a moeda de troca por drogas e armas no circuito África-Triângulo Dourado-Ocidente.

IM, a mãe de todos os grupos terroristas islâmicos com sucesso – al-Qaeda. Desde que foi estabelecida, esta organização deu origem a todos os grupos terroristas com algum grau de sucesso, mesmo que remoto. Jamaa, Jihad Islâmica, os Fedayeen e o Hizbollahi, Hamas, al Qaeda.

IM – Actividades religiosas.

Raízes Sufi.

Infiltração Sunni e Shia. Gerando formas pervertidas, devotadas a extremismo ideológico, retrocesso civilizacional, violência e irracionalismo.

Controlo dos Centros de Estudos Islâmicos, e ONGs associadas. No Médio Oriente e pelo mundo fora. Estamos a falar de muitas ONGs, envolvendo milhões de dólares em fundos e investimentos.

Tentativa de monopolizar "Islão". Centros islâmicos por literalmente todo o mundo. É esta gente que controla a generalidade do da promoção cultural do Islão, na larga maioria dos países.

IM – Fedayeen-e Islam [Irmandade Muçulmana no Irão].

Braço iraniano da IM. O culto do 12º Mahdi e por aí fora.

Existem desde os 1940s. Os Fedayeen existem desde o início dos 1940s, quando o aparato da MB no Egipto se estende para o Irão.

Terrorismo e assassinatos. Este ramo da MB tornou-se notório pelos seus assassinatos espectaculares, incluíndo os homicídios de pelo menos 2 primeiros-ministros.

Mullahs, liderados por pessoas como Kashani, Khalkhali, Khomeini.

Núcleo organizador da Revolução Islâmica de 1979. Pelo país fora, cerca de 200.000 mullahs, posicionados em cada cidade e aldeia, seguiam os ditames de uns poucos fanáticos na liderança da Irmandade.

IM (30s) – Os Kataib e a Falange.

Brigadas SA a partir de secções atléticas. Pelo final dos 1930s, a MB era forte o suficiente para formar o seu primeiro batalhão paramilitar, os kataib ("batalhões"). Começou com a criação de uma divisão chamada de "rovers", que surge do programa de atletismo juvenil; em breve eram um exército privado.

Apoio organizacional Italiano, Nazi e Britânico. A sua organização seguiu de perto o padrão dos squadristi de Mussolini. De facto, os serviços secretos Italianos e Nazis tinham-se juntado aos Britânicos para ajudar a montar organizações similares em muitos países do Médio Oriente. Exemplos são os Kataib ou a Falange de Pierre Gemayel no Líbano.

IM (30s) – Al-Husseini.

Mufti de Jerusalém, na Palestina britânica. Haj Mohammed Amin al-Husseini, um favorito da Roundtable (escolhido pelo próprio Herbert Samuel), Grande Mufti de Jerusalém.

Irmandade Muçulmana. Em 1935, Banna estabelece contactos com al-Husseini e, desde aí, este homem fica alinhado com a Ikhwan.

Pró-nazi. Trabalha com a Abwehr durante a II Guerra.

Perseguições a Judeus. Persegue os Judeus da Palestina durante os anos 30 e início de 40s.

Amigo da família **Hussein** do Iraque – O jovem **Saddam**, CIA. Este al-Husseini era um dos grandes amigos da família Hussein do Iraque, e nos anos 50, um jovem Saddam Hussein vai fazer parte de um esquadrão de assassinatos para a CIA.

IM – Exército subterrâneo para o III Reich [II Guerra].

"Árabes Nazis" – A verdadeira natureza do Salafismo.

Colaboração com a Abwehr. Proxy force para a Abwehr [serviços secretos militares nazis], um exército subterrâneo de meio milhão de fanáticos e mercenários.

Sauditas, al-Husseini, etc – A estrutura extremista britânica. Isto inclui o regime Wahhabi Saudita e pessoas como al-Husseini, que também eram pró-nazis durante a Guerra.

IM – Refúgio no Egipto [Pós II Guerra] – Philby e Maclean.

SIS protege IM, porto seguro no Egipto. No pós-guerra, Kim Philby e Maclean (SIS) protegem a MB, dão-lhe porto seguro no Cairo.

Liaisons Abwehr incluídos no acordo. Até os agentes de ligação alemães recebem nomes árabes e são convertidos ao Islão.

IM – Do Egipto para o resto do Médio Oriente (Pós-II Guerra).

Atentado a Nasser resulta em caça a IM no Egipto. Após a tentativa de assassinato de Nasser (quando a MB estava a tentar lançar uma jihad), seguem-se prisões em massa e execuções de Ikhwan.

Ikhwan fogem para Golfo, Síria, Jordânia, Paquistão. Muitos fugiram do Egipto, para países como Síria, Jordânia, o Golfo, e Paquistão.

Adquirem dimensão realmente internacional e institucional. A IM adquiriu rapidamente dimensão internacional e apareceu sob várias formas por todo o mundo islâmico. É para o mundo islâmico o mesmo que a Internacional Socialista era para o mundo comunista.

Arábia Saudita – Madrassas – CIA.

CIA, irmãos Dulles persuadem sauditas a acolher IM. A CIA vê a IM como uma força politicamente útil e os irmãos Dulles (Allen era o director da CIA) persuadem os sauditas a acolhê-los em massa.

Movimento das Madrassas – Salafiah é generalizada, recebe esprit de corps. Na Arábia, muitos recebem empregos como professores, nas Madrassas que, no espaço de uma geração, generaliza e imprime disciplina e espírito de corpo ao Salafismo, gerando multitudes de combatentes e de extremistas incensados.

Pelo meio, CIA envia manuais de Jihad, equipamento, e por aí fora.

IM – Usada contra Estado-nação árabe [Pós-II Guerra].

Dos anos 50 a 80, extremismo islâmico é incentivado, para desestabilizar. No Pós II Guerra, a IM foi usada pela CIA e pelo MI6 para desestabilizar regimes e alvejar líderes nacionais fortes.

Manter regimes nacionais em xeque. O objectivo era desestabilizar e manter regimes nacionais em xeque.

Exemplos: Nasser no Egipto, Mossadegh no Irão.

IM – VÍDEO [Cuddy, Tarpley].

CUDDY – "De al-Afghani à Irmandade Muçulmana".

cuddy – pan-islamismo – de al-afghani à irmandade muçulmana (os britânicos começaram a financiar um movimento pan-islâmico – os mullahs do irão vêem da MB – al afghani, em 1870-90s, suportado pelo império britânico, propõe a ideia de uma aliança pan-islâmica liderada pelos britânicos – influencia mohamed abduh, um pan-islâmico egípcio, que publica "o farol" – isso influencia hassan al bana, o fundador da MB)

CUDDY – "IM nunca declarada terrorista porque ocidente trabalha com ela".

cuddy2 – MB nunca declarada org terr, pq ocidente trabalha c ela

CUDDY – "Dialéctica britânica – IM pós-II Guerra – Nasser – Madrassas, Bin Laden, Saddam, Operação Odessa".

cuddy – pan-islamismo3 – dialéctica britânica, MB, nasser (dialéctica britânica – jogar árabes contra judeus, muçulmanos radicais contra moderados – não queriam nações fortes a surgir aqui – após a II guerra, começa a haver esta MB pan-islâmica, usada pelo MI6 e pela CIA – que começa a tomar acções contra líderes nacionalistas, como nasser no egipto – nasser pergunta 'vocês fazem erros estúpidos complicados, de tal modo que nos perguntamos se não estão a jogar outro jogo' – e sim, tinham razão)

cuddy2 – madrassas, bin laden, saddam hussein, odessa (nos anos 50, a cia leva a MB para a arábia saudita, abrem as madrassas, a cia manda manuais de jihad – aparece osama bin laden – nessa altura, um jovem saddam hussein faz parte de um esquadrão de assassinatos da CIA, e o seu tio é um confidente de *al-husseini, que no final da II Guerra tinha ajudado no projecto odessa*)

TARPLEY – "IM, organização oligárquica usada contra Nasser, mãe da al-Qaeda".

tarpley - muslim brotherhood – criada pelos britânicos em 1920 ++ (*a MB foi criada pelos britânicos no final dos anos 20 quando o país era uma colónia britânica* como antídoto ao WAFT – *a MB agitava contra os governos locais no que diz respeito a temas sociais – tentou sabotar a modernização do Egipto por causa de Nasser* – tem facções que adocicaram – um governo no qual a MB tem poder seria uma coisa muito má)

tarpley – MB, mãe da al-Qaeda, oligarquia nas sociedades pobres (MB é a mãe da al-Qaeda – *os britânicos criaram esta entidade obscurantista e extremista* – Irmandade muçulmana, uma espécie de maçonaria britânica, oligarcas radicados nas classes profissionais – *organização obscurantista e anti-desenvolvimento*)

tarpley - MB, mãe da alqaeda, usada pela CIA contra nasser (MB, mãe da al qaeda, usada pela CIA para se opor a Nasser)

PAN-ISLAMISMO – "Mullahs" existencialistas e institutos ocidentais.

Ali Shariati ou a clique de Bani-Sadr, por ex. As pessoas que lançariam as bases para o a reforma Pan-Islâmica dos 70s, e para a Revolução Iraniana.

Émigrés em Londres, Paris, LA, etc. – associam-se a cliques de charlatães. Muitos dos extremistas no núcleo duro da Revolução eram rapazes que tinham ido estudar para capitais europeias, onde se tinham ligado a grupos extremistas europeus, de ambientalistas, existencialistas, anglófilos, antropólogos, e todas as outras formas de charlatanismo que, nessa altura (e ainda hoje), estavam em apoio directo a tudo o que fosse parasítico e destrutivo.

Grupos e tendências ocidentais que determinam Islamismo pós-moderno. Várias tendências (na prática, formas de charlatanismo) que influenciaram a revisão teológica levada a cabo por radicais islâmicos, para a construção das fundações ideológicas da Revolução Iraniana e para o pós-moderno sistema de governo por Sharia.

Heidegger, Nietzsche, de Maistre e outros. Obras de autores reaccionários, obscurantistas e elitistas.

Existencialistas e pós-modernistas.

Sartre, Fanon, Camus, Bergue, Massignon – Clube de Roma. Jean-Paul Sartre, Frantz Fanon, Albert Camus, Jacques Bergue e Louis Massignon, todos escritores do pântano anti-capitalista, existencialista. E, todos financiados pela mesma rede de instituições, com epicentro no Clube de Roma.

Foucault, Soustelle, Levi-Strauss e outros agitadores na França de De Gaulle. Outros indivíduos que trabalharam com Bani-Sadr e que participaram na desestabilização da França e de Charles de Gaulle durante os 60s e 70s foram Michel Foucault, Jacques Soustelle, Charles Bettelheim, Claude Levi-Strauss, e Henri Corbin.

Fanon – Violência, anarquia, revolução.Temos por exemplo um livro de Fanon, "The Wretched of the Earth", onde advoga anarquia e revolução do Terceiro Mundo, dirigida contra o Ocidente, e violência em nome de violência.

Aquarianos new age – Exemplos: LA, Washington. Instituições US promovendo a rebelião Aquariana contra a sociedade industrial (e.g., o complexo Stanford-Berkeley na California, ou o complexo Harvard-MIT no Massachussets).

Sociologismo, antropologismo, ambientalismo, comunitarismo. Ninhos sociológicos-antropológicos franceses. E.g., Centre Nationale des Recherches Scientifiques (CNRS), École Pratique des Hautes Études, Divisão Seis (EPHE-6), Instituto Nacional para Investigação Agronómica. Estas instituições estavam no centro do movimento anti-nuclear, anti-industrial, por "reforma agrária" ao estilo soviético, ou chinês.

O culto da "etnicidade" – Nuclear é mau, ópio é bom. Os patrocinadores de Banisadr no ocidente justificavam este apoio com base na ideia de "etnocídio". Ou seja, a

industrialização destes países era uma agressão injustificável contra a cultura tradicional destes povos, ao passo que execuções públicas e consumo de ópio eram admiráveis práticas tradicionais, a preservar. Nesta altura surgem uma série de comités e organizações antropológicas e afins, a decretar este absurdo novo culto de "etnicidade".

PAN-ISLAMISMO – Ali Shariati.

ALI SHARIATI – Existencialismo – Socialismo Islâmico – Subversão estudantil.

Sociólogo, ideólogo do "Socialismo Islâmico", "Marxismo Islâmico". Ideólogo fanático do "socialismo Islâmico", lança as bases da Revolução Islâmica Iraniana.

Financiado pela Bertrand Russell Peace Foundation.

FLN, terroristas. Começa a colaborar com um outro grupo de provocadores, a Frente de Libertação Nacional da Algéria (FLN) em 1959.

Sorbonne – Antropologismo, existencialismo, anti-capitalismo. Estudante na Sorbonne, onde é cultivado em pântanos venenosos de antropologismo cultural e existencialismo.

Sartre, Camus, Fanon, Bergue, Massignon. Influenciado por Jean-Paul Sartre, Frantz Fanon, Albert Camus, Jacques Bergue e Louis Massignon, todos escritores do pântano anti-capitalista, existencialista.

Fanon – Violência, anarquia, revolução. Temos por exemplo um livro de Fanon, "The Wretched of the Earth", onde advoga anarquia e revolução do Terceiro Mundo, dirigida contra o Ocidente, e violência em nome de violência. Isto torna-se a bíblia informal de Shariati.

Shariati constrói culto de imagem entre jovens Iranianos. Viajando entre Paris e Teerão, Shariati construiu um culto entre os jovens do Irão.

Introduz estudantes a existencialistas. Não tivesse sido Shariati e a sua torrente de lixo existencialista, e poucos estudantes iranianos teriam seguido Khomeini.

Traduz irracionalismo e misticismo, para linguagem "moderna". A sua principal habilidade era a de traduzir doutrinas místicas e anticientíficas Sufi para termos que pudessem ser aceites acriticamente por jovens não treinados em doutrina religiosa.

Juventude conquistada, não por mullahs, mas sim por "Marxismo Islâmico". A juventude não podia ser conquistada directamente pelo Sufismo pervertido dos mullahs, portanto essa ideologia foi vestida com uma roupagem retórica marxista, e daí surge o Marxismo Islâmico.

ALI SHARIATI – Marxismo – Puritanismo – Jihad – Califado – Imam Mahdi.

“Justiça social”. Filosofia da guerra de classes, frente unida e revolução, para trazer a sociedade justa sem classes.

Puritanismo Islâmico.

Terceiro-Mundismo – Lumumba. Retorno a “tradições genuínas”, rejeição de “ocidentalismo” (ciência, tecnologia, capitalismo), frente unida contra ocidente. Identifica-se com pessoas como Patrice Lumumba, o destruidor do Congo.

Jihad e choque de civilizações.

Jihad, martírio, suicídio pela causa.

Choque de religiões, choque de civilizações. O grito de guerra é «*everyday is Ashoura, every place is Karbala*».

Objectivos – Imam Mahdi, Califado.

Apressar o retorno do 12º Imam, Imam Mahdi. O conceito é o de que o Shia não devem aguardar passivamente o retorno do 12º Imam, mas sim trabalhar activamente para acelerar o seu retorno, pela luta por justiça social, ao ponto de abraçar o martírio.

Califado.

PAN-ISLAMISMO – Al-Qaeda.

al-Qaeda.

Derivação da Irmandade Muçulmana.

Bandeira al-Qaeda – A bandeira standard para al-Qaeda e seus afiliados. A bandeira preta com o branco e circular “selo de Mohammed” no meio [“black flag with the circular white "seal of Mohammed" in the middle”] é a bandeira da al-Qaeda. Foi tornado popular pela al-Qaeda de Abu Musab al-Zarqawi no Iraque (usada em vídeos de execuções, por exemplo), e tornou-se a bandeira standard para os afiliados da al-Qaeda pelo mundo fora.

“A Base” no Afeganistão. Al-Qaeda, a Base, “The Base”, organização de mujaheedin estabelecida para operar no Afeganistão, a partir de 1979.

Um dos vários grupos de **mujaheedin** criados entre 1979-89. Uma série de grupos militantes islâmicos, derivados dos Fedayeen e IM em geral, foram estabelecidos durante a guerra afegã, de 1979 a 1989. Os mujaheedin resultam destas operações em 1979, bem como a al-Qaeda e outros, durante os anos 80.

ISI, Sauditas, CIA, SIS. Nesta fase, controlada por Sauditas e Paquistaneses (ISI), armada e equipada por Americanos, com os Britânicos sempre no background, a partir de Londinistan.

Redes operacionais de agentes duplos, mercenários, fanáticos. Al-Qaeda corresponde à rede operacional da CIA/MI6 no terreno, o seu pool de agentes duplos, mercenários, fanáticos.

Tim Osman, BCCI e coca colombiana [WATT]. Bin Laden, um antigo aliado, dos poderosos Laden Sauditas. Aqui aparece com o nome de código Tim Osman. Bin Laden é financiado pelo BCCI, um banco chefiado por GHW Bush, que funcionava como fachada da CIA, e seria mais tarde fechado após ser revelado que estava envolvido na lavagem de dinheiro da coca colombiana.

(**AWnewh – 28:00**) Vimos isto com bancos que foram criados pela CIA no passado, por onde direccionavam dinheiro para as guerras que estavam a combater. Como o BCCI, gerido pelo Papa Bush. Bancos e corporações enormes.

Al-Zawahiri, ideólogo e comandante operacional da rede. Bin Laden é o financiador, Ayman al Zawahiri o líder operacional. As ideias expressas por este homem são como se seguem.

VÍDEO – Al-Qaeda, caracterização e ideologia [TARPLEY].

tarpley - alqaeda1 - criação dos EUA (*Al qaeda criada pelos EUA (robert gates) como exército secreto no Afeganistão* – Al Awaki the CIA lackey)

tarpley - alqaeda2 - caracterização e ideologia (al qaeda, composição e ideologia, grupo de fanáticos e extremistas, que podem ser usados – a ideologia é a de que todos os governos islâmicos são ilegítimos – meio ideal para atacar todos os governos)

Tarpley – alqaeda, a sociological pool of double agents and dupes (A sociological pool, a millieu, of fanatics, misfits, psychotics, dupes, common criminals, mental deficients. No meio destes existem os agentes duplos, que têm poder porque têm apoio externo.)

tarpley – alqaeda frankenstein effect (criam-se estas operações, pensa-se que se podem controlar – e não se consegue – frankenstein effect, como hitler ou lenine)

tarpley – Ayman al-Zawahiri, o chefe da trupe de actores

PAN-ISLAMISMO – Al-Zawahiri e Revolução Neo-Jacobina.

Disciplina ideológica → Derrubar regimes actuais → Califado (Meca). Zawahiri identifica and prioritiza os propósitos daquilo a que chama o "movimento revolucionário fundamentalista". Primeiro, alcançar organização e disciplina ideológica. Depois, derrubar os regimes do mundo Muçulmana. Após o que surge o estabelecimento do Califado, sedeado no "coração do mundo árabe" (Meca).

Al-Qaeda, a versão islâmica do bolchevismo e do jacobinismo. A actual fase da jihad, para Zawahiri, é uma de luta revolucionária à escala global, a ser travada por meio de violência, acção política, e propaganda contra os regimes muçulmanos secularizados.

"Incentivar repressão para mobilizar as massas sunitas". Ainda, que é preciso intensificar o sofrimento das massas ao máximo, para provocar a revolução islâmica definitiva.

PARAG KHANA – "Gird yourself for a new Dark Age".

Conglomerados imperiais [EU, NAU, GCCPS] e cidades-estado.

Capitalismo de estado. Isto é o que havia na URSS ou na Alemanha Nazi, e há na China.

Fragmentação social.

«*The world is fragmenting, badly. Gird yourself for a new Dark Age… Already, billions of people live in imperial conglomerates such as the European Union, the Greater Chinese Co-Prosperity Sphere, and the emerging North American Union, where state capitalism has become the norm… The fragmentation of societies from within is clear… This diffuse, fractured world will be run more by cities and city-states than countries.*

The mighty Hanseatic League, a constellation of well-armed North and Baltic Sea trading hubs in the late Middle Ages, will be reborn as cities such as Hamburg and Dubai form commercial alliances and operate "free zones" across Africa like the ones Dubai Ports World is building»

Actores privados, fundos de investimento, PMCs.

«*Add in sovereign wealth funds and private military contractors, and you have the agile geopolitical units of a neomedieval world*»

Relembra-nos que a Idade Média foi uma era de medo, incerteza, peste e violência.

«*…the Middle Ages were fundamentally a time of fear, uncertainty, plagues, and violence*»

Próxima Renascença está muito distante.

«*The next Renaissance is still a long way off*»

Parag Khanna, "The Next Big Thing: Neomedievalism". Foreign Policy (May/June 2009)

O Pentágono e a partição do Médio Oriente [“Blood Borders”]

Blood Borders (2006) – O autor, Ralph Peters.

Ralph Peters, a psyop nihilista, o hippie tornado yuppie totalitário. Ralph Peters é um oficial reformado do Pentágono, intensamente popular entre as novas gerações de jovens nihilistas que entram para funções de intelligence militar e comando descentralizado de operações. Tudo neste homem é uma psyop, cuidadosamente preparada para o seu público. É o hippie dos 60s que vai fazer uma roadtrip pela Europa e, sob o luar numa praia mediterrânica descobre que o seu destino de vida é trabalhar no Pentágono. O hippie converte-se no yuppie totalitário, o percurso habitual.

Intelligence, shock and awe. Torna-se responsável em funções de intelligence para a Ásia Central e ganha notoriedade a partir de 2003, com os seus editoriais a exigir *shock and awe* neocon sobre o planeta.

Advoga repressão, tortura, homicídio. Desde então, os seus artigos incluem conceitos como advogar tortura e assassinato para prisioneiros de guerra (“combatentes inimigos”, “extremistas”, “potenciais terroristas”) em campos de detenção, bem como assassinar jornalistas dissidentes, no campo de batalha e na sociedade civil.

“Constant Conflict” e “Blood Borders”, declarações de guerra universal. Faz uma declaração de guerra ao planeta e à sociedade americana em “Constant Conflict”. Escreve Blood Borders, um dos artigos de referência para a condução do processo dialéctico no Médio Oriente e para o resultado final esperado.

Blood Borders (2006) – Partição do Médio Oriente por linhas étnicas e religiosas.

Peters lamenta as fronteiras actuais e quer novas – discurso das dívidas históricas.

Partição, colapso, genocídio.

Novas fronteiras, “given time and the inevitable attendant bloodshed”.

“A region destined to fight itself… Babylon has fallen more than once”.

“One dirty little secret from 5,000 years of history: Ethnic cleansing works”. «*In each case, this hypothetical redrawing of boundaries reflects ethnic affinities and religious communalism… a region that is destined to fight itself… given time — and the inevitable attendant bloodshed — new and natural borders will emerge. Babylon has*

fallen more than once… borders of the greater Middle East… amended to reflect the natural ties of blood and faith… The most arbitrary and distorted borders in the world are in Africa and the Middle East. Drawn by self-interested Europeans… Africa's borders continue to provoke the deaths of millions of local inhabitants… While the Middle East has far more problems than dysfunctional borders alone — from cultural stagnation through scandalous inequality to deadly religious extremism — the greatest taboo in striving to understand the region's comprehensive failure isn't Islam but the awful-but-sacrosanct international boundaries worshipped by our own diplomats… Of course, no adjustment of borders, however draconian, could make every minority in the Middle East happy. In some instances, ethnic and religious groups live intermingled and have intermarried… The boundaries projected in the maps accompanying this article redress the wrongs suffered by the most significant "cheated" population groups, such as the Kurds, Baluch and Arab Shia… Borders have never been static, and many frontiers, from Congo through Kosovo to the Caucasus, are changing even now… Oh, and one other dirty little secret from 5,000 years of history: Ethnic cleansing works» [Ralph Peters (June, 2006). "Blood borders: How a better Middle East would look", Armed Forces Journal]

Blood Borders (2006) – Os novos territórios e as novas fronteiras (1).

Israel volta a fronteiras pré-1967 e tem um futuro indefinido. «*For Israel to have any hope of living in reasonable peace with its neighbors, it will have to return to its pre-1967 borders — with essential local adjustments for legitimate security concerns. But the issue of the territories surrounding Jerusalem, a city stained with thousands of years of blood, may prove intractable beyond our lifetimes. Where all parties have turned their god into a real-estate tycoon, literal turf battles have a tenacity unrivaled by mere greed for oil wealth or ethnic squabbles. So let us set aside this single overstudied issue and turn to those that are studiously ignored*»

Free Kurdistan, Diyarbakir-Tabriz [a partir de Turquia, Síria, Irão, Iraque]. «*There are between 27 million and 36 million Kurds living in contiguous regions in the Middle East… Greater than the population of present-day Iraq, even the lower figure makes the Kurds the world's largest ethnic group without a state of its own… the eastern fifth of Turkey should be viewed as occupied territory. As for the Kurds of Syria and Iran, they, too, would rush to join an independent Kurdistan if they could… A Free Kurdistan, stretching from Diyarbakir through Tabriz, would be the most pro-Western state between Bulgaria and Japan*»

Iraque é tripartido – Sunni Iraq, Arab Shia State, Free Kurdistan.

Sunni Iraq [Iraque Sunita + Síria Sunita].

Greater Lebanon: “Phoenecia reborn” [Líbano + Síria mediterrânica]. «*Iraq should have been divided into three smaller states immediately… A just alignment in the region would leave Iraq’s three Sunni-majority provinces as a truncated state that might eventually choose to unify with a Syria that loses its littoral to a Mediterranean-oriented Greater Lebanon: Phoenecia reborn*»

Jordânia expandida [recebe parte da Arábia Saudita]. «*Jordan would retain its current territory, with some southward expansion at Saudi expense*»

Arábia Saudita repartida – Arab Shia State, ISS, Jordânia, Yemen, Saudi HIT.

Saudi Homelands Independent Territory, around Riyadh. «*For its part, the unnatural state of Saudi Arabia would suffer as great a dismantling as Pakistan… The rise of the Saudis to wealth and, consequently, influence has been the worst thing to happen to the Muslim world as a whole since the time of the Prophet… Saudi Arabia’s coastal oil fields [go] to the Shia Arabs who populate that subregion, while a southeastern quadrant would go to Yemen. Confined to a rump Saudi Homelands Independent Territory around Riyadh, the House of Saud would be capable of far less mischief toward Islam and the world*»

Islamic Sacred State (ISS) [Meca, Medina e partições territoriais sauditas]. «*Mecca and Medina… imagine how much healthier the Muslim world might become were Mecca and Medina ruled by a rotating council representative of the world’s major Muslim schools and movements in an Islamic Sacred State — a sort of Muslim super-Vatican — where the future of a great faith might be debated rather than merely decreed*»

Pérsia [Irão pérsico + províncias afegãs].

Irão é mutilado: Unified Azerbaijan, Kurdistan, Arab Shia State, Free Baluchistan.

Paquistão é mutilado [perde para Afeganistão, Free Baluchistan].

Afeganistão [perde para Pérsia, recebe de Paquistão]. «*Iran, a state with madcap boundaries, would lose a great deal of territory to Unified Azerbaijan, Free Kurdistan, the Arab Shia State and Free Baluchistan, but would gain the provinces around Herat in today’s Afghanistan — a region with a historical and linguistic affinity for Persia. Iran would, in effect, become an ethnic Persian state again, with the most difficult question being whether or not it should keep the port of Bandar Abbas or surrender it to the Arab Shia State. What Afghanistan would lose to Persia in the west, it would gain in the east, as Pakistan’s Northwest Frontier tribes would be reunited with their Afghan brethren… Pakistan, another unnatural state, would also lose its Baluch territory to Free Baluchistan. The remaining “natural” Pakistan would lie entirely east of the Indus, except for a westward spur near Karachi*»

UAE redistribuídos [Arab Shia State – Dubai como debauchee playground]. «*The city-states of the United Arab Emirates would have a mixed fate… Some might be*

incorporated in the Arab Shia State ringing much of the Persian Gulf (a state more likely to evolve as a counterbalance to, rather than an ally of, Persian Iran). Since all puritanical cultures are hypocritical, Dubai, of necessity, would be allowed to retain its playground status for rich debauchees»

Kuwait e **Oman** permanecem iguais. «*Kuwait would remain within its current borders, as would Oman*»

Yemen expandido [com parte de Arábia Saudita]. «*True justice… would also give Saudi Arabia's… oil fields… a southeastern quadrant would go to Yemen*»

Arab Shia State [Iraque, Arábia Saudita, Irão].

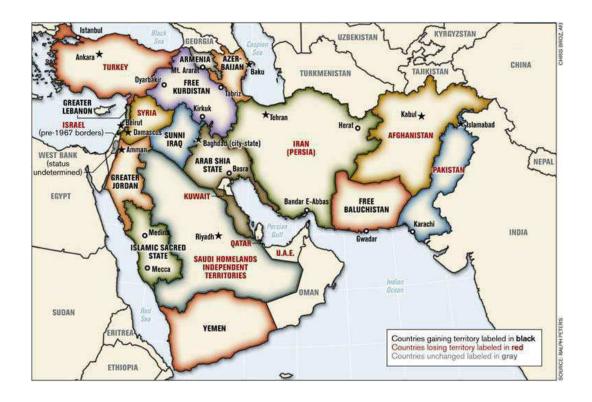
Arab Shia State é um rival da Pérsia, não um aliado [mundo Shia é particionado]. «*The Shia south of old Iraq would form the basis of an Arab Shia State rimming much of the Persian Gulf… True justice — which we might not like — would also give Saudi Arabia's coastal oil fields to the Shia Arabs who populate that subregion, while a southeastern quadrant would go to Yemen… The city-states of the United Arab Emirates… Some might be incorporated in the Arab Shia State ringing much of the Persian Gulf (a state more likely to evolve as a counterbalance to, rather than an ally of, Persian Iran)*». [Ralph Peters (June, 2006). "Blood borders: How a better Middle East would look", Armed Forces Journal.]

Blood Borders (2006) – Os novos territórios (2) – Winners, losers, mapa.

Novos estados. Arab Shia State – Free Baluchistan – Free Kurdistan – Pérsia – Islamic Sacred State – Saudi Homelands Independent Territory

"Winners". Afghanistan – Arab Shia State – Armenia – Azerbaijan – Free Baluchistan – Free Kurdistan – Iran – Islamic Sacred State – Jordan – Lebanon – Yemen

"Losers". Afghanistan – Iran – Iraq – Israel – Kuwait – Pakistan – Qatar – Saudi Arabia – Syria – Turkey – United Arab Emirates – West Bank

[Ralph Peters (June, 2006). "Blood borders: How a better Middle East would look", Armed Forces Journal.]

Blood Borders (2006) – Puns intended by Ralph Peters, the love nazi.

All sorts of puns INTENDED. O acrónimo de Arab Shia State é ASS. O acrónimo de Saudi Homelands Independent Territory é SHIT. Depois «*The rise of the Saudis to wealth and, consequently, influence has been the worst thing to happen to the Muslim world as a whole since the time of the Prophet…*», jogo dialéctico puro onde o Profeta está entre as "*worst things*" que podiam acontecer ao "*Muslim world as a whole*", implicando que tanto o Profeta como o mundo muçulmano são aberrações. O Islão é profundamente odiado nestes circuitos, tal como o são o Cristianismo e o Judaísmo. O objecto de ódio é Deus. «*…all parties have turned their god into a real-estate tycoon*» é uma afirmação óbvia vinda de um fanático como Peters. É claro que, nesta conjuntura de coisas, o acrónimo de Islamic Sacred State tinha de ser ISS (issssss…..). [Ralph Peters (June, 2006). "Blood borders: How a better Middle East would look", Armed Forces Journal.]

PETERS – Blood Borders, 2006.

[***incluir mapa com partições***]

Reorganização da região – Califado.

Israel e Palestina. Israel regressa às fronteiras pré-1967.

Iraque. Dividido em três mini-estados.

'Free Kurdistan'. De Diyarbakir [Turquia] a Tabriz [Irão].

Síria, Líbano – Phoenecia reborn. A just alignment in the region would leave Iraq's three Sunni-majority provinces as a truncated state that might eventually choose to unify with a Syria that loses its littoral to a Mediterranean oriented Greater Lebanon: Phoenecia reborn.

Arab Shia State. The Shia south of old Iraq would form the basis of an Arab Shia State rimming much of the Persian Gulf.

Jordânia. Jordan would retain its current territory, with some southward expansion at Saudi expense.

Arábia Saudita, Paquistão. For its part, the unnatural state of Saudi Arabia would suffer as great a dismantling as Pakistan.

Meca e Medina – Islamic Sacred State. Imagine how much healthier the Muslim world might become were Mecca and Medina ruled by a rotating council representative of the world's major Muslim schools and movements in an Islamic Sacred State — a sort of Muslim super-Vatican — where the future of a great faith might be debated rather than merely decreed.

Arábia Saudita – Saudi Homelands Independent Territory – Shia Arab State – Yemen. True justice — which we might not like — would also give Saudi Arabia's coastal oil fields to the Shia Arabs who populate that subregion, while a southeastern quadrant would go to Yemen. Confined to a rump Saudi Homelands Independent Territory around Riyadh, the House of Saud would be capable of far less mischief toward Islam and the world.

Irão – Unified Azerbaijan – Free Kurdistan – Arab Shia State – Free Baluchistan. Iran, a state with madcap boundaries, would lose a great deal of territory to Unified Azerbaijan, Free Kurdistan, the Arab Shia State and Free Baluchistan, but would gain the provinces around Herat in today's Afghanistan — a region with a historical and linguistic affinity for Persia. Iran would, in effect, become an ethnic Persian state again,

with the most difficult question being whether or not it should keep the port of Bandar Abbas or surrender it to the Arab Shia State.

Afeganistão – Paquistão – Irão. What Afghanistan would lose to Persia in the west, it would gain in the east, as Pakistan's Northwest Frontier tribes would be reunited with their Afghan brethren.

Paquistão – 'Free Baluchistan'. Pakistan, another unnatural state, would also lose its Baluch territory to Free Baluchistan. The remaining "natural" Pakistan would lie entirely east of the Indus, except for a westward spur near Karachi.

United Arab Emirates – Arab Shia State – Dubai – Kuwait – Oman. The city-states of the United Arab Emirates would have a mixed fate — as they probably will in reality. Some might be incorporated in the Arab Shia State ringing much of the Persian Gulf (a state more likely to evolve as a counterbalance to, rather than an ally of, Persian Iran). Since all puritanical cultures are hypocritical, Dubai, of necessity, would be allowed to retain its playground status for rich debauchees. Kuwait would remain within its current borders, as would Oman.

"Who wins, who loses".

Winners: Afghanistan, Arab Shia State, Armenia, Azerbaijan, Free Baluchistan, Free Kurdistan, Iran, Islamic Sacred State, Jordan, Lebanon, Yemen

Losers: Afghanistan, Iran, Iraq, Israel, Kuwait, Pakistan, Qatar, Saudi Arabia, Syria, Turkey, United, Arab Emirates, West Bank

Novos Estados. Free Baluchistan, Free Kurdistan, Islamic Sacred State, Arab Shia State

Estados Desmantelados. Irão, Paquistão, Arábia Saudita, Síria, Afeganistão

Ethnic cleansing – Bloodshed, Babylon. «*Oh, and one other dirty little secret from 5,000 years of history: Ethnic cleansing works. (...) But* ***given time — and the inevitable attendant bloodshed — new and natural borders will emerge. Babylon has fallen more than once***»

Major Ralph Peters (June, 2006). "*Blood Borders, How a Better Middle East Would Look*". Armed Forces Journal.

<u>PETERS – “There will be no peace, an age of constant conflict”</u>.

Ralph Peters – “There will be no peace”

«*There will be no peace. At any given moment for the rest of our lifetimes, there will be multiple conflicts in mutating forms around the globe. Violent conflict will dominate the headlines, but cultural and economic struggles will be steadier and ultimately more decisive. The de facto role of the US armed forces will be to keep the world safe for our economy and open to our cultural assault. To those ends, we will do a fair amount of killing*»

Ralph Peters – “…an age of constant conflict”.

«*We have entered an age of constant conflict. Information is at once our core commodity and the most destabilizing factor of our time. Those of us who can sort, digest, synthesize, and apply relevant knowledge soar--professionally, financially, politically, militarily, and socially. We, the winners, are a minority.*

For the world masses, devastated by information they cannot manage or effectively interpret, life is "nasty, brutish . . . and short-circuited."

Historically, ignorance was bliss. Today, ignorance is no longer possible, only error.

The future is bright--and it is also very dark.

There will be no peace»

Major Ralph Peters, *Constant Conflict, PARAMETERS, US Army War College* [***colocar ano e número de edição***]

PETRAEUS – Perception warfare – OEV – Sockpuppets.

PETRAEUS – "A war of perceptions conducted continuously using the media".

«*The media directly influence the attitude of key audiences toward counterinsurgents, their operations, and the opposing insurgency. This situation creates a war of perceptions between insurgents and counterinsurgents conducted continuously using the news media*»

Sewall, S., Nagl, J.A., Petraeus, D.H., Amos, J. F. (2006). The U.S. Army/Marine Corps Counterinsurgency Field Manual. FM 3-24 / MCWP 3-33.5

PETRAEUS E MATTIS – Operation Earnest Voice (OEV).

Petraeus – "Operation Earnest Voice".

[**Edit**] «*Operation Earnest Voice (OEV) is the critical program of record we use to synchronize and oversee our Information Operations activities… OEV provides CENTCOM direct communication capabilities to a regional audience through traditional media as well as trans-regional websites and public affairs regional blogging*.»

[**Original**] «*Operation Earnest Voice (OEV) is the critical program of record we use to synchronize and oversee our Information Operations activities, to counter our adversaries' ideology and propaganda in the AOR, and to amplify credible voices in the region, all in close coordination with the Undersecretary of State for Public Diplomacy. OEV provides CENTCOM direct communication capabilities to a regional audience through traditional media as well as trans-regional websites and public affairs regional blogging. Strategic, long term effects are achieved through our supporting Building Partnership Capacity programs, humanitarian relief efforts, demining activities, Cooperative Defense Initiatives, and counterterrorist operations. The audience analysis and assessment component of OEV provides critical cultural understanding required to connect with the region's population, tell us which techniques are effective over time and which are not, and gives us the long term ability to assess our success or failure in the war of ideas. Full and enduring funding of OEV and other Defense Department information operations efforts will best enable us to communicate our strategic messages and to counter those of our adversaries*.»

General David H. Petraeus, Commander, U.S. Central Command [CENTCOM], Statement before the U.S. Senate Armed Services Committee, March 16, 2010.

<u>Mattis – “OEV degrades the enemy narrative”</u>.

[**Edit**] «*OEV supports all activities associated with degrading the enemy narrative, including web engagement and web-based product distribution capabilities. The effective engagement of our enemies in cyberspace requires the ability for us to conduct a full-spectrum of traditional military activities against them in that domain, including all aspects of Information Operations and Strategic Communication*»

[**Original**] «*Consistent with the guidance provided by Secretary Gates last December, we conduct Operation Earnest Voice (OEV), which synchronizes and oversees all of our Information Operations activities. OEV seeks to disrupt recruitment and training of suicide bombers; deny safe havens for our adversaries; and counter extremist ideology and propaganda. Full funding of* ***OEV supports all activities associated with degrading the enemy narrative, including web engagement and web-based product distribution capabilities****. The effective engagement of our enemies in cyberspace requires the ability for us to conduct a full-spectrum of traditional military activities against them in that domain, including all aspects of Information Operations and Strategic Communication. We coordinate with the Joint Staff, the Interagency, the Intelligence Community, and our coalition partners to examine the adversary's use of cyberspace and identify techniques, tactics and procedures we can use to counter the adversary in the cyber domain*»

General James N. Mattis, Commander, U.S. Central Command [CENTCOM], Statement before the U.S. Senate Armed Services Committee, March 1, 2011.

PNAC.

PNAC – Fundado no mesmo ano de "The Grand Chessboard", 1997.

Project for the New American Century. O PNAC é fundado em 1997 com muitos membros do que viria a ser o núcleo duro da administração Bush. A lista de membros é composta do núcleo duro neoconservador, incluíndo Richard Perle, Jeb Bush, Dick Cheney, Donald Rumsfeld, I. Lewis Libby, Paul Wolfowitz, Gary Schmitt (Presidente do PNAC), William Kristol (Chairman do PNAC), entre outros.

Kagan e Kristol, co-fundadores e directores. Robert Kagan e William Kristol.

Trabalha com o Pentágono para "promover liderança global Americana". A organização trabalha com o Pentágono para cumprir o objectivo expresso de «*promote American global leadership*».

PNAC – Rebuilding America's Defenses. Em Setembro de 2000, o PNAC publica o ínfame "Rebuilding America's Defenses", centrado em várias ideias:

Expansão militar, "revolution in military affairs. «*American global leadership*», manter hegemonia global americana, implica «*American military preeminence*» a toda a linha, com a expansão radical das Forças Armadas armadas e uma «*revolution in military affairs*», com novas doutrinas e novas tecnologias.

Controlo do espaço e ciberespaço. «*Control of space and cyberspace. Much as control of the high seas – and the protection of international commerce – defined global powers in the past, so will control of the new "international commons" be a key to world power in the future.*»

Mobilização militar permanente pela Eurásia fora. O século XXI implicará mobilização militar permanente pela Eurásia fora, dos Balcãs ao Médio Oriente e à Ásia Central, até à «*East Asia*» e ao «*Pacific Theater*». É dito que «*It is time to increase the presence of American forces in Southeast Asia*», e impor uma «*…heightened U.S. military presence in Southeast Asia*».

Eurásia lançada em chamas, com a caça a rogue regimes e WMDs. É neste documento que é avançado o mito de que vários «*rogue regimes*», «*rogue powers*» têm um complot para atacar o mundo ocidental com «*weapons of mass destruction*». Os estados de que estamos aqui a falar são «*a number of regimes deeply hostile to America – North Korea, Iraq, Iran, Libya and Syria*». Outros países que podem funcionar como ameaças são «*Russia*», «*China*», ou ainda «*Pakistan*». Ou seja, todo o continente é um alvo militar.

Inicia o mito das WMDs. É este relatório que dá origem ao ínfame mito das armas de destruição massiva.

"…a new Pearl Harbor". «*Further, the process of transformation, even if it brings revolutionary change, is likely to be a long one, absent some catastrophic and catalyzing event – like a new Pearl Harbor*» – isto é, claro, uma referência ao ataque japonês que matou 3000 americanos e lançou os EUA na II Guerra Mundial.

"Rebuilding America's Defenses" (September 2000). Project for the New American Century.

<u>Princípios de Biderman – Aplicação a estados repressivos</u>.

<u>[Princípios de tortura, lavagem cerebral e despersonalização]</u>. Ver notas sobre isto.

General Method	Effects (Purposes)	Variants
1. Isolation	Deprives victim of all social support of his ability to resist. Develops an intense concern with self. Makes victim dependent upon interrogator.	Complete solitary confinement. Complete isolation. Semi-isolation. Group isolation.
2. Monopolization of Perception	Fixes attention upon immediate predicament. Fosters introspection. Eliminates stimuli competing with those controlled by captor. Frustrates all action not consistent with compliance.	Physical isolation. Darkness or bright light. Barren environment. Restricted movement. Monotonous food.
3. Induced Debilitation and Exhaustion	Weakens mental and physical ability to resist	Semi-starvation. Exposure. Exploitation of wounds. Induced illness. Sleep deprivation. Prolonged constraint. Prolonged interrogation. Forced writing. Over-exertion.
4. Threats	Cultivates anxiety and despair	Threats of death. Threats of non [return?]. Threats of endless interrogation and isolation. Threats against family. Vague threats. Mysterious changes of treatment.
5. Occasional indulgences	Provides positive motivation for compliance. Hinders adjustment to deprivation.	[Occasional?] favors. Fluctuations of interrogator's attitudes. Promises. Rewards for partial compliance. Tantalizing.
6. Demonstrating "Omnipotence" and "Omniscience"	Suggests futility of resistance.	Confrontation. Pretending cooperation taken for granted. Demonstrating complete control over victim's fate.
7. Degradation	Makes cost of resistance more damaging to self-esteem than capitulation. Reduces prisoner to 'animal level' concerns.	Personal hygiene prevented. Filthy infested surrounds. Demeaning punishments. Insults and taunts. Denial of privacy.
8. Enforcing Trivial Demands	Develops habits of compliance.	Forced writing. Enforcement of minute rules.

<u>Aplicáveis em qualquer situação de aprisionamento mental de massa</u>.

<u>O actual corporatismo privatizado comunitário é um bom exemplo</u>. Estes princípios podem ser (muitas vezes são) aplicados em todo o género de situações onde haja a tentativa de criar um ambiente de encarceramento mental numa realidade artificialmente imposta por um agressor. Isto aplica-se, e.g. a estados repressivos e terroristas, como os actuais corporatismos privatizados comunitários. A aplicação destes princípios a esses casos é bastante simples e linear, mas vamos exemplificar, ponto por ponto.

<u>(1)</u> <u>Degradação</u>. O ambiente pós-industrial, pós-estruturalista, pós-moderno, com a implementação de decadência moral, cultural, social, infraestrutural. A *wasteland* civilizacional, que apenas por coincidência mantém algum aspecto de civilização.

<u>(2)</u> <u>Indução de debilitação e de exaustão</u>. À debilitação de uma economia depauperada adicione-se a debilitação de uma cultura disfuncional e inumana e a exaustão de uma sociedade à beira da fragmentação. Em tais ambientes, a pessoa média torna-se ela própria debilitada, cansada, dissociativa.

<u>(3)</u> <u>Ameaças</u>. Sob registo governamental, isto tem de ser visto pela óptica de *guilt pimping*. Por exemplo, a economia é destruída pelo estado corporativo (dominado por predadores financeiros) mas quem é responsabilizado é o público – "não são produtivos o suficiente, não pagam demasiados impostos, têm tido a boa vida". Depois, este mesmo público é ameaçado com consequências gravíssimas a não ser que assuma Síndrome de Estocolmo e cumpra as exigências dos terroristas institucionais que o colocaram nessa situação. Aqui entramos no tópico de "Exigir o cumprimento de trivialidades".

(4) Indulgências ocasionais. Vamos subsidiar-te porque gostamos de ti, porque te amamos. Naaah. Na verdade todo o dinheiro é emprestado pela alta finança, a 20% de juros (nós trabalhamos para a alta finança), e és tu, os teus filhos e os teus netos que vão pagar cada tostão e muitos mais após isso. Criminosos só oferecem indulgências ocasionais se isso lhes saquear mais-valias mais à frente.
(5) Exigir o cumprimento de trivialidades. Todas as formas criminosas de autoridade são daoístas, o que significa que inventam milhares de regras absurdas e triviais para impor aos seus súbditos. Por um lado, isto serve para micro-gerir o público. Controlo extremo, sobre aqueles que são vistos como gado; o gado tem de ser controlado para não sair do cercado. Mas serve um outro propósito igualmente importante, o de quebrar a vontade e o bom senso do público. Daoísmo e microgestão são sempre caracterizados por absurdo e por surrealismo. Quando um público aceita a imposição de "novos normais" que são baseados nesses predicados – em pura irracionalidade – está a abdicar de Razão. Está a abdicar de cabeça, de racionalidade, em prol da oligarquia que gere a sociedade. Está a deitar fora auto-estima e auto-respeito. Está a abdicar voluntariamente de todos os predicados para os quais o Homem foi criado: Razão, integridade, independência, liberdade, prosperidade. Um público nessas condições aceita que é gado e aceita que é nesses moldes que é e será tratado.
(6) Isolamento e monopolização de percepção. A tentativa de controlar a cultura e a comunicação de massas. Aquilo que as pessoas vêem e conhecem, aquilo que sabem e aquilo de que falam; os memes em circulação no público. Conquistar mentes e corações pela supressão da Razão, pelo cultivo deliberado de pobreza mental e cultural, ignorância, filistinismo.
(7) Demonstrar omnipotência e omnisciência. Todos os regimes autoritários gostam de tentar provar que são "deus" na Terra. É uma demonstração do carácter colectivo infantil das oligarquias que dominam tais sistemas. O bully boy é sempre um pedaço inchado de gelatina humana, mas precisa de tentar provar que é maior e melhor que todas as outras crianças no pátio. Precisa de tentar provar que é "deus", para ter "respeito". Para isso, precisa de fazer imensos show offs de força, para que as restantes crianças acreditem na "supremacia" do seu "poder". Mais tarde, as outras crianças crescem, o bully boy leva uma sova e é assim que aprende.

<u>QUIGLEY – Colapso do Ocidente, ascensão de China e Índia</u>.

<u>Previsão que nunca é realmente explicada durante o livro; simplesmente é feita</u>.

<u>Civilização Ocidental deixará de existir antes de 2500</u>.

<u>Índia e China vão substituir Civilização Ocidental</u>. Novas civilizações a desenvolver-se na Índia e na China vão substituir a civilização Ocidental e a civilização Ortodoxa-Russa.

<u>"Stage of Invasion… lies wide open to barbarian invaders… a period of mixture"</u>.

«*Western civilization did not exist about A.D. 500; it did exist in full flower about A.D. 1500; and it will surely pass out of existence at some time in the future, perhaps before A.D. 2500… Stage 7 is the Stage of Invasion, when the civilization, no longer able to defend itself because it is no longer willing to defend itself, lies wide open to "barbarian invaders." These invaders are "barbarians" only in the sense that they are "outsiders." Frequently these outsiders are another, younger, and more powerful civilization… As a result of these invasions by an outside society, the civilization is destroyed and ceases to exist. This Stage of Invasion is also a period of mixture. As such, it may be, but does not need to be, Stage 1 of a new civilization*» – Carroll Quigley (1961), "The Evolution of Civilizations: An Introduction to Historical Analysis". Macmillan.

QUIGLEY – “Passage from the Age of Expansion to the Age of Conflict”.

Declínio da taxa de expansão.

Tensões crescentes, conflitos de classe, lutas de classe.

Guerras imperialistas constantes e crescentemente violentas.

Período de irracionalismo, pessimismo, superstições, outro-mundismo.

Democracia substituída por autoritarismo.

Capitalismo individual substituído por capitalismo de estado.

Ciência desafiada por misticismos, alguns dos quais sob a bandeira da ciência.

«***It is this decline in the rate of expansion of a civilization which marks its passage from the Age of Expansion to the Age of Conflict****. This latter is the most complex, most interesting, and most critical of all the periods of the life cycle of a civilization. It is marked by four chief characteristics: (a)* ***it is a period of declining rate of expansion****; (b) it is a period* ***of growing tensions and class conflicts****; (c) it is a period* ***of increasingly frequent and increasingly violent imperialist wars****; and (d) it is a period* ***of growing irrationality, pessimism, superstitions, and otherworldliness****…*

Indeed, the class struggles and imperialist wars of the Age of Conflict will probably serve to increase the speed of the civilization's decline because they dissipate capital and divert wealth and energies from productive to nonproductive activities…

The old march of democracy *now* ***yields to the insidious advance of authoritarianism, and the individual capitalism of the profit motive seems about to be replaced by*** *the* ***state capitalism*** *of the welfare economy.* ***Science, on all sides, is challenged by mysticisms, some of which march under the banner of science itself****; urbanism has passed its peak and is replaced by suburbanism or even "flight to the country"; and nationalism finds its patriotic appeal challenged by appeals to much wider groups of class, ideological, or continental scope…*» Carroll Quigley (1966), Tragedy and Hope: A History of the World in Our Time.

QUIGLEY – “Endemic and controlled conflict”.

“War was epidemic and total, now conflict will be endemic and controlled”.

“Constant, flexible, controlled conflict with limited, specific, and shifting aims”. «*As a result of all the complex interrelationships of weapons and politics that we have mentioned up to this point, it seems very likely that* ***the international relations of the future will shift from the world we have known, in which war was epidemic and total, to one in which conflict is endemic and controlled****. The ending of total warfare means the ending of war for unlimited aims (unconditional surrender, total victory, destruction of the opponent's regime and social system), fought with weapons of total destruction and a total mobilization of resources, including men, to* ***a condition of constant, flexible, controlled conflict with limited, specific, and shifting aims****, sought by limited application of diverse pressures applied against any other state whose behavior we wish to influence*»

Carroll Quigley (1966), Tragedy and Hope: A History of the World in Our Time.

<u>RAND – Guerra neocortical</u>.

É dito que «*killing appliances and destruction machines are usually and necessarily expensive*»… « *subduing adversaries without violence is the warfare of the future. The soft can overcome the hard…*»

«*…the real object of war [is] subduing will*». Portanto, «*The target of all human conflict, is the human mind*»

«*The capstone of the brain… is the neocortex… The neocortex comprises 80 percent of total brain matter. It enables us to think, organize, remember, perceive, speak, choose, create, imagine and cope with or adapt to novelty*»

«*Neocortical warfare strives to control or shape the behavior by influencing, even to the point of regulating, the consciousness, perceptions and will of the adversary's leadership: the enemy's neocortical system*»

Para isso é preciso virar as características psicológicas e culturais do adversário contra ele – compreender como ele pensa, para poder sabotar o processo, através de técnicas como programação neurolinguística:

«*Neocortical warfare uses language, images and information to assault the mind, hurt morale and change the will. It is prosecuted against our weaknesses or uses our strengths to weaken us in unexpected and imaginative ways*»

Usar «*nonviolence, mental attacks, nightmares, illusions, character assassinations or smear campaigns*» ou «*tools similar to "neuro linguistic programming"*».

«*This is all brought about without physical violence. It is all designed to… lead the enemy to choose not to fight… even unaware that our decisions and our behavior led to the reframing and the redecision reached… We already have awareness of neocortical warfare and some skill in waging neocortical warfare against adversaries and friends alike*»

«*…neocortical warfare rejects the notion that warfare is an aberration. It accepts that conflict will never end and that we must invest resources to win its endless engagements. The Cold War may be over, but cold war must be the goal*»

Ou seja, guerra *fria* sobre todas as mentes no planeta.

John Arquilla & David Ronfeldt (1997), "*In Athena's Camp: Preparing for Conflict in the Information Age*". RAND Corporation. [Cap. 17 – Richard Szafranski, Neocortical Warfare? The Acme of Skill]

<u>RAND – Netwar – Swarming – Guerra psicológica – Cyberwar</u>.

RAND – Activist swarming e netwar com ONGs e sector privado.

<u>RAND – Redes de cooperação entre estado e sociedade civil, sectores público e privado</u>. É dito que é preciso haver uma «*deep cooperation*» entre « *political and military officials*» e «*between state and civil society actors*», bem como «*Building a range of collaborative networks between the public and private sectors*». Isto tem o seu auge na criação de «*partnerships, including by building hybrid, just-in-time, virtual teams that can move quickly to address conflicts*»

John Arquilla & David Ronfeldt (1997), "In Athena's Camp: Preparing for Conflict in the Information Age". RAND Corporation. [Cap. 19 – Arquilla & Ronfeldt, Looking Ahead: Preparing for Information-Age Conflict]

<u>Swarming com ONGs interconectadas</u>. «*A key consideration for the American government may be learning to work with the new generation of nongovernmental organizations (NGOs)*»

«*…activist swarming best occurs where the NGOs are internetted… any issue can be rapidly singled out and attacked… Their behavior may look uncontrolled, even anarchic at times. But in fact it is shaped by extensive consultation and coordination, made feasible by rapid communications among the parties to the swarm*»

<u>Inventar uma "global civil society", ligá-la a ONGs locais</u>.

<u>E usar operações de informação como arma decisiva</u>. «*…the kind of doctrine and strategy that can make social netwar effective for transnational NGOs*» contém «*two important elements: (1) Make civil society the vanguard—work to build a "global civil society" and link it to local NGOs; (2) make "information" and "information operations" the decisive weapon.*»

John Arquilla & David Ronfeldt (1997), "*In Athena's Camp: Preparing for Conflict in the Information Age*". RAND Corporation. [Caps. 16 e 18]

RAND – Aparato de segurança com ONGs.

[***Frisar que estas estruturas têm sempre um "componente sensorial – em swarming", i.e., espionagem***]

<u>Inventar uma "global civil society", ligá-la a ONGs locais</u>.

E usar operações de informação como arma decisiva. «*…the kind of doctrine and strategy that can make social netwar effective for transnational NGOs*» contém «*two important elements: (1) Make civil society the vanguard—work to build a "global civil society" and link it to local NGOs; (2) make "information" and "information operations" the decisive weapon.*»

John Arquilla & David Ronfeldt (1997), "*In Athena's Camp: Preparing for Conflict in the Information Age*". RAND Corporation. [Caps. 16 e 18]

RAND – O que é swarming.

RAND – O que é swarming, e capacidades envolvidas. Swarming é um conceito desenvolvido pela RAND Corporation nos anos 90. A ideia é a de criar uma barragem comunicacional, que use todas as frentes disponíveis para criar a ilusão de consenso, ou de frente unida.

«*Swarming… is a deliberately structured, coordinated, strategic way to strike from all directions… It is designed mainly around the deployment of myriad, small, dispersed, networked maneuver units (what we call "pods" organized in "clusters")… depending completely on robust, rapid communications… Swarming is achieved when the dispersed nodes of a network… converge on an enemy from multiple directions. The overall aim should be sustainable pulsing—swarm networks must be able to coalesce rapidly and stealthily on a target, then dissever and redisperse, immediately ready to recombine for a new pulse. The effect on an adversary is likely to be highly disruptive, and also highly destructive…*»

Estas unidades de manobra são ligadas de um modo paramilitarizado, com estruturas de «*command, control, communications, computers, and intelligence surveillance and reconnaissance (C4ISR)…*»

John Arquilla & David Ronfeldt (1997), "*In Athena's Camp: Preparing for Conflict in the Information Age*". RAND Corporation. [Cap. 19 – Arquilla & Ronfeldt, Looking Ahead: Preparing for Information-Age Conflict]

RAND2 – Swarming aplica-se a activismo social. Depois, isto é descrito como uma doutrina que revoluciona a actividade militar, «*for information-age conflict across the spectrum—from social activism and operations other than war to high-intensity, major theater warfare*». Portanto, vai abranger e «*enliven...netwar*».

Outra formulação disto é a de que permite «*address real conflict situations—from social activism to high-intensity warfare—in which swarming is present or might be used*».

Ou seja, o swarming «*is present or might be used*» «*to address real conflict situations—from social activism to high-intensity warfare*».

John Arquilla & David Ronsfelft (1997). Swarming & The Future of Conflict. RAND Corporation.

RAND – "Swarming, chave para a era da informação". «*"swarming" may be the key mode of conflict in the information age—it is more feasible than ever for offense and defense, across the entire spectrum of conflict*», o que inclui conflitos sociais.

Depois é dito que os esforços diplomáticos dos EUA têm de ser redesenhados: «*It may be time to rethink diplomacy in terms of… the emergence of swarming capabilities.*»

John Arquilla & David Ronfeldt (1997), "*In Athena's Camp: Preparing for Conflict in the Information Age*". RAND Corporation. [Cap. 19 – Arquilla & Ronfeldt, Looking Ahead: Preparing for Information-Age Conflict]

RAND – Social netwars – Guerra psicológica.

Social netwars vão ser progressivamente mais importantes. «*Netwar[s] will figure increasingly at the societal end of the spectrum... social netwars may take on a primarily nonviolent character…», «A social netwar may be progressive or regressive, violent or nonviolent, mass or sectarian, public or covert, threatening or promising for a society—it all depends*»

Netwar envolve manter o adversário no escuro em relação a tudo. Numa netwar, o adversário são todos os elementos que podem afectar o resultado de um golpe, e isso é o regime a abater, mas também o público, nacional e internacional, que tem de dar a sua aquiescência ao decorrer dos acontecimentos:

«*Netwar generally involves… keeping the opponent in the dark about oneself and about its own situation… affecting what the opponent knows, or thinks it knows, not only about its challenger but also about itself and the world around it*»

Moldar crenças e attitudes – batalhas pela opinião pública – Guerra psicológica, "to disinform, deceive and manipulate". Portanto, isto envolve, «*trying to shape… beliefs, and attitudes... Thus a social netwar is likely to involve battles for public opinion and for media access and coverage, at local and international levels. It may revolve around propaganda campaigns and psychological warfare, not only to inform but also to disinform, deceive, and manipulate*»

Mental attacks, smear campaigns. Nestas coisas vale tudo, desde «*mental attacks*» até «*character assassinations or smear campaigns*»

John Arquilla & David Ronfeldt (1997), "*In Athena's Camp: Preparing for Conflict in the Information Age*". RAND Corporation. [Caps. 1, 12, 16, 17, 19]

RAND – Rising Importance of Social and Human Capital.

Tudo isto faz com que exista uma «*Rising Importance of Social and Human Capital…*».

John Arquilla & David Ronfeldt (1997), "*In Athena's Camp: Preparing for Conflict in the Information Age*". RAND Corporation. [Cap. 6 – Arquilla & Ronfeldt, Information, Power and Grand Strategy – Section 1]

RAND – Info ops are an integral part of the doctrinal environment.

«*Information operations should be viewed, not as an exotic or specialty function, but rather as an integral part of the overall emerging doctrinal environment.*»

John Arquilla & David Ronsfelft (1997). Swarming & The Future of Conflict. RAND Corporation.

RAND – "Mind is the greatest weapon... greater capability to attack societies with propaganda, psyops».

«*the mind is the greatest weapon*», portanto, existe uma «*increased importance and capability*» para atacar uma sociedade por meio de «*propaganda, psychological operations*», gestão de informação.

[em fundo, imagem com «*an increased importance and capability for hurling messages and "memes" at an adversary's society through propaganda, psychological operations*»]

John Arquilla & David Ronsfelft (1997). Swarming & The Future of Conflict. RAND Corporation.

RAND – Cyberwar, the blitzkrieg of the 21st century.

«*…warfare is no longer primarily a function of who puts the most capital, labor and technology on the battlefield, but of who has the best information about the battlefield*»

«*…cyberwar may be to the 21st century what blitzkrieg was to the 20th century*»

"Cyberwar Is Coming!" (1993) – John Arquilla and David Ronfeldt

Reportagem AP – A indústria de notícias do Pentágono. Em Fevereiro de 2009, a Associated Press lançou uma reportagem muito importante que, curiosamente, ou talvez não, foi ignorada pela generalidade dos media. A reportagem determinou que, de 2003 a 2009, o orçamento de propaganda do Pentágono tinha sido dilatado em 63%, para perto de $5 biliões em 2009.

Joint Hometown News Service. Numa base abandonada da Força Aérea em San Antonio, Texas, está sedeada a Joint Hometown News Service:

«*Each of these glowing stories was written by Pentagon staff… In 2009, Hometown News plans to put out 5,400 press releases, 3,000 television releases and 1,600 radio interviews, among other work -- 50 percent more than in 2007. The service is just a tiny piece of the Pentagon's rapidly expanding media empire, which is now bigger in size, money and power than many media companies… In 2003, for example, initial accounts from the military about the rescue of Pvt. Jessica Lynch from Iraqi forces were faked to rally public support…*»

RMA – Conflito século 21 – Internacionalização, privatização, acção global.

Globalização traz conflito permanente, disperso, globalizado.

"Conflito global persistente" – Ponto central em doutrina. Cliché habitual em Estratégia de Segurança, do nível nacional ao nível regional ou global.

O conflito no século XXI é disperso e globalizado – recursos. Recursos, fronteiras, influência. ["US generals planning for resource wars"].

Globalização acaba com guerra inter-estados – Traz projecção global dispersa. Com vagas sucessivas de integração, a guerra entre estados e potências é progressivamente anulada, e substituída por guerra de alcance global e dispersa, localizada sobre grupos populacionais e humanos específicos.

Vários actores. Estados, grupos religiosos e terroristas, máfias, mercenários, etc.

Conflito inclui populações civis – estrangeiras e domésticas. O conflito disperso pelo mundo envolve as populações civis locais, o que inclui populações domésticas – num mundo **global**, **deixa de haver distinção** entre as duas.

"Operações conduzidas em zonas urbanas congestionadas".

Deslocação e caos global.

Conflito ubíquo, doméstico e estrangeiro. Proxy wars, guerras civis, secessões, mudanças de regime, migrações, terror, conflito urbano.

Acções militares internacionais non-stop. Ataques cirúrgicos, operações de estabilização, ocupação de alvos estratégicos selectivos.

Repressão doméstica. É consolidada e intensifica-se.

"Reconstrução".

Acompanha a ideia de "conflito global persistente". O conceito de Reconstrução é central em todas estas instâncias.

Após a destruição criativa, há a construção destrutiva – "Reconstrução".

A "Revolution in Military Affairs" visa criar uma força global privatizada.

Novo paradigma de acção bélica, dos anos 80 para a frente. Dos anos 80 para a frente, começa a preparar-se um novo modo de pensar e organizar as forças armadas.

RMA – Reestruturação geral. Esta transição geral do que se entende e faz com forças armadas, a reestruturação geral que está a processar-se, é conhecida pela expressão genérica de «*Revolução em Assuntos Militares*», «*Revolution in Military Affairs*» [PNAC], que transita as forças armadas para uma força futura. Um novo tipo de forças militares para um novo século. A força futura que se pretende saia daqui, é...

Internacional em carácter e composição – Centros de comando internacionais. Reflectindo as vagas de integração inter-estados.

Exemplo: Forças internacionais de reacção rápida.

Profissionalizada, semi-privatizada, complementada com forças irregulares. Centrada em unidades especializadas, como forças especiais, complementada com mercenários e forças irregulares (ex., milícias locais).

Pesadamente armada com sistemas de armas sofisticados. Progressivamente mais baratos, velozes, automatizados, precisos, letais.

Está sedeada em bases permanentes espalhadas pelo planeta fora.

Capacidade de alcance global – Acções de intervenção rápida. Tem capacidade para mobilização imediata e intervenção rápida, em qualquer ponto do planeta, i.e., «*global engagement*», capacidade para «*global attack*», «*rapid global mobility*».

Altamente móvel e mecanizada – "Todo-o-terreno". Ou seja, com capacidade de envolvimento e combate em terra, ar, mar, e também nas novas fronteiras, o espaço e o ciberespaço [«*the militarization of space*»].

"The militarization of space". No caso do espaço, isto é feito através de satélites de vigilância global e sistemas de armas orbitais, que já estão a ser pagos pelas populações civis. «*"combat" likely will take place in new dimensions: in space, "cyber-space," and perhaps the world of microbes*»

«*Space itself will become a theater of war… the distinction between military and commercial space systems – combatants and noncombatants – will become blurred*»

Rebuilding America's Defenses (September 2000). Project for the New American Century.

Forças especiais – Exércitos universais substituídos pelo 'universal soldier'. Com o fim dos velhos exércitos baseados na milícia popular, o serviço militar universal, o que ficaram foram exércitos profissionais altamente especializados.

Guerra cirúrgica, operações especiais – Terrorismo *de facto*. Hoje em dia, essas forças são largamente baseadas nos conceitos de guerra cirúrgica e operações especiais – uma discreta alegoria para algo que é terrorismo *de facto*. São unidades em guerra permanente, pelo mundo fora.

WATT – "Special forces are mercenaries and terrorists".

***AWSpecialForces*:** Forças especiais são mercenários e terroristas. Exércitos actuais são quase exclusivamente forças especiais, em guerra **permanente**, pelo mundo fora.

- *AWSpecialForces*

may13 - special forces para substituir exércitos regulares (nos anos 90, o cfr comentou que os exércitos regulares seriam substituídos por forças especiais – activas **permanentemente**)

may13 - special forces are mercenaries and terrorists

may13 - special forces are terrorists2 - terroristas islamicos

As novas legiões romanas para o Imperium, cegas, globais, eficientes, mecânicas.

Intervenção rápida em qualquer sátrapa imperial. Uma máquina de matar com alcance global, eficiente, cega e mecânica, para intervenção rápida em qualquer sátrapa/domínio imperial.

O Imperium é privatizado, as legiões respondem a senadores privados. As novas legiões combatem pelas multinacionais e agências globais que as comandam.

Multinacionalização da defesa nacional – PMCs – ONGs – "Guerra humanitária".

Multinacionalização da defesa acompanha desconstrução do estado-nação.

Internacionalização das funções de defesa nacional, sob acordos. À medida que a desconstrução do estado-nação avança, as próprias actividades militares são multinacionalizadas. Isto acontece com a fusão das estruturas de comando em estruturas continentais e regionais, através de acordos e instituições de cooperação. As forças armadas de um país europeu deixam de estar apenas ao serviço do seu país, sob estruturas de comando nacionais, para passarem a estar ao serviço da NATO, da Eurocorps, das Nações Unidas, ou de qualquer outra estrutura imperial deste género. Temos isto com os três grandes blocos. ...o que coloca as estruturas militares nacionais sob controlo multinacional.

COFFMAN – "We are being homogeneized into the world"

coffman - we are being homogeneized into the world (We are being homogeneized into the world. NATO for the EU. Another for the NAU. ASEAN will have another. Standardized all around the world).

Privatização da defesa nacional – Outsourcing. Outra forma como isto é feito, é através de pura e simples privatização. Sob o pretexto de cortar despesas, o estado-nação tem vindo a passar uma quantidade cada vez maior de actividades essenciais para mãos privadas, através de outsourcing.

Portanto, desde o catering até à logística, ao transporte, ou à operação de dados; a mecânica, a manutenção e a operação de sistemas de armas – todas estas actividades têm vindo a ser entregues a contratadores privados. A própria divulgação de informação é elaborada por consultores de imagem e por agências de relações públicas. Esta tendência começou em larga escala nos anos 90 e apenas se intensificou nas duas últimas décadas.

Hoje em dia, quando a NATO ou uma coligação derivada vai para a guerra, leva atrás toda uma panóplia de companhias multinacionais que mantêm a máquina a funcionar.

Mercenários fazem segurança no terreno. No terreno, soldados regulares são gradualmente substituídos por mercenários, que também se ocupam cada vez mais de operações negras, lado a lado com forças especiais regulares.

Também trabalham para operadores privados que exploram território ocupado. Não se limitam a trabalhar para governos; também fazem segurança para os operadores privados que vão explorar os recursos do território conquistado.

Tendência começa em força nos anos 90. Esta tendência começou a larga escala nos anos 90, na ex-Jugoslávia. Continuou na Somália, Afeganistão, Iraque, etc. Por exemplo, em 2009, mais de 20.000 empregados de PMCs americanas estiveram envolvidas no Iraque, conjuntamente com o contingente americano de 160.000 soldados.

Attali sobre companhias de mercenários. Foi Jacques Attali que disse que «*Empresas de mercenariado... depressa passarão a assumir funções gerais de segurança: defesa, protecção ou mesmo ataque... Na sua maioria, e à semelhança dos Governos que as contratarem, estas empresas não respeitarão qualquer regra: a prática de tortura no Iraque e a sorte dos prisioneiros de Guantanamo são os sinais precursores deste cenário*» [(p. 209) Jacques Attali, "Uma Breve História do Futuro" (2006)].

A Blackwater é um bom exemplo de tudo isto. Um pequeno microcosmo neste universo é a Xe, ou Blackwater, que construiu uma rede global de agentes de várias nacionalidades, que ficou tristemente conhecida pelo massacre de civis iraquianos na Praça Nissour, em 2007 (?).

Blackwater no centro do programa de assassinatos da CIA. A Blackwater esteve no centro do programa de assassinatos que a CIA organizou em 2004, visando suspeitos de

terrorismo no Médio Oriente. Numa série de documentos da companhia, recentemente tornados públicos, um dos executivos, Enrique Prado explicava que a Blackwater tinha desenvolvido «*a rapidly growing, worldwide network of folks that can do everything from surveillance to ground truth to disruption operations… These are all foreign nationals (except for a few cases where US persons are the conduit but no longer 'play' on the street), so deniability is built in and should be a big plus.*»

Um ex-oficial da CIA, citado pelo The Nation, disse que a vantagem de usar esta rede privatizada no programa da CIA era que «*you wouldn't want to have American fingerprints on it*»

<u>PMCs não têm as mesmas limitações legais que agências governamentais têm</u>. Sendo companhias privadas e estando sedeadas em sítios como Dubai ou os Barbados, estas companhias não têm os mesmos impedimentos legais que serviços governamentais têm. São virtualmente intocáveis, no que diz respeito a parâmetros legais.

<u>Podem cometer acções ilegais pelo planeta fora</u>. E, não têm de ser responsáveis perante nenhum parlamento, ou nenhum público – apenas perante o empregador.

<u>Contratadores de defesa têm posição privilegiada no topo</u>. Hoje em dia, existe toda esta panóplia de contratadores de defesa que têm lugar nas conferências globais de segurança e entrada assegurada em todos os ministérios da defesa. Ajudam a definir o futuro do conflito, e a direcção de evolução da tecnologia.

<u>E as ONGs também</u>. Do outro lado da barricada, temos as ONGs.

<u>O Império Britânico também usava ONGs</u>. Isto é uma herança directa do método de guerra usado pelo Império Britânico. A primeira fase da guerra era militar: bombardeamentos, combates armados, massacres. Após a vitória militar, entravam as instituições sociais, as ONGs do seu tempo, que iam gerir a estrutura social. E também iam gerir a vida social e cultural das populações conquistadas, de modo a alterar radicalmente a cultura e os valores tradicionais. A vitória era alcançada quando a cultura tradicional tivesse sido erradicada, e substituída por uma cópia da cultura britânica.

<u>O **lado "humanitário"** da guerra pós-moderna</u>. Esta prática teve imenso sucesso e continuou a ser praticada até aos dias de hoje. Este é o lado humanitário da guerra moderna. Primeiro terraplanam-se escolas, hospitais, e lugares religiosos. Depois, fazem-se entrar as associações que se vão encarregar de gerir a miséria e de agir junto das populações locais de modo a alterar radicalmente a cultura tradicional.

Guerra pós-moderna – Destruir para trazer neomedievalismo.

<u>Competição inter-blocos é uma falsa premissa</u>.

Por ex., competir com Rússia e China. «*We face a potential return to traditional security threats posed by emerging near-peers as we compete globally for depleting natural resources and overseas markets*», ou seja, China e Rússia.

EUA, Europa, Rússia, China, são ficções. Os Estados Unidos, a Rússia e a China são ficções. Os estados pós-modernos são aquilo que as elites governantes querem que sejam, e as elites governantes actuais são multinacionais. A economia chinesa não é chinesa. É um conjunto de consórcios multinacionais.

Capital e directorados são multinacionais. Era na qual o capital é multinacional, e investidores americanos dominam empresas chinesas e vice-versa.

Conflitos entre consórcios rivais. A este nível, quanto muito está-se a falar de conflitos entre consórcios rivais, que podem usar as forças armadas de diferentes países para travar os seus combates no terreno.

Guerra pós-moderna é essencialmente uma forma de destruir e controlar. Mas, mais que tudo o resto, a guerra na era moderna é uma forma privilegiada de destruir regimes indesejados, deslocalizar e eliminar populações indesejáveis, de provocar mudanças pretendidas nas zonas afectadas, e também como pretexto para manter controlos sociais em casa. [manter toda a gente na linha em casa, por meio de controlos apertados]

Estandardizar e impor neofeudalismo pelo mundo fora.

SPACECOM, Vision for 2020

Marte e Mercúrio caminham de mãos dadas.

Da Royal Navy ao US SPACECOM (mercantilismo leva canhões). Royal Navy define mercantilismo do Império Britânico como US SPACECOM visa ser o ponto focal do mercantilismo global do New Global Century.

"SPACECOM may evolve into the guardian of space". «*Historically, military forces have evolved to protect national interests and investments -- both military and economic. During the rise of sea commerce, nations built navies to protect and enhance their commercial interests. During the westward expansion of the continental United States, military outposts and the cavalry emerged to protect our wagon trains, settlements, and railroads… The emergence of space power follows both of these models. Over the past several decades, space power has primarily supported land, sea, and air operations – strategically and operationally… Due to the importance of commerce and its effects on national security, the United States may evolve into the guardian of space commerce—similar to the historical example of navies protecting sea commerce*»[United States Space Command, "Vision for 2020"]

Full Spectrum Dominance: conceitos operacionais.

"Dominant maneuver, precision engagement, full-dimensional protection, focused logistics".

"Enabled by information superiority and technological innovation".

"Information superiority": promover capacidades próprias, negar as do adversário.

"Space vital in global communications; navigation; missile systems; weather; intelligence".

"Sinergy of space superiority with land, sea, and air superiority".

"SPACECOM will be vital to plan/execute joint military operations".

"Space defense and even space warfare, with ballistic systems".

"The end result of these enablers and concepts is Full Spectrum Dominance".

«*The Joint Vision 2010 operational concepts of dominant maneuver, precision engagement, full-dimensional protection, and focused logisticsare enabledby information superiority andtechnological innovation. Theend result of these enablersand concepts is Full Spectrum Dominance. Information superiority relies heavily upon space capabilities to collect, process, anddisseminate an uninterrupted flow of informationwhile denying an adversary's ability to fully*

leverage the same… The emerging synergy of space superiority withland, sea, and air superiority, will lead to Full Spectrum Dominance. Spaceforces play an increasingly critical role in providing situational awareness (e.g., global communications; precisenavigation; timely andaccurate missile warning and weather; and intelligence, surveillance, and reconnaissance [ISR])to US forces… Space operationsmust be fully integrated with land, sea, and air operations. USSPACECOMmust assume a dynamicrole in planning and executing joint military operations. Included in thatplanning should be the prospects for space defense and even space warfare.Development of ballistic missile defenses using space systems and planning for precision strike from space offers a counterto the worldwide proliferation of WMD»[United States Space Command, "Vision for 2020"]

SPACECOM – Fusão global de capacidades, multinacionalização, privatização.

Um sistema global, multinacional e privatizado –***fascista*** – para **fascismo global**.

USSPACECOM só será US durante um tempo – neo-mercantilismo/corporativismo global. Depois, após o colapso dos EUA, será meramente SPACECOM, quando passar para plenamente para o consórcio internacional que ordenará as questões internacionais/globais.No entretanto, será uma força a contrato pelo pré-consórcio global, as mega-organizações neo-mercantis que já ordenam a economia global e controlam estruturas mercenárias como o Pentágono. Seja como for, todos os pontos seguintes definem, na prática, o modo como se monta e organiza um sistema integrado total, para abarcar toda uma infraestrutura militar global. Temos um sistema de controlo/ápice, que é multinacional, privatizado, comunal e funciona com base no princípio de integração/fusão total, e estes são os pontos definidores de fascismo. Agora, tudo isto acompanha a tendência para o mesmo tipo de fenómeno em todos os outros sectores da economia global, com a *tentativa* de impor corporativização a toda a linha; fascismo global por consórcios neo-mercantis. A SPACECOM está para o mercantilismo concertado, corporativista, da "economia global", assim como a Royal Navy esteve para o mesmo tipo de formato, quando era só o Império Britânico. É claro que todo este processo pode e deve ser parado.

Control of Space – Global Engagement – Full Force Integration – Global Partnerships.«*To move towards the attainment ofour Vision, we have adopted four operational concepts… Control of Space… Global Engagement… Full Force Integration… Global Partnerships*»

Control of Space: controlo sobre acesso e uso. «*Control of Space is the ability to assure access to space, freedomof operations within thespace medium, and anability to deny others the use of space, if required… Control of Space Capabilities [exige]… Real-time space surveillance… Timely and responsive spacelift… Enhanced protection (military and commercial systems)… Robust negation systems*»

Global Engagement: application of precision force from, to, and through space. «*Global Engagement is the application of precision force from, to,and through space… Global Engagementcombines global surveillance with the potential for a space-basedglobal precision strikecapability… Global Engagement Capabilities [exige]… Non-intrusive global surveillance… Key to National Missile Defense… Enhanced C2… Space-based strike weapons*»

Full Force Integration: fusão total de informação, "system of systems". «*Full Force Integration is the integration ofspace forces and space-derived information with land, sea, and air forces and their information…. Full Force Integration includes the merging of information and informationsystems into a "system ofsystems" approach… Full Force Integration Capabilities… [exige] Enhanced "sensor-to-shooter"… Common protocols, communicationsstandards, and fused databases… Precise modeling and simulation… "One-stop shop" for space support*»

Global Partnerships (PPP): leveraging of civil, commercial, and international space systems.

Military can no longer rely solely upon DoD capabilities [privatização e multinacionalização].

Partilha de sistemas e de decision-making, estandardização internacional.«*Global Partnershipsaugments militaryspace capabilitiesthrough the leveragingof civil, commercial,and international spacesystems… Global Partnershipsis based upon these factors:Dramatic growth incommercial and international space-based capabilities; The development of advanced space systems will be primarilydriven by the commercialsector; Constrained military spending;Growth in multinationaloperations and alliances… The most evident benefit ofGlobal Partnershipswill be decreased pressure on existing military infrastructure and operations, and reducedmaintenance costs by offloading functions to civiland commercial providers.The military can no longerrely solely upon DoD owned and operated capabilities… Global Partnerships Concepts… [exige] Sharing of space-based information… Influencing space system designs… Satellite sharing… Space system architectures to facilitate rapid flow of information… International standardization*»[United States Space Command, "Vision for 2020"]

Suicídio militar e drogas psicotrópicas [dados adicionais]

Mike Adams – Psychotropic drugs, the new fuel for US troops, when right is wrong.

«*We are living in an age of upside-downs, where right is wrong, fiction is truth and war is peace. Those who fight the wars are subjected to their own house of mirrors via pharmaceutical "treatments". Instead of providing U.S. soldiers and veterans with actual health care, the government throws pills at them and calls it "therapy". Stimulants, antidepressants, anti-psychotics, sedatives and pain meds are the new "fuel" for America's front line forces. While the idea of sending medicated soldiers into battle was unthinkable just three decades ago, today it's the status quo. And the cost in human lives has never been more tragic*» Mike Adams, "25 disturbing facts about psych drugs, soldiers and suicides", Natural News, March 14, 2013.

Suicídios militares e drogas psicotrópicas – Dados adicionais.

Suicídios militares. 8000 suicídios por ano, entre soldados em serviço activo e veteranos, 22 por dia. Mais soldados em serviço activo morrem de suicídio que em combate (349 em 2012). Por cada soldado que morre em combate, perto de 23 morrem por suicídio (2012). Um terço de suicídios militares acontecem com soldados que nunca viram combate.

Suicídio e psicotrópicos. A maior parte dos soldados em serviço activo que consomem psicotrópicos, consomem um cocktail de 3 a 5 prescrições simultâneas. 33% dos suicídios atribuídos a efeitos secundários da medicação. Isto significa que as drogas matam mais tropas, só por suicídio, que qualquer força "insurgente".

RMA – Armamentos, de DU a GIG.

ATTALI – “O armamento continuará no centro do aparelho industrial”

Mercados públicos estarão voltados para sector do armamento.

Companhias de seguros e de mercenários seguirão o exemplo. «*O armamento continuará, como sempre, no centro do aparelho industrial e... os mercados públicos estarão essencialmente voltados para o sector do armamento. As grandes companhias de seguros e as companhias de mercenários seguirão o exemplo*» (p. 224) Jacques Attali, “Uma Breve História do Futuro” (2006)

Novos e mais sofisticados sistemas de armas – Conflitos no Médio Oriente apontam o caminho para o futuro. Novas e mais sofisticadas formas de magoar e destruir, vida humana, continuam a ser a prioridade em investigação e desenvolvimento, e os conflitos no Médio Oriente são uma demonstração de algumas das tendências que poderemos esperar intensificarem-se no futuro.

Testes de armamento sobre as populações do Iraque. Como acontece com todas as guerras, territórios ocupados repletos de seres humanos desprotegidos são laboratórios de teste ideais para toda uma variedade de novos armamentos. Bombas de fósforo branco, mísseis termobáricos (ou hiperbáricos?), armas de energia dirigida.

Urânio empobrecido.

Urânio empobrecido assegura menos despesas com reformas militares. A total falta de consideração pelos soldados é demonstrada pela utilização de urânio empobrecido. Casernas e dormitórios construídos em cima de sítios bombardeados asseguram altos níveis de soldados que vão para estes cenários respirar urânio empobrecido, e voltam depois a casa para morrer com cancro – isso também implica menos encargos com reformas e pensões.

Urânio empobrecido faz explodir taxas de cancro e de defeitos de nascença. Mas a maior crueldade, com o urânio empobrecido, é o facto de destruir vidas que ainda nem sequer nasceram. Tal como na ex-Jugoslávia, as taxas de defeitos de nascença, mutações, cancros, explode.

Fallout of Serbia Bombing 'Continues to Kill'

Fósforo branco e mísseis termobáricos (?).

Directed Energy Weapons.

Armas de microondas, com várias aplicações possíveis:

DCDC 2040 – "DEW will be capable of discrete target discrimination". «*Directed Energy Weapons (DEW) will be capable of discrete target discrimination, producing a strike beam or field of electromagnetic energy, acoustic energy or atomic scale particles to cause disruptive or damaging effects, at near instantaneous speeds, to equipment, infrastructure or personnel*» DCDC Out to 2040

Iraque: Demonstrações em protestos e para incinerar autocarro cheio de civis.

Sistemas deste género já foram usados para dispersar manifestações no Iraque e, numa nota mais grave e genocida, para incinerar um autocarro cheio de civis, num episódio durante a ocupação de Baghdad, 2003. [**colocar referência da reportagem da ABC**] Neste evento, o que aconteceu foi que as pessoas alvejadas foram basicamente carbonizadas em meros instantes, com os cadáveres a não terem mais do que 1/3 do tamanho do corpo vivente.

Artigos. [DEW (Directed-Energy Weapons) – The Viability of Directed-Energy Weapons – Microwave weapon will rain pain from the sky – Directed Energy Weapons - Defense Science Board]

A nota dominante é a de incapacitar e aterrorizar.

Espalhar terror, traumatizar. A nota dominante com o uso deste tipo de sistemas é essencialmente a de espalhar terror, através de incapacitações e da produção de situações traumáticas, para a população.

Efeitos "gore", cancros, defeitos de nascença. Estamos aqui não apenas ao nível da dissipação de protestos com métodos como DEW, como também e especialmente ao nível de eventos 'gore', à falta de melhor termo, por meio de coisas dispensáveis mas produtoras de efeitos gráficos, como o fósforo branco ou os mísseis termobáricos. Estamos também ao nível da provocação deliberada de cancros e defeitos de nascença em regiões inteiras.

Objectivo é submissão psicológica. Todas estas coisas visam um efeito essencialmente psicológico, tanto como a ideia de tortura ou a ideia de esquadrões de polícia política e execução. O objectivo é submissão psicológica.

Estas coisas servem para tornar a guerra um exercício ainda mais frio e impessoal. A grande tendência é a de tornar a guerra progressivamente mais fria, cínica, profissional, impessoal – "business as usual".

A guerra robótica: de UAVs a robots de combate.

UAVs tornam guerra em jogo de vídeo. Isto são drones comandados à distância, controlados remotamente por operadores sentados numa cadeira no outro lado do mundo. A batalha torna-se um jogo de vídeo, e os soldados transformam-se em jogadores de consolas, a colocar em prática aquilo que aprenderam durante uma vida inteira passada em frente a jogos de vídeo violentos.

Generalização de robótica: unidades de combate, robots personalizados, smart dust. Há uma aposta em «*Autonomous Systems and Robotics*» em que «*...there will be a pervasive and dramatic growth in the role of unmanned, autonomous and intelligent systems*» [Out to 2040] e as forças armadas são «*augmented by fleets of robots*» [PNAC]. Genericamente falando, isto são unidades para recolha de informação, transporte, combate [***mostrar «weapon systems or transportation platforms», DCDC Out to 2040***]. E eventualmente haverão «*personalised robots, which replicate human behaviour and appearance*» [Out to 2040].

Este é o ponto onde a ficção científica começa a encontrar-se com a realidade.

Interessante antecipar o tipo de debates éticos que vão surgir. É interessante ponderar o tipo de debates morais e éticos que estas coisas vão suscitar, se é que vão suscitar alguns, e o modo como vão ser vendidos ao público, quando a altura chegar.

Artigos. Forbes, Robots That Kill For America – Towards a 'largely robotic' battlefield – Expert Warns Of 'Terminator' Robot Threat – Swarms of robots join the army – Killer robots and a revolution in warfare – Are Pentagon Nerds Developing Packs of Man-Hunting Killer Robots

AI – Neste ponto, temos também a entrada de Inteligência Artificial.

DCDC – Estes sistemas vão ser usados em actividades militares, governo e comércio.

Gestão de conhecimento, decision-making.

Alguns sistemas serão plenamente autónomos.

«*The Role of Artificial Intelligence. The simulation of cognitive processes using Artificial Intelligence (AI) is* ***likely*** *to be employed to manage knowledge and support decision-making, with applications across government and commercial sectors*» DCDC: Strategic Trends Programme 2007-2036

«*Systems will exhibit a range of autonomy levels from fully autonomous to significantly automated and self-coordinating*» e, nalguns casos, serão inteiramente autónomos, ou seja, serão feitos «*with the power to act without human authorisation and direction.*» [DCDC Out to 2040]

DCDC – AI cria novas vulnerabilidades.

«*Reliance on AI* ***will*** *create new vulnerabilities that are* ***likely*** *be exploited by criminals, terrorists or other opponents*.» DCDC: Strategic Trends Programme 2007-2036

Desligar tomadas de decisão humanas é útil para causar caos programado. Desligar as tomadas de decisão de jogadores humanos é particularmente útil. De facto, não é complicado imaginar um sistema de AI a ser viciado para despoletar uma guerra economicamente útil.

Nanotech e biotech.

DCDC – Nanotech e biotech, mais baratos e energeticamente económicos. Estas tendências sociopáticas encontram um auge no investimento de biliões de dólares para o desenvolvimento de armamento químico, biológico, nanotech [«*nanotechnology or biotechnology*»] incrivelmente letal, com a «*whole-scale application of nano-technology, biotechnology weapons or advanced robotics*.» [DCDC: Out to 2040].

«*Nanotechnology will result in more-capable systems and artefacts that are smaller, lighter, cheaper and less energy hungry. After 2020, nanodevices are likely, such as nanobots*» [DCDC 2007-2036]

Attali – Armas químicas, epidemias, armas genéticas, Grey Goo, clonagem. Como Attali nos diz, «*Armas químicas virão a matar dirigentes sem poderem ser detectadas; serão desencadeadas epidemias com uma extrema facilidade; armas genéticas complexas serão um dia desenvolvidas contra certos grupos étnicos. Nano-robôs do tamanho de um grão de pó, chamados Grey Goo, efectuarão missões de vigilância furtiva e atacarão as células dos corpos dos inimigos. Mais tarde, com a evolução das técnicas de clonagem animal, estas missões serão confiadas a animais clonados, a bombas animais vivas, a híbridos.*» - Jacques Attali, "Uma Breve História do Futuro" (2006)

DCDC – Environmental warfare, plant and human pathogens. «*Environmental warfare will be capable of exploiting the delivery and spread of plant and human pathogens through the release of remote controlled insect-machine hybrids or insects, in order to cause physical, and subsequently, financial damage. Such methods may be used as incapacitants or as lethal pathogens to attack humans. It will provide the means for states or their proxies and terrorist groups to exert power*» [DCDC: Out to 2040].

DCDC – Gene-specific biowarfare. Uma aplicação extrema disto é guerra biogenética, em que podem ser criadas armas biológicas direccionadas especificamente contra indivíduos ou grupos particulares, com base no seu genótico. «*...genetic information could be used to exploit or attack specific ethnic groups*» [DCDC 2036]

PNAC – Gene-specific biowarfare. «*...combat" likely will take place in new dimensions: in space, "cyber-space," and perhaps the world of microbes… advanced forms of biological warfare that can "target" specific genotypes may transform biological warfare from the realm of terror to a politically useful tool*» (60) Rebuilding America's Defenses (September 2000). Project for the New American Century.

Bases de dados de DNA.

Bases de DNA universais – Artigos. [DNA database plans for children 'who would become criminals' – Bush Signs Bill To Take All Newborns' DNA]

Implicações militares das bases de dados de DNA – Doenças custom-made. Isto tem óbvias implicações militares, como foi aptamente notado pelo PNAC, que referiu que esta tecnologia seria usada para fins de guerra biogenética. Ao mesmo tempo, torna-se possível "to bump someone off" com uma doença estranha e "custom-made".

Alcançar despopulação rápida é agora mais fácil e barato. Alcançar redução populacional rápida numa população-alvo, genocídio, é agora muito mais fácil e barato que com as velhas tecnologias de guerra [***em fundo, imagens de artilharia, bombardeamento aéreo de uma cidade, cogumelo nuclear***].

Bombas de neutrões.

Política empresarial: deixar infrastrutura, fazer downsizing de RH. Ponto focal: provocar devastação humana sem destruir infrastruturas pretendidas. Como no caso de instalações produtivas ou tecnológicas. Ou seja, política empresarial consistente: eliminar os activos humanos desnecessários enquanto se preservam as infrastruturas e recursos considerados necessários.

DCDC – "Weapon of choice for extreme ethnic cleansing". Por exemplo, o ministério da defesa britânico diz-nos que, com o… «*Development of Neutron Weapons… The ability to inflict organic destruction, while leaving infrastructure intact, might make it a weapon of choice for extreme ethnic cleansing in an increasingly populated world.*» - DCDC: Strategic Trends Programme 2007-2036.

EMPs, no extremo oposto. Uma ideia igualmente selvática e infernal consiste nas bombas de pulsão electromagnética – ogivas que, quando explodem, emitem uma pulsão electromagnética com a capacidade de destruir todos os circuitos electrónicos em redor.

DCDC – EMPs usadas contra cidades. Este tipo de tecnologia também pode ser usado para provocar destruição a uma escala muito mais considerável:

«*Electromagnetic Pulse (EMP) capabilities… could be used to destroy all ICT devices over selected areas, while limiting wider physical and human damage. The employment of an EMP weapon against a 'World-City' (for example, an international business-service hub) would have significant impact…*» DCDC: Strategic Trends Programme 2007-2036.

DCDC – EMPs usadas contra satélites. «*destruction of satellites following an orbital electromagnetic pulse detonation*» DCDC: Out to 2040.

Em qualquer dos casos, consequências catastróficas. Em qualquer dos casos citados, as consequências seriam catastróficas, e incluíriam a disrupção de incontáveis aplicações. Pode-se imaginar o impacto que a disrupção de hospitais, sistemas de transportes, etc., provocaria.

Stars Wars e dominância espacial.

Full Spectrum Dominance sobre todo o espectro EM. O objectivo declarado é obter "Full Spectrum Dominance" e "Information Superiority" sobre todo o planeta, em todos os domínios da vida: comunicações, operações militares, comércio, etc. Este conceito interliga-se com o da 'Internet das coisas': tudo será ligado a uma forma de Internet, coordenada por sistemas de satélites.

Artigos. Air Force 2025, Information Operations – US SPACECOM - Vision 2020 – Air Force Road Map 2006-2025 – Semper Fly - Marines in Space

GIG.

PNAC – "New classes of sensors…dense networks of communications".

"Provide widely dispersed units with a common picture of the battlefield".

«*New classes of sensors – commercial and military; on land, on and under sea, in the air and in space – will be linked together in dense networks that can be rapidly configured and reconfigured to provide future commanders with an unprecedented understanding of the battlefield. Communications networks will be equally if not more ubiquitous and dense, capable of carrying vast amounts of information securely to*

provide widely dispersed and diverse units with a common picture of the battlefield.» PNAC (September 2000), "Rebuilding America's Defenses".

DCDC – Swarms, redes cooperativas de sensores.

Capacidade de acção sem autorização humana. «*…collaborative networks of smart sensors… cooperative plethora of intelligent networks or swarms of environmental-based platforms, with the power to act without human authorisation and direction*» [Out to 2040].

Nanobots, smart dust, insectos robóticos. Esta tecnologia de sensores tem vindo a ser desenvolvida na última década, e compreende uma vasta gama de tecnologia muito sofisticada, desde nanobots e smart dust até insectos robóticos, com a capacidade de ver, ouvir, e de se deslocarem autonomamente.

Sistemas AI em de satélite integram e organizam informação... Todas estas tecnologias estão ligadas 24/7 a sistemas de comunicações integrados – a ideia é criar o espaço geográfico totalmente visível e perceptível. Tudo o que está a acontecer é transmitido em tempo real para o sistema de satélites.

Isto é aquilo a que se chama a ciber-situação.

A guerra como um espaço inteiramente interactivo, a "Total Information Awareness". Igualmente perturbadora é esta ideia de criar aquilo a que se chama "Total Information Awareness".

Uma única rede informacional cibernética. Este é o grande projecto para estabelecer o campo de batalha totalmente interactivo (que pode ser uma cidade), onde intelligence, sistemas de armas e comunicações são organizados numa única rede cibernética.

A ciber-situation exige recolha, processamento, interpretação e reacção. A *recolha* de dados é feita através de satélites-espião, sensores no terreno e dos próprios soldados. Estes dados são *processados* por sistemas de AI (com a ajuda de gigantescos sistemas de armazenamento de dados), que tiram *conclusões e interpretações*. Depois, estes mesmos sistemas ordenam reacções às situações encontradas, que são instantaneamente transmitidas, aos sistemas de armas e aos soldados no terreno.

Ideia tresloucada e infernal considerada expoente máximo da RMA. Esta ideia tresloucada, saída de alguma caverna infernal, é considerada o expoente máximo da "*Revolução em Assuntos Militares*".

Todas estas coisas "come together" no GIG.

Grupos envolvidos no desenvolvimento do GIG. O projecto do GIG envolve contratadores militares e companhias de IT. O grupo que está a trabalhar nesta war net inclui: Boeing; Cisco Systems; Factiva, a joint venture of Dow Jones and Reuters; General Dynamics; Hewlett-Packard; Honeywell; I.B.M.; Lockheed Martin; Microsoft; Northrop Grumman; Oracle; Raytheon; and Sun Microsystems.

Information-intensive forces – Os soldados são captores activos de informação. Isto é obtido por aquilo a que o Rebuilding America's Defenses chamava «*information-intensive forces*», isto é, as tropas não são apenas combatentes, mas também captores activos e passivos de informação. Numa primeira fase, isto envolve tropas equipadas com equipamento de captação de informação, como sejam as actuais câmaras de vídeo nos capacetes. A ideia é que, eventualmente, o sinal captado por essas câmaras de vídeo seja instantaneamente alimentado a um sistema integrado de comunicações.

Artigos. A versão real do Skynet – U.S. Military to Install Global Internet Architecture Giving a God-like View of Planet – Pentagon Envisioning a Costly Internet for War

<u>RMA – As legiões globais – Forças conjuntas, Exército ONU, lei marcial</u>.

RMA – Legiões Globais – DSP7277 – Exército global ONU.

<u>Plano de desarmamento global – Dean Rusk, US State Department (1961)</u>. Este é o plano de desarmamento multilateral oficial do Ministério dos Negócios Estrangeiros (US), publicado em 1961 por Dean Rusk, ex-presidente da Fundação Rockefeller, nesta altura Secretário dos NE.

[Department of State Publication 7277 – "*Freedom From War: The United States Program for General and Complete Disarmament in a Peaceful World*" (1961)]

<u>Desarmamento global, ONU com monopólio global da força</u>. Advoga desarmamento nacional e o estabelecimento de um único exército global, da ONU, dando às Nações Unidas o monopólio do uso de força armada, incluíndo de armas de destruição maciça, para "manter a paz mundial". A Força de Manutenção da Paz das Nações Unidas será o único exército, neste cenário.

<u>As três fases</u>. A International Disarmament Organization (IDO) é criada, para supervisionar todo o processo a 3 fases, e também para ser a monitorizadora de acções militares. Todos os países passam a ter de comunicar os seus movimentos militares à IDO. A *primeira fase* consistiu dos passos iniciais, com o estabelecimento de enquadramentos legais à escala global e continental. A *segunda*, de passos intermédios e incrementais, na prossecução das várias linhas de objectivos. A *terceira*, serão os passos finais: onde os estados só vão manter as forças, armamentos não-nucleares e as bases, necessárias para o propósito da manutenção de ordem interna, providenciando tropas para uma força de manutenção da ONU. Neste momento, estamos entre a 2ª e a 3ª fases.

<u>Também nesta linha: "A World Effectively Run by the United Nations"</u>. Também pelo US State Department.

RMA – Legiões Globais – Lei marcial com policiamento internacional.

<u>Lei marcial ao nível local (DSP 7277)</u>. Haverá força a nível nacional, mas apenas no contexto da preservação de ordem interna (ou seja, contexto de lei marcial). Ou seja, forças locais, sob as ordens da ONU, para "manter a paz".

<u>WAPWG: Define mapa para lei marcial global</u>. Em 1952 desenham um mapa para reflectir um cenário futuro no qual o controlo foi atribuído a agências internacionais, e as forças militares são internacionais. Nesse mundo, tropas de origem americana

policiarão partes da Europa de Leste, a América do Norte (EUA e Canadá) foi dividida em 6 regiões administrativas, etc.

Acordos de cooperação militar para assistência em situação de emergência, i.e., lei marcial. Cooperação entre dispositivos militares e policiais dos vários países (ver mapa de vigilant guard, por exemplo). Neste momento, todos os países no mundo ocidental têm acordos de cooperação com forças de outros países, perante os quais estas forças estrangeiras virão "ajudar", em cenário de lei marcial.

Policiamento estrangeiro cria distância psicológica. Isto é a táctica usada nos sistemas comunistas (Rússia e China), uma vez que cria distância psicológica entre policiadores e policiados.

RMA – Dessensibilização sócio-cultural para violência e morte.

Aversão a matar – Humanos têm aversão natural a matar outros humanos. Quase todas as espécies têm uma aversão instintiva a matar membros da mesma espécie, e o ser humano não é uma excepção a esta regra. O estudo da história militar indica que o ser humano médio tem imensa relutância em relação a matar adversários e, quando tem de o fazer, esse é um evento traumático. A maioria dos soldados tem aversão a matar em batalha, e evita esse evento se puder. Isto faz parte do ser humano, essa resistência natural, uma aversão inata e instintiva a matar outro ser humano. No mínimo, terá imensa relutância em relação a fazê-lo, independentemente da visão do mundo que Hollywood possa tentar transmitir.

Aversão a matar – Taxas de soldados dispostos a matar, durante últimos 150 anos.

Guerra civil americana. Durante a guerra civil americana, o potencial letal do regimento médio estava entre 500 a 1000 homens por minuto. A taxa real estava apenas a 1 a 2 homens por minuto por regimento. Regra geral, os homens disparavam acima das cabeças dos adversários, ou nem sequer disparavam.

II Guerra, 15-20%. Apenas 15 a 20% dos soldados em combate estavam dispostos a matar deliberadamente um adversário no campo de batalha. Apenas 1% dos pilotos era responsável por 30 a 40% dos adversários abatidos no ar. A maior parte dos pilotos não abateu um único avião adversário.

Coreia, 55%. Pela Guerra da Coreia, a proporção tinha subido para 55%.

Vietname, 95%. Mais de 90% dos soldados no Vietname disparavam as suas armas (firing rate). Eram disparadas 52.000 balas por cada adversário abatido em combate, em unidades de infantaria regular.

Soldado moderno, 100%. O soldado moderno está perto de 100%. A maior parte das mortes na guerra moderna resultam de artilharia ou de outras armas de destruição em massa.

Prússia – Dessensibilização para matar. Durante o século XIX, o exército prussiano, do que é hoje em dia conhecido como Alemanha, era notório por ser um dos mais eficientes e letais, pelo simples motivo de que tinha um programa de recruta baseado em lavagem cerebral; dessensibilização para matar.

A pessoa média precisa de ser condicionada para matar.

Inibições naturais precisam de ser destruídas. A pessoa média precisa de um regime de treino para aumentar a sua predisposição para matar. O ponto é que os soldados precisam de ser treinados para matar. As inibições naturais precisam de ser destruídas, de tal modo a que possam ser recreados como máquinas de matar.

Métodos militares: brutalização, dessensibilização, condicionamento clássico e operante, modelagem. Os métodos usados pelas forças armadas são brutalização e dessensibilização, condicionamento clássico, condicionamento operante, e a exposição contínua a modelos.

Condicionamento operante – Matar por reflexo, sem remorsos. Os exércitos modernos usam condicionamento pavloviano e operante, de modo a ultrapassar essa aversão instintiva. Através de condicionamento operante, o que acontece é que se dá a replicação precisa do estímulo que se vai enfrentar, seguido de uma extensa formatação da resposta desejada a esse estímulo. *Estímulo-resposta, estímulo-resposta, estímulo-resposta, ad nauseam*. Por exemplo, ainda hoje são usadas cargas de baioneta contra sacos cheios de serradura. Outras técnicas são marcha com cânticos agressivos, ou simuladores de vídeo violentos. De cada vez que uma criança joga um jogo de vídeo interactivo, está a aprender os mesmos reflexos condicionados que um polícia ou um soldado em treino. Soldados e polícia em treino passam por centenas de repetições, até o reflexo se tornar automático.

Condicionamento clássico – Gostar de matar, associar violência a prazer. O condicionamento operante ensina a matar, mas o condicionamento clássico é um mecanismo subtil e poderoso que ensina a gostar de matar, através da associação de um estímulo prazeroso à resposta condicionada. Pavlov treinou os seus cães para associarem o tocar da campainha com comida e, uma vez condicionados, os cães já não conseguiam deixar de salivar quando a campainha tocava. Hoje em dia, o que aconteceu foi que as gerações mais jovens aprenderam a associar cenas de violência com diversão, prazer e sexo. A ideia é ter gerações de bárbaros que aprenderam a associar violência com prazer, tal como os Romanos no Coliseu, que festejavam, comiam (e depois iam aos bordéis em redor), enquanto pessoas eram massacradas na arena.

Despersonalização, dessensibilização, desumanização. Métodos de treino para despersonalizar o soldado e desumanizar o inimigo. A brutalização é designada para quebrar resistências e normas morais e para abrir a pessoa a um novo conjunto de valores, que giram à volta de destruição, violência e morte como uma forma de vida. No fim, está-se dessensibilizado para a violência e aceita-se isso como uma capacidade normal e essencial de sobrevivência. Distanciamento emocional, cultural, social. É preciso ver o inimigo como algo de inferior, uma forma inferior de vida. É preciso desumanizar o adversário.

Role models – Herói televisivo, sargento de recruta. Os role models são vitais – o sargento na recruta, que personifica a violência e a agressão. Este tipo de modelo é

sempre usado para influenciar mentes jovens e impressionáveis. Essa é a ideia com heróis televisivos que são sociopatas sem lei. Hollywood em particular tenta fazer-nos acreditar que todos os soldados disparam uns contra os outros, desesperadamente tentando matar-se uns aos outros.

Estas técnicas tornam as pessoas em sociopatas. Sociopatas, por definição, não têm esta resistência. Estas técnicas tornam as pessoas em pseudopsicopatas. Cerca de 5% dos seres humanos não sentem remorsos por provocar a morte de outros seres humanos. Os outros 95% são, regra geral, extremamente relutantes em matar outras pessoas e, portanto, têm de ser lavados cerebralmente por meio de técnicas altamente sofisticadas, que visam torná-los em psicopatas funcionais.

PTSD – Stress e trauma internalizados. Quando pessoas normais são forçadas a matar, podem passar por grandes graus de trauma psicológico. O custo psicológico para soldados é manifestado pelo aumento em doenças psicológicas, como stress pós-traumático.

Treino para matar incentiva violência civil. A sociedade civil replica as técnicas de condicionamento do exército. E isso expressa-se em violência civil. As implicações societais deste condicionamento são expressas em escaladas de violência.

DAVE GROSSMAN – "Are we training our children to kill – CBS executive"

«*Are we training our children to kill? Killing requires training because there is a built-in aversion to killing one's own kind. Every species, with a few exceptions, has a hardwired resistance to killing its own kind in territorial and mating battles. When animals with antlers and horns fight one another, they head butt in a harmless fashion. But when they fight any other species, they go to the side to gut and gore. Piranhas will turn their fangs on anything, but they fight one another with flicks of the tail. Rattlesnakes will bite anything, but they wrestle one another. Almost every species has this hardwired resistance to killing its own kind.*

Only sociopaths--who by definition don't have that resistance--lack this innate violence immune system.

A CBS executive told me his plan. He knows all about the link between media and violence. His own in-house people have advised him to protect his child from the poison his industry is bringing to America's children. He is not going to expose his child to TV until she's old enough to learn how to read. And then he will select very carefully what she sees. He and his wife plan to send her to a daycare center that has no television,

and he plans to show her only age-appropriate videos» – Trained to Kill - Lieutenant Colonel Dave Grossman, Author

RMA – EUA – Projecção global de força.

Mapa – "Unified Command Plan". "The World With Commanders' Areas of Responsibility". National Geospatial-Intelligence Agency, St. Louis, MO (2011).

Representa domínios militares regionais.

África sob USAFRICOM.

Índia e Ásia-Pacífico sob USPACOM.

América do Norte sob USNORTHCOM.

América do Sul sob USSOUTHCOM.

Gronelândia, Europa, Rússia sob USEUCOM.

Médio Oriente sob USCENTCOM.

Árctico e Antárctida sob várias divisões.

Divisões mundiais das forças armadas americanas.

United States Pacific Command.

United States Northern Command.

United States Southern Command.

United States Africa Command.

United States Central Command.

United States European Command.

United States Special Operations Command.

United States Transportation Command.

United States Strategic Command.

RMA – Guerra moderna como neo-medievalismo.

Na Idade Média, o policiamento interno e a guerra eram puramente privados.

Lei do mais forte, brutalidade, insegurança. Na Idade Média, o policiamento interno e a guerra era uma iniciativa puramente privada. O rei, ou o barão feudal contratava todo o género de mercenários, piratas, salteadores, e outros aventureiros deste género, para subjugar os súbditos e forçar a recolha de impostos, mas também para embarcar em aventuras de saque e conquista em novos territórios. A única regra era a lei do mais forte, e o ambiente geral era de insegurança, despotismo, brutalidade.

A guerra moderna é comparável à guerra medieval. À medida que a desconstrução do estado-nação avança, as actividades militares também ganham um aspecto cada vez mais medieval. Hoje em dia, o barão feudal é substituído por consórcios multinacionais, e os governos nacionais assumem o papel de escudeiros. As trupes de mercenários e aventureiros são substituídas por uma panóplia de companhias transnacionais, e as despesas são pagas pelos aldeões.

RMA – Privatização dos sistemas de intelligence. O coração de qualquer sistema de defesa é a sua valência de intelligence. Qualquer sistema de intelligence tem três funções básicas: recolher informação; gerir e analisar essa informação; e depois elaborar recomendações e planos de acção, na sociedade ou junto de inimigos externos. [***colocar isto visualmente em sistema de índice***]

Recolha e análise de informação, elaboração de recomendações – Privatizados. Todo este aparato tem vindo a ser gradualmente privatizado, em que firmas e consultores privados são subcontratados para assumir estas funções:

(a) Conduzem os trabalhos de intercepção e recolha de dados, em apoio às agências governamentais, através de sistemas de espionagem, de sistemas de vigilância, e de sistemas de intercepção e recolha de dados electrónicos;

(b) Gerem as estruturas de comunicações, mantêm e gerem os sistemas de bases de dados, fazem o trabalho de gestão e análise da informação;

(c) E daí elaboram as recomendações e os caminhos a seguir.

Escudo protectivo de "Segurança Nacional". E todas estas actividades são conduzidas sob o escudo protectivo de estatutos de segurança nacional, que garantem confidencialidade e protecção legal a tudo o que é feito a estes níveis.

EUA pioneiros, Europa apanha o passo. Os EUA são os pioneiros neste tipo de coisa, com cerca de 2/3 do orçamento de intelligence a ir para contratos com firmas privadas. Mas a Europa está rapidamente a apanhar o passo.

Sistema generalizado a agências internacionais. Este é, aliás, o mesmo sistema seguido por instituições internacionais como a ONU, a NATO, o FMI, ou as agências europeias.

Companhias privadas transnacionais/globais definem o que o estado-nação vê, ouve e sabe. No que diz respeito aos estados-nação, já é grave o suficiente quando companhias privadas podem definir o que um estado nacional vê, ouve, e sabe; mas isso torna-se ainda mais grave quando muitas destas companhias são transnacionais, ou seja, sem qualquer fidelidade a um país em particular; o estado-nação deixou de existir também neste capítulo.

Tipos de companhias envolvidas em funções de intelligence. A este nível, estamos a falar de contratadores militares, consultorias de vários tipos, companhias especializadas em gestão de comunicações e aplicações digitais.

A mãe desta tendência é a Oxford Analytica. A mãe destas organizações é a Oxford Analytica, criada em 1975 sob o encorajamento de David Rockefeller. A OA tem como clientes a ONU, NATO, Banco Mundial, Chase Manhattan Bank, Bechtel, ChevronTexaco, Shell Oil, IBM.

RMA – Psicotrópicos e treino de dessensibilização

Problemas psicológicos, suicídio, crimes sexuais.

Problemas psicológicos explodem nas Forças Armadas US. O Department of Defense Task Force on Mental Health reconhece problemas psicológicos "daunting and growing" entre as tropas. Perto de 40% dos soldados, um terço dos Marines e metade dos membros da National Guard estão a apresentar sérios problemas de saúde mental.

PTSD [culpa e trauma], depressão, suicídio, lesões cerebrais traumáticas. A culpa que resulta das situações vivenciadas manifesta-se na forma de stress pós-traumático (PTSD). Em 2011, o número de veteranos US regressados de Iraque e Afeganistão que reportavam PTSD, lesões cerebrais traumáticas [traumatic brain injuries] e depressão estava na casa dos 300.000. [1 in 8 returning soldiers suffers from PTSD]. Depois, um Army Suicide Event Report (ASER) anunciou que 2006 tinha visto a mais elevada taxa de suicídios militares em 26 anos. Daí, a taxa de suicídio aumenta progressivamente até 2011, e é aqui que estabiliza.

Crimes sexuais violentos aumentam 90% de 2006 a 2011. De acordo com um relatório U.S. Army, a taxa de crimes sexuais violentos cometidos por soldados U.S. Army aumentou 90% (ou seja, a incidência quase duplicou) de 2006 a 2011, a maior parte cometidos nos EUA. Pelo relatório, isto é considerado o produto de má conduta intencional, fraca disciplina, adrenalina pós-combate, elevados níveis de stress e problemas mentais. [Mary Slosson, Jan 19, 2012. "Violent sex crimes by U.S. Army soldiers rise: report"]

Psicotrópicos – Uso crescente de drogas psicotrópicas por militares no activo.

Uso (e abuso) crescente de drogas. Taxa crescente de abuso de substâncias – em particular opiáceos – entre oficiais militares.

Despesa militar atinge $280M em 2010. Em 2010, a despesa militar em drogas psiquiátricas atinge o valor de $280M, o duplo do total em 2001.

20% das tropas no activo tomam psicotrópicos. Em Junho de 2010, de acordo com um relatório do Defense Department [Pharmacoeconomic Center, Fort Sam Houston, San Antonio], cerca de 20% das tropas no activo estavam a tomar este tipo de medicações. Ou seja, 213.972 de 1.1 milhões de militares.

Cocktail de drogas psicoactivas – antidepressivos, antipsicóticos, hipnóticos. O soldado americano moderno recebe um cocktail de psicotrópicos e outras drogas com efeitos

psicoactivos: antidepressivos, antipsicóticos, hipnóticos sedativos, bem como outras substâncias controladas.

CENTCOM – 90-180 dias de psicotrópicos – CNSD formulary. O U.S. Central Command tem agora uma política que permite a um soldado levar consigo um fornecimento de 90 a 180 dias de psicotrópicos altamente aditivos, antes de irem para combate. O "CENTCOM Central Nervous System Drug formulary" inclui drogas como Valium e Xanax, usadas para tratar depressão, bem como o antipsicótico Seroquel, originalmente desenvolvido para tratar esquizofrenia, perturbações bipolares, mania e depressão. A política do CENTCOM não permite o uso de Seroquel para tratar soldados por estes problemas, apesar de permitir o seu uso como soporífero (sleep aid), e permite que soldados sejam fornecidos para 180 dias.

Psicotrópicos – Problemas causados por psicotrópicos. Psicotrópicos podem causar todo o tipo de problemas orgânicos e psicológicos.

Desestabilização de racionalidade e julgamento. Todas estas medicações desestabilizam as capacidade racionais de julgamento dos indivíduos. A medicação também pode causar "toxicidade cognitiva", onde a capacidade da pessoa para pensar e tomar decisões é danificada.

Ansiedade e impulsividade.

Perda de auto-controlo, comportamento violento.

Quebras psicóticas.

Tendências e impulsos suicidas. O próprio US Army implicou drogas de prescrição como um factor contributivo para o aumento da taxa de suicídios, num relatório de Julho de 2010, que dizia que um terço de todos os suicídios militares entre tropas no activo envolviam estas drogas.

Acidentes fatais.

Dependência de drogas [i.e., toxicodependência]. Vamos chamar as coisas pelos nomes.

Artigos. Concerns Raised About Combat Troops Using Psychotropic Drugs - Fox News; Military's drug policy threatens troops' health, doctors say

Todos estes factores são evidentemente perigosos em zonas de combate.

Treino de dessensibilização.

Gigantesco programa de engenharia social – TV, jogos de vídeo. Um dos programas mais espectaculares de sempre em engenharia social, à base de filmes, séries televisivas e, especialmente, jogos de vídeo.

Jogos e TV programam para barbarismo. Por exemplo, a pessoa ganha pontos por matar pessoas.

Jogos programam para cenários de guerra futuros. A fornada de soldados que está hoje em dia em acção passou as duas décadas anteriores a jogar simuladores de combate situados na Ásia Central. Hoje em dia, existe uma nova fornada de futuros soldados, e os cenários começaram a estar ligados a situações de guerra urbana e lei marcial, em cidades ocidentais. As missões estão ligadas a conceitos como combater terroristas internos, dissidentes, e até alvejar civis em troca de pontos bónus.

Depois, na recruta, mais condicionamento para dessensibilização.

Condicionamento operante – respostas reflexivas a reflexos condicionados. Os princípios do condicionamento operante, são utilizados pelas várias forças armadas para reprogramar recrutas, eliminando características que são inconvenientes em contexto militar; mais destacadamente, a resistência inerente que os seres humanos têm, em relação a matar outros humanos. As actuais técnicas de treino para combate condicionam os recrutas a ter respostas reflexivas a estímulos condicionados.

Maximiza eficiência de combate – Contorna autonomia moral. Isto maximiza a sua eficiência em combate mas fá-lo passando por cima da sua autonomia para fazer julgamentos morais.

Taxas de violência doméstica entre militares, 5x mais que média civil. Essas técnicas de dessensibilização também podem facilmente ser relacionadas com a subida nas taxas de violência doméstica que afectam pessoal militar – 5x mais que entre a população civil.

RMA – “Dumb, stupid animals” – Generation Kill.

A guerra moderna é um exercício privado e combatido por “dumb, stupid animals”, segundo Kissinger. A guerra moderna é decidida e executada por consórcios multinacionais, que recolhem os lucros e o saque do conflito. As despesas são pagas pelo público contribuinte, que também cede as baixas de guerra – rapazes novos que são obtidos nos bairros pobres das grandes cidades. Estes, os soldados regulares, são as pessoas a quem Henry Kissinger chamou de «*dumb, stupid animals to be used*» – “animais ignorantes e estúpidos, a ser usados” –, em política externa. Servem para encher uniformes e ser enviados para terras distantes por pessoas que nunca viram um dia de recruta na vida, para ir matar outros «*dumb, stupid animals*», que também vêem de bairros pobres de grandes cidades. Quando voltam para casa com membros amputados, traumas psicológicos, ou cancros, devidos a urânio empobrecido, são atirados para um canto, convenientemente esquecidos – porque é precisamente isso que se faz com pessoas que se considera «*dumb, stupid animals*».

“Generation Kill”. A primeira geração Playstation. Criada pela TV, por Hollywood, jogos de vídeo, pornografia e gangsta rap.

[***follow up com parte sobre jogos de vídeo***]

RMA – “War is Peace”.

“Guerra humanitária” substitui “guerra justa”. O pretexto da guerra humanitária, por substituição, e oposição, à ideia de guerra justa.

Sob este pretexto, quase tudo pode ser feito. Incluíndo guerras ecológicas, por exemplo, e essas vão acontecer.

Guerra para trazer paz mundial - Neomedievalismo. Pelo contrário, o que vai haver é conflito como nunca antes houve, e isto é uma marca indelével de feudalismo e medievalismo.

WATT – “War is Peace”.

AWWarIsPeace: 'Guerra é paz, soldados são forças de paz' – nonsense is spoken into reality, using doublespeak. Disgusting soldiers across the world – estes são os vossos filhos, criados pelo estado, a geração mais degradada de sempre.

[Talvez na parte sobre Líbia]

- AWWarIsPeace

alan watt - guerra1 mar23 (a guerra não é peacekeeping, um soldado é um soldado e não um peacekeeper; estes são os vossos filhos, criados pelo estado, a geração mais degradada de sempre)

alan watt – guerra2 mar21 (nonsense is spoken into reality, through doublespeak)

Rumsfeld, a ABB e os reactores nucleares para a Coreia do Norte.

2000. Rumsfeld na ABB, que vende reactores nucleares à Coreia do Norte. Em 2000, Donald Rumsfeld faz parte do quadro de directores da ABB, que ganha um contrato de $200m para vender reactores nucleares à Coreia do Norte.

2002. No governo, Rumsfeld declara Coreia do Norte um "rogue state". Em 2002, já como Secretário da Defesa de George Bush, declara a Coreia do Norte um estado terrorista, parte do eixo do mal, um alvo para mudança de regime, devido aos seus esforços para construir armas nucleares.

O negócio dos LWRs nucleares para a Coreia do Norte.

Clinton oferece LWRs, petróleo, por condicionalidades. O negócio dos reactores faz parte da política de abertura de Bill Clinton, que procura incentivar Pyongyang a um entendimento com o ocidente. Clinton oferece fornecimentos de petróleo e a entrega e subsidiação de reactores nucleares (LWR, light water reactors). Em troca, pede o acesso de inspectores às instalações nucleares de Pyongyang e ao desmantelamento dos seus reactores de água pesada.

ABB recebe o contrato, abre representação em Pyongyang. A ABB, uma grande companhia de engenharia, sedeada em Zurique, recebe o contrato para providenciar o design e os componentes principais para os reactores. A ABB abre uma representação em Pyongyang e o CEO da companhia, Goran Lindahl, visita a Coreia do Norte para anunciar um «*wide-ranging, long-term cooperation agreement*» entre a ABB e o regime.

Rumsfeld está no quadro de directores, faz lobbying pela ABB. Nesta altura, Donald Rumsfeld faz parte do quadro da companhia (membro entre 1990 e 2001), auferindo $190,000/ano. Um membro do quadro de directores da ABB, anónimo, afirma à Fortune que Rumsfeld não só apoiou o negócio como esteve envolvido em fazer lobbying em Washington em favor da ABB.

Bush ainda subsidia projecto dos LWRs quando entra. A administração Bush ainda autoriza a cedência de $3.5m para manter o projecto dos LWRs a funcionar.

Dois anos depois, Rumsfeld ameaça "nuclear rogue state" com shock and awe. Apenas dois anos depois, Donald Rumsfeld apresenta a Coreia do Norte como um potencial proliferador de armas nucleares a grupos terroristas. Agora é Secretário da Defesa e ameaça Pyongyang com uma campanha de *shock and awe*. Inclui o regime no eixo do mal, um "rogue state" a precisar de mudança de regime.

O pretexto para o quid pro quo Iraniano é precisamente a aquisição de **LWRs**. De notar que o pretexto para toda a actual questão com o Irão é precisamente a intenção iraniana de obter LWRs. [The two faces of Rumsfeld, Guardian]

<u>SOCKPUPPETS</u>.

GUARDIAN – "Operation Sock Puppet".

«*The US military is developing software that will let it secretly manipulate social media sites by using fake online personas to influence internet conversations and spread pro-American propaganda… it will allow the US military to create a false consensus in online conversations, crowd out unwelcome opinions and smother commentaries or reports that do not correspond with its own objectives… Once developed, the software could allow US service personnel… to respond to emerging online conversations with any number of co-ordinated Facebook messages, blogposts, tweets, retweets, chatroom posts and other interventions*»

USAF Persona Management Software.

<u>Características do USAF Persona Management Software</u>. A 22 de Junho, 2010, a USAF emite um concurso público para Persona Management Software, com o número de solicitação RTB220610. O contrato era no valor de $2.76 milhões.

Estamos a falar de um Online Persona Management Service, em que «*Software will allow 10 personas per user, replete with background, history, supporting details, and cyber presences that are technically, culturally and geographically consistent*», de modo a que «*enable an operator to exercise a number of different online persons from the same workstation and without fear of being discovered by sophisticated adversaries*».

As personas têm de ser «*able to appear to originate in nearly any part of the world and can interact through conventional online services and social media platforms*»

Ao mesmo tempo, é exigido que o programa «*protects the identity of government agencies and enterprise organizations*», sendo que as segundas são firmas privadas contratadas para fazer este tipo de trabalho, em nome do governo.

RSS – Sockpuppets. Com o tempo, surgirão *«…increasing numbers of entirely virtual data shadows, who have no real world counterpart, who appear to exist and are themselves the subjects of information management… by automated systems working quietly and invisibly, inhabitants of an endless hall of mirrors…»* A Report On The Surveillance Society (2006). For the U.K. Information Commissioner by the Surveillance Studies Network.

Sockpuppets.

<u>“Sock puppets”</u>. Marionetas, users inventados, personas online falsas.

<u>Contexto sócio-tecnológico</u>.

TI definem o espaço comunicacional. As gerações anteriores apenas tinham a TV ou os jornais. Porém, nos dias de hoje, muita da formação de opinião pública passa pela Internet: fóruns, blogs, discussões online, disseminação de informação em redes sociais... estes meios são instrumentais na definição das actuais tendências de opinião.

O poder dos rumores, do consenso, e da maioria. O consenso é uma poderosa arma de persuasão. É muito diferente haver uma pessoa a dizer X, ou vinte pessoas a dizer X. O número faz a diferença, e a diferença constrói ou destrói reputações, facilita ou dificulta a difusão de uma mensagem. Ao mesmo tempo, muitas pessoas baseiam os seus julgamentos e opiniões em rumores.

<u>Uso generalizado de sockpuppets, de governos a firmas de RP</u>. Governos, companhias de RP, contratadores de defesa, companhias multinacionais, etc.

O exemplo da HBGary. A HBGary é um dos principais contratadores de defesa no mercado, com ligações ao governo, ao DoD, NSA, CIA.

Sockpuppets – Técnicas e propósitos.

<u>Locais de acção</u>. Redes sociais, fóruns, espaços de comentários e por aí fora.

<u>Criar ilusão de maioria e de consenso</u>. Exércitos e enxames de personas e comentadores. Permite a apenas umas poucas pessoas parecer serem muitas. Criar a ilusão de consenso e a percepção de que existe uma enorme multidão a apoiar 'a causa'. Portanto, isto é uma forma eficaz de persuasão, e uma arma incrivelmente poderosa.

<u>Dominar espaços comunicacionais</u>.

Distorcer a verdade dos factos, apresentar versões PC.

Manufacturar opinião pública. Espalhar propaganda. Fabricar correntes de opinião, manipular a difusão de ideias e de tendências de opinião.

<u>Neutralização de debates e linhas de discurso</u>.

Criar caos online.

Dirigir discussão para nonsense. Um enxame de comentadores que chega e sequestra a conversação, dirige-a para nonsense irrelevante (de tal modo que, passado um pouco, já ninguém sabe onde a conversa começou).

Difamação e ad hominem. Difamar adversários através de acusações sem substância e ataques ad hominem.

O lado positivo – Desmistificar a "maioria". Talvez com o tempo tudo isto venha a ter um efeito positivo: o de fazer as pessoas procurar os factos por si mesmas, pensar independentemente, e não acreditar em algo só porque é a opinião da maioria.

Sockpuppets – Software.

Software de gestão de personas. Algumas funções podem ser automatizadas, de tal modo a que um único user seja todo-o-terreno, com contas em todos os sites relevantes.

Sistemas de IA, com bots.

Software – Stigmergia. O próximo passo nisto é stigmergia. Agentes stigmérgicos têm a capacidade de estudar o comportamento e as respostas do adversário, e aprendem e adaptam-se às mesmas, tornando-se progressivamente mais sofisticados.

SOCOM – Forças especiais, guerra assimétrica à escala global.

US Special Forces TC 18-01 – Guerra assimétrica como via do futuro.

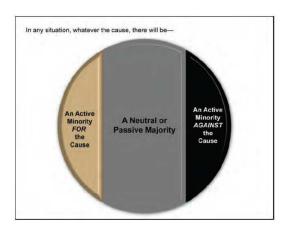
Manual de treino para forças especiais. Para unidades EUA, NATO, afiliados globais. "Special Forces Unconventional Warfare: U.S. Special Forces Training Circular 18-01" [TC 18-01], Headquarters, Department of the Army, Washington, DC, November 2010

No futuro, operações EUA serão predominantemente irregulares. «*For the foreseeable future, U.S. forces will predominantly engage in irregular warfare (IW) operations*»

NATO passa a enfatizar forças especiais, grupos terroristas, mercenários. Por outras palavras, a NATO passa a enfatizar a construção e a manutenção de, e a cooperação com, grupos terroristas e forças de mercenários.

Guerra não-convencional e subversão (militar, política, económica, psicológica). «*Unconventional warfare… guerrilla… subversion… Subversion… Actions designed to undermine the military, economic, psychological, or political strength or morale of a governing authority*»

Gráfico sobre subversão.

"Usar minoria activa, neutralizar maioria passiva e minoria adversária".

SOCOM – Guerra à escala global.

Washington Post reportam Operações Especiais em 75 países.

Col. Tim Nye – 70 países – No fim de 2011, serão 120 – "We do a lot of traveling".

Presença global, em 60% das nações do mundo.

"Rising clandestine Pentagon group waging secret war in all corners of the world".

«*U.S. Special Operations forces… the full extent of their worldwide war has remained deeply in the shadows… Last year, Karen DeYoung and Greg Jaffe of the Washington Post reported that U.S. Special Operations forces were deployed in 75 countries, up from 60 at the end of the Bush presidency. By the end of this year, U.S. Special Operations Command spokesman Colonel Tim Nye told me, that number will likely reach 120. «We do a lot of traveling -- a lot more than Afghanistan or Iraq», he said recently… Col. Nye told me that on any given day, Special Operations forces are deployed in approximately 70 nations around the world. All of them, he hastened to add, at the request of the host government… This global presence -- in about 60% of the world's nations and far larger than previously acknowledged – provides striking new evidence of a rising clandestine Pentagon power elite waging a secret war in all corners of the world…*»

Uma dúzia de operações negras por noite.

«*Recently at the Aspen Institute's Security Forum, Olson… noted, for instance, that black operations like the bin Laden mission, with commandos conducting heliborne night raids, were now exceptionally common. A dozen or so are conducted every night, he said*»

85% das forças estão em países CENTCOM (lista).

Outras, pelo globo fora, da América do Sul ao Sudeste Asiático.

"Black spec ops conduct kill/capture missions in Afghanistan, Iraq, Pakistan, Yemen".

"'White' forces train partners as part of worldwide secret war against militant groups".

«*According to testimony by Olson before the House Armed Services Committee earlier this year, approximately 85% of special operations troops deployed overseas are in 20 countries in the CENTCOM area of operations in the Greater Middle East: Afghanistan, Bahrain, Egypt, Iran, Iraq, Jordan, Kazakhstan, Kuwait, Kyrgyzstan, Lebanon, Oman, Pakistan, Qatar, Saudi Arabia, Syria, Tajikistan, Turkmenistan, United Arab Emirates, Uzbekistan, and Yemen. The others are scattered across the globe from South America to Southeast Asia, some in small numbers, others as larger contingents… It's no secret (or at least a poorly kept one) that so-called black special operations troops, like the SEALs and Delta Force, are conducting kill/capture missions in Afghanistan, Iraq, Pakistan, and Yemen, while "white" forces like the Green Berets and Rangers are training indigenous partners as part of a worldwide secret war against al-Qaeda and other militant groups. In the Philippines, for instance, the U.S. spends $50 million a year on a 600-person contingent of Army Special Operations forces, Navy Seals, Air Force special operators, and others that carries out counterterrorist*

operations with Filipino allies against insurgent groups like Jemaah Islamiyah and Abu Sayyaf»

Treinos conjuntos.

Belize, Brasil, Bulgária, Burkina Faso, Alemanha, Indonésia, Mali, Noruega, Panamá.

Polónia, Jordânia, República Dominicana, Roménia, Senegal, Coreia, Tailândia, etc.

«*Last year, as an analysis of SOCOM documents, open-source Pentagon information, and a database of Special Operations missions compiled by investigative journalist Tara McKelvey (for the Medill School of Journalism's National Security Journalism Initiative) reveals, America's most elite troops carried out joint-training exercises in Belize, Brazil, Bulgaria, Burkina Faso, Germany, Indonesia, Mali, Norway, Panama, and Poland. So far in 2011, similar training missions have been conducted in the Dominican Republic, Jordan, Romania, Senegal, South Korea, and Thailand, among other nations. In reality, Nye told me, training actually went on in almost every nation where Special Operations forces are deployed. "Of the 120 countries we visit by the end of the year, I would say the vast majority are training exercises in one fashion or another. They would be classified as training exercises"*» ["The Pentagon's New Power Elite: A Secret War in 120 Countries". Nick Turse, Counter Punch, August 4, 2011]

SOCOM – Características – Poder e influência – Operações.

SOCOM est. 1987 – unidades de todos os ramos – pessoal especializado de apoio.

Análise de intel, assassinatos, raids, reconhecimento, treino de tropas estrangeiras.

JSOC tem uma hit list global – e uma campanha de matar/capturar.

"An almost industrial-scale counterterrorism killing machine" – John Nagl.

Programa de assassinatos com comandos e drones – Somália, Paquistão, Iemen.

Rede de prisões secretas – talvez 20 sítios secretos só no Afeganistão.

«*U.S. Special Operations Command (SOCOM) was established in 1987. Made up of units from all the service branches, including the Army's "Green Berets" and Rangers, Navy SEALs, Air Force Air Commandos, and Marine Corps Special Operations teams, in addition to specialized helicopter crews, boat teams, civil affairs personnel, para-rescuemen, and even battlefield air-traffic controllers and special operations weathermen, SOCOM carries out the United States' most specialized and secret missions. These include assassinations, counterterrorist raids, long-range reconnaissance, intelligence analysis, foreign troop training, and weapons of mass destruction counter-proliferation operations. One of its key components is the Joint Special Operations Command, or JSOC, a clandestine sub-command whose primary mission is tracking and killing suspected terrorists. Reporting to the president and*

acting under his authority, JSOC maintains a global hit list that includes American citizens. It has been operating an extra-legal "kill/capture" campaign that John Nagl, a past counterinsurgency adviser to four-star general and soon-to-be CIA Director David Petraeus, calls «an almost industrial-scale counterterrorism killing machine»… This assassination program has been carried out by commando units like the Navy SEALs and the Army's Delta Force as well as via drone strikes as part of covert wars in which the CIA is also involved in countries like Somalia, Pakistan, and Yemen. In addition, the command operates a network of secret prisons, perhaps as many as 20 black sites in Afghanistan alone, used for interrogating high-value targets…»

Assassinatos, raptos, raids, operações conjuntas, missões de treino.

«*In 120 countries across the globe, troops from Special Operations Command carry out their secret war of high-profile assassinations, low-level targeted killings, capture/kidnap operations, kick-down-the-door night raids, joint operations with foreign forces, and training missions with indigenous partners as part of a shadowy conflict unknown to most Americans*»

Cresce exponencialmente dos anos 90 para 2011.

«*From a force of about 37,000 in the early 1990s, Special Operations Command personnel have grown to almost 60,000. Growth has been exponential since September 11, 2001, as SOCOM's baseline budget almost tripled from $2.3 billion to $6.3 billion. If you add in funding for the wars in Iraq and Afghanistan, it has actually more than quadrupled to $9.8 billion in these years. Not surprisingly, the number of its personnel deployed abroad has also jumped four-fold… Since 2001, SOCOM's prime contracts awarded to small businesses -- those that generally produce specialty equipment and weapons -- have jumped six-fold*»

O SOCOM é agora uma força militar per se.

Presença global, actividades em ar, terra e mar, elevado nível de autoridade.

«*Headquartered at MacDill Air Force Base in Florida, but operating out of theater commands spread out around the globe, including Hawaii, Germany, and South Korea, and active in the majority of countries on the planet, Special Operations Command is now a force unto itself. As outgoing SOCOM chief Olson put it earlier this year, SOCOM "is a microcosm of the Department of Defense, with ground, air, and maritime components, a global presence, and authorities and responsibilities that mirror the Military Departments, Military Services, and Defense Agencies"*»

Com a tarefa de coordenar todo o planeamento anti-terrorista do Pentágono.

Ligada a agências gov, forças armadas estrangeiras, serviços de intelligence.

Armada com vasto inventório de armamento sofisticado.

Helicópteros, aviões, drones, lanchas, humvees, MRAPs.

Consegue comprar tecnologia de ponta e fazer investigação “fringe”.

“A secret military within the military possessing domestic power and global reach”.

«*Tasked to coordinate all Pentagon planning against global terrorism networks and, as a result, closely connected to other government agencies, foreign militaries, and intelligence services, and armed with a vast inventory of stealthy helicopters, manned fixed-wing aircraft, heavily-armed drones, high-tech guns-a-go-go speedboats, specialized Humvees and Mine Resistant Ambush Protected vehicles, or MRAPs, as well as other state-of-the-art gear (with more on the way), SOCOM represents something new in the military… SOCOM, functions as a new Pentagon power-elite, a secret military within the military possessing domestic power and global reach… With real clout, it can win bureaucratic battles, purchase cutting-edge technology, and pursue fringe research like electronically beaming messages into people's heads or developing stealth-like cloaking technologies for ground troops*»

Em tempos, estas forças eram “especiais” porque eram pequenas e discretas.

Hoje são “especiais” pelo seu poder, acesso, influência e aura.

“A ‘special’ force this large, this active, and this secret”.

«*Once "special" for being small, lean, outsider outfits, today they are special for their power, access, influence, and aura… Americans have yet to grapple with what it means to have a "special" force this large, this active, and this secret…*» [“The Pentagon's New Power Elite: A Secret War in 120 Countries”. Nick Turse, Counter Punch, August 4, 2011]

Síria (2011-12) – Da Stratfor a al-Qaeda, NATO, GCC, CFR

STRATFOR.

STRATFOR – Operações negras privatizadas em "global intelligence" (Jul-2011).

Wikileaks, "The Global Intelligence Files", Stratfor. A 27 de Fevereiro de 2012, a WikiLeaks começa a publicar "The Global Intelligence Files", mais de 5 milhões de emails da companhia de "global intelligence" Stratfor, sedeada no Texas. Os emails datam de entre Julho de 2004 e finais de Dezembro de 2011.

Operações internas, redes de informantes, lavagem de dinheiro, métodos psicológicos. Revelam as operações internas de uma companhia que providencia serviços de intelligence confidenciais a grandes companhias, como Bhopal's Dow Chemical Co., Lockheed Martin, Northrop Grumman, Raytheon, bem como agências governamentais, tais como o US DHS, os US Marines e a US DIA. Os emails revelam a rede de informantes da Stratfor, a sua estrutura de pagamentos, técnicas de lavagem de dinheiro, e métodos psicológicos.

STRATFOR – Preparação de operações negras na Síria (Jul-2011).

Email de Reva Bhalla [Director de Análise], Julho de 2011. Email escrito por Reva Bhalla [Stratfor's Director of Analysis].

Reunião no Pentágono com USAF, franceses, britânicos.

Equipas de forças especiais já estão no terreno – reconhecimento e treino de milícias.

Projecto – Guerrilha, assassinatos, quebrar forças Alawitas, provocar colapso de dentro.

Entrada em acção em 2/3 meses.

Necessário evitar intervenção aérea – Síria tem melhores defesas aéreas que Líbia.

Mas, se houver, franceses e britânicos utilizarão Chipre como base.

«*INSIGHT - military intervention in Syria, post withdrawal status of forces*

Email-ID 1671459

Date 2011-12-07 00:49:18

From bhalla@stratfor.com

To secure@stratfor.com

«I spent most of the afternoon at the Pentagon with the USAF strategic studies group… It was just myself and four other guys at the Lieutenant Colonel level, including one French and one British representative who are liaising with the US currently out of DC. They wanted to grill me on the strategic picture on Syria, so after that I got to grill them on the military picture… After a couple hours of talking, they said without saying that SOF teams (presumably from US, UK, France, Jordan, Turkey) are already on the ground focused on recce missions and training opposition forces… the idea 'hypothetically' is to commit guerrilla attacks, assassination campaigns, try to break the back of the Alawite forces, elicit collapse from within… They have been told to prepare contingencies and be ready to act within 2-3 months… There wouldn't be a need for air cover, and they wouldn't expect these Syrian rebels to be marching in columns anyway… Syrian air defenses are a lot more robust and are much denser, esp around Damascus and on the borders with Israel, Turkey… EVen if Turkey had a poltiical problem with Cyprus, they said there is no way the Brits and the FRench wouldn't use Cyprus as their main air force base»

Artigos. NATO Forces Operating Covertly in Syria- Wikileaks - Information Clearing House – Leaked Email - Pentagon Admits Plan To Direct Terror Attacks Inside Syria

NATO e LIFG.

NATO – Infantaria irregular low-cost é o caminho do futuro – “o sucesso Líbio”.

Comandantes NATO descrevem benchmarks para o futuro. [‘Teachable moments’ loom in Syrian conflict]

“The way to run an intervention... a teachable moment”. O artigo, publicado na edição de Março/Abril de 2012 da Foreign Affairs, foi publicado antes da 25ª cimeira da NATO em Chicago. Escrito por Ivo H Daalder, Representante Permanente EUA na NATO, e James G. Stavridis, Comandante Aliado Supremo, e Comandante do US European Command (EUROCOM). Daalder e Stavridis descrevem a Operation Unified Protector da NATO na Líbia como “NATO's Victory in Libya. The Right Way to Run and Intervention” e como “A Teachable Moment”. [Daalder Ivo H, Stavridis James G. (2012) "NATO's Victory in Libya. The Right Way to Run an Intervention". Foreign Affairs, CFR, March/April]

“Intervenção barata, sem baixas aliadas” – melhor que Balcãs, Afeganistão, Iraque. «*By any measure, NATO succeeded in Libya… It conducted an air campaign of unparalleled precision, which, although not perfect, greatly minimized collateral damage. It enabled the Libyan opposition to overthrow one of the world's longest-ruling dictators. And it accomplished all of this without a single allied casualty and at a cost -- $1.1 billion for the United States and several billion dollars overall -- that was a fraction of that spent on previous interventions in the Balkans, Afghanistan, and Iraq*»

Guerra de baixo custo, usando infantaria irregular no terreno. O que foi tão “educativo” no caso líbio, e o que é “a maneira certa de gerir uma intervenção” é uma estratégia que enfatiza a ideia de guerra irregular, de baixo custo, usando mercenários, terroristas e gangs (LIFG e outros) como infantaria no terreno.

LIFG trava jihad na Síria (Nov-2011).

NTC líbio acorda enviar dinheiro, armas e combatentes ao FSA. A autoridade governante transicional da Líbia concordou em enviar armas e combatentes para apoiar o Concelho Nacional Sírio e o Exército Sírio Livre a combater o regime de Assad.

Parte do arsenal líbio pode agora ser transferido para Síria. Com a queda de Tripoli, os rebeldes adquiriram uma vasto arsenal de armas, agora passível de ser enviado para a Síria.

TELEGRAPH – “Weapons, fighters to Syria – Military intervention on the way”. «*There is something being planned to send weapons and even Libyan fighters to Syria… There is a military intervention on the way. Within a few weeks you will see*» Uma fonte anónima, a Ruth Sherlock [“Libya’s new rulers offer weapons to Syrian rebels”. Ruth Sherlock [in Misurata], The Daily Telegraph, November 25, 2011]

TELEGRAPH – Belhadj enviado à **Turquia** para negociar com FSA.

Jalil, do NTC, envia Belhadj a Istambul e fronteira turco-síria. O Telegraph também reporta que o comandante terrorista Abdulhakim Belhadj, líder histórico do LIFG, agora chefe do Concelho Militar de Tripoli, foi enviado por Mustafa Abdul Jalil, presidente interino, para negociar com os líderes do FSA em Istambul e na fronteira turco-síria.

“Belhadj met with FSA leaders in Istanbul and on the border, Jalil sent him there”. Belhadj «*met with Free Syrian Army leaders in Istanbul and on the border with Turkey… Mustafa Abdul Jalil [presidente interino da Líbia] sent him there*», de acordo com um oficial militar a trabalhar com Belhadj. [“Leading Libyan Islamist met Free Syrian Army opposition group”, Ruth Sherlock [in Tripoli], The Daily Telegraph, November 27, 2011]

Artigos. Libya’s new rulers offer weapons to Syrian rebels – Al-Qaeda Terrorists Airlifted From Libya to Aid Syrian Opposition – Leading Libyan Islamist met Free

Syrian Army opposition group – Telegraph – Ex-Mujahedeen Help Lead Libyan Rebels – Al-Qaeda Terrorists Airlifted From Libya to Aid Syrian Opposition

LIFG trava jihad na Síria – ABC e os homens de Belhadj (Dez-2011).

Jornalista ABC encontra três terroristas líbios na Síria. De acordo com o seu artigo de 17 de Dezembro, para o ABC, um diário espanhol, o correspondente Daniel Iriarte deu inesperadamente com três associados líbios de Belhadj na Síria, onde Iriarte estava a trabalhar numa história sobre o Free Syrian Army, a força rebelde organizada para derrubar o regime de Bashar al-Assad. [Libyan Rebel Commander: I Was on the Mavi Marmara – "Islamistas libios se desplazan a Siria para «ayudar» a la revolución". Daniel Iriarte, ABC Internacional, 17/12/2011]

al-Harati – Braço-direito de Belhadj em Tripoli.

Passaporte irlandês. Harati tem passaporte irlandês e residência em Dublin.

Mavi Marmara. Participou na tentativa de Maio de 2010 de quebrar o bloqueio Israelita a Gaza, a bordo do Mavi Marmara.

Comandante das Brigadas de Tripoli. Mahdi al-Harati, comandante rebelde Líbio instrumental em derrubar Khadafi. Al-Harati é o comandante das Brigadas de Tripoli (Tripoli Brigades), decisivas para conquistar a capital líbia em Agosto. As Brigadas de Tripoli são um grupo de combatentes de elite treinados por assessores do Qatar.

Nomeado braço-direito de Belhadj. Após a captura de Tripoli, al-Harati foi nomeado o segundo em comando para Abdul-Hakim Belhadj, que se torna o líder do Concelho Militar de Tripoli.

Harati passa por Bahrein, Sudão e Ankara no caminho para a Síria. Antes de chegar à Síria, Harati passa por sítios como Bahrein, Sudão e Ankara, com propósitos pouco claros.

Admite trabalhar com a CIA, que financiou as Brigadas de Tripoli. Harati admite trabalhar com a CIA, que financiou a luta do seu grupo contra Khadaffi. Em tempos mais recentes, a CIA deu-lhe 200.000 libras esterlinas.

Adem Kikli – Subalterno de Belhadj, residente no UK. Adem Kikli conta que trabalha para Belhadj, e leva duas décadas exilado no Reino Unido.

"Estamos aqui para avaliar necessidades dos nossos irmãos Sírios". Os líbios não fizeram qualquer tentativa de esconder as suas identidades, diz Iriarte, explicando-lhe que estavam na Síria «*in order to evaluate the needs of our Syrian revolutionary brothers*».

“Trouxemos umas quantas dezenas de outros combatentes líbios”. Os líbios afirmam que, com eles, estão «*unas cuantas decenas*» de outros combatentes líbios, que vieram para a Síria para ajudar os insurgentes.

“Por nós, enviaríamos as armas da Líbia para a Síria já amanhã”.

“Mas temos de enviá-las pela Turquia e ainda não há consenso NATO”. O grupo queixa-se: «*Si por nosotros fuese, lse enviaríamos las armas a los sirios mañana. Nosotros ya no las necesitamos... Pero tendrían que entrar por Turquía, y los turcos no pueden autorizarlo porque no hay consenso dentro de la OTAN*». [“Islamistas libios se desplazan a Siria para «ayudar» a la revolución”. Daniel Iriarte, ABC Internacional, 17/12/2011]

Intervenção NATO-GCC.

GCC – Gulf Cooperation Council.

Composição. Concelho de Cooperação do Golfo [Gulf Cooperation Council]: Bahrain, Kuwait, Oman, Qatar, Arábia Saudita, Emiratos Árabes Unidos.

O papel da Turquia na promoção da rebelião.

Alto Comando Turco – de força secular a bastião IM. Houve a transformação com sucesso do Alto Comando Turco, de um bastião de secularismo, na tradição Atatürk, para algo que coopera de boa vontade com mercenários Irmandade Muçulmana e al-Qaeda.

Hostilidade geral para com Assad, actos provocativos. Ao mesmo tempo, a Turquia do PM Recep Tayyip Erdogan tem-se notabilizado por hostilidade geral contra Assad, e actos provocativos, como uma violação do espaço aéreo sírio.

Hospeda o NCS. A Turquia está a hospedar o “National Council of Syria” (NCS).

Porto seguro para combatentes. Porto seguro para insurgentes e jihadis.

Cede treino, logística, armas, combatentes. Treina e equipa insurgentes sírios.

Porta de entrada para armas e combatentes. Múltiplos observadores independentes fizeram notar que camiões militares transitam armas para dentro de território sírio; o mesmo acontecendo com combatentes rebeldes, passando livremente a fronteira, de um

lado para o outro. Combatentes armados da IM são treinados e alojados, e organizam incursões armadas contra a Síria, a partir de campos patrocinados pela NATO na Turquia. A fronteira turco-síria está repleta de jihadis al-Qaeda e outros.

Corredor de passagem de armas e combatentes de Líbia e Golfo. Serve de corredor preferencial de passagem de armas e combatentes para dentro da Síria, a partir de Líbia, países do Golfo e outros.

DEBKAfile – Qatar e Turquia enviam combatentes e armas líbios para Síria. A DebkaFile, uma fonte ligada a intelligence Israelita, veio depois afirmar que «*Qatar and Turkey were reported to be airlifting "volunteers" from Libya to fight alongside the rebel Free Syrian Army, some also transporting weapons*».

Washington Post – Apoio turco ao FSA – O entreposto de Antakya (Jul-2012).

Turquia fez mais pela revolta que ajudar refugiados.

Alberga o Syrian National Council em Istambul e campos FSA na fronteira.

Na cidade de Antakya, intriga, combatentes FSA, Salafitas do Golfo.

Representantes rebeldes preenchem as vagas de hotel.

Armas e dinheiro afluem da Arábia Saudita e Qatar.

Turquia bastante envolvida em apoiar organização dos rebeldes.

«*Turkey's role in the revolt goes far deeper than helping refugees… Turkey… is deeply involved in the efforts to organize the Syrian opposition, hosting the offices of the umbrella Syrian National Council in Istanbul and acting as gatekeepers at the walled, tented camp housing the leadership of the Free Syrian Army at Apaydin, a pinprick of a village a few miles from the border… the quaint and ancient city of Antakya… pulses with the intrigue and gossip of the war next door. Free Syrian Army fighters stride through its narrow streets, sunburned and sweaty from the battlefield, hoping to meet benefactors to provide them with money and arms. Salafi Muslims, who have come to offer help from the countries of the Persian Gulf region, huddle over kebabs, their long beards and robes conspicuous in secularist Turkey. Men who identify themselves as representatives of rebel battalions rent cheap hotel rooms and apartments… Most of the talk is of money and arms… weapons have been reaching the rebels in small quantities, procured from arms dealers with funding provided by Saudi Arabia and Qatar*»
"Turkey a hub for Syria revolution as illegal border crossing points abound", Liz Sly (on the Turkey-Syria border) The Washington Post, July 26, 2012

DEBKAfile – Forças especiais NATO, árabes, turcas (Fev-2012).

Forças especiais UK e Qatar em Homs, Khaldiya, Bab Derib, Rastan.

São consultores tácticos, gerem linhas de comunicação, logística militar.

Obtêm armas, munições, combatentes e apoio logístico de fornecedores na Turquia.

Espera-se agora um contingente de consultores turco-árabes.

Assad escala ataques em resposta a presença de tropas ocidentais, árabes e muçulmanas.

«*British and Qatari special operations units are operating with rebel forces under cover in the Syrian city of Homs just 162 kilometers from Damascus, according to debkafile's exclusive military and intelligence sources. The foreign troops are not engaged in direct combat with the Syrian forces bombarding different parts of Syria's third largest city of 1.2 million. They are tactical advisers, manage rebel communications lines and relay their requests for arms, ammo, fighters and logistical aid to outside suppliers, mostly in Turkey… Our sources report the two foreign contingencies have set up four centers of operation - in the northern Homs district of Khaldiya, Bab Amro in the east, and Bab Derib and Rastan in the north… The presence of the British and Qatari troops was seized on by Turkish Prime Minister Tayyip Erdogan for the new plan he unveiled to parliament in Ankara Tuesday, Feb. 7. Treating the British-Qatari contingents as the first foreign foot wedged through the Syrian door, his plan hinges on consigning a new Turkish-Arab force to Homs through that door and under the protection of those contingents. Later, they would go to additional flashpoint cities*»

Em resposta, Assad estava a deliberar planos «*for his next assault on rebels and protesters and his military response to the rising covert presence of foreign Western, Arab and Muslim troops in Syria*» ["First foreign troops in Syria back Homs rebels. Damascus and Moscow at odds". DEBKAfile Exclusive Report February 8, 2012]

General FSA relata assistência NATO (Fev-2012).

General FSA em Homs admite assistência militar americana e francesa. Um general do FSA relata a jornalistas da Reuters, em Homs, que os rebeldes tinham recebido assistência militar francesa e americana.

"Agora temos armas e mísseis terra-ar". «*French and American assistance has reached us and is with us… We now have weapons and anti-aircraft missiles and, God willing, with all of that we will defeat Bashar*» citado in "France, US arming Syrian rebels with anti-aircraft missiles – report", Russia Today, February 29, 2012

NY Times – Circuito Golfo-Líbano-EUA – Armas beneficiam jihadis (Oct-2012).

Golfo envia armas, Líbano intermedia, EUA supervisionam. Armas enviadas pela Arábia Saudita e pelo Qatar, por vezes usando grupos Libaneses como intermediários – os EUA supervisionam.

As armas estão a beneficiar os jihadis. ["Rebel Arms Flow Is Said to Benefit Jihadists in Syria", David E. Sanger, The New York Times, October 14, 2012]

Liga Árabe – Tentativa de isolar completamente a Síria de Assad.

Liga Árabe tenta isolar Síria – campos político, diplomático, económico, mediático. A Liga Árabe encetou uma série de iniciativas para isolar a Síria politicamente, diplomaticamente, economicamente e mediaticamente.

Corte de sinais Arabsat e Nilesat – Gulag mediático. Neste último ponto, pressão sobre a Arabsat e a Nilesat para parar de transmitir sinais de satélite da rádio e da tv sírias, por forma a facilitar o controlo absoluto de média e imagem, por nações que estão a tomar parte na tentativa de subversão.

Proxy war.

WND – Dinâmica proxy – NATO/GCC, FSA, Qaeda – Rússia e Assad (Mar-2012).

Oficiais egípcios – Turquia arma FSA em coordenação com EUA e países árabes.

Também está a armar a al-Qaeda e o seu afiliado, Jihadiya Salafia.

FSA conta com armas e treino, da Turquia, EUA, Jordânia, Arábia Saudita.

Base de treino na cidade jordana de Safawi, no deserto a norte do país.

Arábia Saudita a enviar armas ao FSA através de surrogados libaneses.

A Rússia, por outro lado, tem estado a apoiar Assad no terreno.

«*Egyptian security officials tell WND that Turkey has been arming al-Qaida organizations as part of its aid to opposition targeting the regime of Syrian President Bashar Assad. Turkey is a member of NATO. It has been coordinating its arming of many Syrian opposition groups with the U.S. and several Arab countries, including Saudi Arabia and Jordan, the security officials said… The Egyptian security officials told WND that Turkey has been arming al-Qaida and its affiliated group, Jihadiya*

Salafia, as part of efforts to support the so-called rebels in Syria… Egyptian security officials also outlined what they said was large-scale international backing for the rebels… including arms and training not only from Turkey but from the U.S., Jordan and Saudi Arabia. Several knowledgeable Egyptian and Arab security officials claimed the U.S., Turkey and Jordan were running a training base for the Syrian rebels in the Jordanian town of Safawi in the country's northern desert region. The security officials also claimed Saudi Arabia was sending weapons to the rebels via surrogates, including through Druze and Christian leaders in Lebanon such as Druze leader Walid Jumblatt, Saudi-Lebanese billionaire Saad Hariri, who recently served as Lebanon's prime minister, and senior Lebanese opposition leader Samir Farid Geagea»

«*While Turkey, the U.S. and Arab countries may be arming the opposition, Russia has been directly aiding Assad's forces on the ground, according to informed Middle Eastern diplomatic and security officials… Russian military experts have been inside Syria helping Assad's regime face down the months-long insurgency*»

"NATO member arming al-Qaida? Terror group joins opposition forces fighting Syria regime", Aaron Klein (Tel Aviv, Israel), WND, March, 4, 2012.

Jihad e al-Qaeda na Síria.

A "oposição" Síria – um grupo heterogéneo e confuso.

Dissidentes políticos. Dissidentes de todas as cores.

Desertores militares, grupos tribais, criminosos.

Mercenários, consultores, forças especiais.

Milícias ultra-islâmicas. Domésticos e estrangeiros.

Al-Qaeda em Homs – Observador ONU – Vídeo de jihadis suicidas.

Vídeo com jihadis al-Qaeda, Homs – "Células suicida para travar jihad". «*We are now forming suicide cells to make jihad in the name of God*»

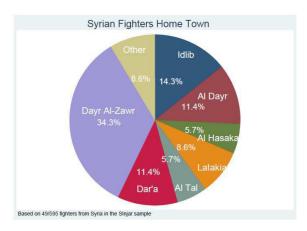



Foto AFP mostra observador ONU a trabalhar com jihadi al-Qaeda. Uma foto publicada pela agência francesa AFP mostra um rebelde sírio envergando a bandeira da al-Qaeda no seu uniforme preto, acompanhando observadores ONU na aldeia de Azzara, reiterando esta relação indecente com terroristas.

Isto acontece em Homs, reiterando este rapport indecente com terroristas. A foto aparece no website DayLife, com a legenda: «*A man wearing a black shirt bearing an Al-Qaeda flag (L) speaks with a UN observer as monitors meet with rebels and civilians in the village of Azzara in the province of Homs on May 4, 2012*» [Al-Qaeda Rebel Pictured With UN Observers In Syria; Al-Qaeda Rebel Pictured With UN Observers In Syria - photo getty images]

"Al-Qaeda Ladies' Choir Struts Its Stuff in Rebel Syria".

West Point (2007) – Jihadis al-Qaeda sírios no Iraque – Deir el-Zour.

Dayr al-Zawr, Idlib, Ad Dayr, Al Hasaka, Latakia, Al Tal, Da'ra. De acordo com o estudo de West Point (2007), mais de um terço (34.3%) dos combatentes sírios da al-Qaeda no Iraque vinham de Dayr al-Zawr (Deir ez-Zor). Em menores proporções, temos sítios como Idlib, Ad Dayr, Al Hasaka, Latakia, Al Tal, Da'ra. [Joseph Felter and Brian Fishman (2007), "Al Qa'ida's Foreign Fighters in Iraq: A First Look at the Sinjar Records". Harmony Project, Combating Terrorism Center, Department of Social Sciences, US Military Academy, West Point, NY]

[Nota aparte] Desertos de Deir el-Zour, infestados de jihadis. Os desertos de Deir el-Zour são a porta de passagem preferencial de combatentes para o Iraque, mas são também um ponto de refúgio para muitos insurgentes iraquianos. Portanto, é uma zona que, por excelência, está infestada de jihadis.

Al-Zouabi – O guru da Irmandade Muçulmana que lança a rebelião (2011-12).

Sheikh Louay al-Zouabi, emite fatwa que inicia revolta. Um imam Salafista de Daraa, Síria, que afirma ter emitido uma fatwa que motivou a revolta contra o regime de Bashar al-Assad. ["Syria: The Salafist Who Launched the Rebellion", John Rosenthal, Gatestone Institute, February 29, 2012]

Irmandade Muçulmana à frente da rebelião desde o início. Ou seja, a Irmandade Muçulmana, e um dos seus esporos mais bélicos al-Qaeda, na frente da rebelião desde o início.

Entrevista ao Le Nouvel Observateur, Nov-2011.

"Combati a jihad no Afeganistão e na Bósnia". Numa entrevista separada em Novembro de 2011, ao semanário francês Le Nouvel Observateur, al-Zouabi admitiu ter combatido no Afeganistão e na Bósnia: dois dos focos históricos da jihad.

"Sou um jihadi mais tolerante do que era". Al-Zouabi diz ainda a Sara Daniel do Nouvel Observateur que hoje prega um «*new Salafism*», tolerante de outras fés. «*I changed during the six years that I spent in Bashar's jails [1993-1998]… I reinterpreted certain verses of the Quran. Today, I no longer consider you an infidel. Moreover, notice that I'm not requiring you to wear a veil. I'm just refraining from looking at you, as my God has commanded…*»

Entrevista no Libération, Fev-2012. No início de Fevereiro de 2012, o diário francês Libération publica uma entrevista com al-Zouabi.

"Intifada começa com a minha fatwa".

Questionado sobre o início da intifada em Daraa, al-Zouabi disse que: «*[It began] with the arrest and torture of a dozen children – the oldest was twelve years old – who had written "The people want to overthrow the government" on the walls. The fathers of the children then wanted to negotiate their release with the security forces. They were told: "If you come back, you are going to be arrested and we are going to make your wives kiss our feet." A female lawyer who wanted to defend the children was put in prison and they shaved her head, which is more unacceptable than killing her. It was this that brought people out onto the streets on March 20*». De acordo com al-Zouabi, as forças de segurança dispararam sobre os manifestantes, matando seis pessoas. Em resposta a estes eventos, al-Zouabi emite a sua fatwa a apelar ao derrube do regime de Bashar al-Assad.

Atitude IM típica de apelar ao "carpet bombing" do seu próprio país.

"O movimento de paz está acabado – precisamos de armas, material, logística".

"Precisamos de apoio ocidental".

"Sou militarmente poderoso, e disposto a apresentar amostras pré-arranjadas".

Na sua entrevista com o Libération, al-Zouabi apelou a apoio militar internacional para as forças anti-Assad: «*The peaceful movement is finished… We have the human capacity to fight, but what we lack are arms, materiel, logistical capabilities. And I want to communicate an essential idea to the West: once the revolution has won, we will respect international agreements and we want to have very good relations with the*

international community… And if the West wants to verify what I represent militarily… I'm prepared to carry out military operations in pre-arranged places»

Entrevista ao Daily Star.

Al-Zouabi vive no Sudão na mesma altura que Bin Laden, após jihad afegã. Um artigo no The Daily Star libanês faz notar, ainda, que al-Zouabi «*lived in Sudan at the same time as former Al-Qaeda leader Osama bin Laden*». Bin Laden transferiu operações do Afeganistão para o Sudão após o fim da jihad anti-soviética, antes de voltar ao Afeganistão em 1996.

"Sou al-Qaeda, excepto ser mais dialogante e ter mais escrúpulos". Em entrevista ao The Daily Star, al-Zouabi admitiu «*sharing many of al-Qaeda's beliefs… I am Al-Qaeda except that I am willing to talk [to Christians] and I oppose the killing of innocents*»

Al-Zawahiri – Apela a afluxo Jihadi contra Assad (Fev-2012).

Apela a apoio à rebelião síria, por jihadis de Iraque, Jordânia, Líbano, Turquia. Ainda no início da revolta (o vídeo foi descoberto e divulgado a 12 de Fevereiro de 2012), o chefe da al-Qaida, Ayman al-Zawahri, apelou aos muçulmanos do mundo (mais especificamente, Iraque, Jordânia, Líbano e Turquia) para que apoiassem os rebeldes na Síria.

Regime de Bashar é canceroso e pernicioso. Apelidou o regime do Presidente Bashar Assad de «*pernicious, cancerous regime*». [Al-Qaeda calls on Muslim world to fight Syria government]

Clapper e Panetta – Presença al-Qaeda na Síria (Fev e Mai-2012).

James Clapper, director do NIC – al-Qaeda "infiltra" oposição síria [Fev-2012]. Em Fevereiro de 2012, James Clapper, o Director of National Intelligence avisa que a al-Qaeda tinha "infiltrado" a oposição a Assad ["Al-Qaeda in Rebel Syria", John Rosenthal, National Review Online, March 8, 2012]

Leon Panetta é o Ministro da Defesa EUA.

"There is an al-Qaeda presence in Syria, they are a concern" [Mai-2012].

«*Al Qaeda anywhere is a concern for us… and we do -- we do have intelligence that indicates that there is an al Qaeda presence in Syria. But frankly, we don't have very good intelligence as to just exactly what their activities are. And that's the reason we can't really indicate specifically what they are or are not doing. But they are a concern. And frankly, we need to continue to do everything we can to determine what kind of influence they are trying to exert there*» Secretary of Defense Leon Panetta, press

conference [“Panetta: 'There Is an Al Qaeda Presence in Syria'”. Daniel Halper, The Weekly Standard, May 13, 2012]

Iraque confirma terroristas al-Qaeda na Síria (Mar e Jul-2012).

Maliki – al-Qaida a migrar de Iraque para Síria, para ajudar rebeldes. Numa entrevista ao diário saudita Okaz, publicada em finais de Março de 2012, o PM iraquiano, Nouri al-Maliki, avisou que a al-Qaeda estava a migrar do seu país para a Síria, para ajudar os rebeldes. «*Al-Qaida has started migrating from Iraq to Syria, and maybe it will migrate from Syria to another country, to Libya or to Egypt or to any region where the regime is unstable and out of control… Yesterday, Syria was considering itself outside the circle of the terrorism problem, and today, it is in the heart of the terrorism problem*» citado in “NATO member arming al-Qaida? Terror group joins opposition forces fighting Syria regime”, Aaron Klein (Tel Aviv, Israel), WND, March, 4, 2012.

Shahbandar – al-Qaeda que está a operar no Iraque é a mesma que está a operar na Síria. «*We are 100 percent sure from security coordination with Syrian authorities that the wanted names that we have are the same wanted names that the Syrian authorities have, especially within the last three months… Al Qaeda that is operating in Iraq is the same as that which is operating in Syria*» Izzat al-Shahbandar — a close aide to the Iraqi prime minister, Nuri Kamal al-Maliki, cit. in “Al Qaeda Taking Deadly New Role in Syria’s Conflict”. Rod Nordland, The New York Times, July 24, 2012.

Intelligence alemã – Jihad e al-Qaeda em plena acção na Síria (Jul-2012).

Intelligence alemã – al-Qaeda e outros jihadis bem presentes na Síria. Perante o Parlamento alemão, responsáveis da intelligence do país estimaram que tinha havido cerca de 90 ataques terroristas levados a cabo na Síria entre o fim de Dezembro e o início de Julho, e que estes podiam ser atribuídos a organizações próximas da al-Qaeda ou a grupos jihadistas.

German intelligence: al-Qaeda all over Syria.

Guardian – al-Qaeda e jihadis afluem à Síria, dominam rebelião (Jul-2012).

Abdul-Ahad, correspondente do Guardian.

Os batalhões da al-Qaeda no terreno e o influxo de jihadis estrangeiros. É mencionado que a al-Qaeda tem batalhões de combate no terreno, e é destacado o influxo de combatentes estrangeiros, que se vão juntar à Qaeda.

“FSA cada vez mais dependente de jihadis”.

“Para obter armas e financiamento, de redes muçulmanas bem estabelecidas”.

“A promessa de redenção e martírio é um poderoso apelo”.

“Quase todas as brigadas FSA adoptaram a retórica da jihad e do martírio”.

“Isto acontece mesmo quando as brigadas são compostas de secularistas”.

É mencionado que o FSA está cada vez mais dependente destes elementos extremistas, para obter «*outside funding and weapons, which are coming through well-established Muslim networks*», e porque «*religion provides a useful rallying cry for fighters, with promises of martyrdom and redemption*». Portanto, «*Almost every rebel brigade has adopted a Sunni religious name with rhetoric exalting jihad and martyrdom, even when the brigades are run by secular commanders and manned by fighters who barely pray*» [“Al-Qaida turns tide for rebels in battle for eastern Syria”, Ghaith Abdul-Ahad (in Deir el-Zour), Guardian, 30 July 2012]

Guardian – O jihadi Abu Khuder comenta o sucesso da al-Qaeda (Jul-2012).

Ahad entra em contactos com elementos da al-Qaeda, como o jihadi Abu Khuder.

Khuder, um dos “heróis” de Deir el-Zour, ajuda a formar batalhão FSA.

“Trabalhamos com liderança do FSA, encontramo-nos quase todos os dias”.

“O nosso principal talento e área de experiência é em operações com explosivos”.

“Capacidades adquiridas no Iraque e noutros sítios”.

Reporta que entrou em contacto com membros da al-Qaeda, como um Abu Khuder, que ganha reputação como um dos homens mais bravos e impiedosos na província de Deir el-Zour, e ajudou a formar um dos primeiros batalhões FSA. Khuder afirma ao jornalista que os seus homens estão a trabalhar de perto com o concelho militar que comanda as brigadas regionais do FSA: «*We meet almost every day… We have clear instructions from our [al-Qaida] leadership that if the FSA need our help we should give it. We help them with IEDs and car bombs. Our main talent is in the bombing operations… Al-Qaida has experience in these military activities and it knows how to deal with it*». Segundo Khuder, os principais talentos dos seus homens são no fabrico de bombas, adquiridos no Iraque e em outros sítios.

Khuder explica as razões do sucesso da al-Qaeda.

“O FSA não tem regras nem disciplina militar ou religiosa, tudo é caótico”.

“al-Qaeda traz organização e combatentes de Iemen, Jordânia, Iraque, e sauditas”.

“O objectivo da al-Qaeda é o estabelecer um estado islâmico, e não um estado sírio”.

"Quem nos teme, teme a jurisdição de Allah – não peques e estarás ok".

«*The Free Syrian Army has no rules and no military or religious order. Everything happens chaotically… Al-Qaida has a law that no one, not even the emir, can break… The FSA lacks the ability to plan and lacks military experience. That is what [al-Qaida] can bring. They have an organisation that all countries have acknowledged… In the beginning there were very few. Now, mashallah, there are immigrants joining us and bringing their experience… Men from Yemen, Saudi, Iraq and Jordan. Yemenis are the best in their religion and discipline and the Iraqis are the worst in everything – even in religion… [Al-Qaida's] goal is establishing an Islamic state and not a Syrian state… Those who fear the organisation fear the implementation of Allah's jurisdiction. If you don't commit sins there is nothing to fear*» ["Al-Qaida turns tide for rebels in battle for eastern Syria", Ghaith Abdul-Ahad (in Deir el-Zour), Guardian, 30 July 2012]

Guardian – Abu Yassir (FSA) lamenta hegemonia e violência al-Qaeda (Jul-2012).

<u>Ahad vai ainda a Shahail e entrevista Abu Yassir, ancião local, comandante FSA</u>. O jornalista foi ainda a Shahail, onde entrevistou Saleem Abu Yassir, um ancião da aldeia, e comandante da brigada FSA local.

<u>Yassir – "Dificuldades iniciais de relação com al-Qaeda foram ultrapassadas"</u>. Afirmou que a relação com a al-Qaeda tinha sido muito difícil, com o comportamento secretivo dos jihadis e com o desprezo demonstrado pela FSA, ao ponto de lhes chamar "secularistas infiéis" [infidel secularists]. Mas agora tinham-se aberto, e estavam a cooperar com os outros grupos rebeldes.

"São bons combatentes, mas desumanos – executam adversários sem processo".

"Tememos esta abundância de morte – Síria pode tornar-se em novo Iraque".

"Engenheiros estrangeiros do campo de petróleo, raptados".

"São melhor financiados que o FSA".

"Estão a roubar-nos a revolução e a trabalhar para o dia a seguir a ela".

«*Are they good fighters? Yes, they are, but they have a problem with executions. They capture a soldier and they put a pistol to his head and shoot him. We have religious courts and we have to try people before executing them. This abundance of killing is what we fear. We fear they are trying to bring us back to the days of Iraq and we have seen what that achieved… Who kidnapped the foreign engineers who worked in the nearby oilfield? They have better financing than the FSA and we have to admit they are here… They are stealing the revolution from us and they are working for the day that comes after*» ["Al-Qaida turns tide for rebels in battle for eastern Syria", Ghaith Abdul-Ahad (in Deir el-Zour), Guardian, 30 July 2012]

Rosenthal – al-Qaeda não é uma "presença" – Rebeldes são jihadis (Ago-2012).

John Rosenthal, jornalista especializado em intelligence transatlântica. John Rosenthal, jornalista especializado em política Europeia e em questões de segurança transatlânticas. O website de Rosenthal é o Transatlantic Intelligencer.

Média americanos começam a admitir presença al-Qaeda na oposição a Assad.

NY Times, Wall Street Journal, Associated Press.

Essa presença já era óbvia há meses – ataques suicidas, vídeos com bandeiras Qaeda.

Não é uma mera "presença" – os rebeldes são jihadis, ponto.

Resta saber é se existe uma presença de algo mais que isso.

«*There has recently been a small stir in the American media, as media organizations from the New York Times to the Wall Street Journal to the Associated Press have finally gotten around to acknowledging a "presence" of al-Qaeda and like-minded jihadist groups among the Syrian rebel forces seeking to topple the regime of Bashar al-Assad. It is difficult to see what the cause of the excitement is. After all, such a presence has been blindingly obvious for many months: whether as a result of the dozens of suicide attacks that have plagued Syria or the numerous videos that have emerged showing rebel forces or supporters proudly displaying the distinctive black flag of al Qaeda… there is no mere "presence" of jihadists among the rebels: religiously-inspired mujahideen is what the rebels are. The real question is whether there is a presence of anything else*» ["Al-Qaeda flags fly over rebel-held Syria". John Rosenthal, Asia Times Online, August 14, 2012]

Crimes de guerra.

Crimes de guerra dos rebeldes sírios.

Retrato mediático [Assad como genocida] falha o teste da realidade. Media ocidentais agem como se o governo sírio estivesse a assassinar selvática e indiscriminadamente o seu próprio povo sem provocação.

Perseguições étnicas – Alawitas, Shia, Sunni pró-Assad, Judeus, Cristãos. Perseguição rebelde a todos os grupos ligados ao antigo regime, bem como a uma série de grupos étnicos específicos. Os Alawitas, em particular, são dos grupos mais perseguidos pelos

rebeldes. Os Alawitas são um alvo essencial dos rebeldes porque são a base étnica de apoio de Assad. Para além dos Alawitas, também são ferozmente alvejados todos os outros grupos Shiitas, os Sunitas pró-Assad, Judeus e Cristãos.

Esquadrões da morte. Bandos itinerantes de jihadis e outros criminosos.

Detenções arbitrárias, tortura, execuções, limpezas étnicas. Um dos sistemas de execução, é por meio de decapitações. Assassinatos indiscriminados de civis, militares capturados, jornalistas.

Modus operandi al-Qaeda no Iraque. Os ataques terroristas contra civis em Damasco e outras cidades sírias têm todos os sinais dos ataques al-Qaeda que a América costumava condenar e combater no Iraque.

Crimes de guerra e contra a humanidade. Isto são crimes de guerra, e crimes contra a humanidade, apoiados pelo ocidente.

Ocidente perde crédito na "guerra contra o terror". Com o apoio a estes bandos itinerantes de terroristas, o mundo ocidental perdeu toda e qualquer credibilidade na suposta "guerra ao terror".

Relatório Liga Árabe – Media, exageros e falsificações – Violência FSA (Jan-2012).

Relatório cobre período de 24 de Dezembro 2011 a 18 de Janeiro 2012. [Independent Report Contradicts Western Portrait of Syria, February 7, 2012]; "Report of the Head of the League of Arab States Observer Mission to Syria for the period from 24 December 2011 to 18 January 2012". League of Arab States Observer Mission to Syria.

Imagem de Assad como genocida contradita por inspecção Liga Árabe. Enquanto os media ocidentais agem como se o governo sírio estivesse a assassinar selvática e indiscriminadamente o seu próprio povo sem provocação, uma investigação independente descobriu uma realidade diferente no terreno. Mais de 160 monitores da Liga Árabe – compostos de aliados e inimigos mortais da Síria – fez uma tour ao país e publicou um relatório a 27 de Janeiro, mostrando que a realidade dos factos foi distorcida.

Relatório destaca boa vontade e cooperação do governo sírio. Inicialmente, o relatório faz notar a cooperação geral do governo sírio: «*The Mission [i.e. the Arab League investigative team] noted that the Government strived to help it succeed in its task and remove any barriers that might stand in its way. The Government also facilitated meetings with all parties. No restrictions were placed on the movement of the Mission and its ability to interview Syrian citizens, both those who opposed the Government and those loyal to it*»

Nota falsificações mediáticas e exageros sobre o grau de violência na Síria.

"Em vários casos, explosões e episódios violentos reportados são falsos".

"Média exageram a natureza e os números de pessoas mortas em certos incidentes".

"Missão tem sido alvo de uma campanha mediática viciosa, para gerar tensão".

«*The Mission noted that many parties falsely reported that explosions or violence had occurred in several locations. When the observers went to those locations, they found that those reports were unfounded. The Mission also noted that, according to its teams in the field, the media exaggerated the nature of the incidents and the number of persons killed in incidents and protests in certain towns… Since it began its work, the Mission has been the target of a vicious media campaign. Some media outlets have published unfounded statements, which they attributed to the Head of the Mission. They have also grossly exaggerated events, thereby distorting the truth. Such contrived reports have helped to increase tensions among the Syrian people and undermined the observers' work*»

Até alguns dos observadores quebraram jura de isenção e exageraram violência. De facto, alguns dos próprios observadores violaram a sua jura de neutralidade, exagerando a violência: «*Some observers reneged on their duties and broke the oath they had taken. They made contact with officials from their countries and gave them exaggerated accounts of events. Those officials consequently developed a bleak and unfounded picture of the situation*»

Governo exagera o número de prisioneiros libertados. O governo exagerou no número de detidos libertados – tem, de facto, milhares de detidos a mais do que os declarados.

«*On 19 January 2012, the Syrian government stated that 3569 detainees had been released from military and civil prosecution services. The Mission verified that 1669 of those detained had thus far been released. It continues to follow up the issue with the Government and the opposition, emphasizing to the Government side that the detainees should be released in the presence of observers so that the event can be documented. The Mission has validated the following figures for the total number of detainees that the Syrian government thus far claims to have released:*

• Before the amnesty: 4,035

• After the amnesty: 3,569.

The Government has therefore claimed that a total of 7,604 detainees have been released. The Mission has verified the correct number of detainees released and arrived at the following figures:

• Before the amnesty: 3,483

• After the amnesty: 1,669

The total number of confirmed releases is therefore 5152. The Mission is continuing to monitor the process and communicate with the Syrian Government for the release of the remaining detainees»

Forças armadas retiram de muitas áreas – medidas de segurança não afectam cidadãos. O governo não retirou todas as suas forças, mas as forças armadas retiraram de muitas áreas: «*Based on the reports of the field-team leaders and the meeting held on 17 January 2012 with all team leaders, the Mission confirmed that all military vehicles, tanks and heavy weapons had been withdrawn from cities and residential neighbourhoods. Although there are still some security measures in place in the form of earthen berms and barriers in front of important buildings and in squares, they do not affect citizens*»

Nota que povo sírio não deseja uma intervenção externa – apenas mediação Árabe. O relatório faz notar que o povo Sírio não deseja uma intervenção externa: «*However, the citizens believe the crisis should be resolved peacefully through Arab mediation alone, without international intervention. Doing so would allow them to live in peace and complete the reform process and bring about the change they desire*»

Nota que muita da violência foi perpetrada pelos rebeldes, contra tropas e civis. O relatório condena a violência de ambos os lados, mas frisa que muita da violência foi perpetrada pelos rebeldes, contra forças governamentais: «*In Homs and Dera'a, the Mission observed armed groups committing acts of violence against Government forces, resulting in death and injury among their ranks. In certain situations, Government forces responded to attacks against their personnel with force. The observers noted that some of the armed groups were using flares and armour-piercing projectiles. In Homs, Idlib and Hama, the Observer Mission witnessed acts of violence being committed against Government forces and civilians that resulted in several deaths and injuries. Examples of those acts include the bombing of a civilian bus, killing eight persons and injuring others, including women and children, and the bombing of a train carrying diesel oil. In another incident in Homs, a police bus was blown up, killing two police officers. A fuel pipeline and some small bridges were also bombed… Recently, there have been incidents that could widen the gap and increase bitterness between the parties. These incidents can have grave consequences and lead to the loss of life and property. Such incidents include the bombing of buildings, trains carrying fuel, vehicles carrying diesel oil and explosions targeting the police, members of the media and fuel pipelines. Some of those attacks have been carried out by the Free Syrian Army and some by other armed opposition groups*»

Relatório aprovado pela Liga Árabe. O Comité Ministerial da Liga Árabe aprovou o relatório com quatro votos a favor (Argélia, Egipto, Sudão, Oman) e um contra (previsivelmente, Qatar).

Começa por ser suprimido pela Liga Árabe, é depois "leaked". O relatório começou por ser suprimido dentro da própria Liga Árabe, até ser "leaked".

Ignorado pelos média ocidentais, atacado pelos árabes (Saud e Qatar). Foi ignorado pelos media ocidentais e atacado pelos media árabes, controlados pela Casa de Saud e pelo Qatar.

Die Welt, FAZ, Bild – Massacre de Houla perpetrado por rebeldes.

Jornais alemães atribuem massacre a rebeldes. Ao mesmo tempo, pelo menos 3 jornais alemães – Die Welt, o Frankfurter Allgemeine Zeitung (FAZ), e o Bild – publicaram reportagens atribuíndo o massacre a forças rebeldes anti-governamentais ou tratando este cenário como o mais provável.

Hackensberger – O massacre de Houla (Jun-2012).

Hackensberger visita Houla. Como correspondente do Die Welt, Alfred Hackensberger visita Houla para conduzir investigações para a sua reportagem. ["The horror of Hula and its witnesses"; "Das Grauen von Hula und seine Zeugen". Alfred Hackensberger, Die Welt, 24.06.12]

Massacre de Taldu/Houla a 25/05/2012. Massacre de 108 pessoas em Taldu, um subúrbio da cidade de Houla, a 25 de Maio de 2012. «*It was here in Taldu, a suburb of the town of Hula, so far the most horrible massacre of the 16 months long civil war in Syria. On 25 May, 108 people, including many women and children were murdered*» [Hackensberger]

"Regime de Assad culpado pelo massacre".

"FAZ reporta testemunhas que dizem o contrário".

"Der Spiegel diz que Taldu era uma aldeia exclusivamente Sunni".

«*Internationally, the regime of Bashar al-Assad has been blamed for the massacre… But now there is a controversy about the background of the case… In early June, an article in the "Frankfurter Allgemeine Zeitung" caused a stir when it reported on alleged witnesses saying that rebels had committed the massacre… This week was the news magazine "Der Spiegel"… Taldu was an exclusively Sunni community, it said*»

"Taldo, subúrbio de Houla, sob controlo rebelde desde 12/2011". Taldo, o subdistrito de Houla onde o massacre ocorreu, está sob controlo rebelde desde Dezembro de 2011.

"Difícil acesso a tropas e apoiantes de Assad". Hackensberger faz notar que a localidade está numa planície aberta, onde existe pouca oportunidade para cobertura. A aldeia é fácil de defender com metralhadoras e rpg's. Isto torna improvável que dezenas de soldados e apoiantes de Assad pudessem ter entrado na aldeia para cometer o massacre. Hackensberger nota que o exército sírio gostaria de reclamar Taldu, mas até agora falhou.

Múltiplas testemunhas afirmam que massacre é conduzido por rebeldes, como purga. Em Houla, o jornalista encontrou múltiplas testemunhas de que o massacre tinha sido conduzido por extremistas islâmicos ligados às forças rebeldes, e que tinha sido levado a cabo a título de purga, sobre sunitas "infiéis" ao FSA.

Taxista culpa Alemanha, EUA, Qatar e Arábia Saudita por apoio ao FSA. Um taxista mostra as cicatrizes nas pernas a Hackensberger e faz «*...a rant on Germany, the U.S., Qatar and Saudi Arabia. They supported the Free Syrian Army (FSA), which also occupies Taldu*»

Irmã Agnes-Mariam – "O massacre foi conduzido pelos rebeldes". «*...the massacre was committed by the rebels, not by the Syrian army*» Sister Agnes-Mariam de la Croix, freira libanesa, Mosteiro de St. James, no deserto sírio, perto de Damasco.

Jibril, testemunha no mosteiro da Irmã Agnes-Mariam.

"É 'perfect nonsense' que massacre seja responsabilidade de Assad". Quando questionado se o massacre foi perpetrado pelas tropas do regime, Jibril responde «*Perfect nonsense*»

"Combate começa ao meio-dia, quando rebeldes aparecem para atacar Houla". «*The fighting began around noon, when the rebels from ar-Rastan and Sean came to attack Hula*»

"Rebeldes executam pacientes no hospital, moradores pré-seleccionados". Os rebeldes entraram no hospital de Houla e começaram a executar pacientes. Depois, vários grupos foram a casas previamente seleccionadas e executaram os seus habitantes.

"Mortos eram Sunni, como todos nós – executados por não se juntarem à revolta". «*They were Sunnis, like all of us... they were killed because they refused to participate in the revolution*»

"Muitos em Hula sabem o que aconteceu, mas temem pelas suas vidas". «*Of course many people in Hula know what really happened*». Mas todas temem pelas suas vidas.

"Quem fala disto, limita-se a repetir a versão rebelde, ou é morte certa". «*Whoever talks about this, will simply repeat the rebels' version. To say anything else would be certain death*» ["Das Grauen von Hula und seine Zeugen". Alfred Hackensberger, Die Welt, 24.06.12]

Hackensberger – Atrocidades rebeldes em Homs (Jun-2012).

Hackensberger vai a Homs – limpezas sectárias, atrocidades sistemáticas. O jornalista vai também a Homs, e retrata a zona como um palco de limpeza sectária e crueldade sistemática, por parte das milícias do FSA.

Purga de sunitas não-adidos ao FSA. Aqueles que se recusaram a ceder as suas crianças ao FSA foram executadas. Cerca de 27 pessoas morrem desta forma.

Atrocidades sobre Cristãos – expulsões, destruição de igrejas, rapto, tortura, assassinato. Expulsões de casas e comunidades, destruição de igrejas, rapto, tortura, assassinato.

"Paquistaneses, Líbios, Tunisínos, Libaneses, chamam a Bin Laden o seu Sheikh". Outra pessoa, um Cristão expulso da zona de Homs, diz que os rebeldes que o expulsaram eram jihadis com boinas de esqui, barbas longas. «*I have seen them with my own eyes… Pakistanis, Libyans, Tunisians and also Lebanese. They call Osama bin Laden their sheikh*».

Episódio do autocarro, relatado por uma testemunha Sunni.

"Milícia pára autocarro, separa passageiros em Sunni e Alawi". Uma testemunha Sunni de Homs relata como viu um grupo de milicianos a parar um autocarro. «*The passengers were divided into two groups, according to religion. Sunnis to one side, Alawites to the other*»

"Alawis são depois decapitados" – execução jihadi. Depois, os 9 Alawitas foram decapitados, um ritual de homicídio típico com jihadis.

"Podia ter sido em Houla" – Hackensberger. Como Hackensberger faz notar, «*That could have happened in Hula*» ["Das Grauen von Hula und seine Zeugen". Alfred Hackensberger, Die Welt, 24.06.12]

Todenhöfer – Rebeldes aliados à Qaeda – Massacre marketing strategy (Jul-2012).

Jürgen Todenhöfer, correspondente de guerra veterano. Jürgen Todenhöfer, jornalista alemão, correspondente de guerra veterano.

Entrevista Assad para a ARD. Foi à Síria, onde entrevistou o líder Bashar al-Assad para a televisão pública alemã ARD.

Critica Assad.

"Responsável por repressão violenta dos primeiros protestos em Daraa".

"As suas forças de seguranças atacam bairros onde rebeldes se escudam com civis".

«*He bears the responsibility that his security forces have shot in the crowd and killed civilians during the first protests in Daraa (Deraa). He has to answer for, that his security forces attack neighborhoods, where the armed rebels have entrenched behind civilians, with heavy weapons. It also kills civilians*»

Mas o principal foco de ataque são os rebeldes.

"Crimes de guerra doentios, aliança com a al-Qaeda".

"As manifestações pacíficas acabaram há muito – a guerra civil é a realidade".

"Quem descreve esta guerra como 'um ditador a matar os seus' não percebeu nada".

"Rebeldes radicalizaram-se, aliaram-se à al-Qaeda".

"Matam civis e depois apresentam-nos como vítimas do governo".

"Esta estratégia de marketing de massacres é a coisa mais doentia que já vi".

Mas o principal foco do seu ataque foi contra os rebeldes, criticando os seus «*sickening war crimes*», bem como a sua aliança com a al-Qaeda: «*From the peaceful demonstrations of the first months of war, it has become a war between the government security forces against heavily armed rebels, and has been so for a long time… The peaceful protesters of yesterday were marginalized. Who describes this war with the slogan: 'A dictator killing his own people', has understood nothing… I criticize the radicalization of the rebel groups, because they target civilians and kill them, and then present them as victims of the government. This 'massacre marketing strategy' is part of the most disgusting thing I've ever experienced in military conflicts. I blame the radical factions of the rebels that they have now allied with al-Qaeda fighters*» ["Interview mit Syriens Präsident Assad Todenhöfer verurteilt "Massaker-Marketing-Strategie" der Rebellen". Focus, 09.07.2012 – Todenhöfer também publica um artigo no "Bild" sobre isto]

Artigos. Interview with Syrian President Assad: Todenhöfer condemns "massacre marketing strategy" of the rebels. "Interview mit Syriens Präsident Assad Todenhöfer verurteilt "Massaker-Marketing-Strategie" der Rebellen". Focus, 09.07.2012. Todenhöfer também publica um artigo no "Bild" sobre isto.

Daniel Etter – al-Qaeda em Aleppo – Atrocidades rebeldes (Jul-2012).

Daniel Etter, jornalista alemão de Frankfurt – vai às áreas rurais de Aleppo.

Lei do mais forte – detenções arbitrárias, tortura, execuções, conversões forçadas. Etter foi às áreas rurais a norte de Aleppo, sob comando rebelde. O que viu lá foi o reino da lei do mais forte. Detenção arbitrária e tortura de civis, execução de prisioneiros de guerra, soldados das forças armadas Sírias. Os prisioneiros são forçados a converter-se à versão chanfrada de Islão dos seus captores terroristas.

Etter dá volta de 180º – "Rebeldes trazem liberdade e justiça mais justa". Ainda assim, o jornalista dá a volta de 180º PC e alega que os rebeldes trouxeram liberdade sem precedentes, e os inícios de um sistema judicial mais justo.

Entrevista Abu Anas, comandante rebelde de Azaz.

No seu gabinete, uma bandeira da al-Qaeda.

Anas comenta que mandou executar uma série de prisioneiros de guerra. Etter foi ao gabinete de Abu Anas: «*Above the desk of Abu Anas, a rebel commander from the nearby town of Azaz, a black flag hangs with the Arabic inscription: "There is no god but God. Mohammed is his prophet. "It is the black banner, which Al Qaeda also uses. On his desk are the Qur'an and a sword. Abu Anas is one of three commanders of Azaz*». Depois, o líder rebelde diz a Etter que as suas forças capturaram tropas governamentais Sírias na batalha por Azaz. Quando Etter lhe perguntou o que tinha sido feito dos soldados, Anas respondeu que «*We could not take care of them. Most of them are dead*». Antes disso, explica Etter, «*when Abu Anas was not yet in the room, a smiling subordinate of his showed with gestures how they bound prisoners and shot them*» [Reportagem do jornalista Daniel Etter, para o Die Frankfurter Allgemeine Zeitung, 31.07.2012. "Assads blutendes Antlitz"]

Lehmann – Media gulag – Jornalistas mortos, cortes Nilesat, Arabsat (Set-2012).

Jornalistas alvos frequentes de assassinato por FSA e extremistas associados.

Isto coincide com tentativa de suprimir a visão síria do conflito.

Liga Árabe viola lei internacional e corta sinal sírio de Nilesat e Arabsat.

Exemplos episódicos.

Desde início de 2011, mais de 20 jornalistas assassinados, por vezes após tortura.

Numa ocasião, jornalista é assassinado para tentar culpar governo sírio.

Em vários casos, jornalistas al-Jazeera orquestram violência e culpam-na em Assad.

BBC re-utilizou fotos de vítimas iraquianas, exibindo-as como vítimas de Assad.

Doutrina NATO de controlo absoluto de imagem – Assassinatos inserem-se nisto.

«*Journalists are frequently targeted by the Free Syrian Army (FSA) and the variety of radical Islamist terrorist organizations which have been attracted to Syria since the onset of the attempted subversion in March 2011… Since early 2011 more than 20 journalists have been killed in Syria. In some incidents journalists have been captured, tortured and executed. In at least one incident a journalist has been shot dead by FSA troops in an attempt to scapegoat the Syrian military. Bombs exploded in buildings of Syrian Radio and TV… The targeting of journalists coincides with concerted efforts to deprive Syrian media from reporting on the crisis from a Syrian perspective. On the initiative of the Arab League, and in violation of international law, both Nilesat and Arabsat stopped carrying Syrian Radio and TV signals over their satellite services in June. Meanwhile, western and and western allied Arab news services continue misrepresenting facts about the crisis in Syria… In several well documented cases, Al Jazeera employees were directly involved in provoking or organizing the violence which*

was than broadcasted to defame the Syrian military and government. BBC re-used a photo with victims of the war on Iraq, claiming them to be victims of Syrian military forces… Western and western allied media coverage seems to underline the NATO doctrine that absolute image control is part of every modern warfare operation… it would not be exactly alarmist to state that Syrian journalists are being systematically targeted to secure absolute image control» ["Al-Qaeda - Press TV Journalist Killed By Sniper Was Investigating Turkey Sending Al-Qaeda Terrorists Into Syria". Christof Lehmann, NSNBC, September 27, 2012]

Lehmann – Naser assassinado – Turquia dá treino, armas, jihadis (Set-2012).

Maya Naser, da PressTV, morte por sniper em Damasco.

Naser estava perto de revelar crimes de guerra graves pelo governo Turco.

Potencial para derrubar Erdogan – crimes de guerra, violações de direitos humanos.

Naser estava a investigar o caso com o Workers' Party e um advogado internacional.

Naser confirma treino e supervisão, e envio de armas, consultores e jihadis al-Qaeda.

Confirma que Turquia apoia FSA e grupos terroristas e abre fronteira a combatentes.

Confirma uso do campo de refugiados de Apaydin para treino e supervisão.

Confirma envio de mísseis SAM-7 (da Líbia via Turquia).

Ainda – Envio turco de mercenários e jihadis al-Qaeda, ex-prisioneiros amnistiados.

«*Wednesday morning the renowned journalist Maya Naser was shot dead by a sniper while he was reporting from the scene of two bomb blasts in central Damascus… The timing of the assassination indicates that Maya Naser may have been targeted because he came dangerously close to revealing serious war crimes of the Turkish government… Maya was investigating a case which had the potential to lead to the impeachment of the Erdogan led government of Turkey and indictments for serious war crimes and human rights violations… Earlier this month the Workers´Party – Turkey filed criminal charges for the Turkish government's support of the Free Syrian Army and related terrorist groups. Only days before his assassination, Maya Naser entered into an ad hoc investigative alliance into the alleged war crimes and human rights violation of the Turkish government with leading members of the Workers´Party Turkey, international lawyer Christopher Black, and the author of this article. Maya Naser could not only confirm many of the Workers´Party´s allegations against the Turkish government, he could provide the evidence… Maya Naser confirmed that thousands of insurgents have been infiltrated into Syria via Turkey over the last few weeks… According to Maya Naser´s information, the bulk of these insurgents came from other Arab countries as well as Afghanistan. Turkish insurgents who had been captured or killed in Syria*

usually held supervisory and command positions and seemed better trained than the average insurgent… He also confirmed that some of the SAM-7 missiles which recently had been shipped from Libya, via Turkey had begun appearing in the hands of insurgents in Syria… The Workers´Party – Turkey accuses the Turkish government for using the Apaydin refugee camp in Hatay to house, train and supervise FSA insurgents… Maya Naser could not only corroborate these allegations. His detailed information about the identity of some of the killed and captured insurgents could potentially result in the impeachment of the Erdogan led Turkish government… he reiterated that there is… evidence that corroborates the suspicion that the government of Turkey is sending prisoners who have received a death sentence and those who serve life time sentences to Syria as an opportunity to be released from prison and as a chance to clear their record» ["Al-Qaeda - Press TV Journalist Killed By Sniper Was Investigating Turkey Sending Al-Qaeda Terrorists Into Syria". Christof Lehmann, NSNBC, September 27, 2012]

CFR – Futuro sírio, partição e jihad.

CFR1 – al-Qaeda revitaliza FSA – Partição parcial no futuro (Ago-2012).

[Ed Husain, Senior Fellow for Middle Eastern Studies, CFR].

Rebeldes sírios seriam infinitamente mais fracos sem al-Qaeda.

O FSA está cansado, dividido, caótico, ineficiente.

Jihadis trazem moral, disciplina, fervor religioso, experiência de combate do Iraque.

Trazem também financiamento do Golfo e resultados letais.

Na Síria, os jihadis al-Qaeda chamam-se Jabhat al-Nusrah li-Ahli al-Sham.

Está a absorver desertores do FSA, e pode tornar-se a força mais eficaz na Síria.

«*The Syrian rebels would be immeasurably weaker today without al-Qaeda in their ranks. By and large, Free Syrian Army (FSA) battalions are tired, divided, chaotic, and ineffective… Al-Qaeda fighters, however, may help improve morale. The influx of jihadis brings discipline, religious fervor, battle experience from Iraq, funding from Sunni sympathizers in the Gulf, and most importantly, deadly results. In short, the FSA needs al-Qaeda now. In Syria, al-Qaeda's foot soldiers call themselves Jabhat al-Nusrah li-Ahli al-Sham (Front for the Protection of the Levantine People)… al-Qaeda*

could become the most effective fighting force in Syria if defections from the FSA to the Jabhat persist and the ranks of foreign fighters (Guardian) continue to swell»

O objectivo al-Qaeda é criar um estado islâmico no país, ou em parte dele.

No mínimo, querem um porto seguro na fronteira sírio-iraquiana.

O governo pós-Assad estará em dívida para com a Jabhat.

Se essa dívida não for cumprida, o conflito prolongar-se-á indefinidamente.

«*Al-Qaeda is not sacrificing its "martyrs" in Syria merely to overthrow Assad. Liberation of the Syrian people is a bonus, but the main aim is to create an Islamist state in all or part of the country… Failing that, they hope to at least establish a strategic base for the organization's remnants across the border in Iraq, and create a regional headquarters where mujahideen can enjoy a safe haven. If al-Qaeda continues to play an increasingly important role in the rebellion, then a post-Assad government will be indebted to the tribes and regions allied to the Jabhat. Failing to honor the Jabhat's future requests, assuming Assad falls, could see a continuation of conflict in Syria*» ["Al-Qaeda's Specter in Syria". Ed Husain [Senior Fellow for Middle Eastern Studies], Council on Foreign Relations, August 6, 2012]

CFR2 – Jihadismo é irreversível na Síria, com ou sem Assad (Ago-2012).

[Ed Husain, Senior Fellow for Middle Eastern Studies, CFR].

FSA a beneficiar de determinação, disciplina, fervor, experiência de combate.

As franchises locais da al-Qaeda vão criar alianças com tribos sírias e líderes sunitas.

Assad cai, al-Qaeda ganha controlo factual de parte da Síria, como base estratégica.

No mínimo, terá protecção tribal nas fronteiras com Iraque e Jordânia.

Um novo governo sírio **precisará** de apoio al-Qaeda, para minimizar violência.

No futuro previsível, Assad continua a travar combates cidade a cidade.

Perde controlo sobre fronteiras com Jordânia, Iraque, Turquia e Líbano.

Jihadis continuam a entrar aos magotes.

Jihadismo é agora um facto **irreversível** na Síria, com ou sem Assad.

«*The Syrian opposition is benefiting hugely from the terrorist organization's determination, discipline, combat experience, religious fervor, and ability to strike the Assad regime where it hurts most… In the process, al-Qaeda's local franchises will win support and create alliances with Syria's tribes and Sunni religious leaders. In the*

event of Assad's falling, al-Qaeda will probably gain de facto control of parts of Syria to serve as a new strategic base for jihadis in the Middle East, or at least enjoy tribal protection in the broader regions with Iraq and Jordan. A new government in Syria not only will be indebted to these fighters, but also will be in need of their cooperation to minimize the potential of militias fighting each other… For the foreseeable future, the Assad government will continue to face violent uprisings in city after city. It will lose control over its borders with Jordan, Iraq, Turkey, and Lebanon, and foreign fighters will arrive in droves… Whether Assad stays or goes, jihadism now has a strong foothold in Syria. The Free Syrian Army may wish to dismiss its al-Qaeda allies as irrelevant in order to reassure the West and continue receiving Western support, but the jihadi websites and footage of al-Qaeda fighting in Damascus and Aleppo tell a different story… In Syria, with or without Assad, the only certain result will be the presence of al-Qaeda's offshoots… We are yet to grasp the consequences of this reality» ["Syria: Why al-Qaeda Is Winning", Ed Husain [senior fellow for Middle Eastern studies at the CFR], National Review Online, August 23, 2012]

Síria: UE promove Al Nusra, balcanização territorial

UE levanta embargo sobre petróleo Sírio, para ajudar "oposição".

UE importa petróleo "rebelde" de Deir ez-Zour e Hassakeh.

Cede tecnologia, equipamento e investimentos.

Negócio de $3.6B/ano. Antes da guerra, este era um negócio de $3.6B por ano (agora será mais, no pleno).

"Provide source of income, means to run local governments, consolidate control".

«*The European Union on Monday lifted its oil embargo on Syria to provide more economic support to the forces fighting to oust President Bashar Assad's regime. The decision will allow for crude exports from rebel-held territory, the import of oil and gas production technology, and investments in the Syrian oil industry, the EU said in a statement*» [Associated Press, "EU lifts Syria oil embargo to bolster rebels"]

«*Syria's main oilfields are in the eastern provinces of Deir al-Zour and Hassakeh, which both border Iraq*» [BBC "EU eases Syria oil embargo to help opposition]

«*Without an embargo, European companies can now legally begin importing barrels of oil directly from rebel groups, which have seized several oil fields in recent months, mostly around the eastern area of Deir Ezzor. That would provide the opposition with its first reliable source of income since the revolt erupted in Feb. 2011, and in theory hasten the downfall of Bashar Assad's regime, by giving rebels the means to run skeletal local governments and consolidate their control. As part of the decision, the E.U. ministers also agreed to export technical equipment, insure the rebels' shipments of oil and invest in the rebel oil businesses. Before the war, Syria earned about $3.6 billion a year exporting oil and gas to Europe…*» [TIME "Syria's Opposition Hopes to Win the War by Selling Oil"]

Decisão UE ajuda Al Nusra, avança balcanização do país – Imprensa.

TIME – Decisão EU incentiva competição armada por controlo local de petróleo. «*…analysts warn… the E.U.'s decision could intensify the violence in Syria, by setting up a deadly competition for control of a resource that has languished amid two years of grinding civil war… Complicating the issue is the fact that several of the rebel-held oil fields are believed to be under the control of Jabhat al-Nusra, which has declared its allegiance to al-Qaeda*» [TIME "Syria's Opposition Hopes to Win the War by Selling Oil"]

NY TIMES – Aleppo, campos de petróleo, inteiramente sob controlo Al Nusra.

Salafis são força dominante em toda a Síria rebelde, forças seculares irrelevantes.

Salafis controlam poços, voltam a metê-los a funcionar, lucram com vendas.

Partilhas de gestão entre Al Nusra e tribos parceiras, em Deir ez-Zour, Hassakeh.
«*…nowhere in rebel-controlled Syria is there a secular fighting force to speak of…* In Syria's largest city, Aleppo, rebels aligned with Al Qaeda [Al Nusra] control the power plant, run the bakeries and head a court that applies Islamic law. Elsewhere, they have seized government oil fields, put employees back to work and now profit from the crude they produce… In the oil-rich provinces of Deir al-Zour and Hasaka, Nusra fighters have seized government oil fields, putting some under the control of tribal militias and running others themselves» [New York Times, "Islamist Rebels Create Dilemma on Syria Policy"]

REUTERS – Confrontos entre Al Nusra e grupos tribais, por controlo de petróleo.
«*Islamist rebels are clashing with tribesmen in eastern Syria as struggles over the region's oil facilities break out in the power vacuum left by civil war… The fighting… [is] part of a new pattern of conflict between tribal groups and the Nusra Front… The incentive for disputes over lucrative resources may be increased by plans by the European Union to lift an embargo on Syrian oil, which would make it easier to sell*» [Reuters "Rebels battle with tribesmen over oil in Syria's east"]

Balcanização Síria, ensaio geral para africanização do "Arc of Crisis".

Política de saque de recursos, como na Líbia. Isto mimetiza os acordos sobre o petróleo líbio, feitos pela altura da invasão de Tripoli. É o padrão comum neste tipo de eventos.

Balcanização do país ao longo de linhas etno-tribais [a política CFR]. Aqui é necessário tomar em consideração que a política CFR para a Síria pós-guerra civil é a balcanização do país ao longo de linhas etno-tribais. Sob este modelo, a Síria do pós-guerra já não será um país, mas uma manta de retalhos, dividida entre emiratos Salafi, territórios tribais e, até, uma zona alawita costeira, que continuará a ser controlada por Assad, ou pelos seus sucessores. [Ler artigos de Ed Hussain, especialista regional CFR, "Al Qaeda's Specter in Syria"; "Syria: Why Al Qaeda is Winning"]

Al Nusra é a força rebelde ajudada pela UE, o que contribui para balcanização. A Al Nusra, os Salafis, são a força rebelde, a "oposição" que resta e que está a ser assistida pela UE. Não existe qualquer oposição secular organizada de relevo. Porém, a Nusra, tal como qualquer outra força Salafi, não é uma organização coesa, mas sim uma manta de retalhos de diferentes brigadas, grupos, cliques. É uma força que inclui mercenários do Golfo, brigadas locais, jihadis dispersos do Triângulo Sunita, grupos tribais, e até antigas forças seculares, agora assimiladas neste exército improvisado, unido sob a bandeira preta da *jihad*. Quando a Nusra está a assumir controlo sobre diferentes

regiões, o que isto significa é que as regiões estão a ser particionadas entre diferentes comandantes e diferentes forças paramilitares e tribais que, por sua vez, vão competir com outras pelo controlo e, até (é expectável) entre si. É o padrão inicial de feudalização territorial da Síria.

Balcanização, sectarismo, saque de recursos – ensaio para "africanização" da região. De um modo mais profundo e relevante, todo este processo visa ensaiar na Síria a política para todo o "Arc of Crisis", de Mauritânia a Paquistão: a "africanização" de territórios, a repetição do que foi feito com a África sub-sahariana. I.e., destruir estados-nação, balcanizá-los sob diferentes warlords, grupos paramilitares, facções étnico-tribais, promover desestabilização constante e sectarismo. Os recursos em si passam a ser explorados por consórcios multinacionais, em *strongholds* fortificados, guardados por mercenários e grupos locais a contrato. Este formato já foi parcialmente ensaiado na Jugoslávia, no Iraque e no Afeganistão mas, agora, é mais intenso e perpetrado sem o ónus de uma invasão militar directa. É o ensaio geral para o que vai acontecer a todo o mundo islâmico ao longo das próximas duas/três décadas, segundo a timeline de Richard Haass, CFR.

"Arc of Crisis" no epicentro da desconstrução mundial. O mundo muçulmano, da Mauritânia até às fronteiras ocidentais da China, está a passar pela estratégia definida pelos britânicos nos anos 70/80, a táctica do "Arc of Crisis", pela qual a região se transforma num epicentro de desestabilização e caos, com efeitos de spill-over para toda a restante Eurásia (da Europa à Rússia, à Índia e à China). Esse spill-over acontece enquanto essas regiões estão envolvidas nas suas próprias desconstruções neo-feudais, sendo algo que vai incentivar e alimentar esses processos.

Tarek Fatah sobre ascensão de Fascismo Islâmico e nihilismo ONGista.

Tarek Fatah – Islão cooptado por fascismo – IM representada na Casa Branca.

Tarek Fatah, muçulmano marxista.

Islão a ser manietado por uma força fascista, Irmandade Muçulmana (IM).

Existe distinção entre Islão (fé) e Islamismo (ideologia).

Ideologia diz que ocidente tem de ser destruído e é avançada por IM.

IM a ser incluída nas estruturas de poder de EUA, Canadá.

Organização é agora representada na Casa Branca de Obama, 3 consultores.

«*The religion of Islam is being used as a tool by a Fascist force… Please understand that there is a distinction between Islam as a faith… and "Islamism," which is an ideology, a political ideology, that says that Western Civilization has to be destroyed… The books that are distributed at Eaton Centre and the Dundas Square clearly state by the founders of the Muslim Brotherhood that all Western countries have to be destroyed… Instead of bringing victory over the Fascist forces of the Muslim Brotherhood, we now recognize that their infiltration is right up to the American White House, but we can't say that… Today in the White House there are three members of the Muslim Brotherhood that influence Obama's policy. One is Rashad Hussain of Indian origin who is the American Ambassador to the 52 nation organization of Islamic countries. Dialia Mogahed who writes his speech who comes from the Muslim Brotherhood in Egypt. Just day before yesterday, another woman, an academic, was appointed in that circle. This is happening while we sit silent and I say that as a Liberal Democrat, as someone who worked and campaigned for Barack Obama. We have evidence in Canada of this penetration that's going on*» [Tarek Fatah, Talk at Ideacity 2011]

Tarek Fatah – Nihilismo "multicultural" ameaça estado de direito universalista.

Críticas a Islamofascismo são rotuladas de racistas, xenofóbicas. «*Today we are fighting another idea of Islamo-fascism that has shut our mouths, and we can't speak because we're too scared that someone may turn around and call us a racist. And mind you, everyday as I speak, a few dozen Muslims would have been killed by now by these Jihadis… I want you to focus and I hope you can talk to your families and your friends and your neighbors that when someone says that there is a penetration of Jihadi Islamists within Canadian society, do not dismiss it as some right-wing xenophobic racist rant*»

Sacrificámo-nos para criar sociedade com direitos iguais de cidadania.

Agora isso é colocado em causa em nome de *tolerância*, *pluralismo* (rótulos).

Na prática, isso é "racismo de baixas expectativas" [e, também nihilismo].

Ex. de Aqsa Pervez, cujo assassinato é desculpabilizado, racionalizado.

Assassino protegido por feministas radicais, incensadas por nihilismo ONGista.

«*We have sacrificed a lot to create a society where men and women are equal, where black and white can be of equal status, where citizenship is not based on inherited race or religion. Let us not sacrifice that in the name of pluralism and tolerance, and tolerate bigotry and Islamofascism as if it was something that needs to be tolerated. I refer to that as "racism of lower expectations," when you say yes, the rest of us are equal human beings but those Muslims--well, maybe they are not yet fully developed as human beings, so we will put a lower threshold. If that guy beats up his wife and kills his daughter, we won't even call it honor killing. That happened in this city! When Aqsa Pervez died, there were women groups saying that's not honor killing. For crying out loud, 5000 Pakistani women die every year. If you claim you have done an honor killing, you get half a sentence than what you do with a murder. And yet, there are feminist organizations in this city that would refer to me as a right-wing lunatic or an agent of Zionism for having spoken up for the dead body of Aqsa Pervez*» [Tarek Fatah, Talk at Ideacity 2011]

The Wonderful Wizard of Oz

[Ver restantes notas sobre ***Engenharia Psicossocial*** , mas também sobre ***Gnosticismo*** e sobre os ***Ishmaili***, para mais sobre técnicas de despersonalização e remoralização – é sempre o mesmo sistema, com variantes. Os elementos conceptuais básicos do método aqui descrito podem ser extrapolados para todos os restantes sistemas de despersonalização, reformatação]

Desintegrar self e criar nova pessoa, utilizável para fins psicopolíticos.

Método de reengenharia humana, para despersonalização e remoralização.

Desintegrar self e preencher o espaço "vazio" com nova essência, artificial.

Método tradicionalmente usado para criar falanges totalitárias e restantes géneros de "escravos mentais".

O sistema Ishmaili. O método de reengenharia humana que é descrito neste texto é, desde há muito tempo, usado para criar quintas colunas totalitárias na sociedade, agrupamentos psicopolíticos especializados em controlo social e, eventualmente, em infiltração, sabotagem, terrorismo (se o objectivo for fazer a tomada de poder sobre a sociedade). Este método emprega toda uma série de conceitos muito importantes nesse contexto, como as ideias de sleeper e de butterfly effect. É um processo de despersonalização/reprogramação. Como os termos indicam, o propósito é o de obter a desintegração do self da pessoa e o preenchimento do espaço "vazio" com uma nova essência, um self artificial, imposto pelo elemento controlador humano. Dessa forma, é possível criar uma nova pessoa – igual por fora, inteiramente diferente por dentro – que pode ser usada para fins psicopolíticos.

Como veremos, este método transforma os seus alvos em prisioneiros mentais, instrumentos humanos ao dispor da entidade controladora. Estão ao nível dos métodos usados pelos príncipes Ishmaili para criar hordas de assassinos, colunistas e escravos sexuais (provavelmente são derivações directas; se é que não são feitos pelos mesmos exactos movimentos). Ontem como hoje, o método é empregue para criar toda uma variedade de formas de servos mentais, escravos mentais, não apenas no campo psicopolítico como, de modo muito demarcado, no campo sexual. Este campo é obviamente dominado por pervertidos.

Hoje, implosão controlada da civilização humana para neofeudalismo global.

Implica reengenharia de largos segmentos da população.

Engenharia memética, saturação mediática, cultura weaponized. Hoje, estamos em plena era de implosão controlada da civilização humana, para imposição de neofeudalismo global. Esse é um processo levado a cabo por agrupamentos totalitários na sociedade, os "soft" ground armies dos centros de poder da oligarquia europeia (alta finança et al). Mas é um processo que envolve a contaminação plena da sociedade humana com impulsos autoritários e destrutivos. Portanto, não é estranho que as corporate media networks de hoje gastem fortunas em assegurar que o público – em especial as novas gerações – seja continuamente submetido a formas de remoralização soft e gradual, derivadas do método aqui descrito (os elementos basilares, os memes, são os mesmos). Isto é feito por meio do emprego habilidoso de engenharia memética, pela mais total e completa saturação cultural/mediática. A actual cultura de massas está *inteiramente* weaponized. É uma arma de guerra psicossocial à mais larga escala; quase nada do que se vê na TV hoje é "seguro". Tudo é reengenharia humana.

Lose your brain – lose your heart – be coward – tag along in the brick road.

Método aplicado individualmente, bastante agressivo e hardcore.

Usa abertamente a metáfora do Feiticeiro de Oz, fábula psicopolítica muito cínica.

Turbilhão existencial – "you ain't in Kansas no more".

The land of Oz – a criança interna, desfigurada na brick road – credo colectivo.

Lose your brain – lose your heart – be a coward lion.

O método como aplicado individualmente é muito hardcore, e é isso que será explicado em seguida. Primeiro, um breve resumo. A metáfora do Feiticeiro de Oz é basilar. O Feiticeiro de Oz é uma fábula muito pervertida e incrivelmente cínica, que codifica os elementos-chave de todo o processo. A vida da pessoa é virada de pernas para o ar, num enorme turbilhão existencial (furacão). A pessoa vai parar a um literal inferno, onde o seu self vai ser desintegrado e substituído por uma nova essência, de escolha do controlador – o "Feiticeiro de Oz". Esse inferno é Oz, aqui deceptivamente representado como o céu, on top of the world, e uma terra muito dreamy, o que significa alienação, surrealismo e drogas psicotrópicas. Oz é um espaço de tortura, desindividuação, alteração (é a prisão). Em Oz, aquilo que é melhor no ser humano, a criança interna (Dorothy, a alma), vai ser destruída e desfigurada. Vai trilhar uma larga brick road, uma estrada percorrida e calcetada por muitas pessoas desindividuadas e formatadas; significando que vai ser preenchida com uma nova essência, um credo colectivo. Para isso é essencial que perca a total capacidade do seu intelecto, que é subordinado ao irracionalismo do novo credo (o espantalho não tem cérebro). Da mesma forma, tem de perder o coração, significando a consciência e a plenitude de sentimentos (homem de lata); um instrumento não tem cabeça própria nem sentimentos próprios, a não ser aqueles que são estritamente autorizados. Da mesma forma, tem de ser tornada feroz e

agressiva, dentro de certos parâmetros, e em prol da unidade colectiva, mas nunca a título individual, caso contrário poderia escapar-se (o leão que é cobarde).

O produto é um prisioneiro mental, um bom instrumento totalitário.

Irracionalismo colectivo – duplicidade sociopática – destrutividade ("butterfly effect").

O produto é o habitual perfil do quinta-colunista. O humano dependente que é reduzido a insecto social, o team player absoluto. É irracionalista, cego pela forma de fanatismo que é ditada pelo credo grupal que lhe é imposto. A sua consciência moral e os seus sentimentos são ditados pelo novo ethos. Age sempre em bando e não tem a coragem, o intelecto, ou a capacidade de consciência moral para optar por sair. É um prisioneiro, e um bom instrumento. E, um bom instrumento porque é um prisioneiro. O seu novo self é artificial e é artificioso; uma parte essencial desse novo self é a duplicidade. A pessoa processada é sempre um actor/actriz social. Por fora parece a mesma pessoa; por dentro, as regras mudaram, e existe caos, confusão e uma quota parte de sociopatia. Existe muita forma mas muito pouca substância; incoerência, inconsistência, falsidade, são a norma, e não a excepção. Este novo self é auto e hetero destrutivo; espalhar destrutividade e autoritarismo é the name of the game. Mas a destrutividade tende a ser subtil: o acto aparentemente agradável que visa magoar; o abraço acompanhado de uma facada nas costas. Nas mulheres, alvos muito tradicionais (e *extremamente* odiados) de tudo isto, este complexo de situações é caracterizado como o butterfly effect; o doce bater de asas que provoca um tornado hiper-destrutivo.

OZ.

Letras do alfabeto; codificar segmentos psicossocialmente adulterados da população.

E.g. alfas, betas, gen X (cross out), gen Y (why), gen O (zero). Em linguagem oligárquica, as letras do alfabeto costumam ser usadas para codificar condições antropológicas, que são depois aplicadas a segmentos do público em geral. Daí, A é a classe alfa de humanos (e.g. macho alfa); B são os ansiliares dos alfas. Houve a generation X (losers; ones you cross out with an X) e a generation Y (why; ajustados para ser inquiridores – inquisidores), e agora surge a generation O (zero), a geração mais psicossocialmente arruínada dos últimos 100 anos).

"OZ", o buraco negro humano (auto e hetero destruição) / um mundo Oz (extinção). Em OZ, temos O, e O significa zero, ou um buraco. Depois, existe Z, e Z significa "último", "final". Em OZ, o que temos é, de modo muito literal, algo entre "o zero humano definitivo" ou "o último humano", no seguinte sentido, é o humano arruínado que traz finalidade ao mundo através da sua própria nulidade. O "humano OZ" é uma força para destruição; matéria negativa humana. Alguém que age sobre o mundo como um buraco negro humano, que existe para absorver e desmantelar tudo aquilo de valor em volta, e a tudo reduzir ao grande nada negativo que caracteriza o seu próprio interior. Agora, OZ não é apenas o humano que age destrutivamente no mundo. É também o humano O que

faz o salto imediato, no espaço interior de si mesmo, para Z – *fim*. Isto significa que é o humano que se auto-destrói (suicídio mental e suicídio físico). Um mundo OZ é o sítio onde a espécie vai para muito literalmente, matar e ser morta; destruição terrena e extinção.

O tornado existencial e a queda do anjo.

Tornado existencial coloca vida normal (Kansas) em estado de sítio.

"You ain't in Kansas no more" – the land of Oz – sítio estranho e perturbador.

O turbilhão é um processo de assédio calculado e dirigido por especialistas.

"Queimar a pessoa" – choques, caos existencial, inversão de normais.

Obter a "queda do anjo" – desintegração do self, preenchimento com nova essência. "The Land of Oz" é o sítio onde as pessoas vão para ser transformadas neste tipo de criatura. O modo como se chega a Oz é através de um tornado, que coloca Kansas (vida normal) em estado de caos e de fluxo e, após muito pânico e confusão, chega-se a um sítio diferente, e this ain't Kansas no more, é um sítio muito estranho, perigoso e perturbador – OZ. A pessoa está sob assédio, sob bullying, ou mobbing; alguém está a dirigir este processo e, regra geral, vai ser uma organização com capacidades para o fazer (com equipas especializadas, geralmente dirigidas por psiquiatras). A vida da pessoa é virada de pernas para o ar, de muitas formas diferentes, num turbilhão existencial de choques e imprevistos. Tudo o que antes era tomado por assegurado é sabotado e/ou destruído. A pessoa está a ser "queimada": armadilhada para cair, num abismo de confusão, desespero, depressão. Medo, degradação e debilitação são cuidadosamente cultivados pelos agressores. Todas as medidas de normalidade são invertidas. Valores, crenças, preferências; tudo aquilo em que a pessoa acredita, valoriza, e toma por valioso, ou garantido, estão sob ataque intenso. Isto pode ser feito de muitas formas; pressão de pares, figuras de autoridade, entre muitas outras. O familiar é tornado estranho e o estranho é tornado familiar. A pessoa está a ser colocada num estado de fluxo de consciência, onde nada é normal e tudo é imprevisível. A percepção imediata que lhe estão a tentar passar é a de que não tem controlo sobre nada. Existe sempre intimidação; ameaças constantes sobre a vida e o bem-estar da pessoa. Ultimamente, é esperado que o sentido de self da pessoa seja tornado tão confuso e desarranjado como a sua realidade imediata (num processo de "osmose de caos") e que a pessoa entre num estado de regressão, no qual esteja mais sugestionável a "mudança", num sentido ou noutro (ao longo de todo o processo, a pessoa é bombardeada com sugestões de mudança, neste ou naquele sentido). Aí, pode ser preenchida com uma nova essência, ao longo das linhas que são desejadas pelo controlador. Cair da estabilidade. Queda. A queda do anjo que, eventualmente, se torna no anjo caído; conceito muito importante aqui, o de queda.

Take your happy pills while we rape you, in Oz.

O dreamy place Oz significa surrealismo, imprevisibilidade, drogas psicotrópicas. A fábula é bastante cínica. Aí, Oz é um dreamy place, definido por surrealismo, imprevisibilidade, o estranho tornado normal. E, dreamy places também significam drogas.

Estourar pessoa para crise nervosa, internamento psiquiátrico (o ninho da serpente).

Drogas, abusos, psicadelismo psiquiátrico aberto. No formato mais convencional deste processo, a pessoa é simplesmente estourada (para cair) numa crise nervosa e ser internada psiquiatricamente (eventualmente colocada sob a supervisão do psiquiatra que serviu de consultor para o resto do processo de agressão, despersonalização). E, aí, está no ninho da serpente. Vai ser definitivamente devastada e “reprogramada” por meio de drogas, abuso e psicadelismo psiquiátrico directo. O público não faz a mais pequena ideia dos centros de mal puro que são albergados no seio da sociedade civil.

Oz, a prisão onde Dorothy é poluída e desfigurada.

Oz está no “céu”, mas é o inferno, que se substitui ao céu.

Após o turbilhão, existe um novo patamar de estabilidade, a reprogramação em Oz. Durante a reprogramação, a pessoa assenta definitivamente em Oz; o seu self foi desmantelado e o novo patamar de estabilidade é a reprogramação. Como a fábula é cínica, Oz está no céu. Na verdade, Oz é o inferno, mas aqui o inferno substitui-se ao céu.

Dorothy, a criança interna, a ser poluída e desfigurada. Dorothy é a criança interna, o lado mais puro e genuíno da pessoa; a sua própria alma. Em Oz, Dorothy vai ser desconstruída, desfacelada, poluída.

O homem de lata não tem coração (consciência, sentimentos). Vai encontrar o homem de lata, que não tem coração, sentimentos humanos; é frio. A consciência moral e os sentimentos de Dorothy vão ser desfigurados. Dorothy vai deixar de ser capaz de sentir como um ser humano íntegro e genuíno; vai passar a funcionar por prompts aprendidas por condicionamento operante. Em muitas instâncias, se não em toda a personalidade, frieza e desumanidade vão instalar-se onde antes havia amor e humanidade.

O leão cobarde (agressão exercida by stealth, em grupo). O leão é um leão mas é cobarde. Isto significa poder e agressividade, exercidos de formas cobardes e dissimuladas. Dorothy vai tornar-se auto-intitulada e agressiva, mas vai ser cobarde e agir de formas subreptícias e dissimuladas. Tendencialmente, vai praticar agressão no seio de um grupo. Nunca terá de se expor a si mesma; será protegida pelo grupo. Este não é um grupo de “leões”, será antes uma colectividade de pussy hyenas.

O homem de palha não tem cérebro (irracionalismo). O homem de palha não tem cérebro, isto é, não tem racionalidade e é incapaz de pensar por si mesmo. Isto significa que a nova Dorothy, desfigurada, será condicionada, enovelada (condicionamento operante), para fazer shutdown às suas capacidades críticas em instâncias específicas. Está-se a criar um instrumento, não um pensador.

A brick road, estrada larga colectivamente trilhada (essência de grupo, credo colectivo). O caminho de despersonalização e de reprogramação é feito pela caminhada por uma estrada larga de tijolos bem agregados entre si (bricks). Nesta linguagem, "bricks" são pessoas. A estrada de bricks é o colectivo de pessoas que estão unidas entre si num mínimo denominador comum de grupo, um qualquer consenso psicopolítico que é promovido pelos controladores. A nova essência com a qual a pessoa vai ser preenchida é uma essência colectivamente partilhada, uma essência de grupo. Este não é apenas um processo de despersonalização é também um processo de reprogramação para *recrutamento* num agrupamento psicopolítico. A estrada é uma estrada larga, e é a estrada de tijolos que, sendo bem agregados entre si, levam à morte, como está escrito nas Escrituras. Acredite-se ou não em Deus, todos estes processos são ***sempre*** feitos em anátema directo e deliberado para com as Escrituras. Deus existe, as pessoas que organizam este tipo de procedimentos sabem que Ele existe, tal como sabem que Ele reduzirá todas estas coisas ao fogo; e isso incentiva estas pessoas, profundamente perturbadas, a uma fuga para frente, no agravar dos comportamentos.

"The man behind the curtain".

"The man behind the curtain" (hoje isto são one way mirrors, CCTV, etc.)

Feiticeiro, charlatão assumido – técnica científica como magia, encanto, divindade.

O "deus" que tenta ser amado e temido por show offs com ilusão e chicanaria.

O poder da palavra, "cast a spell" (psicolinguística, a Serpente de língua bifurcada). Todo o processo é coordenado pelo Mago, o Feiticeiro, que é assumidamente um charlatão. Usa técnica científica, que tenta fazer passar por magia, encanto, para fazer os seus maus trabalhos. O Feiticeiro está por detrás da cortina, e isto hoje significa o terminal de CCTV, o espelho unidireccional e todas as restantes armas psicóticas da surveillance and human reengineering society. Tenta encantar as suas vítimas, fazendo-as acreditar que é "deus" e que deve ser tão amado como temido; mas é tudo ilusão e chicanaria. A sua técnica essencial é o poder da palavra, evocado "by casting a spell". "Spell" significa muito literalmente a soletração de palavras. "Casting a spell" não tem nada a ver com feitiços de fábula, mas antes com o emprego habilidoso da palavra, pelo uso de técnicas psicolinguísticas – a técnica da Serpente no Éden, que usa PNL com Eva. "I cast a spell on you" quando te encanto pelo uso medido das palavras, quando te envolvo na minha teia de uso e manipulação com a língua bifurcada, com a boca mentirosa. Só isso.

Feiticeiro admite ser homenzinho patético a gerir esquema em pirâmide de disseminação de mal. Quando o Feiticeiro é exposto pelo que é, assume abertamente que é um pequeno e desprezível homenzinho, alguém que sente prazer com a sua própria condição de escumalha e pretende induzir mais pessoas no seu esquema em pirâmide de degeneração humana. É nisso que todo o processo consiste; a indução de pessoas num esquema em pirâmide de disseminação de mal. «*Mas vós desviaste-vos do caminho; fizestes tropeçar um grande número de pessoas com o vosso ensinamento*»

Citação. «*"Hush, my dear," he said. «Don't speak so loud, or you will be overheard – and I should be ruined. I'm supposed to be a Great Wizard." "And aren't you?", she asked. "Not a bit of it, my dear; I'm just a common man." "You're more than that", said the Scarecrow, in a grieved tone; "you're a humbug." "Exactly so!" declared the little man, rubbing his hands together as if it pleased him. "I am a humbug."*» "The Wonderful Wizard of Oz"

The sleeper / the butterfly effect.

Reprogramação seguida de "muita calma", em geral sob doses pesadas de psicotrópicos.

"Sono profundo" – sleeper. Após a conclusão eficaz da reprogramação, a pessoa vai levar a vida com muita calma, geralmente sob uma rotina pesada de psicotrópicos. Está naquilo a que se chama de "sono profundo". É uma sleeper.

O estado de larva, o sleeper bug / fora, é a mesma pessoa / dentro, regras mudaram. Uma larva é algo como um sleeper bug, uma criatura lentificada e auto-enclausurada. A larva representa a pessoa no pós-despersonalização. A sua realidade foi destruída, o seu self também, e é agora substituído por um ser inteiramente diferente; por enquanto sob uma forma de letargia interna, para encaixe da programação. Por fora é a mesma pessoa. Mas no interior, as regras do jogo mudaram.

Prompting desperta a borboleta – surge da larva – dança de Shiva.

Bater gentil de asas causa ondas de choque incrivelmente destrutivas – butterfly effect.

Beleza destrutiva (forma sem substância). Em breve, a pessoa é prompted a sair do casulo e a abrir as asas ao mundo. Agora é a borboleta. A borboleta é a criatura que surge da larva e que espalha o caos pelo mundo em redor – "the butterfly effect". Faz a dança de Shiva; o seu bater de asas é aparentemente gentil, mas as ondas de choque que provoca são inacreditavelmente destrutivas. Tem bom aspecto (melhor que na forma anterior), mas não constrói, nem edifica – i.e. forma sem substância. Usa a sua beleza e os seus atributos para *destruir*.

"Efeito borboleta" aplicado a mulheres (para homens, o mesmo género de tema).

Feiticeiro é sempre um homenzinho com ódio e desprezo absoluto por mulheres.

Mas também, influência social / mulheres são naturalmente persuasivas e influentes.

(É por isso que Serpente se dirige a Eva, não a Adão).

Instrumentalização: destruir, diluir num colectivo (real ou imaginário), usar. É claro que o efeito borboleta é aplicado essencialmente em mulheres (existem outros efeitos para homens, mas sempre à volta do mesmo tipo de tema), que são os alvos primordiais deste tipo de procedimento. O Feiticeiro de Oz é sempre um homem e, os homens que organizam este género de actividades têm o mais absoluto ódio e desprezo por mulheres. Sendo bons charlatães totalitários, estão também perfeitamente conscientes da incrível influência social que é detida pelas mulheres. É a Eva, e não a Adão, que a Serpente se dirige, para obter mudança social no paraíso, e tudo isto é bem capturado no velho ditado, "primeiro conquistam-se as mulheres, depois elas tratam das crianças e dos homens" (e é Eva que a Serpente mais odeia, porque teme continuamente que Eva lhe pise e esmague a cabeça; i.e. ao contrário dos mitos culturológicos, as mulheres são vitais para destruir o diabo). Quando se quer efectuar alguma forma de mudança, num qualquer espaço social, há que obter o apoio de uma massa crítica de mulheres; esse é um facto bem conhecido. Sendo totalitários, estes homens não visam apoio consciente e racional; visam pura e simples instrumentalização e manipulação. Isso significa bestialização; destruir o intelecto, o coração, a coragem. Destruir a alma e diluir a identidade numa realidade colectiva (concreta ou puramente mental) que seja impessoal e irracionalista. Depois, usar.

Tornar a pessoa atada com nós e enovelamentos – Razão.

Em todo o processo, a pessoa é enovelada, presa em nós internos. Torna-se *atada*.

"A morte do self é a vitalidade do ser", etc. O maior de todos os nós é aquele que justifica todos os restantes, ao dizer que o estado de condicionamento total é um estado de liberdade total; algo bastante promovido pela introdução de filosofia hindu em todo este processo ("a morte do self é a vitalidade do ser" e outro tipo de nonsense deste género).

Nós emocionais. Do lado emocional, a imposição de nós significa que a pessoa é presa e condicionada por nós emocionais, prisões internas, caixas internas para os sentimentos e para as emoções.

Nós impostos à Razão, para a manter atada e presa.

O ataque ao verdadeiro, ao bom e ao belo / substituição por falso, mau e feio.

A duplicidade inconsciente (diabo como Deus) vs consciente (Deus como diabo).

Fazer mal (bem) para alcançar a utopia (paraíso) e encontrar salvação (destruição).

Mas os principais nós são aqueles que são impostos à Razão, para a manter atada e impedir o seu desenvolvimento. A Razão é desenvolvida pela procura e apreciação daquilo que é verdadeiro. Existe *verdade epistemológica e empírica*; o lógico-abstracto e o factual. Existe *verdade moral*: aquilo que faz de alguém uma pessoa *verdadeira*, por oposição a uma pessoa *falsa*; e aquilo que distingue o *bom* (e.g. ser honesto) do *mau* (e.g. ser mentiroso). Existe verdade estética; o belo é o verdadeiro e o belo é o bom. A mente Racional desenvolve-se pela procura, conhecimento e apreciação do verdadeiro; como *sempre* foi conhecido.

Os nós que são impostos visam neutralizar a limpidez cristalina de tudo isto. Portanto, começam por atacar a ideia de verdade epistemológica e factual, pela imposição de pensamento oximórico, auto-contraditório; e.g. "a única verdade é que não existe verdade". Se não existe algo como um valor de verdade, então não se pode dizer que existe verdade moral. Uma pessoa não pode ser *verdadeira* ou *falsa*. Não existe *bem* ou *mal*. Tudo é relativo, aceitável, **situacional**. Nihilismo epistemológico e moral. É claro que o mesmo se vai depois aplicar a verdade estética. A pessoa processada vai sê-lo para considerar que o "belo" é o falso e o mau. Porém, isto é algo que só opera ao nível do consciente. Aos níveis subconsciente e inconsciente, continua a haver o conhecimento elementar do bom, do verdadeiro e do belo. É por isso que existe sempre um paraíso artificial imaginário ("Oz", "utopia"), com um novo deus (o "feiticeiro", o "príncipe", o "mestre") que, ao nível puramente imagético e memético, reúne os atributos do bom, do belo e do verdadeiro. O efeito obtido é algo como a pessoa processada acredir em Deus, ao nível inconsciente, mas trabalhar voluntariamente para o diabo, ao nível consciente. A pirâmide interna consciente de mal e de falsidade é construída sobre uma raíz de divindade "verdadeira e benevolente". O diabo torna-se Deus, a utopia prometida torna-se o Paraíso, fazer mal para alcançar a utopia torna-se fazer bem. A utopia é salvação, mas a utopia não existe; é um sistema memético para manter o seguidor sob controlo, a perseguir a própria cauda. Tudo o que existe é a auto e hetero destruição que é trazida através do reino de falsidade e mal. [*Aliás, se o Feiticeiro fosse honesto, falaria de "eutopia" (lugar bom), mas como não é, promete "utopia" (lugar vazio, nada, vácuo); é um dos muitos modos de fazer troça dos tolos voluntários*].

E tudo isto é imposto pela imposição de nós paralógicos que sabotam e delimitam o funcionamento consciente em caixas fechadas e prescritas.

Fetiches – "dança", "utopia", "nós", "maravilhoso", "mudança", etc.

Fetiches mentais e discursivos reincidentes.

Tudo é groovy, trippy, dreamy, "um sonho" – "sonhar" – fantasioso substitui real.

A "família", o colectivo – linguagem colectiva – "eu" substituído por "nós". Existem alguns slogans típicos, fetiches mentais reincidentes no discurso, que são associados a

esta forma de reprogramação mental. A incidência no tema da borboleta (mais à frente) é um bom exemplo. "Maravilhoso" é algo que caracteriza todo o processo; tudo aqui é "maravilhoso". Este é um fetiche discursivo habitual. Anda a par e passo com "groovy", "dreamy", "trippy", "um sonho", "uma trip". "Sonhar", estar apaixonado por fantasia, trocar o real pelo dreamy place que foi prompted [os 60s foram muito importantes na disseminação deste tipo de lavagem cerebral, com as comunas dirigidas por psiquiatras, sociólogos, psicólogos (gente de Palo Alto e afins)]. A "Family" de Charles Manson é apenas uma pequena demonstração de tudo isto. Existe sempre uma "família" alargada, adoptiva, que surge disto, uma forma de clã colectivo, real ou imaginário. Quem está na "família", diz "nós". Já não existe "eu", agora existe uma parcela de "nós". "~~Eu vou~~ *Nós* vamos fazer isto ou aquilo" (é bastante perturbador ouvir este tipo de despersonalização).

Relativismo moral nihilista para atingir "coisas maravilhosas".

"Utopia" (o nada, o vazio) vs. eutopia (sítio bom); a troça com os tolos voluntários.

"Deixar tudo isso para trás" – "mudança", "mudar" – "brincadeira".

"Dança", a dança de Shiva pela borboleta.

"Pretty colors", "shiny white lights", "shades of gray".

Obsessão com forma em preterimento de substância.

Novo self é dúplice, segmentado, fragmentado, sociopático. "Deixar todas essas coisas para trás", "deitar tudo para trás das costas"; e este *tudo* é o antigo self e tudo o que o caracterizava e distinguia do "novo" self que é enfiado pela garganta da pessoa abaixo (valores, crenças, etc.) Portanto, "mudança" é bom per se; "mudar" é intrinsecamente positivo («*mas, mudar porquê, para onde e para quê?*» Mental shut down). "Mudar" para o mundo maravilhoso prometido pelo Feiticeiro implica fazer mal, prejudicar, e isso também é maravilhoso. Algo que se faz a brincar, algo que é uma "brincadeira". Merry pranksters. The Joker. Relativismo moral nihilista em prol de utopia é muito importante em tudo isto. "Utopia" também, claro. Agora, "utopia" é pura e simples banha da cobra (ou, da Serpente). Aliás, "utopia" significa "lugar com nada" – "vazio". Se o Feiticeiro fosse honesto, diria "eutopia" ("lugar bom"); "utopia" significa que se está a fazer troça da vítima, do instrumento.

"Dança". "Dançar" é "maravilhoso", traz coisas "maravilhosas". Onde tudo é "maravilhoso", existem muitas "cores bonitas" ("pretty colors" e "shiny white light", caracterizando espaços de alienação mental sob shut down racional), mas também muitas "shades of gray" (relativismo moral, o nihilismo situacional usado pela borboleta que dança para trazer destruição e pensa que está a fazer algo de "maravilhoso"). Esta "dança" não é dança real, ou bonita; é a dança de Shiva, a dança do deus que traz destruição criativa, i.e. destrói tudo no mundo em redor com os movimentos de anca, na fuga do caminho recto, em saltos caóticos "para a direita e para a esquerda". Existe sempre uma obsessão com a forma por preterimento da substância. A própria pessoa é

tornada toda forma, substância zero. É agora uma espécie de actor/actriz social, bastante literal. Por fora, o cidadão modelo. Por dentro, uma espécie de confusão caótica de elementos, uma forma de inferno mental, por vezes partido e segmentado em múltiplas personalidades. O lado mais preocupante em tudo isto, o perfil sociopático, dominado por nihilismo moral e intelectual e pelo seu correlato imediato, auto e hetero-destrutividade.

A escuridão é a ausência de luz.

Entra-se em Oz por um labirinto caótico e enovelado – segue-se para morte.

Sai-se pela escolha do verdadeiro, do bom e do belo (quebrar programação).

A saída é a entrada no real, por Yeshua, o Cordeiro de Deus. Este é um dos muitos caminhos que levam à morte. Entre vida e morte, escolhe-se vida. A saída para tudo isto é simples, e bastante óbvia. É preciso reconhecer que se vive numa fantasia, imposta por charlatães. É preciso cortar com a fantasia; cortar entre aquilo que é verdadeiro e aquilo que é falso e optar pelo verdadeiro, em todos os domínios da vida. Só a partir daí é possível reconstruir o self e, com o self, o intelecto, a consciência, a coragem. O caminho que se fez em Oz foi labiríntico e confuso, para enovelar a pessoa e a mente em voltas ininterruptas de engano e de falsidade. Para sair, não se tenta reproduzir esse caminho. Pelo contrário, corta-se a direito, e isso é feito pela proverbial escolha do verdadeiro, do bom, e do belo – o caminho recto. A saída só pode realmente ser feita por meio de Yeshua, o Cordeiro de Deus, que *já* deu o próprio sangue para possibilitar essa saída, para todos. É Yeshua quem dissolve todos os nós e é Yeshua quem regenera a criança que foi desfigurada, a alma. A criança genuína conhece-O bem.

<u>THOMAS – “…all mass media are used for PSYOP, data mining… use the Internet”</u>. Um outro artigo na mesma publicação, em 1997, congratula-se do facto de a mente não ter firewall; e de isso poder e dever ser usado. O artigo diz-nos que todos os mass media são usados para operações psicológicas e que, hoje, isso tem de incluir a Internet.

«*…one recent Russian article described offensive information warfare as designed to "use the Internet channels for the purpose of organizing PSYOP as well as for `early political warning' of threats…”* The author's assertion was based on the fact that "all mass media are used for PSYOP… [and] today this must include the Internet.*"»

Timothy L. Thomas, “The Mind Has No Firewall”, PARAMETERS, US Army War College, (Spring 1998).

* Aqui estamos a falar da recolha e análise de dados por toda a Internet, para sentir o pulso da opinião pública.

Tortura e pedofilia [notas adicionais]

Tortura – Alguns episódios, com destaque para humilhações sexuais, violações.

Espancamento e ameaças. «*...the Iraqi detainee claims that three US interrogators in civilian clothing dislocated his arms, stuck an unloaded gun in his mouth and pulled the trigger, choked him with a rope until he lost consciousness, and beat him with a baseball bat. "After they tied me up in the chair, then they dislocate my both arms. He asked to admit before I kill you then he beat again and again," the prisoner says in his statement. "He asked me: Are you going to report me? You have no evidence. Then he hit me very hard on my nose, and then he stepped on my nose until he broken and I started bleeding."The detainee withdrew his charges on November 23 2003. He says he was told: "You will stay in the prison for a long time, and you will never get out until you are 50 years old."*» [U.S. Forces Sodomized Prisoners at Bagram with Sticks, DailyKos]

Agressão, violação com um objecto. «*Hussain Adbulkadr Youssouf Mustafa, a Palestinian living in Jordan, told the lawyer, Clive Stafford-Smith, that he was sodomised by US soldiers during his detention at Bagram air force base in 2002. He claims to have been blindfolded, tightly handcuffed, gagged and had his ears plugged, forced to bend down over a table by two soldiers, with a third soldier pressing his face down on the table, and to have had his trousers pulled down. "They forcibly rammed a stick up my rectum," he reports. "It was excruciatingly painful ... Only when the pain became overwhelming did I think I would ever scream. But I could not stop screaming when this happened."*» [U.S. Forces Sodomized Prisoners at Bagram with Sticks, DailyKos]

Prisioneiros sodomizados com paus. «*Moazzam Begg, 37, a British citizen who was arrested by U.S. forces at his home in Islamabad, Pakistan, in January 2002… he was held in Kandahar and Bagram, Afghanistan, as well as Guantanamo, before his release last January. Begg, who was never charged with a crime, said he was subjected to and witnessed "things that we would believe are out of a Nazi manual," including prisoners being sodomized with sticks*» [U.S. Forces Sodomized Prisoners at Bagram with Sticks, DailyKos]

Violação com um objecto – Observações sobre Bagram, Kandahar, "Salt Pit" (Kabul). «*CLIVE STAFFORD SMITH: Yeah, you know, Hussein Mustafa, I met with him in Jordan, and he was an incredibly credible person. He is a dignified older gentleman, about now 50 years old, and he wanted to talk about what had happened to him, but he really didn't want to talk about that sexual stuff, and in the end, you know, I said to him, "Look, you don't have to, but it's very important if things happened, that the story get out, so they don't happen to other people," and in the end he did, and it was in front of*

half a dozen people who were just transfixed as he described how four soldiers took him, one on each shoulder, one bent down his head and then the fourth of them took this broomstick and shoved it up his rectum… but I am afraid, I've got to tell you, that that's far from the worst that's happened. When you talk about Bagram, when you talk about Kandahar, those aren't the worst places the U.S. has run in Afghanistan. The dark prison, sometimes called "Salt Pit," in Kabul itself, which is separate from Bagram, has been far worse than that, and I can tell you stories from there that just make your skin crawl» [U.S. Forces Sodomized Prisoners at Bagram with Sticks, DailyKos]

<u>Violação, punições no Ramadão, humilhações sexuais</u>. «*…detainee Kasim Mehaddi Hilas… whom American personnel had been beaten, stripped, photographed and threatened with sexual assault, also witnessed a teenaged boy being raped in October 2003 at Abu Ghraib by someone the [Washington] Post identified as "an Army translator"… According to Rolling Stone, Abu Hamid is the name of the translator who raped the teenaged boy. "I saw Abu Hamid, who was wearing the military uniform, putting his dick in the little kid's ass," reads Rolling Stone's July 28 story… The Sunday Herald… report[ed] the statement of detainee Thaar Salman Dawod… who recounted his own abuse at Abu Ghraib and said he witnessed "a lot of people getting naked for a few days getting punished in the first days of Ramadan." According to Dawod's statement… two boys were brought in to the cellblock, naked and "cuffed together face to face, and Graner [Specialist Charles A. Graner Jr, of the 372nd Military Police Company] was beating them and a group of guards were watching and taking pictures from top and bottom and there was three female soldiers laughing at the prisoners. The prisoners, two of them, were young. I don't know their names."*» [Lisa Ashkenaz Croke, "U.S. Government, Media Silent on Torture of Detained Iraqi Kids", The NewStandard, Aug. 10, 2004]

Seymour Hersh (2004) – A indústria da tortura, violações sexuais.

<u>Seymour Hersh, um dos gigantes</u>. Seymour Hersh, um dos jornalistas da velha guarda, ganha nome com investigação de campo, desde a guerra do Vietname até aos corredores de Washington, Casa Branca, Pentágono.

<u>"Invasão do Iraque iria ser acolhida por flores – o que acontece são crimes de guerra"</u>.

<u>Tortura como indústria, incentivo a falsas denúncias</u>. O que acontece no sistema prisional da Coligação, como Abu Ghraib, é que se pega em 90% de não-insurgentes (i.e. detidos comuns), que são submetidos a tortura, forçados a denunciar "insurgentes", "terroristas". Sob tortura, a pessoa, dá a lista de contactos toda, essas pessoas são presas, submetidas ao mesmo e o círculo de "terroristas" e "insurgentes" é expandido.

<u>Fotos e vídeos, **violações de mulheres e jovens** – governo apavorado com publicação</u>. «*They're going to go invade Iraq and you know the story, they were going to be greeted with flowers and all that stuff, we all know that story… What we had was a series of*

massive crimes, criminal activity by the President and the Vice President, by this administration anyway… The only way to look at this is as war crimes… What they did at Abu Ghraib and other places was, the people they would get, they would torture… And the purpose of it, of course, is to generate information. So what do you get? You get people that know nothing. The ICRC, the international Red Cross, estimated in the prison population at Abu Ghraib at the time of the worst abuses, they estimated that upwards of 90% had no bearing at all on anthing anti-American, or any activity that had anything to do with the insurgency. This wonderful general, Antonio Taguba, the report that I got, this guy Taguba's report estimated that 60% had nothing to do [with it]. So you take these people, you expose them to the ridicule and physical torture that you can, and they end up telling you. Yes, they'll give you the names of people in their neighborhood that are al Qaeda, or terrorists, insurgency, and they give you names. And of course they're just names, they're just doing it, and then you arrest those people, and bring them in, and you start the process. And the circle gets bigger, and bigger, and bigger. Some of the worst things that happened that you don't know about. OK? Videos. There are women there… The women were passing messages out saying please come and kill me because of what's happened. And basically what happened is that those women who were arrested with young boys, children, in cases that have been [video] recorded, the boys were sodomized, with the cameras rolling, and the worst above all of them is the soundtrack of the boys shrieking. That your government has, and they're in total terror it's going to come out. It's impossible to say to yourself, how did we get there, who are we, who are these people that sent us there… we're dealing with an enormous, massive amount of criminal wrong-doing that was covered up at the highest command out there and higher»

"Israelita: se fizéssemos o mesmo aos Árabes, nunca conseguiríamos viver com eles".

"Árabes moderados ganharam desprezo pelos EUA, vêem-nos como degenerados".

"The sexual stuff we did to them is seen as just perversion".

[Depois, a polícia política iraquiana aprende a mesma técnica de agir "sem tabus"].

«*I'll tell you what an Israeli told me… he said, you know, we hate the Arabs. This is a guy who spent his career in the intelligence service and, you know, his hands are bloody. He said, we hate the Arabs, and the Arabs hate us, and before 1948, we've been killing Arabs, and they've been killing us. But I have to tell you something, he said. We know somewhere down the line, we're going to have to live with these people, much as we can't stand them, they're going to have to be our neighbors. And if we had done in our prisons to the Arabs what you have done to the Arabs in your prisons, we couldn't live that way… Arabs now, moderate Arabs… the vastly overwhelming percentage of moderate Arabs deplored what happened to this country on 9/11, as much as anybody here — but those Arabs we've lost. They see us as a sexually perverse society. The sexual stuff we did to them is seen as just perversion. And I think we're going to have consequences for a long time to come… I wouldn't walk around Baghdad*» [Seymour

Hersh, July 8, 2004, Keynote Speech at the American Civil Liberties Union (ACLU), 2004 Membership Conference.]

Obama censura fotos com violações de mulheres e adolescentes.

2000 fotos – Prisões em Iraque e Afeganistão.

Barkey promete à ACLU divulgar fotos – trai promessa, como habitual.

«*Photographs of alleged prisoner abuse which Barack Obama is attempting to censor include images of apparent rape and sexual abuse, it has emerged… At least one picture shows an American soldier apparently raping a female prisoner while another is said to show a male translator raping a male detainee. Further photographs are said to depict sexual assaults on prisoners with objects including a truncheon, wire and a phosphorescent tube. Another apparently shows a female prisoner having her clothing forcibly removed to expose her breasts… The graphic nature of some of the images may explain the US President's attempts to block the release of an estimated 2,000 photographs from prisons in Iraq and Afghanistan despite an earlier promise to allow them to be published… In April, Mr Obama's administration said the photographs would be released and it would be "pointless to appeal" against a court judgment in favour of the American Civil Liberties Union (ACLU). But after lobbying from senior military figures, Mr Obama changed his mind saying they could put the safety of troops at risk*» [Duncan Gardham and Paul Cruickshank, "Abu Ghraib abuse photos 'show rape'", Daily Telegraph, May 27, 2009]

Polícia política Iraquiana aprende técnicas de violação, humilhação sexual.

Human Rights Watch sobre tortura em prisão secreta Iraquiana. Os novos Baathistas aprenderam com as workshops de Abu Ghraib e outros trend-setters, são internacionais, livres de quaisquer tabus, de qualquer forma de pensamento rígido e fixista, portanto adoptam o benchmark metodológico (algo fixista) da violação com objectos; e da humilhação sexual desimpedida sobre Muçulmanos, os seus próprios compatriotas.

Espancamento, electrocussão, violação com objectos, gagging, etc.

«*Detainees in a secret Baghdad detention facility were hung upside-down, deprived of air, kicked, whipped, beaten, given electric shocks, and sodomized… Human Rights Watch interviewed 42 of the… about 300 detainees transferred from the secret facility in the old Muthanna airport in West Baghdad to Al Rusafa… after the existence of the secret prison was revealed… All were accused of aiding and abetting terrorism, and many said they were forced to sign false confessions. All the detainees interviewed described the same methods of torture employed by their Iraqi interrogators. The jailers suspended the detainees handcuffed and blindfolded upside down by means of two bars,*

one placed behind their calves and the other against their shins. All had terrible scabs and bruising on their legs. The interrogators then kicked, whipped and beat the detainees. Interrogators also placed a dirty plastic bag over the detainee's head to close off his air supply. Typically, when the detainee passed out from this ordeal, his interrogators awakened him with electric shocks to his genitals or other parts of his body. During the interrogations, security officials mocked the detainees and called them "terrorists" and "Ba'athists." To stop the torture, detainees said, they either offered fake confessions or signed or fingerprinted a prepared confession without having read it. Even after they confessed, many said, torture persisted… interrogators and security officials sodomized some detainees with broomsticks and pistol barrels and, the detainees said, raped younger detainees… Some young men said they had been forced to perform oral sex on interrogators and guards. Interrogators also forced some detainees to molest one another. Security officials whipped detainees with heavy cables, pulled out fingernails and toenails, burned them with acid and cigarettes, and smashed their teeth. If detainees still refused to confess, interrogators would threaten to rape their wives, mothers, sisters, or daughters. The interrogation sessions usually lasted three or four hours and occurred every three or four days»

<u>Episódios de humilhação sexual, violação com objectos</u>. «*Detainee D, a formal general in the Iraqi army and now a British citizen, who is in a wheelchair, was arrested on December 7, after he returned to Mosul from London to find his son, who had been detained. His jailers refused him medicine for his diabetes and high blood pressure. "I was beaten up severely, especially on my head," he told Human Rights Watch. "They broke one of my teeth during the beatings. ... Ten people tortured me; four from the investigation commission and six soldiers. .... They applied electricity to my penis and sodomized me with a stick. I was forced to sign a confession that they wouldn't let me read"… Iraqi soldiers arrested Detainee E, a 21-year-old, on December 19 at his home in Mosul: "During the first eight days they tortured me daily. They would put a bag on my head and start to kick my stomach and beat me all over my body. They threatened that if I didn't confess, they would bring my sisters and mother to be raped. I heard him on the cellphone giving orders to rape my sisters and mother." During one torture session, the man, who was blindfolded and handcuffed, was stripped and ordered to stroke another detainee's penis. After he was forced to the floor, the other detainee was forced on top of him. "It hurt when it started to penetrate me. The guards were all laughing and saying, 'He's very tight, let's bring some soap!' When I experienced the pain, I asked them to stop and that I would confess. Although I confessed to the killings, I mentioned fake names since I never killed anyone. So the torture continued even after I confessed because they suspected my confession was false." One of the guards also forced him to have oral sex. Detainee F was arrested with his brother in Mosul on December 16… One time he was stripped naked and told to penetrate another naked inmate lying on the floor or that he would otherwise be raped by two male guards. Detainees G and H, father (59) and son (29) respectively, were arrested at their house in Mosul on September 30. Both endured sessions in which interrogators hung them upside down and beat them. During one session the father was stripped naked in front*

of the son, and the son was told they if he did not confess they would rape his father. The father was told that if he did not confess they would kill his son. The son was subsequently sodomized with a broomstick and the guards' fingers» [“Iraq: Detainees Describe Torture in Secret Jail”, Human Rights Watch, April 27, 2010]

“Guerra humanitária” no Afeganistão reaviva pedofilia.

[Kelley B. Vlahos, The Rape of the Afghan Boys, April 12, 2010, Antiwar.com]

Pedofilia, vista como chic e prestigiosa, marca de elite entre cleptocratas afegãos. Estes cleptocratas estão bastante ahead of the curve, agindo livremente e sem quaisquer tabus, expressando todo o seu man-boy love em pequenas danças, nos seus fins de mundo infectos de álcool, ópio e maus sentimentos. É um ambiente utópico, com o qual as ONGs e as fundações livres de impostos irão, certamente, aprender --- Ai de quem tocar num cabelo que seja, de um destes pequeninos; mais vale que ates uma mó à cintura e te atires ao mar.

Bacha bazi, venda e troca de crianças, escravatura sexual.

«*…the resurgence of bacha bazi or "boy play" among the wealthiest and most powerful men in northern Afghanistan. It’s the pustule threatening to burst all over the righteousness of our humanitarian effort there, and just the tip of the sick fact of how poor Afghan children are systematically used, abused, and tossed away by the ruling elite and even Afghan soldiers living, training, and fighting alongside our own. Bacha bazi is an old Afghan tradition of taking young boys, dressing them up like girls, and making them perform for older men in tea rooms, weddings, and other private venues. The boys are "owned" by single or married men who trade or keep the boys as concubines. According to reports, the boys’ ages range from eight to 19, when they "age out" of the practice and are released… bacha bazi [is] an increasingly lucrative business, in which the boy slaves are seen as important status symbols of the elite. "Everyone tries to have the best, most handsome, and good-looking boy," a former mujahedin commander told Reuters back in 2007… Here, we have authority figures – former commanders and warlords – flaunting their dancing slave boys, practically daring interference from outside… poor families sell their children, and orphans are snatched off the street. They are the meekest, preyed upon by the strongest – the kind of wealthy, powerful men who have benefited most from the Western occupation and generous foreign aid*»

Forças Canadianas ignoram eventos, procuram silenciar denúncias.

«*In 2008, apparently fed up, Canadian soldiers and chaplains did begin to complain… a Canadian soldier said he witnessed in 2006 injuries sustained by a boy he had heard was raped by an Afghan soldier at one of the Canadian outposts in Kandahar. These injuries included the boy’s intestines falling out of his body, a "sign of trauma from anal rape." The Canadian’s testimony, in addition to other complaints… formed the basis of*

an official investigation into whether the brass were ignoring complaints about systematic abuse up… There are more than a few official/unofficial acknowledgments that Afghan police and military members were "having anal sex with young boys," plus disturbing allegations that the Canadian brass were told about the rapes and pressed soldiers to ignore them»

“Camponeses afegãos preferem Taliban a forças de segurança do governo”.

“The latter have a habit of seizing their sons at checkpoints and sodomizing them”.

Polícia afegão assassina cinco britânicos em retaliação a protecção dada a violador.

«*In writing about the rape of boys and its implications on the sustained Western alliance with the Afghan government and military in the Long War, journalist Patrick Cockburn commented in September, “one reason Afghan villagers prefer to deal with the Taliban rather than the government security forces is that the latter have a habit of seizing their sons at checkpoints and sodomizing them… There was a horrified reaction across Britain last week when a 25-year-old policeman called Gulbuddin working in a police station in the Nad Ali district of Helmand killed five British soldiers when he opened fire with a machine gun on them. But the reason he did so, according to Christina Lamb in* The Sunday Times*, citing two Afghans who knew Gulbuddin, was that he had been brutally beaten, sodomized, and sexually molested by a senior Afghan officer whom he regarded as being protected by the British… The slaughter at Nad Ali is a microcosm of what is happening across Afghanistan.”*»

“Losing the war in Afghanistan… what if we lose our ***soul*** in Afghanistan?”

“Boys shackled, raped, will be next mujaheedin, coming for devil’s consorts”.

«*We talk about the possibility of losing the war in Afghanistan, but what if we lose our* **soul** *in Afghanistan? … If winning the war against the "evildoers" means ignoring evil among our allies, then we have truly lost our soul… take a long look at the boys shackled in the prisons, the orphans in the streets, the blank resignation of the victims of rape – they will no doubt be history’s next mujahedin, and they will be coming for the devil’s consorts*»

Tortura redefinida como “enhancedinterrogation”

Dos Torture Memos a Abu Ghraib, passando pelo Tribunal Europeu de (negação de) Direitos Humanos

“Torture memos”.

Três memosdo gabinete de John Yoo, para CIA, DoD, Casa Branca. Os Torture Memos referem-se a um conjunto de três memorandos elaborados por John Yoo, na qualidade deDeputyAssistantAttorney General ofthe United States. São memos de aconselhamento a CIA, DoD, Casa Branca.

De tortura para “enhancedinterrogationtechniques”. É de Bybee, nesta saga de memos, que surge a redefinição de práticas de tortura como «*enhancedinterrogationtechniques*». É isto que tortura é agora, “interrogação melhorada”.

Torture memo de Jay Bybee, 2002, lança repto para os seguintes.

O principal torture memo – de Jay Bybee, 1 de Agosto de 2002. Jay Bybee, então Assistant US Attorney General, chefe do OLC, emite um memo a Alberto Gonzalez, então Counsel to thePresident, datado de 1 de Agosto 2002. O memo era intitulado “Standards for Conduct for Interrogationunder 18 U.S.C. 2340-2340A.”Este é o principal “torture memo”, que define a interpretação de tortura do DoJ. É a base para os memos seguintes.

Lança três pré-requisitos para que um acto possa ser considerado “tortura”.

(1) Dor severa – Actos extremos – Danos mentais prolongados – Provar intençãodo torturador.

(1.1) “Dor severa”: para o ser, tem de resultar em danos orgânicos ou morte.Concluiquedorsevera (enquantorequisitoparatortura) é «*serious physical injury, such as organ failure, impairment of bodily function, or even death*».O memo andaàsvoltasparaencontrarumadefiniçãoparador, equacionando-a com «*suffering… it is difficult to conceive of such suffering that would not involve severe physical pain*». O memo depois dá voltas para concluir que «*severepain*» tem por necessidade de ser dor associada a «*death, organfailure, orseriousimpairmentof body functions*».

(1.2) Tortura como apenas “actos mais extremos” [e.g. espancamento, electrochoques].Concluiquetortura é «*only the most extreme acts*».Poractosextremos, o memo entendecoisascomo “beatings”, “burning”, “electric shocks” e a ameaça de taisacções e

declaraque «*we believe that interrogation techniques would have to be similar to these in their extreme nature and in the type of harm caused to violate the law*»

(1.3) Não inclui outros actos criminosos, "inhumanordegrading". Afirmaque «*other acts of cruel, in human or degrading treatment or punishment*» nãosãotortura.

(1.4) "Danos mentais prolongados".Também declara que o estatuto de tortura, para o ser, tem de incluir «*prolonged mental harm*», que acompanhe dor física ou mental, e que «prolonged» significa que tem de durar por «*monthsorevenyears*».

(1.5) Yuppies deveriam voluntariar-se para 10 minutos de Gitmo (too chickennecked for it). Não seria interessante que todos estes yuppies se voluntariassem para 10 minutos de Guantánamo, a versão soft em tudo isto? Estourariam passado 2 minutos, claro, mas ser-lhes-ia instrutivo. Deixariam de ter dúvidas sofísticas em relação ao que é, ou não, tortura.

(2) Tem de ser **provado** que o torturador **queria**infligir dor severa à vítima. O memo também declara que «*theinflictionof [severe] painmustbethedefendant's precise objective*» (i.e. é preciso provar que o torturador, sujeito, *queria* magoar severamente a vítima, para ser tortura). Ouseja, «*even if the defendant knows that severe pain will result from his actions, if causing such harm is not his objective, he lacks the requisite specific intent*». Ou seja, o torturador seria uma vítima, se condenado por este tipo objectivo de crime.

(3) "Possíveis defesas que **neguem** qualquer acusação em tribunal" (**get out ofjail free card**). Examina «*possible defenses that would negate any claim that certain interrogation methods violate the statute*»

(3.1) "Infringimentoanti-constitucional (!) à autoridade presidencial para conduzir guerra (!)". É preciso retorcer a Constituição Americana umas 50.000 vezes – e depois mais algumas – para chegar a isto, mas é nisso que este tipo de charlatães se especializa.Ou seja, o Presidente como *rexetimperator* (no bom velho sentido latino da expressão), já neste capítulo. «…*prosecution under Section 2340A may be barred because enforcement of the statute would represent an unconstitutional infringement of the President's authority to conduct war*»

(3.2) "Necessidade ou auto-defesa pode justificar comportamento criminoso e ilegal, tortura". Depois, o memo torna a acusação legal destes casos definitivamente impossível (se já não o fosse até aí), quando diz que «*underthecurrentcircumstances, necessityor self-defense mayjustifyinterrogationmethodsthatmightviolateSection 2340A*».

(3.3) Ou seja, estamos perante a mais total e completa arbitrariedade retórica e legal.

Bybee cita Tribunal Europeu de Direitos Humanose caso Israelita.

Tribunal Europeu de Direitos Humanos é pioneiro na nova era de tortura legalizada.

[É um dos motivos para existir; acabar com todos e quaisquer direitos humanos na Europa]. SiegHeiltovarich, porque essa é a nova degenerada Europa.

Depois, truque sofístico com caso Israelita (não negando más práticas Israelitas neste capítulo). Depois, discutedoiscasos ("Torture Memos", *In* Wikipedia): «*A case in the European Court of Human Rights that found that wall standing, hooding, subjection to noise, sleepdeprivation, and deprivation of food and drink, used in combination for a long period fall into the category ofinhuman treatment, but not torture, since "they did not occasion suffering of the particular intensity and cruelty implied by the word torture"... A case from the Israel Supreme Court that does not mention torture at all, but only cruel and inhumane treatment,which the memo states is evidence that the actions addressed by that court were not torture...*»

Noutro memo, John Yoo reforça jogos sofísticos de Bybee.

Um outro memo, carta de John Yoo a Alberto Gonzalez. Reincide nos pontos anteriores. Para "seremtortura", tem de haver «*severepainorsuffering*»; tem de haver «*prolonged mental harm*» e o torturador tem de ter «*specificintention to inflictseverepainorsuffering*».

Memo sobre tortura de membro Al Qaeda vulgariza práticas de "não-tortura".

E.g. "walling", "cramped confinement", "sleep deprivation", "waterboarding".Memo sobre a tortura de um membro al Qaeda (um não-estagiário, certamente). O memo descreveemdetalhetécnicas de "não-tortura" geralmenteusadas, comoporexemplo, "attention grasp", "walling", "facial hold", "insult slap", "cramped confinement (large and small and with and without an insect)", "wall standing", "stress positions", "sleep deprivation","waterboarding".

Se waterboarding são cócegas simpáticas, deveria ser um job requirement para praticantes.Se deprivação de sono, posições de stress, ou waterboarding(induzir afogamento parcial e temporário) não são tortura, porque é que toda a gente que aprova e faz isto não tem de ser sujeito a este tipo decócegas simpáticas? Deveria ser um job requirement.

Antes da invasão do Iraque, YooparaDoD "do what thou wilt is the whole of the law".

O livre passe para Abu Ghraibet al – "harshinterrogationpractices".A 14 de Maio de 2003, John Yooenvia um memo aoDoD no qualafirma «*that federal laws against torture, assault and maiming would not apply to the overseas interrogation of terror suspects*». Isto acontece cinco dias antes da invasão do Iraque. É claro que é o livre passe para praticar todo o tipo de eventos que acontecem em Guantánamo, Abu Ghraib, Baghram (aqui no Afeganistão), etc. É usado pelo

DoD nessa qualidade; como algo que justifica “harshinterrogationpractices” sobre pessoas detidas.

Esta forma de satanismo legal tem o seu correlato no campo, com free killzones etc. Arbitrariedade e licença para crime é aliás o espírito geral em tudo isto. A tortura e os homicídios em Baghram e Abu Ghraib encontram o seu correlato no campo de batalha, com free kill zones, todo o género de massacres, etc.

Tortura – Biderman, KUBARK, HRETM – Auto-defesa

Princípios de Biderman.

KUBARK E HRETM.

Obter controlo sobre mente individual por controlo do ambiente circundante.

Danças com conceitos de legalidade.

“Técnicas coercivas” – Resumo no KUBARK.

Infiltração de vida pessoal com provocadores.

O aparecimento do punho de ferro, em toda a sua brutalidade, na vida do sujeito.

Surrealismo: tornar o familiar estranho e o estranho familiar.

Everyone you loved you mistrust.

Monopolização de percepção.

Show off de omnisciência, omnipotência.

Regressão psicológica.

Guilt-pimping.

Pressão intensa.

Good cop, bad cop.

Falsificar gravações áudio para espalhar mitos, mentiras sobre sujeito.

Deprivação sensorial.

Mais técnicas.

Técnicas psicotrónicas.

Conversão e sappiness.

Categorias de personalidade [infantilização dos sujeitos].

Bibliografia do KUBARK.

KUBARK e HRETM fazem alguns avisos legais sobre a ineficiência da coerção física.

“Resisting Enemy Interrogation” (1944).

AUTO-DEFESA – Lidar com este tipo de situação.

EXTRA: A mentalidade dialéctica, essência da conversão.

Princípios de Biderman.

General Method	Effects (Purposes)	Variants
1. Isolation	Deprives victim of all social support of his ability to resist. Develops an intense concern with self. Makes victim dependent upon interrogator.	Complete solitary confinement. Complete isolation. Semi-isolation. Group isolation.
2. Monopolization of Perception	Fixes attention upon immediate predicament. Fosters introspection. Eliminates stimuli competing with those controlled by captor. Frustrates all action not consistent with compliance.	Physical isolation. Darkness or bright light. Barren environment. Restricted movement. Monotonous food.
3. Induced Debilitation and Exhaustion	Weakens mental and physical ability to resist	Semi-starvation. Exposure. Exploitation of wounds. Induced illness. Sleep deprivation. Prolonged constraint. Prolonged interrogation. Forced writing. Over-exertion.
4. Threats	Cultivates anxiety and despair	Threats of death. Threats of non [return?]. Threats of endless interrogation and isolation. Threats against family. Vague threats. Mysterious changes of treatment.
5. Occasional indulgences	Provides positive motivation for compliance. Hinders adjustment to deprivation.	[Occasional?] favors. Fluctuations of interrogator's attitudes. Promises. Rewards for partial compliance. Tantalizing.
6. Demonstrating "Omnipotence" and "Omniscience"	Suggests futility of resistance.	Confrontation. Pretending cooperation taken for granted. Demonstrating complete control over victim's fate.
7. Degradation	Makes cost of resistance more damaging to self-esteem than capitulation. Reduces prisoner to 'animal level' concerns.	Personal hygiene prevented. Filthy infested surrounds. Demeaning punishments. Insults and taunts. Denial of privacy.
8. Enforcing Trivial Demands	Develops habits of compliance.	Forced writing. Enforcement of minute rules.

Biderman investiga e sistematiza métodos usados por comunistas chineses sobre POWs americanos. Tabela organizada por Albert Biderman, sociólogo USAF, como um sumário da sua investigação dos métodos utilizados pelos comunistas Chineses sobre POWs americanos durante a Guerra da Coreia.

Método de quebra psicológica, conversão a mentalidade dialéctica. A aplicação destes princípios visava obter informação por coerção e falsas confissões, mas também a plena conversão dos prisioneiros à mentalidade comunista, i.e. dialéctica.

Biderman: "Abominable outrages... Communism utterly disrespects truth and the individual". Biderman descreveu estes métodos como «*abominable outrages*», adicionando que «*[p]robably no other aspect of communism reveals more thoroughly its disrespect for truth and the individuals than its resort to these techniques*» [*Communist Techniques of Coercive Interrogation. Air Force Personnel and Training Research Center, Lackland Air Force Base, San Antonio, Texas. AFPTRC-TN-56-132. ASTIA Document No. 098908*]. Infelizmente, Biderman parece ter sido ele próprio capturado pelo Borg, uma vez que em pouco tempo ele próprio estava a escrever manuais de lavagem cerebral, "reforma de pensamento", para aplicação por forças NATO. Isso não é complicado quando se trabalha no ambiente inquinado OSS/CIA, o braço americano de MI6/Chatham House; os serviços secretos da City of London, os bancos. Os rapazes que apoiaram a ascensão dos comunistas na Rússia, na China e em todo o 3º mundo (como forma de estandardizar essas regiões e mantê-las subdesenvolvidas); tinham/têm um afecto especial pela China comunista; e cultivam o tipo de regimentação social e de irracionalismo que são proporcionados por colectivismo.

KUBARK E HRETM.

Manuais de operações negras em tortura e despersonalização, para unidades de forças especiais. Entre outros contextos, foram usados para a School of the Americas, no treino de oficiais latino-americanos especializados em operações negras; comandantes em unidades de tortura e em esquadrões da morte, para regimes como o de Pinochet.

Tácticas comunistas e nazis – Experiências ilegais MK – Ecologia social. Os manuais resultam da colecção de informação sobre tortura psicológica totalitária (o conhecimento agregado de práticas sicárias sob nazismo e comunismo), complementada com estudos feitos sob programas como o MKULTRA e o MKDELTA. Importantes aqui, os estudos de Ewen Cameron (ver tópico sobre **Deprivação Sensorial**), entre outros especialistas psicológicos e psiquiátricos. O resultado final é uma combinação de psiquiatria negra com estudos de ecologia social, i.e. sobre como obter "ambientes de controlo total" sobre uma ou mais vítimas (i.e. é gerada a *percepção* de controlo total do ambiente). [ver também tópico **Bibliografia do KUBARK**]

Despersonalização: (1) destruir sujeito – (2) forçar cooperação – (3) destruição e conversão. As técnicas aqui listadas são técnicas que visam desestabilizar e destruir a integridade psicológica do indivíduo. É isso que "despersonalização" significa; abalar gravemente (talvez até destruir) o *self*. Isso pode visar vários propósitos. Um deles é a destruição do indivíduo *per se*, e.g. levá-lo a insanidade, suicídio. Também pode ser feito com o propósito de o desestabilizar o suficiente para dele obter alguma forma de cooperação. Ou, pode visar conversão e recrutamento e, neste caso, o que é visado é a destruição do *self* e o preenchimento do indivíduo com uma nova essência; uma nova estrutura de valores, crenças, comportamentos. Aí, a pessoa foi "convertida", estando em posição de ser recrutada para este ou aquele propósito. Neste último capítulo, estamos perante aquilo a que se chama "lavagem cerebral", a forma mais grave e mais completa de despersonalização: "lavar" o *self* anterior, impor um novo *self*, de escolha dos sicários.

Obter controlo sobre mente individual por controlo do ambiente circundante.

"Gerar pressão no sujeito sem aplicação de força exterior, por manipulação psicológica". «*All non-coercive "questioning" techniques are based on the principle of generating pressure inside the subject without the application of outside force. This is accomplished by manipulating him psychologically until his resistance is sapped and his urge to yield is fortified* [K-1, B, HRETM]»

"Controlo: obter 'compliance', voluntária ou involuntária, pelo uso de meios físicos ou psicológicos.

"Controlo sobre indivíduo implica controlo do ambiente".

"Manipular condições ambientais para afectar mente individual".

«*Control – The capacity to cause or change certain types of human behavior by implying or using physical or psychological means to induce compliance. Compliance may be voluntary or involuntary. Control can rarely be established without control of the environment. By controlling the subject's environment, we will be able to control his psychological state of mind* [III. A-9]*... the "questioner"... creates, modifies, amplifies, and terminates the subject's environment: he selects the emotional keys under which the "questioning" will proceed* [III, p. I9]*... to create unpleasant or intolerable situations, to disrupt patterns of time, space and sensory perception* [K-1 F]» "Human Resource Exploitation Training Manual", CIA, 1983.

“Sentido de identidade depende do ambiente – tortura altera ambiente, deixa indivíduo por si mesmo”. «*…man’s sense of identity depends upon a continuity in his surroundings, habits, appearance, actions, relations with others, etc… [the idea is] to cut through these links and throw the interrogatee back upon his own unaided internal resources*» [p. 86, KUBARK]

Danças com conceitos de legalidade.

“Sujeitos têm de ser ‘facilitados’ a querer cooperar, para isso é preciso técnica apropriada de ‘interrogação’”. «*Subjects make admissions or confessions because they are in a state of mind which leads them to believe that cooperation is the best course of action for them to follow. The effective use of the proper “questioning” technique will aid in developing this state of mind…* [K-0, 1]»

“Questioning” e “questioner” sempre entre aspas – afinal o tema é **tortura** psicológica e física. É uma cândida admissão de que não estamos perante interrogação, mas sim pura e simples tortura.

HRETM: tortura, ameaças, insultos, tratamento desagradável ou inumano – ilegais [mais importante, **imorais**].

(1º passo de auto-contradição e dissolução) “Truques psicológicos e outras técnicas não-coercivas são ok”.

(2º passo) “Técnicas coercivas também – mas têm de ser aprovadas (vamos ensinar-vos a usá-las)”.

(Admissão interessante) “Uso rotineiro de tortura reduz calibre moral e corrompe aqueles que a usam”.

«*The use of force, mental torture, threats, insults, or exposure to unpleasant and inhumane treatment of any kind as an aid to interrogation is prohibited by law, both international and domestic… however, the use of force is not to be confused with psychological ploys, verbal trickery, or other nonviolent and non-coercive ruses employed by the interrogator in the successful interrogation of reticent or uncooperative sources [INTRO]… the routine use of torture lowers the moral caliber of the organization that uses it and corrupts those that rely on it as the quick and easy way out… we will be discussing two kinds of techniques, coercive and non-coercive. While we do not stress the use of coercive techniques, we do want to make you aware of them and the proper way to use them… coercive techniques always require prior HQS approval*» [I.C, D] “Human Resource Exploitation Training Manual”, CIA, 1983.

(KUBARK) “Pedir autorização para 1) danos físicos; 2) uso de técnicos médicos, químicos, eléctricos”. «*Interrogations conducted under compulsion or duress are especially likely to involve illegality and to entail damaging consequences for KUBARK [para não falar das vítimas de tais ilegalidades]. Therefore prior Headquarters approval at the KUDOVE [a dove, so romantic!] level must be obtained for the interrogation of any source against his will and under any of the following circumstances: 1. If bodily harm is to be inflicted. 2. If medical, chemical, or electrical methods or materials are to be used to induce acquiescence*» “KUBARK Counterintelligence Interrogation”, CIA, July 1963

“Técnicas coercivas” – Resumo no KUBARK.

[Todas as técnicas mencionadas são coercivas. Na melhor das hipóteses, a distinção é sofística, na pior é pura e simples desonestidade criminosa; eu vou pela segunda hipótese]

“Detenção (o punho de ferro mostra-se), deprivação sensorial, medo, debilidade, dor, sugestibilidade, drogas.

“Efeito habitual é o de regressão psicológica”.

“Culpa surge sob regressão” [e é possível induzir culpa, e.g. com técnicas psicotrónicas] “é útil intensificá-la”. Isto é, induzir a sensação fisiológica de culpa e plantar pensamentos convergentes, por meios áudio “sub-auditivos” ou outros.

“Defesas maturas colapsam sob regressão, pessoa torna-se infantil”.

“Torturador deve dar racionalizações para obter conversão”.

«*The principal coercive techniques are arrest, detention, the deprivation of sensory stimuli, threats and fear, debility, pain, heightened suggestibility and hypnosis, and drugs… if a coercive technique is to be used, or if two or more are to be employed jointly, they should be chosen for their effect upon the individual ad carefully selected to match his personality… the usual effect of coercion is regression. The interrogatee’s mature defenses crumbles as he becomes more childlike. During the process of regression the subject may experience feelings of guilt, and it is usually useful to intensify these… When regression has proceeded far enough so that the subject’s desire to yield begins to overbalance his resistance, the interrogator should supply a face-saving rationalization. Like the coercive technique, the rationalization must be carefully chosen to fit the subject’s personality…* [p. 103]» “KUBARK Counterintelligence Interrogation”, CIA, July 1963

Infiltração de vida pessoal com provocadores.

Infiltrar vida do sujeito com falsos “amigos”, provocadores [e.g. pessoa do sexo oposto]. «*Informers*» Infiltrar a vida do sujeito com um provocador, fazê-lo acreditar que o provocador é alguém de confiança, talvez mesmo seu “amigo”. Pessoas do mesmo sexo ou do sexo oposto, aquilo que facilite a construção de rapport e a manietação do sujeito. Neste último caso, temos o efeito “Sansão e Dalila”, seja “Sansão” um homem ou uma mulher e o mesmo para “Dalila”.

Facilita efeito “Everyone you loved you mistrust”.

Colocar vários provocadores na vida do sujeito, revelar carta para sabotar auto-estima, capacidade relacional. É essencial nunca cair neste efeito. Uma meia dúzia de frutos podres não representa toda uma horta (e o mundo é uma horta), representam apenas o estado de apodrecimento desses frutos em particular; ter sempre isso em mente.

O aparecimento do punho de ferro, em toda a sua brutalidade, na vida do sujeito.

Momento fulcral em que agressor revela punho de ferro em pleno [não precisa de ser “detenção” literal].

Apanhar o sujeito desprevenido, fragilizado, para causar choque e insegurança.

Fazer show off de “eficiência”, para impressionar sujeito. «*The manner and timing of arrest can contribute substantially to the “questioner’s” purpose and should be planned to achieve surprise and the maximum amount of mental discomfort. He should therefore be arrested at a moment when he least expects it and when his mental and physical resistance is at its lowest. The ideal time at which to make an arrest is in the early hours of the morning [o KGB fazia sempre isto às 4am]. When arrested at this time, most subjects experience intense feelings of shock, insecurity, and psychological stress and for the most part have great difficulty*

adjusting to the situation… it is very important that the arresting party behave in such a manner as to impress the subject with their efficiency… [F-1, 2]» “Human Resource Exploitation Training Manual”, CIA, 1983.

Fazer o sujeito sentir-se segregado de tudo aquilo que conhece e que lhe dá segurança – implica **surrealismo**. «*Detention should be planned to enhance the subject's feelings of being cut off from anything known and reassuring…*» “KUBARK Counterintelligence Interrogation”, CIA, July 1963

Surrealismo: tornar o familiar estranho e o estranho familiar.

“To radically disrupt familiar emotional and psychological associations of the subject”.

“Resistance seriously impaired… psychological shock… far more open to suggestion, far likelier to comply”.

«*The effectiveness of most “questioning” techniques depends upon their unsettling effect. The “questioning” process itself is unsettling to most people encountering it for the first time. The “questioner” tries to enhance this effect, to disrupt radically the familiar emotional and psychological associations of the subject. Once this disruption is achieved, the subject's resistance is seriously impaired. He experiences a kind of psychological shock, which may only last briefly, but during which he is far more open to suggestion and far likelier to comply, than he was before he experienced the shock* [K-1 C, D]»

Criar ambiente baseado em nonsense, sob pressão social.

Padrões de pensamento podem ser afectados, se sujeito procurar dar sentido ao nonsense.

Isto é, nesse caso a pessoa é contaminada por um ambiente psicótico.

«*Nonsense questioning… two or more “questioners” ask the subject questions which seem straightforward but which are illogical and have no pattern. Any attempted response by the subject is interrupted by additional unrelated questioning. In this strange atmosphere the subject finds that the pattern of thought which he has learned to consider normal is replaced by an eerie meaninglessness. At first he may refuse to take the questioning seriously, but as the process continues day after day, it becomes mentally intolerable and he begins to try to make sense out of the situation. Certain types of very orderly and logical subjects begin to doubt their sanity… in their attempts to clarify the confusion…* [K-13 L]»

Alice in Wonderland… to obliterate the familiar and replace it with the weird. «*Alice in Wonderland… the confusion technique is designed not only to obliterate the familiar but to replace it with the weird*» [p. 76, KUBARK]. É depois dito que o método deve assentar na geração de um efeito de pressão social.

Inclui sempre o psychic driving de distopia. Apesar de não ser mencionado, o ambiente nonsense inclui sempre a transmissão de memes distópicos. Através deste processo, tudo aquilo que o sujeito considera bom e íntegro é contraposto com lixo distópico. Por ex., haverá glorificação de coisas como pedofilia, homicídio, totalitarismo, limpeza étnica ou ideológica, escravatura, genocídio. A apresentação de elementos distópicos e inumanoa não é necessariamente um exercício de falsidade, por parte dos torturadores, que tenderão a ser true believers por uma qualquer causa distópica (esta é, por necessidade, uma classe degradada ao mais baixo denominador comum). Porém, os elementos distópicos não são apresentados porque o torturador esteja num momento “let's share”, com as suas crenças degeneradas sobre o mundo e sobre a vida humana. São introduzidos no processo para baralhar e subverter o sistema de crenças da vítima, mas também para a aterrorizar, através da realização de que os seus torturadores são porcos demónicos, por oposição a seres humanos normais.

Everyone you loved you mistrust.

“Todos à volta do sujeito são traidores”.

Erodir auto-estima, capacidade relacional, manietar e usar sujeito – torturadores como novos “aliados”.

«*Subject should be made to believe that he has been forsaken by his comrades…* [F-19, HRETM] *Nobody loves you* [K-4 C, HRETM]» Aqueles em quem o sujeito confiava são maliciosos e pervertidos e manietaram o sujeito para seu próprio ganho. O sujeito não tem rede de apoio social. Isto visa erodir a auto-estima, a capacidade de estabelecer relações significativas com terceiros e, claro, virar o sujeito contra os “traidores”, usá-lo. Os novos “amigos” ou “aliados” são, claro, os torturadores.

Monopolização de percepção.

Essencial para o show off de **omnipotência e omnisciência**, mas também para **surrealismo**.

Cortar todos os outros contactos humanos – interrogador assume-se como figura paternal.

Estabelecer um ambiente estranho e surreal. «*Merely by cutting off all other human contacts, "the interrogator monopolizes the social environment of the source." He exercises the powers of an all-powerful parent, determining when the source will be sent to bed, when and what he will eat, whether he will be rewarded for good behavior or punished for being bad. The interrogator can and does make the subject's world not only unlike the world he world to which he had been accustomed but also strange in itself – a world in which familiar patterns of time, space, and sensory perception are overthrown. He can shift the environment abruptly* [p. 52]» “KUBARK Counterintelligence Interrogation”, CIA, July 1963

Show off de omnisciência, omnipotência.

“Nós mandamos no teu destino”. «*Throughout his detention, subject must be convinced that his "questioner" controls his ultimate destiny, and that his absolute cooperation is essential to survival* [F-20, HRETM]»

“Nós sabemos tudo” – bluff de total information, big brotherism. «*We know everything* [K-5 D, HRETM]» A abordagem *shock and awe*, *total information*, *big brother*. Conhecemos-te melhor que tu te conheces a ti mesmo. Conhecemos cada recanto escondido da tua vida e, até, da tua mente. Tudo isto é baseado em bluff artificioso, para intimidar o sujeito e fazê-lo pensar que não há nada a fazer; está perante “deus”. “You shall be assimilated, resistance is futile”. O manual dá alguns conselhos, o tipo de coisas que eram aplicáveis nos 80s. Numa delas, o sujeito é confrontado com um enorme dossier sobre a sua vida. Só umas poucas páginas têm dados reais, e são essas que são mostradas. As restantes são enchimento. Os dados reais que são obtidos são-no através de vigilância, de interacções com o sujeito (as pessoas dão muita informação pessoal em conversa sem se aperceberem) e também através de interacções (formais ou sob pretexto) com terceiras pessoas, conhecidas do sujeito.

“All Seeing Eye”. Ao show-off de suposta omnisciência, omnipotência, o KUBARK chama «*The All Seeing Eye (or Confession is Good for the Soul)*» [p.67, KUBARK]

“If technique doesn’t work quickly, it must be dropped before subject gets true limits of questioner’s knowledge”. «*The “questioner”… may even read a few selected bits of information to further impress the subject. By manipulating the known facts, the “questioner” may be able to convince a naïve subject that all his secrets are out and that further resistance is pointless. However, if this technique does not work quickly, it must be dropped before the subject learns the true limits of the “questioner’s” knowledge* [K-7 F, HRETM]»

Regressão psicológica.

“Técnicas coercivas visam induzir regressão psicológica” [N. do A., as “não-coercivas” **também**].

Perda de autonomia, regressão a fase de desenvolvimento anterior, para infantilização do sujeito.

Sabotar criatividade, coping, capacidades intelectuais e relacionais.

Factores essenciais: **Debilidade – Dependência – Medo**. «*The purpose of all coercive techniques is to induce psychological regression in the subject by bringing a superior outside force to bear on his will to resist. Regression is basically a loss of autonomy, a reversion to an earlier behavioral level. As the subject regresses, his learned personality traits fall away in reverse chronological order. He begins to lose the capacity to carry out the highest creative activities, to deal with complex situations, to cope with stressful interpersonal relationships, or to cope with repeated frustrations. There are three major principles involved in the successful application of coercive techniques… Debility (physical weakness)… Dependency… he is helplessly dependent upon the “questioner” for the satisfaction of all basic needs… Dead (intense fear and anxiety)… sustained long enough, a strong fear of anything vague or unknown induces regression… If the debility-dependence-dread state is unduly prolonged, the subject may sink into a defensive apathy from which it is hard to arouse him…*» [L-1 a L-5] “Human Resource Exploitation Training Manual”, CIA, 1983.

Guilt-pimping.

“Incentivar sentimentos de culpa” [o que inclui por **técnicas psicotrónicas** – ver tópico respectivo].

Parte do doublebind; torturador procura persuadir ***a vítima a sentir-se culpada*** [o extremo do ter-se lata].

E.g. “tu não me deixas opção a não ser…” «*Frequently the subject will experience a feeling of guilt. If the “questioner” can intensify these guilt feelings, it will increase the subject’s anxiety and his urge to cooperate as a means of escape…* [K-1 E] *It should always be implied that the subject himself is to blame by using words such as, “you leave me no other choice but to…”* […]»“Human Resource Exploitation Training Manual”, CIA, 1983.

“Se vítima sentir que trouxe a dor a si mesma, é mais fácil erodir capacidade de resistência”. «*The torture situation is an external conflict, a contest between the subject and his tormentor. The pain which is being inflicted upon him from outside himself may actually intensify his will to resist. On the other hand, pain which he feels he is inflicting upon himself is more likely to sap his resistance* [L-12, E]» “Human Resource Exploitation Training Manual”, CIA, 1983.

Isto ajuda a criar base para síndrome de Estocolmo. Ou seja, induzir culpa, “eu sou culpado do que me está a ser feito”, o que ajuda a quebrar o sujeito e a estabelecer dependência para com o torturador, i.e. criar Síndroma de Estocolmo.

Sicários procuram inverter palavras; “tortura de base psicológica, não é tortura, é ‘enhanced interrogation’”. Ao mesmo tempo, os sicários psiquiátricos que elaboraram isto estão aqui a estabelecer a raíz legalística para a “distinção” entre “tortura” e “enhanced interrogation”. Não é tortura quando o método visa essencialmente inverter o sistema psicológico do sujeito e convertê-lo. É tortura quando “só se pretende magoar para fazer o sujeito falar”. Em essência, e se formos honestos, esta é a única distinção entre uma coisa e outra (perturbada e demagógica, como em tudo nestes meios).

Pressão intensa.

[Todas as técnicas se baseiam na imposição de pressão, mas algumas são mais específicas].

Sucessões contínuas e rápidas de choques. «*Rapid fire questioning* [K-14 M]» Princípio operacional, submeter indivíduo a sucessão rápida e contínua de choques.

Impor pressão, depois oferecer armadilha para “aliviar a pressão”.

Sob pressão, colocar em causa auto-estima, orgulho pessoal do sujeito. «*Unanswerable questioning… when he complains that he knows nothing of such matters, the “questioner” insists that he would have to know, that even the most stupid men in his position know. Eventually the subject is asked a question to which he does know the answer. And he feels tremendous relief at being able to answer the question* [K-12, K]» Princípio operacional, induzir pressão extrema de forma a colocar em causa o orgulho pessoal do sujeito; depois oferecer-lhe uma situação, armadilhada, para aliviar a pressão e repor a auto-estima “ameaçada”.

Manter a pessoa esfomeada, depois dar-lhe um doce. «*For example, a source who refuses to talk at all can be placed in unpleasant solitary confinement for a time. Then a friendly soul treats him to an unexpected walk in the woods. Experiencing relief and exhilaration, the subject will usually find it impossible not to respond to innocuous comments on the weather and the flowers. These are expanded to include reminiscences, and soon a precedent of verbal exchange has been established. Both the Germans and the Chinese have used this trick effectively* [p. 53]» “KUBARK Counterintelligence Interrogation”, CIA, July 1963

Pressão colectiva também é tocada em vários tópicos – técnica comunista típica, adoptada nestes manuais.

Good cop, bad cop.

Cooperação com good cop (e mais tarde com o bad cop), talvez até síndrome de Estocolmo.

A mesma pessoa pode fazer os dois papéis, em doublebind (como o demónio no Cow & Chicken). «*Joint “questioners” (aka friend and foe)* […, HRETM]» Good cop bad cop. Criar cooperação com o good cop, talvez até síndrome de Estocolmo. O papel ambíguo pode ser desempenhado pela mesma personagem, onde a mesma pessoa se comporta em doublebind (agora sou amigo, agora sou agressor). É algo como o que se poderia encontrar no demónio vermelho do Cow and Chicken, a série de desenhos animados. Já agora, a série estava a fazer troça do público. Estava a chamar “chickens” aos rapazes e “cows” às raparigas; a série representava os rapazes como flácidos e cobardes e as raparigas como ultra-sensíveis e superficiais (o modelo cultural que foi imposto pelos big boys às novas gerações). O demónio é quem lucrava com isso.

Técnica funciona melhor com pessoas que coloquem relação acima de posição. É dito que a técnica «*works best with women, teenagers, and timid men* [K-10, 1, HRETM]», i.e. perfis que tendem a favorecer o estabelecimento de uma relação, por oposição à afirmação de uma posição. Essa é a chave aqui.

Falsificar gravações áudio para espalhar mitos, mentiras sobre sujeito.

Pode ser usado para virar um sujeito contra um aliado.

[Mas também para demonizar sujeito junto de um qualquer público]. «*Microphones should be hidden…must be able to give a clear reproduction of the conversation… tapes can be edited or spliced, with effective results, if the tampering can be kept hidden. For instance, it is more effective for a subject to hear a taped confession of an accomplice than to merely be told by the "questioner" that he has confessed* [E-40, G1, 8]» "Human Resource Exploitation Training Manual", CIA, 1983.

Deprivação sensorial.

"A pessoa torna-se muito introspectiva, mas vira o inconsciente para o exterior".

"Sintomas de superstição, amor intenso por coisas vivas, alucinações, ilusões". «*Deprivation of sensory stimuli… a person cut off from external stimuli turns his awareness inward and projects his unconscious outward. The symptoms most commonly produced… are superstition, intense love of any other living thing, perceiving inanimate objects as alive, hallucinations, and delusions*» "Human Resource Exploitation Training Manual", CIA, 1983

[Não precisa de ser "extrema" – e.g. cortar contacto humano normal é uma forma de deprivação sensorial].

"Quanto mais normal a pessoa é, mais afectada é – psicóticos e neuróticos passam mais ou menos bem". «*Three studies suggest that the more well-adjusted or "normal" the subject is, the more he is affected by deprivation of sensory stimuli. Neurotic and psychotic subjects are either comparatively unaffected or show decreases in anxiety, hallucinations, etc.* [p. 89]» "KUBARK Counterintelligence Interrogation", CIA, July 1963

Ewen Cameron, psiquiatra, torturador, sociopata, presidente WPA, inspirador do KUBARK.

Trabalha em experiências ilegais de deprivação sensorial, MKULTRA [também conduz ECT, drogas, violações].

Depois vai transmitir doutrina de evisceração mental a killer hyenas da CIA. Ewen Cameron, o psiquiatra, a um ponto o presidente da World Psychiatric Association, foi um dos inspiradores do KUBARK. Foi sob financiamento MKULTRA que usou o Allen Memorial Institute de Montreal para conduzir as mais variadas experiências, todas elas ilegais, em deprivação sensorial e indução de alienação e loucura [isto para além de experiências extremamente violentas e destrutivas com electrochoques e drogas; e até violações sexuais sobre menores e adultos]. Depois pegou no seu "learned knowledge" e foi ensinar o seu evangelho de destruição humana a wanna be black ops killers para a CIA e é daí que surgem algumas das partes do KUBARK. Ver notas sobre ***Engenharia Psicossocial***, parte sobre MKULTRA.

Mais técnicas.

Pressão social. A pessoa pode ser confrontada com situações surreais de "pressão social" (e.g. de cada vez que sai à rua); essas situações são quase sempre protagonizadas por actores e provocadores a contrato. É preciso ter isso em mente, porque o lado agressor tentará persuadir a vítima de que tem o mundo contra ela ("resistance is futile!").

Narcose, com drogas reais ou placebos. Depois, temos «*Narcosis* [L-15, HRETM]», com o uso de drogas, sejam reais ou placebos.

Estudo de linguagem não-verbal. Na página 55 do KUBARK, notas sobre reacções emocionais não-verbais, desde padrões de movimentos até cara corada, suor, boca seca e outros.

Técnicas psicotrónicas.

A "magic room technique" e a "diathermy machine". Existe também a ideia da «*magic room technique*», para criar «*hypnotic situations*», situações surrealistas e dissociativas [L-13/14]. Aqui, são usadas técnicas psicotrónicas e tecnetrónicas; é dado o exemplo de uma «*concealed diathermy machine*», para manipular as percepções de temperatura ambiental e corporal do sujeito ["Human Resource Exploitation Training Manual", CIA, 1983].

"Safehouse, electric transformers, total environment, etc." «*If a new safehouse is to be used as the interrogation site, it should be studied carefully to be sure that the total environment can be manipulated as desired. For example, the electric transformers or other modifying devices will be on hand if needed* [p. 46]». "KUBARK Counterintelligence Interrogation", CIA, July 1963 [O uso de técnicas psicotrónicas não é afectado por austeridade energética]

Afectar indivíduo psicossomaticamente com meios electrónicos (corpo e mente). Técnicas psicotrónicas são técnicas que visam afectar a vida psicossomática do indivíduo por meio do uso de meios essencialmente eléctricos ou electrónicos. Estamos ao nível da geração de interferências electrónicas, sobre o corpo e *mente* do indivíduo e/ou sobre o seu ambiente mais próximo. O filme "Control Factor" fazia uma excelente apresentação de várias destas técnicas. Uma aplicação comum é o uso de ondas EM (e.g. ELF) para interferir com os padrões psicossomáticos (e.g. neuronais) do sujeito. Torna-se possível tornar o indivíduo sonolento ou excitado; induzir os correlatos fisiológicos de estados emocionais específicos; manipular o funcionamento deste ou daquele sistema orgânico; até assassinar o sujeito. É também possível, claro, provocar dores, choques, queimaduras. É claro que é possível usar técnicas de imagética EM para ler sinais vitais, incluindo actividade cerebral (e.g. quais são as zonas activas neste ou naquele contexto). Ao mesmo tempo, é possível usar estas técnicas para transmitir informação extrânea para o SNC do sujeito; sinais áudio e sinais imagéticos (literalmente, som e imagem/vídeo). É a este tipo de coisas que alguns autores (psiquiatras e outros) aludem quando falam de "mind rape" [ver bibliografia do KUBARK]; esse é o nível moral e cultural aqui presente. O uso concertado deste tipo de técnica leva, per se, o ambiente surrealista do sistema de despersonalização ao corpo e à mente do indivíduo.

A "magic room" e a "magic city", ambientes surreais para "controlo total". Em tudo isto, uma "magic room" (hoje em dia, com a difusão de lixo electrónico, pode ser uma "magic city") é apenas um ambiente especificamente preparado para guerra psicotrónica sobre indivíduos. É algo preparado para ser um "ambiente total", i.e. com controlo total sobre as variáveis relevantes. Conceba-se por alto uma versão *real life* do tipo de ambiente que se procura criar numa feira popular, com a casa dos horrores e afins (essa é provavelmente a inspiração, sendo este um millieu de charlatães). Imagine-se por ex. um quarto onde a pessoa é hostilizada por meio de choques, transmissão áudio/vídeo para o SNC (muitas vezes de forma subliminar), sinais áudio que

parecem vir da casa ao lado (e.g. conversas, risos, choros), pancadas violentas (reais ou por transmissão). Depois, a pessoa pode ser mantida sonolenta, depressiva, atacada com *inputs* subconscientes que afectam a sua capacidade de trabalho. Pode haver a manipulação de estados emocionais para manipular crenças e percepções; isso é uma forma muito subtil de, e.g. fazer a pessoa sentir "simpatia" por alguém ou "medo" ou "desconfiança" por outra pessoa (na verdade não há "simpatia", "medo" ou "desconfiança", apenas os seus correlatos fisiológicos).

Guilt pimping. Uma emoção à qual se recorrerá com frequência é a *culpa* (indução de culpa artificial por indução fisiológica). Qualquer processo de hostilização que vise provocar Síndrome de Estocolmo (é quase sempre o caso) tem de tentar colocar o sujeito na posição *absurda* em que se sente *culpado*, pela situação, mas também pela sua hostilidade para com os agressores. É preciso criar um truque mental no qual os agressores (alguns deles, pelo menos) surgem como *vítimas* do sujeito. Quando o sujeito cai nisto, começa a estabelecer bonding psicológico para com os seus novos "amigos", os agressores. Mas, mais que isso, a lógica é virada de pernas para o ar; o sujeito abdica de racionalidade, o que o prepara para qualquer tipo de absurdo que se siga.

Programação preditiva. O conceito operacional é muito simples: "programar" o sujeito com um dado conteúdo e fazer algo acontecer que dá a entender que o inimigo tem "controlo total" (e.g. consegue ler o pensamento da pessoa). Tudo se baseia em processos de feedback. Por exemplo, o indivíduo é "programado" com um falso pensamento, algo que lhe é transmitido por meio de áudio subliminar. Logo em seguida, "ouve" uma resposta claramente extrânea que o critica por esse pensamento e "sente-se" incrivelmente culpado por isso. Por outras palavras, um sistema auto-alimentado e circular de feedback. Este tipo de processo pode ser repetido até à exaustão, de milhentas formas diferentes. Quando neste tipo de situação, é essencial manter um cepticismo saudável (sem paranóia ou reacções extremas) em relação a todos os pensamentos que parecem extrâneos, ou chanfrados, e em relação a todas as reacções emocionais "anormais" ou estranhas. Filtrar tudo por um princípio de realidade activo e por um bom sentido moral (i.e. só se age com base em ideias legítimas; nunca se age com base em ideias estranhas e moralmente erradas).

O "controlo total" é sempre fraude. É preciso ter sempre em mente que o "controlo total" é fraude, como tudo o resto. Estas operações têm de ser concebidas pelo que são: coisas extremamente caras levadas a cabo por grupos restritos a operar com base nesta ou naquela estrutura institucional. Isto anda sempre à volta do cenário Mission Impossible, onde a equipa de 5 pessoas literalmente "wreaks havoc" e faz parecer que o mundo está a colapsar – *jogos de percepção*.

A cereja no topo de um bolo de hostilização, evolução a partir de técnicas psicopolíticas. Isso pode ser (geralmente é) apenas a cereja no topo do bolo para todo um padrão maior de hostilização, envolvendo toda uma série (se não todas) das técnicas anteriormente explicadas. A filosofia para este tipo de cenário de controlo total é a evolução óbvia das técnicas psicopolíticas e psicossociais de envolvimento total do KGB e da Stasi (and guess what, o ocidente também as estava a desenvolver).

Conversão e sappiness.

Tensão e medo não bastam, sujeito tem de discernir rota de escape, racionalização. «*It is not enough that a resistant source should be placed under the tension of fear; he must also discern and acceptable escape route… the threat is… more effective when so used as to foster regression and when joined with a suggested way out of the dilemma, a rationalization acceptable to the interrogatee…* [p. 91, KUBARK]»

"Tem de acreditar que é a única fonte da sua 'salvação'" – Then he can be Sappy. «*He must believe that he is cut off from friendly or supporting forces. If he does, he himself becomes the only source of his "salvation"* [p. 39, KUBARK]». Há que notar a colocação sarcástica de aspas em "salvation". Algo como a canção de Nirvana, "Sappy". «*And if you save yourself, you will make him happy / He'll keep you in a jar, then you'll think you're happy / He'll give ya breather holes, then you will seem happy / He'll keep you in a trance, then you'll think you're happy now / You're really in a laundry room [brainwashing] / Conclusion came to you*»

"Provocar regressão psicológica, dar ao sujeito racionalização aceitável para rendição".

"Racionalização tem de ser habilidosa, para preservar auto-estima, consciência, talvez ambas".

"Induzir sujeito a estabelecer causa comum com agressor, por conversão".

"Implica preencher o **vazio**" (causado por **lavagem cerebral**, é o que isto é) "com novos valores e crenças". «*…the successful interrogation of a strongly resistant source ordinarily involves… the calculated regression of the interrogatee and the provision of an acceptable rationalization. If these two steps have been taken, it becomes very important to clinch the new tractability by means of conversion. In other words… a subject who has [cooperated] and who has been given a reason for [doing so] which saves his self-esteem, his conscience, or both, will often be in a mood to take the final step of accepting the interrogator's values and making common cause with him. If operational use is now contemplated, conversion is imperative. But even if the source has no further value… spending some extra time with him in order to replace his new sense of emptiness with new values can be good insurance* [p.51]» "KUBARK Counterintelligence Interrogation", CIA, July 1963

"Conversão é melhor defesa contra queixas legais ou exposição pública" (oh the panic).

"Agressor tem de ser habilidoso retoricamente, para persuadir sujeito".

"Recrutamento ou compromisso".

Oferecem: 1) protecção (como Camorra), 2) nova ID, 3) mudança de país, 4) oportunidade de trair "traidores". «*Spending… extra time with [the subject] to replace his sense of emptiness with new values can be good insurance [contra queixas legais ou exposição pública]…* [H-28, 3] *The "questioner" should be prepared to discuss the principles of and offer valid alternatives to the ideology that motivated the subject to select his particular course of action. The purpose of this discussion is not to prove the subject wrong but to provide him with reasons which he can use to justify to himself for changing sides…* [I.20] *You must guard against any possible trouble caused by a vengeful subject. The best defense is prevention, through enlistment or compromise…* [I.23] *Examples of offers the "questioner" can make: 1) protection*; 2) new identity; 3) relocation to another country; 4) chance to work against former colleagues* [I.21]» * Algo como a Cosa Nostra: "We gonna give ya protection and yo gonna buy it from us" "Well protection from who" "From us" ["Human Resource Exploitation Training Manual", CIA, 1983]

Categorias de personalidade [infantilização dos sujeitos].

Do KUBARK (1963) ao HRETM (1983) aos dias de hoje [provavelmente, ppts com cartoons]. Na página 19, temos uma lista de "Personality Categories", com descrições de tipos e a prescrição de comportamentos específicos a ter com esses tipos. A lista também aparece no HRETM de 1983, embora sob uma versão mais simplificada, provavelmente reflectindo a decadência de capacidade mental de uma geração de sicários para a seguinte. Hoje em dia, estes manuais são provavelmente em .ppt com muitos cartoons ilustrativos.

Categorias de personalidade. «*The orderly-obstinate character… the optimistic character… the greedy, demanding character… the anxious, self-centered character… the guilt-ridden character… the character wrecked by success… the schizoid or strange character… the exception… the average or normal character*» "KUBARK Counterintelligence Interrogation", CIA, July 1963

Rótulos e categorias visam inferiorizar e ridicularizar sujeitos.

Isso permite obter racionalizações de estilo sociopático, pelas quais a vítima é culpada pelos eventos. Note-se como a generalidade dos termos (e as próprias descrições, que devem ser lidas) inferiorizam e ridicularizam os sujeitos. Funcionam como rótulos e categorizações que são feitos de modo *ad hoc* e semi-caricatural. A equipa de sicários precisa sempre de um sistema para a racionalização das suas práticas sicárias. Existem vários, mas um dos mais comuns é o sistema de crenças pelo qual a vítima é vista como sendo intrinsecamente culpada pelo crime; um sistema sociopático. O sociopata é alguém que, aprendendo a fazer *bypass* à consciência moral, se torna "livre" para mentir, roubar, violar e assassinar. Depois, por norma (mecanismo de racionalização típico), culpa a vítima pelo seu crime. O mesmo acontece, claro, com tortura. Toda a ideia quando se criam grupos de operações negras é a de avançar a sociopatização gradual dos seus membros. Criar rótulos infantilizantes e caricaturais é apenas um dos passos que são *custom designed* para avançar esse efeito.

Bibliografia do KUBARK.

Uma colecção incluindo estudos comunistas, MKULTRA/DELTA, ecologia sistémica humana. Da página 110 a 122, uma excelente bibliografia de fontes, com explicações de cada fonte. Albert Biderman está lá, bem muitos psiquiatras no registo MKULTRA/MKDELTA, artigos militares; muitos estudos sobre "reforma de pensamento" comunista (i.e. lavagem cerebral). Até a sociedade para o estudo de ecologia humana está lá (Project QKHILLTOP no MKULTRA – estudos sistémicos para a criação de "ambientes controlados totais", em redor de uma vítima e para uma sociedade inteira).

Fontes classificadas – têm de ser mais frescas que a média, o que nos remete a um nível puramente infernal. Algumas das fontes estão classificadas, apagadas na versão divulgada ao público. Considerando o carácter fresco das fontes divulgadas, o tipo de artigos que estão classificados é anyone's guess. Provavelmente registos de experiências em psiquiatria negra, conduzidas por pessoas como Sargant ou Cameron sobre tropas e/ou civis ocidentais.

KUBARK e HRETM fazem alguns avisos legais sobre a ineficiência da coerção física.

"Ameaça de coerção é mais poderosa que coerção em si (e.g. dor ou medo)".

"Quando o sujeito percebe que consegue fazer frente à coerção, torna-se mais forte".

"Brutalidade física apenas costuma criar ressentimento, hostilidade e postura mais desafiante".

«*The threat of coercion usually weakens or destroys resistance more effectively than coercion itself. The threat to inflict pain, for example, can trigger fear more damaging than the immediate sensation of pain. In fact, most people underestimate their capacity to withstand pain. The same principle holds for other fears: sustained long enough, a strong fear of anything vague or unknown induces regression, whereas the materialization of the fear, the infliction of some form of punishment, is likely to come as a relief. The subject finds that he can hold out, and his resistances are strengthened. "In general, direct physical*

brutality creates only resentment, hostility and further defiance." [p. 90]» "KUBARK Counterintelligence Interrogation", CIA, July 1963

"Sujeito ajusta-se a coerção física, geralmente através de apatia".

"Sob coerção, pessoas morais e inteligentes descobrem que estão perante inferiores – são fortalecidas".

"Quando vítima é fisicamente atacada late in the process, conclui que outro lado está desesperado".

"Isso fortalece a sua resolução… if he can hold out he will win his freedom, and he is likely to be right".

"Suportar dor não reprime sujeito – restora a sua confiança e maturidade [após regressão]".

«*…resistance is sapped principally by psychological rather than physical pressures. The threat of debility – for example, a brief deprivation of food – may induce much more anxiety than prolonged hunger, which will result after a while in apathy and, perhaps, eventual delusions or hallucinations… the techniques of inducing debility become counter-productive at an early stage. The discomfort, tension, and restless search for an avenue of escape are followed by withdrawal symptoms, a turning away from external stimuli, and a sluggish unresponsiveness… prolonged exertion, loss of sleep, etc., themselves become patterns to which the subject adjusts through apathy… [p. 92] … persons of considerable moral or intellectual stature often find in pain that they are in the hands of inferiors, and their resolve not to submit is strengthened [p. 93] …if an interrogatee is caused to suffer pain rather late in the interrogation process and after other tactics have failed, he is almost certain to conclude that the interrogator is becoming desperate. He may then decide that if he can just hold out against this final assault, he will win the struggle and his freedom. And he is likely to be right. Interrogatees who have withstood pain are more difficult to handle by other methods. The effect has been not to repress the subject but to restore his confidence and maturity* [p. 95]» "KUBARK Counterintelligence Interrogation", CIA, July 1963

"Processo termina quando: 1) objectivos cumpridos; 2) outras prioridades; 3) se admite derrota". «*The detailed questioning ends only when: 1) you have obtained all useful information; 2) you have more pressing requirements; 3) you are ready to admit defeat* [I.23, HRETM]»

"Resisting Enemy Interrogation" (1944).

Um filme de treino, II Guerra. "Resisting Enemy Interrogation" (1944) é um bom filme sobre este tipo de técnicas, preparado pelo Comando Aliado para oficiais da Força Aérea durante a II Guerra. O filme mostra como através de mera conversa insuspeita e informal é possível obter toda uma matriz de informação desejada. Na narrativa, os interrogadores, nazis, obtêm os dados de um ataque aéreo sobre uma cidade alemã a partir dos membros de uma tripulação B-2 anteriormente abatida e presa. Nenhum dos prisioneiros confessa o que quer que seja, mas muitos deles são persuadidos a oferecer dados situacionais, aparentemente inocentes, em conversa casual. Esses dados revelam-se vitais para o inimigo, que pode construir uma malha de informação a partir desses elementos desconexos. A forma de prevenir isso, sob essa situação específica, é a que é protagonizada pelo comandante da tripulação, que em toda e qualquer situação de interacção, se limita a dizer nome, posto, número. Os interrogadores alemães atacam-no, claro, por ser bastante anti-social.

Hoje a questão é mais ou menos diferente, mas comparável. Hoje em dia, com redes de informação total, bases de dados, intrusividade institucionalizada, vigilância sofisticada e afins, a questão já não está tanto

em manter segredos; apesar de nunca se dar mais que a informação que é indispensável a um adversário. A questão real está em manter a integridade do *self* face ao adversário; e passar por cima da situação. Seguir o caminho recto sem desvios para a direita nem para a esquerda continua (e continuará sempre) a ser a abordagem correcta.

AUTO-DEFESA – Lidar com este tipo de situação. Hoje, todos estes processos começam a ser arbitrariamente usados sobre as populações civis; e cada vez mais o serão, à medida que as sociedades pós-modernas são convertidas em antecâmaras infernais de crime organizado. Cada vez mais pessoas darão por si a ser perseguidas com o uso destes métodos pelo facto de serem dissidentes políticos. Mas, muitas mais, pelo simples facto de serem pessoas *boas* (o que provavelmente fará delas dissidentes políticos, já agora); pessoas boas são, e sempre foram, os alvos principais de todos os regimes criminosos. As nossas sociedades estão a converter-se em regimes criminosos. Os próximos tópicos debruçam-se sobre algumas questões a ter em consideração perante este género de situação.

<u>O inimigo não é amigável</u>. Como explicado em "guilt pimping" e noutros sítios (e.g. conversão e sappiness), este tipo de processo tenta criar Síndrome de Estocolmo no sujeito. Isso passa por lhe vender o absurdo de que o seu inimigo não é assim tão mau quanto isso; é, aliás, amigável. Se o inimigo fosse amigável não era inimigo. Preto é preto, branco é branco, cima é cima, baixo é baixo. O inimigo *não é* amigável, *não tem* boas intenções, e está a conduzir um processo de hostilização *porque é inimigo*. Está a travar uma *guerra*. A intenção é cooptar, usar, *destruir* – e não, nunca, em caso algum, oferecer algo de bom e simpático. É por isso que o inimigo é o inimigo e se assume como tal pelos seus *actos*. As pessoas são sempre julgadas pelos *actos*, pelos proverbiais frutos da acção. Um inimigo não faz mal porque quer fazer bem no final; *isso não existe*. *Nunca se chega a bem através de mal*. Chega-se a bem através de bem e chega-se a mal através de mal. *Ninguém que seja honesto, ou tenha intenções honesta, faz mal para fazer bem*. Ter sempre isto em mente – é vital. Todo o processo tenta quebrar a capacidade de ver algo tão límpido e impecável como isto.

<u>Conhecer propósitos do inimigo, preveni-los</u>. Conhecer os vários propósitos do adversário (e.g. princípios de Biderman) e preveni-los; nunca cair em nada que o guie nessas direcções.

<u>Estourar o orçamento do adversário</u>. Este tipo de processo custa fortunas. Existe muito dinheiro, muitas pessoas, equipamento e recursos que têm de ser envolvidos em tudo isto. A pessoa tem de sentir-se orgulhosa por ser alvo de tal atenção – há qualquer coisa que está a fazer *bem* – e tomar a resolução pessoal de estourar o orçamento do adversário para esse ano (e para o seguinte e assim sucessivamente). Já que o dinheiro está a ser usado de um modo pervertido e irresponsável, então vai-se até ao limite. *Se houver milhares de pessoas a fazer isto, então acabou – kaput, all over baby*.

<u>Nada de "pena" ou "amizade"</u>. O inimigo é o inimigo. Tem de ser tratado e visto como tal. Ter compaixão humana por alguém que age de modo errado e destrutivo é legítimo e importante; faz parte da humanidade da pessoa. Mas é algo que se guarda para o self e que nunca se aprofunda para se ter "pena" e "amizade" (as bases para bonding psicológico e síndrome de Estocolmo). Quem comete crimes do género que é aqui mencionado não merece qualquer simpatia humana – merece a prisão. Os filhos de Israel não odiavam os Canaanitas (pelo contrário, queriam a sua redenção) mas, quando confrontados com agressão, marchavam contra eles sem qualquer piedade, até ao último homem. Jesus não odiava os fariseus (queria a sua redenção) mas exterminava-os com as suas palavras e com as suas atitudes. Essa é a postura – a exclusão completa e total, mas pacífica, do criminoso.

Nunca cooperar em rigorosamente **nada**. Ser desafiante per se não é um bom princípio (porque entra na ideia de jogar jogos dialécticos mentais com o adversário) mas manter uma lógica de go get stuffed, para tudo, em todos os momentos, em todas as oportunidades, é um excelente princípio a colocar em prática. O adversário é um falhado impertinente e é nesses moldes que tem de ser tratado. O adversário tem de ser tratado como aquele protótipo do líder comunitário petulante, um homenzinho inchado, desprezível, intrusivo; a pessoa de instintos pedófilos que mete o nariz em tudo e faz o possível e o impossível para se fazer notar e ser admirada. Portanto, you get the picture. Como é que se lida com alguém assim? Go get stuffed, punk.

Ascender acima das situações e das emoções – desenvolver Razão. Tudo o que o adversário pode fazer é manipular as variáveis do ambiente e da vida emocional da pessoa. Mas a pessoa está acima do seu ambiente e das meras emoções. O que faz de nós realmente humanos é o facto de podermos desenvolver Razão; isso faz-se pela ascensão ao nível dos valores e das ideias, acima do nível da mera existência material. Razão é a faculdade de abstracção criativa superior que cada qual de nós pode desenvolver e que nos permite ver e trabalhar no mundo, no real, do ponto de vista dos valores e das ideias. Todos nascemos com o potencial inato para plena inteligência, criatividade, e acção moral. A plena concretização desse potencial é Razão. A pessoa Racional vive de acordo com valores morais e com ideias válidas, independentemente do que acontece ao seu redor. Situa-se acima das meras emoções e da mera situacionalidade. A pessoa Racional tem uma individualidade desenvolvida: sabe o que é, sabe o que quer da vida, sabe o que quer fazer e, sabe quais os seus gostos, tendências, apetências. É madura e adulta e está acima das tentativas feitas de a puxar ou subverter para este ou para aquele lado (é isso que o inimigo tentará fazer). O mar abaixo pode ser tornado agitado e revolto, mas isso não influencia o barco sólido, que sabe onde está e sabe para onde vai. Os liliputianos podem atacar Gulliver e tentar prendê-lo com cordas e com nós; mas Gulliver é dono do seu próprio *self* e não é preso pelas cordas e pelos nós (nem sequer lhe tocam, na verdade). É essencial ter essas noções. O inimigo tentará sempre fazer o indivíduo crer que está à sua mercê e que é forçado a ir para onde lhe for ordenado (neste caso, para o Inferno). E isso é obviamente imponderável; nem sequer entra na equação, para o self adulto e integrado, que sabe o que é e o que quer. Ver também notas sobre Modernismo, ***Homem e Razão***.

Manter sempre um bom princípio de realidade, em termos epistemológicos e morais. Encarar as situações com racionalidade, sob bons princípios de consequencialismo lógico. Ou uma coisa é verdade e pode ser provada ou não; as premissas de uma questão têm de bater certo para se chegar a uma dada conclusão. Honestidade intelectual é vital, aqui como em tudo o resto. Em tudo, agir de acordo com princípios sólidos de acção moral, sem desvios para a direita ou para a esquerda – o caminho recto, ponto. David era um simplório de bom coração, com as suas falhas certamente, mas que ia sempre a 10.000% para fazer a coisa certa. A pessoa faz sempre aquilo que está certo, independentemente do que acontece em redor. Confia em Deus para a guiar e orientar, segue o exemplo de Jesus, Yeshua, o próprio Filho de Deus (que desfaz todos os nós e dissolve todas as cordas e todas as amarras, num estalar de dedos – pufff). Fazer aquilo que tem de ser feito, deixar as consequências para Deus. Já agora, manter as Escrituras em mente. Todos estes métodos são meras adaptações daquilo que era feito aos Israelitas e aos primeiros Cristãos (e esses continuam a ser os alvos essenciais destas técnicas). As premissas, os objectivos e os resultados são os mesmos. É sempre a mesma história a acontecer e a repetir-se ao longo das eras, com gerações diferentes. Esta vida é apenas um teste; ir em frente para fazer a coisa certa, independentemente das consequências, é a única coisa que *realmente* conta. Mas, nunca entrar em ritualismos (uma armadilha recorrente). Não esquecer que o que interessa é uma boa relação com Deus, é obtida através de boa acção no mundo, e o ritual essencial que existe é a oferta do cordeiro (a pessoa sacrifica algo que lhe é importante). Quando a pessoa se oferece a si mesma como cordeiro em nome de acção justa no mundo

(i.e. sabe que vai ser mal tratada), já está. Não há necessidade de ritualismos acessórios que consumam tempo e energias que são melhor consumidos em coisas importantes. Os ritos só contam se tiverem significado.

Não se reforçam crianças mal-educadas. Temos aqui o registo do schoolyard bully, uma criança. Só pode comportar-se num registo infantil e impertinente; é tudo o que conhece. Nunca se faz a vontade a crianças mimadas. Pelo contrário, crianças mimadas recebem três bofetadas de forma a aprender maneiras; essa é a postura [mas é claro que as bofetadas a este género de crianças não são físicas]. É muito importante reforçar e continuar a reforçar o ponto de exclusão do adversário, sob vários ângulos diferentes. O inimigo é o inimigo mas procura vencer sobre o indivíduo por jogos psicodinâmicos de empatização e criação de dependência. Nada disso pode acontecer. A espada corta entre o que é verdade e o que é mentira, entre o que é bom e o que é mau, e exclui o inimigo por inteiro.

Violência – fraude – traição. O adversário tem de se comportar como tal; só pode recorrer a este complexo de actos. Comportar-se-á de modo anti-social e ***violento***, porque é isso que o define; é anti-social e violento. Fará uso de ***traição***, sempre que puder. Usará de ***fraude*** continuamente; *jogos de percepção*. Nunca confiar ou acreditar em nada no ambiente, pelo seu valor facial, é essencial. Mas é preciso não cair em paranóia e desconfiança extrema (isso seria a pessoa tornar-se chanfrada). Dar sempre o benefício da dúvida, sempre que se justifique. Manter sempre a integridade interna; o equilíbrio interno não depende do ambiente exterior. Avaliar todos pelos seus próprios actos. Nunca perder o amor pela espécie humana em si (algo que o inimigo tentará provocar; cinismo e desencanto, o registo mais baixo, no qual a pessoa pode ser facilmente manipulada). A espécie humana é uma espécie linda, dotada de um potencial fabuloso, criada à imagem do próprio Criador de tudo o que existe; merece que se lute por ela. E enquanto a pessoa ***respira***, há *sempre* qualquer coisa que pode fazer.

Upswing emocional. O estado emocional natural do ser humano saudável é um estado caracterizado por emoções positivas e salutares. Durante este tipo de situação, independentemente da situação em si, é essencial manter ou adquirir esse estado. Nada de maluqueiras new age ou de alienação da realidade. Simplesmente manter estabilidade e have some fun (quanto mais não seja à conta do absurdo da situação em si). Rejeitar aqueles estados emocionais que são meramente destrutivos e fúteis. Ter momentos de tristeza, de tensão e de ira justa é *vital*. Esses momentos são essenciais para ganhar perspectiva e reflectir sobre a realidade – fulcrais numa mente madura – mas cair daí para estados depressivos ou para fazer coisas estúpidas é simplesmente inútil e contraproducente. O adversário quererá sempre abater a pessoa, colocá-la sob depressão, paranóia, tensão; eventualmente, poderá tentar estimular emoções positivas aqui e ali apenas para depois puxar o tapete debaixo dos pés da pessoa (estimulá-la para a fazer cair). É essencial manter estabilidade, não se deixar afectar por coisas fora do controlo pessoal (especialmente porque são feitas *precisamente* para abater a pessoa) e, também, ganhar uma desconfiança saudável de estados emocionais "estranhos" ou simplesmente destrutivos e contraproducentes (ver secção sobre técnicas psicotrónicas).

Nada de "auto-salvação" – isso não existe. O indivíduo nunca se "salva" a si mesmo (como apontado atrás, o próprio KUBARK faz troça de quem se "salva" a si mesmo). A "auto-salvação" implica sempre traição, ao self (valores, crenças ou outros) ou, especialmente, a terceiros; geralmente pessoas queridas ou próximas. "Salvação" significa que a pessoa abdica daquilo que lhe é precioso e válido para salvar a própria pele, perante criminosos. Num sentido muito real, a pessoa abdica da própria alma. Vende a alma para salvar o pêlo; um péssimo *trade off*. A pessoa mata-se a si mesma (abdica da própria cabeça) e mata outros (quando trai quem ama). É um processo sujo, feio e inumano. O único e real salvador da

humanidade já cá esteve, há 2000 anos. A falsa “salvação” visa matar a alma e extinguir as hipóteses de real salvação.

Nunca “resistir” àquilo que está errado – **fazer e afirmar aquilo que está certo**. “Resistir” é um péssimo termo, na medida em que as palavras moldam expectativas e comportamentos. “Resistir a algo” implica que se joga um jogo dialéctico com esse algo. Está-se perante um adversário, que pressiona, e com o qual se luta, cara a cara. O adversário está sempre lá, a bloquear o caminho (na vida mental do sujeito). Há que interagir com tal coisa – “resistir”. É preciso ter em mente que *não há nada que o adversário queira mais do que estar nessa posição*. O adversário quer estabelecer um rapport, comunicar, estar em contacto com a vida mental do indivíduo. Quer que o indivíduo esteja sempre envolvido num jogo dialéctico com o sujeito. *Quer ter toda a atenção*. É só aí que agressão pode dar origem a Síndrome de Estocolmo e outros que tal. Portanto, nunca se “resiste”. Afirma-se aquilo que está certo, faz-se aquilo que está certo e que se tem de fazer, *independentemente* da existência, da presença, dos actos do adversário. Eventualmente, passa-se por cima do adversário. Nunca se reforçam crianças mal-educadas e nunca se fala de igual para igual com criminosos e com idiotas – a regra aplica-se. Nunca se fala cara a cara com a serpente. *Pisa-se* a cabeça da serpente. É assim que se faz. [*mesmo que a serpente procure fazer a pessoa sentir-se culpada por fazer isto, como sempre acontece num processo destes; na tentativa de fazer guilt pimping para capturar a pessoa em síndrome de Estocolmo*].

O indivíduo tem todo o poder. Existe sempre a tentativa de fazer a pessoa crer que não tem qualquer poder pessoal. Se isso fosse verdade, o adversário não se dava ao trabalho (e à despesa) a que obviamente se dá. Tudo o que o adversário pode fazer é tentar persuadir o indivíduo deste tipo de paralogismo, e tentar manipulá-lo a abdicar do seu poder pessoal de decisão e de acção, para recolher os lucros disso. Cai no truque quem for irracional o suficiente. Tudo no mundo humano se baseia em poder individual. Até a maior das organizações só pode existir porque existem indivíduos que lhe dão a sua colaboração e a sua aquiescência. O ónus da decisão, em tudo, é sempre do indivíduo. É **o indivíduo** que decide em que mundo vive e que mundo pretende deixar àqueles que vêm a seguir.

EXTRA: A mentalidade dialéctica, essência da conversão.

A essência do novo sistema de valores e crenças transmitido no processo de tortura/lavagem cerebral.

A mentalidade dialéctica: irracionalismo, subdesenvolvimento, ignorância e seres humanos gelatinosos. A mentalidade de que Biderman fala (“utter disrespect for truth and individuals”) é a mentalidade dialéctica. Sob esta mentalidade irracionalista, toda a verdade é pragmática e situacional e serve os caprichos do sujeito e do colectivo. Utilitarismo e relativismo extremo, para legitimar e institucionalizar a prática da mentira e da falsidade; mas também a imposição em massa de ignorância, dependência e subdesenvolvimento, à escala civilizacional. Sob esta mentalidade, o indivíduo não pode ser racional e independente; tem de ser uma criatura colectiva, reduzida a respostas condicionadas a *prompts* sociais e emocionais, mediadas por calculismo situacional. Calculismo situacional é aqui equacionado a Razão (algo como comparar uma bicicleta a um Rolls Royce). O produto humano é uma criatura (moral e epistemologicamente) gelatinosa, facilmente manipulável pela manipulação das condições ambientais e psicossociais. Obtém-se uma forma de maria-vai-com-as-outras, uma criatura consensual que vive na dependência do colectivo [ver notas sobre ***Engenharia Psicossocial***, sobre ***Dialéctica*** e sobre ***Socialismo***].

A mentalidade dialéctica é tão anti-humana que a sua imposição *exige* lavagem cerebral. Isto é tão anti-humano que todos os indivíduos que adoptaram esta mentalidade tiveram de ser *convertidos* a tal – a bem ou

a mal. Em regimes que operam sob esta mentalidade (hoje são todos, ou quase todos) isto implica processamento social desde a infância, através da imposição de engenharia psicossocial no sistema escolar mas também no ambiente sócio/cultural geral. O princípio geral aqui é o de que os indivíduos têm de ser mentalmente formatados e preenchidos com a essência dialéctica, composta de crenças irracionais, valores anti-humanos e registos comportamentais dependentes do colectivo. A pessoa tem de ser essencialmente incapacitada, enquanto pessoa individual que é, e aceitar "fusão mental no colectivo". A este processo de formatação mental chama-se "reforma de pensamento" ou *lavagem cerebral*. O indivíduo não conta; só conta a agenda que é imposta de cima ao grupo convertido (o colectivo). Os indivíduos são meras células no corpo colectivo, pedaços de carne e nervos, para essa agenda.

Tortura – JTF-GTMO integra princípios de Biderman

Aplicação de Princípios de Biderman a JTF-GTMO.

Memo de especialistas SERE, sobre treino dado a ICE, em Guantánamo. Memorando reporta o treino dado por especialistas do SERE (John Rankin e Christopher Ross, os autores do documento) aos membros do Interrogation Control Element (ICE) em Guantánamo.

Explicação de Princípios de Biderman para aplicação sob estatutos JTF-GTMO. "Joint Task Force Guantánamo", os estatutos de "enhanced interrogation", i.e. tortura.

Texto do memo. «*On morning of 2 Jan 03, Mr. Ross and I presented classes to ICE personnel covering interrogation fundamentals and resistance to interrogation. Resistance was specifically requested since it was evident that some of the higher priority detainees had received some kind of resistance training, as evidenced by the Al Queda Training Manual, enclosure (4). Theory is that ICE personnel would be able to more readily recognize if the detainee was applying resistance techniques and then counter or report their efforts. During the afternoon, we presented an abbreviated theoretical physical pressures and peacetime guidance (governmental and hostage) to Marine JTF-GTMO personnel and two JTF-GTMO Staff Judge Advocate (SJA) officials… Conclusion: It is unknown at this time whether another request for support will be made. Recommend that future trainers, if requested, be thoroughly prepared to discuss and explain Biderman's Principles and captive management techniques*» "Report on Physical Pressures Training", John F. Rankin (SERE School Training Specialist) & Christopher Ross, SERE Coordinator, January 15, 2003, In Center for the Study of Human Rights in the Americas [http://humanrights.ucdavis.edu/projects/the-guantanamo-testimonials-project/testimonies/testimonies-of-the-defense-department/sere-training-report]

(Memo 2) Sugestões adicionais de John Rankin (SERE): "physical and psychological pressures". Pouco após abandonar GTMO, Rankin envia um outro memo a um membro do GTMO ICE, onde dá um conjunto de sugestões adicionais sobre como aplicar as técnicas de Biderman. «*[The] use of physical and psychological pressures during interrogations, if deemed appropriate, are tools that can be applied in order to establish and reinforce [Biderman's] principles... these principles and associated pressures allow the interrogation system to establish and maintain control of the exploitation process... The application of physical pressures is only part of the overall captive management process. They are initially used to shock and intimidate by setting the stage and establishing control. There must be a statement made by demonstrating there are rewards and punishments for compliant and combative or resistive behavior*» Memorandum from John Rankin to Captain Weis, *Physical and Psychological Pressures During Interrogations* (January 3, 2003), *In* "Inquiry into the Treatment of Detainees In U.S. Custody". Report of the Committee on Armed Services, United States Senate, 110th Congress, 2nd Session. November 20, 2008.

Investigação U.S. Senate, 2008.

Inquérito a práticas de detenção e tortura. Em 2008, o Senado dos EUA faz um inquérito às práticas de detenção e “interrogação” (i.e. tortura e conversão psicossocial) conduzidas pelo Pentágono sobre prisioneiros detidos em instalações como Guantánamo. Os resultados do inquérito são coligidos no “Inquiry into the Treatment of Detainees In U.S. Custody”. Report of the Committee on Armed Services, United States Senate, 110th Congress, 2nd Session. November 20, 2008.

TORTURA – NY Times on the Torture Memos

“A Guide to the Memos on Torture”, THE NEW YORK TIMES, 2005.

Outsourcing de tortura.

Memos para 2002 e 2003

NY TIMES: A Guide to the Memos on Torture – Outsourcing de tortura.

Um memo antecipa outsourcing de tortura para terceiras partes como escape legal.

[Todas as bases são cobertas, as mais variadas rotas de fuga antecipadas.]

«*Other Memorandums… Some have been described in reports in The Times and elsewhere, but their exact contents have not been disclosed. These include a memorandum that provided advice to interrogators to shield them from liability from the Convention Against Torture, an international treaty and the Anti-Torture Act, a federal law. This memorandum provided what has been described as a script in which officials were advised that they could avoid responsibility if they were able to plausibly contend that the prisoner was in the custody of another government and that the United States officials were just getting the information from the other country's interrogation. The memorandum advised that for this to work, the United States officials must be able to contend that the prisoner was always in the other country's custody and had not been transferred there. International law prohibits the "rendition" of prisoners to countries if the possibility of mistreatment can be anticipated*»

NY TIMES: A Guide to the Memos on Torture – 2002.

Janeiro: “Detidos no Afeganistão não são cobertos por Convenções de Genebra”.

«***JANUARY*** *A series of memorandums from the Justice Department, many of them written by* ***John C. Yoo****, a University of California law professor who was serving in the department, provided arguments to keep United States officials from being charged with war crimes for the way prisoners were detained and interrogated. The memorandums, principally one written on Jan. 9, provided legal arguments to support administration officials' assertions that the Geneva Conventions did not apply to detainees from the war in Afghanistan…* ***JAN. 25 Alberto R. Gonzales****, the White House counsel, in a memorandum to* ***President Bush****, said that the Justice Department's advice in the Jan. 9*

memorandum was sound and that Mr. Bush should declare the Taliban and Al Qaeda outside the coverage of the Geneva Conventions. That would keep American officials from being exposed to the federal War Crimes Act, a 1996 law that carries the death penalty»

Colin Powell, William H. Taft IV rejeitam argumentos.

Acabar com leis humanitárias é… filistino.

«***JAN. 26*** *In a memorandum to the White House, Secretary of State* ***Colin L. Powell*** *said the advantages of applying the Geneva Conventions far outweighed their rejection. He said that declaring the conventions inapplicable would "reverse over a century of U.S. policy and practice in supporting the Geneva Conventions and undermine the protections of the laws of war for our troops." He also said it would "undermine public support among critical allies" …* ***FEB. 2*** *A memorandum from* ***William H. Taft IV****, the State Department's legal adviser, to Mr. Gonzales warned that the broad rejection of the Geneva Conventions posed several problems. "A decision that the conventions do not apply to the conflict in Afghanistan in which our armed forces are engaged deprives our troops there of any claim to the protection of the conventions in the event they are captured." An attachment to this memorandum, written by a State Department lawyer, showed that most of the administration's senior lawyers agreed that the Geneva Conventions were inapplicable. The attachment noted that C.I.A. lawyers asked for an explicit understanding that the administration's public pledge to abide by the spirit of the conventions did not apply to its operatives*»

Fevereiro: Bush pede "new thinking in the law of war" (criatividade moral). «***FEB.*** *7 In a directive that set new rules for handling prisoners captured in Afghanistan,* ***President Bush*** *broadly cited the need for "new thinking in the law of war." He ordered that all people detained as part of the fight against terrorism should be treated humanely even if the United States considered them not to be protected by the Geneva Conventions, the White House said. Document released by White House*»

Agosto: Bybee e o seu infame memo para redefinição de tortura. «***AUGUST*** *A memorandum from* ***Jay S. Bybee****, with the Office of Legal Counsel in the Justice Department, provided a rationale for using torture to extract information from Qaeda operatives. It provided complex definitions of torture that seemed devised to allow interrogators to evade being charged with that offense*»

Dezembro: Memo detalha técnicas a ser usadas no Afeganistão. «***Dec. 2*** *Memo from Defense Department detailing the policy for interrogation techniques to be used for people seized in Afghanistan. Document released by White House*»

NY TIMES: A Guide to the Memos on Torture – 2003.

Março: Presidente como ditador / Desculpabilização de torturadores. «***MARCH*** *A memorandum prepared by a Defense Department legal task force drew on the January and August memorandums to declare that* ***President Bush*** *was not bound by either an international treaty prohibiting torture or by a federal anti-torture law because he had the authority as commander in chief to approve any technique needed to protect the nation's security. The memorandum also said that executive branch officials, including those in the military, could be immune from domestic and international prohibitions against torture for a variety of reasons, including a belief by interrogators that they were acting on orders from superiors "except where the conduct goes so far as to be patently unlawful.'*»

Abril: Descrição detalhada de técnicas de tortura. «***APRIL*** *A memorandum from Secretary of Defense* ***Donald H. Rumsfeld*** *to* ***Gen. James T. Hill*** *outlined 24 permitted interrogation techniques, 4 of which were considered stressful enough to require Mr. Rumsfeld's explicit approval. Defense Department officials say it did not refer to the legal analysis of the month before*»

Dezembro: Estatutos de excepção (black ops) para alguns prisioneiros em Abu Ghraib. «***DEC. 24*** *A letter to the International Committee of the Red Cross over the signature of* ***Brig. Gen. Janis Karpinski*** *was prepared by military lawyers. The letter, a response to the Red Cross's concern about conditions at Abu Ghraib, contended that isolating some inmates at the prison for interrogation because of their significant intelligence value was a "military necessity," and said prisoners held as security risks could legally be treated differently from prisoners of war or ordinary criminals*»

Tortura, o exemplo de Abu Ghraib [notas sobre Sociopatia]

Abu Ghraib [Taguba Report] – Executive Summary.

Sumário executivo (citação). «*This inquiry into all facts and circumstances surrounding recent allegations of detainee abuse at Abu Ghraib Prison (Baghdad Central Confinement Facility) has produced incontrovertible evidence that such abuse did occur. While those who perpetrated the criminal acts are individually responsible, unclear command structure, and insufficient training created an environment conducive to the commission of these offences*» [In Executive Summary]

[“ARTICLE 15-6 INVESTIGATION OF THE 800th MILITARY POLICE BRIGADE”. Investigating Officer, MG Antonio M. Taguba, Deputy Commanding General Support, Coalition Forces Land Component Command, United States Army Forces Central Command, Third United States Army, 27th May, 2004]

Abu Ghraib [Taguba Report] – Uso de métodos Gitmo sobre prisioneiros.

O sistema de funcionamento de Abu Ghraib: IR Operations, IROE, JFT-GTMO. Ou seja, a Prisão é dada como executando Internment and Resettlement Operations, seguindo Interrogation Rules of Engagement (IROE), complementadas por procedimentos operacionais Joint Task Force Guantanamo, i.e. os métodos de tortura aplicados em Guantanamo Bay.

Abu Ghraib alberga criminosos civis, suspeitos de terrorismo, prisioneiros de guerra.

Toda esta população é tratada sob métodos de Guantanamo. «*MG Miller’s team recognized that they were using JTF-GTMO [Joint Task Force Guantanamo] operational procedures and interrogation authorities as baselines for its observations and recommendations. There is a strong argument that the intelligence value of detainees held at JTF-Guantanamo (GTMO) is different than that of the detainees/internees held at Abu Ghraib (BCCF) and other detention facilities in Iraq. Currently, there are a large number of Iraqi criminals held at Abu Ghraib (BCCF). These are not believed to be international terrorists or members of Al Qaida, Anser Al Islam, Taliban, and other international terrorist organizations… The recommendations of MG Miller’s team that the “guard force” be actively engaged in setting the conditions for successful exploitation of the internees would appear to be in conflict with the recommendations of MG Ryder’s Team and AR 190-8 that military police “do not participate in military intelligence supervised interrogation sessions”… Currently, due to lack of adequate Iraqi facilities, Iraqi criminals (generally Iraqi-on-Iraqi crimes) are detained with security internees (generally Iraqi-on-Coalition offenses) and EPWs*

in the same facilities, though segregated in different cells/compounds» [“ARTICLE 15-6 INVESTIGATION OF THE 800th MILITARY POLICE BRIGADE”. Investigating Officer, MG Antonio M. Taguba, Deputy Commanding General Support, Coalition Forces Land Component Command, United States Army Forces Central Command, Third United States Army, 27th May, 2004]

Abu Ghraib [Taguba Report] – Métodos de tortura (1).

Relatório sistematiza actos de tortura de Outubro a Dezembro de 2003.

Testemunhos, fotografias, filme.

Agressão física, humilhação sexual, violação, pressão psicofísica em geral.

Dados obtidos por meio de provas físicas, testemunhos de guardas.

«*...between October and December 2003, at the Abu Ghraib Confinement Facility (BCCF), numerous incidents of sadistic, blatant, and wanton criminal abuses were inflicted on several detainees. This systemic and illegal abuse of detainees was intentionally perpetrated by several members of the military police guard force (372nd Military Police Company, 320th Military Police Battalion, 800th MP Brigade), in Tier (section) 1-A of the Abu Ghraib Prison (BCCF). The allegations of abuse were substantiated by detailed witness statements and the discovery of extremely graphic photographic evidence… I find that the intentional abuse of detainees by military police personnel included the following acts:*

a. (S) Punching, slapping, and kicking detainees; jumping on their naked feet;

b. (S) Videotaping and photographing naked male and female detainees;

c. (S) Forcibly arranging detainees in various sexually explicit positions for photographing;

d. (S) Forcing detainees to remove their clothing and keeping them naked for several days at a time;

e. (S) Forcing naked male detainees to wear women’s underwear;

f. (S) Forcing groups of male detainees to masturbate themselves while being photographed and videotaped;

g. (S) Arranging naked male detainees in a pile and then jumping on them;

h. (S) Positioning a naked detainee on a MRE Box, with a sandbag on his head, and attaching wires to his fingers, toes, and penis to simulate electric torture;

i. (S) Writing “I am a Rapest” (sic) on the leg of a detainee alleged to have forcibly raped a 15-year old fellow detainee, and then photographing him naked;

j. (S) Placing a dog chain or strap around a naked detainee's neck and having a female Soldier pose for a picture;

k. (S) A male MP guard having sex with a female detainee;

l. (S) Using military working dogs (without muzzles) to intimidate and frighten detainees, and in at least one case biting and severely injuring a detainee;

m. (S) Taking photographs of dead Iraqi detainees [seria interessante saber as causas de morte destes prisioneiros]»

Dados obtidos por testemunhos de prisioneiros [ácido, sodomização com objectos, etc]. «*In addition, several detainees also described the following acts of abuse, which under the circumstances, I find credible based on the clarity of their statements and supporting evidence provided by other witnesses:*

a. (U) Breaking chemical lights and pouring the phosphoric liquid on detainees;

b. (U) Threatening detainees with a charged 9mm pistol;

c. (U) Pouring cold water on naked detainees;

d. (U) Beating detainees with a broom handle and a chair;

e. (U) Threatening male detainees with rape;

f. (U) Allowing a military police guard to stitch the wound of a detainee who was injured after being slammed against the wall in his cell;

g. (U) Sodomizing a detainee with a chemical light and perhaps a broom stick.

h. (U) Using military working dogs to frighten and intimidate detainees with threats of attack, and in one instance actually biting a detainee» ["ARTICLE 15-6 INVESTIGATION OF THE 800th MILITARY POLICE BRIGADE". Investigating Officer, MG Antonio M. Taguba, Deputy Commanding General Support, Coalition Forces Land Component Command, United States Army Forces Central Command, Third United States Army, 27th May, 2004]

Abu Ghraib [Taguba Report] – Métodos de tortura (2) – Alguns testemunhos.

Sabrina Harman: detenção em caixa, eléctrodos. «*SPC Sabrina Harman, 372nd MP Company, stated in her sworn statement regarding the incident where a detainee was placed on a box with wires attached to his fingers, toes, and penis, "that her job was to keep detainees awake." She stated that MI was talking to CPL Grainer. She stated: "MI wanted to get them to talk. It is Grainer and Frederick's job to do things for MI and OGA to get these people to talk."*»

Javal Davis: Operações de tortura geridas por agentes de intelligence militar (MI). «*SGT Javal S. Davis, 372nd MP Company, stated in his sworn statement as follows: "I witnessed prisoners in the MI hold section, wing 1A being made to do various things that I would question morally… I never saw a set of rules or SOP for that section just word of mouth… Corporal Granier… stated that the Agents and MI Soldiers would ask him to do things, but nothing was ever in writing he would complain (sic)… The rest of the wings are regular prisoners and 1A/B are Military Intelligence (MI) holds… the wing belongs to MI and it appeared MI personnel approved of the abuse." SGT Davis also stated that he had heard MI insinuate to the guards to abuse the inmates. When asked what MI said he stated: "Loosen this guy up for us." Make sure he has a bad night." "Make sure he gets the treatment"… Good job, they're breaking down real fast. They answer every question. They're giving out good information, Finally, and Keep up the good work…"*»

Jason Kennel: MI ordena degradação de condições dos prisioneiros. «*SPC Jason Kennel, 372nd MP Company, was asked if he were present when any detainees were abused. He stated: "I saw them nude, but MI would tell us to take away their mattresses, sheets, and clothes."*»

Adel Nakhla: MI ordena situações de humilhação sexual. «*Mr. Adel L. Nakhla, a US civilian contract translator was questioned about several detainees accused of rape. He observed (sic): "They (detainees) were all naked, a bunch of people from MI… They made them do strange exercises by sliding on their stomach, jump up and down, throw water on them and made them some wet, called them all kinds of names such as "gays" do they like to make love to guys, then they handcuffed their hands together and their legs with shackles and started to stack them on top of each other by insuring that the bottom guys penis will touch the guy on tops butt."*»

Neil Wallin: Quebrar prisioneiros com humilhação sexual. «*SPC Neil A Wallin, 109th Area Support Medical Battalion, a medic testified that: "…when the male detainees were first brought to the facility, some of them were made to wear female underwear, which I think was to somehow break them down."*» ["ARTICLE 15-6 INVESTIGATION OF THE 800th MILITARY POLICE BRIGADE". Investigating Officer, MG Antonio M. Taguba, Deputy Commanding General Support, Coalition Forces Land Component Command, United States Army Forces Central Command, Third United States Army, 27th May, 2004]

Abu Ghraib – Padrão sociopático – "Todos têm culpa menos eu".

Sociopatas nunca assumem culpas individuais. Culpam "ambiente", delatam "outros". Psicopatas e sociopatas têm pavor de alguma vez serem chamados a responsabilidade individual. O que caracteriza estas condições é um complexo de extremo egocentrismo, associado a amoralidade (i.e. ausência de consciência moral individual, de princípios morais). Pessoas nestas condições são incapazes de assumir culpas individuais por actos

cometidos. Quando são apanhadas, entram em pânico e culpam invariavelmente os contextos humanos, relacionais e ambientais nos quais os seus actos foram cometidos; “os outros”, “o ambiente”, “o contexto”, “o sistema”. Isto costuma surgir por associação com a racionalização especiosa de que o indivíduo é um ser desprovido de autonomia de decisão, determinado pelas suas condições situacionais. Quando um psicopata ou um sociopata são apanhados, a prioridade é a salvaguarda da segurança individual. Isto torna-os nos melhores dos delatores. Em nome de auto-preservação, estarão dispostos a denunciar meio mundo. Isto pode funcionar para o bem e para o mal. Comparsas são incriminados, pessoas inocentes são incriminadas; todos são incriminados, com a excepção do próprio. Este complexo de processos mentais e acções parece caracterizar na perfeição o perfil de Janis Karpinski, Brigadeira-General responsável pelos crimes de Abu Ghraib.

O testemunho da BG Karpinski: “Todos são culpados menos eu”. «*...from July of 2003 to the present, BG Janis L. Karpinski was the Commander of the 800th MP Brigade… I conducted a lengthy interview with BG Karpinski that lasted over four hours… BG Karpinski was extremely emotional during much of her testimony. What I found particularly disturbing in her testimony was her complete unwillingness to either understand or accept that many of the problems inherent in the 800th MP Brigade were caused or exacerbated by poor leadership and the refusal of her command to both establish and enforce basic standards and principles among its soldiers… BG Karpinski alleged that she received no help from the Civil Affairs Command… She blames much of the abuse that occurred in Abu Ghraib (BCCF) on MI personnel and stated that MI personnel had given the MPs “ideas” that led to detainee abuse. In addition, she blamed the 372nd Company Platoon Sergeant, SFC Snider, the Company Commander, CPT Reese, and the First Sergeant, MSG Lipinski, for the abuse. She argued that problems in Abu Ghraib were the fault of COL Pappas and LTC Jordan because COL Pappas was in charge of FOB Abu Ghraib… BG Karpinski also implied during her testimony that the criminal abuses that occurred at Abu Ghraib (BCCF) might have been caused by the ultimate disposition of the detainee abuse cases that originally occurred at Camp Bucca in May 2003. She stated that “about the same time those incidents were taking place out of Baghdad Central, the decisions were made to give the guilty people at Bucca plea bargains. So, the system communicated to the soldiers, the worst that’s gonna happen is, you’re gonna go home.”*» [“ARTICLE 15-6 INVESTIGATION OF THE 800th MILITARY POLICE BRIGADE”. Investigating Officer, MG Antonio M. Taguba, Deputy Commanding General Support, Coalition Forces Land Component Command, United States Army Forces Central Command, Third United States Army, 27th May, 2004]

Abu Ghraib – Padrão sociopático – “Apenas a cumprir ordens”.

O síndrome de Nuremberga: “apenas a cumprir ordens”. Da mesma forma, podemos notar a latência deste tipo de atitude nos testemunhos que são dados em “Métodos de

tortura (2) – Alguns testemunhos". Essas são pessoas que tiveram responsabilidade directa nos actos (como executantes) ou indirecta (como observadores apáticos). Com a excepção de uma ou outra incidência, não existe a ressonância de, "*eu sou pessoalmente responsável pelo acto*". Existe, mais geralmente, a atitude de Nuremberga: "*estava apenas a cumprir ordens*".

Abu Ghraib – Padrão sociopático – Da Casa Branca a Bagram.

Casa Branca neo-con evade Genebra, procura legitimar tortura. O ambiente geral para a generalização de tortura no Afeganistão e no Iraque é lançado pela Administração neo-conservadora, que faz questão de sancionar o uso de métodos não-convencionais de interrogação (tortura psicológica e/ou física) e procura encontrar formas legais de circundar a Convenção de Genebra.

"POW" substituído por "extremista", "insurgente", "combatente inimigo", etc. Isto é essencialmente feito pela substituição do estatuto legal de "prisioneiro de guerra", ao qual a Convenção de Genebra se aplica, por estatutos como "extremista", "insurgente", "combatente inimigo", "suspeito de terrorismo", etc.

ROE – "Lei" doméstica (Patriot Act et al) – "Lei" transatlântica (TEC). Este é o rationale estatutário por detrás das Rules of Engagement em conflitos externos, mas também por detrás de inúmeros actos de legislação doméstica, começando pelo Patriot Act de 2001. Estes actos estendem estatutos ambíguos de combate a situações domésticas, legais ou para-legais. Hoje em dia, isto está a começar a fazer lei transatlântica, através da integração EUA/UA, por meio do Transatlantic Economic Council (TEC).

Linhas transmitidas pela cadeia de comando – KUBARK, de Gitmo a Abu Ghraib. Estas linhas políticas gerais são depois transmitidas pela cadeia de comando e fazem directivas, guidelines, regulações. Permitem a generalização da adopção de metodologias de "interrogação melhorada" – das quais o KUBARK é o *benchmark* – ao longo de toda cadeia. O KUBARK é desenvolvido pelo DoD nos anos 50 e 60, a partir de técnicas comunistas de lavagem cerebral. É um sistema de tortura que combina elementos físicos e psicológicos, visando obter quebra psicológica, subjugação, despersonalização. Está com o Pentágono desde 1963, mas é preciso que chegue a administração Bush para que possa ser implementado sob a protecção da "lei", em Guantanamo Bay. Depois, pode ser gradualmente generalizado à generalidade das instâncias de detenção e, com frequência, combinado com pura e simples brutalidade física [o processo dialéctico implica que o caminho "progressivo" é a fusão total entre ambos, i.e., retorno a puro e simples barbarismo]. Este é o percurso que leva até Abu Ghraib, Bagram, às prisões secretas de Ásia Central, Europa de Leste, África. Começa na Casa Branca e acaba no destacamento de polícia militar em serviço.

Abu Ghraib – Padrão sociopático – A diluição e dissipação de responsabilidades.

Sistema sociopático top-down. O percurso que leva até Abu Ghraib, Bagram, às prisões secretas de Ásia Central, Europa de Leste, África, começa na Casa Branca e acaba no destacamento de polícia militar em serviço é, por definição, um sistema sociopático. Está alicerçado em puro irracionalismo e nos piores dos sentimentos.

O sistema sociopático comporta-se como o sujeito sociopático que o opera. Um sistema sociopático comporta-se como as suas unidades constituintes, os indivíduos responsáveis pela sua operação. Quando é exposto como tal, sacode as culpas para os elementos descartáveis. É isso que acontece com Abu Ghraib. Os guardas responsáveis são presos, multados, sancionados. As suas vidas e as suas reputações estão destruídas. Os oficiais responsáveis são sancionados em proporcionalidade inversa à sua importância, no sistema sociopático.

A versão sanitizada, sociopática, dos eventos.

Diluição de responsabilidades, infantilização dos culpados. O sistema em si é poupado pela diluição geral de responsabilidades, pela não-atribuição de culpa igual a todo e qualquer indivíduo responsável, na cadeia de comando. Foi isso que aconteceu com Abu Ghraib. Um psiquiatra USAF colabora na elaboração do Taguba Report, para fazer o diagnóstico "psicossocial" da situação. Esse diagnóstico define a narrativa oficial subsequente sobre o evento. É um acto deliberado de pseudo-ciência apologética – um acto ele próprio sociopático. Os crimes são diagnosticados como «*wanton acts of select soldiers*», no que é uma compartimentalização da culpa por atribuição da mesma aos sociopatas menores. É dito que acontecem «*in an unsupervised and dangerous setting*», por forma a sugerir que o problema foi a inexistência de controlos suficientes sobre os sociopatas menores; que são, desta forma, infantilizados. «*There was a complex interplay of many psychological factors and command insufficiencies*»; foi culpa do "sistema", do "ambiente", dos "outros", os sociopatas descartáveis.

Diagnóstico pseudo-científico USAF (citação). «*Due to the nature and scope of this investigation, I acquired the assistance of Col (Dr.) Henry Nelson, a USAF Psychiatrist, to analyze the investigation materials from a psychological perspective. He determined that there was evidence that the horrific abuses suffered by the detainees at Abu Ghraib (BCCF) were wanton acts of select soldiers in an unsupervised and dangerous setting. There was a complex interplay of many psychological factors and command insufficiencies…*» ["ARTICLE 15-6 INVESTIGATION OF THE 800th MILITARY POLICE BRIGADE". Investigating Officer, MG Antonio M. Taguba, Deputy Commanding General Support, Coalition Forces Land Component Command, United States Army Forces Central Command, Third United States Army, 27th May, 2004]

Observações adicionais sobre sociopatia.

Sociopatia resulta de insegurança, expressa-se em egocentrismo, acting out social. Este tipo de pseudociência é colocado a circular por sistemas e indivíduos sociopáticos, como forma de justificar e racionalizar o acto criminoso. Um sociopata é, antes de mais, uma criatura profundamente insegura, interiormente gelatinosa. O acto do crime é, ele próprio, uma forma de *acting out* irresponsável, visando obter gratificação interna (pela superiorização ao "outro", à vítima) e aprovação social (no ambiente sociopático). Isto reflecte o mundo interno do sociopata, dominado por relações de dominação com o "outro". Ou o "outro" submete o *self*, ou é submetido ao *self*. Ou domina ou é dominado. Todo o mundo gira à volta do sociopata. Tudo o que acontece é determinado pela sua existência individual. Tudo o que acontece tem de se submeter a essa existência egóica.

Egocentrismo sociopático é racionalizado pela negação pseudocientífica do self. Esta forma extrema de egocentrismo só pode ser racionalizada pela negação irracionalista do *self*. O sociopata alega sempre não ser egocêntrico, justificando isso com base em racionalizações sobre a inexistência, ou irrelevância do *self*. Da mesma forma, auto-desculpabiliza, racionaliza, ou nega os seus crimes pessoais, pela dissipação contextual do *self*. O *self* deixa de existir, enquanto entidade activa e responsável, para ser encarado como algo em fluxo permanente com um ambiente mitologizado. Este é o modo de funcionamento *per se* do sociopata. É depois transposto para filosofia e psicologia através de perspectivismo dialéctico irracional, bem exemplificado pelo axioma que subjaz a este perspectivismo: "*o self não tem self*". Este nihilismo perspectivista começa por ser aplicada ao *self*, mas é rapidamente transposto para todos os restantes domínios.

O sociopata não tem critérios de verdade, e coloca sempre forma acima de substância. O sociopata não tem critérios de verdade, a não ser ponderações superficiais sobre ganhos pessoais e opiniões socialmente partilhadas. Tal como desconfirma o *self*, finge que o *self* não existe, faz o mesmo relativamente a todo e qualquer critério de verdade, que o condena, e que condena os seus crimes. Isto é essencial para a dissipação sociopática de responsabilidades. O sociopata não age por mera malícia; até certo ponto, acredita realmente que todos menos ele são culpados pelas suas acções, vendo-se a si mesmo como uma *vítima*. Também é essencial para a linguagem sociopática, pela qual os actos mais horrendos podem ser "desconfirmados" pela selecção cuidadosa de palavras agradáveis – doublespeak. O sociopata não faz isto apenas para, por ex., manipular os outros através de uma mentira; ele próprio precisa de *acreditar* na sua própria mentira. A forma (palavra, apresentação) é mais real, para o sociopata, do que a realidade (crime cometido, acto real, evento real).

Sociopatia cultivada por não-punição de actos perniciosos, criminosos. O sociopata é cultivado e incentivado pela não-punição dos seus crimes. Na medida em que a psicologia inculcou *laissez-faire* parental irrestrito à sociedade ocidental, cultivou o aparecimento de algo como uma "generation kill", uma geração na qual a sociopatia e o nihilismo são por demais disseminados. Estamos a falar de crianças que nunca levaram dois tabefes quando faziam asneiras graves e que, mais tarde, continuando a ser crianças

mentais, tiveram a oportunidade de usufruir da mesma benevolência irresponsável, aquando da perpetração de crimes na sociedade. A sociedade pós-modernista em si, na medida em que é organizada por forças que são, elas próprias, inerentemente sociopáticas, vem pelo contrário *premiar* este género de comportamento. O bom sociopata nihilista arranjará facilmente um emprego a trabalhar em sítios como Abu Ghraib, ou noutras estruturas criminalizadas do estado corporativo pós-moderno.

Responsabilidade individual é a solução. A única solução para sociopatia ou, no mínimo, para a minimização dos seus efeitos sociais destrutivos, reside em responsabilização individual, que tem de estar presente em qualquer *ethos* social e judicial: as pessoas são *pessoalmente* responsáveis pelos seus crimes e têm de ser chamadas à justiça pelos mesmos. Tem de ser reconhecido que o indivíduo é responsável pelos seus próprios actos, pelos seus próprios frutos. Que *todos* os indivíduos têm plena autonomia moral e volitiva, independentemente das suas condicionantes sociais e contextuais; escolher fazer mal é uma opção individual, escolher fazer bem é uma opção individual. É isto que acontece em Abu Ghraib. Múltiplos indivíduos, ao longo da cadeia, optam por fazer mal. São pessoalmente responsáveis pelos seus actos. Poucos (talvez nenhum) optam por fazer bem. São pessoalmente louváveis pelos seus actos. É a sistematização colectiva do mal que leva (levará) ao campo de extermínio. A solução para isso é a afirmação individual do bem, indivíduo a indivíduo, até à obtenção de uma massa crítica. Quem será o homem que se colocará de pé perante Mim e esta cidade, para que eu a poupe? No final deste pequeno teste terreno, todos os indivíduos serão julgados pelos seus actos *individuais*.

TRAFICANT – “Foreign stupidity”.

América → Rússia → China → Irão.

«*America gives billions to Russia. With American cash, Russia builds missiles. Russia then sells those missiles to China, and China, who gets about $45 billion in trade giveaways from Uncle Sam, then sells those Russian-made missiles to Iran.*

Now, Iran, with those Russian-made missiles sold to them by China, threatens the Mideast. So Uncle Sam, who is concerned about Iran threatening the Mideast because of those Russian-made missiles sold to them by China that we financed by American cash sends more troops and sends more dollars.... This is not foreign policy. This is foreign stupidity»

Rep. James Traficant, Ohio, Congressional Record, April 29, 1997, p. H1916.

US ARMY – Stability Operations (FM 3-07).

Forças armadas, agências internacionais, mercenários, multinacionais e ONGs. Declara que é necessário alcançar «*a comprehensive approach to stability operations that integrates the tools of statecraft with our military forces, international partners, humanitarian organizations, and the private sector*»

Stability Operations (FM 3-07) (2008). Department of the Army.

USAOC (2016-2028) – Derrotar vontade do adversário.

USAOC (2016-2028) – "The psychological contest of wills".

Essencial em FSOs, a "competição psicológica entre vontades".

Destruir vontade do adversário de lutar através de desintegração e outros mecanismos. Essencial em «*Full-spectrum operations*» é «***The psychological contest of wills** against enemies, warring factions, criminal groups, and potential adversaries -- involves destroying the enemy's will to fight through disintegration or other defeat mechanisms*»

"The United States Army Operating Concept 2016-2028 – TRADOC Pam 525-3-1", Department of the Army, Headquarters, United States Army Training and Doctrine Command, 19 August 2010.

USAOC (2016-28) – FS in the Homeland – Conflito persistente – Reconstrução.

Conflito persistente – FS Operations – Reconstruction

Full Spectrum Operations in the Homeland (2012).

Período de conflito global persistente. «*If we face a period of persistent global conflict as outlined in successive National Security Strategy documents...*»

US AOC 2016-2018 – O futuro das "full spectrum operations".

Full spectrum ops – Ofensivas, defensivas, estrangeiras, domésticas ["US soil"].

Mistura de ataque, defesa, estabilização, assistência civil. «*The U.S. Army's Operating Concept 2016-2028 was issued in August 2010. The goal of this concept is to establish a common frame of reference for thinking about how the US Army will conduct full spectrum operations in the coming two decades. The Army defines full spectrum operations as the combination of offensive, defensive, and either stability operations overseas or civil support operations on U.S. soil… Being not too badly wrong at the outset requires focused military education on the nuances of operations in the homeland. Army doctrine defines full spectrum operations as a mix of offense, defense and either stability or civil support operations*»

Homeland Defense – Contra ameaças externas e outras ameaças (n/d). «*…conduct of full spectrum operations in the United States… The Army Operating Concept describes Homeland Defense as the protection of "U.S. sovereignty, territory, domestic population, and critical defense infrastructure against external threats and aggression, or other threats as directed by the president" (TD Pam 525-3-1, p. 27. Emphasis added)… Neither the operating concept nor recently published Army doctrine, FM 3-28 Civil Support Operations, goes into detail when considering the range of "other threats"*»

Cenário (2016) – Grande Recessão leva a cortes de estímulos e asssistência. «*The Scenario (2016)… The Great Recession of the early twenty-first century lasts far longer than anyone anticipated. After a change in control of the White House and Congress in 2012, the governing party cuts off all funding that had been dedicated to boosting the economy or toward relief*»

Crise económica fomenta tensões sociais, incluíndo racismo, xenofobia.

Milícia assume controlo sobre cidade, com apoio do tácito do governador. «*…a group of political reactionaries take over a strategically positioned town and have the tacit support of not only local law enforcement but also state government officials, right up*

to the governor… In May 2016 an extremist militia motivated by the goals of the "tea party" movement takes over the government of Darlington, South Carolina, occupying City Hall, disbanding the city council, and placing the mayor under house arrest»

Presidente mobiliza forças armadas e DHS para reganhar controlo da cidade. «*…the president mobilizes the military and the Department of Homeland Security, to regain control of the city*» [Kevin Benson & Jennifer Weber. "Full Spectrum Operations in the Homeland: A ?Vision? of the Future". Small Wars Journal, July 25, 2012]

USAOC (2016-2028) – Conflito persistente – FS Operations – Reconstruction.

Era de Conflito Persistente – Adaptabilidade operacional sob incerteza e complexidade. «*Operational Adaptability—Operating Under Conditions of Uncertainty and Complexity in an Era of Persistent Conflict*»

Isto exige "full-spectrum operations" – transições rápidas, descentralização.

Operações ofensivas, defensivas, de estabilização, de apoio civil. «*Full-spectrum operations… To succeed in the future operational environment, Army forces must be able to conduct full-spectrum operations, rapidly transition between types of operations, and conduct operations decentralized consistent with the concept of mission command. Army forces conduct offensive, defensive, and stability or civil support operations simultaneously to defeat enemies and secure populations*»

Essencial em FSOs, a "competição psicológica entre vontades".

Destruir vontade do adversário de lutar através de desintegração e outros mecanismos. Essencial em «*Full-spectrum operations*» é «***The psychological contest of wills*** *against enemies, warring factions, criminal groups, and potential adversaries -- involves destroying the enemy's will to fight through disintegration or other defeat mechanisms*»

Reconstrução – política, económica, e de governância. «*In this context, the Army executes tasks critical to economic and political reconstruction to establish stable governance at the conclusion of a campaign. The establishment of political order and economic stability are not only part of war, but are the logical outcomes as conflict often results in a change of government for the defeated*»

["The United States Army Operating Concept 2016-2028 – TRADOC Pam 525-3-1", Department of the Army, Headquarters, United States Army Training and Doctrine Command, 19 August 2010]

USAOC (2016-2028) – "Full-spectrum operations in Homeland Defense".

"Homeland defense", protecção do território contra externas ou outras (n/d).

Presidente, DOD, Northcom. «*Homeland defense… Homeland defense is the protection of U.S. sovereignty, territory, domestic population, and critical defense infrastructure against external threats and aggression, or other threats as directed by the president. The DOD is responsible for homeland defense. When the president directs the DOD to conduct or lead a homeland defense operation, the department has the authority to direct the implementation of the Northern Command homeland defense contingency plan*»

US Army envolve-se em "homeland defense" e "civil support operations".

"In response to disasters, domestic disturbances, and other activities as directed".

"Integrates with Federal, state, local governments and law enforcement agencies".

"Army must be trained, ready to operate in the unique environment of the homeland".

"US Army personnel must understand legal issues in the 'homeland'".

"Such as those on collecting, maintaining data on, and detaining U.S. citizens".

«*Homeland defense and civil support… National strategy and joint doctrine call for active layered defense in depth conducted in the forward regions, the approaches, and the homeland to secure the U.S. from attack. The Army supports the security of the homeland through the conduct of homeland defense and civil support operations. The Army provides support to civil authorities in response to natural or manmade disasters, domestic disturbances, and other activities as directed. The Army integrates with U.S. Federal, state, and local governments and law enforcement agencies as required for homeland defense and civil support. Accordingly, Army forces must be trained and ready to operate in the unique environment of the homeland… When operating on U.S. soil, leaders and Soldiers must understand the legal authorities and caveats related to military operations such as those pertaining to collecting and maintaining information on and detaining U.S. citizens*»

Reconstrução na "homeland" – US Army com papel pivotal. «*While other government agencies contribute in a variety of ways to national security, the Army is frequently the only agency capable of accomplishing reconstruction in the midst and aftermath of combat. To this end, the Army identifies Soldiers and leaders within the active Army and Army Reserve component who possess unique skills, training, and experiences that could assist commanders until conditions permit other agencies to contribute*»

["The United States Army Operating Concept 2016-2028 – TRADOC Pam 525-3-1", Department of the Army, Headquarters, United States Army Training and Doctrine Command, 19 August 2010]

VÍDEO – Médio Oriente e Transição.

RON PAUL – Do Iraque, 1991, a Paquistão, Somália, Yemen.

Ron Paul - Médio Oriente intro (‘the gentleman from texas rise’ – em 1991, guerra contra o ex-aliado Saddam Hussein – após o State ter dado autorização à invasão do Koweit – Desde aí, intervenções no Iraque, Yemen, Afeganistão, Paquistão, e Somália – Após 20 anos, a luta continua sem fim à vista, e os líderes ameaçam lançar bombas de benevolência sobre o Irão – O objectivo foi destruir a al-Qaeda – Al-Qaeda não estava no Iraque, e apenas uns 100 no Afeganistão – contudo, não há fim à vista – No Afeganistão, está-se a combater os antigos aliados, os Taliban, bem como Bin Laden o era – Esta guerra é contra a US Constitution, etc – Vai acabar mal.)

O eixo tripolar – Ocidente, China, Rússia.

Skousen – “Three predatory power centers”

(**JS – 11:15**) There are competing blocs, there are always competitors. (**JS – 12:35**) In the world scene there are 3 predatory power centers. The most powerful longest running is the anglo-american, centered primarily in London, but now it's got most of its power transfered to NY. The other powers are Russia and China. I believe they are competing. They are temporary allies, because they know they're going to be involved in a war with the anglo-american establishment, but they know they're going to have to fight it out among themselves.

Georgia 8/8/8

tarpley - 8-8-8 georgia (tentativa de pessoas da órbita de brzezinski de retornar a atenção para os assuntos estratégicos, i.e., o centro da Eurásia)

Artigos. U.S.-Georgia training begins amid Russia strain – Georgia attacks S. Ossetia – Georgia attacks breakaway rebel region – Heavy fighting in S Ossetia capital – 5 Russian planes shot down – Georgia Shot Down 10 Russian Planes, Seeks Ceasefire by Withdrawing – Russian tanks enter South Ossetia – Georgia, Russia continue battle over breakaway territory – Reports, Russia sinks Georgian ship trying to attack Russian navy ships – Georgia and Russia Nearing All-Out War – Russian jets, unchallenged, sow terror among Georgian troops – US sends more arms to Georgia, Israeli media – Civilian Genocide, Dead Americans Cost Of U.S.- Russia Proxy War – The Russo-Georgian War and the Balance of Power – Analysis, Russia sends a message to the West – Cheney threatens Russia over Georgia – Neocon Crybabies

ALEX ABELLA – Perpetual war technique – De Saddam, aos Taliban, à Nigéria.

(**AA**) O complexo militar industrial tem de encontrar um papão do qual temos de nos defender – durante algum tempo, foi a URSS, depois o papão deveria ser a China – depois, acontece o 11 de Setembro – torna-se o Médio Oriente – ***pessoas que antes eram os aliados, de repente são inimigos – como Saddam*** – *houve uma continuidade disso, desde a II Guerra – mais uma vez, primeiro foi a URSS, depois a China por um pouco* – ***depois é o islamofascismo, os taliban – mais cedo ou mais tarde, será o vizinho down the street. Mais cedo ou mais tarde, vamos invadir a Nigéria, a África Ocidental terá interesse estratégico, etc****.* Temos de perceber quem é o nosso real inimigo, e por vezes penso que o real inimigo está aqui, neste país.

WATT – Perpetual War Technique – Destruction of Islam, Standardization – Private Takeover For Banking Boys

AWPrivateTakeoverStandardization**:** Estandardização do mundo em nome do sistema bancário internacional, dos big internationalists. Roubar recursos. Conquistas privadas, nada muda, apenas há melhores técnicas de lavagem cerebral. Tudo o que o público é nisto, é carne para canhão.

- ***AWPrivateTakeoverStandardization***

apr28 - conquest, nothing changes, just better brainwashing (first grabs na terra que vai ser conquistada e saqueada – nada muda, apenas há melhores técnicas de lavagem cerebral)

may10 - takeovers are always private never for the people (as takeovers são sempre para interesses privados – como no império britânico – todo o saque nunca ajudou o povo em casa – tudo o que o povo era é carne para canhão)

mar13 – estandardização (sistema oligárquico, com controlo por camadas – somos pós-democráticos – uso de exércitos pelo mundo fora para acabar a estandardização do mundo sob os sistemas bancários, com a farsa da democracia)

may31 - all countries on board for wars, for resources for banks (most of the countries on board slaughtering little countries, where big internationalists want their resources)

alan watt – iraque, mar23 (no iraque, demolição de toda a infrastrutura de modo a criar total dependência)

AWDestructionOfIslam**:** Islão tinha de ser abatido, já que não se inseriu no sistema monetário ocidental. Ocidentalização cultural do Islão, com drogas, strip joints, aborto e mtv. Unesco é a primeira a entrar.

- ***AWDestructionOfIslam***

june18 - the destruction of islam (não entra em usura, o que é um grande tabu com os banqueiros, logo há que ocidentalizar o sistema, com drogas, strip-joints, aborto e mtv, e é isso que está a ser feito)

may13 - islão tinha de ser abatido, ja que não tolera usura (o islão é uma forma de vida, e permeia o próprio governo, logo há que erradicá-lo – não pede emprestado, logo não há lucros para os grandes bancos – Unesco é a primeira a entrar, para indoutrinar a primeira geração de burocratas)

AWPerpetualWar: Técnica da guerra perpétua, para estandardizar todo o planeta sob uma cultura comum. Guerra a durar, ongoing, desde a GW1 – PNAC – in some ways you better hope they drag on for a while, because once they have finished with the Middle East, then they'll really have little function for us left.

- *AWPerpetualWar*

alan watt - perpetual war technique (this is called perpetual warfare technique – they're gonna keep doing it, until everyone is standardized under a common culture)

jun6 - when ME takeover ends, no more function for you (this ongoing war, since GW1, PNAC, in some ways you better hope they drag on for a while, because once they have finished with the Middle East, then they'll really have little function for us left)

WATT – Jean Kirkpatrick e as bases permanentes.

jun7 – kirkpatrick, bases permanentes (US taken over – very upfront as a policeman of the world – with incredible tax base for bases across the world – Jean Kirkpatrick, permanent bases – it will implode on itself)

WATT – "Geopolitics uses the world like a chessboard, domino effects"

AWGeopolitics: Geopolitics uses the world like a chessboard – delayed, domino effects of present actions.

- *AWGeopolitics*

may30 - take geopolitics and apply it to the home front (geopolitics uses the world like a chessboard – delayed effects of present actions)

WATT – Brzezinski, o jogo dialéctico, anexação de recursos e terras

AW – Brzezinski, dialéctica (Brzezinski: arm them both, keep them fighting forever, and then takeover with your mercenary forces.)

apr5 - iran & syria to go, brzezinski, take over resources (you must plunder the resources, get both factions fighting each other, brzezinski, mercs)

TARPLEY – Pentagon rogue network

Tarpley - Pentagon rogue network (It's not the whole Pentagon, it's the people inside the Pentagon who are part of that Wall Street private network that's been there since Grover Cleveland surrendered to JP Morgan in 1895. It's not the average military officer, who's gonna be a victim of this stuff)

TARPLEY – Bush mais honesto que Obama 'eu sou um agressor'

tarpley–bush mais honesto que obama 'eu sou um agressor' (Even George W. Bush was a very blunt agresssor, he made no bones about it, and he looked you in the eye and said "I'm an imperialist agressor". But with Obama it's all deception, and we have this charade going on.)

WATT – Mazzini e as red shirt brigades.

apr13 - mazzini red shirt brigades, british army (o que faziam era fomentar revoluções, usando mercenários como as red shirt brigades – depois, o governo britânico entrava com as tropas para dar 'apoio militar' – técnica muito antiga)

WATT – Counter-Intel.

Alan Watt – "Agentes de influência na information war"

(**AWsa – 47:30**) Agentes de influência para infiltrar grupos – information war – também há muitos absurdos, como as teorias da conspiração.

Alan Watt – "Intelligence, counter-intelligence, Lawrence of Arabia".

(**AWsa – 49:00**) What is counterintelligence? Intelligence gathering. Lawrence of Arabia. Counterintelligence são puras psyops.

(**AWsa – 43:20**) Porque, afinal, conhecimento é poder. Poder real vem de compreender e de ter todos os factos relevantes sobre cada tópico.